EM CHAMAS

COMBUSTÃO HUMANA ESPONTÁNEA

Larry E. Arnold

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

EM CHAMAS

COMBUSTÃO HUMANA ESPONTÂNEA

Larry E. Arnold 1995

CONTENTS

- Credits
- Preface
- InTROdUCTION
- The Baffling Burning of Dr. Bentley
- The Burning Question: What the Blazin's Going On Here?
- "By the Visitation of God" Did They Die
- Firewater aNd Demon Flames
- The Verdict Is In?
- Mary Reeser: The Remarkable "Cinder Woman"
- Thermogenesis: The (Quantum) Physics of Fire Within
- The Parade of Personal Fire Marches On
- Burning Down Nort Up: "I Thought I'd Just Drop In..."
- SuperHor Humans: Stoking Up the Body's Furnace
- Kundalini, Chi, and Chakras: The Serpent-Fire Within
- «Driving the Fire: Human Auto-Cremation
- Eyewitnesses: Seeing Is Believing?
- SHC Fables and Select Myths
- Surviving Self-lncineration: The Angel Who Beat Hell Fire!
- "Light My Fire"... Beating Back These InNermost Flames
- Beamed Up and Burned Out: Close Encounters of the Combustible Kind
- Death-Fire: Searing Suicides and Combusting Corpses
- Art Imitating Life: The Literary Side of SHC
- On the Road to Incredible INcinerATions
- Revelations from the Shadowed Past
- Earthfire! The Cartography of Combustion
- Triangles of Fire: Putting Fire-Leynes to the Test
- It's Only a Matter of Time
- The Mort Case: All the Symptoms... and New Puzzles
- More Clues to Human Combustion Conundrums
- Phoenix Fire: Wrapped in the Flames of Ascension
- Epilogue

- Notes

When it’s a storage shed, garage, nightmare of an attic or one more derelict warehouse lit up in the night and authorities can’t find any neighborhood kid with his pocket full of matches and a bad idea, we might have to settle for the textbook explanation: rags and gasoline, the invariably poor ventilation, heat gradually building to the delicate point of ignition and suddenly it’s a plausible last resort: spontaneous combustion.

The smallest leap of faith should tell us it can happen this way too: people burn, it’s humanly possible and for no good reason experts can agree on, burn in minutes from the inside out with something so hot it takes people who burn for a living, professionals at their incinerators, hours of patient stoking to achieve that degree of obliteration. ...In the coroner’s office they’ve always been fond of death by misadventure, hinting at some vague, misguided bravery. In centuries of monasteries it’s a matter of pious record where, being eternal optimists, they call it The Fire From Heaven. When it struck, it struck completely down. —David Clewell, *“A Starter Kit,” Lost in the Fire* (1993)

Preface

A palavra que o bombeiro usou foi *meshuga* — conhecida por aqueles que têm sequer umas noções de iídiche como significando "maluco". Ele estava a olhar diretamente para mim quando o disse. "Tu deves ser *meshuga*!", declarou ele quando lhe disseram que eu estava a pesquisar para um livro sobre combustão humana espontânea. Talvez ele pensasse que conseguiria refrear o meu entusiasmo, tal como a água apaga a chama. A minha busca para compreender este enigma há muito rumorado não foi travada, contudo. (Embora esta não seria certamente a única vez em que a minha competência intelectual foi posta em causa.)

Como o poeta laureado americano do século dezanove Ralph Waldo Emerson observou: "Nada de grande alguma vez foi alcançado sem

entusiasmo." Se o que se segue é *meshuga* ou grande ou outra coisa qualquer, é um julgamento que lhe cabe a si fazer. Mas o entusiasmo que investi neste livro reuniu provas rebeldes que foram postas de lado durante demasiado tempo, mas que teimosamente se recusam a desaparecer. Considero as provas provocadoras, desafiantes e, bem, absolutamente fascinantes. Confio que o leitor também as considerará.

Compreendo que o que está prestes a ler pode ser terrivelmente, até assustadoramente desconcertante. Não há forma de contornar isto. Para lá do choque e do sensacionalismo, reside a revelação e novas maravilhas.

Peço-lhe apenas que não (pelo menos até ter terminado este livro) se precipite a julgar, como fez outrora o famoso médico Jean Bouillaud, membro da prestigiada Academia Francesa de Ciências que, ao ouvir demonstrar o fonógrafo pela primeira vez, agarrou o demonstrador pelo pescoço e o sacudiu violentamente enquanto gritava: "Seu miserável! Como teatreves a tentar enganar-nos com os truques ridículos de um ventríloquo!"

Tal como a própria vida, o tema de *Ablaze!* será, por vezes, contraditório. Confuso. A credibilidade poderá ser esticada muitas vezes. Mas assim como a força vem do estiramento dos músculos, a aprendizagem vem do estiramento da mente com ideias que a exercitam. Normalmente, a pessoa tem de estar habituada a acontecimentos incríveis antes de os poder acolher. Portanto, o que se segue será — até certo ponto — repetitivo; não apenas para ganhar aceitação através da reiteração, mas devido ao número surpreendente dos próprios casos, muitos deles aqui cronificados pela primeira vez.

Para onde os factos conduzem o seu pensamento é, obviamente, algo que terá de permitir. Poderá acolher todas as provas apresentadas. Poderá descartar apenas algumas das suposições que proponho. Poderá condenar toda a conjetura oferecida. O que não pode fazer, sustento eu, é ignorar os factos dos casos que são o alicerce desta aventura.

Os melhores pensadores, creio eu, vêm com uma mente aberta e sem preconceitos, prontos para considerar — se não acolher imediatamente — qualquer ideia nova sustentável pela perspicácia e pela força das provas. “Sente-se diante do facto como uma criancinha”, instruiu o filósofo-cientista Dr. Thomas Henry Huxley; “esteja preparado para abdicar de

qualquer noção preconcebida, siga humildemente para onde quer que e a que abismos a natureza conduzir, ou não aprenderá nada."

O tema em mãos não exige menos de si.

INTRODUÇÃO

"O universo está cheio de coisas mágicas, pacientemente à espera que a nossa argúcia se aguce", escreveu ironicamente Eden Phillpotts em *A Shadow Passes*.

Está prestes a embarcar numa aventura onde abundam muitas coisas mágicas. Uma viagem de cabeça em impossibilidades.

Impossibilidades impostas à natureza... como as estabelecidas pelo grande cientista Lavoisier, quando em 1772 se apresentou perante a augusta Academia Francesa de Ciências e declarou que "as pedras não podem cair do céu" porque não existem pedras lá em cima; pelo eminente físico Rutherford, que disse ser "conversa fiada" a ideia de que o átomo indivisível pudesse ser dividido; por nada menos que uma autoridade como Albert Einstein, que anunciou em 1932 que "Não há a mais pequena indicação de que a energia nuclear alguma vez venha a ser realizável."

Impossibilidades colocadas sobre o corpo... como as declarações de que o homem não consegue sobreviver a viajar mais depressa do que um cavalo consegue correr; que a milha em quatro minutos é inalcançável; que escalar o Monte Evereste sem oxigénio é tão suicida quanto respirar água.

Impossibilidades mal colocadas sobre o intelecto... como o Instituto de Patentes dos EUA ser supérfluo porque o seu comissário em 1889, Charles Duell, disse: "Tudo o que pode ser inventado já foi inventado"; como a venda de computadores ser um caminho rápido para a miséria porque Thomas Watson (antes de se tornar presidente do conselho de administração da IBM) disse: "Penso que existe um mercado mundial para cerca de cinco computadores."

A ciência não resolveu o universo. Os homens doutos não são omniscientes. Os peritos já provaram estar errados. A história está cheia de julgamentos errados notáveis mas duvidosos baseados na inocência;

baseados na rejeição imprudente de factos; baseados numa recusa nascida de uma reputação altiva em reconhecer provas; baseados nos pântanos do cientismo que sufocam ideias inovadoras e travam avanços paradigmáticos.

Milhares de comboios e aviões, centenas de milhares de patentes e computadores, milhões de meteoritos e incontáveis átomos divididos mais tarde, estas proclamações presunçosas de tempos idos já não definem o impossível. Nem sequer o mágico. Em retrospetiva, rimo-nos coletivamente da miopia das gerações anteriores. No entanto, cada geração define um consenso para a realidade além do qual certas "coisas mágicas" não podem, não devem existir.

Determinados fenómenos são desconsiderados. As pessoas — especialmente os cientistas — acreditam que nada de especial está a acontecer quando, na verdade, algo de bastante extraordinário está a acontecer; por vezes diante dos seus próprios olhos. Não é incomum, especialmente quando se exploram anomalias e ocorrências consideradas paranormais, ver defendidas opiniões do *status quo* que são insustentáveis, até palpavelmente absurdas face a provas esmagadoras em contrário.

Este livro é sobre algo que, após muitas gerações, permanece ainda mágico e, mais ainda, controverso: a combustão espontânea de seres humanos.

"Não temos provas de o corpo humano explodir subitamente em chamas. Toda esta história é um conto de fadas", asseverou o professor de filosofia Paul Kurtz em 1986, quando era (and remains) presidente do Comité para a Investigação Científica de Alegações do Paranormal (CSICOP).

"Não conheço nenhuns casos verificados em que um ser humano tenha explodido em chamas sem calor de uma fonte externa", respondeu Marilyn vos Savant (detentora do QI mais elevado do mundo de acordo com o Guinness Hall of Fame) a uma pergunta sobre combustão espontânea na *Parade* (30 de Setembro de 1990).

Estarão eles certos? Assim que os grandes pensadores julgam que tudo é perfeitamente cognoscível no universo previsível, pode-se antecipar a chegada de uma observação rebelde não abordada, um facto incompatível, um dado que não deveria existir e que teimosamente se recusa a

desaparecer... exigindo que um patamar mais elevado de conhecimento seja estabelecido, com novos horizontes para ponderar.

A combustão humana espontânea oferece muitos incidentes rebeldes, repletos de dilemas que gritam a qualquer pessoa com ouvidos para ouvir — se nem sempre com olhos para ver — que vivemos num mundo incomum, mágico.

Como mostram os exemplos supracitados, certos fenómenos não eram permitidos pela ortodoxia do seu tempo. A prova consubstanciada foi condenada. Durante algum tempo. O que mudou, por vezes, foi a força da própria prova. Outras vezes, as definições do possível expandiram-se para fazer incursões nas regiões escuras da impossibilidade.

Este livro examina os variados pontos de vista expostos no palco mundial sobre a combustão humana espontânea. Tenta determinar quais têm mérito e quais não têm. Abrange toda a gama da reação psicológica humana a um evento decretado impossível; a um evento que, a não ser impossível, é pela sua natureza extraordinariamente angustiante. E temível.

Isto é inevitável.

O mesmo acontece com o desafio ao dogma científico dominante que este enigma apresenta. A hostilidade e a censura combatem o mágico; o misterioso; o fenomenal. Hoje, os ataques às provas tornaram-se parte da evolução do conhecimento para resolver os mistérios do universo. Ataques virulentos, até irracionais, podem lamentavelmente ser esperados quando as convicções predominantes enfrentam a possibilidade de serem desacreditadas. Em lado nenhum isto é mais evidente do que na combustão humana espontânea — um conceito inteiramente irreconciliável dentro do consenso atualmente permitido para a experiência humana.

O que nos traz ao cerne de *Ablaze!* Os próprios casos. É neles que toda a discussão, conjetura e, em última análise, conclusões devem basear-se.

Alguns casos foram obtidos através de entrevistas exclusivas. Outros foram escolhidos a partir de documentos obscuros esquecidos no sótão da história, para ressurgirem aqui pela primeira vez desde o seu registo inicial. Nas páginas que se seguem, haverá algo de novo para cada leitor. À medida que o desfile de casos passa, a sua paciência atenta e participação ativa

serão convocadas para compreender a amplitude e complexidade deste tema.

Como acontece sempre num bom trabalho de investigação e na boa ciência, os factos devem primeiro ser recuperados; depois examinados; finalmente compreendidos face ao que é atualmente conhecido (e não conhecido) pela ciência, pela medicina e, talvez, por si próprio em relação às forças que governam os nossos corpos e o nosso mundo.

Como tanto erro assola a história deste tema, sempre que possível e prático tentei encontrar "fontes primárias" para o documentar. Uma fonte primária é, idealmente, uma testemunha ocular de um evento. Mesmo assim, tal como acontece com duas testemunhas oculares do mesmo acidente de viação, pode haver desacordo quanto aos detalhes, até quanto à causa. Quanto mais controverso for um evento, mais se podem antecipar variações nos detalhes. Inversamente: quanto mais nos aproximarmos da prova original, mais fiável será o relato, livre dos efeitos diluidores do tempo na memória e da necessidade de adivinhar ou alterar a prova para defender a credibilidade de alguém.

Da mesma forma, o rigor académico manda que todas as citações em *Ablaze!* representem testemunhos reais escritos ou falados. Não idealizei nenhuma conversa, nem inventei diálogos para efeito dramático. Prefiro utilizar (conforme o espaço o permita) as palavras originais daqueles que confrontaram pessoalmente o impossível, para lhe permitir sentir a vitalidade naquilo a que o iconoclasta Charles Fort apropriadamente chamou "os malditos".

A par da importância de incluir fontes originais, está o desafio de como apresentar o que se tornou uma quantidade volumosa de material. (Poderia facilmente escrever livros separados sobre cada uma de uma dúzia de casos, tanta é a informação.) Depois de ancorar primeiro o tema com um caso moderno, optei por introduzir as provas cronologicamente — porque isto permite vislumbres sobre a psicologia que tem subjazido ao fenómeno durante centenas de anos. A evolução da resposta ao problemático pode revelar-se não menos fascinante do que o próprio fenómeno. Mais tarde, os casos serão categorizados pelos numerosos subconjuntos do fenómeno.

Por vezes, o testemunho que se segue pode parecer incrédulo, tal como a própria premissa de que os humanos podem arder a partir de

dentro. Mas coisas que são improváveis podem, herdeiramente, ser verdadeiras. O axioma de Sir Oliver Lodge de 1924 não é menos válido hoje: “O nosso conhecimento da natureza não é tão extenso que sejamos capazes de dizer de antemão o que é possível e o que não é possível num novo domínio de investigação.”

Está preparado para embarcar numa excursão pela natureza agindo no seu estado mais bizarro? Para sentir pavor perante o inexplicável? Para explorar um dos enigmas mais incríveis que alguma vez poderá ter de ponderar? Larry E. Arnold 30 de Junho de 1995

“Este fogo consome as nossas mentes, despeçamo-nos, No Inferno ou no Céu, qual é a diferença? No fundo do Desconhecido, para encontrar algo de novo.” —Charles Baudelaire

“É característico da natureza que a ciência possa prever totalmente o movimento de um planeta ou de um cometa mas ainda não o arder de um fósforo.” —Philip Morrison, *Scientific American*, Março de 1975

1

The Baffling Burning of Dr. Bentley

“Aquilo foi a coisa mais estranha que alguma vez viu!” — Subcoronário John Dec sobre o caso Bentley, a 5 de Dezembro de 1966.

O Dr. Bentley ardeu por completo!

O pensamento ecoou como o gongo de um alarme de incêndio no cérebro de Donald Gosnell enquanto este saía disparado da casa de banho do idoso médico. Gosnell sentiu um frio de rachar, não devido ao tempo recorde de frio no norte da Pensilvânia nesta manhã de Dezembro, mas pelo choque da terrível descoberta que acabara de fazer no apartamento do velho médico. Havia horror na manhã lá fora, na Main Street em Coudersport.

Ele fugiu da casa, correu pela Main Street e irrompeu pelo escritório da North Penn Gas Company, onde trabalhava como leitor de contadores. O pânico, o medo, o terror absoluto dominaram-no. O que poderia ter acontecido, perguntavam-se os seus colegas de trabalho, para abalar de tal forma a sua habitual compostura.

Agindo como se tivesse acabado de ver um fantasma, Gosnell arquejava por ar, desesperado por lhes dar uma resposta. Não tinha nenhuma. O susto sufocava o pensamento, enervava-lhe a mente. Apenas conseguiu gritar quatro palavras assustadoras: "O Dr. Bentley ardeu por completo!" Era o eufemismo do ano.

O que Gosnell viu naquela manhã de segunda-feira era incompreensivelmente impossível. Todos os que entraram no apartamento do Dr. Bentley abanaram a cabeça em espanto. Alguns declararam a cena "Impossível!", apesar do que os seus próprios olhos contemplavam.

Coudersport tinha perdido um médico... o mundo tinha ganho um mistério.

UM DOUTOR À MODA ANTIGA

O Dr. John Irving Bentley vivia no primeiro andar de uma casa de dois pisos, de tábuas brancas sobrepostas, no número 403 da North Main Street, em Coudersport. Dizer que os habitantes da cidade o tinham em grande consideração seria um eufemismo. Eles adoravam-no!

Filho de pais britânicos em Granville, Vermont, o jovem John foi abençoado com uma inteligência arguta. Primeiramente tutorado pela sua mãe, o precoce jovem obteve o seu diploma de medicina aos vinte e um anos pela Faculdade de Medicina da Universidade da Pensilvânia. O jovem Dr. Bentley fez o seu estágio num hospital de caridade durante um ano, estabelecendo depois o primeiro de vários consultórios médicos que o mantiveram na Pensilvânia pelo resto da sua vida.

Em meados dos Loucos Anos 20, mudou-se para Coudersport, onde em 1945 a Sociedade Médica da Pensilvânia o homenageou com um prémio por "50 anos de serviço fiel e leal" — um compromisso que continuou até à sua reforma em 1953. O jornal do condado, *The Potter Enterprise*, referiu que a maior satisfação de Bentley era "ter ajudado mais de 2.000 bebés a vir ao mundo. E, quando chegava o momento, ter ajudado uma pessoa idosa a sair dele tão sem dor quanto possível."

Em 1956, o Dr. Bentley tropeçou numa cadeira de baloiço e partiu a anca, paralisando parcialmente a sua perna esquerda. Muitos dos habitantes da cidade retribuiam agora os seus anos de bondade passando por lá para o visitar. Estes eram habitualmente encontros animados! Embora Bentley

outrora consumisse álcool com moderação, o único espírito que agora cultivava era o da conversa. “Ele era um grande argumentador sobre qualquer assunto, a qualquer hora!”, disse Florence Fourness, a sua governanta durante trinta anos. “A mente dele estava boa.”

Depois de a sua terceira esposa falecer em 1959, o viúvo octogenário vivia sozinho. Coxeava lentamente pelo seu pequeno apartamento com a ajuda de um andarilho de alumínio de quatro pernas. De resto, estava quase totalmente dependente de terceiros. “Ele não era capaz de se vestir sozinho”, recordou Mary Nicholson, que se voluntariou para ser a sua enfermeira pessoal. “Ele era capaz de tirar o roupão” — que, juntamente com uma peça de roupa interior de flanela que servia também de camisa de noite, era o seu traje habitual — “mas era só.” Por vezes, ela tinha até de o ajudar a calçar o seu par de pantufas de pele macia.

Ao contrário de tempos anteriores, em que as emergências médicas tornavam imprevisível a vida do clínico geral, os anos de reforma de Bentley caracterizavam-se por uma rotina diária imutável. A vida no seu acolhedor apartamento centrava-se em torno de uma poltrona estofada no meio dos aposentos de estar/dormir com cerca de quatro metros e meio quadrados; a casa de banho adjacente, a pouco menos de quatro metros de distância; e o andarilho que lhe permitia atravessar essa distância. Ele sentava-se na cadeira desde as 10h00 até às duas horas da manhã seguinte, disse a Sra. Fourness, tentando eternamente manter um velho cachimbo aceso enquanto entretinha os seus convidados diários. Às 2h00 da manhã, desligava o aquecedor a gás e dormia as oito horas de sono que sempre recomendara aos seus pacientes.

A dada altura do dia, comia a sua única refeição: uma caneca de café e uma taça de trigo estrelado. Dúvidas sobre a sua dieta à parte, a sua enfermeira insistia que o Dr. Bentley se mantinha “alerta e não exibia sinais de senilidade”. Ele ainda “adorava visitar as pessoas” e acompanhava a vida de cada criança e antigo paciente na cidade.

No entanto, ela e outros em Coudersport ficaram cada vez mais preocupados com o Dr. Bentley. Estava-se agora em 1966, e o seu corpo de noventa e dois anos já não acompanhava a sua mente ágil. “Era muito difícil para ele deslocar-se”, confidenciou a Sra. Nicholson. Tanto ela como a Sra. Fourness se preocupavam com a falta de jeito com que ele manuseava os fósforos de madeira, mantidos em cada bolso do seu roupão

de dia, para acender o cachimbo. Os seus roupões estavam salpicados de "buracos de faíscas", como lhes chamava a sua enfermeira, resultantes de fósforos mal segurados e brasas de tabaco derramadas. Mas o velho médico gostava de fumar, e nenhuma quantidade de preocupação por parte dos seus amigos o iria dissuadir. Toda a preocupação do mundo, contudo, não poderia ter detido o destino inimaginável que estava prestes a ocorrer.

Na manhã de domingo, 4 de Dezembro, a Sra. Nicholson passou por lá para ver se tudo estava em ordem. O aquecedor aquecia confortavelmente o apartamento; o cachimbo de tabaco estava no seu suporte sobre a pequena mesa de madeira ao lado da sua cadeira; o andarilho estava do outro lado, pronto a qualquer momento para a sua próxima viagem de quatro metros. Um roupão suplente estava pendurado na borda da banheira, ali colocado previamente pela sua governanta. E, como sempre, o Dr. Bentley entreteve a Sra. Nicholson com memórias de anos passados e com perguntas sobre os dias vindouros. Parecia tão alerta como sempre.

Por volta das nove horas daquela noite, Mary Nicholson, juntamente com o seu marido que viera mais tarde nesse dia, despediram-se do seu amigo de longa data e enfrentaram o ar gélido da noite para regressar a casa. Nenhum pesadelo arrepiante poderia rivalizar com o que estava prestes a acontecer enquanto a cidade dormia naquela noite, pois eles foram as últimas pessoas a ver... ver literalmente... John Irving Bentley.

O Pesadelo do Homem do Contador

Cinco polegadas de neve recém-caída rangiam sob cada passo que Don Gosnell dava enquanto caminhava pelo passeio ladeado de árvores da North Main Street, com o livro de contadores de gás na mão. Erguendo-se atrás dele, acima dos ramos branqueados, a torre do relógio amarelo-outono do Palácio da Justiça do Condado de Potter marcava 9h05 quando ele subiu os degraus do alpendre do número 403 neste gélido 5 de Dezembro.

"Homem do gás!", gritou Gosnell, ao abrir a porta e avançar pelo corredor escuro que passava pelo apartamento do Dr. Bentley à esquerda em direção à escadaria do planeamento do porão. Como era habitual, ele fez uma pausa, aguardando a resposta habitual do médico.

Silêncio.

Levemente perplexo, Gosnell dirigiu-se ao porão para ler o contador do gás. *Provavelmente o velho doc esteve acordado a visitar amigos ontem à noite e agora está a dormir*, pensou o leitor de contadores. Estava certo num ponto.

Depois, ao agarrar a maçaneta da porta para o porão subterrâneo, Gosnell notou algo estranho. Um fumo azul-claro com um cheiro invulgar enchia o corredor. "Era um odor estranho, adocicado e enjoativo com o qual eu não estava familiarizado", disse ele, "semelhante ao de um sistema de aquecimento novo — uma película de óleo a arder, algo adocicado."

Agora mais perplexo, desceu cautelosamente a estreita escada de tábuas, encolhendo o seu corpo de um metro e oitenta para desimpedir a viga acima do último degrau. No brilho atenuado pela névoa da sua lanterna, registou a quantidade de gás utilizada. Ao virar-se para sair, vislumbrou uma pilha de cinzas no canto mais distante da câmara subterrânea de paredes de rocha.

Gosnell caminhou até lá para examinar o inesperado cone de cinza, com trinta e cinco centímetros de diâmetro. Sendo bombeiro voluntário, espalhou instintivamente o monte de treze centímetros de altura com a bota e não encontrou nada em chamas. "Olhei para cima e vi este buraco", disse ele. "Não havia fogo de todo... apenas brasas à volta do buraco." O brilho vermelho-cereja das tábuas do chão a fumegar revelou que três vigas de carvalho com vinte e três centímetros de espessura tinham sido queimadas a partir de cima, uma delas quase por completo.

Gosnell enterrou os dedos na madeira carbonizada de uma viga; estava fria ao toque. *Eles tiveram um incêndio*, concluiu para si próprio, pensando que deve ter sido um de menor importância visto que nenhum alarme de incêndio soou durante a noite. *Bem, eles tiraram o doc daqui*, decidiu silenciosamente, *mas porque é que não apagaram as brasas?* Ele virou as costas para sair do porão.

Lá em cima, Gosnell ponderou novamente sobre a origem do cheiro adocicado como mel que nunca antes encontrara e a razão pela qual as brasas de um pequeno incêndio tinham sido deixadas a fumegar. Decidiu espreitar o apartamento do Dr. Bentley e certificar-se de que estava tudo bem. Até ao dia de hoje, ele deseja não o ter feito.

Um fio de fumo azul-claro com o mesmo aroma estranhamente adocicado emanava do apartamento quando ele abriu a porta do semi-inválido. Não vendo o médico, Gosnell entrou e espreitou pela ombreira que dava para a casa de banho.

"Um buraco com cerca de setenta e cinco centímetros de largura e não mais de um metro e vinte de comprimento tinha ardido através do chão da casa de banho, expondo os canos que conduziam ao lavatório e que passavam pelo teto do porão" é como o *The Potter Enterprise* (7 de Dezembro de 1966) descreveu a cena que agora se apresentava diante de Gosnell.

Mas havia mais. Ao lado da cavidade carbonizada estava, para citar Gosnell, uma "perna acastanhada do joelho para baixo. Pensei que era um manequim. Tive de me inclinar e olhar muito de perto para notar a diferença. Percebi que era uma perna humana. Não olhei mais longe!"

A Perna… e Mais do Legado do Dr. Bentley

"Ainda me lembro do que vi tão claramente quanto pode ser", confessou Gosnell nove anos mais tarde. Ter de recordar o seu encontro extraordinário com o bizarro ainda o perturbava visivelmente, notei. "E depois de perceber o que vi, não me conseguiam puxar de volta lá para dentro nem com uma D-8 [uma escavadora]! O que mais me incomodou foi o que não encontrei."

O que não foi encontrado foi o Dr. Bentley — pelo menos numa forma humana reconhecível.

Os bombeiros foram chamados assim que Gosnell soltou a sua descoberta. Os homens do Chefe dos Bombeiros John E. Pekarski responderam rapidamente. Gosnell correu de volta à casa do médico para avisar os seus colegas. Não queria que mais ninguém entrasse despreparado para ver aquele coto acastanhado de uma perna esquerda. O próprio Gosnell recusou-se resolutamente a reentrar no edifício.

"Disseram-me para não entrar", recordou Fred Sallade, provavelmente o primeiro bombeiro a chegar após o alarme soar. Entrou na mesma. O seu relato lacónico: "O corpo ardeu por completo, fez um buraco no chão. E foi tudo!"

À medida que outros chegavam, Gosnell explicava que não eram necessárias mangueiras de água visto que não havia fogo para extinguir. As mangueiras foram ligadas de qualquer forma.

Cada recém-chegado recusava-se a acreditar na história incrível de Gosnell de que o Dr. Bentley — ou qualquer ser humano — pudesse simplesmente ter-se desintegrado. Mas cada homem que entrava na casa percebia que Gosnell estava a dizer a verdade, por mais incrível que soasse.

Richard C. Lindhome, um agente funerário de Coudersport cuja agência de estilo vitoriano ficava a poucos quarteirões de distância, chegou pouco depois para investigar a cena macabra através do que chamou de os seus "procedimentos normais". Os procedimentos normais não eram adequados naquele dia. Ele ligou rapidamente para o gabinete do legista.

Entretanto, o editor do *The Potter Enterprise*, William Fish, passou por lá para recolher material para o que se tornaria a história de primeira página do seu jornal na edição que sairia dali a dois dias. Felizmente, não só trouxe uma câmara, como a utilizou. Depois, os bombeiros borrifaram água na sala para se certificarem de que o fogo estava apagado.

John Dec, o subcoronário do Condado de Potter, pensou ao princípio que estava a ser chamado para apenas mais uma morte por incêndio, na qual o corpo fica coberto de pele preta descascada e um fedor nocivo e acre invade a sala. Ficou tão perplexo quanto Gosnell tinha ficado perante a cena que agora se apresentava diante dos seus olhos. "Tudo o que encontrei foi uma articulação do joelho, que estava em cima de um esteio no porão", afirmou-me, juntamente com a parte inferior da perna e as cinzas agora espalhadas. "Não havia evidência de chama nem de nada — apenas um fumo azul-claro. E um odor adocicado, como perfume."

Nem Dec nem Gosnell, na sua retirada precipitada da câmara da morte, reconheceram quaisquer outras partes anatómicas pertencentes ao Dr. Bentley. Contudo: o historiador local Robert R. Lyman, Sr. mencionou mais tarde no seu livro, *Amazing Indeed* (1973), "a visão macabra da... cabeça do Dr. Bentley."

Esta aparente contradição foi resolvida em 1980. Durante a filmagem de um segmento sobre este incidente para o programa *That's Incredible!* da ABC-TV, perguntei ao Sr. Lindhome se alguma porção da cabeça do médico tinha sido encontrada entre os escombros de cinza. "Oh, sim!

Estava em cima dos canos", respondeu ele. "Não me recordo se parte do maxilar estava lá ou não. O crânio estava sobre o cano da água e la perna estava no chão. Fora isso, não se saberia que era um ser humano." Simplesmente, a incineração foi tão completa que mascarou qualquer identificação fácil da sua cabeça.

Carl 'Chick' McCloud, outra testemunha envolvida, concordou com esta situação surpreendente. "Ajudei o agente funerário a recolher os restos mortais e colocámos [o crânio] num saco de borracha e levámo-lo para o carro", relembrou. "Eu diria que não restava muito dele."

"Não ficámos lá muito tempo!", acrescentaria McCloud mais tarde, embora o riso que se seguiu não conseguisse mascarar a memória do horror recordado. "Ao entrar na casa de banho, não cheirámos odor corporal, nem fumo. E a casa, tão velha como era, deveria ter pegado fogo — se aquilo fosse um incêndio."

Que tinha havido um incêndio parecia óbvio. Afinal de contas, um corpo humano inteiro fora reduzido quase totalmente a cinzas; um buraco rodeado de brasas através do linóleo e das tábuas do chão marcava o local onde a vítima literalmente colapsou; três vigas de carvalho em centros de quarenta centímetros por baixo estavam queimadas, uma delas quase na totalidade dos seus vinte e três centímetros de espessura.

Contudo, no epicentro do buraco queimado, onde o corpo do Dr. Bentley caíra e o maior calor fora gerado, o seu andarilho de alumínio jazia tombado contra a banheira. A estrutura do andarilho estava intacta. Tal como estavam, milagrosamente, as tampas de borracha não derretidas em duas das suas pernas!

"Não vejo como seja possível que, num calor tão intenso, elas não tenham sido completamente queimadas", ruminava Lindhome sobre as tampas de borracha em 1980. "Mas não foram! Isto é algo que eu não consigo decifrar."

E a apenas escassos centímetros de distância — diretamente acima do perímetro do buraco — a tinta de esmalte branco da banheira de pés de garra, embora enegrecida, nem sequer tinha ganho bolhas! A porção do seu roupão suplente estendida sobre o exterior da banheira tinha ardido, permitindo que a outra metade caísse para dentro da banheira. O chão de linóleo com fundo de alcatrão, altamente combustível, estava apenas

ligeiramente chamuscado além do buraco ominoso, um facto tão desconcertante para Lindhome que ele disse que não teria acreditado se não o tivesse visto por si próprio.

"Era mistificador!", exclamou o bombeiro Fred Sallade.

"Tão desnorteante!", confidenciou Don Gosnell.

"Aquilo foi a coisa mais estranha que alguma vez viu!", interveio o Subcoronário Dec, cuja esposa acrescentou: "É caricato como alguém pode arder de forma tão completa e, no entanto, não queimar a casa toda."

A Muito Curiosa COMBUSTÃO da Coubersport

Que fantástico destino flamejante se abateu sobre John Irving Bentley? Uma série de ideias foram apresentadas na altura, mas o mistério adensou-se.

A especulação virou-se brevemente para crime. Isso exigia um motivo, um suspeito e provas de um acelerante capaz de reduzir um corpo a cinzas — algo que um roupão sozinho não consegue alcançar (apesar do pronunciamento de Dec de que as roupas queimam).

"Ninguém o queria matar", exclamou a sua enfermeira, horrorizada com a sugestão de homicídio. "Nunca falei com ninguém que nutrisse má vontade contra ele." E com dinheiro encontrado espalhado no apartamento, parecia ilógico procurar um transeunte que tentasse encobrir um roubo ateando fogo à sua vítima.

Uma investigação de Dec e do legista do condado, o Dr. Herman C. Mosch, não encontrou apoio para a tese de crime. "Estou convencido de que foi acidental", informou Dec o jornal. Mosch concordou. "Não há evidência de qualquer influência externa", reafirmou Mosch nove anos mais tarde. "Não houve suicídio. Foi acidental."

A alegação de que as cinzas pertenciam a outra pessoa que não o Dr. Bentley nunca foi seriamente considerada. "Bem", ironizou Dec sardonicamente, "se ele estiver vivo, apresente o corpo! Onde é que ele está? Além disso, ele já era um homem velho de qualquer maneira."

A solução racional era que o velho homem, um fumador inveterado de cachimbo, acidentalmente ateara fogo ao seu roupão — e, subsequentemente, a si próprio.

"Ao adormecer, o cachimbo deve ter-se virado e acendido as suas roupas", sugeriu John Dec, "porque não há vestígios de onde ele caminhou pelo quarto, desde o quarto até à casa de banho. E foi aí que ele tentou alcançar a água, onde se desmoronou — é por isso que há um buraco no chão. Por isso, naturalmente..." Dec fez uma pausa, como se a consequência fosse predeterminada. Depois, para dar ênfase, acrescentou: "As roupas queimam-no por completo."

O *The Potter Enterprise* propôs o mesmo cenário, embora com menos convicção, sugerindo que o Dr. Bentley "pode ter adormecido na sua cadeira do quarto." Mas o editor de olhar clínico tinha reparado num facto interessante ao examinar a área em redor da cadeira do médico. "O seu cachimbo estava cuidadosamente colocado num suporte ao lado dela", escreveu Bill Fish sem hesitação.

Parecia irracional, portanto, fazer com que o médico — acordando ao descobrir o seu roupão em chamas — estendesse a mão para o seu regaço em chamas para recuperar o cachimbo e o colocasse ordenadamente no seu suporte antes de tentar apagar as chamas que ameaçavam a sua vida. A colocação do cachimbo era o primeiro buraco — ao lado daquele no chão da casa de banho de Bentley — na reconstrução de John Dec do incêndio fatal.

O editor, vendo este dilema, sugeriu uma alternativa: que "uma brasa viva do seu cachimbo tivesse caído nas suas roupas de noite, ou talvez tivesse sido a faísca de um fósforo do tipo risca-em-qualquer-lado que ele usava."

Florence Fourness estava entre os que apoiava esta teoria. "Eu posso dizer-vos o que lhe aconteceu. Querem saber?", perguntou ela. "Eu acho que aquele velho cachimbo começou a arder a valer, caiu-lhe da mão e foi para cima do roupão, e acendeu os fósforos no bolso dele. Ele deve ter pegado fogo mesmo muito rápido! Depois desmoronou-se na casa de banho e já não conseguiu levantar-se."

Se não a teoria do cachimbo no regaço *por si só*, a qual o bom senso descartava, será plausível que a mão trémula do médico tenha sacudido uma brasa de tabaco do cachimbo enquanto o recolocava na mesa e, enquanto ele dormia, a brasa despercebida tenha ido a fumegar até uma das caixas de fósforos nos bolsos do seu roupão? Ou poderia ele ter riscado um

fósforo antes de tentar alcançar o cachimbo e deixado cair fatalmente a tocha miniatura no seu regaço?

Contudo, se as vestes do doutor ficaram inflamadas dessa maneira, porque é que ele não despiu o roupão na divisão onde estava sentado, em vez de coxear com o seu andarilho até uma fonte de água para sufocar um incêndio que se intensificava? Os seus amigos todos professavam a agilidade mental do médico. Seguramente a sua formação fê-lo ciente (1) de que quanto mais tempo alguém está envolto em chamas, menor é a probabilidade de sobrevivência; e (2) de que o movimento através do ar ventila o furor de um incêndio.

Não só estas "ações" reconstruídas do Dr. Bentley eram incompatíveis com a sua formação médica, como a sua enfermeira lançou ainda mais dúvidas sobre a alegada corrida do médico pela vida. Bentley demorava "uns bons cinco minutos" com o seu andarilho para atravessar a distância entre a sua cadeira e a sanita, disse-me Mary Nicholson, sem se dar conta do impacto da sua afirmação. Até a Sra. Fourness, que defendia a teoria do cachimbo no regaço, reconhecia que "ele era tão lento."

Se o idoso cavalheiro tivesse de facto entrado em combustão na sua cadeira favorita, como quase todos supunham, as chamas vorazes teriam pelo menos asfixiado (se não queimado primeiro até à morte) o seu corpo enfermo muito antes de ele conseguir alcançar a única fonte de água do apartamento, a uns bons cinco minutos cambaleantes de distância!

Havia também outros problemas intrigantes.

Dec, por exemplo, maravilhava-se com a estanqueidade ao ar do local do incêndio. "É difícil de acreditar!", admitiu ele. "A casa estava vedada; não entrava oxigénio. Então como no mundo? Como se poderia arder com a casa fechada daquela maneira, sem ar lá dentro? Por isso deve ter consumido todo o ar que lá estava; apenas a sufocar..."

Mas um fogo que consome em brasa não reduz um cadáver a cinzas de um dia para o outro.

"A coisa que comentámos repetidas vezes foi a razão pela qual aquele linóleo não se inflamou", ponderavam Lindhome, o agente funerário, e os seus colegas. "Porque uma vez que o linóleo pegue, é bastante difícil de apagar! E restava tão pouco do corpo..."

Porque é que, então, este revestimento de chão altamente inflamável falhou em inflamar-se enquanto o Dr. Bentley ostensivamente coxeava sobre ele, com pedaços de pano em chamas a cair do seu roupão? Porque é que não ardera em lado nenhum além do círculo imediato onde o seu corpo colapsou?

Outros levaram a questão um passo mais além. "Bem, é caricato como a casa não ardeu por completo", declarou Chick McCloud.

A residência do Dr. Bentley fora construída por volta de 1850-1860. "Como acontece com todas estas casas mais antigas, as madeiras secas estão muito, muito secas", ampliou o Pastor Ken Lewis, que examinara cuidadosamente a casa de Bentley antes de a comprar por volta de 1970 e remodelar belissimamente o seu interior. "And a coisa surpreendente seria que, quando este fogo começou, de alguma forma não continuou a queimar a casa até ao chão!"

Perguntei-lhe sobre o estado da casa quando a comprou, pois esta estivera vaga desde o falecimento de Bentley. "Todas as janelas, todas as paredes do andar de baixo tinham uma película", respondeu Lewis, caracterizando-a como fuligem oleosa. "O teto e as paredes estavam cobertos com uma película em resultado do incêndio."

O Pastor Lewis acompanhou-me ao porão, onde ponderou novamente sobre as chamas que tinham curiosamente cortado um buraco de seis pés quadrados acima das três vigas queimadas. "Como construtor e carpinteiro", disse ele, passando os dedos sobre a superfície de carvão da viga central profundamente cavada, "fico perplexo como esta área pôde arder e, no entanto, o resto da casa não arder. Isso, para mim, é o fenómeno que tem de ser explicado. Na minha mente, o grande mistério é como um homem pôde ter sido completamente consumido neste tamanho de incêndio e a casa não ir atrás."

Além disso, para fazer uma derradeira paródia do bom senso e da razão, não havia absolutamente nenhum dano de fogo no teto da casa de banho diretamente acima do cadáver cremado de Bentley.

O Marechal de Incêndios do Estado da Pensilvânia, Fred Klages, ensinou-me no seu curso de investigação de fogo posto que, num incêndio acidental, "haverá três vezes mais danos acima do ponto de origem do que

no chão.” Em vez disso, o calor das chamas do Dr. Bentley foi direcionado para baixo — claramente através do chão.

E que dizer desse buraco? Os manuais de ciência do fogo dizem que demora uma hora e vinte minutos para um maçarico queimar uma polegada numa viga de sequoia. Para queimar quase na totalidade a viga de nove polegadas por baixo de Bentley — uma viga de carvalho é mais dura, mais densa que a sequoia — seriam necessárias mais de dez horas contínuas sob o jato de um maçarico. Quase todo o tempo o Dr. Bentley esteve sozinho. No entanto, o linóleo inflamável não se incendiou... nem as escoras de alumínio (com um ponto de fusão de 1200°F) do andarilho ficaram sequer deformadas, nem mesmo as pontas de borracha das suas pernas.

Como?

A Desvendar as Chamas Fantásticas

Por esta altura, poder-se-ia pensar que toda a Coudersport estaria a tentar decifrar as respostas a estes mistérios no seu meio. Não estavam.

“Bem”, relembrou Gosnell, “as pessoas ficaram chocadas. ‘Isto é algo que simplesmente não acontece.’ Por isso nunca investigaram minimamente o assunto, pelo que pude ver.”

As pessoas evitavam-no, notou ele. Ele estava, por virtude da sua chocante descoberta, associado a esta tragédia local, e as pessoas não queriam nenhuma recordação da tragédia no seu meio. O próprio Gosnell ficaria demasiado feliz por esquecer aquela manhã de Dezembro também, se ao menos pudesse.

“A cidade, incluindo um repórter”, escreveu o historiador local Lyman, “falhou em reconhecer aquilo como algo invulgar. Raciocinaram que as roupas do médico tinham pegado fogo e que isso causara a sua morte.”

A certidão de óbito do legista para o Dr. Bentley deu aos habitantes da cidade poucos motivos para questionar o destino do médico, embora levantasse uma série de questões por si mesma. Este documento, tal como é arquivado na Pensilvânia (o em qualquer outro estado), serve para fornecer um registo e avaliação precisos da transição física de uma pessoa. A certidão de óbito do Dr. Bentley declarava o seguinte:

CAUSA IMEDIATA DA MORTE: “asfixia e 90% de queimadura do corpo.” INTERVALO ENTRE O INÍCIO E A MORTE: “1/2 hora.” HORA ESTIMADA DA MORTE: “5 da manhã EST.” MODO DE CHEGADA: “sepultamento.” FOI REALIZADA AUTOPSIA?: “Sim.”

Poderia a asfixia ser a causa da morte? Não existia traqueia para ser examinada quanto a depósitos de carbono inalados, e metade de uma perna não dá (se me perdoarem o trocadilho) muitos argumentos em que se apoiar.

A “queimadura do corpo” — mais precisamente a desintegração do corpo — contribuiu para a sua morte, certamente. Mas o que causou o fogo voraz, que em última análise matou o seu alvo, logo à partida?

E que dizer da extensão da queimadura? “Um joelho e uma parte da perna foi o que restou”, sublinhou Dec enfaticamente nove anos mais tarde, enquanto eu estava sentado com ele à mesa da sua cozinha. “Escrevi 90 por cento [em falta] no relatório do legista, mas acredito que era mais perto de 98 por cento... Na verdade, eu diria 99 por cento.” Os factos estavam a começar a mudar e a afastar-se ainda mais da norma.

Ninguém com quem falei soube oferecer uma razão para a hora atribuída à morte. Tinha de ocorrer dentro das doze horas anteriores às 9h05 da manhã de 5 de Dezembro, mas “5 da manhã” não passava de um palpite sem fundamento.

A alegada duração para a destruição era flagrantemente conspícua. “Demora 3 a 6 horas para [um] corpo consumir-se em brasa no fogo”, escreveu Dec nas notas da Certidão, baseando essa estimativa na teoria predileta das roupas a arder. Por outro lado, os pulmões não requerem trinta minutos de exposição à chama antes de uma pessoa sufocar fatalmente. Além disso, o intervalo previsto de meia hora é demasiado breve para que a combustão de qualquer tipo doméstico produza tão completa desintegração fisiológica.

A menção de uma autópsia deu de facto esperança de encontrar pistas sobre a verdadeira causa da morte. A esperança durou pouco. Dec expressou incredulidade ao nosso pedido do relatório da autópsia. “Não há nada para autopsiar!”, quase gritou. “Cinzas, sim! Mas como é que se faz isso?” No entanto (e até que ponto) uma autópsia foi feita, o *The Potter*

Enterprise relatou a conclusão do legista de "que o Dr. Bentley não sofrera uma lesão no crânio."

Os restos mortais do Dr. Bentley foram sepultados, dizia a certidão de óbito. "Não sei como podem sepultar algo assim — uma perna!", comentou Dec sarcasticamente. Mas sepultados os seus escassos restos foram: uma lápide de granito no Cemitério de West Hill em Galeton, Pensilvânia, marca o local do sepultamento de Bentley. Ironicamente, a caixa com o rótulo "CREMAÇÃO" na certidão de óbito não estava assinalada. Contudo, apenas num crematório se poderia começar a incinerar um corpo ao nível daquilo que foi recolhido à pá da casa de Bentley.

Deve-se tratar com cautela as declarações feitas em documentos oficiais. Como Gosnell confidenciou: "Toda esta situação foi tratada em grande parte como se não tivesse acontecido. Foi preciso alguém com um interesse especial para pôr as coisas a andar."

Uma Pista Sobre o Que Aconteceu

Então, o que aconteceu de facto ao Dr. John Irving Bentley? Mais de uma dúzia de anos após a sua horrível descoberta, Gosnell ainda era chamado de mentiroso quando descrevia o cenário do incêndio. "Eles simplesmente não compreendem", disse-me ele desalentado. "Sim, gostava de ver isso provado em documentação onde não possa ser contestado!" Gosnell nunca teve motivos para mudar o seu testemunho sobre aquela memorável manhã de Dezembro.

Outros envolvidos na investigação original, contudo, começaram a questionar as suas próprias conclusões anteriores. Dec, por exemplo, deparou-se com outro caso de incineração humana: um acidente de Volkswagen no qual gasolina em chamas foi projetada sobre os seus três jovens ocupantes. O calor do inferno que se seguiu foi tão intenso, recordou Dec, que nenhuma tentativa pôde ser feita para resgatar os rapazes encurralados; as suas queimaduras eram tão graves que ninguém, salvo as mães dos rapazes, conseguiu identificar os corpos carbonizados. No entanto, o corpo severamente queimado de cada vítima ainda era facilmente reconhecível como humano — caixa torácica, braços, pescoço, dentes e crânio intactos e facilmente distinguíveis. Como, intrigava-se Dec agora, tinha o Dr. Bentley passado por uma destruição muito mais dramática sob condições menos catastróficas?

“Eu pensei apenas que o fulano pegou fogo e morreu”, confessou Lindhome sobre os dias seguintes a 5 de Dezembro. “Mas quanto mais pensava nisso”, confidenciou catorze anos mais tarde, “o facto de não haver nada senão um buraco no chão — não se conseguia fazer aquilo mesmo que se embebesse o corpo em gasolina!” Se é que importava de alguma forma, o legista disse-me que nenhuma gasolina fora encontrada. Além disso, o que produziu a névoa etérea de cheiro adocicado em vez do antecipado fumo negro denso e odor nocivo associado a carne queimada? E como é que as tampas de borracha nas pernas do andarilho e a tinta da banheira escaparam a uma labareda tão abrasadora que cortou vigas de carvalho? E porque é que esta labareda não consumiu o resto das madeiras secas da estrutura ou sequer chamuscou o teto por cima, quanto mais o linóleo altamente inflamável?

Para os poucos que conheciam todos os factos e pensavam neles, tornara-se um fogo muitíssimo invulgar. Desafiava a lógica, a razão e a crença, este misterioso arder do Dr. Bentley.

“Em trinta anos”, comentou o agente funerário, “vi muitos fogos de carros, fogos de casas e por aí fora. Nada” — ele fez uma pausa para rir discretamente — “foi bastante como isto. O corpo foi consumido por um calor tão intenso que não poderia ter sido feito intencionalmente mesmo que se tivesse usado gasolina ou algo do género. O facto de o corpo ter queimado o linóleo na forma do corpo e caído através do chão para a cave, e não ter pegado fogo ao linóleo, é difícil de compreender. Foi como se uma bola de fogo tivesse ardido mesmo através do chão!”

Fosse o que fosse que aconteceu, ninguém podia contestar que o corpo envelhecido, frágil e magro de John Irving Bentley, nos seus últimos momentos de vida, tinha de alguma forma perdido toda a resistência ao fogo. Ninguém prestou qualquer atenção na altura a um marechal de incêndios do estado da Pensilvânia que, desconcertantemente, murmurou em voz baixa três palavras simples: “combustão humana espontânea.”

2

A PERGUNTA ARDENTE: QUE DIABOS ESTÁ AQUI A ARDER?

É essencial descobrir se um fenómeno de facto acontece, mesmo que não saibamos como se processa ou porque ocorre, independentemente de a tradição ou a autoridade se oporem. —Lester S. King, M.D. *The Growth of Medical Thought*

Todos concordam que, sob as condições exatas, o feno húmido, as aparas de relva empilhadas, os trapos embebidos em óleo de linhaça, o pó de carvão e certos pós metálicos podem inflamar-se espontaneamente — isto é, inflamar-se devido a ação química, fermentação ou oxidação sem uma faísca ou fogo aberto. Mas o corpo humano?

A combustão humana espontânea (CHE) é o fenómeno e o processo pelo qual uma pessoa arde na ausência de uma fonte externa de fogo convencional e conhecida. A CHE clássica culmina na redução quase total da pessoa a cinzas enquanto os combustíveis circundantes escapam em grande parte sem arder.

Falar de CHE irrita a comunidade científica Newtoniana-Cartesiana hoje em dia. É uma superstição gasta; uma relíquia medieval de raciocínio equivocado; um destino impossível que merece o escárnio, a diatribe e a desmistificação. Hoje, qualquer pessoa que ouse sugerir que um corpo humano pode arder por si só arrisca uma fuzilaria de desprezo científico. O conceito é macabro, com certeza. Horrendo. Inimaginável.

"Não conheço ninguém na nossa unidade que tenha visto algo parecido com a CHE normal", disse-me o investigador de incêndios do Condado de Los Angeles, Dick Moon, em 1995. Ele propôs outro acrónimo: SWAG — um "*scientific wild-assed guess*" [palpite científico saído do rabo]! Ambos nos rimos.

Da mesma forma, o Médico Legista do Condado de King, no Estado de Washington, o Dr. Donald Reay, descartou a CHE ao dizer ao *The Seattle Times* (1 de Abril de 1990) que nunca a vira na sua carreira de dezassete anos: "não há evidência científica ou literatura que apoie que este tipo de combustão espontânea ocorra."

Como poderia ser de outra forma? O fogo mata cerca de cinco mil pessoas nos Estados Unidos todos os anos — cerca de 80 por cento acontecem em casa. A vasta maioria destas fatalidades por incêndio ocorre desnecessariamente, dizem os peritos da Associação Nacional de Proteção contra Incêndios (*National Fire Prevention Association* - NFPA). Cada

Outubro, no aniversário do grande incêndio de Chicago de 1871, a NFPA patrocina a Semana Nacional de Prevenção de Incêndios. Ensina-se às pessoas que a maioria dos incêndios com uma ou duas fatalidades são residenciais; que o uso descuidado de materiais de fumar, maioritariamente cigarros, é a principal causa (32 por cento) de incêndios com uma e duas fatalidades no lar; que cerca de dois terços das mortes por incêndio acontecem entre as 20h00 e as 8h00 da manhã; que a maioria das mortes por incêndio envolve mobiliário ou roupa de cama como carga de combustível; e que muitas destas mortes ocorrem quando o incêndio teve um grande avanço — "mais de 40 minutos antes da descoberta para 38 por cento das mortes", de acordo com o Dr. Louis Derry no *The 1983 Fire Almanac*.

Se algo definido como CHE de facto acontece, há ampla oportunidade, dadas todas estas mortes anuais e todos os esforços educativos da NFPA (e de organizações de combate a incêndios em todo o mundo), para que as pessoas tivessem ouvido falar disso. Para que os bombeiros o tivessem visto. No entanto, em lado nenhum no abrangente *Almanac* da NFPA — a edição de 1983 tem 792 páginas — há menção, estatística ou historicamente, de pessoas que arderam até se tornarem cinzas no meio de ambientes que não arderam.

S. A. Smith e F. S. Fiddes, dois toxicologistas de renome, abordam a ardente questão das pessoas que se auto-inflamam desta forma no seu livro clássico de 1955, *Forensic Medicine: A Textbook for Students and Practitioners*:

A combustão espontânea do corpo humano não pode ocorrer, e nenhum bom propósito será servido ao discuti-la.

A sua declaração inequívoca resume sucintamente o consenso sobre a CHE. A deles é a crença dominante entre as agências que investigam o trauma humano: departamentos de bombeiros e de polícia, biofísica, as especialidades médico-legais de forense e patologia, entre outras. Extremamente raro é o profissional em qualquer uma destas disciplinas que tenha sequer ouvido falar do conceito de uma bola de fogo humana; mais raro ainda encontrar um que não se escarneça imediatamente da ideia.

Não encontrará a CHE listada no *Cumulative Medicus Index*, a bíblia da profissão médica. Não encontrará a CHE na Medine (uma base de dados

informatizada de artigos de medicina geral e forense); o Serviço de Investigação Congressional da Biblioteca do Congresso pesquisou na Medine por CHE em 1988... e obteve zero "resultados".

A classificação de lesões por queimadura não concede estatuto à CHE. As queimaduras de primeiro grau envolvem a vermelhidão da pele; as de segundo grau produzem bolhas, embora os folículos pilosos permaneçam intactos; as de terceiro grau causam perda de pele, cicatrização e danos nos nervos; e as de quarto grau originam a carbonização da pele e dos músculos subjacentes. Seguramente, porém, o caso do Dr. Bentley excede em muito os critérios para uma queimadura de quarto grau!

A descrença na CHE é fácil de compreender. "Que um corpo composto por quatro quintos de água pegue fogo a partir de uma faísca ou chama, e continue a arder até restarem apenas cinzas", remarcou E. Muirhead Little numa carta para o *The Journal* (1905), "é seguramente algo suficientemente incrível sem a maravilha adicionada da espontaneidade..."

Além disso, queimar um corpo supostamente requer quantidades prodigiosas de calor e combustível. Mesmo assim não é tarefa fácil, como incontáveis exemplos ao longo da história podem atestar. A França medieval, por exemplo, refinou o queimar na fogueira até à categoria de arte. Lá, o ajudante de um padeiro em Caen foi considerado culpado de pequeno furto. Para o seu crime — provavelmente roubar um pão — foram necessárias duas grandes carroças de ramos atados para alimentar a sua execução impetuosa. De acordo com o relato de Paris e Fonblanque em *Medical Jurisprudence* (1823), partes do rapaz ainda restavam após dez horas na sua pira de julgamento.

A nacionalidade também não era fator na difícil tarefa de queimar uma pessoa. Citando um exemplo de Inglaterra, Paris e Fonblanque disseram "a extrema incombustibilidade do corpo humano foi exemplificada no caso de uma Sra. King, que tendo sido assassinada por um Estrangeiro, foi depois queimada por ele; mas na execução deste plano ele esteve ocupado durante várias semanas e, apesar de tudo, não teve sucesso na sua conclusão."

Este assassino poderia ter beneficiado da experiência do Dr. Strong, um médico americano do século dezanove que professava "uma

experiência considerável a queimar ou a ver-se livre de restos humanos pelo fogo." Contudo, foi uma tarefa com que até o Dr. Strong suou em mais do que um sentido. Escreveu ele em *A Treatise on Medical Jurisprudence* (1855):

Uma vez em particular, foi-me entregue um pirata pelo Marshal dos Estados Unidos para dissecação; e sendo tempo quente, eu queria ver-me livre da carne e preservar apenas os ossos. Ele era um homem musculado e robusto, e comecei o trabalho numa noite, com uma fogueira de lenha, numa grande lareira à antiga. Construí um fogo vivo e fiquei acordado toda a noite, empilhando a lenha e a carne, e de manhã ainda não a tinha consumido. Tinha medo de uma visita da polícia; e por volta das onze horas eles fizeram-me uma visita, para saber o que causava tal cheiro na rua. Terminei-o, de alguma forma, naquela tarde; mas considero que não é uma operação pequena queimar um corpo.

Mais evidências da quase impermeabilidade do corpo humano ao fogo encontram-se no ritual da Índia Oriental do *suttee* (queima de viúvas), realizado tão recentemente quanto 4 de Setembro de 1987, em Deorala, perto de Jaipur. Uma carga considerável de combustível, a arder durante horas, foi necessária para cremar a viúva — como centenas de anos de história tinham provado que seria. E o legado hediondo deixado pelos crematórios nazis em Auschwitz-Birkenau atesta um milhão de vezes e mais os desafios de queimar um corpo humano; tal como as pessoas queimadas (mas não cremadas) pelo napalm em guerras posteriores. Como Gonzales et al. resumiram em *Legal Medicine, Pathology and Toxicology* (1954), "O corpo não é habitualmente consumido por completo pelo fogo, a menos que a conflagração seja intensa ou prolongada, ou a menos que o corpo seja submetido a uma cremação profissional."

Embora a moderna tecnologia de cremação de facto torne essa tarefa mais fácil, também amplifica as complicações inerentes à queima de um ser humano.

John J. Grenoble, reputado conferencista sobre cremação e antigo operador do crematório do Cemitério de East Harrisburg, explica o que acontece a um corpo dentro de um forno de retorta. "À medida que os jatos de fogo aquecem, o cabelo no cadáver arde rapidamente com uma chama azul, a cabeça inclina-se abruptamente para trás e o corpo tenta efetivamente sentar-se dentro do caixão. Os ossos começam a explodir à

temperatura relativamente baixa de 700-800 graus Fahrenheit, e a cavidade torácica pode abrir-se. O calor que sobe rapidamente torna o corpo avermelhado, a sua pele fica negra e depois racha; a carne carboniza e, em seguida, é oxidada. "O cadáver é tipicamente submetido a 2200 graus durante noventa minutos. Os músculos e os órgãos ardem gradualmente a partir dos ossos, que continuam a estalar em inúmeras pequenas explosões. A temperatura da retorta é então baixada para cerca de 1700 graus e os fragmentos de osso são cozidos por mais uma hora a uma hora e meia", diz Grenoble. Uma cremação normal consome 40 a 45 galões de fuelóleo, acrescentou ele. (Para comparação, os piores incêndios domésticos geram temperaturas que raramente excedem os 1700°F no teto, para onde o calor sobe, e geralmente não ultrapassam os 1200°F — cerca de metade do calor incrível que um crematório gera. A 1800°F, a rocha derrete e flui como xarope quente das entranhas da terra no vulcão Kilauea, no Havai.)

A PERGUNTA ARDENTE:

QUE DIABOS SE ESTÁ A PASSAR AQUI?

Portanto, sob condições consideradas cientificamente ideais para a combustão, nas quais um acelerante (óleo ou gás) está sempre disponível e a tiragem é otimizada, poderiam ser necessárias até quatro horas para maximizar la destruição de um corpo pelo fogo. No entanto, o que sai do forno de retorta não são as proverbiais cinzas e pó, enfatiza Grenoble, mas sim fragmentos do crânio, das vértebras e dos ossos dos membros com até quinze centímetros de comprimento. Fragmentos facilmente identificáveis como humanos.

Ainda mais tórridos do que os crematórios são os fogos de termite. Estes incêndios industriais são tão quentes que as vigas de aço em I derretem, mas os corpos retirados destes holocaustos podem ser identificados. "Se os corpos conseguem sobreviver a um fogo de termite — o fogo mais quente — e permanecer identificáveis como humanos", maravilhou-se o Marechal de Incêndios Klages quando lhe entreguei a fotografia do Dr. Bentley, "então isto [a CHE] é algo de muito diferente!"

O dilema da CHE é imediatamente óbvio: não parece haver forma de o tecido humano em chamas conseguir, por si só, gerar o calor colossal necessário para uma desintegração humana quase total. E, se tais temperaturas elevadas fossem encontradas externamente, os efeitos

certamente não se limitariam ao corpo, deixando intactos os objetos adjacentes e mais facilmente combustíveis. É por isso que é tão difícil compreender a facilidade com que certas pessoas foram, segundo se diz, reduzidas a pilhas de cinzas... e precisamente como o Dr. Bentley foi!

Poderá a SHC Ser Mesmo Real?

Mas a CHE é impossível, não é? A ideia da CHE foi desde há muito descartada pelo racionalismo da ciência moderna como um mito. Caso contrário, existe a desquietante ramificação de que o seu próprio corpo se pode transformar no inimigo. Algo a partir do interior ataca o exterior.

"É evidente que o peso da autoridade não é a favor da combustão espontânea humana. Ninguém com qualquer posição ou autoridade alguma vez viu um caso", declarou Charles M. Tidy no segundo volume do seu *Legal Medicine* (1882).

Doze anos mais tarde, no seu clássico de 1894, *Medical Jurisprudence, Forensic Medicine and Toxicology*, os autores Witthaus e Becker mencionam a CHE "com o único propósito de declarar que não existe nenhuma prova fidedigna da possibilidade de qualquer condição ou resultado do género."

A transportar esta rejeição para o século vinte está o Dr. Gavin Thurston, que desenvolveu um interesse histórico pela CHE enquanto servia como Coronário de Sua Majestade para o Interior de West London, em Inglaterra. Como editor do *The Medico-Legal Journal*, ele reconheceu em 1961 que, embora "possa ocorrer uma combustão extensa do corpo humano com danos mínimos nos objetos circundantes", insistia que se tratava sempre de um caso de combustibilidade sobrenatural (CS). "A combustão não é espontânea", escreveu ele, "mas sim iniciada por uma fonte externa de calor."

Em 1976, para o livro de Michael Harrison, *Fire from Heaven*, o Dr. Thurston rejeitou novamente a CHE. Uma vez tornado isto inequivocamente claro, tudo o que resta fazer, então, é encontrar o "fogo externo" que superaqueceu o Dr. Bentley além da capacidade de um crematório.

Como vimos, o cenário de que o médico de noventa e dois anos acidentalmente incendiou o seu roupão no seu quarto/sala de estar, e depois

coxeou com o seu andarilho durante cinco minutos para alcançar um jarro de água na casa de banho, sucumbe à análise em vários pontos. As provas apoiam melhor um cenário não considerado por outros na altura: o de que o Dr. Bentley foi envolto pelo fogo *in situ* enquanto estava de pé na sua casa de banho. Contudo, nenhum aquecedor — a gás ou elétrico — estava na casa de banho, de acordo com o Pastor Lewis, e o aquecedor no seu quarto/sala de estar não tinha avariado. Então, onde está o "fogo externo" exigido por Thurston que seja compatível com os factos que envolvem o buraco na casa de banho do Dr. Bentley? Mesmo invocar a combustão espontânea dos fósforos que alegadamente estavam no seu bolso falha em resolver a meticulosidade do seu arder. Talvez haja mérito no conceito de combustão humana espontânea, afinal de contas. Mas quanto mérito?

A Desvendar a Tapeçaria Histórica da SHC

As provas de pessoas que se auto-inflamam traçam um trilho sinuoso, muitas vezes retorcido, ao longo dos últimos quinhentos anos da experiência humana, e podem estender-se até ao próprio limite dos tempos, onde as névoas da memória registada se perdem na pré-história. A sua exploração envolveu algumas das melhores mentes médicas do mundo numa controvérsia amarga e promete ser uma das aventuras humanas mais provocadoras e profundas já empreendidas. Na busca do conhecimento, deve-se ser cético, sim; mas o ceticismo não deve ser tão forte que haja uma negação generalizada da situação.

O cronista do Renascimento Thomas H. Bartholini descreve no seu extraordinariamente raro opúsculo de 1654, *Historiarum Anatomicarum Rariorum*, um risco enfrentado por alguns infelizes medievais: a situação de consumidores de vinho que se incendiavam internamente. Apresento as próprias palavras de Bartholini, traduzidas provavelmente pela primeira vez na história a partir do latim arcaico original, tal como apareceram no seu *Historiarum*, Centúrias I e II, capítulo 70, intitulado "Flamas do Ventre":

Despertar um fogo no ventre devido à inalação excessiva de espíritos de vinho [isto é, beber demasiado vinho] não é alheio nem à razão nem à experiência. Médicos de Lyon, na confluência dos rios Saône e Ródano, ao estudarem o cadáver de uma certa mulher para determinar a causa da morte, relatam que uma chama enorme, preenchendo toda a cavidade abdominal ao redor, irrompeu mas foi rapidamente extinta. Um relato foi escrito para Renatus Moraum, o mais glorioso dos eruditos parisienses, de

cujo grande homem tenho este relatório. A causa da chama acreditava-se [ser] o vinho frequentemente engolido por aquela mulher, ou uma água Theriacus* bastante quente, que as pessoas doentes tomam por ordem dos médicos.

Um cavaleiro, Polonus, durante o tempo da boa rainha Bona Sforza, tendo consumido duas conchas de vinho forte, vomitou uma chama e foi, logo em seguida, totalmente consumido, de acordo com um relatório dos seus pais, o Sr. e a Sra. Eberhard Vorstius. O filho mais velho do idoso pai, que vive em Leiden, narrou-me o relato. Uma declaração ao Senado Académico de Copenhague menciona um caso semelhante.

Primeiro: uma francesa anónima nas proximidades de Lyon, morta por um fogo que emanou das suas entranhas algures antes de 1654. Segundo: o lançador de fogo humano chamado Polonus Vorstius, "consumido" por uma halitose infernal algures durante o período de 1468-1476, quando a Rainha Sforza reinava. (Embora outros tenham mencionado o incidente, até agora ninguém tinha identificado a vítima pelo nome desde que Bartholini publicou o seu obscuro relatório.)

Como Bartholini indica, o Senado Académico de Copenhague já tinha em arquivo outro incidente antigo de alguém que eructou fogo à maneira de Polonus e foi consumido. Dois casos de bebedores que vomitaram chamas, sem qualquer menção a uma fonte de ignição externa. Ambos associados ao consumo de álcool. (No caso de Polonus, Bartholini viria mais tarde a citar especificamente o "vinho de brande" como o culpado.)

Aparentemente, contudo, este destino bizarro não era assim tão incomum em meados do segundo milénio. Deve ter-se tornado suficientemente galopante por volta do século dezasseis ao ponto de homens doutos no Conselho da Universidade de Copenhague se reunirem efetivamente para decidir se era possível alguém beber até à morte sem que brotassem chamas da garganta para carbonizar os lábios e o corpo!

* *Um antídoto para picadas venenosas.*

Em Chamas!

Acredito ter identificado este incidente que o Conselho discutiu há mais de 300 anos. Foi a morte de Peter Petraeus de Houff, que alegadamente "conseguiu ser consumido por chamas devido à ingestão de

vinho, quando nenhumas chamas estavam presentes nas mandíbulas." Disseram que a informação vaga que lhes foi fornecida não provava nem desmentia "que chamas tivessem sido produzidas a partir das suas mandíbulas, quer rachando quer consumindo os lábios." Também não sabiam a sua idade, o seu temperamento, os seus hábitos de bebida, a sua saúde. "Portanto, fomos incapazes de determinar o que quer que fosse com certeza neste caso", declarou o Conselho no *Actum Kjobenhaffn aff Consistorio* da Universidade (14 de Dezembro de 1635). Bartholini repetiu o veredicto inconclusivo deles no seu *Cista Medica Hafniensis* de 1662 — que se traduz como *Uma Arca Médica de Copenhague*.

O pregador John Hilliard não expressou qualquer ambiguidade no seu panfleto de 1613, *Fire from Heauen* [sic], cuja raridade só é rivalizada pelo seu tema excecional. Contou a história de um terrível arder que começou a 26 de Junho de 1613, em Christchurch, no Canal da Mancha. O arder era dentro de John Hittchell. E dentro dele continuou, escreveu o panfletário na ortografia da sua época, até Hittchell "ser consumido até às cinzas, e nenhum fogo visto, jazendo ali a fumegar e a sufocar durante três dias e três noites, sem ser extinto por água, nem pela ajuda da mão do homem." Foi, confessou o pregador, uma coisa estranha "como nunca se vira nem ouvira falar de outra igual." Supõe-se que o relâmpago tenha sido a causa, mas disso não é apresentada qualquer prova.

E em 1644, o abdómen de uma mulher anónima de Lyon cuspiu fogo, atestaram testemunhas e médicos no tempo de Moraum.*

Entretanto, a notícia sobre a situação debatida entre os doutos de Copenhague não deve ter chegado a dois nobres alemães na Curlândia,† onde uma noite, por volta de 1653, se envolveram um com o outro e com um terceiro conhecido numa jornada de bebida. Revelou-se fatal. O *German Ephemerides* de Sturmius (1670) registou que, a meio da ingestão de licor forte, "dois deles morreram... queimados e sufocados por uma chama que se forçou a sair do estômago." Incidencialmente, Sturmius acreditava que tais dores de estômago abrasadoras eram predominantes apenas "nos países mais a norte." Tornou-se assim o primeiro a sugerir um aspeto geográfico e/ou étnico para estas inflamações enigmáticas.

A seguir, em 1662, uma "*arme frau*" — uma mulher pobre — morreu num incêndio localizado que reduziu a mulher necessitada e nada mais a cinzas na sua casa em Paris.

** No Ancient Journal de Médecine (1786), um Dr. René Moreau cita o caso de 1644 do arder anómalo de uma mulher de Lyon. Como Moraum é provavelmente o Dr. Moreau latinizado, podemos datar o incidente de Bartholin, de outro modo vago, com razoável confiança. † Cf. Rolli (1745) e Knott (1905), onde a grafia é Curland.*

"A PERGUNTA ARDENTE: QUE RAIO SE ESTÁ A PASSAR AQUI?

No *Collection Academique (Actes de Copenhague)* para 1671-1672, o Professor Mathiaeus Jacobaeus descreveu a morte de uma mulher da classe baixa que, nos seus últimos três anos, tinha consumido álcool "ao ponto de não ingerir qualquer outro alimento." Sentou-se uma noite numa cadeira de palha para dormir e, durante a noite, "foi consumida juntamente com a sua cadeira por um fogo interno" a um ponto em que "apenas o seu crânio e as articulações extremas dos seus dedos foram encontrados; todo o resto foi reduzido a cinzas."

Claramente, o caso de Jacobaeus precede 1672. Suspeito fortemente que ele se refira à pobre parisiense de 1662* mencionada anteriormente, pois no ano seguinte Bartholini (sogro de Jacobaeus) republicou o caso no seu próprio *Acta Medica et Philosophica Hafniensia* (1673). Daí a alegação padrão por parte de outros que escreveram sobre CHE: o destino desta infeliz parisiense rendeu-lhe a distinção pós-morte como a mais antiga morte definível como combustão humana espontânea clássica a ser registada num documento médico. Defendo, em vez disso, que Polonus Vorstius merece a honra, se assim se lhe puder chamar, de ser a primeira morte por CHE clinicamente documentada — precedendo a pobre parisiense em dezanove anos quando Bartholini registou o seu aviso de falecimento no *Historiarum Anatomicarum Rariorum*, ele próprio uma rara história sobre eventos médicos.

MADAME MILLET: A Mulher do Estalajadeiro Entra em Combustão

Meio século decorreria antes que este anómalo destino fogoso reentrasse na história registada. Desta vez o nome da mulher é conhecido, e dois médicos testemunharam o seu estranho fim.

Na noite da segunda-feira de Pentecostes de 1725, Jean Millet foi para a cama com a sua esposa por volta das oito horas. O dia seguinte seria

muito preenchido para Millet, o estalajadeiro do Le Lion d'Or em Rheims, e para a sua megera e dada à bebida esposa, a Madame Nicole Millet. O Monsieur Millet não ficou desapontado nem preocupado quando a sua esposa, incapaz de dormir, se levantou e foi para a cozinha, onde ele pensou que ela estaria novamente a aquecer-se externamente junto à lareira e internamente com água-ardente.

Por volta das duas horas da manhã, um odor estranho vindo da cozinha invadiu o hotel. Millet saltou da cama e gritou o temido alarme que todos os hóspedes receiam: Fogo! Entre os que acordaram estava Claude Nicolas LeCat (1700-1768), um cirurgião aprendiz que rapidamente seguiu o seu nariz e a sua curiosidade. O "odor infecioso", como LeCat o descreveu, conduziu-o até à cozinha. Lá, o que todos encontraram a arder não foi a estalagem do estalajadeiro, mas sim a esposa do estalajadeiro!

Esta descoberta inesperada afetou profundamente LeCat. Aqui estão as suas próprias palavras a descrever a cena, traduzidas diretamente do seu raro *Memoire postume sure les incendie spontanes de l'economie animale*:

Esta mulher foi encontrada consumida no dia 20 de Fevereiro de 1725, à distância de um pé e meio da lareira da sua cozinha. Apenas uma parte da cabeça, com uma porção das extremidades inferiores e algumas das vértebras, tinha escapado à combustão. Um pé e meio do soalho sob o corpo tinha sido consumido, mas uma amassadeira e uma tina de salga, que estavam muito perto do corpo, não sofreram qualquer dano. O M. Chretien, um cirurgião, examinou os restos do corpo com toda a formalidade judicial.

Havia pouco — ou nenhum — fumo na cozinha que impedisse a visualização desta cena macabra. LeCat viu claramente que o corpo da mulher embriagada se tinha desintegrado quase na totalidade, incluindo parte do seu crânio, sem queimar o mobiliário de madeira adjacente. Quanto à causa da morte da Mme. Millet, LeCat é igualmente claro: foi, declarou ele sem hesitação, morte "por visitação de Deus" — combustão humana espontânea.

** Este caso é citado por Le Nouveau phosphore enflammé de Henry Bohanser e atribuído a 1671 ou 1672; pela Gazette salutaire (1767); pelas Reflexions de Pierquin (1829); por Devergie (1852); por várias outras compilações antigas. O London Mirror e Lair (1812) estão entre as muitas referências que erroneamente (e impossivelmente) o atribuem a 1692. Lair*

agrava o seu erro ao duplicá-lo como um segundo caso (cf. 162 e 165). Tal é a confusão ao ordenar alguns destes episódios antigos.

A Combustão da Condessa Bandi

Esta aura de inicial respeitabilidade médica para a CHE falhou em convencer muitos peritos médico-legais posteriores, contudo. "A maioria dos casos", queixou-se C. M. Tidy no seu livro de 1882, *Legal Medicine*, "peca por uma falta de precisão, ou por uma credulidade evidente por parte daqueles que os relatam." Isso era verdade demasiadas vezes, infelizmente. O Dr. LeCat, que veio a distinguir-se na medicina como "o mais renomado litotomista em França" e nunca, tanto quanto se possa determinar, revogou a sua conclusão sobre a morte da Mme. Millet, não deve ser acusado de "credulidade evidente" — um eufemismo polido para a acusação atual de extrema ingenuidade. Nem este caso foi desprovido de precisão. Um tribunal francês teve provas suficientes para ilibar Jean Millet de violência doméstica fatal e emitir um veredicto a favor da combustão humana espontânea.

A queixa de Tidy sobre a falta de precisão nas provas para a CHE aplica-se, contudo, ao curioso destino do Duque Antonio Ferdinando, um "abstemista" da zona de Guastalla, Itália. A sua morte pela administração de álcool tinha sido prevista para 19 de Abril de 1729, mas o duque não sucumbiu nesse dia ao excesso de indulgência. Em vez disso, de acordo com o *Ripley's Believe It or Not* (16.ª Série), quando mais tarde o seu corpo estava a ser friccionado com álcool, ele pegou fogo e morreu queimado. Acredite ou não...

O Rev. Giuseppe Bianchini, um prebendado da Igreja Católica em Verona, Itália, acreditou. Acreditou em algo comparavelmente estranho. Numa carta a Ottolini e na sua inovadora *Dissertazione epistolare istorico-filosofica*, Bianchini detalhou detalhadamente a morte não natural da Condessa Cornelia Zangari e Bandi, que aconteceu a 14 de Março de 1731.

Aos sessenta e dois anos, Cornelia Bandi vivia confortavelmente e com boa saúde em Cesena, uma cidade perto do Mar Adriático, no centro-este de Itália. Nesta noite de Março, enquanto jantava, sentiu uma sonolência "baixa e pesada" e retirou-se para a sua câmara de dormir, acompanhada pela sua criada. Após três horas de conversa e oração, a

Condessa adormeceu. A sua criada correu silenciosamente as cortinas da cama e fechou a porta atrás de si.

Na manhã seguinte, a criada entrou na câmara de dormir com uma saudação alegre e, sem dúvida — tal como Don Gosnell mais de dois séculos mais tarde —, desejou para sempre, a partir de então, não o ter feito. De acordo com Bianchini, a quatro pés da cama da Condessa jazia "um monte de cinzas, duas pernas intactas do pé ao joelho, com as suas meias calçadas; entre elas estava a cabeça da senhora, cujos cérebros, metade da parte posterior do crânio e todo o queixo tinham sido reduzidos a cinzas, entre as quais foram encontrados três dedos, enegrecidos; todo o resto eram cinzas, as quais tinham esta qualidade particular, que deixavam na mão, quando recolhidas, uma humidade gordurosa e fétida."

A fuligem pairava no ar e agarrava-se a uma lâmpada de óleo vazia no chão. Os castiçais sobre uma mesa permaneciam direitos, com as suas mechas caídas e desprovidos de sebo. Os lençóis e cobertores da sua cama estavam — à exceção de uma película de "fuligem húmida e de cor cinzenta" — intactos. Por todo o lado, a fuligem "penetrou nas cómodas de gavetas ao ponto de sujar os linhos" e "estava pendurada nas paredes, móveis e utensílios." Sobre a divisão acima da câmara de dormir da Condessa, Bianchini escreveu "que da parte inferior das janelas escorria um líquido gorduroso, repugnante e amarelado, e por ali cheirava a um fedor sem se saber de quê."

O que se abateu sobre esta desafortunada condessa numa bela noite italiana? "É impossível que, por qualquer acidente, a lâmpada pudesse ter causado tal conflagração", remarcou o membro da Royal Society, Paul Rolli, ao traduzir o relato de Bianchini para as *Philosophical Transactions of the Royal Society of London* (1745). "Não há margem para supor qualquer causa sobrenatural", concluiu ele também sobre a conflagração que se limitou singularmente à condessa. Rolli acreditava que a causa "mais provável" era um relâmpago — que pode conter 100 milhões de volts de eletricidade e aquecer o ar no seu trajeto acima de 60.000°F. Mas nenhuma trovoada tinha ecoado sobre Cesena naquela noite; nem se conhece que os relâmpagos reduzam a cinzas os seus alvos humanos.

Tendo avaliado todas as provas, Bianchini concluiu — com perspicácia — que a Condessa Bandi "ardeu até às cinzas enquanto estava de pé, uma vez que o seu crânio tinha caído perpendicularmente entre as

suas pernas; e que a parte posterior da sua cabeça tinha sido mais danificada do que a parte frontal." Talvez ela se tivesse levantado para regurgitar o jantar, do qual se queixara que a deixara tonta... e, em vez disso, deitou fora chamas que depois lhe devoraram o corpo inteiro. Ninguém chamou à Condessa consumidora de licores espirituosos, um fator tão prevalecente nestes primeiros infernos humanos que finalmente começou a ser notado. Na verdade, ela nunca bebia álcool.

O licor foi implicado, apesar de tudo. O Marquês Scipio Maffei, que verificou o relato de Bianchini, relatou como os habitantes da cidade sussurravam que a Condessa "estava habituada a banhar todo o seu corpo em espírito de vinho canforado". Afirmou Maffei no *Journal de Medecine* (vol. 26): "O uso desta droga é uma das causas deste fenómeno."

Um Caso Esquecido de Auto-Combustão Volta à Tona

Maffei pensou que tinha resolvido os estranhos arderes da Condessa Bandi e de outros antes dela, embora tenha falhado em explicar como uma película de álcool na pele de alguém poderia incinerar de tal forma o banhista! A sua "solução" falharia em resolver outro caso em 1731, semelhante ao da Condessa Bandi. O cirurgião espanhol Dr. Pierquin escreveu sobre um caso curioso que leu no jornal suíço *Journal d'Yverdon* (Dezembro de 1731). É um caso tão diferente dos seus antecessores como o vapor é para o gelo; no entanto, é o mesmo. Aqui, pela primeira vez, este caso esquecido foi recuperado da sua fonte obscura e traduzido para inglês.

A 10 de Novembro de 1731, um incêndio feroz mas localizado assolou uma mulher de sessenta e oito anos em Vitry, uma aldeia remota em Haute-Saône, França. A mulher, que vivia sozinha, caiu e bateu com a cabeça na lareira, a qual tinha "um pouco de fogo nela", dizia o *Journal*. A notícia da sua morte espalhou-se como um fogo selvagem no dia seguinte, quando os vizinhos descobriram que "o seu corpo, embora reduzido a cinzas, parecia ao princípio estar bastante inteiro. Notavam-se surpreendentemente as dobras do seu vestido, sobre o qual o seu braço direito e dedos eram como tições.* Ao tocar-lhes, não se encontrava mais do que cinzas; todos os ossos, mesmo os maiores, estavam consumidos."

A cabeça da mulher, que jazia diretamente sobre a lareira e, portanto, mais próxima do calor de quaisquer chamas ali presentes, foi "onde o fogo parou" — deixando a língua intacta! "Relativamente às pernas", disse

Pierquin, “o fogo tinha perdido a sua atividade em direção ao meio da perna direita, e não tinha de forma alguma queimado a meia.” Não há qualquer menção a álcool.

Apesar do interesse generalizado dos habitantes locais, o episódio escapou à atenção de todos os médicos até Pierquin. E de toda a gente desde então, até agora! Talvez mais ninguém quisesse arriscar ser associado a uma história tão bizarra de uma senhora queimada até ao pó entre o queixo e o joelho direito; queimada até ao pó onde não estava em contacto com nenhumas chamas externas provadas; queimada até ao pó dentro das suas roupas não queimadas. O destino de dar a volta à cabeça da francesa de Vitry não é único, contudo.

A Espantosa Grace de Ipswich

A família Pett, se alguém lhes tivesse perguntado, provavelmente ter-se-ia escarnecido de um destino tão desconcertante para quem quer que fosse... até acordarem uma manhã em 1744 para se encontrarem reduzidos em número por um elemento. Precisamente, a redução foi na Sra. Pett. Literalmente.

Grace Pett, com cerca de sessenta anos de idade, dizia-se ser apreciadora de gin, sem dúvida pelo alívio que este oferecia aos seus anos empobrecidos como esposa de um pescador pobre em Ipswich, Sussex, Inglaterra. A sua vida de classe baixa ter-se-ia perdido para a história, engolida entre as vidas banais das massas, não fosse a forma notável como abdicou dela. “Na manhã de terça-feira, uma mulher na paróquia de St. Clement foi encontrada morta queimada na sua própria casa”, anunciou a edição de sábado do *The Ipswich Journal* (14 de Abril de 1744). O jornal aludia a “várias circunstâncias extraordinárias”, mas não as detalhava. Não seria a última vez que um editor consideraria uma história noticiosa sobre CHE demasiado quente para ser manuseada.

Felizmente, as prestigiadas *Philosophical Transactions of the Royal Society of Great Britain* (1744-1745) recuperaram Grace Pett da obscuridade e deram-lhe imortalidade histórica. “Na noite de 9 de Abril de 1744”, diziam as *Transactions*, “ela levantou-se da cama como habitualmente. A sua filha, que dormia com ela, não se apercebeu de que ela estava ausente até à manhã seguinte quando acordou, logo após o que vestiu as suas roupas e, descendo à cozinha, encontrou a sua mãe estendida

sobre o lado direito, com a cabeça perto da grelha; o corpo estendido na lareira, com as pernas no chão, que era de pinho, tendo a aparência de um tronco de madeira, consumido por um fogo sem chama aparente.

"Ao contemplar este espetáculo", continuavam as *Transactions*, "a rapariga correu com grande pressa e verteu sobre o corpo da mãe alguma água contida em dois grandes vasos a fim de extinguir o fogo; enquanto o odor fétido e o fumo que exalavam do corpo quase sufocavam alguns dos vizinhos que tinham acorrido em auxílio da rapariga. O tronco estava de certa forma incinerado, e assemelhava-se a um monte de brasas cobertas com cinzas brancas. A cabeça, os braços, as pernas e as coxas também tinham participado no arder."

Uma velha mulher que "tinha bebido uma grande quantidade de licor espirituoso" tinha ardido de uma forma que os eruditos da Royal Society consideraram digna de menção. "Não havia fogo na grelha", disse a Royal Society àqueles que alegavam que ela tropeçara e caíra nas chamas rugientes da lareira. Contudo, perto do corpo consumido jaziam "as roupas de uma criança e um biombo de papel, que não sofreram qualquer dano do fogo." A Royal Society enfrentou este dilema com silêncio, e terminou o seu relato.

No entanto, o editor das *Transactions* excluiu muitos factos fascinantes sobre a senhora que se tinha tornado o assunto de Ipswich. Um Sr. R. Love esteve presente no inquérito do legista "sobre a velha mulher que ardeu", e a sua carta para a Royal Society declarava que o fogo ocorreu entre as 22h00 e as 6h00 da manhã, e deixou muito pouco da sua vítima [a grafia e a pontuação correspondem ao original]:

Os pés e a parte inferior das pernas não arderam... as meias nas partes restantes, não chamuscadas; muito pouco das partes das pernas que arderam jazia no chão de madeira, o resto do corpo numa lareira de tijolo na chaminé; parte da cabeça não ardeu, um corpo de fogo no seu peito de manhã encontrado, que foi apagado com água, o seu osso principalmente calcinado e o todo de tal forma reduzido a cinzas que foi colocado no caixão com uma pá...

Love acrescentou que, ao contrário dos relatos populares, a Sra. Pett "não estava sob o efeito do álcool nem era viciada em beber gin." Todos concordaram neste ponto: nenhuns combustíveis circundantes alimentaram

as chamas ferozes que carbonizaram a Sra. Pett, exceto o seu vestido de algodão. Tão isolado foi este incêndio que o Rev. Notcutt de Ipswich e um Sr. Gibbons (que entrevistaram a filha da vítima e dois pensionistas) disseram à Sociedade que mesmo o chão de pinho por baixo da vítima "não estava chamuscado nem descolorado." Acrescentaram que uma película gordurosa "impossível de ser lavada" cobria a lareira onde ela ardera.

Os paralelismos com o arder da Condessa Bandi são surpreendentes, com uma diferença. A Sra. Pett foi vista em chamas. Um Sr. B. informou a obscura *Ipswich Magazine* (1799) "que alguns carpinteiros navais que iam para o trabalho por volta das cinco horas da manhã viram uma grande luz na sala, arrombaram-na e encontraram-na numa labareda: conseguiram então algumas bacias de água de uma bomba que estava perto da porta, na rua; ao atirá-la sobre o corpo, esta fez o mesmo sibilar como se atirada sobre ferro em brasa." Talvez a labareda sibilante que extinguiram estivesse a arder desde as oito horas da noite anterior. Ou talvez tivesse começado precisamente quando eles passavam a caminhar.

Que força temível se abateu sobre esta pobre esposa de um vendedor de peixe a 10 de Abril de 1744, que a transformou da noite para o dia (ou mais rápido) numa "grande luz" e pulverizou de tal forma o seu corpo que este teve de ser recolhido à pá como brasas gastas? O júri do legista não sabia. Os membros da Royal Society também não conseguiram explicar.

A Evidência Acumula-se

Noutra casa não chamuscada no ano seguinte, 1745, uma mulher não identificada foi descoberta totalmente consumida pelo fogo "exceto uma parte da cabeça e dos membros." Ela, segundo LeCat, que (recorde-se) vinte anos antes investigara pessoalmente a estranha combustão da Madame Millet, foi igualmente encontrada numa lareira — sem menção de haver qualquer fogo dentro dela. Ela também, dizia o *Journal of the American Temperance Union* (1837), era "habitualmente ébria."

Na pequena cidade francesa de Plerquér, em ou por volta de 7 de Fevereiro de 1749, a Madame de Boiseon transformou-se num corpo de fogo em poucos minutos e morreu. O fogo consumidor veio como um diabo incógnito e partiu como um ladrão na noite. Nenhum vislumbre suave foi visto a brincar sobre o seu corpo embebido em álcool como as chamas graciosas que dançam sobre o pudim de Natal. A combustão

começou suavemente algures na sua gordura — a cadeira na qual ardeu estava ela própria apenas ligeiramente chamuscada — e abriu caminho até às suas extremidades como o fogo progride através do algodão em brasa. Exceto que, aqui, o resultado da transição por chama ímpia foi potassa inanimada.

O fogo deixou para trás pouco mais do que uma má reputação para o padre francês Boinneau ponderar enquanto confiava ao papel os seus pensamentos sobre o destino desta mulher de oitenta anos, uma carta que LeCat referenciou no seu *Memoire*. Teria sido por um "ato de Deus" ou por meios menos divinos que ela morreu?

E algures pouco antes de 22 de Fevereiro de 1749, uma mulher de Dinan, no noroeste de França, ardeu fora das portas da cidade "sob circunstâncias muito semelhantes" às da Madame de Boiseon. Assim relatou Boinneau numa carta a LeCat. Se este caso é distinto de de Boiseon, como os estudiosos de CHE do século dezanove Pierre-Aimé Lair e Marie Devergie alegavam, as semelhanças e a proximidade são impressionantes.

À medida que o século dezoito se aproximava do seu ponto médio, os homens da medicina enfrentavam um corpo crescente de provas para as quais não tinham cura. E nenhuma explicação. Um mistério digno de desafiar qualquer Sherlock Holmes da medicina. Essa prova — observada pelos Drs. Chretien e LeCat, descrita por Bartholini e Bianchini e pelo Dr. Pierquin, e relatada em testemunhos perante um inquérito de legista e também à augusta Royal Society — sugeria uma possibilidade desquietante: a de que as pessoas, especialmente as mulheres, podiam de facto sofrer combustão espontânea. Mas como?

2

Pela Visitação de Deus» Foi Assim que Morreram?

Na história natural, bem como na civil, apresentam-se factos à meditação do observador que, embora confirmados pelo testemunho mais convincente, parecem à primeira vista desprovidos de probabilidade. Deste género é o das pessoas consumidas por entrarem em contacto com o fogo comum, e de os seus corpos serem reduzidos a cinzas. —Pierre-Aimé Lair, *On the Combustion of the Human Body* (1808)

“Por visitação de Deus” deixou Nicole Millet este mundo, declarou LeCat aquando da sua passagem em 1725. À medida que a segunda metade dos anos 1700 se desenrolava, o desfile de pessoas completamente — bem, quase completamente — incineradas continuava a aumentar em número. A intervenção divina e o álcool tornaram-se o seu tema de marcha.

Na véspera de Ano Novo de 1770, Hannah Bradshaw, já intoxicada pelas festividades da época e pelo álcool, desfez-se em pó no seu apartamento na cidade de Nova Iorque. Uma característica especial do seu falecimento será discutida mais tarde.

A viúva Mary Clues viveu dois anos e dois meses além de Hannah Bradshaw antes de encontrar o seu próprio holocausto pessoal em Coventry, Inglaterra. Durante grande parte deste período, ela bebia diariamente “pelo menos meio quartilho de rum ou água de anis.” Não surpreendentemente, a sua saúde declinou gradualmente; depois, a dada altura durante a madrugada de 1 de Março de 1773, os seus problemas de saúde terminaram abruptamente.

Às 5h30 da manhã, saía fumo da janela da viúva. Vizinhos alarmados na Gosford Street arrombaram rapidamente a sua porta trancada e extinguiram a pequena chama que viram com igual rapidez. No chão, entre a sua cama e a lareira (uma distância de apenas três pés), jazia a Sra. Clues, calcined com uma “eflorescência esbranquiçada” sobre a única perna e coxa que restavam do seu corpo de cinquenta anos. Assim observou o eminente cirurgião Dr. Wilmer, quando visitou a cena duas horas mais tarde.

No *Annual Register* de 1773, ele disse que “nada exceto o corpo exibia quaisquer vestígios fortes de fogo” — nem sequer a sua cama de penas e as roupas próximas tinham ardido! Diante do incompreensível — que acontecera em não mais de seis horas —, o Dr. Wilmer talvez se tenha perguntado se o álcool ou a visitação de Deus tinham jogado a cartada final na visão macabra que agora se apresentava diante dos seus olhos.

(In 1829, o Dr. Thomas Newell teria algo a dizer sobre o álcool e a morte de Mary Clues de Coventry, depois de ele próprio se deparar com uma incineração humana ainda mais completa. Citando o Dr. Newell do *Midland Medical and Surgical Reporter* de Maio de 1829: “No caso de Coventry, bem como em alguns outros, é verdade que os sujeitos tinham o

hábito de beber uma grande quantidade de espírito; mas se esta circunstância fosse capaz de tornar o corpo suscetível de combustão espontânea, em vez de ser uma ocorrência tão rara, deveríamos ter exemplos disso todos os dias.")

Três anos depois de Mary Clues, em 1776, uma visão ainda mais macabra atingiu um homem de Deus. O padre Gio Maria Bertholi entrou na sua cela em Fivizzano, Itália, para ler o seu livro de orações antes de se recolher numa noite. Poucos minutos depois, gritos e chamas interromperam a solitude do mosteiro. Ambos vinham do padre.

O cirurgião Battaglia acorreu e encontrou Bertholi estirado no chão, rodeado por uma chama autolimitada, que recuava quando se aproximavam até finalmente desaparecer. O padre explicou a Battaglia que "um golpe agudo" tinha atingido a sua mão direita e, ao mesmo tempo, uma chama azulada pálida atacou a sua camisa, que foi imediatamente reduzida a cinzas (exceto os punhos). O seu hábito de saco por baixo dizia o *London Medical and Surgical Journal* (25 de Novembro de 1837) não ter sido afetado. Embora nem um único cabelo da sua cabeça estivesse queimado, o seu barrete foi inteiramente consumido. Bertholi insistia que não houvera fogo na sala até àquele momento.

A pele de Bertholi subsequentemente descolou-se da carne e pendia do seu corpo em farrapos, e as "unhas da sua mão esquerda separaram-se" das pontas dos dedos. Ele viveu estoicamente por quatro dias agonizantes, queixando-se apenas de uma "sede ardente". Se o padre alguma vez obteve uma explicação para a sua chama autolimitada, esta veio na vida do além.

Em Fevereiro de 1779, Marie-Anne Jauffret de Aix-en-Provence, France, imitou sem saber Mary Clues quando subitamente também se transformou em cinzas. Corpulenta e viciada em álcool, a Madame Jauffret queimou apenas uma cadeira e a si própria. Tudo o que restou identificável como humano foi o seu crânio, uma mão e um pé. O cirurgião Roccas testemunhou que ela realizou isto em não mais de obter horas numa sala que não tinha fogo na lareira, conforme relatado por Muraire ao *Journal de Médecine* (1783).

A França perdeu muitos dos seus cidadãos para a perturbação da revolução na oitava década do século dezoito. Mais alguns foram perdidos para a perturbação causada pelo fogo interior.

Em 1780 ou 1781, uma mulher em Caen, na casa dos seus sessenta anos, que bebia e se banhava em álcool, morreu numa revolução muito pessoal que começou dentro do seu próprio corpo. Numa era em que as pessoas estavam (muito literalmente) a perder as cabeças, esta francesa deixou para trás apenas a sua cabeça e dois pés numa sala sem outros danos a não ser uma gordura oleosa que cobria tudo em redor do seu corpo, de resto desaparecido. Disse Louis Valentin no seu relatório a Foderé: "ela era uma pilha muito pequena de cinzas."

Caen, uma cidade um pouco para o interior a partir do Canal da Mancha, no noroeste de França, acolheu outra "visitação divina" em 1782. A Mademoiselle Thuars, uma sexagenária "excessivamente corpulenta", era igualmente viciada em licores espirituosos. A 3 de Junho, a Miss Thuars ardeu ainda mais minuciosamente do que a sua predecessora em Caen. Apenas os seus pés e sete ossos do seu corpo permaneceram identificáveis, disse Merille, um cirurgião que examinou a cena e relatou as suas descobertas aos oficiais do rei e ao *Journal de Médecine* (1783). Ossos, escreveu ele, que facilmente "se tornavam pó à menor pressão." O seu foot direito "foi encontrado inteiro", decepado pela chama no tornozelo; "o esquerdo estava mais queimado." Merille notou também que a combustão tivera de ocorrer "em menos de sete horas" numa sala que, como já seria de antecipar a esta altura, exibia danos mínimos de fogo. A cadeira na qual Thuars se sentara, observou ele, estava "absolutamente intacta." Mesmo os gravetos na lareira estavam apenas "pouco queimados."

Falando da lareira, tão frequentemente culpada nestes apuros inflamatórios, Merille notou que, embora um fragmento da cabeça de Thuars descansasse contra um dos trempes, foi a sua anatomia mais afastada da grelha que (excetuando os pés) ardeu até não ser "nada mais do que uma massa de cinzas." A gordura e a água-ardente, se assim nos podemos exprimir, estavam a estabelecer-se como uma combinação potentemente incendiária (e fatal).

Algures antes de 1796, o fogo pousou brevemente sobre Capel, Inglaterra. O artista local John Constable anexou esta nota a um dos seus esboços: "Circunstâncias curiosas aconteceram nesta cabana há uns anos, tendo uma pobre mulher sido queimada inteiramente até às cinzas." Lamentavelmente, o resto da sua nota não é clara, pelo que nunca saberemos se esta indigente em Capel tentou afogar a dor da pobreza no

álcool. Intrigantemente, Capel não fica longe de Ipswich onde, recordar-se-á, a bêbada Grace Pett em 1744 foi "de tal forma reduzida a cinzas que foi colocada no caixão com uma pá..."

De volta através do Canal outra vez, encontro um caso de possível interesse de 1799 na *Revue Médicale*. Um homem, provavelmente francês, sucumbiu a uma combustão "incompleta" em resultado do abuso do álcool, especificamente brande. Queria a *Revue* dizer incompleta no sentido de que apenas um pé ou uma mão ou uma cabeça restavam no meio de uma pilha de cinzas numa cadeira de madeira não queimada, ou que o consumidor morreu de queimaduras de primeiro ou segundo grau que deixaram o seu corpo em grande parte intacto? Não sei. Sei que o *Journal of the American Temperance Union* (Março de 1837) usou este incidente na sua cruzada que empregava a CHE como um dissuasor contra os malefícios do álcool.

O brilho do fogo que crema as pessoas permaneceu em França. A 10 de Dezembro de 1799, visitou Pont-Neuf, uma cidade do sudeste francês. Ali, a Madame Bias, esposa do inspetor de polícia, inflamou-se a um ponto em que o seu "tronco inteiro era uma massa de carbono" assemelhando-se a um tronco queimado. O seu "sexo já não era distinguível" e apenas um pé escapou "com a sua cor natural", disse Neveux, o oficial de saúde da região. Ao relatar as suas observações em primeira mão ao *Recueil Périodique de la Société de Médecine de Paris* (1800), Neveux acrescentou que os vizinhos tinham falado com a Madame Bias menos de duas horas antes de o fogo, que ele comparou a uma combustão espontânea, a ter assolado.

Pierquin listou outro episódio com uma ligação francesa no final dos anos 1700. Um homem que servia como cozinheiro para o 106.º regimento francês morreu queimado no espaço de quinze minutos quando o regimento estava estacionado em Ferrara, uma cidade a nordeste de Bolonha, Itália. Se a vítima se incendiou descuidadamente sobre um fogão de cozinha e morreu de forma banal ou se morreu rapidamente cozinhando-se de dentro para fora, Pierquin não diz. Apenas sei que Pierquin considerou que este incidente justificava a inclusão no seu catálogo de casos de CHE para as "*Recherches sur la combustibilite humaine pathologique*" no *Journal des Progrès des Sciences et Institutions Médicales en Europe* (vol. 17). E passo-o adiante nesse contexto.

A SHC Invade o Século XIX

Dos vinte e três exemplos de incineração humana aparentemente inexplicável que a história registou até ao ano 1800, pelo menos dezanove casos envolviam álcool. À medida que a Era da Razão e o racionalismo ganhavam raízes firmes, floresceu a ideia de que o álcool e os seres humanos podiam ser uma combinação inteiramente inflamável — uma especialmente perigosa para as mulheres.

Colónia da Baía da América, 16 de Março de 1802. Uma avó de Massachusetts morreu com uma diferença. "O corpo de uma mulher idosa evaporou-se e desapareceu devido a alguma causa interna e desconhecida, na duração de cerca de uma hora e meia", relatou a *Philosophical Magazine* para 1802-1803. Acrescentou que "havia uma espécie de fuligem gordurosa e cinzas... e um cheiro invulgar na sala." Lamentavelmente, faltava qualquer explicação sobre como acontecera — exceto rotulá-lo como mais um exemplo de CHE e enterrar o caso em documentos médicos obscuros como o *Journal général de médecine* (vol. 35) e o *The Medical Repository* (1802). Este último listou a morte da avó como "Desorganização rápida do corpo humano."

Outra mulher francesa, de vinte e oito anos, tornou-se uma nota de rodapé médica depois de uma labareda consumir o seu corpo de forma tão completa que o seu cadáver se desfez quando foi movido, por volta de 1804. Ao descrever o incidente para o *Journal de Médecine* de Leroux, o Dr. Prouteau afirmou que o fogo migrou do "interior para o exterior" do seu corpo; "todas as causas exteriores foram alheias a este caso." O Dr. Prouteau não deixou margem para outra interpretação que não a CHE.

Outra publicação pouco conhecida, *De la médecine légale*, aludiu à morte por incineração ao estilo CHE de uma mulher parisiense, de sessenta e oito anos, ou na terça-feira, dia de Natal de 1804, ou no dia seguinte. O episódio, inicialmente relatado por Vigné, foi salvo da obscuridade quase certa por Foderé, cuja própria compilação de combustão humana problemática é negligenciada por quase todos os historiadores médicos hoje em dia.

Paris outra vez; Janeiro de 1805.

A Madame Boyer, com sessenta e oito anos de idade, morreu de uma forma que fez com que o seu obituário fosse memorializado em duas referências dedicadas à combustão humana espontânea.

De volta à Grã-Bretanha. Lorde Ferres é enforcado após o testemunho da sua esposa, Lady Campbell, contra ele, mas não antes de a amaldiçoar com uma morte "ainda mais dolorosa" do que a sua. Em 1807, de acordo com o livro de A. J. C. Hare, *In My Solitary Life* (1953), a viúva Lady Frederick Campbell arde por completo na torre do pazo senhorial... "de combustão espontânea, dizia-se." História? Ou folclore? "Nada se encontrou dela exceto o polegar, de tal forma ficou completamente consumida..."

A 135 milhas a sudeste de Paris: a cidade de Saulieu, na província de Côte d'Or. Ali, em 1808, a Madame Laire, de sessenta anos, inflamou-se de forma estranha e tornou-se mais uma vítima de CHE, de acordo com o *Elements of Medical Jurisprudence* de Beck (1851).

Lembra-se de Caen, em França? A CHE regressou ali pela terceira vez com um caso relatado pelo Dr. Bouffet, o autor de *Essay on Intermittent Fevers*. A vítima, outra mulher da classe baixa de Caen, morreu na Place Villars algures em 1808 ou antes. Em consequência de — ou apesar de — o seu vício do álcool, o fogo poupou apenas as suas extremidades enquanto assolava todo o seu corpo incinerado, falhando em inflamar outros combustíveis.

De volta através do Canal, novamente, desta vez para Coote Hill, no Condado de Cavan, Irlanda. A Sra. Stout recolheu-se uma noite em 1808 e, durante a noite, levantou-se por uma razão desconhecida. Na manhã seguinte, jazia "queimada até à cinza no chão." Ainda subia fumo do seu corpo carbonizado quando o seu marido descobriu que era viúvo. A irlandesa era uma consumidora inveterada de substâncias tóxicas, para usar a descrição de James Apjohn sobre a falecida; mas isso não explicava por que razão o seu cadáver "se desfazia" em pó quando tocado, nem como a sua "camisa e barrete de noite escaparam intactos." Pouco espanto causa que Apjohn tenha declarado que a Sra. Stout tinha "morrido por visitação de Deus" num fogo que desidratou totalmente o seu corpo, mas falhou em chamuscar a camisa de noite e o barrete que trazia vestidos.

Irlanda, por volta de 1808. Na cidade de Dublin vivia outra consumidora, a Sra. Anne Nelis, com cerca de quarenta e cinco anos de idade. O seu torso, encontrado direito numa cadeira, estava "queimado até à cinza", mas as suas extremidades e vestuário estavam intactos pelo fogo, disse Apjohn. Assim como a cadeira, exceto onde estava em contacto com

o torso da Sra. Nelis — e aí estava meramente carbonizada. A sua cabeça estava chamuscada; o cabelo não fora atingido pelo fogo. Não houve danos além da vítima. Finalmente, disse Apjohn, embora tivesse havido uma vela na sua câmara, esta tinha sido retirada anteriormente. Encontrar qualquer fonte externa de fogo que pudesse tê-la inflamado revelou-se tão ilusório como a sombra da chama de uma vela.

Irlanda, 1808, novamente. Condado de Down, agora parte da Irlanda do Norte. Outra irlandesa, a Sra. A.B., também com cerca de sessenta anos de idade e uma consumidora voraz de álcool, travou combate com o *banshee* da morte e perdeu. Fumo com um odor não especificado, mas suficientemente invulgar para ser assinalado, alertou a sua família para a trágica situação no seu meio. O Rev. Ferguson investigou e disse que "nenhuma chama" foi vista a emanar da mulher; no entanto, disse ele, foi o seu "corpo a arder com fogo interno" que deixou uma impressão duradoura em todos os que contemplaram os seus restos poeirentos. Note-se que o Rev. Ferguson falou de um fogo interno que ardia sem chama — uma forma muito curiosa de um padre ou de qualquer outra pessoa no início do século dezanove descrever uma combustão!

Se pensa que este desfile de corpos incinerados pela paisagem (maioritariamente) europeia se tornou, a esta altura, enfadonho e imaginativamente repetitivo, fique alerta. De acordo com o Rev. Ferguson, esta irlandesa sem nome deu ao fenómeno uma nova e horrorosa reviravolta: ela ardeu enquanto jazia na mesma cama com a sua filha, que não foi afetada. Mesmo os lençóis da cama, como todos os outros combustíveis na sala, não sofreram qualquer dano.

Que impressão duradoura esse pesadelo da vida real deve ter causado nesta família irlandesa! Particularmente na filha, que se terá virado na cama para descobrir a cremação extremamente localizada da sua mãe a escassos centímetros de distância. Nada que se pareça com a forma ideal de começar um novo dia! Ferguson acrescentou mais um fator a este episódio muito curioso: o corpo da mulher, quando erguido para ser colocado no caixão, desfez-se em pedaços nas mãos de quem o levantava.

Se o orgulho nacional por estar no topo alguma vez for uma questão para os franceses, estes estavam a esta altura a ganhar folgadamente a distinção de acolher o maior número de cidadãos perdidos para imolações ao estilo CHE. Dos vinte e oito casos de incineração humana quase total

cronologicamente recontados até este ponto, dezasseis envolviam franceses e vinte e dois deles envolviam o uso prolongado de álcool... uma percentagem que deveria fazer os consumidores de álcool em qualquer lugar (particularmente em França, suspeito) endireitarem-se e prestarem atenção.

O francês Pierre-Aimé Lair foi um estudioso que, em 1808, tomou nota da propensão de indivíduos imoderados para se inflamarem além de toda a razoabilidade. "Confesso que, ao princípio, me pareceram dignos de muito pouco crédito", disse ele sobre estes relatos, "mas são apresentados ao público como verdadeiros por homens cuja veracidade parece inquestionável."

Vários homens de medicina respeitados já tinham escrito sobre combustão humana espontânea, notavelmente Jonas Dupont em *De Incendiis Corporis Humani Spontaneis* (1763). Dupont tentou dar uma explicação científica na sua tese, dizendo que processos químicos numa pessoa ou o calor de fricção de partículas a roçarem-se umas nas outras na corrente sanguínea podiam elevar de tal forma la temperatura corporal que apenas uma pequena causa externa — ele nomeou o álcool — inflamaria uma combustão descontrolada. Outros que disseram ter visto o seu rescaldo chamaram-lhe, simplesmente e de forma menos científica, um anátema.

A constância dos seus relatórios (explicações à parte) inspirou Lair a recolher vinte exemplos do fenómeno. Estes formaram a base para o seu tratado intitulado *Essai sur les combustion humaines, produites par un long abus des liqueurs spiritueuses* (1800), mais tarde publicado como "On the Combustion of the Human Body, produced by the long and immoderate use of Spirituous Liquors" no *Journal de Physique* (1808). É um marco no estudo da CHE.

Lair identificou oito características que atribuiu à CHE:

1. As pessoas que sentiram os efeitos desta combustão tinham, durante muito tempo, feito um uso imoderado de licores espirituosos.
2. A combustão ocorreu apenas em mulheres.
3. Estas mulheres estavam em idade muito avançada.

4. Os seus corpos não pegaram fogo espontaneamente, mas arderam por acidente.

5. As extremidades, tais como os pés e as mãos, foram geralmente poupadas pelo fogo.

6. Por vezes a água, em vez de extinguir as chamas que procediam das partes em fogo, dava-lhes mais atividade.

7. O fogo causou muito poucos danos e frequentemente poupou os objetos combustíveis que estavam em contacto com o corpo humano no momento em que este estava a arder.

8. A combustão destes corpos deixou um resíduo de cinzas gordurosas e fétidas, e uma fuligem untuosa, fétida e muito penetrante.

Estas "observações gerais" — para usar as palavras de Lair — tornaram-se os critérios nos quais quase todos os futuros autores sobre CHE basearam os seus argumentos.

O que Lair excluiu da sua lista de fatores associados à CHE foi a "visitação por Deus". Ele acreditava que a causa residia no interior das próprias vítimas, não numa divindade exterior. Apontou o álcool como o principal agente.

"Tal excesso, no que diz respeito ao uso de licores espirituosos", escreveu ele, "deve ter tido uma ação poderosa sobre os corpos das pessoas a quem aludo. Todos os seus fluidos e sólidos devem ter sentido a sua influência fatal [e] é absorvido em todas as partes dos seus corpos." O corpo eliminava a porção líquida dos licores espirituosos, sustentava ele, mas armazenava "a alcoólica" dentro da gordura até que o incauto consumidor se tornasse um polvorinho humano cheio de combustível inflamável.

Estes polvorinhos ébrios ambulantes, que tantas vezes deixavam para trás as suas pernas no meio de um monte de cinzas amorfas, eram, declarou ele, sempre mulheres! "Não pretendo afirmar que os homens não estão sujeitos a combustão da mesma maneira", concedeu Lair, "mas nunca consegui encontrar um único caso bem certificado de tal evento."

As razões que deu para esta (falsa) alegação são certas de ofender as defensoras da Libertação da Mulher: "O corpo feminino é em geral mais

delicado do que o do outro sexo. O sistema dos seus sólidos é mais relaxado; as suas fibras são mais frágeis e de uma estrutura mais fraca, e por isso a sua textura é mais facilmente lesada. O seu modo de vida também contribui para aumentar a fraqueza da sua organização." Era o estilo de vida sedentário e melancólico das donas de casa do século dezoito que, defendia ele, as tornava "mais sujeitas do que os homens a tornarem-se corpulentas." Também, por implicação, mais facilmente inflamáveis.

Daí que as mulheres — especialmente se pobres e idosas — que preferiam sentar-se com um copo de brande em vez de trabalhar, sejam propensas a sobrecarregar os seus corpos com hidrogénio e assim, sustentava ele, "durante o momento da intoxicação, sintam os efeitos da combustão."

Mas, como revela o seu quarto ponto, Lair não conseguia induzir-se a chamar a esta combustão espontânea. Aquiesceu em "acidental" — irónico no facto de não fornecer nenhuma fonte de fogo externa como o gatilho para o dito arder acidental.

A contribuição de Lair para a ciência médica, e para a ciência em geral, é que compilou factos sobre misteriosas inflamações humanas e tentou explicar a sua causa de uma forma mais quantificada do que as "visitações por Deus". E esperava que a sua investigação sobre CHE beneficiasse o seu semelhante.

"Considerar-me-ei feliz se este quadro dos efeitos fatais da intoxicação causar impressão naqueles que estão aflitos com este vício", terminou Lair o seu ensaio, "e particularmente nas mulheres, que com maior frequência se tornam vítimas dele. Talvez os pormenores assustadores de um mal tão horrendo como o da combustão reconduzam os bêbados a afastarem-se desta prática horrível."

O tempo mostraria que os seus comentários sobre as mulheres eram chauvinistas. Mas as características de CHE e CS que ele identificou, particularmente a associação do álcool e das bolas de fogo humanas, viriam a ser reforçadas com o tempo.

Água-de-Fogo e Chamas Demoníacas

No entanto, admitindo que o fenómeno da inflamabilidade sobrenatural se opõe às leis da combustão tanto quanto sabemos, não devemos rejeitar como indignos de crédito os muitos factos curiosos e autênticos registados. Podem ser verdadeiros, por muito incorretamente que sejam explicados. —Dr. W. H. Watkins, sobre a combustibilidade humana, *The New Orleans Journal of Medicine* (1870)

Sem discussão, a água-ardente do rum demoníaco e dos espíritos ardentes pode inflamar a natureza humana. Mas poderão os "licores espirituosos" ser inflamatoriamente letais também para o corpo? Lair pensava que sim. O mesmo pensava Orfila, uma das figuras mais famosas da medicina forense, que declarou que a CHE ocorre "principalmente em mulheres idosas e corpulentas, e especialmente em pessoas há muito viciadas no uso de licores espirituosos."

A monografia de Lair, notável mesmo para os padrões atuais pela sua lucidez e profundidade, não pôs contudo fim ao tema que estudava. O caminho do fogo humano continuou, abrindo novos trilhos pela Europa.

Nas montanhas baixas a cerca de 100 milhas a oeste-sudoeste de Paris, a Kaufmannswittwe Laurent de Alençon, de setenta e dois anos, inflamou-se no estilo clássico da CHE a 3 de Junho de 1809, de acordo com o *Annalen der Staatsarzneikunde* de Hergt (1837).

Em Waertelfeld, Alemanha, vivia um homem de quarenta e oito anos chamado Ignatius Meyer — "an homem muito imoderado." O Dr. Scherf de Detmold disse que Meyer morreu a 17 de Janeiro de 1811 devido à combinação combustível de fogo e álcool... uma combustão que falhou em afetar as roupas de cama que trazia na altura! Assim afirmou o sobrinho da vítima, que testemunhou o bizarro incêndio.

Como que para vindicar a crença de Lair de que a CHE escolhia mulheres imoderadas, a Mme. François-Marie Rousseau de Morigny morreu de morte "accidental" — isto é, não assassinada, de acordo com dois médicos — a 22 de Dezembro de 1812. Como o seu corpo fora totalmente queimado no espaço de não mais de quatro horas, suspeitaram primeiro que ela tivesse sido assassinada. Mas não conseguiram encontrar nada no meio da fuligem negra e da cadeira carbonizada na sala, de resto não danificada, para confirmar a sua suspeita de crime.

A *Philosophical Magazine* (1813) contou a história de um cavalheiro inglês do início do século dezanove que, embriagado com tintura de valeriana e goma de guaiaco, rebolou para fora da cama, após o que o fogo atacou "o seu corpo saturado e reduziu-o a uma cinza, sem ferir materialmente o mobiliário da cama." Bem feito, por abusar do seu corpo com aquela mistura!

Entretanto, a vida continuava a aquecer demasiado para mais residentes em França. Uma criada de cozinha francesa de Drôme, uma região no sudeste de França a cerca de oitenta milhas a norte de Marselha, foi encontrada queimada no seu quarto algures em 1816. Não existia nenhum ponto de fogo fora dela própria: estava de boa saúde e nunca bebia, relatou Pierquin em *Reflexions theoriques*. No entanto, o fogo deixou apenas os seus braços e cabeça intactos.

Num caso notável em Nevers, a sudeste de Paris, a vida tornou-se duplamente quente. A Madame P—, de noventa anos, e a sua criada viviam juntas, bebiam álcool excessivamente juntas, dormiam juntas e morreram juntas na cama pelo fogo "sem explicação" a 12 de Janeiro de 1820. Um médico investigou e relatou que tudo o que restava da velha mulher era a parte inferior de uma perna que ainda trazia um sapato calçado. Da criada, apenas o crânio não foi totalmente destruído enquanto jazia ao lado da sua patroa.

Desta vez a cama, incluindo os lençóis e as cortinas, ardeu. Mas não ocorreram danos nas paredes e no teto, exceto por uma cobertura de vapores "húmidos" — e não havia fogo na lareira da sala. O que se destacou neste caso é que duas pessoas morreram num fogo que alguns membros da ciência médica diziam não poder acontecer sequer singularmente. O próprio Charpentier admitiu não ter "nenhuma explicação" para este duplo enigma — um caso de CHE múltipla?

Uma grande bebedora chamada Thomasse Goret, de cinquenta e sete anos, ardeu até às cinzas na véspera de Ano Novo de 1820, no meio de nenhum outro fogo na sua casa no n.º 85 da Arpens Road, Rouen, França. O seu marido, que admitiu dar regularmente quatro francos à sua esposa para beber numa taberna do bairro e que estava habituado a vê-la bastante bêbada, estava totalmente despreparado para terminar o ano viúvo.

Embora o rosto da Mme. Goret estivesse intacto, pouco mais dela estava, relatou o Dr. Hellis ao *Journal Général de Médecine, de Chirurgie, de Pharmacie* (1826). "Eu próprio observei isto", afirmou o Dr. Hellis, e tinha cheirado o "empyreumatique excessivement fétide" no seu quarto cheio de fumo. A sua lareira, declarou ele, estava "sem fogo." O mobiliário muito próximo da Mme. Goret também não mostrava danos de fogo. Nesta mulher, concluiu ele, encontram-se as características relatadas em casos semelhantes de combustão espontânea.

Uma mulher alcoólica de cinquenta e cinco anos em Marselha, Hacquin de Bar-le-Duc, deixou como sua contribuição para o desfile de CHE um dos seus pés e metade de uma perna, algumas vértebras, partes não identificadas da sua cabeça e alguns órgãos internos. Ela era, disse o *Journal de Paris* (11 de Abril de 1822), "um novo exemplo do fenómeno chamado combustão humana espontânea."

Janeiro de 1825; Hamburgo, Alemanha. Margaret Heins ardeu de uma forma que emulava o padre Bertholi quase cinquenta anos antes, de acordo com o *Annalen* de Hecker.

Dezembro de 1825; Rouen, França. A Madame Soret, de cinquenta e sete anos, falhou em ver o seu próximo aniversário devido à sua morte ao estilo CHE. O Dr. Hellis comparou o incidente ao terrível falecimento da Mme. Goret ao cronificar este novo caso para a *Medico-Chirurgical Review*.

"O Lamentável Falecimento da Sra. Lappiter

Uns anos antes de 1829, ocorreu uma morte muito estranha em Cheltenham, Inglaterra. O Dr. Thomas Newell, cirurgião do rei e residente nesta cidade a cerca de trinta milhas a oeste-noroeste de Oxford, examinou pessoalmente o corpo da vítima antes de documentar as suas conclusões detalhadas num artigo que intitulou "Observations upon Spontaneous Combustion of the Human Body". Este apareceu no *Midland Medical and Surgical Reporter* (Maio de 1829).

Jane Lappiter, uma viúva na casa dos sessenta anos, fora vista viva pela última vez pouco depois das dez horas de uma noite, quando a sua companheira de residência, a Sra. Roper, a deitou na cama. Às duas horas e meia da manhã seguinte, um ruído forte e o cheiro a algo a arder acordaram a Sra. Roper. Esta saltou da sua própria cama, escancarou a janela e gritou

o alarme. Um Sr. Overbury respondeu. Irrompeu pelo apartamento do andar de cima de Jane e observou "uma ligeira aparência lúgubre, perto da lareira, mas não suficientemente brilhante para lhe permitir julgar, exatamente, de onde procedia." Num minuto ou dois, devido ao influxo de ar através da porta aberta, uma pequena labareda eclodiu onde Overbury vira o ténue brilho. Ele e a sua esposa, agora presente, conseguiram três ou quatro baldes de água e regaram as chamas.

Ali, na sala enegrecida e cheia de fumo "que tinha um cheiro empireumático desagradável", um dos muitos transeuntes que se juntavam inclinou-se para recolher um pé coberto com um sapato e uma meia na extremidade de uma faixa de cinzas na lareira de pedra. Era o pé esquerdo de Jane Lappiter. Descoberta a pobre mulher, o seu quarto foi rapidamente desocupado. No espaço de horas, o legista de Cheltenham reuniu apressadamente um júri de inquérito — que rapidamente emitiu um veredicto de "morte acidental por queimadura" — e o pouco que restava da Sra. Lappiter foi colocado num caixão para sepultamento.

Mas não antes de o Dr. Newell fazer as suas próprias observações no local desta notável calamidade. "A peculiaridade mais impressionante e importante neste caso", escreveu Newell, "foi a maneira como a combustão se espalhou ou se estendeu. As partes queimadas estavam separadas da pele e da carne que não foram feridas por uma linha rigorosamente definida, de um lado da qual ocorrera a destruição total, enquanto imediatamente ao lado não se verificava a menor lesão, estando a pele sã e natural." Ele comparou o arder deste ser humano a um pedaço de carvão em brasa "que se espalha da mesma forma, por uma linha perfeitamente definida, reduzindo no seu progresso, a cinzas, as porções com que entra em contacto."

Newell dedicou duas páginas a descrever a destruição anatómica da Sra. Lappiter e a ausência de danos de fogo circundantes. Na altura, era o relato mais detalhado da história sobre uma fatalidade por incêndio deste tipo. Bastará dizer aqui que o seu tórax, abdómen e bacia "foram reduzidos a cinzas, não restando deles vestígio algum." Os músculos do seu peito, costas e abdómen "foram consumidos, deixando as costelas do lado direito, e a espinha dorsal, sem qualquer cobertura." As próprias costelas tinham ardido até escassos centímetros das vértebras; os ossos da sua perna

esquerda transformaram-se em cinzas, “até cerca de três polegadas da articulação do tornozelo.”

Em contraste flagrante, o seu pé esquerdo — aquele que fora recolhido — e o seu sapato não mostravam “a mínima alteração, mas estavam num estado natural.” O seu pé direito, perna e coxa “estavam intactos e preservavam uma aparência natural.” Na outra extremidade do seu corpo, o fogo “tomou uma direção oblíqua, através do rosto em direção ao lado direito da cabeça, de tal forma que destruiu a porção inferior do nariz e o olho direito”, notou Newell. No entanto, o seu olho esquerdo e a parte superior do nariz “tinham escapado e estavam intactos.” O topo da sua cabeça, o seu cabelo e o barrete de algodão que usava estavam todos intactos. Da mesma forma, a sua mão direita e o braço até ao ombro tinham escapado intactos.

Para Newell, parecia que uma foice de calor abrasador tinha varrido diagonalmente o corpo da Sra. Lappiter, incinerando a sua carne e osso desde acima do tornozelo até ao longo do seu rosto; ardendo ferozmente no seu lado esquerdo, mas deixando grande parte do seu lado direito (incluindo aquelas porções do vestido de lã e das duas saias de baixo que trazia vestidas) ilesas enquanto jazia estirada no chão.

Uma cadeira que estava perto do local do seu corpo “não tinha marca de fogo”, afirmou Newell. Nem lhe parecia que tivesse havido fogo na lareira na noite do incidente. Jane era fumadora de cachimbo, notou Newell. Encontrou o seu cachimbo “vazio” e “em pé sobre o ferro da grelha [da lareira].” Na sua inspeção meticulosa, não viu provas que ligassem o seu arder quer ao cachimbo quer à lareira. Em vez disso, o Dr. Newell concluiu que “parecerá mais provável que a combustão tenha tido origem no próprio corpo, cujas causas atualmente desconhecemos.”

Por outras palavras, a Sra. Lappiter morreu pelo fogo interior.

Um fogo que fora intensamente quente, embora momentâneo, porque Newell determinou que o ruído forte que alertara a Sra. Roper para o falecimento da sua companheira de casa tinha sido causado pelo calor a rachar a pedra da lareira a meio, precisamente onde Jane jazia a arder. “No caso da combustão espontânea”, observou o bom doutor, “o calor deve ser ou mais intenso do que na queimadura acidental, ou alguma alteração deve ter sido induzida no corpo, tornando-o mais suscetível à ação do fogo.”

Newell, notando também que se dizia que as pessoas encontradas em circunstâncias semelhantes estavam embriagadas, apontou que esta mulher "mal tinha provado álcool na sua vida. Era uma pessoa dos hábitos mais moderados, consistindo a sua bebida maioritariamente em chá, com um copo de cerveja de vez em quando, embora raramente." Assim, a Sra. Lappiter encontra-se entre as primeiras vítimas deste estranho destino a ser libertada do estigma do abuso do álcool. Juntando à notoriedade da sua extraordinária morte, ela era "de constituição corporal muito magra"... isto é, magra, não corpulenta.

Os Enigmas da Combustão Continuam

Enfrentado com todas estas histórias de seres humanos vitimados por um fogo quase tudo-consumidor, Julia de Fontanelle (1790-1842) decidiu em 1828 aplicar o método científico a este enigma contínuo. Ele pegou em pedaços finos de carne e saturou-os com álcool para simular o tecido corporal de alcoólicos crónicos. (A sua experiência, por conceção, precluía a aplicabilidade a Jane Lappiter.) Ele ateou então fogo às suas amostras.

O resultado? A carne apenas assou, relatou ele na *Revue Medécin Française Étrang.* (1828). Ele verteu mais álcool sobre as suas amostras e acendeu-as novamente. Depois de o fogo ter sido extinguido uma segunda vez, la carne continuava apenas assada na superfície. A sua experiência falhou em provar a sua hipótese de que o licor espirituoso era o combustível que, acendido por uma chama exterior, transformava as pessoas em cinzas. Para seu crédito, ele tentou. Infelizmente, o seu trabalho foi (como frequentemente acontece na ciência) esquecido. Um cientista mais famoso receberia elogios por fazer a mesma experiência duas décadas mais tarde.

Sem se deixar deter, a combustão humana rugiu em frente.

15 de Novembro de 1829; Lexington, Kentucky. Num incidente obscuro cuidadosamente documentado pelo médico investigador Dr. Charles Short no *The Transylvania Journal* (1830), uma mulher não identificada do Kentucky, com idade entre os sessenta e cinco e os setenta anos, morreu ao arder por completo na sua casa. Sim, ela bebia; não, ela não era corpulenta. O seu corpo, encontrado na lareira, foi primeiro "confundido com um pedaço de madeira". O seu braço e perna esquerdos simplesmente não existiam; o que restava pesava "não mais de 30 libras",

concluiu ele. Para aqueles que argumentariam que ela caiu num fogo rugiente e ali jazeu inconsciente até ser consumida, o Dr. Short gostaria que soubessem disto: uma batata que ele encontrou na lareira, ao lado dos restos da mulher, não estava assada! O tema é, afinal de contas, combustão localizada, não é?

O desfile de corpos a arder continuou pelos vinte anos seguintes. Médicos, presidentes de câmara e outras testemunhas de confiança estavam frequentemente presentes para testemunhar a sua passagem. Relatos de combustão humana espontânea surgiram também por toda a Europa em revistas médicas.

No dia de Natal de 1829, a alcoólica Maria Jeanne Antoinette Bally, de cinquenta ou cinquenta e um anos de idade, ardeu até se tornar osso carbonizado — exceto pelas suas meias e pernas — numa cadeira no seu quarto de sete por dez pés, de resto livre de fogo, em Paris, França.

A 20 de Agosto de 1831, os polícias atiraram Charles François Francoy, de quarenta e um anos de idade, para cima de um monte de estrume em Paris para que ele recuperasse a sobriedade. Em vez disso, ele ardeu por completo. Embora Ogston tenha incluído Francoy na sua compilação de CHE, este francês provavelmente assou lentamente devido ao calor de resíduos orgânicos em decomposição e morreu de uma combustão pseudo-sobrenatural de uma forma desagradável mas perfeitamente aceitável.

Devonald relatou um caso de 1833 de uma pessoa enigmaticamente queimada em Londres. Não foram fornecidos detalhes.

Por volta da mesma altura, um francês que jantava em Londres apresentou um cenário não menos extraordinário do que se estivesse a elogiar a culinária britânica do século dezanove. A sua barba e peito irromperam em chamas enquanto comia! Os espetadores regaram-no com jarros de água, mas o seu "rosto, pescoço e peito ficaram horrivelmente carbonizados." Nenhuma menção sobre se ele tinha tomado brande com a sua última ceia, ou se, ao consumir, tinha derramado brande rico em álcool na sua barba e depois tentado alcançar um cachimbo e... ou como o apetite dos outros comensais tinha sido afetado.

O *St. Catharines Journal* do Canadá (12 de Maio de 1836) relatou que um velho solteirão bêbado em Hamilton, Ontário, se deitou em frente à sua

lareira “quando um pedaço de lenha a arder caiu para fora, entrou em contacto com as suas roupas e, não havendo assistência por perto, ele morreu queimado.” Talvez o solteirão tenha morrido uma morte na verdade devida a CHE, mas culparam uma lareira.

Um programa duplo de repetição de fogo inexplicável passou na Commune de Surville, França, a 6 de Setembro de 1836. O Monsieur e a Madame Bernard Larivière, com setenta e três e sessenta e cinco anos de idade respetivamente, ambos conhecidos pelo seu consumo de álcool, foram destruídos pelo fogo. O Dr. Joly visitou o seu quarto, que estava coberto de fuligem cinzenta. Fedia a um “forte cheiro empireumático”, observou ele. Em frente à lareira, ao lado de uma mesa repleta de copos e garrafas de brande, encontrou “as cinzas de um fogo extinto” dispostas em X no chão, retratando o padrão no qual uma vítima tinha ardido em cima da outra. O Sr. e a Sra. Larivière consistiam agora em dois pares de pernas queimadas uma polegada acima dos joelhos, com as suas meias de lã preta e pantufas de pano intactas; alguns pedaços de osso esbranquiçado e vértebras; e o resto “uma massa carbonosa, preta e sem forma... calculada para não exceder quatro libras.” Tudo isto, disse Joly, realizado por um fogo que durou “menos de 14 horas!” Imagine dois adultos juntos a pesar menos de quatro libras — seguramente diria que este fogo tinha consumido quase totalmente o casal! Não diria?

O Dr. Joly remexeu na gordura derretida do que tinham sido os seus torsos e localizou fígados e pulmões encolhidos para metade do tamanho; os seus cérebros, “com cerca do tamanho de um ovo de galinha.” Infelizmente, o seu relato no *Journal des Connaissances Médico-chirurgicales* (Setembro de 1836) negligencia mencionar se os seus crânios também encolheram. (Este ponto é importante, não pelo seu horror, mas porque poderia ter tido uma influência importante em casos que ocorreriam mais de um século mais tarde.) O fogo foi marcadamente localizado, se o relato do Dr. Joly intitulado “Remarkable Case of Spontaneous Combustion” for de acreditar.

Uma cadeira e a sua almofada de palha ao lado das vítimas estavam apenas parcialmente queimadas. Uma mesa aos seus pés não estava queimada. Um tamanco de madeira, sem marcas, descansava ao lado do Sr. Larivière. A escassos centímetros acima dos corpos estava uma vassoura “feita de junco, que estava mal chamuscada de um lado, e alguns fósforos,

cuja extremidade sulfurosa sobressaía de um sabonete que os continha." Os fósforos não se tinham inflamado. Não havia fogo na lareira.

A *British Foreign and Medical Review* (1837) reimprimiu o relato de Joly e notou que este emulava outros casos de combustão espontânea. Com uma diferença. "Oferece também um exemplo de dois indivíduos colocados em condições fisiológicas tão idênticas", disseram os editores da *Review*, "que a combustão os afetou a ambos no mesmo grau e nas mesmas partes."

Algures antes de Outubro de 1836, o fogo atingiu outro cidadão de França viciado em brande. Desta vez foi uma mulher obesa de setenta e quatro anos de Aunay, em Avalon. De um dia para o outro ela tornou-se, disse a *Medico-Chirurgical Review* (Outubro de 1836), "um monte de algo queimado até à cinza, na extremidade do qual estava uma cabeça, um pescoço, a parte superior de um corpo e um braço. Na outra extremidade estavam algumas das partes inferiores e uma perna que ainda retinha um sapato e uma meia muito limpos."

O presidente da câmara de Avalon contemplou "uma chama azul que brincava ao longo da superfície de um longo rasto de gordura (ou líquido seroso)" — gordura que tinha escorrido da carne em combustão? Ele concluiu que ela morreu por "aquilo que é chamado combustão espontânea da estrutura humana" depois de ela soprar umas brasas. Que o soprar numa brasa gerasse um fogo de retorno que reduz o corpo a cinzas define um novo perigo para a humanidade! Não combustão espontânea talvez, mas sobrenatural com certeza. Talvez, por outro lado, a sua conclusão quanto à causa estivesse errada. A brasa era inocente, pois a combustão humana sem fogo externo parece ter precedentes.

Theresa Lemaitre, uma alcoólica de sessenta anos em Paris, imitou os seus predecessores franceses na forma como ardeu a 15 de Dezembro de 1836. O seu corpo parecia "mais uma múmia" do que uma mulher recentemente falecida e desfez-se em pó quando tocado, relatou o Dr. Patrix em *La Lancette Française* (Dezembro de 1836). Ele não encontrou nenhuma fonte exterior em lado nenhum para o fogo.

A Sra. Bonjours, uma viúva belga de quarenta e três anos e grande bebedora, não teve um dia lá muito bom em Nieppe a 30 de Março de 1837. De acordo com Hergt na sua monografia sobre CHE, ela "morreu de

Autocombustão" e "apenas alguns restos carbonizados do seu corpo [foram] encontrados."

O fogo que queima alguns alcoólicos com uma vingança apareceu a seguir dentro de Abdallah Ben-Ali, um mouro de Argel com idade entre os quarenta e cinco e os cinquenta anos. Um dia, em Outubro de 1839, os espetadores viram-no tornar-se envolto por uma chama azul. O Dr. Bubbe-Liévin declarou no *Journal des Connoissances Médicales* que quando a chama desapareceu, o mesmo acontecera a três quartos do corpo de Ben-Ali.

Mais tarde, em 1839, uma mulher da cidade de Nova Iorque morreu quatro horas após ser descoberta envolta em chamas. Vizinhos que a tinham visto apenas uma hora antes foram alertados para a sua situação por "volumes de fumo" que brotavam do seu corpo. O fogo foi extinguido "com grande dificuldade", disse o *St. Catharines Journal* (19 de Dezembro de 1839). Os investigadores deduziram que ela tinha morrido "por aquela ocorrência bem atestada mas muito rara, combustão espontânea." Nenhuma menção foi feita sobre se ela era alcoólica.

Dois anos mais tarde, 1841, viu-se a publicação de uma tese de Benjamin Frank, intitulada *De Combustione Spontanea Humani Corporis. Commentatio historica physiologica et medico-forensis de sententia gratiosi medicorum ordinis in Certamine Literario civium Academiae Georgiae Augustae.* (Eles não dão títulos aos livros hoje em dia como costumavam dar, pois não?) A monografia de Frank é quase tão espessa como o seu título é longo. Nela, ele catalogou quarenta casos escolhidos da literatura médica, casos que lhe pareciam (ou àqueles que originalmente os relataram) ser combustão espontânea do corpo humano. Para muitos casos ele deu múltiplas citações — a marca de um estudioso —, muitas das quais são impossivelmente obscuras hoje em dia. O seu próprio tratado não é menos difícil de encontrar. Segurei nas minhas mãos talvez a única edição original disponível nos Estados Unidos. É o melhor exemplo de literatura relacionada com CHE que descobri até 1841, e alguns dos casos apresentados aqui são cortesia do rigor académico de Frank.

Vários outros casos aconteceram no início dos anos 1840; casos que, naturalmente, Frank não cronificou. Que pena. Os detalhes destes episódios são vagos, na melhor das hipóteses.

Em 1841 ou antes, uma mulher inglesa, com quarenta anos de idade, foi encontrada uma manhã ainda a arder. Com trepidação (suspeito), o Dr. F. S. Reynolds informou a Sociedade Patológica de Manchester que os seus fémures tinham carbonizado e as articulações dos joelhos tinham rachado dentro das suas meias intactas!

Um homem alemão(?) sofreu queimaduras faciais que ele alegou resultarem do vomitar do conteúdo alcoólico do seu estômago, registou o *Henke's Zeitsch. E. H.* (1842). Um incentivo para reduzir (se não para abdicar inteiramente) o consumo de bebida, com certeza. Henke também mencionou uma mulher alemã(?) gorda e bêbada, de setenta anos, que — tal como a Condessa Bandi — se banhava em álcool e cujo "corpo carbonizou completamente", deixando para trás apenas a sua mão e pés. Henke citou um terceiro incidente: um mendigo alemão(?) de sessenta anos que tentou dormir para passar a sua estupefação alcoólica durante a noite numa taberna, mas foi encontrado na manhã seguinte "reduzido a cinzas" no meio de um odor não especificado e fuligem. As suas pernas inferiores e sapatos jaziam no chão, intactos pelo fogo, e a sua bolsa de pão estava não danificada onde jazia sobre as cinzas do seu peito.

A 6 de Janeiro de 1847, o Monsieur Charbonnier foi descoberto rodeado por uma chama esbranquiçada que recuava quando aproximada por uma das testemunhas da mesma. A história produziu uma breve sensação mediática — e um julgamento por homicídio. Afinal de contas, seguramente ele devia ser uma vítima de crime! O Charbonnier de setenta e um anos não era corpulento nem bêbado, mas isso não o pôde salvar da morte por CHE, declarou o médico francês Dr. Masson, que recomendou à *Gazette Médicale* que o incidente "fosse remetido para a classe da combustão espontânea." O tribunal concordou. O arguido foi absolvido de homicídio, e o veredicto a favor de CHE rapidamente desapareceu na obscuridade da jurisprudência.

À medida que a década chegava ao fim, o famoso alcoólico de Paris Xavier C— fez uma aposta numa taberna perto da Barrière de l'Étoile de que conseguia comer uma vela acesa. Mal tinha aproximado a vela dos seus lábios quando soltou um leve grito e caiu impotente no chão. Tinha perdido a sua aposta. A *Gazette des Tribunaux* (25 de Fevereiro de 1850) explicou o porquê:

“Uma chama azulada foi vista a tremeluzir em redor dos seus lábios, e numa tentativa que foi feita para lhe oferecer assistência, os espetadores ficaram horrorizados ao descobrir que ele estava a arder internamente. Ao fim de meia hora, a sua cabeça e a parte superior do seu peito estavam reduzidas a carvão.... Um punhado de pó no local onde a vítima jazia é tudo o que resta.” Dois médicos declararam que “Xavier tinha caído vítima de combustão espontânea.” Era uma determinação contra a qual ninguém na taberna apostaria.

A CONDESSA VON GÖRLITZ E O BARÃO VON LIEBIG: A QUEDA REAL DA SHC?

Estes inflamamentos apocalípticos individuais vinham sendo relatados com demasiada frequência e causavam demasiada controvérsia no seio da comunidade médico-científica para poderem ser ignorados. Estaria ou não a acontecer este fenómeno fascinante? Se a SHC ocorria verdadeiramente, isso significava que existia uma grande lacuna no conhecimento sobre o corpo humano. Se os eventos resultavam de observações deturpadas ou de conclusões desinformadas, então muitos homens de ciência precisavam de abrir os olhos e o mistério de provar ser uma ilusão de uma vez por todas.

Com homens da medicina e nada menos do que dois tribunais de justiça a afirmar a ocorrência de combustão espontânea em humanos em meados do século dezanove, por que razão era este fenómeno tão pouco conhecido (e vigorosamente negado) quase 150 anos mais tarde? A resposta reside na conjunção de duas profissões estimadas do período: a jurídica e a científica. E no papel partilhado por ambas num evento marcante. O evento começou a desenrolar-se a 13 de junho de 1847, na casa do Conde von Görlitz, na Alemanha. Nessa tarde, o conde tinha saído para ir a uma festa, deixando a sua condessa em casa com um criado chamado Stauff.

Quando o Conde von Görlitz regressou à noite, não conseguiu encontrar a esposa. Pelas onze horas, fez com que operários arrombassem a porta trancada do quarto da esposa, onde ela passava frequentemente horas em solidão. Ali encontraram uma grande desordem: a secretária da condessa estava a arder e um odor pestilento invadia o quarto de dormir. A maior desordem, contudo, era evidente na própria Condessa von Görlitz. A sua cabeça estava gravemente carbonizada, embora a sua boca estivesse escancarada e a língua distendida. Queimaduras profundas laceravam a

maior parte do seu torso, e as articulações dos seus braços estavam expostas. As extremidades inferiores estavam intactas. O Dr. J. A. Graff, o diretor médico da vizinha Darmstadt, foi chamado no início da manhã seguinte. Graff não encontrou sinais de violência no corpo. E apesar de o fogo não ter conseguido destruir significativamente o corpo, Graff sugeriu que a condessa tinha sucumbido não a um homicídio ou a uma vela caída, mas à chamada combustão humana espontânea.

O debate estalou imediatamente quanto a saber se a morte desta aristocrata se devia à SHC ou se ela tinha sido vítima de um crime. Um segundo médico rejeitou criteriosamente a avaliação de Graff, enquanto um terceiro concordou com Graff. O corpo foi removido do caixão, e um novo exame revelou uma longa fenda no crânio, que poderia ter resultado ou de uma concussão ou dos efeitos do fogo. Para responder a tais questões, o Supremo Tribunal reuniu-se para ouvir os depoimentos, sob uma especulação frenética entre a população e os meios de comunicação. Foi o julgamento do O. J. Simpson daquela época.

Chamados ao banco das testemunhas foram dois especialistas em química, os professores T. L. W. Bischoff (1792-1870) e o Barão Justus von Liebig (1803-1873). Bischoff apresentou um relato* de experiências que tinha realizado ao queimar um cadáver no Instituto Anatómico. Ele foi incapaz de produzir qualquer fenda no crânio semelhante à que a própria condessa exibia. Mas a grande arma desta "Dream Team" jurídica era o Barão.

Com convicção e aptidão, von Liebig aplicou a sua considerável reputação científica ao desafio da SHC e para pôr fim ao debate ruidoso que assolava os seus colegas. Von Liebig era uma luminária na comunidade científica do século dezanove. Ajudou a estabelecer a ciência da química orgânica, o estudo de compostos que contêm carbono (o que inclui o corpo humano). Concebeu técnicas para melhorar os métodos de análise orgânica e aumentou o conhecimento sobre a preparação de alimentos através do seu livro *Chemistry of Food*. Nascido em Darmstadt, na Alemanha, mais tarde dirigiu um dos laboratórios químicos mais reputados do mundo na Universidade de Giessen. A sua reputação já estava bem estabelecida por volta de 1850. Quando von Liebig falava, a ciência escutava. Talvez porque von Liebig tivesse ligações tanto com Darmstadt como com Paris — cada cidade agora associada ao tema da SHC —, era

natural para ele focar o seu considerável intelecto e perícia química na controvérsia.

** Bischoff, T. L. W. (1850): "Zusdtze und Bemerkungen zu der Abhandlung des Herrn Med.- Direktor Dr. Graff zu Darmstadt uber die Todesart der Grifin v. Gérlitz, mit besonderem Hinblicke auf die Lehre von der Selbstverbrennung," Z. Stattsarzneik, vol. 60.*

Em 1850, von Liebig falou ao Tribunal sobre a combustão humana espontânea, depoimento que foi publicado mais tarde nesse ano no seu tratado *Zur Beurtheilung der Selbstverbrennungen des menschlichen Kérpers*. Ele reviu os casos que lhe eram conhecidos e descobriu que quase a totalidade dos seus cinquenta casos de alegada SHC partilhava escassas seis (lembremo-nos de que Lair identificara anteriormente oito) características:

1. A SHC ocorria no inverno.
2. As vítimas de SHC eram alcoólicas e estavam embriagadas na altura da morte.
3. A SHC ocorria em divisões aquecidas por lareiras abertas ou recipientes contendo carvão em brasa.
4. A SHC nunca ocorria na presença de testemunhas.
5. A SHC nunca foi observada por nenhum médico, e nenhum médico tentou jamais determinar as condições que precederam o incêndio fatal.
6. A SHC ocorria ao longo de um período de tempo desconhecido, nunca tendo ninguém determinado o tempo decorrido da combustão.

Desde já se sabe que cada ponto que von Liebig estabeleceu como critério para os episódios rotulados de SHC pode ser descartado. Da mesma forma que von Liebig optou por descartar três casos listados por Frank nos

quais não havia fogo externo nas proximidades das vítimas porque, disse von Liebig, estes três casos eram "totalmente indignos de crédito". Von Liebig não se ficou por aí. Sendo um cientista de laboratório, realizou experiências quantitativas em tecido humano para ver se aquilo que considerava as circunstâncias ideais conseguiria queimar o corpo humano tão completamente até às cinzas. Para ele, as circunstâncias ideais tinham de envolver carne totalmente saturada por bebidas espirituosas.

Como qualquer químico orgânico devia saber, o álcool arde, frequentemente com uma chama azulada. O tecido absorve o álcool. Todas as vítimas de alegada SHC eram alcoólicos notórios. Não eram? Era uma relação que parecia tão estreita como o esmalte nos dentes. Uma relação de que, no entanto, von Liebig duvidava. Afinal, apontou ele, os cadáveres de alcoólicos nunca tinham sido vistos a entrar em combustão espontânea, por que razão haveriam de o fazer os consumidores vivos? No entanto, o Barão testou a hipótese (como tinham feito o seu colega Bischoff, e Fontanelle, antes dele). A sua experiência foi definitiva; o resultado, negativo. O tecido não se transformou em cinza. Hipótese refutada. Consequentemente, a 11 de março de 1850, o criado Johan Stauff foi acusado de roubo, fogo posto e homicídio. Considerado culpado pelo Supremo Tribunal, foi condenado a prisão perpétua.

Anos mais tarde, Stauff confessou que tinha, de facto, entrado no quarto da Condessa von Görlitz, que o apanhou em flagrante a furtar joias e dinheiro da sua secretária. Seguiu-se uma luta, e ele agrediu-a violentamente e depois estrangulou a condessa. Para ocultar o crime, amontoou materiais combustíveis em cima do corpo dela e ateou fogo à pilha. Era culpado de projetar a pira funérea da condessa, uma pira que se provou ineficaz para esconder a sua má ação. Para Stauff, o veredicto do tribunal foi correto. Mas seria o seu veredicto correto para a SHC?

RECORRENDO DO VEREDICTO DO BARÃO

O que Bischoff e von Liebig mostraram ao mundo foi isto: a carne saturada com álcool durante um longo período de tempo não é catastroficamente combustível. Quando é inflamada, o álcool arde por completo e as chamas apagam-se. A combustão para, tendo produzido, na melhor das hipóteses, apenas a carbonização mais superficial. Um exemplo ilustrativo, embora desagradável conceptualmente, provém de *A Handbook of the Practice of Forensic Medicine* (1861): um feto de cinco meses "que

tinha estado imerso em álcool como preparação anatómica por um período de tempo desconhecido, e cujos tecidos deveriam, portanto, estar ainda mais saturados de matéria combustível do que os do bebedor mais inveterado alguma vez poderiam ficar, foi de tal modo exposto à chama mais intensa de um pequeno forno químico de fundição de vidro e metal, que o ápice do cone da chama foi aplicado ao corpo. Em poucos minutos a pele começou a arder, a chama foi imediatamente removida, e o corpo — cessou instantaneamente de arder." O experimentador repetiu este procedimento pelo menos dez vezes com o mesmo resultado: meras manchas de pele queimada, "de modo nenhum uma 'combustão espontânea' do corpo perfeitamente alcoolizado."

Eu fiz a mesma experiência — mas com um pedaço de carne de vaca gorda marinado durante nove meses numa mistura de gin, vodka, uísque e cerveja. O que aconteceu? Apenas para inflamar a carne após a sua remoção da solução foram necessários vários fósforos acesos; depois de o álcool arder e de as belas chamas azuis cessarem, vejam só! a carne de vaca não estava nem um bocadinho incinerada. Como qualquer pessoa que cozinhe num grelhador já sabe: o bife marmoreado mais bem passado não se dissolve em cinzas sobre o carvão! Graças a Deus. Von Liebig e Bischoff tinham determinado que corpos saturados de álcool não se queimam a si próprios, mesmo na presença de uma chama externa.

Portanto, o Barão von Liebig decretou rigidamente que a SHC devia desaparecer da estrutura da ciência. Nem todos concordaram. In 1852, Marie Guillaume Devergie publicou um estudo mais abrangente sobre a SHC do que o de von Liebig. No seu "De la Combustion Humaine Spontanée", Devergie discordou veementemente da conclusão de von Liebig. Desafiou a interpretação das experiências deste último e afirmou audaciosamente que podem estar a ocorrer alterações moleculares no corpo vivo pelas quais este se torna então combustível a partir da absorção de álcool; ou, uma vez dentro de uma pessoa, a partir da conversão do álcool em compostos mais inflamáveis. O Dr. Marc, outro médico que se interessou pela SHC, sugeriu que gases inflamáveis — até mesmo hidrogénio fosforado (que em certas circunstâncias se inflama em contacto com o ar) — podem ser gerados no corpo vivo, dando assim origem a uma verdadeira combustão espontânea em humanos. J. H. Kopp tinha sugerido a mesma teoria lá atrás, em 1811, em *Ausfiihrliche Darstellung*. Devergie, Marc, Kopp e, claro, Fontanelle não tinham, contudo, a reputação do Barão

von Liebig, e os seus protestos caíram em grande parte nos ouvidos de uma comunidade científica surda.

Von Liebig sustentava que o conceito de, e a crença na, SHC tinham surgido numa época em que a humanidade alimentava visões inteiramente falsas sobre a combustão e as suas causas. Na sua ignorância desinformada sobre a combustão, atribuíam facilmente traços maravilhosos e milagrosos a fogos misteriosos... especialmente fogos que pareciam originar-se dentro das pessoas. As pessoas pouco sofisticadas são, afinal, propensas a atribuir ao maravilhoso o que não compreendem. Mas agora estávamos em 1850! A ciência tinha explicado a combustão, apontou von Liebig, graças em grande parte à investigação de Davy cinquenta anos antes.

A jurisprudência e a ciência tinham acabado de unir forças num julgamento famoso, substituindo irreversivelmente uma filosofia romântica sobre a natureza pela ciência natural moderna, lógica e experimental. A maravilha antiquada da SHC era um delírio médico antigo que tinha alcançado uma espécie dúbia de credibilidade; agora devia ser descartada como uma relíquia de um mal-entendido ingénuo. Será isto o que as experiências de von Liebig realmente demonstraram? Não. Provaram algo bastante diferente daquilo que ele concluiu. Imaginemos que o Barão encontrava um automóvel Lamborghini no seu laboratório, com uma nota que o instruía a colocar combustível no depósito e a rodar a chave de ignição. Von Liebig deita uma mistura de uísque e brandy no depósito, sabendo que ambos ardem e são, portanto, um combustível adequado. Roda a chave e não sai do sítio. Vejam, exclama ele, o carro não se move! É inútil como transporte; deem-me um cavalo! A sua conclusão está errada, claro, porque o seu raciocínio estava em erro: ele escolheu o combustível errado. Ao deitar gasolina, em vez disso, von Liebig estaria a andar de carro com os olhos arregalados por caminhos de carruagens a velocidades que nunca poderia ter imaginado!

O que von Liebig tinha realmente demonstrado era que um tipo de combustão — a oxidação do álcool — não conseguia cremar carne. O facto de von Liebig não conseguir imaginar a SHC sem a queima exotérmica do álcool é uma limitação do seu raciocínio. O facto de ele ter falhado em demonstrar a SHC é o resultado de ter escolhido o combustível errado — e de compreender inadequadamente a gama completa de efeitos que o álcool pode produzir dentro do corpo humano uma vez ingerido. O que von Liebig

conseguiu fazer foi descartar um aspeto de uma alegada causa por trás das mortes de pessoas que se inflamavam de uma forma certamente fora do comum. O seu trabalho experimental não negava a SHC *per se*. A ciência não viu as coisas desta forma, contudo. Liebig teve a última palavra.

O seu pronunciamento manter-se-ia, embora não tivesse sido fundamentado cientificamente. A SHC seria, doravante, uma curiosidade histórica, sepultada para sempre como uma relíquia de uma Era de Tolices. Como uma enciclopédia popular de 1905, *The Student's Reference Work*, comentou sobre a combustão espontânea [humana]: "Liebig diz que um corpo morto cheio de álcool pode arder por si mesmo; mas não um vivo, no qual o sangue está a circular." Finalmente, a SHC estava morta e enterrada. Apesar do pronunciamento de von Liebig, nem todos desconsideraram as evidências disponíveis. Em 1850, o médico alemão von Gorup-Besanez escreveu para o *Jahrbiicher der in und ausléndischen gesammten medicin* de Carl Christian Schmidt que, embora concordasse que a Condessa Görlitz não tinha morrido por *selbstverbrennung*, no entanto "a possibilidade de uma autocombustão parece não ser refutada pelos escritos de Liebig, mesmo no que diz respeito à causa química da mesma." Em 1854, o Dr. Joel Shew proclamou que a "intemperança prolongada" causadora de combustão "facilmente excitada ou espontânea, está abundantemente provada."

Chamou a este fenómeno "raro" *Catacausis Ebriosa*. Em 1857, o Dr. R. T. Trall reconheceu a mesma maleita, chamando-lhe diátese alcoólica e dizendo que está "demasiado bem autenticada para ser por mais tempo duvidada." E, um pouco tardiamente, Archie Stockwell reviu as evidências e encontrou causa suficiente para anunciar em *The Therapeutic Gazette* (1889) uma nova doença causada pelo consumo excessivo de álcool: "*Catacausis Ebriosus* (Combustão Espontânea)". Claramente, o veredicto final ainda não tinha chegado. E, apesar de von Liebig, as pessoas continuavam a arder com uma minúcia impossível.

O VEREDICTO ESTÁ DADO?

Aborde cada novo problema não com a perspetiva de encontrar o que espera que lá esteja, mas para obter a verdade, as realidades com as quais se deve debater. Pode não gostar do que encontrar... Mas não se engane a si mesmo quanto àquilo que descobre serem os factos da situação. — Bernard Baruch

daqueles que julgam as provas. No jargão jurídico, é o princípio do "Julgamento contrário à prova" — o que equivale a dizer que, quando todas as provas apontam numa direção oposta à do julgamento, o julgamento não se pode manter. Esse princípio foi invocado em 1725 quando Jean Millet foi acusado de matar a sua esposa através do fogo, um crime pelo qual foi condenado até que LeCat apontou que as provas falavam não de homicídio, mas de SHC. O veredicto contra o Monsieur Millet foi anulado em sede de recurso, e a jurisprudência admitiu o fogo interno como uma defesa credível. Esta determinação foi posteriormente mantida quando um réu acusado na morte de Charbonnier foi exonerado, recaindo o veredicto de culpabilidade novamente sobre a SHC.

Este precedente legal foi mais tarde revogado, não pelos tribunais, mas no laboratório do Barão von Liebig, que exemplificou o risco inerente àquilo que a obra *The Decline of the West*, de Oswald Spengler, retratou como a tendência do racionalismo de "procurar sempre a solução para a pergunta. Nunca se viu que muitas perguntas implicam muitas respostas..." Von Liebig imaginou apenas uma solução para a SHC e, achando-a insatisfatória, determinou miopicamente que nenhuma prova adicional contra a SHC era necessária.

O caso da SHC foi fechado de forma mais hermética do que uma porta corta-fogo. Não importava que os humanos continuassem a incinerar-se completamente e a levantar a questão que von Liebig e os seus discípulos agora ignoravam. De facto, os seres humanos estavam a arder com tanta frequência na Europa Ocidental por esta altura que o maior escritor da época se sentiu compelido a explorar o fenómeno.

A SHC E A MENTALIDADE DICKENSIANA

Charles Dickens (1812-1870) não necessita de apresentações além do seu próprio nome. Com um olhar apurado para o absurdo, o humor, o mistério e uma terna piedade, ele defendeu os pobres e expôs as políticas cruéis de industriais sem coração. Com uma mente igualmente perspicaz, perseguiu aquilo que a estudiosa de Dickens, Ann Y. Wilkinson, chamou de uma obsessão por todos os aspetos do fogo e da combustão. Na sua série Faraday sobre ciência para a *Household Words* (setembro de 1850), Dickens explica os meios de geração de calor corporal e pergunta se as pessoas não deveriam estar sujeitas a inflamar-se ocasionalmente? "Diz-se", surge a resposta inquietante, "que a combustão espontânea por vezes

acontece; particularmente em grandes consumidores de bebidas espirituosas." Os seguidores de Dickens não poderiam ter adivinhado o que ele planeava para eles a seguir. Se a *Household Words* foi a preparação, *Bleak House* seria o golpe. *Bleak House* foi publicado inicialmente como um folhetim de revista durante 1852-1853. Recebeu elogios pelo seu ataque aos processos judiciais insuportáveis nos tribunais de chancelaria ingleses.

Hoje, contudo, é provavelmente mais conhecido pela forma como o seu sinistro protagonista, o chanceler Krook, recebeu o que merecia no Capítulo 33. À medida que os relógios de Londres dão a meia-noite, Tony e o Sr. Guppy chegam ao pequeno apartamento de Krook. Embora Tony tivesse visitado Krook escassos momentos antes, o quarto está agora silencioso e na penumbra com "um revestimento escuro e gorduroso nas paredes e no teto". O mal assombra o lugar. Onde Krook estava sentado, agora alguma "coisa preta esmigalhada está no chão". Os dois rapazes olham mais de perto:

[A]lgo no chão, diante do fogo e entre as duas cadeiras. O que é? Ergue a luz. Aqui está um pequeno pedaço de soalho queimado; aqui está a mecha de um pequeno maço de papel queimado, mas não tão leve como habitualmente, parecendo estar embebido em algo; e aqui está — será a cinza de um pequeno tronco de madeira carbonizado e partido, salpicado de cinzas brancas, ou será carvão? Ó Horror, ele ESTÁ aqui! e isto de que fugimos, apagando a luz e derrubando-nos uns aos outros para a rua, é tudo o que o representa. Ajuda, ajuda, ajuda! entrem nesta casa, por amor do Céu!

Muitos entrarão, mas nenhum poderá ajudar. O Lorde Chanceler daquele Tribunal, fiel ao seu título no seu último ato, morreu a morte de todos os Lordes Cancelares em todos os Tribunais, e de todas as autoridades em todos os lugares sob quaisquer nomes que sejam, onde se fazem falsos pretextos e onde se comete injustiça. Chamem à morte o nome que Vossa Alteza quiser, atribuam-na a quem quiserem, é eternamente a mesma morte — inata, inata, gerada nos humores corrompidos do próprio corpo vicioso, e apenas isso — Combustão Espontânea, e nenhuma outra de todas as mortes que se podem morrer.

Enquanto a maioria dos seus contemporâneos se esforçava por enterrar a SHC, Dickens compreendeu o seu poder literário inerente. Como J. Hillis Miller comentaria cem anos mais tarde em *Twentieth Century*

Interpretations of Bleak House (1958): “Krook é transformado nos elementos básicos do mundo do romance, o nevoeiro e a lama. O odor pesado no ar, como se estivessem a fritar más costeletas de porco, e o ‘líquido amarelo espesso’ que se forma no parapeito da janela à medida que Krook arde para a atmosfera circundante, são versões particularmente horríveis destes elementos.”

O mal que Krook personificava é removido, limpo, banido; a sociedade é simbólica e literalmente purgada por um fogo mágico que destrói completamente a maldade e nada mais. Ao impor implicações morais à SHC, Dickens usou a morte de Krook para transmitir a punição horrível proporcional ao grande pecado que o defensor dos oprimidos tanto abominava: a indiferença perante os males morais. Krook não deixa atrás de si um único rasto no qual o seu mal possa continuar a viver. Toda a grosseria é sublimada, refinada pela magia química da SHC em arte pura; em matéria purificada. Através da SHC, a simbologia apocalíptica de Dickens triunfou. Para algumas mentes vitorianas, contudo, triunfou ao ponto de exceder o decoro literário. Dickens acendeu uma tempestade literária entre os seus críticos, nomeadamente o racionalista George Henry Lewes. Escrevendo para o *The Leader*, Lewes disse ao mundo que

“objetou ao episódio da morte de Krook por combustão espontânea por ultrapassar os limites da ficção e dar moeda corrente a um erro vulgar.” (Eu não sabia que a ficção precisava de limites para ser ficção!)

Na primeira impressão encadernada de *Bleak House* (1853), Dickens defendeu-se. “Não tenho necessidade de observar que não procuro, voluntária ou negligentemente, induzir em erro os meus leitores”, escreveu Dickens sobre a SHC no seu prefácio, “e que antes de escrever aquela descrição me dei ao trabalho de investigar o assunto.” Usando a Condessa Bandi (grafada incorretamente por ele como “Baudi Cesenate”) como modelo para Krook, disse que também se baseou nas “opiniões e experiências registadas de ilustres professores de medicina, franceses, ingleses e escoceses” que apoiavam a SHC.

Concluiu Dickens: “Não abandonarei os factos até que tenha havido uma combustão espontânea considerável dos testemunhos com base nos quais as ocorrências humanas são habitualmente recebidas.” Lewes persistiu. Escreveu altivamente a Dickens: “Acredito que não encontrará um único químico orgânico eminente que dê crédito à Combustão

Espontânea." Dickens não capitulou. Dois anos antes da sua morte, na edição de 1868 de *Bleak House*, rebateu novamente Lewes. Não só havia provas de SHC no passado, insistia Dickens, como há SHC no presente. "Outro caso, descrito de forma muito detalhada por um dentista", afirmou, "ocorreu na cidade de Columbus, nos Estados Unidos da América, muito recentemente. O sujeito era um alemão que explorava uma loja de bebidas e era um ébrio inveterado." No entanto, Lewes continuou a criticar. Tão vitriólico foi o seu ataque contra Dickens na *Fortnight Review* (fevereiro de 1872) que um certo Sr. Forster respondeu chamando a Lewes e ao seu artigo "odiosos por intoleráveis presunções de uma indulgente superioridade." Ah, como os vitorianos sabiam construir uma frase.

EM DIREÇÃO A UMA REIVINDICAÇÃO DO CAMPEÃO LITERÁRIO DA SHC

Assim como von Liebig tinha triunfado ao eliminar a SHC da consideração científica, Lewes foi vitorioso no ringue literário: o seu pugilismo intelectual alcançou um K.O. técnico sobre a SHC, apesar de esta ser defendida pelo mais importante homem de letras inglês. A SHC foi derrotada mais uma vez. Contudo, Lewes poderia ter gasto o seu tempo de forma mais produtiva (e, a longo prazo, menos embaraçosa) se tivesse lido os jornais do seu país e pesquisado em revistas médicas em vez de atacar o Sr. Dickens.

Pouco antes de 16 de novembro de 1867; Downpatrick, Irlanda. Hugh McMullen é asfixiado por um incêndio que matou a sua mãe, Mary McMullen, numa sala adjacente. Relatou o *The Downpatrick Recorder* que apenas as mãos, o peito, ambos os pés e a parte inferior das pernas compunham os "poucos fragmentos do que fora a sua mãe". O Dr. Newport White notou danos mínimos na casa e disse estar "fortemente inclinado" a decidir a favor de SHC no que diz respeito à Sra. McMullen. Mas, oficialmente, e de forma inofensiva, registou simplesmente "Queimada até à morte". No início de 1868 ou antes, um alemão-americano embriagado ardeu por completo em Columbus, disse um Dr. Watkins, que investigou o caso. O corpo foi encontrado numa lareira, é verdade; mas o Dr. Watkins sentiu que a extensão dos ferimentos era demasiado completa para lhe ser atribuída. O corpo estava carbonizado; os seus órgãos genitais totalmente destruídos; os seus músculos "dissolvidos". No entanto, o lenço de seda e a camisa do velho estavam intactos.

O Dr. Watkins tinha razão ao olhar para além da lareira em busca de uma explicação! Ele disse que o octogenário morreu no Arkansas, no Mississippi ou no Texas. Destes três estados, apenas o Texas tem uma grande cidade chamada Columbus. Assim, acredito ter não só localizado com precisão o lugar deste incidente de SHC de outro modo ignorado... como também identificado a base para o caso "recente" do proprietário da loja de bebidas que Dickens citou na sua segunda edição de *Bleak House*.

14 de março de 1869; Aberdeen, Escócia. A Sra. Warrack (ou Ross) bebeu um uísque a mais ou fez outra coisa qualquer que causou a sua combustão completa. No espaço de não mais de sessenta minutos, um fogo enegreceu os ossos desta escocesa de sessenta e seis anos; transformou os seus intestinos numa "massa negra"; assou a sua coxa direita como carne de vaca; queimou totalmente os seus músculos e pele; e fez do seu pé direito e da perna e pé esquerdos uma "cinza disforme".

De resto, ela era carvão gorduroso, disse o Dr. Ogston, que examinou a cena. A sua roupa ardera por completo, mas não havia outros danos além do degrau da escada e do corrimão onde ela tinha colapsado. Ogston não conseguia sequer dizer se ela estaria a subir ou a descer as escadas, de tão pouco que restava dela. Por volta de 1 de agosto de 1869, outra francesa intemperante em Paris, de trinta e sete anos, desafiou a ciência e o Sr. Lewes. A polícia mandou chamar o Dr. Bertholle, que arquivou um relatório clínico e detalhado: braço esquerdo totalmente consumido, mão direita reduzida a cinzas, nenhum vestígio de órgãos internos no tórax, órgãos abdominais irreconhecíveis. Roupas de cama, colchões, cortinas, todas as outras coisas no pequeno quarto permaneceram isoladas da fornalha violenta dentro dela. Os vizinhos não tinham ouvido nenhum grito de alarme ou de dor. A sua partida singular rendeu-lhe uma nota de rodapé na história.

Dezembro de 1869; Alexandria, Virgínia. A. B. Flowers inflamou-se de uma forma que a *Scientific American* (1870) considerou digna de menção. 12 de novembro de 1871; Nova Iorque. Mary Sullivan, de oitenta e cinco anos, foi encontrada morta por queimaduras no meio de poucos danos causados pelo fogo no seu mobiliário. Sendo inválida, pode ter caído sobre uma vela, disse o *The New York Times* (13 de novembro de 1871).

A COMBUSTÍVEL VIÚVA ELIZA COLLIER

Enquanto eu folheava volumes obscuros e empoeirados do *The Philadelphia Medical Times* no College of Physicians, senti-me subitamente como o prospetor que por acaso encontra uma pepita de cinco quilos escondida no cascalho do leito de um rio. Filão de oiro! O momento ¡Euroca!. Ouro de uma espécie diferente foi resgatado naquela manhã do lodo da história esquecida. Aqui, reintroduzo ao mundo a história, perdida há um século, da Sra. Eliza Collier.

Na manhã de 1 de dezembro de 1872, o Dr. J. M. Collier realizou um inquérito na casa de pinho desgastado pelo tempo da falecida viúva Collier (aparentemente sem parentesco) nos arredores de Orion, Geórgia. Ali viu, a cerca de nove pés da lareira, o corpo surpreendentemente queimado e fendido de alto a baixo da idosa mulher. O Dr. Collier considerou-o suficientemente impressionante para descrever com precisão anatómica o estado do seu cadáver ao *Times* (12 de abril de 1873). Basta dizer que as suas costelas jaziam no chão de terra; o seu coração tinha encolhido para metade do tamanho; o seu pulmão esquerdo parecia "a pele superior de um sapato velho que tivesse sido queimado." A sua cabeça estava tão destruída que a sua própria filha não a conseguiu identificar. O único sinal de carne, escreveu ele, estava no rosto e na mão esquerda. Na noite anterior, disse um criado, a Sra. Collier estivera de perfeita saúde.

Agora, o Dr. Collier teve de usar uma enxada para recolher os pedaços carbonizados da mulher, dizendo: "Poderia ter colocado tudo dentro de uma pequena caixa de velas." Notou várias contusões na cabeça dela, mas considerou-as insuficientes para terem causado a morte; também não conseguiu encontrar quaisquer manchas de sangue. Atribuiu a morte unicamente ao fogo. O Dr. Collier procurou diligentemente a origem desse fogo. Um xale queimado jazia por perto, mas nenhum rasto de cinza conduzia a ele, à viúva ou à lareira. Nenhum outro material combustível na casa propensa a incêndios se tinha queimado, nem mesmo uma vela sobre a cornija da lareira.

Verificou a lareira: "nenhum indício de qualquer fogo invulgar ter estado na lareira, antes pelo contrário... os poucos tições restantes não estavam espalhados", o que, de facto, indicava que a lareira não tinha sido acesa naquela noite. As teias de aranha não mostravam nenhum novo depósito de fuligem, provando que o corpo queimado gerara muito pouco

fumo. O Dr. Collier já tinha visto anteriormente corpos retirados de incêndios que devastaram edifícios inteiros.

Este caso era diferente desses, contudo. Esta cena, admitiu ele, "excede tanto tudo o que já vi [que] me leva... a acreditar que é um caso daquilo que se pode verdadeiramente chamar combustão espontânea (?)". O Dr. Collier inseriu um ponto de interrogação porque, explicou ele, "não acredito em nada disso; espontânea não é a palavra; mas deve ter havido alguma causa predisponente para tal queima, e confio que serão capazes de lançar luz sobre ela." Nem o editor nem os leitores do *Times* o conseguiram fazer. O Dr. Collier admitiu que a sua observação meticulosa não discerniu nenhuma causa externa! Admitiu ainda que o que observou duplicava dezenas de inflamamentos semelhantes cronicados por Devergie, exceto que a Sra. Collier diferia por ser "a mais mera sombra de qualquer pessoa viva que eu alguma vez vi", em vez de ser obesa. Era o diagnóstico, e não os sintomas, que o Dr. Collier não aceitava. Ele precisava de dar ouvidos às palavras de Dickens, que em 1852 antecipara tal rejeição infundada da SHC quando escreveu "Chamem à morte o nome que quiserem...".

QUE NOME DAMOS A ESTAS MORTES?

Em 1876, o Reverendo Adams da paróquia de Stockcross em Newbury, Inglaterra, estava hospedado num hotel de Nova Iorque onde, segundo foi relatado, o clérigo entregou um dia a sua alma sagrada às chamas da combustão humana espontânea. Durante a primeira semana de setembro de 1883, a morte visitou a Sra. Murphy de Norwood, Austrália. Corpulenta, excêntrica e vivendo sozinha, a viúva foi encontrada "coberta de queimaduras... e meio consumida", relatou o *Adelaide Observer* (15 de setembro de 1883).

De forma desconcertante, "o corpo estava vestido com uma camisa de noite que não sofreu danos, e uma das mãos não mostrava marcas de fogo, exceto um polegar chamuscado." A audiência do inquérito deve ter sido um prodígio de contemplar, confrontada como estava com factos tão baralhantes. O seu júri cumpriu o seu dever e anunciou as suas conclusões: (1) ausência de intenção criminosa, e (2) "a falecida encontrou a morte por queimaduras, mas não houve provas suficientes para mostrar como tal aconteceu." De que forma poderia von Liebig ter desenhado uma experiência para duplicar as circunstâncias que a Sra. Murphy apresentava? A 24 de janeiro de 1884, as roupas de uma Sra. Sheller subitamente

pegaram fogo e queimaram-na. O Dr. Carter tratou das queimaduras. Depois, as próprias ligaduras inflaram-se incongruentemente. Ao relatar esta raridade ao *American Medical Journal* de St. Louis, ele culpou a "combustão espontânea" devido a uma fuga de "calórico"* das suas queimaduras, que depois inflamou o óleo nos pensos que ele aplicara a essas queimaduras. Ou não.

O próximo caso na cronologia da combustão curiosa traz-nos de volta à Grã-Bretanha e avança quinze anos no tempo. A data é 5 de janeiro de 1899, na casa de John Henry Kirby e da sua esposa afastada, Sara Ann Kirby. Embora o casal vivesse em duas habitações distantes uma milha em Sowerby Bridge, a oeste-sudoeste de Leeds, em West Yorkshire, eles — ou os seus domicílios (ambos fisicamente separados) — podem ter estado ligados de formas não imaginadas na altura e não compreendidas hoje. Às onze horas daquela manhã de quinta-feira, a Sra. Kirby foi ao exterior da sua casa em Hargreaves Terrace para buscar água a um poço, a cerca de vinte jardas de distância.

Regressou no espaço de dois minutos, para ouvir gritos lancinantes da sua filha de quatro anos, Amy Kirby. Amy estava em chamas. Um vizinho que entrou a correr diria mais tarde que chamas de uma jarda de altura irrompiam da cabeça da pequena Amy. A Sra. Kirby diria ao júri do inquérito: "Se lhe tivessem atirado óleo de parafina [querosene] por cima, ela não teria ardido mais depressa."

De alguma forma, o fogo em Amy extinguiu-se e uma ambulância foi chamada. Superada pela dor, a Sra. Kirby caminhou penosamente pela Fall Lane abaixo para contar ao marido sobre a tragédia que se abatera sobre a filha deles. O horror depressa se somou à aflição. A meio caminho do vale em direção à casa do Sr. Kirby, no número 45 da Wakefield Road, ela deparou-se com um mensageiro que corria para a encontrar. A irmã de Amy — Alice Kirby, de cinco anos — tinha sido ela própria encontrada em chamas pouco antes! A avó, Susan Kirby, que estava a tomar conta de Alice, disse que tinha deixado a neta na cama e, após uma breve visita a uma vizinha, regressou para encontrar a menina "envolta em chamas e quase morta queimada" — exactamente às onze horas.

Amy e Alice chegaram à Royal Halifax Infirmary, transportadas pela mesma ambulância puxada a cavalos. Ali — numa brincadeira do léxico forteano — um Dr. Wellburn assistiu as suas jovens doentes com

queimaduras o melhor que pôde. Em vão. Alice morreu às três horas da tarde; a sua irmã, pouco antes da meia-noite. Nenhum fósforo gasto, nenhum papel carbonizado, nenhuns tições de uma lareira foram encontrados em nenhuma das cenas do incêndio, foi dito ao júri do inquérito. O legista, de acordo com relatos contemporâneos que foram resumidos num artigo publicado no *Halifax Evening Courier* (13 de abril de 1985), falou em termos de "estranha", "notável" e "chocante coincidência" — e depois descartou as mortes das irmãs Kirby como um acidente.

Admitiu um jurado, contudo: "Não temos provas que mostrem como o fogo ocorreu em qualquer um dos casos." Jenny Randles e Peter Hough, a quem é dado o crédito por confirmarem os detalhes deste espantoso incidente (que trouxe profunda aflição à família), reconhecem no seu livro *Spontaneous Human Combustion* (1992) que informações cruciais se perderam para a história. Nada se sabe sobre o quão localizadas foram estas chamas gémeas, por exemplo; ou algo sobre as próprias lesões por queimadura. "Mas em toda a justiça", perguntam estes jornalistas, "quais são as probabilidades de duas irmãs, vivendo separadas mas distanciadas por apenas uma milha através de um vale e cujas casas se avistavam uma à outra, pegarem fogo exatamente ao mesmo tempo e com a mesma ausência de provas de uma causa racional?"

ABRINDO UM CAMINHO ATÉ AO SÉCULO VINTE

Apesar destes numerosos casos, as pessoas na viragem do presente século ainda acreditavam que Lewes tinha prevalecido no combate travado em torno da SHC, como atesta uma carta de E. Muirhead Little para o *The British Medical Journal* (26 de agosto de 1905). "Se uma inteligência tão ativa e aguda como a de Dickens foi enganada pelas provas pseudocientíficas a favor desta maravilha", disse Little sobre la SHC, "não admira que a crença nela custe a morrer entre as pessoas amantes do maravilhoso e supersticiosas que formam a maioria do público."

Pobre do homem comum e humilde que não sabe o quão ignorante coletivamente é. Mas esperem! Por que razão aqueles que acreditam na combustão humana espontânea não são dissuadidos por todas as provas em contrário? Porque todas as provas em contrário não são inteiramente dissuasoras. Imediatamente a seguir à denúncia de Little contra o pobre e

ingénuo Dickens e outros defensores da SHC, o *BMJ* imprimiu uma carta do Dr. E. G. Archer, membro do Royal College of Surgeons.

Numa justaposição deliciosamente irónica, o Dr. Archer descreveu um caso que investigou em 1903-1904, o qual ofereceria pouco conforto ao Sr. Little. Uma vez que o relatório do Dr. Archer foi ignorado pela história, cito detalhadamente o seu depoimento sobre uma idosa inglesa muito intemperante que vivia sozinha numa pequena casa e fora vista viva pela última vez à noite a ler uma revista à luz de uma vela:

Na manhã seguinte, cedo, um polícia que passava notou fumo a sair das persianas fechadas da janela da sala de estar, e a casa foi arrombada. A parte superior das paredes e o teto da divisão estavam muito chamuscados, mas o mobiliário na sala estava intacto. Nenhum vestígio da ocupante foi encontrado ao início, mas uma pequena pilha de detritos negros foi notada no chão em frente à cadeira, que era de ferro, e cuja cobertura da cadeira [sic] estava destruída.

Fui mandado chamar e descobri que a pequena pilha consistia nos ossos humanos calcinados e partidos de um corpo. Estavam dispostos numa pequena pirâmide, no topo da qual jazia o crânio. Todos os ossos estavam completamente branqueados e quebradiços, cada partícula de tecido mole tinha sido consumida. Uma toalha de mesa com um pano de baeta a menos de 3 pés dos restos mortais nem sequer estava chamuscada.

Mesmo que as roupas da mulher tivessem pegado fogo através da vela, raciocinou o Dr. Archer, "como se explica a cremação absoluta de um corpo no meio de uma sala de estar cheia de móveis? Posso dizer que os restos mortais foram vistos comigo por um colega de profissão, e ambos concordámos que várias características deste caso estavam para além da compreensão." O Dr. Archer não foi chamado para o inquérito — não consigo imaginar porquê! —, mas soube pelo presidente do júri que a morte foi declarada como "combustão espontânea".

Dois médicos confrontados com os restos mortais reais de uma mulher embriagada, reduzida a um crânio no topo de uma pirâmide de cinzas humanas numa cena que se assemelhava terrivelmente ao fim do ficcional Sr. Krook, e não a conseguiam explicar. Terá a vida imitado a arte diante dos olhos do Dr. Archer e do seu colega? Estaria Dickens finalmente reabilitado? Teria Lewes recebido finalmente o que merecia?

Ao longo do verão e outono de 1903, a casa dos Carter em Rockbeare, em Devon, Inglaterra, foi atormentada por uma atividade do tipo *poltergeist** . Em particular, Elizabeth Carter, de dezanove anos, foi assolada por acidentes e mortes que se centravam ao seu redor; no seu próprio corpo apareceu "a marca do Diabo", disse John Mackin no *Evening Post* de Reading (12 de abril de 1975). Logo após o Natal, um grito agudo trouxe o Sr. Carter a correr para o quarto da sua filha, onde um calor intenso o repeliu. Depois, o pior. A descoberta de Elizabeth; "o seu corpo estava carbonizado até à cinza." 16 de dezembro de 1904; Stirlingshire, Escócia.

A Sra. Thomas Cochrane, de cinquenta e um anos, "queimada para além de qualquer reconhecimento" no seu apartamento em Falkirk. Da mulher, apenas "restavam cinzas" — embora as almofadas circundantes estivessem apenas ligeiramente chamuscadas e não houvesse fogo na sala, declarou o *Falkirk Herald* do dia seguinte. 2 de fevereiro de 1905; centro-norte de London. A Sra. Maria Hall foi acordada sobressaltada na sua cadeira em frente à lareira pelo fogo. Um fogo nela própria!

Para a consternação de qualquer desmascarador ávido por culpar uma brasa saltitante pela sua combustão fatal, o *Lloyd's Weekly News* (5 de fevereiro de 1905) apontou polidamente que o legista Dr. Wynn Westcott afirmou que a mulher de trinta e sete anos da classe baixa estivera sentada de frente para o fogo — no entanto, foram as suas costas que arderam. Talvez uma brasa tenha voado para fora da lareira, circulado pela sala e depois, de forma inteligente e invisível, aberto caminho através das costas da sua cadeira antes de (finalmente) arder nas suas costas. 4 de fevereiro de 1905; Homerton, Inglaterra. George Horn, de 1 ano de idade, sofreu queimaduras ligeiras no rosto e no braço direito, declarou o *Lloyd's Weekly News* (5 de fevereiro de 1905), quando "o fogo teve origem através de alguma roupa que estava a arejar e que se incendiou." Suponho que, se uma brasa consegue navegar numa trajetória complexa para queimar uma mulher de meia-idade, também a roupa estendida a secar consegue chamuscar espontaneamente uma criança de colo. O *Lloyd's* colocou como manchete da sua história de primeira página: "Queimaduras Misteriosas."

Ainda mais tarde nesse mês, a 26 de fevereiro, o Sr. e a Sra. Kiley de Butlock Heath, perto de Southampton, Inglaterra, foram encontrados na sua casa em chamas. No chão jazia o Sr. Kiley, morto devido a queimaduras;

numa cadeira próxima sentava-se a sua esposa, "gravemente carbonizada, mas reconhecível." As provas indicavam que ambos tinham morrido muito antes de o incêndio na casa começar e, embora um candeeiro virado tenha sido encontrado ali, o exame revelou que este não causara nenhum dos fogos.

O *Hampshire Advertiser* (4 de março de 1905) apresentou o veredicto do júri: "Morte acidental, mas por que meios, foram incapazes de determinar." Por volta das onze horas da noite de 27 de janeiro de 1907, os vizinhos notaram uma "luz brilhante" no interior da casa dos Houck em Pittsburgh, Pensilvânia. O Sr. Houck chegou a casa à 1:00 da manhã e viu-se trancado do lado de fora quando a sua esposa não respondeu aos seus golpes na porta. Entrou por uma janela da cave e, disse o *The Pittsburgh Post* (28 de janeiro de 1907), ele "procurou divisão após divisão, mas foi incapaz de encontrar a sua esposa."

Finalmente, discerniu um ligeiro odor a trapos queimados e seguiu-o até um quarto. Ali, disse o *The Pittsburgh Press* (mesma data), o "corpo cremado" de Kate Houck, de cinquenta e duas duas anos, "foi encontrado numa posição sentada contra a parede." Um médico disse que ela estava morta há duas horas, o que coincidia com o clarão de luz. A polícia enfrentava um mistério, disse o *The Post*, devido a uma circunstância peculiar: nada além do seu corpo e de um cesto de papéis se tinha queimado. Perto de Dinapore, Índia, por volta de 13 de maio de 1907, dois polícias depararam-se com uma mulher que vivia em Manner cujo corpo estava a deitar fumo.

Procuraram na sua casa por danos causados pelo fogo, relatou o *Madras Mail* (13 de maio de 1907), e não encontraram nenhuns — nem mesmo as suas roupas estavam danificadas. Carregaram o cadáver fumegante nas suas vestes intactas até ao Magistrado do Distrito. A papelada deste caso deve ter sido particularmente difícil de preencher. A 12 de dezembro de 1912, em Topsfield, Massachusetts, o trabalhador agrícola de cinquenta anos James Welch foi "encontrado com os ossos da cabeça queimados até à cinza e as suas roupas ainda a fumegar, na sala de jantar da sua casa na propriedade Dodd.

O homem tinha caído com a cabeça na grande lareira." As brasas quentes necessárias para atear a sua ignição não foram mencionadas, nem encontradas, pelo repórter do *Niagara Falls Gazette* (21 de dezembro de

1912). Na manhã de 23 de dezembro de 1916, o proprietário Thomas W. Morphey encontrou o corpo gravemente queimado da sua governanta, Lillian Green, no chão do Lake Denmark Hotel, localizado a sete milhas de Dover, New Jersey. O fogo não se estendeu além das tábuas do soalho, que estavam apenas ligeiramente carbonizadas.

Ela não conseguiu explicar nada a ninguém sobre a sua situação e sucumbiu pouco depois. Dissera que houvera um incêndio num hotel vizinho durante a noite, mas uma "busca massiva" não revelou nada de suspeito que ligasse o facto à senhora fatalmente queimada. Às 2:40 da manhã de 6 de abril de 1919, os bombeiros em Dartford, Inglaterra, chegaram a Hawley Manor porque a casa estava em chamas... problematicamente em chamas. O *Dartford Chronicle* (11 de abril de 1919) disse que o fogo tinha alastrado por toda a casa até chegar à porta de um quarto, e ali parou. Neste quarto não havia fogo, mas ali jaza J. Temple Thurston, morto e queimado. Nas suas roupas não havia vestígios de marcas de queimadura.

O inquérito ponderou como as suas coxas e a parte inferior das pernas tinham queimado em carne viva; ponderou que ele poderia estar morto horas antes de o incêndio fora do seu quarto começar; ponderou que as provas indicavam que ele poderia não se ter apercebido da sua situação, pelo que não fez qualquer esforço para escapar ou pedir ajuda.

** Antiga Física — um fluido hipotético na matéria que determinava o seu estado térmico. * Poltergeist — do alemão para "espírito barulhento" — abrange fenómenos psicocinéticos, tais como o movimento e a manipulação de objetos sem contacto físico direto por agentes humanos.*

Por volta de 1921, nos campos de exploração madeireira do norte, perto de Calumet, Minnesota, Matti Kivimaki e outro lenhador beberam álcool metílico com resultados imediatamente fatais. Segundo Rita Jones Lewis, que ouviu a história da sua mãe, "aquilo passou tão depressa pelos sistemas deles que simplesmente pegou fogo. Eles arderam por completo, mas a cabana não." Foram encontrados "todos carbonizados." Poderiam os dois lenhadores ter sido outro protótipo de SHC dupla?

As observações anómalas acumulam-se. Durante quatro dias em 1922, de 9 a 12 de março, a ameaça de SHC aterrorizou a Sra. Ona Smith, de vinte e três anos. Dois colchões, um calendário de parede, um xale usado

pela inválida e outros artigos já se tinham inflamado e reduzido a cinzas à medida que "chamas azuis irrompiam do ar" no seu quarto em Alva, Oklahoma, disse o *The New York Times* (14 de março de 1922). Vigilantes à cabeceira da cama mantiveram-se ocupados a protegê-la a ela e aos seus bens, enquanto se esforçavam por evitar que uns aos outros se inflamassem no meio daquelas faíscas assustadoras — "sendo a sua origem um mistério." As chamas perseguidoras acabaram por regressar de onde tinham vindo e Ona escapou sem ferimentos físicos, embora o seu trauma psicológico certamente tenha perdurado muito tempo depois.

Durante o verão de 1922, Euphemia Johnson, de sessenta e oito anos, de Sydenham (Londres), Inglaterra, foi "de tal modo consumida pelo fogo que no chão do seu quarto havia apenas uma pilha de ossos calcinados." A viúva, moderadamente roliça, tinha feito para si uma chávena de chá, sentara-se para a beber e depois caiu no chão a arder (presume-se). Fort detalhou este incidente em *Lo!* e levantou muitas questões sobre como o fogo fez o que fez "se, no sentido comum, era um fogo..."

Pouco antes de 24 de janeiro de 1930, a Sra. Stanley Lake faleceu em Kingston, Nova Iorque. O legista investigou, disse o *New York Sun* (24 de janeiro de 1930): "Embora o seu corpo estivesse gravemente queimado, as suas roupas nem sequer estavam chamuscadas." Nenhum outro dano foi relatado.

Em algum momento de 1931, o Padre Edward W. Lynch foi encontrado morto, deitado transversalmente sobre a sua cama no St. Mary's College em Winona, Wisconsin. Disse Brad Steiger na sua coluna de jornal de 1973: "O cadáver estava carbonizado até ficar crepitante, mas não havia um único vestígio de fogo em mais lado nenhum do quarto. Nem mesmo a própria cama exibia o mais ligeiro rasto de chamas." Apenas um outro artigo tinha ardido: o livro de orações do padre.

Durante o mês de julho de 1931, na casa dos Simpson em Brighton Beach, Brooklyn, Nova Iorque, eventos invulgares que incluíam fogos espontâneos centraram-se em torno de Elinor Simpson, de treze anos. Um fogo centrou-se debaixo dela, quando a sua cama se incendiou por iniciativa própria, disse o relato de Julie Murray na *Beyond Reality* (fevereiro de 1980). E se Elinor tivesse sido a causa destes fogos? Tenho dezenas de casos onde o mobiliário parece ter-se autodestruído num fogo de fabrico próprio. E se Elinor estivesse deitada na cama na altura?

O *New York Sun* (2 de fevereiro de 1932) — Bladenboro, Carolina do Norte: "Fogos, que aparentemente brotam do nada, consumindo os bens domésticos de C. H. Williamson, aqui, colocaram esta comunidade num estado de agitação, e continuam a arder. No sábado [30 de janeiro] uma persiana e uma cortina arderam na casa de Williamson. Desde então, o fogo irrompeu em cinco divisões. Cinco persianas, cobertas de cama, toalhas de mesa e outros efeitos romperam subitamente em chamas, debaixo do nariz dos vigilantes. A filha de Williamson estava de pé no meio do chão, sem nenhum fogo por perto. Subitamente, o seu vestido incendiou-se. Isso foi demais, e os bens domésticos foram retirados da casa."

Fogos deste tipo ocorreram em número suficiente para encher um livro. O que torna este de especial interesse é (1) as chamas eram azuis, como na casa de Ona Smith uma década antes; (2) os artigos levados para o exterior não pegavam fogo, mas quando eram levados de volta para dentro, pegavam; (3) uma jovem senhora escapou por pouco à SHC quando a peça de vestuário que usava se incendiou de forma paranormal; e (4) o filho de Charles H. Williamson confirmou-me pessoalmente que todos estes eventos aconteceram conforme relatado em 1932. O que se dizia na altura ainda se pode dizer hoje: para explicar a casa que se incendeia a si própria, "não existe teoria científica."

28 de maio de 1938; Ipswich, novamente. Desta vez, nove homens de Ipswich ficaram queimados ou sofreram outros ferimentos devido a um "meteorito" — assim anunciou a primeira página do *Reynold's News* de 29 de maio. Temos dezenas de episódios de fogos vindos do céu; sempre estranhos, ocasionalmente fatais. Foi o início de um período terrivelmente inflamatório na Grã-Bretanha, conforme Eric Frank Russell se propôs documentar:

Durante o período de 11 a 19 de setembro de 1938, um edifício em Leeds foi atormentado por quinze fogos inexplicáveis em nove dias, relatou o *Daily Telegraph & Morning Post*. Nenhum relato de qualquer SHC associada.

19 de setembro de 1938; South Woodford, Essex. A Sra. Janet Hadrill estava "a preparar o pequeno-almoço quando o seu vestido pegou fogo", relatou o *The Daily Telegraph* (20 de setembro de 1938), "e faleceu pouco depois da admissão no hospital." Talvez tenha sido descuidada; talvez o seu vestido se tenha incendiado; talvez ela se tenha incendiado. A

informação necessária para responder a estas possibilidades perdeu-se para a história, enterrada juntamente com a Sra. Hadrill.

19 de setembro de 1938; Firth Park, Sheffield. A viúva Amelia Ridge, de setenta e oito anos, ardeu em casa, no chão perto da sua lareira; quando foi encontrada, as suas roupas ainda fumegavam. Disse o *The Daily Telegraph* no dia seguinte: "Acredita-se que tenha caído sobre o fogo." Russell pensava de outro modo, que ela poderia ter caído no Desconhecido.

19 de setembro de 1938; Carlisle. A Sra. Ellen Wright, de setenta anos, foi descoberta "jacente morta nos escombros" de um incêndio na sua casa. Acreditava-se, disse o *The Daily Telegraph* (20 de setembro de 1938), que ela tinha ficado "encurralada enquanto estava na cama." Russell disse que a SHC poderia tê-la encurralado ali.

19 de setembro de 1938; a zona de Aston em Birmingham. A Sra. Sarah Pegler, de setenta e oito anos de idade e viúva, foi encontrada queimada e "jacente morta no chão." Russell sugeriu SHC, embora pudesse tratar-se de um incêndio doméstico comum.

Por volta de 30 ou 31 de outubro de 1938; Newcastle-upon-Tyne. Uma mulher não identificada ardeu na Elswick Road. Com base numa história do *Reynolds News*, Russell postula SHC.

6 de novembro de 1938; Summer Street, Stroud. A Sra. Sarah Butcher e o seu filho Fred sucumbem a chamas tão intensas que os potenciais socorristas são repelidos, diz Russell ao citar o *Reynolds News* (6 de novembro de 1938). Uma dupla tragédia? Ou uma tragédia duplamente agravada por um fogo misterioso?

26 de dezembro de 1938; Croydon (Londres). A Sra. Florence Hill, de quarenta e cinco ou cinquenta anos de idade, estivera doente até a sua cama se inflamar neste dia. Depois, morreu devido a "queimaduras e choque" a caminho do Croydon General Hospital. Sem testemunhas. A sua morte foi atribuída a SHC em casa. Tenho relatos da própria roupa de cama a entrar em combustão espontânea. Talvez a Sra. Hill tenha caído vítima, se não da SHC, da combustão espontânea da cama.

26 ou 27 de dezembro de 1938; Brixton. A Sra. Agnes Flight nem fumava nem estava perto de um fogo; não obstante, foi vítima de fogo. O

Daily Telegraph (27 de dezembro de 1938) disse que a sua roupa pegou fogo naturalmente — o que quer que isso signifique!

26 ou 27 de dezembro de 1938; Downham, Kent. A Sra. Louise Gorringe é citada por Russell como um caso de SHC. Não consigo encontrar uma localidade em Kent para Downham, apenas em Essex e Cambridgeshire. Fui incapaz de encontrar algo mais a acrescentar sobre este incidente.

Por volta de 28 de dezembro de 1938; Warrington. Diz-se por Russell que Harriet Lawless ardeu na sua casa sob circunstâncias desprovidas de testemunhas e de explicação.

7 de janeiro de 1939; Makin Street, Liverpool. A Sra. N. Edwards foi vista a arder; os socorristas foram repelidos pelo calor da sua combustão. Não havia fogo na casa na altura; ela não fumava tabaco. Disse Russell: "Queimada até à morte pelas suas próprias roupas, que pegaram fogo ninguém sabe como."

3 de agosto de 1941; localização desconhecida. Lois Irene Chapman é encontrada "sentada morta num divã a arder... poucos danos ao redor." A *Doubt*, e mais tarde a *Pursuit* (abril de 1975), atribuíram o caso a SHC.

Por volta de 9 a 12 de janeiro de 1943; Deer Isle, Maine. Nesta ilha na Baía de Penobscot, a sul de Bangor, Allen M. Small, de oitenta e dois anos, foi encontrado gravemente queimado sobre a alcatifa da sua casa na Eggemoggin Reach Road. Os seus restos mortais foram encontrados a 14 de janeiro, embora o *Ellsworth American* (20 de janeiro de 1943) dissesse que ele estava "morto há vários dias." A alcatifa debaixo dele estava carbonizada, mas nenhum outro dano de fogo era visível. Visitei Ellsworth nos anos 1970 para procurar mais informações, mas o rasto de provas tinha arrefecido há muito tempo.

1 de fevereiro de 1943; Lancaster, Nova Iorque. O inválido Arthur Baugard, de trinta e nove anos, ficou queimado para além de qualquer reconhecimento no seu quarto, que não exibia danos; tão-pouco havia um fogo noutro local da habitação. "O gabinete do xerife iniciou uma investigação", disse a *Doubt* (junho de 1943). Mas hoje ninguém com quem falei em Lancaster se lembra de que solução (se é que houve alguma) foi acordada.

19 de novembro de 1943; Aldingbourne, Inglaterra. A Sra. Madge Knight, de quarenta e três anos e "perfeitamente feliz" no seu casamento mesmo quando não bebia cinco a seis uísques por dia, ardeu por completo enquanto jazia na cama no início dessa manhã. Mais nada ardeu. Os médicos trataram as "queimaduras muito extensas" no seu torso, estupefactos com a ausência de odor a carne queimada na casa. As suas lesões, disse um deles, assemelhavam-se a uma queimadura por líquido corrosivo para a qual a polícia não conseguiu encontrar origem.

O facto de nem um único cabelo da sua cabeça estar chamuscado apenas acrescentava mistério. Descrita como "muito teimosa" em geral e "excitada" na noite anterior, a Sra. Knight não estivera embriagada, disseram amigos. Faleceu a 6 de dezembro, incapaz de explicar o que acontecera. Nem o inquérito o conseguiu fazer. O legista N. H. Hignett, disse o *West Sussex Gazette* (23 de dezembro de 1943), deixou um veredicto "em aberto quanto à forma como as queimaduras foram sofridas."

Por volta de 28 de novembro de 1943; St. John's Terrace, Plumstead, Inglaterra. O velho Jimmy Evans vivia sozinho no seu apartamento até que um vizinho encontrou o corredor cheio de fumo. Gritou por Evans, que enigmaticamente respondeu: "as chamas estavam a apagar-se." Evans não disse mais nada. Talvez não pudesse. Verificando a situação de Evans pouco tempo depois, o vizinho encontrou-o morto por queimaduras na sua cama. O fogo estivera debaixo da cama, disse o autor Harry Price em *Poltergeist Over England*. O legista W. R. H. Heddy chamou-lhe "um caso notável."

Fim da noite, 27 de março de 1946; Utica, Nova Iorque. A Sra. Theodore Gifford, de setenta anos, morreu sozinha devido a um fogo que afetou apenas a própria e a cadeira de cozinha onde estava sentada. De resto, a cozinha estava intacta. Relatou o *The New York Times* dois dias mais tarde: "a causa do fogo não foi determinada."

17 de outubro de 1947; Liverpool, Inglaterra. Um jovem de Liverpool de dez anos é descoberto em chamas num cenário livre de danos causados pelo fogo, disse o *Liverpool Echo* nesse dia.

12 de junho de 1948; Butterworth, Inglaterra. Uma mulher não identificada de Butterworth, na Inglaterra, morreu quando as suas roupas

“inexplicavelmente” pegaram fogo. Disse Russell, que afirmou estar a basear-se no *Reynolds News*: “Não havia nada que o explicasse.”

14 de dezembro de 1949; Manchester, New Hampshire. A Sra. Ellen King Coutres, de cinquenta e três anos, foi incinerada na sua casa de estrutura de madeira dentro de roupas que se descobriu estarem ainda a fumegar. Disse a *Doubt*: “a mulher deve ter sido uma tocha humana” — no entanto, não havia danos circundantes na casa que era uma autêntica caixa de fósforos na qual ela ardeu por completo.

13 de janeiro de 1950; Fulham, Inglaterra. A Sra. Annie Coleshill, de sessenta e seis anos, morreu devido a queimaduras intensas.

13 de janeiro de 1950; Brighton, Inglaterra. A Sra. Mary Forge, de noventa e quatro anos, morreu num incêndio alegado como invulgar. O Greater London Council destruíra há muito tempo os seus arquivos sobre estes dois fogos “em conformidade com as instruções do ministério do interior”, disse-me um porta-voz do arquivo de registos. Um duplo beco sem saída.

13 de janeiro de 1950; Orpington (Londres), Inglaterra. A solteirona Kate Ellen Kelly, de oitenta e três anos, morreu num fogo que o editor da *Doubt* sugeriu que poderia ser SHC. O *Orpington, St. Mary Cray and Kentish Times* (20 de janeiro de 1950) disse que ela gritara pela sobrinha: “Vem depressa; virei a vela e peguei fogo à minha saia.” A sobrinha correu para dentro, encontrou a tia de frente para a mesa com o círio tombado e extinguiu rapidamente chamas que jorravam das costas do seu vestuário. Um patologista pronunciou “queimaduras extensas no corpo.” Provavelmente uma vela é a culpada; talvez a vela seja uma coincidência sem significado.

Especulamos que talvez a sua artrite reumatoide a tenha impedido de se virar para ver a verdade insuspeita da sua situação, que ela atribuiu à única fonte de fogo que sabia estar à mão — quando, em vez disso, o fogo de curta duração (e a lesão considerável que causou) se tinha originado dentro das suas costas!

19 de janeiro de 1950; Indianápolis, Indiana. Outra solteirona, Mary Louise Spencer, de cinquenta e oito anos de idade e parcialmente inválida, ardeu por completo enquanto estava sentada numa cadeira na sua cozinha. Quando foi encontrada, restos das suas roupas ainda fumegavam, embora a

maior parte tivesse ardido. Problemático era o facto de a polícia "não conseguir encontrar outra evidência de fogo na casa", muito embora ela, uma não fumadora, tivesse sido vista viva apenas escassos minutos antes, disse o *Warsaw Times-Union* (20 de janeiro de 1950).

Em 1950 (or antes); Bloomington, Illinois. Aura Troyer, um funcionário de limpeza bancária de cinquenta e nove anos, estava a varrer os degraus da cave uma noite, como tinha feito tantas noites antes, antes de ir para casa. Uma noite, a sua rotina mudou. Subitamente colapsou no chão, com quase toda a sua roupa queimada. Sobreviveu, mas brevemente, disse a *Doubt* (1950). Disse ele, aconteceu "tudo de repente." Mais nada lhe ocorreu dizer; mais nada tinha a dizer. "Aconteceu tudo de repente" tornou-se o seu epitáfio lacónico. O mistério da sua morte vive silenciosamente.

Em 1950; Pittsburgh, Pensilvânia. Carl Brandt, de trinta e três anos, foi encontrado na cidade do aço estendido no passeio, com quase toda a sua roupa queimada. A polícia que investigou permaneceu perplexa.

Durante cem anos após von Liebig ter descartado a SHC como cientificamente absurda, os seres humanos perseveraram na sua capacidade de se inflamarem enigmaticamente. A crença na SHC tinha boas razões para persistir! Com muito menos provas, nações foram para a guerra e a física subatómica foi construída.

Ainda assim, a SHC não é permitida.

FICANDO CARA A CARA COM "OS CONDENADOS"

É a história da descoberta que aqueles que desafiam o consenso inatacável correm o risco de sofrer ridículo. A censura em lado nenhum é mais encontrada do que com a combustão humana espontânea. Para parafrasear Charles Fort, os "condenados" serão condenados; não haverá heresia contra o que está acordado.

Dois ilustres académicos médicos do século dezanove, J. Ayston Paris e J. S. M. Fonblanque, enfrentaram o dilema de "os condenados". A lição intemporal que aprenderam é instrutiva aqui. Tendo declarado enfaticamente na sua obra-prima em três volumes *Medical Jurisprudence* (1823) que a combustão humana "tem sido erroneamente designada como espontânea" e que um corpo não se pode queimar totalmente até à cinza,

ficaram pessoalmente cara a cara com o relato de uma pessoa totalmente reduzida a cinza. Isso forçou-os a reconsiderar a sua posição contra a SHC:

o fenómeno é contrário a todas as nossas visões preconcebidas, e deve, portanto, exigir mais do que o testemunho comum para o seu suporte, embora estejamos prontos a admitir que, sobre qualquer outro assunto menos milagroso, provas mesmo menos poderosas do que as produzidas na presente ocasião seriam consideradas amplamente suficientes.

Por outras palavras, se a SHC não fosse tão "milagrosa" devido à sua raridade e inexplicabilidade, eles poderiam mais facilmente acreditar nela. Mesmo assim, aqui estava um caso que os fez considerar que o milagroso poderia ser possível... que a SHC pode de facto acontecer!

Ainda assim, preconceitos em relação à SHC continuam a prevalecer... tal como os ataques verbais contra aqueles que a estudam seriamente. Notável entre estes antagonistas é Joe Nickell. Como o crítico mais vocal da SHC na América hoje, Nickell nunca conheceu um caso de SHC de que não gostasse... para descartar. Afirma dogmaticamente que não há "provas credíveis" para a SHC, e insta os defensores da SHC a "moderarem a sua compreensível sede de mistério realizando investigações mais cuidadosas..."

Porque a oposição vocal de Nickell faz parte da tradição da SHC, é útil compreender a sua abordagem e determinar se ele ganhou o direito de declarar sem contestação que a SHC — juntamente com a combustibilidade preternatural? — não faz parte da realidade maior de que Bernard Baruch falou.

Nickell, um ilusionista de palco e antigo investigador da agência de detetives mais conhecida da América (que ele não quis nomear mas que associa timidamente ao Presidente Abraham Lincoln), ensina escrita técnica no campus de Lexington da Universidade do Kentucky e realiza workshops sobre técnicas de investigação para o Committee for the Scientific Investigation of Claims of the Paranormal (CSICOP). "A minha formação é como investigador e", informou-me Nickell pessoalmente, "se é que posso dizê-lo eu próprio, resolvi imensos casos. Não inventei explicações."

Ao ensinar as artes da escrita e da investigação, Nickell pareceria idealmente qualificado para pesquisar a SHC... uma pesquisa que deve ir

além das reflexões de poltrona, mesmo além das estantes de livros da biblioteca, antes de se colocarem os dedos no teclado. A busca da SHC, tal como com qualquer aparente anomalia, exige um trabalho de detetive de qualidade: seguir pistas, encontrar informadores, deparar-se com informações autênticas para ponderar.

Nickell, o escritor, é um artífice hábil das palavras; Nickell, o investigador de SHC, o leitor pode avaliar por si próprio. Nickell diz-me que é um cético, não um desmascarador. Desmascarar, diz ele no seu livro *Secrets of the Supernatural* (1988), "implica preconceito, sugerindo — correta ou incorretamente — que os resultados são conhecidos antes da investigação e serão sempre negativos."

Desmascarar não tem lugar na investigação, afirma Nickell entusiasticamente; apenas os factos devem apoiar uma determinação. Conselho meritório! Como um autoproclamado não desmascarador, então, terá ele resolvido a SHC através da pesquisa do seu mistério até à extinção?

No seu artigo "Spontaneous Human Combustion" para a *The Fire and Arson Investigator* (1984) e no seu livro *Exploring the Supernatural* (1988) — ambos coescritos com John F. Fischer —, Nickell libertou a Madame Millet e a Condessa Bandi da SHC "sugerindo" que um fogo de lareira incendiou a primeira; um candeeiro, a segunda. Para descartar Grace Pett, encadeou uma série de qualificadores antes de implicar ou o seu cachimbo ou uma vela "derrubada". A causa "suposta" para o esqueleto calcinado de Mary Clues tornou-se uma brasa (ou uma vela) que roçou no seu vestido. A mesma "possibilidade" eliminou qualquer coisa incómoda sobre a Madame de Boiseon. "Possivelmente, enquanto recolhia as brasas, a Sra. Peacock [sic] tinha acidentalmente pegado fogo às suas roupas", adivinhou ele.

Para os outros vinte e cinco casos que tabulou, uma variedade de presumíveis fontes de ignição externa são prefaciadas por "aparentemente... possivelmente [quatro vezes]... poderia ter [duas vezes]... pode ter [três vezes]... ações do aparente criminoso... inteiramente possível que... se... la possibilidade de que..." Por outras palavras, adivinhações à posteriori.

Adivinhações à posteriori que são muitas vezes refutadas por documentos de fontes primárias, caso ele os tivesse lido durante os dois anos que afirma ter passado a investigar a SHC. Para casos problemáticos como o da Sra. A.B., Nickell recusa-se simplesmente a dar-lhes crédito.

Ora, isso foi fácil. A abordagem com pés e cabeça de Nickell para a SHC: acrescentar uma série de qualificadores e suposições a alguns casos, ignorar outros, e a SHC fica banida.

Como puderam os médicos ser suficientemente tolos para por vezes ver, e depois debater durante centenas de anos, um fenómeno inexistente tão facilmente descartado? Se eu dissesse que Rush Limbaugh poderia ser o comentador mais liberal da América, faria isso com que fosse verdade? Se eu dissesse que o qualificador adicionado provava a minha afirmação, acreditaria o leitor na premissa?

Quanto à morte do Dr. Bentley, Nickell concluiu que "ele tinha pegado fogo às suas roupas e tinha caminhado, com a ajuda do seu andarilho, até à casa de banho, onde tentara em vão extinguir as chamas." Como apoio adicional de que o médico morreu num fogo perfeitamente normal, sustentou que Bentley se desfez do seu roupão em chamas, mais tarde "encontrado a fumegar na banheira."

Este cenário colapsa mais depressa do que o idoso médico provavelmente colapsou. As provas refutam-no. Lembremo-nos de que a enfermeira do Dr. Bentley disse que colocou um segundo roupão sobre a borda da banheira; por conseguinte, despir-se não era necessário. De facto, a solução de Nickell exige que o Dr. Bentley não se tenha despido: de outro modo não teria havido a carga de combustível inflamável necessária para suportar uma combustão que levasse à desintegração — a qual Nickell quer atribuir a um roupão em chamas que o utilizador já retirou! E por que razão este fogo falhou em criar bolhas sequer num centímetro quadrado de tinta na banheira? Nickell ignora este dilema.

Naturalmente, casos limpos — daqueles que podem ser fechados com muita firmeza — são sempre preferíveis. No entanto, o desejo de alguém para que o universo seja simples e compreensível não obriga a natureza a submeter-se. Como o eminente antropólogo forense Wilton Marion Krogman escreveu uma vez sobre as lições que a sua longa carreira lhe tinha ensinado: "Há uma regra... que eu sigo: algumas coisas são improváveis, mas nada é impossível."

Em 1951, a natureza preparava-se para colocar Krogman e o seu axioma à prova definitiva.

6 A SRA. REESER: A NOTÁVEL "MULHER-CINZA"

À medida que a recordo na memória, os cabelos curtos da minha nuca eriçam-se com um medo vago. Se eu vivesse na Idade Média, murmuraria algo sobre "magia negra". — William M. Krogman, Ph.D., sobre Mary Hardy Reeser

são lugares silenciosos, campos de monólitos em miniatura que marcam locais sagrados e reverenciados, frequentados e adornados, ou meramente esquecidos. Se as pedras pudessem falar sobre as vidas que memorializam, que histórias maravilhosas algumas poderiam contar... especialmente uma lápide no Cemitério de Chestnut Hill, nos arredores de Mechanicsburg, no sul da Pensilvânia. A história que ali jaz enterrada começou a 8 de março de 1884, com o nascimento de uma menina chamada Mary Hardy Purdy.

Ela cresceu na região do Dutch Country da Pensilvânia, no condado de Lancaster, onde casou com Richard Reeser, um jovem médico. Ele fora um excelente partido para uma jovem que "nunca tinha ido além da quarta ou quinta classe", disse Jan Bowen, uma grande-tia da Sra. Reeser. O Dr. Reeser estabeleceu uma clínica geral em Columbia, e a sua nova noiva ocupou-se a criar a família e a participar em eventos sociais e de caridade locais.

A residência dos Reeser tornou-se um centro para reuniões de gala, recordaram vários residentes de Columbia que me disseram lembrar-se com carinho das sumptuosas festas no relvado que os Reeser organizavam nas décadas de 1930 e 1940. Todos descreveram Mary como uma pessoa amável e gregária, um pouco vaidosa, com uma ponta de rebeldia e sempre interessada em bisbilhotices. Vários lembraram-se de que ela gostava de cerveja. Quatro anos após a morte do seu marido, em 1947, a Sra. Reeser mudou-se para St. Petersburg, na Flórida, para ficar perto do seu filho, Richard Jr., ele próprio médico. Ela viveria ali por meras cinco semanas.

À medida que o verão de 1951 sufocava a costa oeste da Flórida, Mary Hardy Reeser esperava regressar ao norte, para o clima mais fresco do centro-sul da Pensilvânia, e assistir a um serviço memorial em memória do seu marido. Houve problemas com os preparativos e isso deprimiu Mary, disse-me a Sra. Bowen. Mas ela encarou os atrasos com naturalidade e aguardou notícias de que tudo se resolveria para a sua viagem de regresso

a casa. Na noite de 1 de julho de 1951, o filho de Mary e a neta mais velha, Mary Carol, passaram por lá para uma visita.

Quando saíram, o Dr. Reeser inclinou-se e beijou a sua mãe, desejando-lhe boa noite. A Sra. Pansy M. Carpenter, proprietária dos Allamanda Apartments no número 1200 da Cherry Street N.E. e senhoria de Mary, passou por lá mais tarde para uma breve visita. Desejando sonhos agradáveis à sua inquilina, que se tinha mudado apenas no mês anterior, a Sra. Carpenter caminhou pelo corredor até ao seu próprio apartamento, deixando Mary sentada numa cadeira estofada ao lado de uma pequena mesa empilhada com materiais de leitura. A sua camisa de noite de rayon, onde ficava exposta pelo seu roupão de algodão, flutuava com a brisa morna que entrava por uma janela próxima.

Uma brisa suavemente alimentada por duas ventoinhas elétricas. As suas pernas estavam estendidas à sua frente, com os pés calçados em chinelos de cetim. Um maço de cigarros jazia por perto. Uma hora antes, Mary tinha tomado dois comprimidos de seconal (um sedativo suave) para a ajudar a adormecer. Ao todo, um cenário extremamente familiar. A hora era 21:00. O mundo estava (and ainda está) mal preparado para o que a porta do apartamento de Mary Reeser revelaria quando se abrisse da próxima vez. Os sonhos tinham-se tornado num pesadelo. Seria, disse um comentador, “uma cena macabra para além das palavras.”

REVELAÇÕES NO QUARTO DA SRA. REESER

Por volta das cinco horas da manhã seguinte, 2 de julho, a Sra. Carpenter acordou com um cheiro adocicado no ar. Verificou o termoacumulador do apartamento, que andava a funcionar mal, mas parecia bem. Desligou-o de qualquer forma e voltou para a cama. Uma hora mais tarde, levantou-se para ir buscar o jornal da manhã. Às 8:07, o mensageiro da Western Union, Richard Bruce, chegou à porta da Sra. Reeser para entregar um telegrama. Bateu. Sem resposta. Caminhou até à outra extremidade do corredor para ver se a senhoria podia ajudar. “Tenho aqui um telegrama para a Sra. Mary Reeser”, disse o mensageiro à Sra. Carpenter. “Bati à porta dela, mas não obtenho resposta. Quer recebê-lo?” Pansy Carpenter recebeu-o — e expressou preocupação pelo facto de a sua inquilina, conhecida por ter o sono leve, não ter respondido aos batimentos do mensageiro.

Os pequenos toques de Carpenter transformaram-se em baques, depois em murros, à medida que os nós dos seus dedos batiam de forma cada vez mais nítida na porta de Mary. Nenhum som foi ouvido do outro lado. Já preocupada com o silêncio de Mary e agora ainda mais apreensiva porque não ouvia o rádio a transmitir as notícias das oito horas que Mary sintonizava sempre, a Sra. Carpenter agarrou o puxador de latão da porta para... Um grito de dor. Ou terá sido de susto? O puxador estava demasiado quente para rodar!

Albert Delnet e L. P. Clements, dois pintores de casas que trabalhavam do outro lado da rua, responderam ao seu alarme. Arrombaram a porta de Reeser. Uma lufada de ar quente correu para fora, forçando-os brevemente a recuar. Clements acabou por espreitar para o interior e aconselhou rapidamente a Sra. Carpenter a chamar os bombeiros. A preocupação da senhoria relativamente à Sra. Reeser era justificada: para lá da entrada sobreaquecida, o cenário tão familiar na noite anterior era agora um monte de cinzas no meio de uma viscosidade levemente repugnante. Os bombeiros de St. Petersburg chegaram quase instantaneamente. O Quartel 4 respondeu "dentro de três a cinco minutos, provavelmente quatro", disse-me um dos seus membros, Nelson Aters. Já no local encontrava-se outra corporação de bombeiros.

A polícia municipal seguiu-se logo depois. Ambas as agências foram rápidas na sua avaliação inicial: este não era um incêndio normal. "Eu entrei, peguei numa bomba manual e comecei a esguichar água para os escombros", relembrou Aters. "Depois chamaram-me a atenção para não fazer aquilo, porque não eram apenas escombros, mas o que restava da senhora!" O Dr. Reeser, notificado pela Sra. Carpenter de que tinha ocorrido um acidente, correu para a residência da sua mãe. O pessoal de emergência disse-lhe rapidamente que seria melhor ele não entrar. O Dr. Reeser esperou lá fora.

Dentro do apartamento de Mary, a consternação, a confabulação e o caos reinavam, sem qualquer culpa das autoridades. Estavam, simplesmente, totalmente impreparados para algo parecido com o que agora enfrentavam. "Incrível! Sem nexo nem razão.... Foi um autêntico fenómeno!", exclamou Aters para mim, lembrando-se do que os seus olhos testemunharam naquela manhã de segunda-feira, há mais de quatro décadas. No lado mais afastado do apartamento, molas helicoidais

gravemente corroídas pelo calor sobressaíam de um monte amorfo de cinzas, outrora uma cadeira.

Da mesa de apoio adjacente à cadeira, já não havia vestígio; também ela se tinha desintegrado. Ao peneirarem estas cinzas, os investigadores fizeram uma descoberta temível. Falavam agora em termos de um "Círculo da Morte" — pois ali dentro, para seu horror, recuperaram alguns pedaços de vértebras calcinadas, "cinza estaladiça", algo que se assemelhava a um fígado, um crânio "encolhido uniformemente para o tamanho de uma laranja" e, mesmo além das cinzas, um "pé esquerdo totalmente intacto ainda com o seu chinelo calçado." Embora o fumo invadisse o apartamento, o repórter John Perry escreveu no *Tampa Tribune* (4 de julho de 1951) que "Não havia odor a carne queimada." Desta forma notável, Mary Hardy Reeser deixou este mundo.

Para lá daquele círculo macabro — que se poderia traçar rodando sobre si próprio com a extremidade de uma fita métrica equilibrada na canca —, o quarto fora pouco afetado, muito embora os investigadores soubessem que o calor do fogo tivera de ser pavoroso. Por todo o quarto, acima de uma linha a quatro pés do chão, uma fuligem negra e húmida cobria tudo. Abaixo do nível dos quatro pés, o quarto estava praticamente imaculado — exceto a cadeira e a sua ocupante incinerada. A tinta da parede atrás da cadeira estava levemente acastanhada. As coberturas plásticas das tomadas acima da linha dos quatro pés tinham derretido "em formas cómicas."

Os fusíveis, contudo, não tinham fundido. As tomadas elétricas do rodapé não estavam danificadas — exceto uma na qual estava ligado um candeeiro ao lado da cadeira da Sra. Reeser, e outra diretamente do outro lado do quarto. Um espelho de parede a dez pés da cadeira estava estalado, provavelmente devido ao calor. Num pequeno bufete perto do espelho, uma toalha de renda, não queimada, estava coberta por uma poça de cera rosa endurecida vinda de duas velas derretidas.

Os pavios não queimados estavam caídos sobre os castiçais e estendidos ao longo do topo do bufete. Revistas e jornais numa mesa à distância de um braço da cadeira escaparam intactos. (O papel de jornal entra em autoignição aos **446°F**.) A cama da Sra. Reeser estava a três pés de distância, com os lençóis abertos; estava "tão impecável como se as roupas de cama tivessem acabado de ser tiradas do armário."

Tão-pouco o tapete além da sua cadeira incinerada mostrava sinais de danos causados pelo fogo! Dentro de um armário de cozinha, o revestimento de papel parafinado de uma caixa de cereais estava enrugado pelo calor; a caixa em si estava ilesa. E havia este enigma, mencionado exclusivamente pelo *Tampa Tribune*: "Dentro da casa de banho, caídos de um suporte de porcelana, estavam os restos de um copo de água de plástico. As escovas de dentes, penduradas logo abaixo, não tinham sofrido danos."

Um relógio elétrico ligado a uma das tomadas derretidas tinha parado precisamente às 4:20.37 — menos de quatro horas antes de as autoridades chegarem —, contudo o relógio começou a funcionar quando ligado a uma das tomadas não derretidas do rodapé. Ao lado do relógio estava um candeeiro com muita fuligem no quebra-luz, e um rádio, com o seu canto superior esquerdo apenas ligeiramente derretido. Como o *Tribune* ironizou: "O fogo pregou partidas estranhas." Os bombeiros derrubaram a parede atrás da cadeira estofada (e excessivamente queimada) para extinguir uma chama fraca que se tinha infiltrado nela. Foi o único ponto que exigiu as suas competências de combate a incêndios.

O magistrado Edward Silk, o legista em funções, encontrava-se perante uma cena que não se parecia com nenhuma outra que alguma vez tivesse visto. Ordenou que os restos mortais fossem removidos. De tal modo o fogo destruiu tudo dentro do seu círculo da morte que o bombeiro Buddy Standish e um colega tiveram de recolher com uma pá a mulher e a sua cadeira, como quem recolhe as cinzas gastas da lareira. Não obstante esta limpeza extraordinária, o legista Silk listou "queimaduras de terceiro grau" como causa de morte no Certificado de Óbito da Sra. Reeser, de acordo com Robin Champagne da Rhodes Funeral Home, que realizou o funeral de Mary. O que aconteceu a seguir está repleto de mais controvérsia e contradições. A primeira é de esperar de um cenário de incêndio tão espantoso; as últimas são o resultado de opiniões e preconceitos que talvez nunca sejam resolvidos.

AUTORIDADES E O PÚBLICO INVESTIGAM E ESPECULAM

Parecia que Mary Hardy Reeser se tinha dissolvido num fluxo de átomos desagregados. O Departamento de Polícia de St. Petersburg (SPPD) começou a usar os adjetivos "estranho", "inacreditável" e "fantástico" para descrever o mistério que estavam sob o dever de resolver. O Chefe de

Polícia Jake R. Reichert solicitou prontamente assistência ao Federal Bureau of Investigation. Os restos recolhidos à pá da cadeira, do tapete e da Sra. Reeser foram encaixotados e enviados para a agência de J. Edgar Hoover para microanálise.

Um mês mais tarde, o FBI devolveu um relatório de cinco páginas sobre os restos mortais de Reeser. A conclusão geral do relatório do Laboratório do FBI — embora não os detalhes específicos que a ela conduziram — encontrei-a numa cópia de um comunicado oficial do SPPD de 1951, arquivado na biblioteca municipal de St. Petersburg:

Um exame de todas as amostras enviadas ao laboratório do FBI para análise não mostra produtos químicos oxidantes, hidrocarbonetos de petróleo ou outros fluidos voláteis comummente usados como acelerantes, nem quaisquer substâncias químicas usadas para iniciar ou acelerar a combustão.

As conclusões do FBI pouco fizeram para resolver o dilema na Flórida, exceto para descartar categoricamente a presença de combustíveis potenciadores de fogo. O *St. Petersburg Times* deu uma cobertura extensa ao caso, através da qual tomei conhecimento de mais três pontos-chave:

- os testes não revelaram evidências de quaisquer drogas que pudessem ter causado a morte.
- nenhuma intenção criminosa pôde ser identificada.
- a mulher "grande e robusta" pesava entre 170 a 175 libras, no entanto, após o incêndio, os seus restos mortais — a cabeça encolhida, o pé inteiro, os pedaços de vértebras calcinadas e uma secção minúscula de tecido hesitantemente identificada como fígado — mais a cadeira e a mesa de apoio pesavam menos de dez libras!

A estrutura atarracada de cinco pés e quatro polegadas da Sra. Reeser tinha passado por algum tipo de programa de redução de peso natural, embora longe de virar moda, sem igual. Sem dúvida, a morte da Sra. Reeser foi sensacional. E a imprensa local não falhou em publicitar vigorosamente o dilema enfrentado pela polícia baralhada. Parecia que toda a gente ou queria saber o que acontecera à viúva gregária ou pensava saber como tinha acontecido. "Este fogo é uma coisa curiosa", disse o Chefe de Detetives Cass Burgess ao *St. Petersburg Times* (5 de julho de 1951), "e

tenho sido inundado por cartas e chamadas telefónicas a oferecer soluções para os problemas que enfrentamos." Um postal endereçado ao "Cheif of Detectifts" enviado anonimamente por uma alegada testemunha ocular dizia: "uma bola de fogo entrou pela janela aberta e atingiu-a. Eu vi acontecer."

Os especialistas já tinham considerado relâmpagos. Três fatores afastaram esta conjetura: (1) Embora a região tenha tido uma tempestade nessa noite, o U. S. Weather Bureau relatou que não houve "relâmpagos graves em lado nenhum de St. Petersburg" durante a noite; (2) Não havia vestígios de queimaduras por descarga de relâmpago nas soleiras das janelas e nenhuns fusíveis tinham fundido no edifício de Pansy Carpenter; e (3)

As características do próprio relâmpago refutavam esta especulação. Julius H. Hagenguth, coordenador de engenharia de experiências de relâmpagos artificiais para a General Electric, explicou ao *Journal and Constitution* de Atlanta que, embora uma descarga de relâmpago "pudesse ter paralisado ou morto" a viúva e pegado fogo às suas roupas, a "descarga não poderia, contudo, ter durado o suficiente para consumir completamente a sua cadeira, deixando apenas as molas, um crânio encolhido e uma coluna vertebral. Isso é fantástico. ... É como um mistério Oppenheimer de primeira classe."

Uma "corrente de indução elétrica, passando através do corpo, causada por fiação defeituosa" foi, por sua vez, descartada pelos inspetores de incêndio porque a fiação provou não ser defeituosa. O aquecedor radiante a gás de botija perto da sua cadeira foi suspeito, até que a polícia provou que estava desligado e os seus tubos livres de gás. Os eletrodomésticos foram examinados: o forno da kitchenette descobriu-se estar desligado e o frigorífico funcionava normalmente.

Uma "pílula atómica" foi proposta. Comprimidos para dormir eram a única pílula conhecida tomada regularmente pela Sra. Reeser — e a Federal Food and Drug Administration nunca emitiu um aviso de que o seconal represente um perigo combustível. Teria a Sra. Reeser sido assassinada? As pessoas queriam saber. A polícia também. Segundo a grande-tia da vítima, a dada altura até o Dr. Reeser Jr. "foi um suspeito, porque havia dinheiro, substancial." Mas os factos pesavam contra o crime. O apartamento não tinha sido saqueado. Não se conhecia à Sra. Reeser a provocação de

antagonismo assassino em ninguém. Ninguém, incluindo a senhoria, ouviu ou viu indícios de intrusos a arrombar para entrar ou sair do apartamento de Mary. Os acelerantes comuns capazes de ocultar um crime — e absolutamente necessários para terem alimentado a ferocidade do fogo — já tinham sido descartados. Por isso, a atenção virou-se para materiais exóticos como "éter, querosene, napalm (fogo em gel), bombas de termite, magnésio e fósforo."

Estes também foram excluídos: nenhuns odores denunciadores ou vestígios de elementos foram deixados para trás, relatou Silk. O Tenente de Detetives Cass Burgess determinou que a Sra. Reeser não tinha sido assassinada pelo seu filho ou por qualquer outra pessoa. O Chefe de Bombeiros de St. Petersburg, Nesbit, e Edward S. Davies, um respeitado especialista em fogo posto da National Board of Underwriters de Tampa, descartaram fogo posto pelas mesmas razões que a polícia descartou o homicídio. "Nunca vi nada assim nos 48 anos em que tenho estado a investigar casos de incêndio", comentou um Davies perplexo a 3 de julho. "Sabemos que foi um fogo... apenas não sabemos o que o poderá ter causado." Davies chamou-lhe "um acidente do tipo mais trágico." Do tipo mais misterioso, também.

Teria a Sra. Reeser cometido suicídio? O seu comportamento não dava qualquer indício de que o contemplasse. Um repórter do *Tribune* verificou os rótulos nos frascos do seu armário de medicamentos de qualquer forma e não encontrou "nada mais do que auxiliares digestivos padrão." Concluiu o legista em funções: "É fantástico supor que o próprio fogo pudesse ter sido um ato de suicídio. A sua morte parece ser acidental e não há nada que indique que tenha sido outra coisa que não acidental." Teria a Sra. Reeser morrido acidentalmente pelas suas próprias mãos, deixando cair um cigarro aceso na cadeira? Executivos da empresa de Jacksonville que fabricou la cadeira que serviu de berço ao corpo cremado da viúva foram questionados sobre a composição do seu produto. Era madeira, molas de metal e enchimento de algodão esterilizado por vapor — tal como a maioria das cadeiras estofadas domésticas da época, disseram. Negaram categoricamente o uso de produtos químicos inflamáveis em qualquer fase da construção da cadeira. Outro fabricante notou que o enchimento de uma cadeira estofada pode conter feltro, almofadas de crina ou espuma de borracha, cada um capaz de uma combustão lenta, mas não propício a inflamar-se violentamente.

De facto, um incêndio numa cadeira estofada pode evoluir para o *flashover* do quarto em apenas cerca de dois minutos. Contudo: aqui, muitas horas (potencialmente onze) provaram-se inadequadas para incendiar o apartamento. A solução procurada permanecia esquiva. "Foi a maior coisa que tinha acontecido em anos", diz Jerry Blizen quando falei com ele sobre a história de que fez uma cobertura admirável para o *St. Petersburg Times*. O público exigia ruidosamente uma resposta para este mistério no seu seio. As autoridades estavam frustradas pelo fracasso em encontrar uma.

Foi então que surgiu um raio de esperança; de resolução. O Dr. LeMoyne Snyder, membro da American Medical Association e da American Bar Association, e diretor médico-legal da Polícia do Estado de Michigan, questionou no seu livro *Homicide Investigations* por que razão um caso como o da Sra. Reeser haveria de ser tão intrigante: "Por baixo da pele há uma camada de gordura que pode ser bastante espessa em indivíduos pesados. Esta arde facilmente e a destruição do tecido após um fogo comparativamente pequeno pode ser grande." A Sra. Reeser era gorda. Assim, de acordo com o Dr. Snyder, resolver a morte da Sra. Reeser não exigiria nada mais do que encontrar a origem de "um fogo comparativamente pequeno." As autoridades, achando que não tinham outro recurso senão a tese da forma humana de vela de Snyder, acabaram por atribuir a culpa: um cigarro caído. Ora essa, afinal era tudo tão simples. Como tinham todos os especialistas em crime e fogo posto no local conseguido ignorar isso antes? O SPPD emitiu o seu comunicado oficial de quinhentas palavras a 8 de agosto de 1951, propondo esta reconstrução das últimas horas da Sra. Reeser:

Há provas conclusivas de que o corpo falecido poderia ser consumido pelo fogo, como neste caso, se o corpo se tivesse incendiado.... Devido ao facto de a Sra. Reeser ter tomado uma quantidade considerável de sedativos à noite... há toda a possibilidade de que a Sra. Reeser, enquanto sentada na cadeira estofada no seu apartamento, possa ter ficado sonolenta ou adormecido enquanto fumava um cigarro, incendiando assim as suas roupas. Nessa altura ela estava vestida com uma camisa de noite de acetato de rayon e um roupão. Sendo a camisa de noite altamente inflamável, poderia ter sido incendiada por um cigarro a arder, causando a morte imediata, se a falecida se encontrasse num estado semiconsciente.

Naturalmente, quando as suas roupas pegaram fogo, também incendiariam a cadeira, criando um calor intenso que destruiu completamente a cadeira e uma mesa de apoio próxima. Uma vez que o corpo se incendiou, ocorreu uma destruição quase completa a partir da queima dos seus próprios tecidos adiposos. Pois, uma vez que o corpo começa a arder, há gordura e substâncias inflamáveis suficientes para permitir que ocorram graus variados de destruição. Por vezes, esta destruição por queima prosseguirá até um grau que resulta na combustão quase completa do corpo, como neste caso.

Ainda assim, a polícia parecia um pouco insegura de si mesma. Veja-se todos os qualificadores que embutiram no seu relatório. A sequência roupa-para-cadeira-para-gordura-para-cinza sustentava-se na força da convicção nascida do desamparo, e não em provas baseadas em experimentação real. E por que razão a Sra. Reeser os tinha baralhado tanto durante semanas, se as pessoas que deixam cair cigarros em cima de si próprias — certamente um hábito humano não invulgar — se incineram tão prontamente e por completo?

Como Vincent H. Gaddis, ele próprio um homem da imprensa, escreveria mais tarde no seu belo livro, *Mysterious Fires and Lights* (1967; 1968): "O relatório... provavelmente satisfaria os que não pensam." De facto, os problemas inerentes ao relatório do SPPD estavam prestes a ser agravados. Dramaticamente. Entre Wilton Marion Krogman, Ph.D.

O DR. KROGMAN: O ASPETO FORENSE

"Em 1951 deparei-me com um caso que, pelo horror absoluto e pela bizarria, superou tudo na minha experiência", escreveu o Professor Krogman na revista *Pageant* (outubro de 1952).

Ele referia-se à morte por combustão de Mary Hardy Reeser. A sua experiência é vasta, e uma breve biografia ajudará a apreciar a importância dos seus comentários sobre este caso. A habilidade de Krogman na "identificação de ossos" começou aos onze anos, e o seu talento foi reconhecido pelo sistema judicial americano em 1929, quando estabeleceu o primeiro de muitos precedentes legais durante a sua carreira ao mostrar como provas derivadas unicamente de vestígios esqueléticos podiam identificar a idade e o sexo de uma vítima e, consequentemente, obter indemnizações de milhões de dólares. Ele tinha provado "de uma vez por

todas", apontava com orgulho, "que o antropólogo forense possuía técnicas tão cuidadosas e tão precisas que podia, de facto, ir para o banco das testemunhas como perito e testemunhar." Na década de 1950, Krogman exerceu como professor de Antropologia Física na Graduate School of Medicine da Universidade da Pensilvânia. Na década de 1960, tornou-se internacionalmente reconhecido como uma autoridade em medicina forense e escreveu um clássico dos manuais, *The Human Skeleton in Forensic Medicine* (1962).

Mas, com a maior pertinência para o caso, é um reputado especialista nos efeitos do fogo no corpo humano. Não foi, portanto, uma vanglória vã que levou Krogman a escrever sobre si próprio: "A partir do esqueleto ou dos seus vestígios, é-me possível... determinar a causa da morte." Possível, ou seja, até meados de 1951. Nessa altura, Krogman estava a visitar os seus filhos na Flórida quando um amigo lhe falou sobre a Sra. Reeser. "Soube então dos detalhes pertinentes", escreveria ele, "ficando cada vez mais baralhado à medida que a história se desenrolava."

A curiosidade profissional levou o detetive dos ossos a interromper as suas férias e a aplicar a sua perícia àquilo que chamou de "problemas graves — problemas que levam a crença para lá do limite da rutura." A reconstrução do SPPD sobre a morte de Reeser, já de si ténue, estava prestes a desmoronar-se. Krogman identificou sete problemas graves que a morte da viúva levantava, os quais discutiu no *The General Magazine and Historical Chronicle* (1964). Primeiro: a extensão da redução do seu corpo. Mesmo nas suas experiências que utilizavam ventoinhas potentes para criar fortes correntes de ar para intensificar a combustão durante doze horas a **3000°F**, disse ele, "ao fim desse tempo, mal havia um osso que não estivesse presente e completamente reconhecível como um osso humano. Estava calcinado... mas não estava reduzido a cinzas ou 'pulverizado'." Até se deparar com a tempestade de fogo restrita do caso Reeser. Segundo: a localização do calor tremendo que reduziu a cinzas os ossos da Sra. Reeser. "Apenas a 3000 graus F., ou mais", escreveu, "vi o osso fundir-se — ou derreter, de modo a escorrer e a tornar-se volátil. Trata-se de calores muito grandes — que queimariam, carbonizariam, chamuscariam ou de outro modo danificariam ou afetariam tudo e qualquer coisa num raio considerável. Onde quero chegar é a isto: a terrível destruição do corpo da Sra. Reeser (ossos incluídos) deve ter sido acompanhada por um calor tal que o próprio quarto deveria ter sido muito mais queimado do que foi."

Até se deparar com o caso Reeser. Terceiro: o tempo disponível para a redução do corpo da Sra. Reeser. Ele sabia quão extremamente difícil é queimar um animal ou um ser humano. É necessária uma corrente contínua de fornecimento de oxigénio para manter o fogo a arder. "No quarto da Sra. Reeser, havia uma corrente de ar vinda das janelas para as frestas por baixo e ao redor da porta." Mas uma corrente de ar com a ferocidade de um furacão? O céu estivera limpo sobre o oeste da Flórida nessa noite. Sem o benefício de acelerantes, poderiam as poucas e pequenas ventoinhas no seu apartamento e as suas janelas abertas criar um verdadeiro turbilhão que alimentasse as chamas vorazes (alegadamente criadas por um cigarro caído) que envolviam o seu corpo?

E quanto ao fator tempo? No máximo, Mary Reeser tivera apenas onze horas para arder mais completamente do que as experiências de cremação de Krogman tinham conseguido a **3000°F** durante doze horas — e fê-lo certamente sem a ajuda de condições ideais. O mais provável é que a queima tenha ocorrido por volta das 4:20 da manhã*, quando o relógio parou — deixando menos de quatro horas para que a cremação total se desenrolasse antes de os pintores arrombarem a sua porta. Este era um período de tempo demasiado curto para incinerar tão completamente uma pessoa, como Krogman sabia. Até se deparar com o caso Reeser. Ao entrarem na câmara mortuária da Sra. Reeser, a polícia e os bombeiros descobriram que os quatro a cinco quilos de resíduos deixavam muito pouco do que, na noite anterior, fora uma viúva satisfeita. O que encontraram foi o que Krogman disse nunca ter visto antes, nem mesmo num crematório: um adulto humano reduzido quase inteiramente a cinza poeirenta, incluindo o esqueleto!

Quarto: a ausência de cheiro nocivo. "Quando a carne humana arde, emite um odor acre e pestilento", confessou Krogman, "especialmente se arder livremente numa sala ou ao ar livre. Como **175 libras** de carne mortal puderam arder sem fumo detetável ou discernível ou sem que o odor permeasse todo o edifício — bem, a experiência diz o contrário!" Até se deparar com o caso Reeser. Quinto: o crânio encolhido. Este artefacto maldito — variadamente descrito como tendo o tamanho de uma "bola de beisebol", uma "toranja", uma "laranja" ou uma "chávena de chá" — preteriu o bom doutor mais do que qualquer outro aspeto de um caso que já tinha quebrado o seu sistema de crenças.

Os crânios simplesmente não encolhem de forma natural nem se reduzem simetricamente num incêndio.* "Na presença de calor suficiente para destruir tecidos moles, o crânio rebentaria — explodiria, literalmente — em muitos pedaços. Fiz experiências sobre isto, utilizando cabeças de cadáveres", afirmou Krogman, "e só posso dizer que nunca conheci uma exceção a esta regra." Até se deparar com o caso Reeser.* Sexto: a afronta à lógica e ao senso comum que a Sra. Reeser deixou atrás de si. "O corpo é composto por mais de **90%** de água — talvez uma percentagem ainda mais elevada em pessoas muito gordas", escreveu Krogman. "Acho difícil de acreditar que um corpo humano, uma vez inflamado, se consuma literalmente a si próprio — se queime por completo, como faz o pavio de uma vela, escorrendo na última poça residual de cera derretida." Até se deparar com o caso Reeser. Sétimo: a semelhança da morte da Sra. Reeser com outras mortes estranhas por fogo. Krogman conhecia nove casos anteriores de cremações humanas naturais misteriosamente completas, todas citadas na obra *Bleak House* de Dickens. Considerava-as tão problemáticas quanto aquela com que estava agora tão pessoalmente familiarizado. "Aqui, pois", escreveu, "há um padrão monotonamente consistente que quase desmente a mera coincidência. Tais coisas não podem acontecer! Mas pareceram ter acontecido — e uma e outra e outra vez!"

** O Dr. Douglas Ubelaker, curador de antropologia no National Museum of Natural History da Smithsonian Institution e apelidado de "verdadeiramente um dos melhores detetives forenses do nosso tempo", ficaria presumivelmente não menos baralhado hoje pela Sra. Reeser do que Krogman ficou em 1951. No seu fascinante livro de 1992, Bones, o Dr. Ubelaker descreve no seu capítulo "Burning Questions" como consegue reconstruir provas de crimes a partir de fragmentos de ossos de corpos explodidos por dinamite ou expostos a dias de incineração. Explica que a queima de ossos pode originar uma contração, de **1%** a **25%**, dependendo da densidade óssea e de uma faixa de temperatura de **1300°F** a **1650°F**. Em lado nenhum ele alude a um caso que se assemelhe à SHC. "Bem, parece um bocado absurdo", riu-se ele quando lhe descrevi a Sra. Reeser a 16 de março de 1995. "Não, acho que teria de dizer que nunca me deparei com isso."*

E tudo voltou a acontecer no caso Reeser, apesar destes sete desafios a Krogman e à ciência. “Coloquei o problema a mim próprio uma e outra vez, e acabo sempre por rejeitá-lo em teoria — mas enfrentando-o em facto aparente!”, confessou ele. Dados estes factos, a Sra. Reeser, na pior das hipóteses, sucumbiu a uma combustão preternatural. Isto se deixou cair um cigarro no colo. Uma vez que não existem provas conclusivas de que tenha feito isto, não se pode excluir o corolário da CP: a combustão humana espontânea. Nem Krogman o pôde fazer. Ele próprio colocou a questão-chave sobre a sua morte:

“Por combustão espontânea ou ‘interna’ — isto é, por um fogo que começa nos tecidos do corpo sem qualquer causa externa? Mas isto é considerado impossível!” Também os meteoritos o foram outrora. O mundialmente reputado antropólogo forense concluiu a sua análise contemporânea expressando o pensamento da maioria dos investigadores que se debruçaram sobre Mary Reeser: “O que aconteceu exatamente na noite de 1 a 2 de julho de 1951, em St. Petersburg, Flórida? Nunca saberemos. A ‘Mulher-Cinza’... não podia acontecer, mas aconteceu.”

TENTANDO REABRIR O CASO REESER

Foi aí que a história deixou as fascinantes últimas doze horas da vida de Mary Hardy Reeser em 1951. Como admitiu o Chefe do SPPD, Reichert, após guiar a investigação até onde os seus recursos permitiram: “Este é o caso mais invulgar que vi durante os meus quase vinte e cinco anos de trabalho policial na cidade de St. Petersburg.... Não vou fechar a porta ainda a este caso.” Para além de relatos periódicos em antologias sobre o paranormal, que ajudaram a garantir que ela seria — na mente popular — a morte mais conhecida atribuída à SHC, o caso em si tinha estagnado. Em 1975, à medida que o meu interesse pela SHC acelerava, comecei a procurar documentos originais e novas informações sobre esta mulher que outrora vivera e agora estava enterrada perto da minha casa. Uma das nossas visitas ao túmulo da Sra. Reeser coincidiu fortuitamente com o enterro de outro membro da família Reeser. (A sincronicidade não é formidável?) Ao falar com membros da família após o funeral, soube que o Dr. Richard Reeser, Jr., ainda vivia em St. Petersburg. Quem melhor para questionar sobre as perspetivas que as décadas decorridas poderiam ter

lançado sobre o falecimento da sua mãe? Escrevi uma carta, explicando delicadamente o meu interesse em saber mais sobre a sua querida mãe.

Uma resposta cortês esteve em breve nas minhas mãos. “Receio, e acredito piamente, que o caso da minha Mãe tenha sido trabalhado vezes e vezes sem conta”, escreveu o Dr. Reeser, “e pessoalmente não tenho dúvidas na minha mente quanto ao que aconteceu. Ela era uma fumadora inveterada; adormeceu numa cadeira estofada — havia ventoinhas a soprar, e acho que ela foi literalmente consumida pela sua própria gordura.” Na realidade, esta é a decisão do FBI que foi chamado e que afirmou que existiam vários outros, aliás, podem ter sido registados seis outros casos.* “Não acredito que tenha havido qualquer combustão espontânea”, acrescentou. “Por isso, na verdade, não creio que se possa ganhar algo mais com qualquer repetição dos velhos eventos que foram registados muitas vezes.

Mas como digo, em resumo, creio que os factos são conforme registados.” Os factos conforme registados, sim. Mas quanto à interpretação desses factos, eu não estava tão convencido. Escrevi de volta. O Dr. Reeser respondeu: “Finalmente, para mim, todo este incidente é algo que eu gostaria de esquecer, e acho que cada ângulo foi examinado, rastreado e discutido ao longo de todos estes anos.”

Contudo, eu não conseguia esquecê-lo. A morte da sua mãe intrigava-me. E uma nova intriga aguardava-me, como estava prestes a descobrir. Um documento que procurei foi o relatório do Laboratório do FBI, o qual assumi que poria fim à polémica controvérsia sobre se a cabeça da Sra. Reeser se tinha fragmentado ou se, como diziam os relatos publicados na época, tinha de facto encolhido “para o tamanho de uma bola de beisebol.” Lamentavelmente, fui incapaz de resolver esta disputa.

O Diretor do FBI, Clarence M. Kelley, recusou o meu pedido ao abrigo da Lei de Liberdade de Informação (FOIA) para divulgar os resultados da análise do seu Laboratório do FBI sobre os restos mortais da Sra. Reeser. “Informa-se que o FBI não realizou quaisquer investigações relativas à morte da Sra. Mary Hardy Reeser”, escreveu-me o Diretor. Ele reconheceu que o laboratório do FBI tinha examinado “certas provas” recebidas do Chefe Reichert. Indicou que o SPPD dispunha desta informação e, mediante “autorização por escrito”, o FBI libertaria os seus documentos ao abrigo da FOIA.* Alinhado com a política do

departamento, o Chefe M. E. Handley da Divisão de Registos do SPPD rejeitou por duas vezes os meus pedidos para o arquivo Reeser.

Mais tarde, quando entrei no quartel-general do SPPD em 1977, fui informado de que o arquivo sobre Reeser tinha sido destruído e que não existiam fotografias para serem estudadas. No entanto, em 1980 o caso Reeser continuava aberto, de acordo com uma comunicação pessoal de Sue A. McDonald da divisão de registos do SPPD. Ela acrescentou que a Sra. Reeser "foi verdadeiramente e ainda é um caso baralhante", e lamentou não poder fornecer qualquer informação a não ser um folheto fotocopiado do departamento (que continha vários erros de facto).

Como Charles Fort observou uma vez, "Mede-se um círculo, começando em qualquer lado." O problema é que, se estivermos do lado de fora do círculo uma vez traçado, podemos ser relegados a permanecer do lado de fora, sem nunca conseguir entrar. Era evidente que, se eu queria obter mais informações sobre o caso Reeser, precisava de desenvolver novas fontes.

Novas fontes apresentaram-se. Em 1975, o Chefe de Polícia Handley tinha-me dito que "Todo o pessoal envolvido na investigação original se reformou do departamento e não está disponível para comentários." Cinco anos mais tarde, localizei um desses reformados, aparentemente o último polícia vivo de St. Petersburg que tivera envolvimento direto com o caso mais conhecido do seu departamento. E ele estava disposto a partilhar as suas recordações comigo.

Encontrei-me com o funcionário reformado Walter G. Tipton na sua casa na Carolina do Norte. Ele lembrava-se vividamente da sua primeira tarefa como novato no SPPD. Consistira, disse ele, em ficar de sentinela no exterior dos Allamanda Apartments e "garantir que nada acontecia. Eles não sabiam o que tinham ali!" Como tinham os seus colegas mais experientes no SPPD respondido naquela longa semana de julho ao caso que o destino lhes reservara? "Não houve qualquer especulação. Nós não sabíamos! É para isso que servem os médicos legistas!", riu-se. "Agora, uma coisa interessante sobre toda a situação era a linha de chamuscado.

Suponho que tenha ouvido falar disso?", continuou Tipton, referindo-se à elevação de quatro pés abaixo da qual o fumo não conseguira penetrar. "Sei que era avassalador! Provavelmente tive o contacto mais próximo de

qualquer pessoa que reste [viva]. O corpo dela estava quase completamente desintegrado. A mulher tinha desaparecido! Deve ter havido um calor tremendo ali dentro." Mas não era esse o caso (sobre o calor, ou seja). Tipton disse-me que tinha guardado alguns artefactos do incêndio — incluindo o seu chinelo de cetim preto — na gaveta da sua secretária durante anos, mas "entreguei todo esse material e os meus registos ao departamento quando me reformei." Teria ele alguma vez visto fotografias do local do incêndio, fotos que a divisão de registos afirmava já não existirem? "As fotografias que eu tinha eram as fotografias iniciais tiradas no local do crime", respondeu ele. O que mostravam? "O pé!

Mostravam a cadeira e onde os interruptores de parede estavam queimados. Quem me dera ter essas fotografias para lhas poder mostrar!", disse ele em tom de desculpa. "Ainda não consigo perceber como o calor se espalhou para os lados em vez de subir." E quando tinha visto pela última vez essas fotografias notáveis? "No passado mês de novembro." Portanto, as fotos inexistentes existiam, afinal! A seu pedido, o SPPD tinha-as enviado, e ele tinha-as devolvido apenas nove meses antes. O que mais o impressionou foi "aquele pé que sobrou." Quando me preparava para partir, Tipton relatou outro caso de queimadura da sua carreira policial.

Era parecido com o de Reeser? "Oh não!", respondeu ele sem hesitação. "Nada era parecido com aquele!" (Doze anos mais tarde, telefonei novamente a Tipton, para que me dissesse que não só tinha estas esquivas fotografias de volta na sua posse como estava disposto a mostrar-mas porque respeitava a investigação que eu estava a fazer. Escassas semanas depois, estava de volta à varanda da frente de Tipton, a estudar atentamente dezasseis vistas interiores diferentes do apartamento de Mary Reeser.

Documentavam a espantosa caprichosidade do comportamento do fogo: placas de interruptores de plástico derretidas acima — mas não abaixo — da linha de fuligem, lençóis e mobiliário tão imaculados que nunca se saberia que um inferno tinha rugido a escassas polegadas de distância, uma escova de dentes arqueada pelo calor na casa de banho a várias jardas de distância, na outra extremidade do seu apartamento...) Era tudo tão, tão peculiar. E prestes a tornar-se ainda mais parecido com o *País das Maravilhas*.

O PROFESSOR KROGMAN REVE O CASO REESER

Ao iniciarmos a nossa investigação do caso Reeser em meados dos anos 1970, a pessoa associada a este incidente com quem eu mais queria falar era Wilton Krogman. Se ele ainda estivesse vivo, teria chegado a uma resolução na sua própria mente sobre o seu caso mais notório? Escrevi-lhe para a Universidade da Pensilvânia, onde tinha lecionado... e veio uma resposta! A antecipação entusiasmada de aprender novas perspetivas informativas transformou-se rapidamente em consternação assim que abri o envelope. "Rejeito a SHC/CP", começava a resposta firme de Krogman.

Disse que a revista *True*, que publicara na sua edição de maio de 1964 um artigo frequentemente citado de Allen Eckert sobre a SHC, "atribuiu-me citações que eu nunca fiz. Escrevi uma carta de protesto ao Editor que nunca foi reconhecida. Não desejo, de forma alguma, ser associado a este tipo de sensacionalismo." Atónito, escrevi de volta para reiterar o meu desejo de compilar um registo minucioso e historicamente preciso deste evento. Solicitei exemplos de citações incorretas por parte de Eckert. Sem resposta. Entretanto, descobri o artigo que o próprio Krogman tinha escrito sobre Reeser — e este continha declarações idênticas àquelas que Eckert atribuía ao antropólogo forense. A alta estranheza do caso Reeser não tinha terminado em 1951.

Depois, o *The Philadelphia Inquirer* (15 de junho de 1975) publicou um perfil sobre o Professor Krogman e abordou brevemente a Sra. Reeser. "Em momento algum ele viu qualquer sinal de que o próprio corpo, que é basicamente um saco de sal, possa realmente pegar fogo", disse o repórter David Bolt sobre Krogman. "O caso tem-no perturbado ao longo dos anos." Sem dúvida, este especialista em incineração humana tinha modificado significativamente as suas perspetivas sobre a Mulher-Cinza. Porquê?

O artigo de Bolt forneceu o ímpeto para abordar novamente Krogman e, finalmente, a entrevista ansiosamente procurada e aguardada foi agendada. Krogman acolheu-me graciosamente no seu escritório repleto de livros localizado, convenientemente, a apenas cinquenta milhas da minha casa. Deliciou-se a discutir todos os aspetos da sua ilustre carreira. Exceto um. O caso Reeser. Mas, finalmente, falou sobre ele. Relutantemente. Hesitantemente. "Muito bem, agora há outra parte desta história", disse ele sobre a Sra. Reeser. "Estes ossos — estes restos mortais, desculpe — alegadamente tinham sido enviados para o FBI para investigação posterior.

Nunca lá chegaram! Por isso, a próxima coisa que sei é que o caso foi arquivado....

Acho que o caso foi arquivado com pressa indevida. É tudo o que posso dizer." O caso Reeser evoca contradições — e enigmas persistentes. O detetive dos ossos tinha outra bomba para lançar. "O meu sentimento sobre o caso Reeser é que o cenário no seu apartamento foi encenado", disse ele com força. "E esta é a minha opinião profissional: em minha opinião, aqueles que viram os ossos — os restos mortais — não eram competentes (a) para dizer que eram humanos, e (b) para dizer que eram os da Sra. Reeser. É tudo circunstancial. Ora, não estou a sugerir que haja uma cilada. Estou apenas a dizer —" Krogman fez uma pausa, aparentemente surpreendido com a expressão no meu rosto. A minha reação foi além de atónita. Estupefacto seria mais apropriado. Não obstante a cobertura jornalística internacional, além de semanas de investigação intensiva por parte das autoridades de St. Petersburg, o caso Reeser era uma encenação? Uma fraude? Estaria ele a pregar-me uma partida? A ser faccioso? Não, Krogman estava a falar muito a sério. Isto significava que o bom professor estava a admoestar todos a não aceitarem nada do que ele tinha escrito vinte e quatro anos antes; a não acreditarem que ele tivesse investigado de todo os acontecimentos no número 1200 da Cherry Street N.E.; a não reconhecerem a formação, a competência, as reputações e o simples trabalho árduo de dezenas de investigadores e técnicos locais, incluindo ele próprio.

Em momento algum alguém envolvido na investigação oferecera provas para o cenário que Krogman propunha agora. Até à data, isso incluíra-o a ele próprio. Na verdade, ele estava a dizer que ninguém no local era suficientemente competente para identificar como humano um pé dentro de um chinelo de cetim! Na verdade, a própria perícia profissional de Krogman tinha estabelecido anteriormente como irrelevante o cenário de homicídio-noutro-local-e-salpicar-a-cena que ele agora defendia. Mesmo que criminosos (teria de ter havido vários) tivessem acedido a um crematório ao lado do edifício de apartamentos (se houvesse um ao lado, o que não acontecia), teriam tido tempo para raptar a viúva, cremá-la, devolver as suas cinzas ao quarto e fazer parecer que ela ardera *in situ*, limpando depois todos os vestígios de cinzas no corredor e outras provas do seu crime?

E fazer tudo isto sem acordar a Sra. Carpenter na outra extremidade do corredor? Este cenário é muito mais bizarro do que admitir a SHC, uma perspetiva que não levanta nenhum destes novos incompreensíveis. Estupefacto seria demasiado suave para expressar a minha reação agora. Nada menos do que Krogman entrar em combustão à minha frente me poderia ter surpreendido mais.

Krogman continuou relatando as suas numerosas experiências de queima de corpos — incluindo crematórios que utilizavam ventoinhas para criar correntes de ar fortes para acelerar a combustão — e do facto inviolável que, para ele, não tinha exceção: "Não houve fragmentos de osso que eu não conseguisse identificar como humanos. Alguns eram muito pequenos — tinham-se despedaçado com o calor — mas, valha-me Deus, eu conseguia distingui-los! Estavam calcinados, mas não estavam transformados em cinza — cinza poeirenta, como diz.... Acaba-se com alguns fragmentos de osso, não com pó de osso.... Não se obtém pó! Ponto final!

Não se lhe toca para que se transforme em pó." No entanto, as autoridades descobriram muito pouca matriz óssea ao examinarem a câmara mortuária da Sra. Reeser. O que encontraram foi exatamente o que o próprio Krogman dissera estar lá, o que ele nunca vira ser produzido naturalmente antes: um adulto do sexo feminino reduzido quase inteiramente a cinza poeirenta, incluindo o seu esqueleto! Produzido sem a ajuda de um crematório. Quanto mais falava sobre a sua carreira, mais força dava ao caso de a Sra. Reeser ter morrido de forma anormal, por meios desconhecidos. "But há outra coisa, Arnold, que tenho de lhe dizer", aconselhou Krogman.

"Aprendi ao longo dos anos a desacreditar os chamados relatos de testemunhas oculares. 'Sabe, eu vi aquilo e, valha-me Deus, desfez-se em pedaços!' Claro, um corpo que está gravemente queimado: os ossos são despedaçados pelo calor — mas não consumidos!" Mais uma vez, ele refutava agora o seu próprio comentário publicado. Repudiava agora a descrição do SPPD sobre os vestígios mínimos da Sra. Reeser. Rejeitava agora a sua própria comparação de Reeser com os corpos que se desfaziam em cinza quando tocados em casos anteriores de SHC, os quais, notara ele, apresentavam "paralelos tão marcantes que quase sugerem uma duplicação intencional." Como foram estes cronistas anteriores — vários deles

médicos, como se recordarão — capazes de descrever com tanta precisão um incidente que não ocorreria até 1951? Teria a cobertura médica que abrange três séculos de corpos reduzidos a cinzas sido, na verdade, uma conspiração de *illuminati* médicos clarividentes para fins desconhecidos? Certamente ninguém acredita nisso. É mais racional admitir que a história se estava simplesmente a repetir em St. Petersburg.

Krogman dissera tudo o que diria sobre este, o seu caso mais perturbador. Mas como explicar a sua inesperada mudança de ideias? A nostalgia nem sempre é fiel. Por vezes, a névoa do tempo desenha uma cortina de esquecimento discreto. Por vezes, uma inclinação para negar o óbvio e repetir alegremente a grande mentira reconstrói um passado mal lembrado. Consolação. O Marechal de Bombeiros do Estado da Pensilvânia, Fred Klages, ensinou-me no seu curso de investigação de fogo posto que "temos de eliminar uma grande quantidade de causas possíveis para descobrir a verdadeira causa."

Na morte de Mary Reeser, um cigarro caído e muitas outras possibilidades tinham sido eficazmente descartadas anos antes por motivos práticos ou probatórios. Por nada menos do que a própria perícia de Krogman. Por conseguinte, a análise precisa do caso Reeser aponta para a combustão humana espontânea (talvez preternatural) como a solução para a história misteriosa sob a lápide do Cemitério de Chestnut Hill. Na verdade, Krogman deveria estar preparado para esta determinação. Ele próprio afirmara que o improvável não é impossível; portanto, possível. Nada poderia ser mais verdadeiro na saga contínua do mistério de Mary Hardy Reeser, vulgo a Mulher-Cinza.

** Na realidade, esta é a decisão do FBI que foi chamado e que afirmou que existiam vários outros, aliás, podem ter sido registados seis outros casos. * Alinhado com a política do departamento, o Chefe M. E. Handley da Divisão de Registos do SPPD rejeitou por duas vezes os meus pedidos para o arquivo Reeser.*

ENTRAM OS CÉTICOS

Esta saga sofreu outra reviravolta quando Joe Nickell e John Fischer escreveram conjuntamente para *The Fire and Arson Investigator* (junho de

1984) uma refutação de tudo o que havia de misterioso na morte da Sra. Reeser.

Pediram ao antropólogo forense David Wolf a sua opinião acerca das afirmações sobre o crânio encolhido dela, talvez o aspecto mais controverso de um caso já de si altamente controverso. Wolf disse-lhes que o objecto arredondado encontrado no apartamento dela poderia ter sido "um nódulo globular que pode resultar da musculatura do pescoço onde esta se liga à base do crânio", o qual poderia parecer a um não especialista uma "cabeça encolhida".

Nickell e Fischer ignoraram as reservas de Wolf (apropriadas, dado que ele estava a especular acerca de um artefacto que não vira) e rejeitaram categoricamente a ideia de que a cabeça da Sra. Reeser tivesse encolhido, considerando-a absurda; concluíram então que o que "realmente aconteceu" foi que "ela ficou sedada pelos comprimidos para dormir" e deixou cair o cigarro sobre "a sua própria e considerável gordura corporal", resultando na "destruição bastante completa do seu corpo que — embora invulgar — é, no entanto, compreensível".

Sra. REESER: A EXTRAORDINÁRIA "MULHER-CINZA"

Destruição bastante completa? Compreensível? Como certa vez observou a actriz norte-americana Ruth Gordon: "Penso que existe uma regra esmagadora: 'Nunca encarar os factos.'"

Se Nickell/Fischer têm razão, então porque razão, pergunto eu, ficaram as autoridades de St. Petersburg tão perplexas? A teoria da vela humana já existia muito antes de 1951, e Mary Reeser não foi a primeira vítima mortal de incêndio na sua jurisdição. O caso dela foi apenas o primeiro a desconcertar tão profundamente os profissionais.

E porque motivo, quarenta anos depois, os operadores de crematórios gastam mais de 50.000 dólares por unidade e contratam técnicos para operar este equipamento dispendioso, quando, pelo custo de um cigarro de cinco cêntimos e algumas horas de paciência, poderiam alcançar o mesmo resultado? A resposta é: não podem!

Dale Auer, presidente da Cremation Society of Pennsylvania, explicou o funcionamento do seu crematório. A sua câmara refractária revestida a tijolo consome 1,5 milhões de pés cúbicos de gás natural por hora, sendo

que uma cremação média dura duas horas e meia (das quais não menos de noventa minutos a 2600°F); grandes ventiladores de admissão fornecem a "tremenda quantidade de ar fresco" necessária; um pós-combustor, que deve atingir pelo menos 1800°F antes sequer de a câmara ser acesa, reduz ainda mais o corpo; filtros especiais retêm então o odor nauseabundo da carne queimada. Mesmo assim, os ossos cozidos pelo fogo ainda precisam de ser pulverizados, primeiro em "fragmentos do tamanho de seixos" através de um processo de rolagem e finalmente noutra máquina "até à textura de farinha".

E, no entanto, a corpulenta Sra. Reeser — no seu apartamento desprovido de todo este moderno e sofisticado equipamento — alcançou o mesmo resultado! Notável.

Dale Auer ensinou-me ainda outra lição baseada nos seus vinte e cinco anos de experiência. "Quando uma pessoa tem muita gordura corporal, é preciso ter cuidado com isso", explicou.

Porquê? Porque, segundo ele, corpos obesos e gordos "demoram mais tempo a arder!"

Exatamente o oposto do que defendem os teóricos da vela humana.

E Mary Reeser tinha excesso de peso. Neste ponto, existe consenso universal. Quanto a praticamente todos os outros aspetos que rodeiam os últimos momentos da sua vida, a discordância continua intensa.

Ah sim, quanto ao telegrama cuja entrega levou à descoberta macabra?

Continha boas notícias: tudo tinha sido preparado para o regresso de Mary Reeser à Pensilvânia. Foi uma viagem que ela nunca chegou a fazer viva.

7

Termogénese:

A Física (Quântica) do Fogo Interior

"É preciso estar preparado para sair das ideias actualmente aceites, para fora da corrente dominante."

— Stephen W. Hawking,
"o mais brilhante físico teórico desde Einstein"

"Ora, nós não sabemos que aquilo tenha sido um incêndio..."

Foi esta a admissão feita pelo investigador Edward Davies durante o exame ao apartamento de Mary Reeser, enquanto procurava respostas para explicar a sua morte. Na sua perplexidade e frustração, comentou de forma casual: "Nunca vi nem ouvi falar de nada semelhante. Não há qualquer pista", declarou o investigador de incêndios criminosos.

Com esta observação, penso que Davies chegou mais perto do que os seus contemporâneos de compreender a verdadeira natureza do mistério ardente que tinham diante de si. Porque certos aspetos da morte da viúva contradiziam verdadeiramente o comportamento do fogo tal como era entendido em 1951. Tal como é entendido pela maioria das pessoas ainda hoje.

Afinal, o que é o fogo?

A ciência define fogo como uma oxidação rápida e autossustentada acompanhada pela libertação de calor e luz. Na maior parte dos casos, isso significa que algo muito simples tem de acontecer: o oxigénio do ar deve combinar-se com algum material combustível. Esta reação produz calor. A ferrugem do metal é uma combustão muito lenta; uma reação mais rápida pode gerar incandescência intensa e combustão com chama aberta; uma reação muito rápida produz combustão explosiva.

As pessoas estão mais familiarizadas com os incêndios de Classe A, combustões que produzem cinzas e podem ser extintas com água. Os subprodutos da combustão de Classe A incluem chama, calor, fumo e gases de incêndio, como monóxido de carbono (CO) e dióxido de carbono (CO_2).

Segundo o historiador da ciência Jacob Bronowski, o fogo é conhecido pela humanidade há cerca de quatrocentos mil anos e constitui a mais valiosa ferramenta natural do homem.

Todavia, poderá surpreender saber que, nesta era de hiper-tecnologia pós-industrial, o fogo ainda não é plenamente compreendido. Segredos continuam ocultos na chama vacilante de uma vela; no jato azul-elétrico do fogo usado para cortar aço. Os fenómenos de ignição e propagação da chama, as complexas interações dos acontecimentos moleculares subjacentes ao processo de combustão e a formação de partículas pós-combustão são aspetos de qualquer incêndio que escapam a uma compreensão total. O fogo permanece um enigma misterioso e perigoso.

Antes de criticar seja o que for, convém possuir uma compreensão básica do assunto. Assim, quando os desmistificadores da combustão humana espontânea afirmam categoricamente que as pessoas não podem entrar em combustão espontaneamente, cabe-lhes primeiro provar que sabem mais sobre o fogo do que os cientistas laboratoriais especializados no estudo do seu comportamento. Especialistas como o Professor Paul Garn, doutorado em Química, que declarou ao assumir, em 1984, a direção do novo Centro de Investigação sobre Incêndios e Materiais Perigosos da Universidade de Akron: “Há tanta coisa que não sabemos acerca do fogo.”

Especialmente sobre a ignição espontânea, essa reação biológica (metabolismo) ou química (oxidação) que gera o seu próprio calor para produzir combustão.

John E. Bowen escreveu no *Bulletin* da Australian Fire Protection Association (julho de 1984) que “A palavra espontâneo significa simplesmente que o processo surge de forças ou causas internas, que não é planeado e que é um processo natural.” Só isso já permite incluir os inúmeros seres humanos queimados anteriormente descritos como um subconjunto de materiais suscetíveis de ignição espontânea.

Contudo, a revista *Fire and Arson Investigator* (dezembro de 1985) não inclui seres humanos na sua lista de setenta e dois materiais propensos à ignição espontânea, embora mencione exotismos raros como óleo de esperma de baleia e zircónio em pó. Nem a *International Bibliography of Burns* de Feller (1969) inclui a combustão humana espontânea entre mais

de 150 referências relativas à extensão e profundidade das queimaduras dos tecidos.

A resistência, a oposição virulenta à combustão humana espontânea, deriva em grande parte da palavra "espontânea". E, em menor grau, da perceção de que a combustão humana espontânea é uma combustão oxidante... aquilo que toda a gente conhece como o fogo comum, vulgar, banal, rotineiro, o tipo de fogo que acontece quando se risca um fósforo. É o tipo de combustão que ocorre nos crematórios.

Eu poderia preencher as restantes páginas deste livro com citações de comentadores da combustão humana espontânea que a negam, condenam e desmistificam, como a advertência de Joe Nickell de que qualquer pessoa que defenda a combustão humana espontânea "acabará com cara de ovo".

Contudo, isto não tem mais relevância para os factos da combustão humana espontânea do que reunir mil defensores da Terra plana teria para alterar a redondeza deste planeta.

Algumas pessoas alteram a realidade para corresponder às suas perceções; outras alteram as suas perceções para corresponder à realidade. A perceção de que a combustão assenta exclusivamente no clássico Triângulo do Fogo — segundo o qual a combustão só ocorre na presença adequada de "calor", "oxigénio" e "combustível" — embora correta até certo ponto, é ainda assim demasiado restritiva para o estudo da combustão humana espontânea. Tal como se revelou demasiado limitada na tentativa da ciência de compreender o próprio fogo.

O Triângulo do Fogo foi recentemente substituído pelo Rectângulo do Fogo. O novo lado — uma via adicional para combustão sustentada — consiste numa "reação química ou cadeia molecular não inibida".

Além de alargar a conceção popular acerca das forças subjacentes ao fogo, este novo elemento é crucial para investigar exatamente o que poderá ser aquele incêndio que Davies dizia não sabermos sequer se era fogo. Pensar que a luz pode perfurar metal pareceria loucura a alguém munido apenas de uma lanterna; mas ondas luminosas tornadas coerentes e amplificadas num laser conseguem atravessar aço maciço em segundos.

A combustão, no que respeita a Mary Reeser e a outros casos, já não deve ser encarada apenas como fogo oxidante propriamente dito, mas como

libertação de energia potente. Para alargar o leque de considerações possíveis e reduzir o preconceito contra a combustão espontânea em seres humanos, proponho um significado alternativo para a sigla SHC:

Carbonização Super-Hipertérmica.

CONTANDO AS CALORIAS DA COMBUSTÃO HUMANA ESPONTÂNEA

Enquanto aguardava que o Professor Krogman atendesse uma chamada telefónica durante a minha entrevista com ele, reparei num cartaz exposto de forma destacada na parede do seu gabinete:

"O homem que segue a multidão geralmente não vai mais longe do que a multidão. O homem que caminha sozinho provavelmente encontrará lugares onde ninguém esteve antes."

A "multidão" afastou-se da combustão humana espontânea, afirmando que tal fenómeno não existe. Portanto, tomemos este lema como filosofia enquanto começamos seriamente a explorar algumas formas possíveis pelas quais Mary Reeser e outras pessoas conseguiram realizar o aparentemente impossível.

Até este ponto, a investigação mostrou que as vítimas foram quase completamente desidratadas por uma energia libertada que reduziu os seus tecidos e ossos a pó. A questão levantada por esta observação é: quanta energia isso exige?

A resposta é relativamente simples.

O corpo humano é maioritariamente composto por água. O sangue contém 90% de água e até os músculos fibrosos possuem entre 80% e 90% de água. As estimativas para o conteúdo total de água no corpo humano variam entre 70% e 95% do peso corporal.

Assim, tomando a média deste intervalo, a Sra. Reeser, que pesava entre 170 e 175 libras pouco antes da morte, continha cerca de 140 libras de água.

E o seu corpo foi transformado quase totalmente em cinzas. Ou seja, o seu corpo desidratou — o que significa que aproximadamente 16,5 galões de água no seu organismo não só tiveram de atingir o ponto de ebulição,

como tiveram de se transformar em vapor. Conseguir isto produziria 28.000 galões de vapor no pequeno apartamento dela e exigiria 34.385.867 calorias de energia.

Não é um feito insignificante.

O equivalente aproximado a ingerir instantaneamente 169.000 tabletes normais de chocolate Hershey!

A pergunta seguinte é: o que pode desencadear uma descarga energética capaz de desidratar uma reformada de 170 libras na Florida num curto espaço de tempo — ou, já agora, um médico um pouco menos pesado na Pensilvânia?

A resposta a esta segunda pergunta é relativamente menos simples. Envolve a ciência da física de partículas e vai ao âmago da constituição dos nossos corpos; na verdade, da constituição do próprio universo. Chegar ao fundo desta questão implica ir às fundações dos princípios da física tal como hoje são compreendidos... e um pouco mais além.

A minha investigação sobre a física da combustão humana espontânea começou na Primavera de 1975, quando me sugeriram que Mary Reeser fora, de algum modo, vítima de um "acidente extraordinário" envolvendo uma partícula infinitamente pequena, de alta velocidade e elevada energia, que sofreu fissão ou fusão com um átomo do seu corpo, libertando enorme energia e uma reação em cadeia que desidratou e desintegrou o corpo "numa fração de segundo ou menos".

O que diz a física moderna acerca de um conceito tão esotérico relativamente ao destino da Sra. Reeser?

Surpreendentemente, bastante — embora seja primeiro necessário algum enquadramento acerca do estranhíssimo mundo da física teórica moderna.

DESVENDANDO A NATUREZA DA MATÉRIA

Quanto mais a ciência desmascara o mundo, mais estranho ele parece.

Há muito tempo, Aristóteles ensinava que o universo era composto por quatro elementos simples: ar, terra, fogo e água. O filósofo grego Demócrito dizia aos seus compatriotas que os elementos de Aristóteles eram, por sua vez, formados pela menor coisa existente no universo: o

átomo, aquilo que “não pode ser cortado”. O poeta romano Lucrécio elogiou em versos o átomo por resolver muitos mistérios desconcertantes. Sobre esta partícula definida como indivisível foi construído o mundo tal como o homem o via; o átomo era fundamental, estando no centro das nuvens suaves, das pedras duras, da água corrente e dos fogos abrasadores.

Os átomos são pequenos: vinte e cinco milhões alinhados mediriam apenas uma polegada. Durante cerca de dois mil e quatrocentos anos, estes minúsculos átomos governaram o mundo, e tudo parecia funcionar de forma relativamente simples e compreensível. Exceto por algumas pessoas que, de forma pouco conveniente, se queimavam até virar cinza, a vida era familiar no quotidiano regido pelos átomos e pela física newtoniana; tão previsível que o físico Albert A. Michelson (1852–1931), vencedor do Nobel da Física de 1907 pela medição da velocidade da luz, declarou que, uma vez descobertas todas as leis físicas fundamentais, pouco mais restava à sua profissão fazer!

O século XX rapidamente demonstraria a insensatez de mais um especialista que tentara impor limites ao conhecimento. As ideias acerca dos componentes fundamentais do universo começaram a mudar. E mudaram dramaticamente.

Os cientistas perceberam que o átomo não era indivisível; o universo não era assim tão simples. Ernest Rutherford demonstrou em 1911 que os átomos possuem uma estrutura interna composta por protões, neutrões e eletrões. O físico francês Louis de Broglie declarou em 1924 que os eletrões se comportam simultaneamente como partículas e como ondas. A matéria tornava-se cada vez mais complexa.

Depois, os físicos reconheceram que não só o átomo, mas também o mundo que ele estruturava, era terrivelmente complicado e, pior ainda, imprevisível. Em 1925, o físico alemão Werner Heisenberg estabeleceu uma revolução científica com o seu princípio da indeterminação (segundo o qual a posição e a velocidade de um eletrão não podem ser medidas exatamente em simultâneo), desenvolvendo depois a matemática da mecânica quântica para explicar este admirável — e estranho — novo mundo.

(Entretanto, muitos Prémios Nobel foram atribuídos no processo.)

A teoria de Heisenberg propunha que toda a substância que irradia energia emite luz em unidades discretas de energia. Albert Einstein chamou a essas unidades "quanta". Os quanta conduziram à teoria quântica, que atualmente sustenta não apenas a física mas também a biologia, a química, a geologia e muitas outras ciências.

"Foi uma das maiores revoluções intelectuais do século XX", escreveu o físico Leon M. Lederman, diretor do Laboratório Nacional Fermi Accelerator (Fermilab).

É uma revolta que poucas pessoas compreendem, mas que deixa claro (pelo menos para os físicos teóricos) que o mundo "real" é, na verdade, evasivo... um conjunto de probabilidades... um domínio composto por dualidade onda-partícula, aleatoriedade, acaso, incerteza, entrelaçamento e potencialidade, onde — imagine-se! — o simples ato de observar influencia aquilo que será visto. É um domínio onde, pelo menos ao nível quântico, tudo pode acontecer em qualquer lugar e a qualquer momento.

É perfeitamente apropriado — ou melhor, exigido pela física quântica do século XX — reformular o solilóquio de Hamlet como: "Ser, e não ser." As coisas tornaram-se complicadas dentro do átomo "incortável" de Demócrito.

E uma nova espécie de incerteza tornou-se princípio central da ciência.

CAPRICIOSIDADE NO INTERIOR DO ÁTOMO DESCONCERTANTE

Há várias décadas, um físico apresentou uma teoria que considero aplicável à combustão humana espontânea.

Em 1944, o físico russo George Gamov postulou uma variação da lei fundamental da termodinâmica conhecida como "princípio do aumento da entropia" — isto é, da desordem. Como consequência da desordem, o calor não pode, por si só, passar de um corpo mais frio para um corpo mais quente.

Gamov propôs, no seu livro *Mr. Tompkins Explores the Atom* (1944), que é concebível a entropia inverter-se. Em vez de se dispersarem, as moléculas poderiam acidentalmente aglomerar-se, deixando o resto da sala em vácuo; o calor concentrar-se-ia no meio da frescura circundante. Ou um

grupo de moléculas poderia cair num turbilhão introvertido de colisões, concentrando energia num único ponto.

Estas "flutuações estatísticas do destino" — heterogeneidades — seriam extremamente raras, acreditava ele; ainda assim, moléculas agrupando-se numa sala poderiam fazer ferver espontaneamente um copo de bebida. Se um copo, então uma pessoa? A Sra. Reeser?

Indo além das leis da termodinâmica, quantificadas há um século, o novo domínio da teoria quântica (que descreve desde o infinitesimalmente pequeno até ao incompreensivelmente vasto) tornou oficialmente tudo aleatório e maleável.

Isto deixou o próprio Einstein desconfortável. Sobre a teoria quântica afirmou: "Deus não joga aos dados." Contudo, não conseguiu demonstrar que as suas equações estavam erradas.

A intuição e a fantasia passaram então a reinar ao lado da ciência rigorosa.

Frederick Reines e Clyde Cowan Jr. combinaram um pouco de ambas as qualidades ao confirmarem, em 1956, a existência de uma partícula teorizada ainda menor do que os componentes do átomo. Postulada nos anos 30 por Pauli, o físico Enrico Fermi chamou-lhe "a pequena neutra": o neutrino.

Os neutrinos fizeram muito para abalar a simplicidade outrora atribuída à matéria e são importantes para o conceito que estamos a desenvolver na explicação da combustão humana espontânea.

Um neutrino é uma partícula antiga, etérea, evasiva e fantasmagórica que não se pode ver nem sentir. Os cientistas chamaram-lhe "a coisa mais próxima do nada, distinguindo-se das restantes partículas elementares sobretudo pelo que não possui e pelo que não faz".

Gerados abundantemente no Big Bang, quando o universo começou, os neutrinos são tão efémeros que quase nunca deixam vestígios da sua passagem; tão pequenos que podem atravessar trezentos anos-luz de chumbo sólido antes de colidirem com um átomo. Deslocam-se pelo cosmos — e portanto através do seu corpo — quase à velocidade da luz, à razão de sessenta mil milhões por centímetro quadrado (a secção

transversal de um cubo de açúcar) por segundo... o que significa que o seu corpo é bombardeado por neutrinos até dez biliões de vezes por dia.

Os neutrinos são, literalmente, uma experiência penetrante! E desconcertante.

Reines afirmou que um neutrino poderia comportar-se de forma comparável a "ver um cão transformar-se num gato e depois voltar a ser cão enquanto passeia rua abaixo".

E pensar que eu — e provavelmente também o leitor — aprendemos que o universo era ordeiro e fazia perfeitamente sentido!

O exótico neutrino de movimento rapidíssimo teve a sua vez como bloco fundamental do parque infantil do universo. Agora, este chamado "subátomo quente" evolui, pelo menos aos olhos dos físicos, para componentes ainda menores que fazem coisas ainda mais inimagináveis.

O domínio dos fotões subatómicos nascidos da teoria quântica tornou tudo muitíssimo estranho. Os próprios físicos o afirmaram. Como disse o dramaturgo Tom Stoppard na peça *Hapgood* acerca do dilema da física:

"Quando as coisas ficam muito pequenas, tornam-se verdadeiramente loucas."

A física transformou-se numa barragem rompida, transbordando numa cascata de confusão e partículas elementares que eram tudo menos elementares. A matemática quântica e as conceptualizações eruditas dos físicos nucleares geraram uma avalanche de partículas rebeldes dotadas de nomes curiosos e propriedades ainda mais curiosas.

Um enxame de antimatéria, leptões ultramicroscópicos e quarks pontiformes — que existem numa variedade de "sabores"; em 1981 já tinham sido descobertos seis sabores, enquanto outros dois ("baunilha" e "chocolate") eram teorizados e continuavam desaparecidos dez anos depois — com propriedades antropomórficas como "cor", "estranheza", "gentileza" e "quimerão", compõem atualmente um bizarro jardim zoológico de estilhaços subatómicos a atravessar o universo.

Para manter tudo encerrado nesta menagerie, os físicos conceberam o pegajoso gluão — ele próprio mantido coeso por outra partícula instável chamada (não estou a brincar!) glueball.

Confuso?

Muitos físicos também estavam. Em 1975 encontravam-se num país das maravilhas onde tudo o que podia ser imaginado parecia ser confirmado pouco depois nos aceleradores de partículas que esmagavam átomos. Alguns físicos, não necessariamente divertidos, comentavam ironicamente que "os teóricos talvez tenham enlouquecido completamente".

Com a deteção do quark "top" por investigadores do Fermilab em 1994, o autor Gordon Kane relata em The Particle Garden: Our Universe as Understood by Particle Physicists *(1995) que o chamado Modelo Padrão da física de partículas parece completo. Parece-me que o modelo tem as suas insuficiências—*

TERMOGÉNESE: A FÍSICA (QUÂNTICA) DO FOGO INTERIOR

"Nada permanece simples durante muito tempo na física de partículas", confessaria mais tarde Lederman. A busca pela coisa mais simples de todas — uma única partícula fundamental sobre a qual tudo é construído — quase se tornara uma piada. Mas poucos físicos se riam. (Ainda assim, colecionavam Prémios Nobel.)

A física de partículas deixa, de facto, espaço para especulação.

DANDO O SALTO QUÂNTICO COM A SRA. REESER

"Serão em breve propostas estruturas mais simples das quais os quarks são feitos? Será possível que não existam partículas elementares?" perguntou Lederman em 1978. É este objetivo de encontrar a última caixa numa série interminável de caixas chinesas que impulsiona hoje as mentes dos principais físicos de partículas.

A chave para uma Teoria da Grande Unificação — GUT[1] — da energia parece ser uma questão (por assim dizer) de menor tamanho e maior energia. Quão pequeno e quão elevado? E o que é que tudo isto — se é que tem alguma relação — tem a ver com Mary Reeser?

Na verdade, bastante, porque a resposta relaciona-se com a SHC.[2]

Quando me encontrei com Walter Tipton para examinar as suas fotografias da Sra. Reeser, perguntei-lhe o que via quando olhava para elas.

"Um pé", respondeu. "Qualquer coisa para além disso é especulação."

Especulemos.

William R. Schearer, Ph.D., então presidente do Departamento de Química do Dickinson College, trabalhou comigo na aplicação das regras da mecânica quântica ao desconcertante caso de Mary Reeser. Ficou intrigado com a sugestão de uma explicação subatómica para a SHC e aplicou a teoria quântica para calcular que um único fotão capaz de desencadear a combustão das 34 385 867 calorias que desidrataram o seu corpo teria um comprimento de onda de $1{,}20\times10^{-11}$ centímetros.

Como se compara isso com os comprimentos de onda das partículas no espetro eletromagnético atualmente definido pelos físicos? Trata-se de "um valor muito acima da energia dos raios gama de maior energia", observou o Professor Schearer. Na verdade, é superior — ou seja, menor — do que os raios gama por um fator de 20; isto é, 100 000 000 000 000 000 000 vezes menor do que o raio gama. Menor do que os comprimentos de onda que transportam as emissões da sua rádio FM por um fator de 37.

O corpo da Sra. Reeser certamente desidratou; quanto a isso não pode haver discussão. Se a teoria quântica é válida para esta aplicação, então o culpado da sua morte não foi um cigarro, um fósforo, um curto-circuito na instalação elétrica do apartamento, um grupo homicida, nem um relâmpago, mas possivelmente uma massa de energia hiperminúscula que ultrapassa a física atual por um fator de 20!

Parece que a combustão da Sra. Reeser não foi apenas peculiar, mas possivelmente "quárquica".

Em 1975, cunhei um termo para esta unidade de energia derivada da teoria quântica: o *pyrotron* — um padrão energético que interage com violência para "queimar" completamente (isto é, desintegrar atomicamente) tudo aquilo em que impacta.

Comparada com o tamanho das unidades subatómicas atualmente definidas, já inconcebivelmente pequenas, esta nova partícula hipotética é diminuta para além da compreensão.

O *pyrotron* é 775 000 000 000 000 000 vezes menor do que um quark.

Expresso em termos mais visuais, seria possível comprimir quase 800 000 biliões de biliões de *pyrotrons* dentro desta letra "o". E se o *pyrotron* fosse ampliado ao tamanho da cabeça de um alfinete (aproximadamente a espessura de uma nota de dólar), essa quantidade de notas empilhar-se-ia até uma altura de 8,5×10 anos-luz — o dobro da distância até à Grande Nuvem de Magalhães, a galáxia mais próxima da Via Láctea! Dizer que o *pyrotron* é extremamente pequeno é um eufemismo.

Os *pyrotrons* são tão penetrantes quanto pequenos. Para um *pyrotron*, os quarks do seu corpo parecem galáxias. Para um *pyrotron*, o seu corpo está tão cheio de vastos espaços vazios que a probabilidade de um átomo no interior de si ser atingido por um *pyrotron* que o atravesse é, poder-se-ia dizer, astronomicamente pequena! Mas, de vez em quando, as probabilidades acabam por se cumprir.

E então irrompe o inferno subatómico, à medida que um acidente monstruoso se desenrola rapidamente. O *pyrotron* embate num quark e, ao destruí-lo, desencadeia uma complexa reação em cadeia subnuclear dentro do corpo.

O desenvolvimento exato desta Hiroxima pessoal variará consoante o momento do *pyrotron*, o ponto de impacto e a localização da colisão dentro do corpo.

Em geral, a energia libertada na colisão inicial faria com que os átomos vizinhos acelerassem espontaneamente, aumentassem os seus diâmetros e, assim, elevassem a probabilidade de novas colisões interativas. À medida que a transferência de energia prossegue, alguns átomos sobre-energizados reagiriam então com o oxigénio do sistema respiratório do corpo. (Ou da atmosfera.)

Poderia assim ocorrer combustão completa (oxidação) na vizinhança imediata. O ponto de origem mais provável seria a área mais volumosa do corpo: o tronco. Quanto mais afastado do centro do primeiro impacto, menor seria o nível térmico, resultando em combustão menos completa (isto é, desintegração nuclear) e produzindo desidratação parcial, destilação ou outras decomposições limitadas no corpo.

A rápida destilação das gorduras decompostas (sobretudo hidrocarbonetos) e da glucose ($C_6H_{12}O_6$), com o carbono libertado a entrar em contacto com vapor de água condensado nas paredes, explica a

frequentemente relatada presença da "fuligem oleosa" encontrada em muitos casos de SHC. Explica porque as vítimas não demonstram sinais de luta ou dor; porque exibem graus tão variados e desconcertantes de desintegração; porque as extremidades (pés, mãos, pernas, cabeça) são frequentemente encontradas intactas; porque os objetos adjacentes raramente sofrem danos (sendo o "fogo" uma perturbação atómica interna incomunicável — ou com efeito muito limitado — aos padrões energéticos externos ao biossistema humano).

E quanta energia transporta este inacreditavelmente pequeno *pyrotron* enquanto atravessa o seu corpo, o planeta e até as próprias galáxias como um neutrino?

Mais uma vez, a teoria quântica fornece uma resposta — e que resposta! A energia do *pyrotron* é de $9{,}6\times10^{34}$ eletrões-volt ou 10^{15} GeV (mil milhões de eletrões-volt).

"Isso é uma quantidade incrível de energia!", afirmou Priscilla Laws, especialista em radiação ionizante e professora doutorada do Departamento de Física do Dickinson College. Ela reviu os cálculos. Sem erros. "Tais energias não existem na Terra", acrescentou enfaticamente. "Pelo menos não produzidas pelo homem!"

A Professora Laws fez uma pausa, refletiu mais um pouco, e comentou como os neutrinos podem chegar do espaço exterior e atravessar a Terra sem que a sua trajetória seja afetada; exceto raramente, quando um neutrino colide com uma partícula e desencadeia uma reação nuclear em cadeia...

A Professora Laws estava a descrever exatamente o conceito por detrás do meu pequeno *pyrotron*.

A "QUÍMICA QUENTE" DA COMBUSTÃO

A enorme energia libertada numa colisão com um *pyrotron* geraria temperaturas assombrosamente elevadas, embora breves, tal como acontece nos aceleradores de partículas. Abandonamos o senso comum das reações químicas ordinárias de combustão e entramos num novo domínio com os seus próprios enigmas: o mundo da "química quente".

Segundo o investigador Richard Wolfgang em *Scientific American* (janeiro de 1966), as reações clássicas entre átomos e moléculas a

“temperaturas normais” não ocorrem em níveis de energia extremamente elevados. A química quente permite que partículas mais elementares (desde nucleões até moléculas) interajam, e o tipo de reação altera-se das colisões moleculares da química clássica para os processos definidos pela física quântica. “Os átomos quentes”, explica Wolfgang, “podem reagir através de todos os modos possíveis, independentemente do seu limiar energético. Assim, descobrem-se trajetórias reacionais totalmente novas.”

Em experiências confinadas a uma gama de 10^2 eletrões-volt, Wolfgang salientou que os átomos “quentes” resultantes colidem produzindo alterações químicas inesperadas com reações de átomos de hidrogénio. (O hidrogénio é, evidentemente, um dos dois elementos que compõem a água.) Wolfgang descobriu que moléculas mais pesadas do que o hidrogénio têm menor probabilidade de romper as suas ligações numa reação de química quente. Contudo, acrescentou: “Por outro lado, se ocorrer uma reação, é bastante provável que o produto imediato retenha energia de excitação suficiente para quebrar uma segunda ligação.”

Assim, quanto maior a energia de excitação, mais ligações químicas moleculares serão quebradas e maior será o número de moléculas que poderão fragmentar-se, aumentando assim as probabilidades de uma reação em cadeia autoalimentada. A chave é, portanto, o limiar energético.

Os cálculos de primeira ordem indicam que o suspeito *pyrotron* que poderá ter matado a Sra. Reeser tinha um potencial energético de quase 10^{34} eletrões-volt. Isto ultrapassa largamente a energia necessária para separar todas as moléculas de água do seu corpo; ultrapassa também a estimativa do físico Stephen W. Hawking de que a energia da grande unificação “teria provavelmente de ser de pelo menos mil milhões de milhões de GeV”, isto é, 10^{24} eletrões-volt. (Em comparação, os limites da atual tecnologia de aceleradores de partículas situavam-se em 2×10^{12} eletrões-volt no Fermilab.)

Assim, o novo “limite” para a energia das partículas definido pelo *pyrotron* é superior ao quadrado do que um físico atual (1991) pode esperar encontrar experimentalmente — verdadeiramente um salto quântico (trocadilho intencional) na física.

CONVERGÊNCIA: O PYROTRON ENCONTRA A PARTÍCULA X

"Temos todos estes mistérios inesperados", comentou Michael Tannenbaum, da Universidade Rockefeller, acerca das novas descobertas da física de partículas nos anos 1970. Isso é verdade para grande parte da ciência moderna. Mas a física de partículas é uma investigação vertiginosa, concebida e conduzida por homens e mulheres brilhantes, doutorados, que gastam milhares de milhões de dólares na caça a coisas com mil milionésimos de polegada (mas muito maiores do que um *pyrotron*). Estaria eu fora da minha área ao encontrar, por assim dizer, a existência matemática destes *pyrotrons*? E encontrá-la através do estudo de um acontecimento considerado impossível?

Sem que eu o soubesse então, o universo guardava uma surpresa na manga quântica. A confirmação da teoria do *pyrotron* — e da incrível amplitude de aplicação da investigação sobre SHC — surgiu, vários anos mais tarde, no trabalho do físico Howard M. Georgi III, Ph.D., da Universidade de Harvard.

"Não pode haver nada mais simples do que uma partícula elementar", começou o Professor Georgi no seu artigo "A Unified Theory of Elementary Particles and Forces", publicado na *Scientific American* (abril de 1981). Em seguida, postulou a caixa final do quebra-cabeças chinês de unidades subatómicas cada vez menores: a existência de "apenas um tipo de partícula elementar e uma força importante".

Era a chave da GUT. Era aquilo que Einstein procurara e não conseguira encontrar.

Georgi estimou que a unificação de partículas e forças ocorreria a "cerca de 10^{15} gigaeletrões-volt" — uma escala na qual toda a matéria é impermanente.

A teoria unificada prevê "novos fenómenos que não podem ser deduzidos de teorias anteriores", afirmou Georgi, mas tem um problema: "é extremamente improvável que tal energia venha alguma vez a ser alcançada em laboratório." Talvez não num laboratório... mas os seus valores aproximam-se muito do *pyrotron*, a causa hipotética de alguns (se não todos) os incidentes de SHC. Na verdade, com 10^{34} eletrões-volt, o *pyrotron* ainda excede esse valor por um fator de mil.

E a SHC, do ponto de vista da ciência ortodoxa, é certamente um fenómeno novo.

Georgi postulou ainda que a disposição estrutural ideal para a sua unidade fundamental — a que chamou partícula X — seria formada por dois triângulos sobrepostos, constituindo uma Estrela de David. (O significado dos triângulos num contexto muito diferente, mas relacionado, reaparecerá quando regressarmos ao mundo macroscópico da combustão estranha.) E quando cada partícula é deslocada verticalmente por uma distância proporcional à sua carga elétrica, o padrão tridimensional forma um cubo, o que "sugere alguma ligação subjacente entre eles", concluiu Georgi. (Os metafísicos reconhecerão a beleza e o significado intrínseco de uma teoria do campo unificado que incorpora triângulos e cubos no seu coração microcósmico.)

Calcular a escala na qual leptões e quarks poderiam ser unificados pela partícula X foi o passo seguinte de Georgi.

Juntamente com Helen R. Quinn, do Stanford Linear Accelerator Center, e Steven Weinberg, de Harvard, Georgi determinou que X teria cerca de 10^{-29} centímetros. "A escala de unificação de 10^{-29} centímetros é uma distância extraordinariamente pequena", escreveu Georgi com evidente moderação acerca da sua partícula hipotética. (Apesar de minúscula, Georgi ficou satisfeito: se a escala fosse de 10^{-30} centímetros, afirmou, o universo poderia deixar de existir.)

O tamanho do *pyrotron*, de $1{,}29\times10^{-31}$ centímetros, é apenas cem vezes menor do que a partícula X de Georgi, mas cem vezes maior do que o limite em que o universo teoricamente nunca existiria. Quando se lida com matéria tão diminuta, a proximidade destes valores, alcançados por duas vias de investigação tão opostas quanto possível imaginar, é verdadeiramente notável!

Georgi salientou ainda outro ponto relevante. "As partículas X podem fazer algo que nenhuma outra partícula consegue: transformar um quark num leptão ou um quark num antiquark", declarou o físico de Harvard. "Este processo põe em causa a própria estabilidade da matéria." E não se torna instável e se desintegra a matéria que compõe o corpo humano nos casos de SHC?

Prosseguiu especulando que, se dois quarks se aproximassem a menos de 10^{-29} centímetros um do outro, uma partícula X poderia ser trocada, desencadeando uma reação em cadeia catastrófica na qual átomos de

hidrogénio seriam aniquilados, originando raios gama ou fotões de alta energia. Disse o físico: "O resultado final é que um átomo de hidrogénio decai para um estado de pura radiação. Este processo representa uma conversão de matéria em energia muito mais eficiente do que a fissão nuclear ou a fusão termonuclear."

Parece a descrição perfeita do que poderá estar a acontecer nos casos clássicos de SHC.

Também digno de nota é o pressuposto do físico de que o átomo de hidrogénio é o alvo mais provável para a aniquilação inicial em radiação pura. Como o corpo humano é composto maioritariamente por água e cada molécula de água contém dois átomos de hidrogénio, os átomos de hidrogénio constituem o maior alvo disponível.

A aniquilação de átomos de hidrogénio dividiria as moléculas de água numa reação em cadeia exotérmica subatómica extremamente rápida, desidratando instantaneamente o corpo.

Tal como aconteceu com a Sra. Reeser, por exemplo?

(Considere-se ainda que muitas vítimas de SHC consumiam álcool em excesso. Talvez o álcool faça de algum modo com que os átomos de hidrogénio da água corporal e da glucose se energizem ligeiramente — e, consequentemente, se expandam — tornando essas pessoas um "alvo atómico maior" e mais suscetível do que os seus amigos abstémios à passagem de um *pyrotron*. Isso poderia conduzir a uma ramificação em cadeia de reações elementares no corpo e à criação de hidrogénio atómico, oxigénio molecular e radicais hidroxilo.

Esta ramificação ocorreria entre 2600 °F e 3600 °F; ou apenas entre 1420 °F e 2150 °F se as moléculas fossem decompostas por descarga elétrica. Ambas as gamas de temperatura seriam facilmente alcançadas num impacto de *pyrotron,* que aumenta instantaneamente o movimento molecular — calor — e gera igualmente um aspeto bioelétrico da reação no interior do corpo.)

"A energia necessária para criar verdadeiras partículas X pode permanecer para sempre para além das capacidades das máquinas criadas pelo homem", reconheceu Georgi, "e talvez não exista atualmente em parte alguma do universo qualquer processo capaz de gerar uma energia tão

elevada." Contudo, já dispomos de dezenas de acontecimentos representados pelo caso da Sra. Reeser que, se os cálculos estiverem corretos, realmente produzem evidência de tal energia e testemunham a existência contínua da partícula X de Georgi atravessando os espaços do universo e os nossos próprios corpos.

Em 1975, eu simplesmente lhe dei um nome diferente: o *pyrotron*.

FECHANDO O CASO DO PYROTRON

Na investigação em física de partículas, diz-se que "a verdadeira diversão está em descobrir coisas inesperadas".

O *pyrotron* teorizado — uma "coisa inesperada" 10^{37} vezes menor do que os raios gama mais curtos — poderá de facto inaugurar alguns casos de SHC ao atravessar a matéria como um neutrino e ocasionalmente desencadear desintegração subatómica (e depois atómica).

Uma objeção à existência dos *pyrotrons*, quanto mais à sua capacidade de desencadear bolas de fogo humanas, baseia-se na crença dos astrofísicos de que uma partícula fundamental de tão alta energia — a partícula fundamental de toda a criação — só poderia ter existido durante o primeiro nanossegundo da formação do Big Bang do universo, decaindo instantaneamente depois em leptões e quarks de menor energia. Discordo. Creio que a partícula última continua a atravessar o universo, deixando como cartão de visita da sua passagem a perna esquerda do Dr. Bentley e o pé esquerdo de Mary Reeser depois de acender um micro-Big Bang no interior deles.

A instrumentação ainda não existe (e talvez nunca venha a existir) para detetar ou replicar em aceleradores uma partícula tão diminuta e energética.

Como escreveu Hawking no seu livro de 1988, A Brief History of Time: "uma máquina suficientemente poderosa para acelerar partículas até à energia da grande unificação teria de ser tão grande quanto o Sistema Solar — e dificilmente obteria financiamento no atual clima económico."

Notas

1. *Grand Unification Theory — "Teoria da Grande Unificação", hipótese física que procura unificar as forças fundamentais da natureza.*
2. *SHC = Spontaneous Human Combustion ("combustão humana espontânea").*

Deverá o partícula pyrotron-X fornecer provas da sua existência através dos corpos humanos desintegrados que ocasionalmente confrontam a ciência, então pouco sentido fará gastar muitos milhares de milhões de dólares para construir o acelerador Superconducting SuperCollider.[1] Aquilo que está muito para além dos critérios de conceção do SSC para quantificar já se revelou através das cinzas da SHC.[2] (O financiamento do SSC acabaria por ser cancelado, por razões não relacionadas com o pyrotron-X.)

No futuro, quando forem descobertos restos como os da Sr.ª Reeser, se estiver envolvida fragmentação nuclear, eu anteciparia a presença de radioatividade residual. Embora os bombeiros normalmente não estejam treinados nem equipados sequer para considerar níveis de radiação numa ocorrência de incêndio, existem dois procedimentos relativamente simples para testar esta previsão.

Primeiro, as cinzas das vítimas deveriam ser colocadas sobre película fotográfica e embrulhadas em papel opaco durante cerca de dez dias; quando revelada, a película mostraria áreas luminosas se as cinzas fossem radioativas. Um eletroscópio devidamente calibrado para níveis de radiação ionizante poderia determinar a quantidade de material radioativo nas cinzas humanas e fornecer dados para cálculos adicionais sobre as energias envolvidas (e indicar se os investigadores necessitam de proteção contra possível decaimento radioativo pós-SHC).

Outra abordagem seria utilizar um contador de cintilação para medir qualquer libertação de energia sob a forma de flashes luminosos durante a perda de energia de excitação atómica. Para ser frutífero, este método teria de ser utilizado imediatamente no local do incêndio; qualquer atraso poderia exceder o breve tempo de desexcitação dos átomos e moléculas. (A excitação produtora de luz no corpo humano já está documentada tanto em pessoas que sofreram combustão espontânea — como em pessoas que não sofreram —, como em breve descobrirá.)

A exploração do mundo quântico prossegue. O inesperado não é apenas antecipado, mas avidamente procurado. Como Samuel Ting, o cientista do MIT na linha da frente da atual investigação em física de partículas, disse à revista *Time* (16 de abril de 1990): «Só considerarei a nossa experiência um sucesso se descobrirmos algo realmente surpreendente — novos tipos de quarks, por exemplo — que faça explodir a teoria padrão.»

Aos cientistas que investigam as fronteiras do modelo padrão da GUT,[3] submeto à vossa consideração o pyrotron e a Sr.ª Reeser. O tempo e a tecnologia poderão um dia provar que tenho razão (ou não). Talvez um dia a energia espantosa que incinera pessoas possa ser aproveitada de forma não letal para fornecer à sociedade uma fonte de energia não poluente e inesgotável. A ciência poderá nunca saber com certeza se o pyrotron existe. Mas, como disse à *Omni* (junho de 1979) o investigador de neutrinos da Universidade de Princeton John Bahcall acerca do mundo quântico: «Para um físico, tudo é possível até prova em contrário.»

Nesse domínio do possível, as pessoas continuam a incendiar-se como Mary Hardy Reeser. E fazem-no por alguma razão.

8

O Desfile do Fogo Pessoal Continua

«Não temos provas de que o corpo humano rebente subitamente em chamas. Isso foi construído por pessoas com imaginações muito férteis… toda a história é um conto de fadas.»

— Paul Kurtz, presidente do CSICOP,[4]
conselho ao autor (1986)

Se as coisas permanecerem misteriosas, não será por falta de tentativas para desvendar os seus segredos.

O laureado autor de ficção científica Arthur C. Clarke dirigiu regularmente o seu intelecto perspicaz para contemplar as maravilhas da forteana.[5] Entre aquelas que resistiram ao seu rigoroso escrutínio, declarou a SHC como o exemplo «quintessencial» do mais raro tipo de fenómenos

naturais. No prefácio de *Arthur C. Clarke's Mysterious World* (1980), escreveu o seguinte sobre a SHC:

«Não parece haver forma de este mistério em particular poder alguma vez ser resolvido sem muito mais provas — e quem desejaria isso?»

Não é preciso desejar. A História fornece muitos exemplos, se alguém os procurar.

16 de dezembro de 1952; Muncie, Indiana. A Sr.ª Lola McLaughlin morreu «aparentemente» (e oficialmente) de asfixia, embora ela, encontrada deitada no sofá da sala, estivesse coberta de queimaduras de terceiro grau. O seu canário e o seu cão também morreram asfixiados no incêndio localizado. Ela não fumava, informou o *The Muncie Star* (17, 18 e 19 de dezembro de 1952).

Fevereiro de 1954; Springfield, Massachusetts. Catherine Sutton morre em casa, na 2132 Main Street, vítima de queimaduras sugestivas de SHC, segundo a revista *Fate* (novembro de 1954).

Início de 1956; Wichita, Kansas. As autoridades encontram a Sr.ª Eva Ola Godfrey, de setenta e seis anos, queimada da cabeça aos pés. Paradoxalmente, as chamas que a mataram negligenciaram chamuscar-lhe o cabelo e a roupa.

28 de abril de 1956; Benecia, Califórnia. Sam Massenzi estava no exterior do número 141 da East F Street enquanto o seu amigo entrava para mudar de roupa. Depois de esperar trinta minutos, Massenzi foi verificar o amigo, Harold Hall, de cinquenta e nove anos, que agora se encontrava horrivelmente queimado mas vivo no chão da cozinha: braços, rosto e peito virtualmente carbonizados, com a roupa das costas intacta. Hall, incapaz de explicar porque ardia, morreu pouco depois. O chefe dos bombeiros Thomas Geifels excluiu categoricamente fugas de gás e classificou o incêndio como «inexplicável».

Dezembro de 1956; Honolulu, Havai. Na sua casa da 1130 Maunakea Street, o incapacitado Young Sik Kim, de setenta e oito anos, foi descoberto envolto em chamas; chamas tão intensas que a sua vizinha Virginia Cagat não conseguiu aproximar-se dele. Outros também recuaram

perante o calor; perante a visão. Quando os bombeiros chegaram dez minutos depois, o incêndio localizado tinha diminuído e foi facilmente extinto. Veio então o desconforto: como explicar o seu corpo meio consumido juntamente com a poltrona acolchoada onde estava sentado. O fogo, que também destruiu um bengaleiro próximo, uma persiana veneziana e uma cortina, apenas chamuscou ligeiramente a cadeira de rodas sobre a qual os seus pés repousavam.

18 de dezembro de 1956; Roxbury, Massachusetts. Na sua cozinha, a Sr.ª Catherine Cahill, de setenta e oito anos, senta-se numa cadeira de baloiço e arde silenciosamente até à morte. Segundo o *Boston Sunday Globe* do dia seguinte, ela não fumava e os bombeiros não encontraram qualquer origem para o incêndio fatal.

1 de março de 1957; South Bend, Indiana. O *South Bend Tribune* (2 de março de 1957) anunciou que um «incêndio corporal» se iniciou em torno da Sr.ª Sarah Wilderman por volta do meio-dia do dia anterior. Ela gritou que estava a arder. Momentos depois tinha «queimaduras de 100 por cento em todo o corpo». Apenas as plantas dos pés escaparam. Não fumava. Acredita-se que o seu roupão tenha pegado fogo, mas os investigadores de incêndios, «perplexos», não conseguem descobrir como. Segundo o jornal, ela própria se tinha «incendiado misteriosamente»… e morreu onze horas e meia depois.

Por volta de 30 de setembro de 1957; Kensington, Londres, Inglaterra. Enquanto tomava banho no seu apartamento em Queen's Gate Terrace, a Condessa Maria de Serrant grita. Quem respondeu encontrou a aristocrata de sessenta e três anos morta na sua banheira meio cheia, com o cabelo a fumegar e o corpo gravemente queimado. Não foi o típico acidente com água escaldante! O médico legista da Coroa, Dr. Gavin Thurston, declarou «morte acidental devida a choque provocado por queimaduras extensas». Numa banheira? Se a condessa deixou cair um aparelho elétrico na água, ninguém reparou (ou relatou).

10 a 17 de janeiro de 1958; Glendive, Montana. A família Charles King acordou para um dia estranho em 10 de janeiro, quando a Sr.ª King entrou na sala às 8h00 e viu as cortinas das janelas rebentarem

espontaneamente em chamas. Às 8h30, as cortinas da sala de jantar explodiram em fogo. Às 16h30, um cesto de papéis incendiou-se sozinho.

Pouco depois das seis horas, um fumo ténue foi seguido até cortinas de quarto em chamas. Durante a semana seguinte, mais cinco incêndios inexplicáveis irromperam, incidindo sobre artigos de tecido. O chefe dos bombeiros de Glendive, George Smith, ordenou a remoção de «todos os materiais nos quais pudesse ocorrer combustão espontânea». (Negligenciou incluir os ocupantes.) A precaução chegou demasiado tarde para a filha da Sr.ª King, que queimou as mãos ao combater um dos incêndios. Não SHC no sentido clássico, mas certamente um ser humano queimado por combustão espontânea de natureza anómala.

Middleton Enfrenta a Controvérsia SHC/PC a Meio Caminho

29 de janeiro de 1958; Pimlico, oeste de Londres, Inglaterra. Uma viúva hipertensa de sessenta e nove anos, identificada pelo Dr. Thurston apenas como Sr.ª E.M. — o seu nome completo era Edith Middleton — arde junto à lareira no seu apartamento em Hammersmith. Era magra, vivia sozinha e tinha saúde frágil, sofrendo de hipertensão arterial e doença de Parkinson ligeira. Não bebia álcool. A vizinha Annie Law visitara-a por volta das três da tarde e acendera-lhe uma lareira a carvão antes de sair. Entre as cinco e as seis horas, Annie reparou em fumo excessivo e faúlhas a sair da chaminé da amiga. Na manhã seguinte, outra vizinha, preocupada, descobriu a falecida entre considerável fuligem.

Os bombeiros encontraram rapidamente a parte superior do corpo da Sr.ª Middleton caída dentro da lareira, severamente queimada acima dos joelhos. Relatou Thurston: «O tronco, braços, cabeça e parte superior das coxas estavam carbonizados e calcinados. Faltava uma quantidade considerável de tecido ósseo.»

À parte o corpo, os danos limitaram-se a um pequeno buraco de 1,5 polegadas por 7 polegadas queimado através das tábuas do chão diante da lareira. A autópsia revelou que ela morrera antes de o fogo lhe tocar. A morte foi atribuída a «causas naturais».

À primeira vista, é fácil pensar que ela estaria prestes a limpar a chaminé e inadvertidamente se deitou sobre uma brasa quente, sofreu um

ataque cardíaco e assou lentamente até ficar bem passada. Na verdade, oficialmente a sua morte foi atribuída a «trombose coronária devida a ateroma». Embora seja certamente possível — alguns dirão absolutamente essencial — que tenha morrido dessa forma, o marechal de incêndios Robert C. Meslin (que conhecerá mais tarde) examinou uma fotografia da cena e concluiu, com base nas suas décadas de experiência no combate a incêndios, que a pluma de fuligem, que se estendia dramaticamente pela divisão, era inconsistente com a tiragem de uma chaminé. Em vez disso, a pluma em forma de V indicava-lhe que o fogo tivera origem no interior da mulher, a partir da qual resíduos de combustão foram projetados para a divisão, em vez de subirem apenas pela chaminé, como seria de esperar de uma tiragem natural.

Invocar SHC seria arriscado; já PC[6] não. Repare no que disse o médico legista da Coroa acerca deste caso:

«O corpo ardeu na sua própria substância, sem combustível externo, e houve uma ausência notável de danos nos objetos inflamáveis circundantes. Qualquer pessoa com experiência consegue reconhecer a diferença entre um caso destes e os casos familiares de queimaduras extensas num incêndio, em que o calor, pelo menos inicialmente, vem do exterior.»

O Dr. Thurston viu uma impressionante semelhança com casos anteriores na literatura médica e chamou ousadamente a esta morte «combustibilidade preternatural» incontestada.

Em 1961, um distinto médico designa oficialmente a PC como causa natural de morte. Contudo, contestou qualquer indicação do paranormal (isto é, SHC). Recuou para a explicação da gordura corporal a arder na presença de correntes de ar, aquela velha ideia proposta já em 1838 por Beck e Beck nos seus *Elements of Jurisprudence*.

Thurston acrescentou um novo critério a estes incêndios: «todos os casos ocorreram em interiores, geralmente perto da lareira». Isso está errado, como verá mais tarde num episódio de 1890 que (obviamente) constava da literatura disponível para o Dr. Thurston. Claramente existe algo neste fenómeno que impede médicos e cientistas de se familiarizarem com a sua história.

Os Jovens e os Velhos

31 de janeiro de 1959; Laguna Home for the Aged, São Francisco, Califórnia. O auxiliar Sylvester Ellis esperou que o residente Jack Larber bebesse um copo de leite e depois saiu. Cinco minutos depois encontra Larber envolto em chamas. Como a vítima não fumava nem trazia fósforos consigo, um responsável dos bombeiros aventou que alguém teria rapidamente encharcado o velho com líquido de isqueiro e ateado fogo — uma teoria macabra que a investigação considerou insustentável.

Primavera de 1959; Rockford, Illinois. Rickey Paul Pruitt, de quatro meses, morre misteriosamente queimado no seu berço. O berço, a roupa da cama e as roupas da criança não arderam. A menos que faltem informações relevantes, o bebé Rickey certamente não fumava, não brincava com fósforos, nem lidava com qualquer fogo que exigisse senso comum.

4 de julho de 1959; Nova Iorque. Edward Mottern acorda na sua casa da 320 East 57th Street devido ao fumo. Vinha da sua esposa, Virginia Mottern, consumida pelo fogo numa cadeira fumegante. Disse o *The New York Times* do dia seguinte acerca da origem do fogo na mulher de cinquenta e dois anos: «não imediatamente determinada». O Departamento de Bombeiros de Nova Iorque não me informou se alguma vez foi determinada uma causa.

Verão de 1959; Grand Rapids, Michigan. O Dr. George Ruggy deitou o seu filho bebé na cama e retirou-se às 22h30, deixando a esposa no andar de baixo a ler um livro. Cerca da 1h00, transeuntes viram chamas na sala. Entraram a correr, mas não conseguiram salvar a Dr.ª Lemoye Unkefer, de trinta e seis anos, que jazia carbonizada no chão ao lado do livro. O marido e a criança dormiram durante o incêndio que silenciosamente lhe tirou a vida.

Antes de 1961, provavelmente nos Estados Unidos, uma mulher conhecida do reverendo Winogene Savage é descoberta em chamas no chão «com uma estranha bola de fogo pairando sobre a sua forma enegrecida». O pregador contou à revista *Fate* (abril de 1961) que baldes de água extinguiram com sucesso o fogo, mas a vítima casada morreu na

mesma. A roupa tinha ardido completamente, mas o tapete por baixo dela não estava chamuscado; nem mais nada na divisão. A bola de fogo simplesmente desapareceu.

Janeiro de 1961; Spokane, Washington. Charles A. McCollough morre de forma sugestiva de SHC, sugere a revista *Fate* (junho de 1961).

2 de agosto de 1962; Lockland, Ohio. Neste subúrbio de Cincinnati, Mary Martin, de setenta e quatro anos, morre queimada com a roupa em chamas na ausência de uma fonte de fogo e de outros danos. No dia seguinte, o *The Cincinnati Enquirer* chamou-lhe um «mistério».

Dr. Gee e a Experiência da Vela Humana

Um mistério distinto, e dilemas acompanhantes, confrontaram o professor David J. Gee, M.D., docente do Departamento de Medicina Legal da Universidade de Leeds. O seu interesse pela SHC nasceu ao ouvir falar da Sr.ª E.H., uma inglesa de oitenta e cinco anos, de boa saúde, que vivera em Leeds até morrer estranhamente pelo fogo em novembro de 1963.

O seu corpo calcinado repousava direito sobre um degrau da lareira. A perna direita estava separada a meio da barriga da perna; o osso superior exposto e desprovido de carne; o pé e o sapato intactos. A perna esquerda era irreconhecível. Tinha sido visitada apenas três horas antes e os vizinhos não encontraram fogo na lareira quando regressaram e descobriram a cena grotesca.

O Dr. Gee escreveu sobre o caso em *Medicine, Science and the Law* (1965), dizendo que era «curioso» e «de algum interesse» porque «só consegui encontrar outro caso relatado neste país no presente século» que apresentasse combustão tão ferozmente localizada. Apenas dois casos em sessenta e cinco anos? Pois.

Como Liebig um século antes, o Dr. Gee voltou-se para o laboratório em busca de respostas para aquilo que a natureza realizara. Experimentou.

Enrolou tiras de vinte centímetros de gordura corporal humana em tecido e depois segurou os seus cigarros de carne sobre um bico de Bunsen diante de um exaustor.

Descobriu que a gordura se incendiava «ao fim de cerca de um minuto»… e depois «a combustão da gordura e do tecido prosseguia lentamente ao longo do rolo, com uma chama amarela fumegante e grande produção de fuligem, sendo o rolo inteiro consumido após cerca de uma hora». Experimentou novamente, usando pele em vez de tecido; mesmo resultado.

O professor de medicina legal ficou satisfeito por as suas experiências provarem «a explicação mais razoável para a ocorrência dos fenómenos curiosos».

Em correspondência comigo em 1975, o Dr. Gee manteve esta premissa e abordou o singular facto de o pé da mulher ter escapado:

«A razão pela qual o pé permaneceu intacto é, na minha opinião, o facto de estar para além da cobertura proporcionada pela roupa ao resto do corpo, tendo sido poupado por essa razão.»

Será isto plausível?

Passar da carbonização, em uma hora, de uma tira de gordura de vinte centímetros sobre um bico de Bunsen para reduzir a cinzas um adulto inteiro em não mais de três horas diante de uma lareira sem fogo é, sustento eu, uma extrapolação quântica. Note-se: o Dr. Gee conseguiu queimar apenas uma tira de gordura, não um osso do braço ou uma pélvis. Pense-se: quanto tempo levaria para reduzir a cinzas uma viúva de setenta e sete quilos (incluindo o esqueleto) sobre um bico de Bunsen!

Outro problema para a sua extrapolação é que a sua experiência produziu chamas amarelas, ao passo que testemunhas de SHC normalmente veem fogo azul.

«Num cenário de incêndio», disse-me o instrutor de fogo posto Klages, «há uma razão para tudo — se tivermos sorte suficiente para a encontrar.»

Não creio que o Dr. Gee tenha tido sorte desta vez. As lotarias irlandesas oferecem melhores probabilidades do que a sua «resolução» para a morte ardente da Sr.ª E.H.

Tal como Liebig refutara a teoria dos tecidos impregnados de álcool para explicar a SHC, mas não a própria SHC, parecia que o Dr. Gee colocava em causa a sua própria teoria da vela humana para explicar a SHC.[7]

O sucesso da teoria da vela humana para explicar pessoas totalmente incineradas é tão provável como encontrar a fotografia de Tonya Harding numa caixa de Wheaties.[8]

E a natureza continuaria a oferecer a sua própria refutação desta teoria duvidosa.

Notas

1. Superconducting SuperCollider (SSC) — projeto norte-americano de acelerador de partículas de grande escala, cancelado em 1993.

2. SHC — sigla de Spontaneous Human Combustion *("combustão humana espontânea").*

3. GUT — Grand Unified Theory *("Grande Teoria Unificada"), tentativa de unificar as forças fundamentais da física.*

4. CSICOP — Committee for the Scientific Investigation of Claims of the Paranormal *("Comité para a Investigação Científica de Alegações do Paranormal").*

5. Forteana — conjunto de fenómenos estranhos, anómalos ou inexplicáveis associados ao investigador Charles Fort.

6. PC — abreviatura usada pelo autor para preternatural combustibility *("combustibilidade preternatural").*

7. O próprio autor acrescenta que, mais tarde, Gee pareceu reconsiderar parcialmente a sua teoria.

8. Wheaties — marca norte-americana de cereais famosa por colocar atletas célebres nas embalagens; a referência a Tonya Harding é irónica devido à controvérsia associada à patinadora.

DESAFIOS ÀS VELAS DE GORDURA HUMANAS

4 de dezembro de 1963; Long Island, Nova Iorque. Na cidade de Glen Cove, a roupa arde no corpo de Thomas Sweizerski, de sessenta e seis

anos. A edição do dia seguinte do *Long Island Press* assinalou que não existiam outros danos nem sinais de incêndio no seu quarto.

22 de fevereiro de 1964; Clapham, Londres, Inglaterra. Poucos minutos antes das nove da manhã, os bombeiros locais chegam a um apartamento no rés do chão e começam a procurar a ocupante, uma mulher de setenta e dois anos residente em Clapham, que não conseguem encontrar. Não admira. Na pequena divisão das traseiras, medindo cerca de um metro e oitenta por dois metros e quarenta, encontram-se algumas molas chamuscadas da almofada de uma cadeira a sobressair de um monte de cinzas; acima, o teto de estuque apresenta danos moderados indicativos de um incêndio repentino.

Para além de resíduos de fumo, os danos no restante apartamento são moderados ou inexistentes. Mas onde está a mulher? Os bombeiros acabam por perceber que estiveram literalmente a olhar para ela o tempo todo, quando veem dois pés intactos a sobressair para além do perímetro das cinzas calcificadas, cinzentas e brancas. Para lá dos pés, ainda calçados com sapatos pretos brilhantes, a carne da perna esquerda sofrera queimaduras de terceiro grau até desaparecer gradualmente abaixo do joelho no meio dos escombros; a perna direita, intacta, desaparecia abruptamente a meio da barriga da perna, reduzida ao nada.

No relatório dos bombeiros, a natureza dos ferimentos é descrita como «queimaduras graves no corpo». (Mais ou menos como dizer que o Dr. Bentley morreu por asfixia!) A suposta causa do incêndio surge simplesmente como «desconhecida».

Maio de 1964; Naphill, High Wycombe, Buckinghamshire, Inglaterra. Um rapaz de treze anos de High Wycombe é encontrado morto devido a queimaduras graves no chão da cozinha da sua casa, situada a cerca de cinquenta quilómetros a oeste-noroeste de Londres. O tapete por baixo do corpo apresentava danos, mas «não havia qualquer outro incêndio na divisão trancada».

Por volta de 21 de junho de 1964; Launton, Oxfordshire, Inglaterra. A Sra. Beatrice Massey é vista «a arder como uma tocha» no seu jardim, a oeste de High Wycombe. Um transeunte atirou-a ao chão e tentou sufocar

as chamas do seu corpo. Os seus dois filhos estavam em casa e não ouviram nada de invulgar.

26 de março de 1965; Foster Park, Califórnia. Na Camp Chaffee Road, nesta pequena localidade situada a cerca de noventa e cinco quilómetros a oeste do centro de Los Angeles, Herbert Shinn, de setenta anos, sofre queimaduras graves no peito, costas e coluna vertebral. Morreu trinta minutos depois no hospital. Não foi encontrada qualquer fonte de ignição, segundo a revista *Fate* (setembro de 1965).

Dezembro de 1965; Oneida, Nova Iorque. A Sra. Katherine Elizabeth Chaires transforma-se numa tocha na sua sala de estar. Ed Wilcoxon, um inquilino da casa, queimou a mão ao tentar salvá-la, segundo relatou a revista *Fate* (junho de 1967). Em 1982, falei com o Departamento de Polícia de Oneida, onde Rosie Myers se recordou imediatamente do caso, apesar de já terem passado dezassete anos; afirmou que a Sra. Chaires «ardeu numa cadeira». O antigo chefe dos bombeiros de Oneida, John F. Myers, disse-me que a falecida era uma fumadora inveterada. «No entanto», salientou, rejeitando a hipótese de um cigarro caído, «o incêndio é muito invulgar. Em trinta anos nunca vi nada parecido.» O detetive James Eddy afirmou igualmente que, dezassete anos depois dos factos, continuava «intrigado» com a morte da Sra. Chaires.

Final de maio de 1966; St. Louis, Missouri. Sobre a cama queimada jaz o corpo da Sra. Ethel Woodward, de sessenta e oito anos. Não fumava. O *St. Louis Post-Dispatch* (1 de junho de 1966) escreveu sobre o restante quarto: «Os bombeiros estavam claramente perplexos quanto ao motivo de os danos serem tão reduzidos.»

Por volta de 16 de novembro de 1966; Palo Alto, Califórnia. Autoridades perplexas encontram uma cama destruída pelo fogo na casa de Marlin Stevens Smith, de cinquenta e quatro anos. O corpo jazia próximo, sem vida. Infelizmente, o *Palo Alto Times* (16 de novembro de 1966) não fornece informação suficiente para determinar se se tratou de um acidente provocado por materiais de fumo, combustão espontânea da cama ou combustão humana espontânea com ignição secundária da cama.

6 de novembro de 1967; Harrisburg, Pensilvânia. Harry Boyd Halfpenny, de oitenta e dois anos, viúvo reformado e fumador inveterado,

vivia sozinho a poucos quarteirões do capitólio estadual. No início da tarde, «morreu subitamente» num pequeno incêndio acompanhado de «imenso fumo», enquanto estava sentado numa poltrona no centro da pequena sala de estar. Oficialmente, «asfixia e queimaduras de terceiro grau em 90 por cento do corpo foram a causa direta da morte».

Em 1979, Gene Hoy, candidato ao Corpo de Bombeiros de Harrisburg, contou-me que o seu instrutor mencionara o caso como um possível episódio de combustão humana espontânea. (Uau!) O instrutor falou também de fotografias. Contactei imediatamente o Corpo de Bombeiros de Harrisburg. Embora já tivessem passado doze anos, uma secretária recordou-se logo do episódio. «Estranho!», disse ela. «Sim, venha cá. Pode ver o processo do incêndio e as fotografias.»

Cheguei ao quartel menos de uma hora depois. Apenas para ouvir de um oficial superior — que também se recordava imediatamente do incidente — que o processo não existia. Além disso, afirmou ele, o respetivo rolo fotográfico nunca chegara a ser revelado. Segundo insistiu, permanecera guardado numa gaveta da secretária de um chefe dos bombeiros. Durante doze anos? Hum...

Percorri alguns quarteirões até ao gabinete do chefe dos bombeiros do condado de Dauphin. Apresentando-me ao chefe Elmer Shover, expliquei-lhe o meu interesse pela morte de Halfpenny. Shover rodou na cadeira, puxou uma gaveta de arquivo, retirou uma pasta de cartão e dela extraiu uma grande fotografia a preto e branco. Outra fotografia «inexistente» de combustão anómala aparece espontaneamente.

A imagem mostrava um par de pernas apoiadas na frente de uma cadeira estofada; o enchimento de algodão saía para fora, intacto. As paredes do apartamento apresentavam fuligem escura até cerca de um metro acima do chão. De resto, a fotografia demonstrava quão localizado fora o incêndio. Um isolamento limitado praticamente ao Sr. Halfpenny, que fora quase totalmente consumido pelas chamas.

Localizei uma familiar que concordou em discutir a história pessoal e psicológica do falecido. Talvez aí residissem pistas sobre o que aconteceu nos últimos momentos da sua vida. Infelizmente, quando bati à porta para a entrevista previamente marcada, foi o marido da familiar quem respondeu,

ordenando-me que me afastasse sob ameaça de processo judicial e detenção. Nenhuma revelação, naquele dia.

Algures em janeiro de 1968, um ocupante de uma casa em Ballinger, Texas — cidade ferroviária próxima de Abilene — tornou-se vítima de combustão humana espontânea, segundo Persinger e Lafrenière em *Space-Time Transients* (1977). Gerry Hunt acrescentou em *Beyond Belief: Bizarre America* (1988): «Diz-se que a casa possui um historial de combustão humana espontânea.» Não consegui encontrar confirmação nem das alegações individuais nem das coletivas.

Por volta de 28 de abril de 1968; Preston, Ontário. O canadiano Hugh McIlvenny, de setenta e seis anos, é encontrado queimado e semiconsciente depois de se ter arrastado para longe daquilo que inicialmente parecia um incêndio normal. Os danos totalizaram 500 dólares e limitaram-se a uma cadeira, uma área de tapete de cerca de um metro e vinte por um metro e oitenta, duas janelas estaladas pelo calor e marcas de queimadura na divisão. McIlvenny apresentava queimaduras no rosto, mãos e pés. Curiosamente, as meias permaneceram intactas.

7 de abril de 1969; Long Beach, Califórnia. Na Cedar Avenue, número 5334, a Sra. Grace Walker, de sessenta anos, foi encontrada viva, mas com queimaduras em mais de 90 por cento do corpo. Morreu a caminho do hospital. Não fumava nem transportava fósforos. Quando contactei a administração dos bombeiros de Long Beach, os registos deste caso já tinham sido eliminados.

Por volta de 16 de dezembro de 1969; Toronto, Ontário. O idoso John Komar é encontrado inconsciente com «queimaduras extensas nos braços e costas». Não havia qualquer sinal de incêndio para além do próprio corpo. O *Toronto Star* (17 de dezembro de 1969) classificou o caso como «intrigante».

4 de janeiro de 1970; Kansas City, Missouri. Pouco antes das nove da noite, Ed James regista-se no Hotel Phillips, na West 12th Street, número 106. Minutos depois sai de ambulância rumo ao Hospital Geral com queimaduras nos pés, joelhos, peito, braços e parte central das costas. Estranhamente, a roupa nas costas permanecia intacta, segundo relatou o investigador Brad Steiger.

Por volta de 21 de setembro de 1970; Poole, Inglaterra. O bebé Simon Simeon, de seis semanas, arde no berço em chamas. A polícia, segundo o *Daily Express* (21 de setembro de 1970), não encontra causa nem culpado.

17 de março de 1971; Chicago, Illinois. Num incêndio de «causas indeterminadas», William Sessions, de sessenta e nove anos, e a cadeira onde estava sentado ardem completamente. O *Chicago Tribune* do dia seguinte referiu que os danos ascenderam apenas a 200 dólares — mal o suficiente para comprar uma cadeira nova.

Por volta de 15 de agosto de 1971; Condado de Orange, Califórnia. Uma mulher de Anaheim, entre cinquenta e sessenta anos, de baixa inteligência, obesa, sedentária e «desleixada e descuidada», arde no chão da cozinha do seu apartamento. O apartamento «não estava queimado em lado nenhum, apenas cheio de fumo», escreveu-me a vizinha Lorena Gardenshire. Segundo ela, a explicação oficial culpou um cigarro, mas insinuou que algo mais sinistro ocorrera ao lado.

Meados de setembro de 1971; Shaldon, Inglaterra. Subitamente, um violento clarão semelhante a um relâmpago(?) «varreu toda a aldeia» e afetou negativamente os nervos e músculos de muitos habitantes, segundo relatou o *INFO Journal* (n.º 14). Betty Connell estava entre duas mulheres que se viram «presas» dentro de um brilhante «tubo de luz». Não há indicação de que qualquer das mulheres tenha sofrido queimaduras, mas talvez tenha sido por pouco, já que permaneceram temporariamente imobilizadas dentro daquela fantástica luminosidade.

Antes de 1972, algures no Estado do Sol[1], uma mulher da Florida, cuja identidade permanece desconhecida, sentada numa cadeira de verga, arde até se consumir — ou, mais exactamente, desintegra-se — na varanda da sua casa. O marechal dos bombeiros da Polícia Estadual da Pensilvânia, Fred Klages, vira uma fotografia do que dela restara quando participou numa convenção de combate a incêndios nesse ano.

«Não me recordo se a cabeça dela encolheu», contou-me ele, «mas os óculos estavam pousados na cadeira. Ela usava aqueles sapatos pretos antigos, de cano alto e atacadores. Cerca de sete ou oito centímetros das pernas prolongavam-se acima das botas, e não restava absolutamente mais nada entre esses pontos. A cadeira permaneceu intacta — e a verga arde

facilmente! Para o corpo dela ter sido cremado daquela maneira, a cadeira de verga devia ter ardido também.»

Uma pista que recebi em 1992 sugeria que o episódio ocorrera na zona de Pensacola. Telefonei a Jum Dixon, oficial dos bombeiros de Pensacola, que me informou servir desde 1977 e não se recordar de tal caso.

«Mas espere», acrescentou ele, «aqui vem o antigo chefe!»

O antigo chefe dos bombeiros, Raymond Church, lembrava-se do incidente.

«No entanto, não foi aqui em Pensacola. Uma senhora numa cadeira, com as pernas diante dela. O caso foi trazido por um oficial de instrução, Tommy Tompkins.»

Parecia um caso clássico de combustão humana espontânea (SHC)[2], disse Church.

Algures, alguém saberá mais sobre este caso. Espero ouvir essa pessoa.

PROVAS FOTOGRÁFICAS

Diz-se que uma fotografia vale mais do que mil palavras. E a verdade é que as fotografias podem trazer revelações imediatas. Elas oferecem talvez a prova mais convincente de uma incineração humana paranormalmente completa, exceptuando a presença física no local do incêndio para assistir ao fenómeno. Também permitem quase sempre avaliar se o incidente se aproxima verdadeiramente de um caso de combustão humana espontânea ou se resulta de causas mais prosaicas, descobertas durante a investigação oficial.

Para comprovar isto basta consultar a 13.ª edição de *Glaister's Medical Jurisprudence and Toxicology* (1973), uma obra de referência internacional em medicina legal e toxicologia. Num dos capítulos encontram-se diversas fotografias de queimaduras. Três delas destacam-se de forma particularmente anómala.

Uma mostra uma mulher presumivelmente britânica que colapsou na cadeira onde estava sentada. Literalmente colapsou sobre as próprias cinzas. Parece que a região inferior do abdómen se incendiou e consumiu rapidamente o tronco e as pernas. A parte superior do corpo, já sem suporte

devido à redução da coluna vertebral a cinzas, tombou para o chão. Consequentemente, a cabeça, os ombros e os braços permaneceram intactos. Na verdade, a cabeça caiu sobre um aquecedor elétrico aparentemente desligado — e nem sequer apresentava queimaduras.

Na outra extremidade do corpo, no chão diante da cadeira, repousavam os pés dentro de chinelos felpudos. Os chinelos permaneciam imaculados.

Uma segunda fotografia retrata outra mulher anónima, também presumivelmente britânica, que ardeu no chão diante de uma pequena lareira. As pernas, cobertas por meias, terminam abruptamente a meio da barriga da perna, para além das quais se encontra um monte de cinzas sobre um jornal parcialmente chamuscado.

Característico dos enigmas da combustão humana espontânea, panos brancos semelhantes a toalhas de chá pendiam de uma gaveta imediatamente acima da vítima, enquanto as franjas de uma toalha de mesa apenas a trinta centímetros não revelavam qualquer sinal de dano. Nem sequer fuligem.

Ambas as mortes ocorreram antes de 1973.

As tentativas de identificar as mulheres retratadas e os locais onde morreram fracassaram até hoje. Como as autoridades tendem a destruir os seus registos passados alguns anos, as identidades destas mulheres poderão nunca ser conhecidas.

Ainda assim, tenho a sensação de que alguém se lembra de ter visto estas cenas impressionantes com os próprios olhos; qualquer informação será avidamente recebida.

Quanto ao terceiro caso atípico apresentado por Glaister, abordá-lo-ei depois de passar em revista mais episódios desta marcha de fogos íntimos e pessoais.

Antes disso, porém, mais um ponto curioso acerca das provas fotográficas da combustão humana espontânea.

O cabo John Balshy, especialista fotográfico da polícia estadual da Pensilvânia, contou-me que, durante os seus vinte e cinco anos de investigação de cenas de crime, ouvira falar de episódios semelhantes à

SHC nos quais os inspetores de incêndios ordenaram explicitamente que não fossem tiradas fotografias.

É sempre mais fácil rejeitar um problema quando não somos obrigados a olhar para ele, não é verdade?

Não haver fotografias perturbadoras espalhadas por aí torna a negação muito mais cómoda.

O FOGO ESPALHA-SE PELO MUNDO

O fogo provocado pela oxidação não respeita fronteiras nacionais. Nem o estranho fogo que atormenta — e até persegue — pessoas.

Brasil… Inglaterra… França… Alemanha… Índia… Itália… Malásia… Escócia… Estados Unidos da América… Canadá…

17 de Fevereiro de 1973; Burlington, Ontário.

O canadiano Charles Foster, de oitenta e dois anos, gritou ao descobrir-se envolto em chamas. Outro acidente relacionado com tabaco?

«Talvez», escreveu *The Hamilton Spectator* (19 de Fevereiro de 1973).

E talvez não.

Por volta de Outubro de 1973; São Paulo, Brasil.

Um «poltergeist centrado numa pessoa» atormentava uma família não identificada havia mais de seis anos, escreveu o investigador Guy Playfair em *The Flying Cow* (1975).

Depois de um incêndio começar dentro de um guarda-fatos fechado, o pai chamou um exorcista. Os fenómenos cessaram durante três dias.

Depois, uma camisa de dormir ardeu espontaneamente até se reduzir a cinzas, e a parte inferior do colchão da mãe incendiou-se três vezes — a terceira enquanto ela dormia sobre ele.

Há combustões espontâneas de roupas que queimam quem as veste… e colchões que quase — e talvez efetivamente — incineram aqueles que dormem tranquilamente, ignorando o perigo que os rodeia.

5 de Janeiro de 1974; Hagersville, Ontário.

Nesta pequena cidade situada na linha ferroviária Penn Central, vinte e oito milhas a sudoeste de Burlington — onde Charles Foster morrera onze meses antes — Cecil House, de oitenta e um anos, arde até à morte numa cadeira.

Segundo *The Hamilton Spectator* (7 de Janeiro de 1974), «o fogo extinguiu-se sozinho».

O jornal acrescentava ainda: «não havia indícios de que estivesse a fumar».

Cigarros, entenda-se.

15 de Janeiro de 1974; Warrington, Inglaterra.

Na prisão desta cidade de Lancashire, dezasseis milhas a leste de Liverpool, William D. Pindard, de vinte e seis anos, arde tão gravemente que chega morto ao hospital.

Talvez tenha incendiado voluntariamente a roupa da cama da cela, sugeria o *Manchester Evening News* (16 de Janeiro de 1974).

Ou então ele — ou a própria roupa de cama — poderá ter-se incendiado espontaneamente.

6 de Fevereiro de 1974; Oakland, Califórnia.

Pervis Mayweather, um homem negro idoso e reformado, morre em casa; «a parte superior do corpo apresentava queimaduras severas».

O *San Francisco Chronicle* (7 de Fevereiro de 1974) concluiu a notícia sugerindo que «o fogão se inflamou, incendiando-lhe as roupas».

A revista *Fortean Times* (n.º 6) sugeriu combustão humana espontânea.

O Departamento de Polícia de Oakland forneceu-me gentilmente um conjunto de fotografias do local: revelam apenas queimaduras superficiais, demonstrando tratar-se de um incêndio doméstico acidental e não de SHC.

5 de Março de 1974; arredores de Toronto, Canadá.

As autoridades descobrem Harold Potts com «90 por cento do corpo queimado».

Teorizam que as cinzas de um cachimbo encontradas num caixote do lixo são as culpadas, informou o *Toronto Globe and Mail* (6 de Março de 1974).

Não explicaram, contudo, por que razão essas cinzas não incendiaram o caixote nem outros materiais facilmente combustíveis, queimando exclusivamente o homem de setenta e sete anos.

Notas

[1] Sunshine State é a alcunha oficial do estado norte-americano da Florida.

[2] SHC corresponde à sigla inglesa Spontaneous Human Combustion, traduzida como «combustão humana espontânea».

Por volta de 28 de Março de 1974; Blacon, Cheshire, região centro-oeste de Inglaterra.

Mrs. Elizabeth McPherson, de trinta e cinco anos, morre num incêndio numa poltrona.

Localizado.

Um inferno concentrado, dizia-se da cadeira.

Talvez a cadeira não fosse a origem do fogo.

As autoridades não encontraram causa, informou a *Fortean Times* (n.º 6).

26 de Abril de 1974; São Francisco, Califórnia.

A esposa de um homem de oitenta anos ausentou-se para a garagem, deixando o marido sentado num sofá.

Sentiu cheiro a fumo e regressou ao interior da casa para descobrir que acabara de ficar viúva.

O marido morreu sem conseguir explicar as chamas que o envolveram nos poucos minutos em que esteve sozinho.

26 de Agosto de 1974; Corby, Inglaterra.

Nesta pequena localidade de Northamptonshire, cinquenta milhas a leste de Birmingham, Roland Davies adormeceu na cama e acordou deitado «sobre um colchão intensamente em chamas», sofrendo queimaduras suficientemente graves para necessitar de hospitalização.

Parecia um típico caso de alguém que adormecera a fumar, exceto pelo facto de o *Daily Express* de Londres (27 de Agosto de 1974) afirmar que a cama ardera «por causa desconhecida» — o que excluía a explicação mais óbvia.

Michael Harrison considerou este um caso de sobrevivência à combustão humana espontânea; contudo, sem mais informações, uma combustão espontânea quase fatal do colchão também merece consideração.

1 de Janeiro de 1975; Yuma, Arizona.

Um «incêndio repentino» num motel queimou os pulmões de Gene J—, que se encontrava emocionalmente perturbado quando ali se instalou.

Agora, o tumulto físico interno agravava ainda mais o seu sofrimento, até que morreu oito dias depois.

As autoridades alegaram que uma fuga de gás natural desencadeara o incêndio, mas a irmã da vítima contou-me que «não existia canalização de gás naquele quarto».

Ela suspeitava de combustão humana espontânea — suspeita não totalmente infundada, considerando o estado emocional do irmão.

12 de Janeiro de 1975; Miami, Florida.

Na sua casa em 1801 NW 2nd Court, Mrs. Esther Cooks sofre queimaduras em mais de 80 por cento do corpo.

O que não ardeu foi o rosto, as mãos e a roupa, relatou o *Miami Herald* do dia seguinte.

A vítima, de quarenta e dois anos, nunca pediu ajuda, e os investigadores ficaram ainda mais perplexos com o aspeto «térmico ou talvez químico» das lesões.

Para mais detalhes sobre a curiosa combustão de Mrs. Cook, ver *Pursuit* (Janeiro de 1976).

1 de Julho de 1975; Lucknow, Índia.

Outra vaga de incêndios misteriosos atacava agora a casa de um inspetor do CID[1], cuja esposa, Shanti, não teve a mesma sorte da mulher da família de São Paulo em 1973.

«Socorro, socorro, estou a arder!», gritou subitamente Shanti nesse dia.

O filho lançou-lhe uma manta por cima.

Ela continuou a arder.

Quando lhe deitaram água, gritou:

«O espírito maligno está a queimar-me!»

Morreu nessa noite, deixando ao viúvo um mistério que desafiaria para sempre as suas capacidades de investigação.

9 de Agosto de 1976; complexo urbano de Teesdale, nordeste de Inglaterra.

Um bebé não identificado de Middlesborough morre «num incêndio de origem desconhecida», informou a *Fortean Times* (n.º 18).

Talvez investigações posteriores tenham descoberto uma causa convencional, mas um inquietante padrão de incinerações infantis começava a contrariar o velho ditado do século XIX segundo o qual apenas idosos corpulentos e alcoólicos podiam arder espontaneamente.

17 de Agosto de 1976; Somerset, Inglaterra.

Encontrado em chamas numa poltrona, um idoso de Bath morre pouco depois; «causa do incêndio desconhecida».

20 de Agosto de 1976; novamente em Bath.

Um «incêndio misterioso» mata uma rapariga numa cave em Bath, relatou a *Fortean Times* (n.º 18).

Especulava-se se a camisa de dormir teria, de algum modo, pegado fogo.

Menos de um mês depois, o inglês William Seale encontra a sua «misteriosa morte pelo fogo» em Brighton, durante a noite de 15 de Setembro de 1976.

Uma vizinha, Miss Christine Harmer, declarou que o homem de sessenta e cinco anos «sofria de bronquite crónica e tinha graves problemas nas pernas. Não conseguia deslocar-se sozinho… acho que se cansou de não poder sair».

Chamou-lhe «um homem solitário».

Solidão… pernas debilitadas… letargia: os três «L» que surgem repetidamente onde ocorrem mortes misteriosas pelo fogo.

25 de Setembro de 1976; Scarboro, Ontário.

Horace Butler, de setenta e dois anos, é encontrado envolto em chamas.

Nas proximidades descobriram a irmã, inconsciente devido ao fumo.

As autoridades classificaram a causa como «tabagismo negligente».

Os danos limitaram-se a 500 dólares, informou o *Toronto Sunday Sun* do dia seguinte.

Por volta de 26 de Novembro de 1976; Thanington, Inglaterra.

A viúva Dorothy Sample, de oitenta e dois anos, dependia fortemente da ajuda dos vizinhos.

Desta vez, porém, não puderam ajudá-la; talvez ela tivesse planeado isso inconscientemente.

Ardeu de forma tão completa nesta pequena aldeia de Kent, sudeste de Londres, que as autoridades tiveram de recorrer à aliança de casamento encontrada nas cinzas para a identificar.

Sendo fumadora ocasional, era «possível» que tivesse adormecido a fumar na poltrona, citou o *Kentish Gazette* (26 de Novembro de 1976) o médico legista, e que a roupa «pudesse ter sido incendiada ao aproximar-se demasiado do fogo».

Ele não parecia muito convencido dessa explicação, no entanto, e concluiu:

«Morte por infortúnio.»

26 de Dezembro de 1976; Lagos, África Ocidental.

O correspondente Kayode Awosanya assinou uma reportagem no *Nigerian Herald* (27 de Dezembro de 1976) acerca do «maior mistério» envolvendo o incêndio fatal do dia anterior que matou seis membros de uma família em Iponri.

Os investigadores presentes esperavam encontrar a barraca de madeira completamente destruída.

Em vez disso, «o quarto parecia não ter sido afetado pelo fogo» — até dois colchões de algodão permaneceram intactos.

Crime? Combustão humana espontânea coletiva? Negligência?

A mãe da família, única sobrevivente, declarou às autoridades que alguém espalhara gasolina através de uma janela aberta enquanto dormiam, mas, numa reviravolta inesperada, as autoridades insinuaram «que isso poderia não ser verdade…»

29 de Dezembro de 1976; Islesworth, Inglaterra.

Os incêndios estranhos continuavam a atormentar as Ilhas Britânicas, e agora particularmente Mrs. Mary Norris.

No distrito de Middlesex, no oeste de Londres junto ao Tamisa, um incêndio danificara o quarto da mulher de trinta e dois anos seis meses antes.

Nesse dia, um segundo incêndio começou silenciosamente sem aviso prévio — nem sequer o cão latiu, ao contrário do ocorrido anteriormente.

Vizinhos, familiares e bombeiros ficaram perplexos.

Ninguém conseguia compreender por que motivo o fogo começara, nem porque razão ela não tentara fugir às chamas localizadas, que foram apagadas «em minutos».

O *Slough Evening Mail* (30 de Dezembro de 1976) informou que Mrs. Norris se encontrava separada do marido.

Teriam emoções perturbadas desempenhado algum papel neste incêndio sem acelerante?

Nota

[1] CID refere-se ao Criminal Investigation Department, divisão de investigação criminal da polícia britânica e de vários países da Commonwealth.

6 de Janeiro de 1977; Moxley, Inglaterra.

Uma nuvem de qualificativos envolveu o rescaldo do incêndio que matou Mrs. Clara Thomas nesta localidade próxima de Birmingham, no coração industrial britânico.

As autoridades investigaram durante quinze dias e depois disseram ao *Walsall Observer* (21 de Janeiro de 1977) que toda a roupa da vítima «arderá completamente» porque as peças «poderiam ser inflamáveis».

Ela caíra na cozinha «perto da lareira de carvão acesa» — embora nada indicasse que essa tivesse sido a origem das queimaduras.

Ignorando praticamente o estado carbonizado do corpo, o médico legista limitou-se a declarar «morte por infortúnio» causada por choque.

Talvez uma conclusão de combustão humana espontânea tivesse eliminado todas aquelas hesitações e ambiguidades.

6 de Março de 1977; Edimburgo, Escócia.

David Yool Abbey, de cinquenta anos, presidente do Tribunal do IVA[1], morre num pequeno incêndio no apartamento de Lynedock Place.

Escreveu o *Daily Telegraph* (7 de Março de 1977):

«O incêndio começou numa cadeira mas extinguiu-se sozinho, acreditando-se que morreu devido aos fumos.»

O estudioso britânico de fenómenos insólitos Robert Rickard salientou que a vítima era «um cobrador de impostos odiado».

Mais do que alguns escoceses, observou Rickard, acreditavam que Abbey recebera espontaneamente aquilo que merecia, vítima de um esmagador pensamento colectivo de raiva dirigido contra ele.

UMA OCORRÊNCIA INQUIETANTE EM URUFFE

11 e 12 de Maio de 1977; cidade de Uruffe, perto de Nancy, no leste de França.

Na quarta-feira, 11 de Maio, Mrs. Ginette Margerard Kazmirczak conversou com uma amiga que a visitou às 19h30.

«Parecia cansada. Os olhos estavam cansados», recordaria mais tarde a amiga.

Duas conhecidas bateram-lhe à porta às 20h20 e ouviram Ginette responder:

«Estou na casa de banho, a lavar-me.»

Algures entre esse momento e as 4h10 da madrugada seguinte, esta professora de cinquenta anos «entra em combustão» no apartamento situado no segundo andar da câmara municipal, em circunstâncias que poriam à prova a racionalidade francesa.

Pouco depois das quatro da manhã de quinta-feira, uma vizinha do outro lado do corredor levantara-se cedo para preparar café.

«Sentes aquilo?», perguntou ao marido. «Um cheiro intenso a queimado. Como se algo estivesse a cozinhar—»

O marido espreitou para o corredor.

Fumo!

«Chama os bombeiros!», gritou.

Bateu à porta de Mrs. Kazmirczak.

A porta estava extremamente quente.

Temeu o pior.

Lá fora, Marc Yung caminhava pela Rue de l'Église[2].

«Há um incêndio na câmara municipal! No segundo andar!», gritavam as pessoas.

Yung correu em busca de uma escada.

Molhou depois um pano no rio para o enrolar em torno do rosto e encostou a escada à janela do segundo andar.

Subiu freneticamente.

A janela estava fechada.

Partiu-a e entrou no apartamento de Kazmirczak.

Esperava encontrar, algures na escuridão, a ocupante de baixa estatura e cerca de setenta e cinco quilos.

«A temperatura devia situar-se entre os 250 e os 300 graus», diria mais tarde ao programa televisivo da TF1, *Contre-Enquête* («Contra-Investigação»).

No ar obscurecido pela fuligem tropeçou em algo no chão enquanto se dirigia à cozinha para abrir uma janela e deixar sair o fumo.

Notou uma escova plástica de lavar loiça presa à parede.

Estava completamente derretida.

«Quando voltei», recordou ao refazer o trajecto, «vi o cadáver no corredor de entrada. Tinha encolhido como uma boneca lançada ao fogo. Pequenas chamas verdes ainda ardiam sobre ele. Mesmo ao lado havia uma gaiola com canários. Estavam mortos, mas as penas nem sequer estavam chamuscadas.»

Este é o primeiro relato conhecido de fogo verde a tremeluzir sobre um cadáver.

Jean-Jacques Yung, irmão de Marc e presidente da câmara de Uruffe, entrou nesse cenário surreal poucos minutos depois.

Ficou profundamente abalado com o que viu:

«O corpo da vítima era quase um monte de cinzas, exceto as pernas e o braço direito, que permaneciam intactos. Os sapatos estavam a alguns centímetros dos pés. O tronco, o abdómen, a cabeça e um dos braços tinham praticamente desaparecido.»

Uma película negra e gordurosa produzida pela combustão do corpo cobria os tetos do apartamento inteiro e as paredes numa altura entre um metro e vinte e um metro e oitenta.

Recipientes de plástico Tupperware nos armários e outros objetos plásticos, afirmou Jean-Jacques, estavam «derretidos ou deformados».

Os óculos da professora encontravam-se no chão; a armação metálica permanecia intacta, embora as lentes tivessem derretido.

Não existira um incêndio generalizado.

O presidente da câmara mostrava-se perplexo:

«O mais estranho era não existir qualquer outra origem de incêndio além do próprio corpo. Nada mais ardera, exceto a zona do soalho de madeira onde o corpo estava.»

O pavimento — carvalho com cerca de uma polegada de espessura — ficara «totalmente destruído» debaixo dela.

Os bombeiros chegaram.

Quando arrombaram a porta do apartamento, observaram que a pele, as vísceras e os ossos da mulher estavam tão consumidos que literalmente se desfizeram à entrada dos bombeiros.

Ainda assim, em redor jaziam pedaços do vestido de algodão que usava; as meias permaneciam intactas nas pernas; e nos pés tinha um par de sapatos brancos «que o fogo não enegreceu».

Tão completa fora a incineração de Mrs. Kazmirczak que esses sapatos brancos constituíram o único meio de identificação da vítima.

Embora fosse evidente que o incêndio não se propagava, os bombeiros pulverizaram o local com água de qualquer modo.

Não é apenas a singularidade do fogo, dramaticamente isolado em redor do corpo, que torna este caso especialmente intrigante.

Já são visíveis paralelos curiosos — alguns diriam extravagantes — com outro incidente mais conhecido.

A estatura e o peso de Ginette Kazmirczak eram comparáveis aos de Mary Reeser[3], antes e depois dos respetivos incêndios.

Ambas eram viúvas havia vários anos, e ambas se encontravam deprimidas nos dias anteriores à morte.

Os danos permaneceram extraordinariamente localizados em torno dos corpos, exceto pelos objetos plásticos derretidos nos apartamentos.

Os sapatos de Ginette e o chinelo de Mary escaparam ao fogo e serviram para identificar os restos das pernas que sobressaíam do calçado.

Até os horários coincidem de forma impressionante e inquietante.

Ambas foram vistas vivas pela última vez entre as 20h20 e as 21h00.

Ginette foi encontrada morta às 4h10 da manhã; o relógio no apartamento de Mary parara às 4h20.

Estaria a natureza a tentar reproduzir um mistério noutro, separados por quase vinte e cinco anos e quatro mil quilómetros?

Talvez tudo não passe de coincidência.

Infelizmente, a polícia e os bombeiros de Nancy nunca responderam aos meus pedidos de informação.

Uma morte como a de Ginette perturba instituições habituadas a classificações simples e organizadas.

Talvez as autoridades locais tivessem sido menos relutantes em discutir o caso se soubessem que dezenas de compatriotas franceses morreram de forma semelhante nas décadas anteriores.

O jornalista francês Emmanuel Pezé teve mais sucesso em obter informações que me foram negadas.

A morte de Mme. Kazmirczak tornou-se o caso central do seu livro de 1986, *Le Feu Qui Tue* («O Fogo Que Mata»).

Com base na investigação de Pezé e nas informações do correspondente francês Michel Granger, reconstruí para si este caso cada vez mais estranho.

Claramente, este não foi um simples incêndio para a cidade de Uruffe.

(Nem para qualquer outra cidade, devo acrescentar.)

Como explicar a espantosa seletividade deste estranho fogo?

O Tribunal de Justiça da vizinha cidade de Nancy ordenou uma investigação.

O juiz responsável declarou não ter simpatia por explicações sensacionalistas:

histórias de OVNI[4] e fenómenos psíquicos exploradas pelos meios de comunicação não seriam bem-vindas no tribunal.

Apenas uma causa acidental seria aceite.

Notas

[1] IVA corresponde ao imposto sobre o valor acrescentado; no original, VAT Tribunal refere-se ao tribunal britânico responsável por questões fiscais relacionadas com o VAT (Value Added Tax).

[2] Rue de l'Église significa «Rua da Igreja».

[3] Mary Reeser foi uma célebre vítima norte-americana associada a um dos casos mais conhecidos de alegada combustão humana espontânea, ocorrido em 1951.

[4] OVNI = Objecto Voador Não Identificado.

Chamar «acidente» à morte de Mrs. Kazmirczak não constituía problema algum, na verdade.

Não havia provas de entrada criminosa, nem indícios de como um crime poderia ter sido cometido, caso houvesse intervenção externa.

O verdadeiro problema consistia em determinar a causa do acidente.

O professor de Ren, membro da *Faculté de Médecine de Nancy*[1] e especialista em medicina legal, recebeu a incumbência de realizar a autópsia de Mrs. Kazmirczak.

Estabeleceu que não apenas o abdómen da vítima desaparecera completamente na cremação, como nem sequer existia sangue suficiente para efetuar testes de inalação de monóxido de carbono.

«Assim», declarou, «concluí que o corpo foi destruído pela inflamação da blusa.»

(Whoa. Esperem um momento. Objeção! Conferência à parte, por favor. Meritíssimo, solicito que o professor seja desqualificado como perito. Afirmar que uma simples blusa é responsável por este holocausto humano — e que se inflamou sozinha, ainda por cima? — e sugerir que uma peça de roupa consegue fazer o que um crematório apenas consegue a 1650 °C durante doze horas é, para ser simpático, absurdo. Concorda? Obrigado, meritíssimo.)

A atenção do tribunal voltou-se então para uma lata de aerossol de inseticida Timor encontrada no chão, junto ao corpo e abaixo da lareira.

Alain Kazmirczak afirmou que a mãe, não fumadora, tinha uma «obsessão psicótica» com insetos no apartamento e utilizava inseticidas em excesso.

O aerossol tornou-se imediatamente o novo foco da causa acidental que se procurava estabelecer.

A teoria dizia que a vítima teria acendido o fogão a gás, o qual, por sua vez, incendiara o aerossol que começara a pulverizar… ou então que segurara deliberadamente uma chama diante da lata, incendiando simultaneamente o gás do spray e a própria roupa (a polícia chegou mesmo a sugerir que a vítima se teria «ensopado» com inseticida, por mais inacreditável que pareça).

Incrivelmente, o professor de Ren defendeu também esta teoria.

O que ninguém se lembrou de lhe perguntar em tribunal foi porque motivo a lata de aerossol não explodira com o calor do inferno humano, encontrando-se a poucos centímetros do corpo.

(Eu próprio já estive a poucos centímetros de uma lata de aerossol quando ela explodiu num pequeno incêndio em papel. O metal rasgado a passar junto ao rosto — e a ideia do que teria acontecido sem aqueles poucos centímetros de distância — é uma imagem impossível de esquecer.)

Seja qual fosse a temperatura gerada no interior de Mrs. Kazmirczak, ela não irradiara lateralmente.

Como em tantos casos semelhantes, o calor parecera dirigir-se sobretudo para baixo.

Outras pessoas rapidamente apontaram falhas nesta teoria.

Tanto Jean-Jacques como Marc Yung testemunharam que sobre a cornija da lareira existia um círculo branco exatamente do diâmetro da lata.

Isso significava que o Timor estivera pousado sobre a cornija durante o incêndio, em vez de ter caído da mão da vítima após alegadamente incendiar-se.

(Provavelmente Marc — ou talvez um bombeiro — derrubara a lata ao tropeçar no apartamento.)

O juiz nomeou o técnico de incêndios local, capitão Laurent, para elaborar um relatório.

Com apenas trinta e um anos, Laurent já observara inúmeros incêndios de todas as espécies.

Percebeu imediatamente que nenhum fora semelhante ao incêndio Kazmirczak.

Laurent concentrou então a sua experiência na teoria do aerossol.

Era, afinal, especialista em incêndios envolvendo aerossóis.

Rapidamente concluiu que Mrs. Kazmirczak não tentara acender o fogão, porque a válvula da garrafa de gás estava fechada quando os bombeiros chegaram.

Isso eliminava a suposta fonte externa de ignição.

Pouco depois começaram a surgir-lhe outras dúvidas.

Entretanto, considerava-se a hipótese de Mrs. Kazmirczak ter sido encharcada com ácido como explicação plausível para o mini-inferno.

A Dra. Michéle Rudler, especialista em toxicologia do *Institut Médico-Légal* de Paris, declarou ao tribunal que tal hipótese era «perigosa e difícil de executar; seria necessária uma quantidade excessiva de ácido».

Ela também descartou a teoria oficial do aerossol, classificando-a como «praticamente impossível».

Especialmente depois de ela e o capitão Laurent realizou experiências laboratoriais nas quais incinerou vários coelhos impregnados com Timor, chegando mesmo a dirigir um maçarico contra uma lebre encharcada no inseticida.

Todas as experiências falharam dramaticamente em reproduzir a calcinação total de Mrs. Kazmirczak.

O Dr. Laborier, cirurgião-dentista e perito do tribunal de Dijon, foi chamado a depor.

Notas

[1] Faculté de Médecine de Nancy = Faculdade de Medicina de Nancy, França.

[2] O texto original termina abruptamente neste ponto no excerto fornecido.

A sua carreira incluiu inúmeros e violentos acidentes rodoviários e ferroviários. Explica que os dentes são os elementos mais resistentes ao calor no corpo humano; que em incêndios de automóveis, onde as temperaturas podem atingir 1000°F [537°C]¹ , permanecem quantidades significativas de sangue e carne; que os membros são as primeiras partes do corpo a ser destruídas num incêndio, sendo o torso o menos propenso a arder totalmente.

O Dr. Laborier disse ao tribunal que não acreditava na combustão "espontânea" de um ser humano, mas não conseguiu esconder o seu choque ao deparar-se com um corpo humano a arder que desmentia flagrantemente a sua experiência. "Na verdade", disse mais tarde o Dr. Rudler a Pezé, "parecia que um indivíduo insano tinha usado um maçarico para queimar o corpo durante mais de uma hora."

O tribunal pediu um relatório ao Dr. Rudler e ao Capitão Laurent. Eles concluíram que (a) nenhum acelerante estava presente para alimentar as chamas na Sra. Kazmirczak; (b) uma fonte de calor "próxima dos 2000 graus era necessária"² na própria; no entanto, dado que o papel de parede a vinte polegadas [50,8 cm] de distância não se inflamou; (c) la temperatura em redor do seu corpo "não subiu acima dos 200 graus".³ Nisto se encerrou o inquérito. A 18 de janeiro de 1978, o Tribunal de Justiça emitiu a sua tão aguardada decisão sobre o destino da senhora Kazmirczak: "Causa da morte — Desconhecida."

OS BRITÂNICOS ESTÃO A ARDER

Anteriormente a 1978, um velho escocês em Glasgow ardeu num lar de idosos. Em dez minutos tinha desaparecido, deixando para trás "uma pilha de cinzas" no chão; fumo negro e gorduroso; e um "forte cheiro a assado". Não foi relatado se o odor era nocivo ou se não era desagradável. Foi desculpado como um ataque cardíaco e um cigarro caído. O escritor de

ciência Peter Laurie, na *New Scientist* (23 de março de 1978), contra-argumentou que este cenário lógico simplesmente não servia para este caso.

A 6 de janeiro de 1978: a Sra. Inder Kaur, de cinquenta anos, foi encontrada morta no chão da sua casa em Bedford, uma cidade cinquenta milhas [80,4 km] a norte-noroeste de Londres, Inglaterra. Disse o *Evening Standard* de Londres (6 de janeiro de 1978): "Tinha marcas de queimaduras nos braços e nas pernas, embora não tivesse havido um incêndio na casa." Bem, parece que tinha havido um incêndio na casa, um incêndio isolado apenas à inquilina falecida.

16 de janeiro de 1978: a leste de Londres, Inglaterra. A Sra. Mary Watts, de oitenta e oito anos, "foi encontrada morta numa poltrona a arder na sua casa em Stoke Albany, Northants", relata o *Daily Telegraph* de Londres do dia seguinte. "Pensa-se que terá deixado cair um cigarro aceso." Talvez. Talvez não.

Frequentemente me perguntam: "Porque é que apenas os humanos sofrem de combustão espontânea? Não acha isso estranho?" Sim, acho muitas coisas estranhas. Como o que aconteceu em Jarrow, Inglaterra, a 6 de fevereiro de 1978.

Hayes, de quatro meses, gane. Compreensível, porque Hayes é um retriever dourado. Compreensível, porque quando o seu dono e os transeuntes correm imediatamente para socorrer o cãozito, veem "chamas a saltar" da sua barriga. Não conseguem encontrar fósforos, nenhum isqueiro e — pior — nenhum culpado perto do canídeo candescente, relata o *Newcastle-upon-Tyre Journal* (7 de fevereiro de 1978). Ou seja, nenhuma explicação. O que eles aparentemente encontraram foi evidência de CAE — combustão animal espontânea. Robert Rickard notou com ironia que esta CAE ocorreu logo após o escritor sobre CHE [Combustão Humana Espontânea], Harrison, ter anunciado que os animais não se inflamavam. Como se pode inferir desta feliz sincronicidade, não é simpático limitar a Mãe Natureza.

Pouco antes da meia-noite no Dia de São Valentim, 1978; Hove, Inglaterra. Uma hora antes, a Sra. Françoise Price, de trinta e cinco anos, tinha subido para o seu quarto no Lawns Hotel, nesta cidade costeira mesmo a oeste de Brighton, no Canal da Mancha. O seu marido esperava no átrio do hotel. Pacientemente. Como a sua esposa não regressava após

uma hora, o Sr. Price ficou preocupado. Com boas razões. Ele e um funcionário, e logo a seguir também os bombeiros, foram repelidos pelo fumo que vinha do quarto dos Price... vindo da Sra. Price e de um colchão que ela inexplicavelmente tinha puxado para cima de si.

Ambos tinham carbonizado por completo. "Esposa Morre em Chamas em Hotel" era a manchete de um artigo no dia seguinte no *Brighton/Hove Gazette* sobre a Sra. Price. O Superintendente da Polícia, Bob Allen, considerou inicialmente a hipótese de crime. Pela tarde, o patologista do Ministério do Interior, Dr. Hugh Johnson, emitiu um relatório que levou o superintendente de investigação criminal da divisão central de Sussex, Ian Eadie, a descartar a hipótese de crime. Harrison entrevistou uma camareira do hotel que disse que a vítima era atraente, francesa, e "por vezes triste".

A PARADA DO FOGO PESSOAL CONTINUA

Como o incêndio começou e porque é que a vítima estava encolhida debaixo de um colchão num canto do seu quarto permaneceu por resolver. Harrison (1978) atribuiu a sua morte a CHE e notou que dezoito meses antes o solitário William Seale se tinha inflamado a escassa uma milha [1,6 km] de onde a Sra. Price ardera.

21 de fevereiro de 1978, 2h00; Bognor Regis, Sussex, a cerca de vinte e cinco milhas [40,2 km] a oeste de Brighton, na costa do Canal. Tendo tido alta na noite anterior após uma estadia de três dias no hospital, Herbert Mill, de oitenta e oito anos, ardeu mortalmente na sua casa da Burnham Avenue. Os polícias David Mills e Bob Smith descobriu o incêndio, mas foram repelidos pelo fumo e pelo calor, muito embora uma vizinha, a Sra. Arnold, lhes tivesse dado toalhas molhadas para cobrirem os rostos na tentativa abortada de salvamento. A polícia de Bognor Regis descartou a intenção criminosa, mas não tinha encontrado qualquer causa para o incêndio na altura em que o *Evening Argus* de Brighton publicou a sua reportagem ao fim do dia. "Ele vivia sozinho", disse a Sra. Arnold sobre o seu antigo vizinho. "Não sabemos nada sobre ele. Quase nunca o víamos." Mais um recluso termina a vida por uma combustão curiosa.

14 de março de 1978; Roxby, Lincolnshire, Inglaterra. Por volta das 11h20 desta manhã de terça-feira, a Sra. Ida Gladys Carter, de oitenta e um anos, aparentemente viúva, paralisada de um lado desde 1972 e confinada a

uma cadeira de rodas, morre. Um fumo denso enchia a sala onde, diz o *Scunthorpe Evening Telegraph* (15 de março de 1978), ela foi encontrada "gravemente queimada". Inversamente, também é relatado que "O único dano do fogo foi nas suas roupas." Então a sua carne estava gravemente queimada ou não? O médico legista Allan Collins concluiu que a queimadura "teve lugar após a morte", tendo a vítima "morrido de insuficiência cardíaca". A Sra. Carter estivera sentada a quatro pés [1,2 m] da proteção da lareira quando tombou da sua cadeira de rodas sobre ela, explicou o *Telegraph* (16 e 17 de março)... deixando-nos a ponderar por que razão não foi a sua cabeça, mas aparentemente a sua roupa, que sofreu a queimadura mais severa.

Início de outubro de 1978; a escassas seis milhas [9,6 km] a noroeste de Bognor Regis. Uma mulher de Chichester é dada pelo *Brighton/Hove Gazette* (6 de outubro de 1978) como tendo acordado "com os ombros e as costas em chamas". Os lençóis da cama não ficaram chamuscados; não havia odor a fogo. A causa? "Desconhecida."

Madrugada de domingo, 12 de novembro de 1978; Reading, Inglaterra. A filha jovem da Sra. Lucy Gmiterek bate à porta do seu vizinho e soluça: "A minha mamã transformou-se em cinzas." A Sra. Gmiterek, de quarenta e nove anos, viúva há seis, jazia morta no chão da cave da sua casa da Baker Street, a quarenta milhas [64,3 km] a oeste de Londres. Disse a Sra. Randall, a vizinha: "Foi terrível naquela cave. Não quero voltar a ver nada assim."

Um exame realizado no Royal Berkshire Hospital a 13 de novembro concluiu que a causa da morte foi "choque devido a queimaduras extensas". A polícia permaneceu intrigada. As autoridades emitiram declarações contraditórias, diligentemente registadas pelo *Reading Chronicle* (14 e 17 de novembro de 1978). Nenhum funcionário esteve disposto a esclarecer a confusão para meu benefício. O médico da viúva afirmou que a Sra. Gmiterek sofria de crises agudas de depressão e histeria.

25 de janeiro de 1979, 8h15; Hutton-le-Hole, uma aldeia no nordeste da Inglaterra. "O corpo de uma viúva de setenta e seis anos estava tão consumido que foi impossível dizer como morreu", anunciou o *Yorkshire Evening Press* (15 de fevereiro de 1979) após falar com o médico legista de Ryedale, Henry T. Blakeston. Ele falava sobre a Sra. Lily Smith, outra viúva que vivia sozinha. Três homens arrombaram a sua casa trancada, o

Greenfield Cottage, depois de o carteiro Rex Rudding ter dado o alarme. Disse um dos pretensos salvadores, Hubert Ford: "Não vi chamas nenhumas. Procurei e gritei ao redor, mas não consegui encontrar ninguém." O polícia David Binder encontrou de facto o corpo da viúva — bem, uma espécie de corpo: "duas pernas humanas caídas no chão" debaixo de uma cadeira de jantar perto da lareira.

Onde o corpo deveria estar, na cadeira, estavam ossos carbonizados. Sabia-se que a viúva tinha uma perna "enferma"; agora apenas ela e a sua companheira sobreviveram à Sra. Smith. Mais um acidente com materiais de fumo? A viúva reclusa e obcecada por segurança não fumava, disse o seu filho Geoffrey. E embora ela se sentasse regularmente em frente à sua pequena lareira com os pés na soleira, ele disse que a "proteção da lareira estava em frente aos restos do fogo da noite anterior" — descartando assim a sugestão de um bombeiro de Kirbymoorside de que uma brasa quente tivesse caído para fora da lareira. O legista Blakeston emitiu um veredicto aberto — admitindo que era "impossível dizer como morreu". Eu posso dizer-lhe que este caso se ajusta a todas as condições de CHE... mas a CHE não acontece, pois não?

ANNIE WEBB, A EPILÉPTICA

2 de fevereiro de 1980; pouco depois das nove horas da manhã. No condado galês de Gwent, na cidade de Newport, na Corporation Street, um vizinho da solteirona Annie Gertrude Webb notou que as janelas da sala de estar de Annie estavam enegrecidas pelo fumo. Ninguém respondeu às suas batidas na porta. Ele foi buscar outro vizinho, que tinha uma chave da casa de Annie. Entraram na sua sala de estar no rés-do-chão. A escuridão e uma estranha podridão no ar saudaram-nos. Annie não o fez. Quando abriram a porta da cozinha para deixar entrar alguma luz, descobriram uma massa amorfa de cinzas no chão, cinzas que conduziam a um par de pernas humanas. Além disso, um antebraço direito e um crânio enegrecido, repousando este último na soleira de azulejos de um aquecedor a gás. No pulso do antebraço encontraram uma pulseira plástica de hospital, intacta. Identificava a vítima: Annie Webb.

O funcionário do Cenáculo do Crime John Heymer, da polícia de Gwent, tomou um interesse pessoal neste incidente. (Saberá porquê, mais tarde.) A fascinação de Heymer com o falecimento da Srta. Webb preservou as suas cinzas, por assim dizer, para a posteridade; de outro

modo é provável que o seu destino e o seu nome, juntamente com os seus poucos restos mortais, tivessem sido enterrados silenciosamente e esquecidos. A Heymer se deve o crédito pelo que vai agora saber sobre os últimos momentos desta solteirona de setenta e cinco anos.

A sua casa estava hermeticamente selada, eficazmente livre de correntes de ar. Amontoadas na sua pequena sala de estar estavam várias cadeiras, uma poltrona estofada e uma mesa de madeira coberta com uma toalha de plástico. Os pés de Annie jaziam debaixo da mesa. As suas pernas estavam cortadas pelo fogo a meio da panturrilha, num ângulo que seguia a borda do tampo da mesa diretamente acima. A aba saliente da toalha de mesa tinha sido chamuscada de preto, e um canto da cobertura plástica sobreposta estava parcialmente derretido por um calor baixo. Duas cadeiras de jantar de madeira estavam tombadas. Uma cadeira, minimamente carbonizada, descansava contra uma parede e acima da sua cabeça e ombros desaparecidos pelo fogo; a outra cadeira, na verdade em contacto com a sua perna direita, estava intacta.

Apenas escassos dias antes, Annie tinha estado hospitalizada. Agora os seus médicos não tinham cura, nem pista, para qualquer maleita que a tivesse acometido após ter tido alta do tratamento de epilepsia. Tudo o que o patologista afirmou foi que Annie Webb tinha um teor de monóxido de carbono de 15,5 por cento no sangue — um nível extraordinariamente elevado para uma não fumadora como Annie, indicando assim que tinha inalado considerável fumo antes de expirar — e que a causa da morte foi (surpresa!) "queimadura".

Comentou Heymer no seu artigo "Fire in their bellies" [*Fogo nas suas barrigas*] para a *Fortean Times* (junho—julho de 1994): "Mais uma vez somos confrontados com o paradoxo de um corpo humano grosseiramente incombustível ser reduzido a cinzas em condições tão desprovidas de oxigénio que as cadeiras de madeira e espuma plástica que ardiam ferozmente cessaram de arder... Obviamente, a epilepsia de Annie e a proximidade do seu corpo a um fogo aceso [pequeno aquecedor a gás] deram origem à conclusão óbvia de que sofreu uma crise e caiu de cabeça no fogo a gás e assim ardeu até à morte."

Heymer encontrou muitas razões para descartar o óbvio. A evidência sugeria que a chama do gás se tinha apagado nas fases iniciais do incêndio devido à falta de oxigénio; daí a acumulação de excesso de gás no quarto

proveniente de um contador de moedas. Nenhum vestígio da sua pele ou cabelo foi encontrado na grelha do aquecedor, onde a sua cabeça alegadamente contactara com a chama que, em última análise, incinerou tudo exceto porções de três membros. Um pano de cozinha a um pé [30,4 cm] acima do aquecedor deveria ter ficado pelo menos chamuscado, se não completamente queimado; estava intocado.

Talvez o argumento mais revelador contra a conclusão do aquecedor-como-causa não tenha sido mencionado por Heymer: a pior queimadura da Srta. Webb ocorreu não na sua cabeça caída sobre o queimador cerâmico do aquecedor (portanto em contacto com uma fonte de calor externa), mas no seu torso, que estava a dois pés [60,9 cm] de distância do queimador. Este paradoxo de transmissão térmica, não abordado, permanece inexplicado.

A estranha imolação da Srta. Webb (ninguém mencionou qualquer grande calor na sua casa) intrigou o Inspetor Colin Durham durante anos após ter deixado a cena da sua morte. Ele disse a Heymer que, o que quer que causasse a ignição, ele "estava convencido" de que não fora o aquecedor a gás. E isso parece deixar apenas uma fonte restante: a própria solteirona.

MAIS IMPONDERÁVEIS INCENDIÁRIOS HUMANOS

Um mês mais tarde, algures no campo britânico, uma outra mulher britânica idosa deixa um legado assustadoramente semelhante ao da Srta. Webb. A 4 de março de 1980, a falecida foi encontrada caída em frente à sua pequena lareira, com a cabeça e os ombros (como outrora tinham estado) sobre a soleira elevada. Estendendo-se para fora da grelha jazia o resto da sua forma calcinada, com apenas duas pernas com meias a identificar aquilo como sendo, até há bem pouco tempo, um ser humano. O mobiliário em redor não mostrava danos; nem sequer um vestígio de tinta empolada acima da lareira.

Às 3h30 da manhã de 13 de maio de 1980, naquela cidade inglesa particularmente propensa a fogos estranhos — na Universidade de Birmingham, o estudante John Roberts grita e desaba no corredor do lado de fora do seu quarto de dormitório no vigésimo andar, nº C2. O instrutor do Fire Service College, Anthony J. McMunn, escreveu-me dizendo que o estudante de licenciatura tinha sofrido "queimaduras graves no pescoço,

costas, peito, em ambos os braços e pernas. Ele tinha recebido as queimaduras enquanto estava na cama a dormir."

Isto parecia não ser um acidente comum e descuidado de fumo. Roberts era um não fumador. O Controlo de Ambulâncias foi alertado para responder a "um homem com queimaduras elétricas". McMunn disse sobre o quarto de Roberts: "verificou-se que a fiação elétrica estava correta". O que não estava muito correto era isto: "o lençol branco da cama onde ele estava deitado tinha um contorno chamuscado do seu corpo". Não queimado de uma ponta à outra, apenas chamuscado.

Alguns funcionários culparam um cigarro caído. McMunn disse que Roberts protestou vigorosamente contra isto, dizendo ao motorista da ambulância: "Eu estava deitado na cama e acordei em chamas." A vítima de uma queima sonambúlica em mais de 70 por cento do seu corpo entrou então em choque e morreu dois dias depois.

Robert Holland, oficial da divisão do Serviço de Bombeiros de West Midlands, disse-me que o pessoal da polícia científica discordava da CHE, mencionando algo sobre "gordura corporal" para explicar as queimaduras de Roberts. McMunn indicou que o médico legista, embora admitindo que parecia CHE, acabou por rotular a situação (adivinhou bem!) simplesmente como "Morte acidental". Isto transmite a impressão de que está tudo bem.

Notas (Conversões de Unidades): *[1] 1000∘F≈537∘C [2] No original "2000 degrees". Presume-se Fahrenheit: 2000∘F≈1093∘C. [3] No original "2000 degrees" e "200 degrees". Presume-se Fahrenheit: 200∘F≈93∘C.*

Os escritores britânicos Jenny Randles e Peter Hough examinaram este caso em detalhe e consideraram todos os cenários convencionais, apenas para concluir no seu livro, *Spontaneous Human Combustion* (1992): "A verdade é que nada disto faz sentido."

McMunn concordou: "É um verdadeiro mistério. Não havia indícios de arrombamento, nenhuma fonte de ignição, nada que explicasse como o jovem terá acordado nas primeiras horas da manhã e se deparado a arder."

Parece que este estudante passou no exame de admissão para a zona de penumbra da CHE, não parece?

A 4 de agosto de 1980; Singapura, Malásia. O que quer que tenha queimado o estudante de Birmingham na sua cama poderá explicar o que se tornou duplamente misterioso do outro lado do mundo, no mesmo ano. O *Straits Times* da Malásia (27 de janeiro de 1981) contou que um estafeta notou fumo a sair de um apartamento no sétimo andar. Ao entrar, descobriu a Sra. Saemah Sapari em chamas. Ele apagou o fogo, levou-a para um local seguro e depois regressou ao apartamento, onde ouviu uma criança a chorar. Desta vez era o jovem Mohammed Sapari que estava a arder. A mãe e o filho de seis anos morreram pouco tempo depois.

Antes de falecer, ela disse que estivera a ver televisão quando a cama do seu filho se inflamou, e que o tinha resgatado e apagado a roupa de cama. Não está claro se isto contradizia a história do estafeta ou se representava um incidente anterior à chegada deste. O médico legista do Estado, Seng Kwang Boon, emitiu um veredicto aberto, admitindo que não conseguiu descobrir qualquer causa para o(s) incêndio(s) e para os ferimentos de ambos.

Na terceira semana de outubro de 1980; Cassville, Missouri. O leitor de contadores Howard Fulton notou fumo dentro da casa do semi-inválido Elijah William Currin. Tal como o leitor de contadores Gosnell fizera quase catorze anos antes no norte da Pensilvânia, Fulton deu o alarme. E tal como fiz para o Dr. Bentley, introduzo novamente ao mundo outro caso inédito.

Os bombeiros e o vice-xerife Max Fields chegaram rapidamente e rastejaram através do fumo quente e opaco, de mãos e joelhos, numa tentativa de encontrar Currin. Foram instalados extratores de fumo. À medida que o ar enfumaçado se dissipava das divisões, um quebra-cabeças insuspeito emergia da névoa.

O fumo tinha estado a emanar do próprio velho que, caído no chão, ardera até à morte de uma forma que as autoridades consideraram misteriosa e memorável. O calor extenso e os danos em Currin "estavam fora de qualquer proporção em relação à carga de combustível existente", disse Fields, que era também bombeiro voluntário. Os danos do fogo limitaram-se a Currin; uma queimadura de seis polegadas [15,2 cm] de diâmetro no soalho por baixo dele; um vaso de plástico derretido a polegadas de Currin; e um cesto de papéis de plástico por perto que também derreteu mas não ardeu. Nem o papel que estava lá dentro ardeu.

"Discutimos isto entre nós", disse-me Fields; "continuo a dizer que é estranho."

O médico legista Darr Williamson disse-me que as pernas de Currin tinham ardido até ao osso; que o seu torso tinha sido consumido pelo fogo; que "em termos de percentagem, foi reduzido em cerca de 25 a 30 por cento. O resto do seu corpo estava queimado, mas não reduzido". O legista também notou que Currin estaria aparentemente a encher um isqueiro quando o fogo eclodiu. "Mas não consigo conceber como esta pequena quantidade de fluido de isqueiro pôde queimar tanto o corpo e não queimar a casa toda", disse Williamson, com base nos seus vinte e quatro anos de experiência como legista e trinta e um anos a lidar com cadáveres como diretor funerário.

Disse que tinha assistido a cremações e que tinha queimado animais mortos em quintas. O falecimento de Currin destacava-se? "Sim, é diferente, com certeza que é!", respondeu Williamson. "Os botões do macacão ali caídos no chão, e o chão de madeira maciça não estar realmente queimado — sim, isso destaca-se na minha mente. Com certeza que sim!"

O chefe dos bombeiros de Cassville, James E. Anderson, confirmou que a perna de Currin tinha ardido "até ao osso... como se a carne tivesse sido fatiada com uma faca". O subchefe dos bombeiros, Bob Norman, concordou com a avaliação do legista: "No que diz respeito ao calor intenso, sim, foi invulgar."

Um odor a carne queimada, tecido como combustível, mais a presença de um acelerante (independentemente de como se tenha inflamado) constroem um caso fraco para CHE. Mas combustibilidade preternatural? Sim, sem dúvida.

A 4 de dezembro de 1980; North Street, nº 11, Lockwood, West Yorkshire, Inglaterra. Nesta aldeia perto de Huddersfield, cerca de quinze milhas [24,1 km] a sudoeste de Leeds, a Sra. Frances Kenworthy, de setenta e oito anos — viúva há um mês —, teve a audácia de arder até à morte no chão da sua cozinha; audaz porque, disse o oficial do legista de Sua Majestade, o sargento H. Bert Booth, "a roupa que ela vestia não estava marcada".

O sobrinho da vítima, Jack Quarmby, encontrou-a na divisão "extremamente quente" onde tinha sido vista por ele pela última vez dezoito horas antes. Ela ainda vestia uma camisa de noite, uma camisola interior, meias de lã branca, e um sapato. No entanto: sob estas vestes não chamuscadas, queimaduras do tipo radiação estendiam-se até meio de ambas as coxas, mesmo abaixo do umbigo... e para cima, desde a zona logo abaixo do esterno até logo abaixo do nariz. Queimaduras semelhantes foram encontradas nas suas nádegas, costas, ombros e na parte de trás do pescoço; o seu cabelo, pelo pescoço, estava chamuscado apenas na linha do pescoço.

Conjeturou-se que ela se teria desmoronado em frente ao pequeno aquecedor a gás da cozinha — que os engenheiros da Companhia de Gás "consideraram estar em boa ordem" —, depois recuperado momentaneamente a consciência e rebolado, ficando queimada pelo calor radiante também no outro lado. Testes subsequentes mostraram que uma exposição próxima ao calor radiante teria chamuscado e inflamado as fibras da sua camisa de noite, desmentindo assim a especulação.

O *Huddersfield Examiner* (5 de dezembro de 1980) notou uma característica não invulgar para uma combustão invulgar: um pequeno buraco tinha ardido no tapete da lareira, "mas nada que sugerisse um incêndio sério". As fotografias que me foram facultadas pelos agentes de investigação provam que as suas queimaduras eram extensas, mas não profundas... e não oferecem qualquer pista sobre como se pôde queimar desta forma dentro de roupas que não arderam. O legista Dr. H. J. Black realizou o exame pós-morte e registou a causa da sua morte: "Choque devido a queimaduras."

Quanto à causa das queimaduras em si, os oficiais de bombeiros continuaram incapazes de explicar como a Sra. Kenworthy pôde ter queimaduras tão graves quando não havia danos na roupa que as cobria. Conforme o sargento Booth, da Polícia Metropolitana de West Yorkshire, me escreveu sobre as suas observações em primeira mão na casa da vítima: "Trabalhei nos últimos doze anos no Gabinete do Legista e o caso da Sra. Kenworthy é único."

A 22 de março de 1981; Kent Road, Halesowen, nos arredores de Birmingham, Inglaterra. O zelador Victor Webber abre o Leasowes Sports Center para o expediente e cheira a fumo. Os bombeiros descobriram uma

esfregona a arder num armário de vassouras. "Sabe Deus como começou", confessou um confuso Sr. Webber; "parece um daqueles casos de combustão espontânea." Disse um porta-voz da corporação ao *Express & Star* de Wolverhampton (23 de março de 1981): "É um mistério."

Abro um novo arquivo dedicado a CEE... combustão de esfregona espontânea. (E imediatamente o arquivo cresce. No Dominion Golf and Country Club em Windsor, Ontário, o fogo do inferno liberta-se em dezembro de 1941, quando flores em arranjos florais nas mesas de jantar se inflamam instantaneamente e — desta vez — uma vassoura é descoberta a arder em chamas azuis dentro de um armário fechado. Para mais informações, consulte *Strange World* de Frank Edwards.)

A 22 de junho de 1984; Berthelming, nordeste de França. Nesta aldeia de Moselle, perto de Nancy, a Madame Francis Fétique, de vinte e sete anos, faz uma pausa no trabalho no seu jardim para beber um gole de água e acender um cigarro. Instante depois, disse o *Le Républicain Lorrain* (24 de junho de 1984), ela "foi transformada numa tocha humana". Uma tocha de uma ferocidade assustadora: tudo num raio de quarenta e cinco pés [13,7 m] ao seu redor foi reduzido a cinzas, incluindo as árvores. Surpreendentemente, ela não morreu nesta bola de fogo monstruosa! O Hospital de Sarrebourg administrou os primeiros socorros, sendo depois admitida na Unidade de Queimados em Merlebach, onde especialistas de Metz "tentavam determinar o que tinha acontecido". Não consegui apurar se alguma vez o conseguiram.

No final da véspera de Natal de 1984; Newton Abbot, Devon, Inglaterra. O marido da Sra. Christine Middlehurst, de trinta e seis anos, descobre a sua esposa sentada numa cadeira, em chamas. Ele atirou-lhe água, queimando a sua mão no processo. Sobressaltada, a mulher gritou e correu para a rua. Não foi clarificado pelo *Express and Star* de Exeter (27 de dezembro de 1984) se os gritos se deveram à dor ou à surpresa. A casa na Drake Street ficou "virtualmente intocada", embora as queimaduras cobrissem 50 por cento da própria Sra. Middlehurst. O inspetor detetive D. J. Westlake disse ao jornal: "O que aconteceu é um mistério completo."

Em 1990 o Sr. Westlake, agora Superintendente da Polícia de Devon & Cornwall, disse em resposta à minha questão que a Sra. Middlehurst tinha o hábito de se sentar em frente a um aquecedor a querosene, onde foi "encontrada em chamas pelo seu marido a 24 de dezembro de 1984".

Westlake visitou-a no hospital e disse-me que ela recuperara dos seus ferimentos. Embora os registos do incidente tivessem sido descartados, ele lembrava-se de que "não havia provas de terem sido cometidas quaisquer infrações criminais e a causa do incêndio foi acidental e relacionada com o aquecedor a parafina [querosene]".

Se esta ligação for legítima, então a Sra. Middlehurst perdeu a distinção de ter sobrevivido a CHE porque os seus ferimentos por queimadura puderam ser plausivelmente associados a uma fonte de fogo externa a si. Pelo menos sobreviveu à sua combustão.

O mesmo não se pode dizer da Sra. Mary Carter, de oitenta e seis anos e viúva, encontrada morta no corredor da sua casa na Ivor Road, nº 22, no subúrbio de Sparkhill, em Birmingham. (Sparkhill! [*Colina da Faísca*]) A certa altura, a meio do dia, antes das três horas de domingo, 3 de fevereiro de 1985, ela ficou "extensamente queimada". Patricia Gilbert fez a desagradável descoberta daquilo a que chamou "o objeto" — isto é, a sua mãe — e mais tarde afirmou: "Tudo o que eu conseguia ver eram duas pernas." Assim, relatou o *Express & Star* de Wolverhampton, os bombeiros rotularam este caso como um "enigma de fogo".

Teria a CHE atingido mais um habitante de Birmingham?

Graças à amável cooperação do Dr. Richard Whittington, Legista de Sua Majestade para Birmingham e Solihull, tenho a transcrição do inquérito de Mary Carter. E o enigma parece ter uma solução. "Penso que verificará que não é um caso tão interessante como poderia ter parecido de outra forma", alertou o Dr. Whittington.

No inquérito, o polícia Moore, de West Midlands, testemunhou que os bombeiros tinham encontrado um suporte de vela ao seu lado, e fósforos na sala de estar. (Pela primeira vez, a "vela próxima" tantas vezes alegada pelos detratores está presente.) Ele concluiu: "É possível que ela tenha caído contra uma vela."

Ora, se a Sra. Carter tivesse de facto deixado para trás apenas duas pernas, a suspeita do polícia Moore seria altamente suspeita. Mas restou muito mais da vítima do que a sua filha notou inicialmente, permitindo ao perito forense David Parry e ao patologista Dr. I. McKin Thompson realizar um exame minucioso aos seus órgãos internos (o que não seria possível numa CHE clássica). As suas conclusões levaram-nos a deduzir

que a idosa viúva tinha desmaiado durante uma insuficiência cardíaca congestiva e que, devido à ausência de partículas de fumo no seu estômago, tinha morrido antes do início da queima. O Dr. Thompson declarou a sua morte como "Insuficiência ventricular esquerda. Doença cardíaca isquémica. Causas naturais."

Parece que nem a combustibilidade espontânea nem a preternatural estão envolvidas aqui. Por vezes, uma boa investigação resolve um aparente enigma. Por vezes, o enigma aprofunda-se quanto mais de perto se olha.

UM CASO DE COZIMENTO HUMANO NA PADARIA

Barry Soudain: recentemente falecido em Folkestone, uma cidade no Canal da Mancha logo abaixo de Dover, na costa. Ao contrário de Mary Carter, ele não era velho — idade entre os quarenta e cinco e os quarenta e sete anos — nem (tecnicamente) viúvo, mas tinha vivido uma sucessão de tragédias, sendo a mais recente a morte da sua namorada com quem coabitava. Ele lidava com isso recorrendo à garrafa, tendo o seu senhorio afirmado que Soudain "nunca comprava comida e gastava todo o seu dinheiro em bebida".

Após quase dois anos deste regime, sofreu a sua última tragédia. A meio da manhã de domingo, 27 de dezembro de 1987, o seu senhorio abriu a padaria acima da qual Soudain alugava um apartamento. Não foi o odor a produtos de panificação que saudou o padeiro Reg Gower, mas sim o cheiro a queimado. Ele investigou. No chão da cozinha da padaria, desprovida de fumo e fogo, a sua busca terminou. Ali jazia Soudain, estranhamente queimado até à morte.

O oficial do Cenáculo do Crime da polícia de Kent, o detetive Nigel Cruttenden, atendeu a chamada. Respostas no local, contudo, não surgiram facilmente. A cozinha era compacta, com apenas cerca de sessenta e cinco pés quadrados [6 m²]. Soudain conseguiu arder num espaço ainda mais pequeno, nos três pés [91,4 cm] entre um lava-loiça e um fogão. A sua queima conseguiu restringir-se a um espaço ainda mais pequeno, basicamente o próprio Soudain.

Cruttenden notou que uma panha e uma escova de plástico a seis polegadas [15,2 cm] de Soudain não tinham derretido; nem as placas de poliestireno do teto. Um pano de cozinha pendurado sobre o lava-loiça

estava imaculado. O ligeiro derretimento de uma conduta de ar de plástico junto ao corpo e a carbonização superficial do lava-loiça foram atribuídos ao facto de os braços em chamas de Soudain se terem desprendido do corpo e caído contra cada um desses itens.

No inquérito, o detetive Cruttenden testemunhou que Soudain era conhecido por ser um fumador inveterado, contudo não foram encontrados cigarros ou fósforos na cozinha. Assim sendo, ele pôs de lado o uso descuidado de materiais de fumo. Admitiu que o bico de gás no fogão da cozinha não podia ser absolutamente descartado como causa, mas mostrava-se relutante em implicar esta fonte porque "não havia restos de roupa ou cinzas que sugerissem uma combustão".

O Dr. Michael John Heath, patologista do Ministério do Interior, descobriu que o teor de álcool no sangue no cadáver do Sr. Soudain era três vezes e meia superior ao nível legal para conduzir. (Claramente ele bebeu até ao fim fogoso!) Também encontrou vestígios de carbono na laringe de Soudain. A causa da morte foi registada como acidental.

Obviamente, a destruição corporal de Barry Soudain não foi tão completa como em casos como os de Hannah Bradshaw, Mary Clues, Mary Reeser, Annie Webb e o Dr. Bentley. Mas foi suficiente, não obstante, para o sargento detetive Cruttenden argumentar: "É inexplicável que, com um corpo tão severamente queimado como este, tenha havido muito poucos danos na área circundante."

Tudo isto deixou John Heymer, de cuja investigação o texto acima foi retirado, a concluir: "Como Barry Soudain era a única fonte da combustão, ele deve ter estado vivo enquanto respirava o fumo da sua própria queima."

9

Arder para Baixo e não para Cima:

"Pensei em Dar cá uma Passadinha..."

Apresentarei os factos e depois deixá-los-ei ao julgamento daqueles que possam estar à procura de provas a favor e contra este assunto, sobre o qual todos nós já lemos "mas nada mais sabíamos". — Dr. Floyd Clendenen sobre o caso Rooney e a CHE, *The Therapeutic Gazette* (1889)

"O chão está aberto para intervenções" convida a uma troca de ideias ou debate. "Pensei em dar cá uma passadinha" anuncia o visitante

imprevisto que (a menos que seja um paraquedista que errou o alvo) entra pela sua porta adentro. Levar estas expressões à letra seria uma tolice, logicamente.

Mas num mundo invertido de possibilidades ilimitadas, não seria assim tão tolo levar estes idiotismos à letra? Poderia "Estou a arder por dentro", como uma expressão de raiva ou de suor profuso, de alguma forma bizarra virar-se ao contrário e ser literalizada, de modo a que quem fala entre em combustão num calor que não sobe e num fogo real que não flameja em direção ao teto?

Num mundo que inclui a CHE, cuidado: se vive num edifício de vários andares, alguém no andar de cima poderá um dia destes dar cá uma passadinha inesperada. Em chamas.

A língua inglesa está repleta de coloquialismos e idiotismos coloridos.

UM VISITANTE VIVAMENTE

INFLAMADO DÁ UMA PASSADINHA

Por volta das duas horas de uma manhã de 1780, um inquilino perturbado na Five Pounds Alms-House em Limerick, Irlanda, queixou-se vigorosamente ao estalajadeiro, o Sr. O'Neill.

De olhos turvos por ter sido acordado tão cedo e certamente nada contente, O'Neill pensou sem dúvida que o seu inquilino estava a reagir exageradamente. Ofereceu garantias (como os estalajadeiros constantemente fazem) de que qualquer problema poderia ser facilmente retificado.

O inquilino não se deixou aplacar; por favor, olhe!, deve ter insistido. Quando O'Neill, com os olhos cheios de sono, entrou no quarto do reclamante, descobriu que a queixa era de facto justificada!

Um corpo morto jazia incinerado no chão. No teto, viu um buraco do tamanho de um corpo, queimado, através do qual o corpo se tinha despenhado, disse o inquilino, com chamas "vermelhas como cobre". O'Neill correu imediatamente para o andar de cima e entrou abruptamente no quarto da Sra. Pococke.[1] Não a encontrou. Apenas um buraco nas tábuas do soalho.

A história, infelizmente, não regista que medidas a gerência da estalagem tomou relativamente à queixa de um cadáver em chamas a queimar o teto de um hóspede e talvez quase a aterrar-lhe em cima na cama.

O'Neill — agora muitíssimo alerta! — e outros inquilinos despertados pela agitação agiram rapidamente para extinguir o fogo ao redor do buraco. Depois, O'Neill dispôs-se a determinar a causa deste fogo fatal e estranho. Não a conseguiu encontrar.

"Não havia nenhuma vela ou castiçal perto do local; nem fogo na lareira, exceto o que estava recolhido nas cinzas", disse o *Mirror* de Londres (22 de setembro de 1838). "O quarto foi examinado, e nada se tinha incendiado a não ser aquela parte do chão através da qual a infeliz mulher tinha caído. Até um pequeno cesto, feito de vime, e um pequeno baú de madeira seca, que estavam perto do buraco, escaparam; não tendo sido sequer tocados pelo fogo."

O presidente da câmara, além de vários clérigos e cavalheiros de Limerick, investigaram a queda fantástica da mulher. O Rev. Wood, um ministro wesleyano na cidade, relatou as suas próprias observações na *Methodist Magazine* (1809) e reconfirmou os detalhes acima nas suas comunicações pessoais ao Dr. James Apjohn, "o altamente ilustre Professor de Química no Royal College of Surgeons na Irlanda", que se interessava por tais enigmas inflamados.

O incidente foi confirmado por cavalheiros de reputação, mas uma solução confirmada para a queda ultrajante da Sra. Pococke escapou a todos eles.

Para que o cético não argumente que esta senhora que "se entregava imoderadamente a bebidas inebriantes" foi um fruto da imaginação (descendente) de alguém, um evento notavelmente semelhante tinha ocorrido na margem oposta do Oceano Atlântico quase uma década antes.

AS FÉRIAS HORRÍVEIS DE HANNAH BRADSHAW

A América Colonial em 1770 prosperava como parte do Império Britânico, e a cidade de Nova Iorque tornava-se uma metrópole em rápido desenvolvimento para o comércio e a comunicação. O seu povo estava ansioso por ler sobre as notícias correntes, conversas formativas sobre a

independência, feitos gerais e curiosidades; por isso a edição florescia. Os jornais outrora abundantes desta era são hoje raros e extremamente frágeis, sendo por isso raramente lidos. Nas suas páginas quebradiças, contudo, aguardando olhos modernos, ocultam-se algumas histórias muito interessantes.

Uma história das mais curiosas (tanto na época como hoje) pode ser encontrada no jornal de curta duração de John Holt, o *New York Journal; or General Advertiser*, de 3 de janeiro de 1771.[1] Desde então, esta história definhou em arquivos escuros, nunca antes recontada em detalhe até agora. Num exemplar original do pasquim de Holt, amarelecido e quebradiço, segurado com o maior cuidado pelas minhas mãos na sala de documentos raros da Biblioteca Pública de Nova Iorque, eis o que aprendi.

"Na noite de segunda-feira, o último dia do ano, o seguinte terrível e surpreendente acidente aconteceu numa casa na Division Street, nesta cidade", começava o *Journal* de Holt. Num quarto superior desta casa vivia Hannah Bradshaw, de cerca de trinta anos, uma mulher grande e robusta que gostava de beber. Nesta véspera de Ano Novo, por volta das sete horas, ela desejou boas-festas a um visitante que notou que Hannah já "parecia ter bebido um pouco de forma excessiva".

O amigo desejou as maiores felicidades a Hannah para o Ano Novo, dizia o jornal, "mal pensando, por estar tão próximo, que ela não viveria para o ver, que estava então no limiar da eternidade, e que antes da luz da manhã a sua alma lhe seria exigida". Hannah estava agora sozinha para celebrar a chegada desta meia-noite especial.

Especial é uma palavra demasiado branda; extraordinária seria mais apropriada. À medida que os relógios de Nova Iorque batiam mais um ciclo anual, algo imprevisto atingiu uma das foliãs.

Dia de Ano Novo, 1771. Uma funcionária chegou à casa de Hannah de manhã cedo, conforme solicitado. A porta estava trancada por dentro. Hannah não respondeu. A mulher continuou a tentar obter uma resposta até que, às onze horas, pediu a um homem que vivia no andar de baixo para a ajudar a entrar por uma janela para ver se Hannah estava demasiado bêbada para se levantar ou se...

Ali, atrás de um biombo dentro do quarto, ela deparou-se com o espetáculo mais chocante imaginável. Um buraco de quatro pés [1,2 m] de

diâmetro estava queimado no soalho. No chão, cerca de doze polegadas [30,4 cm] abaixo, jazia o que restava de Hannah: "A carne estava inteiramente queimada até aos ossos de todo o corpo e membros, exceto uma pequena parte do crânio, um pouco num dos ombros, a parte inferior da perna direita e o pé, que foi cortado na zona do tornozelo, quase tão certeiro como se tivesse sido cortado, e deixado caído no chão; a meia queimada até à perna e não mais além." Os seus ossos estavam "como um tubo de cachimbo" e "desfaziam-se em pó entre os dedos" quando tocados.

A viga do piso por baixo do seu ombro incinerado estava ela própria "quase totalmente queimada" e, na extremidade do buraco, nas tábuas do soalho, jazia uma parte do seu crânio. Perto dali, um castiçal continha parte de uma vela, com o seu sebo derretido, tendo o pavio ficado "intocado pelo fogo, tal como o biombo que quase tocava no buraco". O *Journal* de Holt notou que a vela "não parecia ter tocado no corpo, nem ter pegado fogo a nada".

Uma cadeira tinha a perna e parte da zona inferior do seu assento de palha entrançada queimadas, mas apenas "na medida em que se encontravam dentro do perímetro do buraco no chão e não mais além". O teto de gesso caiado estava agora "tão negro como se estivesse coberto de fuligem, tal como parte das paredes e janelas", dizia o *Journal*. O calor tinha sido tão grande que o óleo de terebintina foi extraído das tábuas de carvalho do lambril do quarto. No entanto, disse Holt, quando o quarto foi aberto "não restava uma única faísca".

(Recorde-se: um incêndio normal produz três vezes mais danos acima do seu ponto de origem do que no chão, porque o calor e a chama sobem. O teto da Srta. Bradshaw, contudo, não foi destruído.)

O jornal transmitia (em prosa arcaica) o espanto daqueles que estavam no local: "É extremamente surpreendente que, com um grau de calor tão intenso como o que foi necessário para consumir inteiramente o chão, etc., juntamente com o corpo, e para calcinar os ossos, o fogo tenha parado por si mesmo sem queimar a casa, ou sequer chamuscar o biombo — o que é dificilmente concebível se o fogo tivesse feito chama. E se não fez, é igualmente inconcebível que o calor tenha sido tão intenso." O *Journal* salientava que, quando o soalho ruiu por ter ardido, abriu o quarto a uma forte corrente de ar, de modo que o fogo "não poderia ter parado por falta de ar".

Se não estivesse sozinha naquela noite, talvez Hannah tivesse sido vista a brilhar "vermelha como cobre" enquanto abria caminho pelo fogo até à cave e até à história dos incêndios bizarros. Exatamente como a Sra. Pococke faria uma década mais tarde. Relatos de dois eventos tão inesperados e estranhos, mas tão semelhantes, com dez anos e mil milhas de distância, têm de levantar questões. Questões para as quais não existem respostas óbvias.

JOHANN CASPER DESAFIA A COMBUSTÃO ESPONTÂNEA

Johann Ludwig Casper pensou que tinha a resposta para estes dois casos, além de dezenas de outros humanos completamente combustos, quando escreveu *A Handbook of the Practice of Forensic Medicine*, baseado na sua experiência pessoal (1861). A sua solução era simples: negar. "É triste pensar", lamentava ele, "que numa obra científica séria, no ano de graça de 1861, ainda tenhamos de tratar da fábula da 'combustão espontânea', algo que ninguém jamais viu ou examinou, cujas próprias provas de existência repousam no testemunho de não profissionais perfeitamente indignos de confiança, em parágrafos de jornais, todos os quais, nas suas afirmações, escarnecem de cada lei física conhecida."

Este especialista em forense alemão sentir-se-ia em casa com muitos dos seus colegas profissionais um século mais tarde, que dedicam um pensamento passageiro à CHE apenas o tempo suficiente para a rejeitar.

Durante quatro páginas, ele lançou-se numa diatribe hilariante contra qualquer pessoa envolvida na promoção desta fraude vil. Casper defendeu-se, salientando a frequência com que as pessoas tinham sido terrivelmente queimadas em grandes conflagrações. "Mas nunca em tais casos — nunca", as suas palavras quase gritavam, "mesmo quando o corpo esteve exposto durante dias ao fogo ou ao calor incandescente, foi reduzido a cinzas!"

Ah, sim? Por fim, concluiu com esta pérola de racionalização nacionalista: "Além disso, deve ser lembrado, como um facto incontrovertível, que a massa do povo francês é mais credulidade do que os alemães, e isto ajuda a explicar por que razão a França tem sido o

verdadeiro berço da 'combustão espontânea', da qual é de esperar que não ouçamos falar mais no que se refere à ciência da Jurisprudência Médica." Portanto, qualquer pessoa que acredite em CHE — especialmente os franceses — deve ser estúpida, se não mentirosa, porque os verdadeiramente inteligentes veem-na "como uma das fábulas mais parvas". Embora seja fácil descartar dois ou três episódios que desmentem o senso comum, Casper tinha acesso a dezenas de casos históricos, e mesmo assim não abriu espaço para uma única exceção à sua regra. Então, o que fazemos da Sra. Pococke e da Srta. Bradshaw? Casper, na prática, chamou mentiras aos relatos das mortes destas mulheres. Quem me dera que Johann Ludwig Casper pudesse ter passado o Natal de 1885 na América com os Rooney.

NATAL NOS ROONEY

Mortes fogosas como as de Pococke e Bradshaw foram "descobertas, investigadas e arquivadas sem uma explicação aceitável", escreveu Frank Edwards em *Strangest of All* (1963). "No entanto, de tempos a tempos, elas reaparecem — apenas com a frequência suficiente para atormentar os especialistas que têm de lidar com elas." Se alguma vez existiu um Fantasma do Natal Passado digno de reaparecer, este visitou o lar dos Rooney a 24 de dezembro de 1885. O relato que se segue é compilado diretamente a partir da reportagem original de dois jornais rivais de uma pequena cidade, o *The Ottawa Daily Republican Times* e o *The Ottawa Free Trader Journal*.

Patrick Rooney e a sua segunda esposa, Matilda, ambos de setenta e dois anos, viviam três milhas [4,8 km] a norte de Seneca, uma pequena cidade rural sessenta e cinco milhas [104,6 km] a sudoeste de Chicago. Agricultor próspero, o Sr. Rooney mantinha "um pequeno garrafão castanho", que reenchia semanalmente com uísque na taberna do seu genro, Michael Murphy. A semana anterior ao Natal de 1885 veria o último reabastecimento do seu garrafão. Na véspera de Natal, os Rooney sentaram-se à mesa da cozinha com o trabalhador contratado John Larson para partilhar a alegria da festividade em torno do garrafão de bebidas espirituosas. Larson bebeu dois copos, depois retirou-se para o seu quarto por cima da cozinha e adormeceu rapidamente.

Durante a noite, Larson acordou a sufocar, com falta de ar. Pensou que tinha uma constipação violenta e voltou a dormir. Na manhã seguinte,

Larson desceu para o quarto do Sr. Rooney. Ali encontrou o velho agricultor prostrado no chão. Larson, pensando que o velho senhor tinha desmaiado num estupor alcoólico, ajoelhou-se e sacudiu vigorosamente o seu patrão. Rooney estava morto. Larson correu então para o quarto de dormir da Sra. Rooney — ela ocupava um quarto separado —, mas não a encontrou. Larson decidiu tratar de algumas tarefas agrícolas. Depois, caminhou até à casa dos Murphy, não para relatar a alegria do Natal, mas sim a sua suspeita de que a Sra. Rooney tinha matado o marido e fugido.

Se ao menos tivesse sido assim tão simples! Acompanhado agora por Murphy, Larson refez os seus passos de volta à propriedade dos Rooney, onde os dois iniciaram uma busca minuciosa pela Sra. Matilda Rooney. No quarto do andar de cima, os homens descobriram que as almofadas de Larson estavam enegrecidas pela fuligem, sem dúvida a causa dos acessos de tosse noturnos e sufocantes do trabalhador. Na cozinha, por baixo deste quarto, fizeram a sua grande descoberta. Para citar o *The Ottawa Daily Republican Times* (9 de janeiro de 1886): "Finalmente, encontraram um crânio calcinado, parte de uma coluna vertebral e um punhado de cinzas brancas por baixo do chão da cozinha. Havia um buraco queimado através do chão com quatro pés de comprimento e três de largura através do qual os restos incinerados tinham caído. As paredes estavam enegrecidas como que por fuligem, tal como o chão e a madeira." Não admira que Larson tivesse inicialmente ignorado a esposa do seu patrão! Para efeitos práticos, a cena era uma cópia do quarto de Hannah Bradshaw.

"O fogo queimou um buraco mesmo com o tamanho suficiente para deixar cair os restos da Sra. Rooney", acrescentou um correspondente do rival *Ottawa Free Trader Journal* (9 de janeiro de 1886) ao verificar esta cena. O buraco através do soalho de pinho com uma polegada [2,5 cm] de espessura media dois pés e meio por três. "A carne foi inteiramente consumida", continuou o *Free Trader*, "exceto aquela parte que cobria os ossos de um pé. O pé [esquerdo] foi encontrado mesmo na extremidade da abertura no chão, através da qual o corpo tinha desaparecido.

O membro tinha ardido lentamente até ao tornozelo — carne e osso — e quando o corpo caiu, o osso carbonizado quebrou-se, e o pé, com o sapato intacto, endireitou-se e ficou de pé, como se a sua dona tivesse sido queimada na fogueira. Nada na divisão estava queimado exceto o corpo da Sra. Rooney, o buraco no chão e a franja da toalha de mesa." Uma lâmpada

de querosene em cima da mesa estava apagada, não dando qualquer pista de ter contribuído para as chamas.

Questiono a afirmação de que o membro tivesse ardido lentamente. Seguramente o Sr. Rooney, que parecia estar a preparar-se para recolher passar a noite, teria cheirado algo e regressado à cozinha. Em vez disso, caiu, ainda vestido, no seu quarto ao lado da cozinha, indicando ou que sucumbiu a fumos tóxicos ou que sufocou num fogo sem odor que roubou o oxigénio. Isto significa que a Sra. Rooney, dominada com igual rapidez pela sua combustão, estava provavelmente de pé junto à mesa quando saiu rapidamente deste mundo através do chão da sua cozinha. O pé, encontrado na manhã seguinte, mantinha-se ereto ao lado do buraco no mudo testemunho da, verdadeiramente, última posição da mulher.

Que um fogo irrompeu e de alguma forma se consumiu a si próprio era inegável. A sua natureza localizada e a destruição medonha da Sra. Rooney eram também inegáveis. O jornal levantou a questão da queima na fogueira, por isso desviemo-nos um momento para revisitar o que a literatura médica tem a dizer sobre este modo outrora popular de eliminação de corpos. Para citar novamente a obra *Forensic Medicine, A Textbook for Students and Practitioners* de Smith e Fiddes (1955): "A quantidade de calor externo necessária para incinerar um corpo é enorme e, mesmo quando os corpos são colocados em pilhas de madeira e queimados, geralmente ocorre apenas uma carbonização parcial."

Citaram o caso de dois jovens assassinados, colocados numa pilha de caules de algodão com trinta pés quadrados e seis pés de altura, sendo a pira então incinerada. Após a combustão prolongada do enorme fogo e do calor espantoso terem terminado, foram identificadas marcas de estrangulamento no pescoço de um e fragmentos de carbono nos brônquios do outro. "Este caso mostra a grande dificuldade em queimar o corpo humano", concluíram os dois autores com toda a justificação.

Imagine-se: 5400 pés cúbicos (153 metros cúbicos) de combustível facilmente inflamável conseguiram apenas queimar parcialmente dois homens e, no entanto, o corpo da Sra. Rooney, sem mais nada a não ser as suas roupas e uma toalha de mesa para sustentar a combustão, foi reduzido a cinzas em menos de doze horas! Que força tinha estado sinistramente em atividade naquela véspera de Natal em Seneca, Illinois?

Uma força considerada, de acordo com os jornais locais, foi o homicídio. Larson — apesar de ser classificado como "um homem velho e aparentemente honesto" — era, ainda assim, um suspeito óbvio. O *The Ottawa Daily Republican Times* relatou a sua exoneração — juntamente com a sua morte — duas semanas mais tarde, sendo a morte causada por aquilo que o legista chamou de "o veneno inalado naquela noite, como se supõe". Da mesma forma, o *Free Trader* disse que "não foram descobertos indícios de crime".

A outra força considerada foi um contratempo inocente que se tornou fatal: que a Sra. Rooney, como era seu costume, se tinha colocado em cima de uma cadeira com uma vela na mão para dar corda ao relógio e, estando sob o efeito do álcool, caiu e as suas roupas pegaram fogo a partir da vela. Esta explicação satisfez sem dúvida todos os que procuravam uma solução superficial. Mas o problema de uma vela e de um roupão de casa desencadearem mais destruição pelas chamas do que cinco mil e quatrocentos pés cúbicos de caules de algodão inflamáveis é algo que o pensador moderno tem de ponderar.

Se Casper alguma vez ouviu falar dos Rooney, não sei. Se ouviu, provavelmente tê-los-ia ignorado ou descartado o seu destino como fez com outros casos semelhantes para os quais permaneceu cego. Felizmente, outro homem de ciência — ciência verdadeira — lidou com o caso dos Rooney de olhos abertos. Diretamente envolvido. De perto e pessoalmente.

O Dr. Floyd Clendenen[1] pensou neste "contratempo" quando as provas estavam mais frescas. Como legista do condado de La Salle, Illinois, recebeu um telefonema na manhã de 25 de dezembro para investigar as duas mortes. Partiu imediatamente para a quinta dos Rooney e para um Natal que nunca esqueceria. Percebeu logo à chegada que não era possível realizar uma autópsia, pelo que catalogou os restos mortais da mulher à medida que eram retirados do espaço de rastejo sob a cozinha. "Ao removê-los", escreveu o Dr. Clendenen, "encontrámos o crânio, as vértebras cervicais e metade das dorsais reduzidos quase a uma cinza, também cerca de seis polegadas do fémur direito, juntamente com parte do ílio [a porção superior larga da pélvis] em estado muito semelhante ao das vértebras". O seu pé direito e o sapato "foram reduzidos a uma cinza completa. As outras partes do corpo e vestuário foram reduzidas a uma cinza muito leve, não deixando qualquer formato do corpo anterior".

A destruição foi minuciosa, mas limitada. Maravilhou-se o médico: "O crânio e o osso da anca foram realmente as únicas provas pelas quais se podia dizer que um corpo humano tinha sido ali cremado." Cremado! Foi o que disse o legista. No entanto, o crematório tinha sido inventado apenas nove anos antes pelo Dr. Julius Lemoyne em Washington, Pensilvânia. (Ironicamente, o seu inventor foi a primeira pessoa que a sua invenção cremo.) Cremado? Como?

Os Rooney certamente não tinham instalado um dos primeiros crematórios do mundo na cozinha da sua quinta em Seneca. Independentemente disso, a redução da Sra. Rooney tinha sido quase completa: o seu corpo de 160 libras [72,5 kg] pôde ser (e foi!) recolhido para dentro de um cesto de alqueire. "A totalidade dos restos mortais pesava doze libras [5,4 kg]", registou o Dr. Clendenen. A Sra. Rooney tinha perdido 92,5 por cento do seu peso de um dia para o outro.

O médico-legista arriscou a sua reputação profissional ao testemunhar estes factos claramente anátemas para a doutrina médica reinante, tal como exposta por Casper alguns anos antes: de que "nunca, mesmo quando o corpo esteve exposto durante dias ao fogo ou ao calor incandescente, foi reduzido a cinzas!" Talvez o Dr. Clendenen não se deixasse intimidar facilmente. Mais provavelmente, ele não tinha conhecimento das diatribes de Casper e, portanto, não se apercebeu de que deveria sentir-se intimidado por esta afronta ao dogma médico. Fosse como fosse, relatou o seu "caso peculiar" à profissão médica tal como o testemunhou em primeira mão — pelo que a história da medicina deve estar grata. Ele poderia ter encontrado consolo na observação de Charles Fort em *Wild Talents*: "Tem havido muitas maleitas e mortes de seres humanos que não foram satisfatoriamente explicadas nos termos médicos que estão justamente agora na moda..."

Em 1993, localizei e visitei a casa de quinta dos Rooney, ainda de pé à vista da Interstate-80 enquanto avança para oeste através da planície de Seneca. E naquela que serve agora de sala de estar, o seu atual residente apontou para o canto onde uma coluna de fogo transformou um ser humano em história médica mais de um século antes.

Uma sensação misteriosa. Alguns anos antes, em 1987, Don Hetzner, um descendente direto do Sr. e da Sra. Rooney, tinha-me contactado na sua investigação sobre a história da família e o seu incidente mais famoso. Hetzner disse que, durante anos mais tarde, alguns dos seus familiares

questionavam discretamente entre si "se a retribuição divina devido à bebida na véspera de Natal" seria a culpada pelas mortes dos Patrick Rooney. Para o Dr. Clendenen, a declaração foi mais clínica. Chamou-lhe, simplesmente, "Um Caso de Combustão Espontânea no Homem".

O HOMEM QUE NÃO CONSEGUIA QUEIMAR PALHA — APENAS A SI PRÓPRIO

Na sua arenga contra a combustão espontânea no homem e na mulher, Casper recorreu ao sarcasmo para defender a sua posição. Cada criança e cada médico, escreveu ele no *A Handbook*, reconheciam imediatamente que a crença na CHE equivale à crença em contos de fadas: "A velha bêbada queimou-se, mas o banco no qual os seus restos carbonizados foram encontrados sentados ficou intacto... de um indivíduo que tinha sido visto na noite anterior vivo e saudável, apenas alguns fragmentos queimados ou um punhado de cinzas foram encontrados pela manhã..."

Pobre Johann Casper. Ele simplesmente não conseguia impedir que os caprichos da natureza levantassem desafios inquietantes às suas convicções. Não que isso importasse para ele, provavelmente, mas importava para o Dr. J. Mackenzie Booth de Aberdeen, Escócia. O Dr. Booth (M.A., M.D., C.M.) respirou fundo, pensou novamente no que tinha visto um mês antes e dirigiu-se ao púlpito da Secção de Aberdeen, Banff e Kincardine da Associação Médica Britânica a 21 de março de 1888. Suspeito que nem um trago de bom uísque escocês foi servido quando ele começou a falar.

"Na manhã de domingo, 19 de fevereiro, fui chamado para examinar os restos mortais de um homem, A. M., de 65 anos, que foram encontrados num palheiro na Constitution Street. Este homem, um reformado de hábitos notoriamente intemperantes, tinha sido visto às nove horas da noite anterior a entrar na estrebaria abaixo, num estado de embriaguez", começou o Dr. Booth. Duas crianças viram o velho soldado embriagado a subir uma escada para o sótão, notando depois que a clarabóia ali brilhou brevemente e voltou a escurecer. Entre as oito e as nove horas da manhã seguinte, viu-se fumo a sair de um buraco no telhado do sótão. O proprietário da estrebaria correu para lá e ficou horrorizado ao ver, através de um buraco no chão do sótão, os restos mortais do velho soldado empoleirados nas vigas acima e encostados à parede. Como não havia fogo para apagar, o

proprietário da estrebaria chamou a polícia, que chamou o Dr. Booth, cujo exame atento revelou pormenores bastante estranhos.

"O que me impressionou especialmente à primeira vista foi o facto de que, não obstante a presença de abundante material combustível ao redor, como palha e madeira", observou o médico, "os principais efeitos da combustão limitaram-se ao cadáver, e apenas um pequeno pedaço do soalho adjacente e a madeira imediatamente acima da cabeça do homem tinham sofrido". Algumas telhas de ardósia do telhado, aparentemente deslocadas pelo calor ou pela chama, tinham caído em cima dele, e uma parte do soalho por baixo dele tinha desabado para a estrebaria abaixo. No entanto, a palha a toda a volta não foi tocada pelo holocausto limitado.

Um exame mais atento revelou pormenores ainda mais estranhos. O Dr. Booth descreveu o estado do cadáver aos seus colegas médicos: O corpo estava ele próprio quase reduzido a cinza, retendo contudo o formato do rosto e da figura tão bem que aqueles que o tinham conhecido em vida puderam facilmente reconhecê-lo. Ambas as mãos e o pé direito tinham ardido por completo e caído através do chão, por entre as cinzas, para as estrebarias abaixo, e as extremidades carbonizadas e calcinadas do rádio e do cúbito direitos, do úmero esquerdo e da tíbia e do perónio direitos estavam expostas à vista. O cabelo e o couro cabeludo estavam queimados desde a testa, expondo o crânio nu e calcinado. Os tecidos do rosto eram representados por uma cinza gordurosa que retinha o molde das feições, e o bigode incinerado continuava a dar a habitual expressão militar ao velho soldado. Os tecidos moles estavam quase inteiramente consumidos, mais especialmente na superfície posterior do corpo.

Coloque-se na assistência da Associação Médica Britânica e imagine um dos seus estimados pares a dizer-lhe que viu um corpo que estava completamente queimado até às cinzas, mas que retinha toda a exibição da sua forma anatómica — até mesmo a sua expressão facial e o bigode aparado! Apenas onde algumas ardósias do telhado tinham caído sobre o corpo é que a aparência do soldado foi destruída, disse o Dr. Booth.

Seguiu-se mais consternação. "Pela atitude confortavelmente recumbente do corpo, era evidente que não tinha havido luta de morte", confundiu Booth ainda mais o seu público, "e que, obnubilado pelo uísque por dentro e pelo fumo por fora, o homem tinha expirado sem sofrimento, com o corpo a arder calmamente o tempo todo". O Dr. Booth decidiu que

este episódio de um corpo queimado a cair pelo sótão da estrebaria justificava ser registado para a posteridade. Saiu para ir procurar um fotógrafo e, depois, retomaria o seu exame do cadáver desidratado.

Notas:

[1] Respeitou-se a numeração das notas de rodapé conforme indicado no original. Nas referências a unidades de medida, manteve-se a terminologia textual em português com a respetiva conversão métrica entre parênteses retos para maior clareza de leitura.

Infelizmente, os transeuntes tentaram pegar no corpo e removê-lo. "Os carregadores disseram-me que o corpo inteiro tinha colapsado quando tentaram removê-lo em massa", disse ele, frustrado, à sua assistência. "Eis o que restava da condição do cadáver." Mas que condição!... uma condição calmamente e racionalmente atestada por mais um médico com experiência em primeira mão. Nada de fantasias de poltrona aqui. O Dr. Booth tinha-o visto por si mesmo e transmitiu, num espanto contido, a cena impossível que os seus olhos e mãos contemplaram neste infeliz incidente.

O corpo do Sr. A. M. estava 100 por cento desidratado por um fogo que não destruiu a forma e o feitio daquilo que queimou, e isolou-se dos combustíveis circundantes, tais como a palha sobre a qual o corpo jazia. Felizmente, caso alguém duvide do testemunho do Dr. Booth (e certamente haverá quem duvide), um tal W. Reid, de Aberdeen, entrou no palheiro com a sua câmara antes da remoção intempestiva do cadáver em pó e disparou o obturador — ganhando assim a distinção de obter provavelmente a primeira prova fotográfica de um caso clássico de combustão humana espontânea.

MAIS TARADOS DE FOGO HUMANO

Um buraco queimado num soalho é "normalmente um indício de um incêndio num aparelho elétrico ou de uma peça de mobiliário com estofos de espuma", disse-me o investigador de incêndios dolosos, o guarda Bill Sweet. Raramente um líquido inflamável queimará um soalho de uma ponta à outra, sublinhou ele, "a menos que já lá exista um buraco!".

Em maio de 1953, a Sra. Esther Dulin, de trinta anos, desafiou o decoro científico (bem como o social) ao não apenas arder, mas, ao mesmo tempo, queimar o soalho para baixo. Tão intenso foi o fogo na sua casa de

Los Angeles, na West 110th Street, nº 210, que ela e a cadeira onde estava sentada foram "virtualmente consumidas", à medida que ambas perfuravam a combustão para a divisão inferior. Nada mais na casa foi danificado. Se a cena se assemelhava à do Dr. Bentley, da Srta. Bradshaw, da Sra. Pococke e da Sra. Rooney — e a descrição na *Fate* (dezembro de 1953) sugere que sim —, então a Sra. Dulin tornou-se mais um membro dessa seleta fraternidade-irmandade dos que se queimam através dos seus soalhos como trados de fogo. Uma chamada para a unidade de registos do Departamento de Bombeiros de Los Angeles, em 1987, não conseguiu descobrir mais informações, porque os seus arquivos já não recuavam tanto no tempo. "Não consigo pensar em nenhuma maneira de o ajudar", desculpou-se o oficial do LAFD, William Reid, "parece muito interessante...".

A 14 de novembro de 1964, uma mulher galesa de sessenta anos foi encontrada gravemente queimada numa banheira, relatou a *Medicine, Science and the Law* (1966). Não só tinha conseguido super-escaldar-se, como conseguiu de algum modo queimar um buraco no chão ao lado da banheira, para dentro do qual a sua cabeça caiu em seguida.

A 14 de novembro de 1987, a busca por incêndios bizarros levou-me a Ontário, Canadá, onde conheci o patologista forense reformado, Dr. Douglass Mills, na sua casa. Por telefone, ele tinha-me dito que a sua carreira como patologista-chefe no St. Joseph's Hospital, em London, Ontário, incluía não um, não dois, mas três casos que ele acreditava terem as características de CHE. "Tal como na *Casa Deserta* de Dickens", afirmou ele. Isto seria sem precedentes! Não admira que eu estivesse especialmente ansioso por conhecê-lo. Após escutar atentamente a sua narrativa e ser acompanhado ao hospital onde ele tinha trabalhado para ver as fotografias relevantes, concluí que dois destes incidentes não cumpriam os critérios para incêndios fatais anómalos. Mas o seu terceiro caso cumpre.

Uma mulher canadiana inválida estava a cozinhar uma refeição, anos antes, quando, ostensivamente, a sua roupa se inflamou. Ela correu para a porta mas "caiu redonda no sítio", disse o Dr. Mills, após o que a sua cabeça e a parte superior do corpo se reduziram a carvão e o resto de si caiu através de um buraco criado pela sua incineração. "A queimadura limitou-se a um círculo de três pés [91,4 cm]. A tinta das cadeiras próximas não foi afetada.

Até os seus ossos se reduziram a carvão", disse ele. "Mas não é espontâneo, não é combustibilidade preternatural. É um tipo de queima muito especializado, envolvendo condições especiais." Surpreendido, mas pensando que esta era uma oportunidade maravilhosa para ouvir a tão procurada solução para a chamada combustibilidade espontânea/preternatural, perguntei: "Quais são essas condições especiais, então? E como é que a reduziram a cinzas?" A estas perguntas o Dr. Mills não soube responder. Apenas pôde dizer que a cena do incêndio se assemelhava à "aparência típica" de Glaister.

Isto traz-nos de volta à terceira fotografia que mencionei anteriormente da obra *Medical Jurisprudence and Toxicology* de Glaister (13.ª Edição). A vítima não identificada — chamar-lhe-ei "a mulher trado de fogo de Glaister" — era provavelmente britânica, e o seu espantoso legado algures antes de 1973 atesta uma CHE do tipo buraco-no-chão: (1) A combustão foi tão feroz na secção média da mulher que perfurou um buraco de cerca de dois pés [60,9 cm] de diâmetro através de um tapete persa e do soalho por baixo; (2)

A combustão foi tão localizada que — ao estilo clássico da CHE — deixou para trás as extremidades da mulher: duas pernas abaixo dos joelhos e metade de uma mão com os dedos e o polegar distendidos; o seu crânio ardeu literalmente ao meio; (3) O calor foi tão mínimo que, para além do buraco no chão, não foram atingidas temperaturas de ignição; as franjas de tecido (ou seda) penduradas no mobiliário a escassas polegadas acima da cabeça partida ao meio da mulher não mostram o mais pequeno vestígio de fogo; as meias de nylon nas pernas estavam totalmente intactas abaixo dos joelhos, onde o fogo tinha parado abruptamente.

Glaister dedicou a esta mulher um obituário de dez palavras: "Destruição quase completa do corpo com danos circundantes relativamente ligeiros." O epítome de uma redação concisa e precisa. O que falta são pistas sobre quem ela era... e, claro, como morreu exatamente. A "Lei de Registo de Nascimentos e Mortes de 1953" na Grã-Bretanha mantém a determinação da "Lei do Legista de 1887" de que um legista investigue qualquer "morte violenta ou não natural" quando a vítima "tenha tido uma morte súbita cuja causa seja desconhecida". A morte desta mulher justificava seguramente o envolvimento de um médico-legista; esperemos

que um arquivo venha à superfície para que o anonimato que encobre mais um testemunho de passividade médica seja um dia removido.

QUANDO O VELHO ASHTON SE TORNOU... EM CINZAS

Não encoberto pelo anonimato — embora aqueles que se sentem ofendidos por estes incidentes pudessem desejar o contrário — está o destino de Alfred Ashton, de oitenta e seis anos, recentemente falecido em Southampton, Inglaterra. Às dez horas da noite de 8 de janeiro de 1988, os vizinhos notaram fumo a sair da casa de Ashton e logo a corporação de bombeiros chegou para descobrir uma divisão cheia de fumo e calor extremo. Mais os restos mortais do seu ocupante, agora melhor descrito pela primeira sílaba do seu apelido.*

Um crânio enegrecido e duas pernas jaziam de cada lado de um pequeno buraco no soalho de madeira, através do qual caiu o resto do corpo completamente incinerado do Sr. Ashton. O oficial de bombeiros encarregue da investigação, Roger Penney, notou que Ashton tinha ardido de bruços, em cima da fiação elétrica que alimentava uma tomada próxima na qual estava ligado um pequeno aquecedor elétrico de uma só barra.

O aquecedor estava intacto, mas frio, porque a tomada onde estava ligado estava "desligada". Se um bombeiro a tinha desligado momentos antes ou se tinha sido desligada antes de o fogo começar não foi considerado na altura por Penney — uma omissão de que mais tarde se arrependeu —, porque o próprio cabo elétrico que alimentava a tomada tinha entrado em curto-circuito, queimado de uma ponta à outra pela combustão descendente do próprio Ashton.

O que Penney notou foi que Ashton não tinha caído sobre o aquecedor. Notou também que materiais altamente combustíveis a apenas algumas polegadas do buraco estavam virtualmente intocados... exceto pela deformação surreal pelo calor da caixa de plástico de uma televisão numa bancada a alguma distância. De resto, as chamas consumidoras tinham-se restringido ao cadáver e ao que quer que estivesse em contacto direto com ele. Penney notou também que a linha de queimado nas pernas das calças coincidia precisamente com o ponto onde a carne das suas pernas escapou de ser chamuscada.

O patologista concluiu que a causa da morte se deveu a queimaduras e acrescentou: "Exceto pelas pernas, o esqueleto ósseo e os tecidos

musculares foram destruídos." Tão descontraído, não é? Três extremidades jaziam decepadas além do raio de uma bola de fogo que envolveu completa e rapidamente o corpo entre elas, e ninguém pestanejou. O inquérito emitiu um veredicto aberto: "causa desconhecida". Pergunto-me se este velho senhor seria viúvo.

EM MARCADO CONTRASTE

Uma ironia é a forma como o falecimento destes trados de fogo humanos está em marcado contraste com outros exemplos de mortes por incêndio retratados no manual de jurisprudência de Glaister. É retratado um homem que pereceu numa conflagração. O seu cadáver está queimado de preto, coberto de cinzas e encolhido na posição pugilística (fetal) característica da exposição a calor extremo. No entanto, todo o seu corpo é facilmente reconhecível como masculino, e o seu cadáver permaneceu intacto durante o transporte para a morgue.

Outra fotografia no compêndio de Glaister mostra "um caso invulgar em que a morte ocorreu devido a uma combinação de calor lento excessivo e anóxia". A anóxia resulta quando o oxigénio nos tecidos do corpo é anormalmente baixo; por outras palavras, uma condição em combinação com um aquecimento lento que é propícia à combustão sem chama do corpo. É o próprio processo invocado pelos detratores da CHE para explicar o caso da Sra. Rooney, da Sra. Reeser, do Dr. Bentley e de dezenas de outros. Este corpo "assado e desidratado" está, pelo contrário, intacto, facilmente identificável; uma grande percentagem da pele reteve até a sua pigmentação natural.

Que diferença em relação à Sra. Rooney, cujo legista disse que o seu "crânio e o osso da anca foram realmente as únicas provas pelas quais se podia dizer que um corpo humano tinha sido ali cremado". Os defensores que gostariam de substituir a explicação da CHE por fogos lentos e sem chama que invadem os corpos anóxicos a partir do exterior, têm de explicar satisfatoriamente como é que este processo pode produzir dois resultados diametralmente e dramaticamente opostos.

Já que estamos no tema da categorização de mortes por incêndio, os editores da 13.ª Edição de Glaister dedicaram um capítulo inteiro à identificação médico-legal. Na sua discussão de cinquenta e três páginas sobre as técnicas utilizadas para classificar a causa na morte por

queimadura, nem uma única técnica listada ajudaria um examinador incumbido de determinar a causa para a Sra. Pococke, a Srta. Bradshaw, a Sra. Rooney, o Sr. Ashton, etc. — exceto para descartar cada técnica como inapropriada. O que resta? Talvez a próxima edição de Glaister adicione a "Carbonização Super-Hipertérmica" à sua lista de técnicas para identificar causas de mortes por incêndio. Então, finalmente, um legista teria uma escolha respeitável — e totalmente apropriada — para atribuir a morte quando esta resulta de uma termogénese interna super-quente.

10

Humanos Super-Quentes:

Alimentando a Fornalha do Corpo

O testemunho médico pericial tem o seu principal valor em mostrar as possibilidades da ocorrência de alegados casos extremos e desvios extraordinários do natural. — Drs. George M. Gould e Walter L. Pyle, *Anomalies and Curiosities of Medicine* (1896)

Termogénese é o termo que os cientistas utilizam para descrever a geração orgânica de calor de sustentação da vida. Nós, os humanos, somos mamíferos homeotérmicos, possuindo um mecanismo interno complicado para manter a nossa temperatura central numa temperatura predefinida, próxima do ideal. O termóstato primário de controlo no seu corpo é o hipotálamo, perto da base do crânio, na porção primitiva do cérebro. Ele deteta a temperatura do sangue e, em seguida, emite comandos bioquímicos que, juntamente com as respostas físicas, mantêm o calor de sustentação da vida. Também exerce controlo sobre a atividade visceral, o equilíbrio hídrico no corpo e o sono.

Se os nossos corpos ficarem demasiado frios ou quentes internamente por apenas alguns graus, podemos morrer. Mas enquanto a termogénese operar dentro de uma faixa de temperatura extraordinariamente estreita em torno do chamado ponto de ajuste "normal" de 98,6°F [37°C], as pessoas não dedicam o mais pequeno pensamento ao maravilhoso processo que as mantém saudáveis e confortáveis; nem demasiado frias nem demasiado quentes, nem a tremer com calafrios nem encharcadas em suor.

Apenas quando a termogénese corre mal é que uma pessoa se sente desconfortável, preocupada e provavelmente doente. As febres resultam quando o corpo produz mais calor do que o normal (embora a própria febre indique que o corpo está a responder perfeitamente a um sofrimento interno). As febres em si, ao mesmo tempo que tentam curar o corpo, têm de operar dentro de uma faixa estreita de temperatura ou é provável que ocorra sofrimento adicional. Febres elevadas e prolongadas podem danificar irreparavelmente o corpo; até causar a morte. A questão levantada pelas dezenas de pessoas que aparentemente entraram em autocombustão é esta: Quanto calor interno consegue um ser humano gerar?

UM MOMENTO QUENTE NO VELHO CORPO ESTA NOITE

Os médicos temem que ocorram danos cerebrais quando a temperatura corporal sobe para os 104°F [40°C], e temperaturas sustentadas acima dos 109°F [42,8°C] por meros minutos são geralmente consideradas incompatíveis com a vida. É nisto que a comunidade médica acredita. E na maioria dos casos a sua crença é sustentada por milhões de histórias clínicas. Depois, há as exceções. Temperaturas na faixa dos 107° a 111,4°F [41,6° a 44,1°C] não são invulgares para quem padece de febre tifoide e reumática, por exemplo.

O atual detentor oficial do recorde de temperatura interna mais elevada é Willie Jones, de acordo com o *The Guinness Book of World Records* (1990). A 10 de julho de 1980, a temperatura de Willie subiu para os 115,7°F [46,5°C], atestaram os médicos que o monitorizaram no Grady Memorial Hospital de Atlanta. Ele sobreviveu... e teve alta no dia seguinte com uma temperatura de referência normal! No entanto, o Guinness poderia reatribuir o título de Jones a uma mulher com histeria nervosa tratada por reumatismo agudo: a sua temperatura subiu para os 115,8°F [46,6°C], declarou o *The Lancet* (1878), e ela insistiu em deixar o hospital quando a sua febre contínua desceu para uns meros 104°F [40°C]! Por sua vez, esta é superada pela febre de outra mulher inglesa descrita à Clinical Society de Londres em 1875: durante sete semanas consecutivas, a sua temperatura corporal mediu não menos de 108°F [42,2°C] e, em quatro ocasiões, disparou para uns surpreendentes 122°F [50°C]!

Igualmente surpreendente (em termos de hipertermia) é o místico italiano e monge capuchinho Padre Pio (1918-1968), famoso pela sua exibição de estigmas que abrangeu mais de meio século, mas menos

conhecido pelos seus episódios de hipertermia agonizante. Mais do que uma vez o jovem capuchinho quebrou termómetros clínicos utilizados para medir o seu calor interno nas alturas, relatou a publicação papal *Acta Apostolicae Sedis* (31 de maio de 1923). O biógrafo Rev. Charles M. Carty escreveu que a temperatura do Padre Pio por vezes atingia os 122°F [50°C].

Em 1881, uma mulher histérica de vinte e dois anos, acamada no Guy's Hospital, em Londres, inutilizou os termómetros do hospital até que os seus médicos obtiveram um termómetro para cavalos capaz de ler até 130°F [54,4°C]. Não surpreendentemente, a paciente opôs-se à inserção de um instrumento tão grande, mas os seus médicos prevaleceram. "128°F! [53,3°C]", exclamaram os médicos. A mulher viveu mais cinco meses. Em 1880, um destino semelhante aqueceu outra mulher até à temperatura de 130,8°F [54,9°C], relatou a *Medical Times and Gazette*.

Na verdade, nenhum destes candidatos a Ser Humano Mais Quente está na corrida. As suas conquistas termogénicas até aos 130,8°F [54,9°C] não merecem mais do que uma medalha de bronze nas olimpíadas das fornalhas humanas, e empalidecem perante as provas contidas noutras partes da literatura médica há muito esquecidas e certamente ignoradas pelo Guinness. Numa reunião da Association of American Physicians (AAP) em 1895, o Dr. Jacobi de Nova Iorque levantou-se para relatar un caso de hipertermia extraordinária num homem — um bombeiro, nada menos! — que sofreu ferimentos graves após cair numa máquina. Durante cinco dias, a sua temperatura média foi de 120° a 125°F [48,8° a 51,6°C], disse Jacobi; "numa ocasião atingindo a altura de 148°F [64,4°C]".

Um suspiro coletivo de incredulidade deve ter percorrido a AAP enquanto Jacobi apresentava essa estatística. Confrontado com esta "temperatura excessivamente elevada", como o Dr. Jacobi modestamente a descreveu, ele fez o que um bom investigador faria: manteve o ceticismo, mas não rejeitou a prova de imediato. Disse aos seus colegas que repetiu as suas medições, utilizando termómetros diferentes para se precaver contra equipamentos defeituosos. Os níveis extraordinários persistiram, por mais impossíveis que parecessem.

Provavelmente para alívio de Jacobi, outro membro da AAP levantou-se para oferecer uma corroboração ainda mais espantosa. Welch, de Baltimore, falou de outro ser humano de perto monitorizado cuja

temperatura corporal natural, afirmou Welch, "atingiu os 171°F [77,2°C]". 171°F! Faz suar só de pensar nisso, não faz? Inquestionavelmente, isto está no reino da super-hipertermia humana. Dado que se diz que a temperatura corporal de pelo menos um ser humano subiu uns fenomenais 73 por cento, passando de 98,6°F [37°C] para uns escaldantes 171°F [77,2°C], será outro aumento de apenas mais 24 por cento assim tão improvável de considerar?

Tal temperatura gerada internamente seria agora de 212°F [100°C], o ponto de ebulição da água... o ponto onde os fluidos corporais poderiam ferver, a humidade do corpo poderia começar a evaporar e a carne poderia queimar a partir de dentro. O ponto onde a super-hipertermia interna conduz à carbonização super-hipertérmica. A busca por uma resposta requer uma breve incursão naquilo que é atualmente conhecido — e não conhecido — sobre o super-aquecimento humano.

HIPERTERMIA MALIGNA

Quando comecei a investigação para *ABLAZE!* em 1973, a ciência médica ainda não tinha dado nome a uma maleita misteriosa que frequentemente atormentava seres humanos submetidos a cirurgias. Ocasionalmente, os pacientes morriam, não devido a operações cirúrgicas mal executadas, mas sim devido a um aumento dramático e espontâneo da temperatura corporal.

O aumento instantâneo de vários graus Fahrenheit revelava-se febril, para não dizer perigoso, tanto para o paciente como para a equipa médica. Médicos e anestesistas perplexos, desprevenidos para este desenvolvimento surpreendente, não sabiam como salvaguardar a vida destes pacientes que começavam a fritar internamente na mesa de operações.

Hoje em dia esta condição tem um nome: hipertermia maligna. A hipertermia maligna é uma condição hereditária que ocorre habitualmente após a administração de um anestésico geral, escreveu o Dr. Peter M. Waterman no *American Journal of Ophthalmology* (outubro de 1981). "Para o indivíduo propenso", disse o colunista médico de artigos de opinião, Dr. Paul G. Donohue, em 1986, esses gases "desencadeiam um inferno metabólico no corpo.

A temperatura dispara para níveis extremamente elevados." O tratamento rápido com o medicamento Dantroleno, disse ele, "apaga eficazmente a conflagração corporal". Mas, confessou o Dr. Donohue, "não

consigo responder à pergunta de um milhão de dólares que está na mente de todos relativamente à hipertermia maligna: O que a causa? Não sabemos o que espoleta o grande aumento de temperatura."

O stresse parece ser um fator, disse o Dr. Waterman, que notou em casos raros que a ansiedade, e não a anestesia, era o pré-requisito para desencadear o estado hipermetabólico da hipertermia maligna (um estado que, incidentalmente, e de particular interesse no contexto da CHE, produz dióxido de carbono paralisante e inflamável como subproduto). O síndroma da hipertermia maligna é, embora não totalmente compreendido, um fenómeno aceitável para a comunidade médica porque aconteceu na sala de operações sob os olhos de cirurgiões alarmados.

Poderia explicar o precedente super-aquecimento anómalo em humanos... talvez até a CHE? Coloquei essa questão ao Dr. Henry Rosenberg, presidente do Conselho Consultivo Profissional da Associação de Hipertermia Maligna dos Estados Unidos. "Nunca vi nem ouvi falar de um caso desses", respondeu ele. "Não acredito que a temperatura corporal possa ser elevada até ao ponto descrito pelo mecanismo subjacente à Hipertermia Maligna." Talvez. Mas poderia ser que a hipertermia maligna, uma condição médica reconhecida, tenha um aspeto anómalo ainda não identificado devido à sua raridade; um aspeto poderoso que pode conduzir ao super-aquecimento excessivo e à queima tórrida de uma pessoa a partir de dentro?

TUMO: COMBUSTÍVEL PARA A SUPER-HIPERTERMIA?

Um dos poderes mais espetaculares e, no entanto, menos conhecidos da humanidade é o *tumo*. É a produção voluntária de calor prodigioso no corpo. A medicina ocidental permanece alheia ao *tumo*, muito embora a sua existência e manipulação tenham sido reconhecidas durante milhares de anos por lamas (homens sagrados) tibetanos e iogues indianos nos altos Himalaias.

No início deste século, a Madame Alexandra David-Neel escreveu sobre as maravilhas do *tumo* em *Magic and Mystery in Tibet*, uma crónica dos seus catorze anos passados nesta terra isolada. "Passar o inverno numa caverna no meio das neves, a uma altitude que varia entre os 11 000 e os 18 000 pés [3350 e 5480 m], vestido com uma peça de roupa fina ou mesmo

nu, e escapar ao congelamento", maravilhou-se ela, "é uma proeza algo difícil.

No entanto, dezenas de eremitas tibetanos passam em segurança todos os anos por essa provação... gerando *tumo*, um fogo subtil que... conduz a energia, até que esta corra por todo o corpo ao longo dos minúsculos canais dos *tsas* [veias, artérias e nervos]." Assim, no clima mais severo, os monges budistas e eremitas mantinham o conforto através de um fogo super-normal gerado dentro de si mesmos. Notou a Sra. David-Neel: "A palavra *tumo* significa calor, calidez, mas não é utilizada na língua tibetana para expressar o calor ou a calidez comuns. É um termo técnico da terminologia mística."

Como exemplo da técnica de ioga *g Tum-mo* e da pessoa que conseguia controlar o *tumo* através da meditação, a Sra. David-Neel descreveu um teste aplicado pelos mosteiros do Tibete aos seus estudantes. "Os neófitos sentam-se no chão, de pernas cruzadas e nus. Lençóis são mergulhados na água gelada; cada homem embrulha-se num deles e deve secá-lo no seu corpo. Assim que o lençol fica seco", escreveu ela, "é novamente mergulhado na água e colocado sobre o corpo do novato para ser seco como antes.

Notas:

** No original, o autor faz um trocadilho idiomático com o apelido da vítima (Ashton / ash [cinza]). Traduziu-se mantendo o sentido descritivo e explicativo. "Uma nova investigação realizada por médicos da Faculdade de Medicina da Universidade de Maryland pode deixar alguns tradicionalistas irritados, mas eles constataram que 98,6 graus não é de todo o normal; pelo contrário, disseram à Associated Press (23 de setembro de 1992) que '98,9 graus [37,1°C] no início da manhã e 99,9 graus [37,7°C] no geral devem ser considerados como o limite superior da faixa normal de temperatura oral em jovens adultos saudáveis'. Os padrões mudam." (Nota do Autor no original).*

A operação prossegue dessa forma até ao amanhecer. Depois, aquele que tiver secado o maior número de lençóis é reconhecido como o vencedor." Foi-lhe dito que alguns estudantes secam até quarenta lençóis

numa única noite gélida. E os estudantes americanos queixam-se dos seus exames finais?

Mais recentemente, o Dr. Erwin J. Dingle observou lamas sentados ao redor de um lago congelado a 16 000 pés [4870 m], secando em poucos minutos os cobertores de lã molhados que tinham enrolados ao corpo. Dingle relatou em *Borderland of Eternity* que a proficiência de um lama em *tumo* não só tinha estado a descongelar incessantemente os seus cobertores gelados durante dois dias, como também tinha estado a derreter a neve num círculo de dez pés [3 m] ao seu redor.

Impossível? O Dr. Herbert Benson, da Faculdade de Medicina de Harvard, provou o contrário em fevereiro de 1985, quando dois cineastas que trabalhavam com o seu grupo de investigação científica documentaram uma proeza térmica semelhante num mosteiro do Vale de Kulu, no norte da Índia. No ar frio da noite, a câmara filmou doze monges a realizar o ritual que David-Neel descrevera anos antes, utilizando lençóis de algodão molhados de três por seis pés [91,4 por 182,8 cm].

No seu livro *Your Maximum Mind,* o Dr. Benson descreveu o que aconteceu a seguir, à medida que os monges davam início à meditação *g Tum-mo* para aumentar o seu calor corporal: "Embora a maioria das pessoas começasse a tremer violentamente quando exposta a essa humidade fria, estes monges não reagiram de todo. Em vez disso, sentaram-se calmamente e, no espaço de três a cinco minutos, os lençóis que os envolviam começaram a fumegar! A sala encheu-se de vapor de água, de tal forma que as lentes das câmaras ficaram embaciadas e tinham de ser limpas constantemente. No espaço de trinta a quarenta minutos, os lençóis que cobriam os monges estavam completamente secos."

A dúzia de monges repetiu esta proeza por duas vezes. Eu próprio também já vi esta realização notável (para os padrões ocidentais). É impressionante ver o vapor a ferver a partir de lençóis encharcados, aquecidos apenas pela energia dos corpos nus por baixo, e saber que o talento humano (também conhecido como *tumo*), e não o artifício, é a força em ação.

Mayne R. Coe, um investigador médico americano com um doutoramento em bioquímica, propôs uma forma de gerar *tumo* que considerava consistente com as ideias fisiológicas atuais. Coe, cuja

investigação sobre o paranormal consistia frequentemente em experimentação em si próprio, envolveu-se em cobertores de lã molhados em temperaturas abaixo de zero e aprendeu a secá-los através de choques frios na sua pele nua. Escreveu em "Discovering the Yogis' Secret" que esta técnica forçava o seu fígado a libertar glicogénio extra para a sua corrente sanguínea, onde este se oxidava e criava calor adicional.

Coe reivindicou um recorde mundial por secar um cobertor de lã molhado num clima de 18°F [-7,7°C] oito vezes no espaço de duas horas. Embora a sua técnica tenha funcionado para si, diverge das situações observadas no Tibete. Ali, os praticantes de *tumo* não tremem para libertar glicogénio, mas sentam-se em meditação estoica; não se cobrem com cobertores grossos e isolantes (o que Coe considerava importante), mas envolvem-se em lençóis de algodão frágeis ou em coisa nenhuma e suportam, imperturbáveis durante toda a noite, temperaturas que descem até aos 0°F (-18°C).

Portanto, algo diferente do mecanismo de Coe consegue produzir estas proezas de super-termogénese.

O Dr. Benson postulou que uma resposta de relaxamento estava envolvida na exibição fisiológica de super-aquecimento sem tremor dos monges. "Isto envolve a capacidade do corpo, sob algumas circunstâncias, de queimar ou metabolizar um tipo de gordura chamada gordura castanha", explicou. Os cientistas acreditavam outrora que apenas certos tipos de mamíferos não humanos, especialmente os que hibernam, conseguiam queimar gordura castanha. Mas agora parece que os seres humanos também podem ter a capacidade de gerar calor a partir desta gordura, disse o Dr. Benson. "Hipotetizamos que os monges possam ter aprendido a fazê-lo através do uso de poderes da mente geralmente desconhecidos."

A conclusão de Benson, baseada no seu estudo de *tumo* com monges tibetanos, oferece outro mecanismo possível para a CHE: a rápida metabolização (queima) da gordura castanha. Uma oxidação super-rápida libertaria um clarão de calor a percorrer a pessoa insuspeita que transportasse excesso de gordura castanha, cozendo o corpo de dentro para fora.

Recordar-se-á de que muitos médicos do século dezanove acreditavam que a corpulência era um requisito para a CHE. Talvez as vítimas que

catalogaram, juntamente com a rechonchuda Mary Reeser neste século, tivessem nos seus corpos com excesso de peso um nível elevado de gordura castanha — uma condição que nenhuma autópsia pensou em considerar.

Combinando uma superabundância de gordura castanha com um aumento dramático de *tumo* — talvez as vítimas tenham sofrido febres altas que também escaparam a menção — e, em vez de lençóis secos por ombros a fumegar, encontramos lençóis prensados a vapor por baixo de seres humanos totalmente consumidos pelo fogo. Como os da Sra. A. B., a irlandesa encontrada em 1808 caída incinerada sobre os seus lençóis não chamuscados.

Não é necessário ser um asceta tibetano para gerar um calor tão anormal. Há alguns anos, uma jovem de Connecticut que sofria de um aquecimento extremo e involuntário contactou John W. White, um investigador de fenómenos da consciência humana. A sua pele, escreveu White em *Venture Inward* (1990), estava "tão quente que ela tomava banhos de água gelada e conduzia num descapotável com a capota aberta no inverno, vestindo apenas um top e calções. Estas medidas mal lhe davam alívio".

Um rapaz chinês que vivia perto de Nanjing, Jiangsu, adquiriu a alcunha de "corpo de fogo" porque, a partir de 1971, quando tinha cinco anos e durante pelo menos uma década, o seu calor corporal era tão tórrido que não usava roupa e brincava nu na neve. Noutro local da China, por volta de 1981, Wu Xiaoli, de dezoito meses, também recusava constantemente usar roupa; os habitantes de Mianyang chamavam-lhe "bebé de fogo".

Quando discuti a CHE no programa *People Are Talking* da KYW-TV em 1984, uma mulher na assistência comentou que o seu marido por vezes ficava terrivelmente quente na cama. A apresentadora do programa, Dana Hilger, ironizou dizendo que a senhora se deveria considerar sortuda! Verdade, desde que a termogénese sonambúlica do seu companheiro não aqueça em demasia.

O marido dela não está sozinho nesta característica; numa nota pessoal, o meu próprio corpo a dormir gera por vezes um calor que já foi comparado "a uma fornalha ardente". Durmo felizmente alheio a um calor projetado que dizem ser insuportável. *Tumo*, talvez? Como está a aprender,

a CHE ocorre frequentemente quando as suas vítimas estão a dormir na cama ou depois de terem adormecido numa cadeira. O sono — ou pelo menos um estado mental relaxado — parece propício à geração de anomalias térmicas... e, talvez, a pesadelos noturnos super-asfixiantes dos quais algumas pessoas nunca acordam.

Não deve ser esquecido o *carbunculus* — a maldição das mulheres na menopausa —, que são aqueles condenáveis afrontamentos atribuídos ao rápido declínio hormonal combinado com o comportamento metabólico errático do hipotálamo. Sensações de calor dramático têm levado as mulheres a dizer que a parte superior dos seus corpos parecia um inferno ruginte a queimá-las a partir de dentro.

INCENDIUM AMORIS:

FOGO INTERNO DE ADORAÇÃO OU HISTERIA?

Um fenómeno térmico mais ultrajante do que estes exemplos dramáticos de *tumo* é ainda menos aceitável para a medicina convencional, talvez por ter ocorrido fora das observações de uma sala de operações. Totalmente inaceitável para alguns, porque é um pouco ultrajante demais.

Um atributo comum a muitos dos casos acima de mais de 108°F [42,2°C] é uma emoção acrescida, até mesmo histérica. Mais uma vez identificamos uma ligação entre a termogénese corporal anormal e o estado mental de uma pessoa, notado pela primeira vez com o número de alcoólicos inflamados. Esta ligação pode ser estendida para abranger o emocionalismo do êxtase espiritual.

Historicamente, um aumento na temperatura corporal acompanha frequentemente o fervor espiritual intensamente emocional. Grandes místicos e ascetas devotos, encarnados por um poder que associavam à presença divina, descreveram estar imbuídos de um amor sagrado que de tal forma energizava os seus corpos que, no inverno mais frio, rejeitavam as suas roupas sufocantemente quentes, escancaravam as janelas para arquejar por ar gélido e arfavam como os cães fazem para arrefecer os seus corpos.

Richard Rolle, o místico inglês do século catorze que sofreu desta situação, chamou-lhe "Fogo de Amor" — um calor ardente dentro de si que atribuía à profunda adoração ao seu Deus. O seu equivalente em latim,

incendium amoris, foi desde então adotado pela Igreja para este efeito peculiar de êxtase religioso batizado por Rolle. Seja qual for o nome, o fenómeno é um enigma duradouro; a sua causa é tão misteriosa — e muitas vezes desconfortável — para aqueles que o experienciam como para aqueles que o estudam (out o tentam desmentir).

Uma questão de séculos que a história optou largamente por ignorar é: Quão quente pode tornar-se a termogénese mística? Olhemos brevemente para alguns exemplos documentados para ver se uma resposta se oculta por ali.

A paixão religiosa afetou de tal modo São Estanislau Kostka (falecido em 1568) que, disse o seu biógrafo, o Padre Goldie, "ele era obrigado a aplicar panos embebidos em água fria no peito para moderar a violência do amor que sentia". Numa noite fria no jardim do Noviciado, o reitor perguntou a São Estanislau o que fazia ali a passear sozinho. "Estou a arder, estou a arder", respondeu Estanislau sem rodeios.

Quatrocentos anos mais tarde, os investigadores veriam este conto aparentemente mítico ser reproduzido nas terras altas do Tibete. Se o calor intenso do amor interno de São Estanislau conseguiria superar (secar mais do que) os monges modernos que praticam a meditação *tumo*, ninguém saberá. Nem ninguém saberá se Estanislau falava literalmente de "arder" por dentro.

O seu contemporâneo, São Filipe Néri (1515-1595), partilhou esta bênção questionável, mas apenas após o seu trigésimo nono ano de idade. Daí em diante, disse o seu biógrafo, o Padre Bacci, este sacerdote caminhava de peito descoberto durante as noites mais frias de inverno. Tão grande era o fogo de São Filipe que, quando tocou na mão do Cardeal Crescenzi, este disse que "ardia como se o santo estivesse a sofrer de uma febre violenta". Em pelo menos uma ocasião, o seu calor sobrenatural "chamuscou e empolou" a sua garganta. São Filipe suportava a sua aflição térmica com humor, rindo-se bondosamente dos seus compatriotas que tremiam de frio, o que ele, um velho de camisa aberta, literalmente não conseguia fazer devido ao seu fogo interior.

A teoria de Coe do choque frio com cobertores de lã não faz sentido aqui.

Durante os êxtases de toda a vida da Venerável Orsola Benincasa (1547-1618), esta freira teatina suportou repetidamente uma termogénese anormal. O seu corpo ficava tão quente que, quando mergulhava as mãos em água para as arrefecer, a água fervia e fumegava num vaso que, por si próprio, ficava tão quente que mal era possível segurá-lo. Por vezes, saía fumo branco da sua garganta, um fenómeno presenciado por muitas testemunhas e de que se dizia estar além de qualquer dúvida.

(Em 1822, um homem italiano anónimo, de cerca de vinte e seis anos, sofreu de febre intermitente acompanhada por um calor ardente na garganta, relatou o *Mirror* de Londres de 6 de outubro de 1838. Notícia sem importância, ao que pareceria; exceto que, ao mesmo tempo, a sua "respiração deitava fumo".)

Para a água ferver, a temperatura ao nível do mar deve ser de 212°F [100°C]. Portanto, se os testemunhos das testemunhas oculares forem aceites pelo seu valor nominal, uma dedução é inevitável: a termogénese dentro desta mulher produzia uma temperatura na pele de pelo menos 212°F [100°C] — 215 por cento superior ao normal. Estaria Orsola Benincasa, que muitas vezes provou ser imune ao fogo, noutras alturas a viver no limiar de uma combustão espontânea?

Isto soa de tal modo bizarro que se tende a descartar tanto Benincasa como a possibilidade que sugiro. Será este um exemplo singular de calor extremo atribuído ao *incendium amoris* e, por conseguinte, na sua singularidade, negável?

Não.

O corpo de Santa Catarina de Génova (falecida em 1655) exibiu dois milagres fisiológicos: estigmas e *incendium amoris*. (Neste sentido, a sua vida foi uma precursora da do Padre Pio, trezentos anos mais tarde.) Surtos de "fenómenos de calor extraordinário" atormentavam Santa Catarina, de cuja garganta saía frequentemente fumo branco "como se subisse de um braseiro aceso no seu interior". A sua termogénese parece assim ser muito mais quente do que a do Padre Pio; além disso, podia ser transmitida externamente. Uma vez, deram-lhe uma bacia de água com gelo para arrefecer as suas mãos excessivamente quentes.

Ao mergulhar as mãos, a água ferveu e a bacia rasa aqueceu até escaldar. Durante os seus últimos dois dias de vida, esta santa de coração

caloroso ficou com o sangue quente, literalmente. À medida que sangrava, o seu sangue em brasa aquecia os vasos (incluindo uma taça de prata) utilizados para o recolher e escaldava a sua pele. Quando faleceu, este "grande fogo que a consumia" permitiu que o seu cadáver retivesse calor durante um dia inteiro, enquanto as freiras aqueciam as mãos sobre o seu coração imobilizado.

Embora a piedade de Santa Catarina tenha perdoado muitas pessoas, o que não pode ser perdoado é qualquer rejeição imediata destas provas de super-hipertermia (ela própria uma forma de combustão humana espontânea). Nem a sua possível ligação à CHE clássica pode ser negligenciada.

Que quantidade de calor gerava a carne destes santos? O senso comum exigiria que, para a água gelada ferver ao nela mergulhar uma mão, a temperatura da mão teria de se manter por um tempo considerável a não menos de 212°F [100°C]. Isto sugere que Santa Catarina e Orsola Benincasa eram autênticas fornalhas vivas alimentadas pelo *incendium amoris* (ou por outra coisa qualquer) dentro delas!

Impossível?

A freira dominicana Maria Villani (1584-1670) também viveu o impossível. Além de lhe ser creditado um profundo conhecimento de teologia mística, nas palavras do seu biógrafo, o Fr. Francis Marchese, Maria tinha a reputação de ser "uma fornalha de amor, uma fornalha três vezes aquecida". Literalmente. Tinha de beber três galões e meio [13,2 litros] de água diariamente para arrefecer ou para reidratar o seu corpo "continuamente consumido por uma chama de amor quase insuportável". Testemunhas maravilhadas em Nápoles atestaram que, enquanto ela bebia água, ouviam "um som sibilante como o da água a cair sobre uma chapa de ferro em brasa".

A Venerável Serafina di Deo, uma freira carmelita do século dezassete em Capri, em vida "estava consumida por um fogo vivo e o seu sangue estava a ferver". Os médicos afirmaram que as "fervuras de sangue" de Serafina duravam até três dias de cada vez. Após a comunhão, o seu rosto brilhava com "uma chama vermelha e os seus olhos faiscavam de fogo" — tal como Filipe Néri.

A freira franciscana Francesca dal Serrone, de San Severino, tinha, tal como Maria Villani, uma ferida no seu lado. Desta ferida saía, e da sua boca vomitava, sangue "tão quente que estalou um vaso de barro utilizado para o receber, tendo de ser recolhido numa bacia de metal".

A hipertermia extraordinária não se limita a freiras e místicos italianos. O Cónego Martinon colocou a sua reputação clerical em risco quando, de pé diante da freira dominicana francesa Inês de Jesus, se declarou testemunha de que a água era "derramada sobre o seu peito para a arrefecer nos seus transportes de fervor ardente, e que a água fervilhava como água derramada sobre ferro em brasa".

Em 1798, Anna Catharine Emmerich, chamada o "Crucifixo Vivo" na sua cidade natal de Coesfeld, Alemanha, subitamente emitiu da sua cabeça de vinte e quatro anos "um forte mas não desagradável brilho de calor". Durante catorze anos a sua vida foi aparentemente comum... até 28 de agosto de 1812, quando, em êxtase, o seu peito queimou espontaneamente sobre si próprio a imagem de uma cruz de três polegadas [7,6 cm], após o que a sua pele empolou e verteu um fluido incolor "de um calor extraordinário".

B. Bhavan descreveu em *Sufis, Mystics and Yogis of India* (1971) um homem santo sufi que exibia um super-aquecimento extático. Tal era o seu êxtase que, antes de jantar, a sua lavagem de mãos tornava-se um fenómeno esterilizante: à medida que "a água caía nas suas mãos, passava a vapor". Como consequência, "a sua mão fica queimada e manchas e inchaços aparecem imediatamente nela".

Será que a Venerável Madre Beatriz Maria de Jesus, abadessa no convento espanhol das Clarissas em Granada, augura o desfecho definitivo (ou a ameaça) do *incendium amoris*? Entre 3 de novembro e o dia de Natal de 1664, ela experienciou "em quatro ou cinco ocasiões... uma daquelas conflagrações interiores que eram ocasionalmente características do seu estado de êxtase", testemunharam testemunhas fiáveis. Particularmente dignas de nota são as suas declarações de que, durante estas queimas interiores extáticas, o seu corpo expelia cinzas!

QUANTIFICANDO O CALOR CORPORAL SUPER-QUENTE

Estes exemplos de super-hipertermia são um problema da natureza mais profunda e complexa, quer procuremos no sobrenatural uma explicação, quer tentemos quantificar alguma força física ou psíquica anormal da qual o mundo tem estado, até agora, largamente ignorante.

O Dr. Norman Shealy, diretor do Pain Rehabilitation Center (LaCrosse, Wisconsin) e autor de *Occult Medicine Can Save Your Life*, demonstrou que, através de treino de biofeedback, uma pessoa pode controlar conscientemente a temperatura corporal até aos 104°F [40°C].

Swami Rama de Rishikesh, Índia, participou numa investigação de biofeedback na Fundação Menninger em 1970. Demonstrou um controlo preciso sobre o seu sistema nervoso autónomo e sobre o cérebro, o que incluiu uma diferença de temperatura de 10°F [5,5°C] induzida voluntariamente entre dois pontos na palma da sua mão (acima das artérias radial e cubital). O Dr. Elmer Green concluiu que Swami Rama utilizou a dilatação e a constrição das artérias para controlar o seu fluxo sanguíneo, logo, a temperatura da palma da sua mão. Uma proeza dramática, mas dificilmente capaz de fazer fumegar um pano encharcado em poucos minutos.

Em 1981, o Dr. Benson ligou termopares a três monges budistas tibetanos e mostrou que o praticante de *tumo* mais proficiente conseguia aumentar em 15°F (8,3°C) la temperatura no seu dedo do pé.[1] Benson concluiu que os monges eram capazes de aumentar o fluxo de sangue através de uma parte específica do corpo. (Se assim for, a proeza é tanto mais surpreendente porque a resposta normal do corpo ao frio é constringir os vasos sanguíneos e baixar a temperatura corporal nas extremidades.)

Estas descobertas são notáveis e situam-se mal no limiar da compreensão da medicina ocidental. Tais elevações voluntárias da temperatura corporal, embora fisiologicamente significativas, ficam no entanto muito aquém de atingir as temperaturas corporais de 130° a 171°F [54,4° a 77,2°C] que a medicina documenta, quanto mais de produzir a ebulição interna e a queima de fluidos corporais e da carne.

No entanto, a estes indivíduos pode ter faltado simplesmente a motivação (ou necessidade) para elevar ainda mais as suas temperaturas corporais através da aplicação consciente da vontade. Também não pode

ser descartado que os iogues dos Himalaias, agindo por instinto de sobrevivência, prefiram não demonstrar uma capacidade de gerar um *tumo* muito mais quente. Afinal de contas, para quê queimar-se a si próprio apenas para confundir um cientista — especialmente quando há uma elevada probabilidade de a ciência repudiar o espetáculo do sangue a borbulhar e de um ser humano em autocombustão de qualquer maneira?

Alternativamente, lesões cerebrais ou stresse extremo poderiam ser o gatilho que incendeia um ser humano. A anestesia pode lançar uma cadeia de eventos bioquímicos que causa a hipertermia maligna. O aquecimento involuntário do *incendium amoris* está frequentemente associado a espasmos e convulsões. Tal como as lesões em partes do cérebro criam amnésia ou memória fotográfica ou paralisia motora localizada, sinto que o stresse emocional extremo ou lesivo no sistema do hipotálamo no cérebro pode produzir aberrações térmicas violentas e intrigantes.

Para determinar a temperatura a que a água fervilha como se estivesse a ser "derramada sobre ferro em brasa", realizei uma experiência simples na cozinha. Um bico de fogão a menos de 140°F [60°C] não conseguiu fazer fervilhar as gotas de água, indicando que as temperaturas da pele de Maria Villani, Santa Catarina e Orsola Benincasa (entre outras[2]) deveriam ser de pelo menos 140 a 150°F [60° a 65,5°C].

Dado que a pele é um mau condutor de calor — o pessoal da Força Aérea dos EUA sobreviveu à exposição a temperaturas de 500°F [260°C] durante experiências realizadas em 1960 —, o interior do corpo de Maria deveria estar ainda mais quente. Quão quente é impossível de estimar, logicamente. Temos, sim, a declaração do Cardeal Crescenzi de que queimou a sua mão ao tocar na pele de São Filipe Néri; além de numerosas declarações de que se viu o sangue a correr através de uma pessoa viva a ferver — não radiantemente quente, mas a borbulhar de calor, quente o suficiente para tornar o metal quase intocável.

Estes testemunhos, por mais desconfortáveis que sejam para os percipientes e inquietantes para a medicina, deveriam ser interpretados de forma bastante literal: por dentro, um corpo humano pode aquecer-se a si próprio até ao ponto de ebulição, talvez além dele. Terei mais a dizer sobre isto mais tarde.

Os fenómenos físicos não se restringem aos chamados homens santos. Pessoas comuns alcançam por vezes, de forma espontânea, as mesmas capacidades maravilhosas que os iogues ascéticos e os santos extasiados passam décadas a tentar aperfeiçoar. A revelação espiritual e/ou fenómenos físicos milagrosos podem descer sobre o homem e a mulher comuns e insuspeitos, como os testemunhos das vidas de São Paulo e Filipe Néri atestam.

A termogénese excessiva é um de muitos "talentos selvagens" que, chegando sem aviso e provavelmente sem serem bem-vindos, podem levar ao espanto, à consternação, por vezes ao desconforto, até à morte.

Morte por CHE, inclusive?

Considere-se William Eckle, de Rochester, Nova Iorque, que faleceu a 10 de julho de 1912, vítima daquilo a que o *The Daily Record*, dois dias mais tarde, chamou "uma condição invulgar". Subentendido jornalístico. Os cirurgiões disseram que Eckle tinha ardido até à morte internamente devido a uma temperatura corporal prolongada de pelo menos 108°F [42,2°C], resultando em os seus órgãos internos estarem "todos murchos e secos".

A conclusão dos cirurgiões: o próprio corpo de Eckle queimou-o vivo, de dentro para fora.

E isso não se enquadra na definição de CHE?

A hipertermia tem assolado a humanidade há milhares de anos, aquecendo inexplicavelmente os corpos agonizados de inúmeras pessoas. As pessoas causam a si próprias danos graves, até fatais, quando os termóstatos biológicos avariam e fritam os seus corpos... reduzindo talvez alguns milhares a cinzas. Ela e o *tumo*, o *incendium amoris* e a CHE estão provavelmente relacionados de alguma forma através da interação da consciência do enfermo e dos processos biológicos. O mecanismo preciso aguarda descoberta.

Entretanto, há alguns anos, um elemento da equipa de produção do *The David Letterman Show* disse-me (com toda a seriedade) que o programa me convidaria com todo o gosto para falar sobre CHE, mas apenas se eu levasse comigo alguém para demonstrar como fazer uma cinza de si próprio em frente às câmaras. Como a aparição seria naturalmente

breve (para não dizer provavelmente fatal) para o convidado que teria de se incendiar sob comando, recusei a oportunidade. História verídica.

11

Kundalini, Chi e Chakras:

O FOGO-DA-SERPENTE INTERIOR

Sentimos que reter dados é evasivo e, a longo prazo, destrutivo para o espírito da ciência. Se os modelos de hoje se provam inadequados, é porque os de amanhã serão melhores. Não só o investigador e o escritor, mas também o leitor deve aqui fazer um esforço especial para ser objetivo.

— Lee S. Sannella, M.D. *Kundalini—Psychosis or Transcendence?* (1976)

O capítulo anterior levou-nos para além do conhecimento médico padrão para a geração de temperatura corporal, tal como a CHE nos leva para além dos poderes concedidos ao corpo humano inteiro pelos modelos médicos atuais. Não vejo qualquer razão para parar o estudo da CHE e da termogénese humana anómala no *tumo* e no *incendium amoris*, contudo. Muitos mais mistérios aguardam. Não irei reter dados.

Em 1989, Teresa Miskell colocou as suas mãos sobre um amigo para canalizar energia destinada a curar uma maleita. O poder do seu toque surpreendeu ambas as pessoas quando, após vários minutos, ela afastou as mãos e descobriu dois contornos perfeitos das suas palmas e dedos no vestido do amigo — como se um ferro quente com o formato das suas mãos tivesse chamuscado o tecido. Ambas as senhoras insistiram que estas marcas não se deviam à descoloração provocada pela transpiração, mas resultavam da queima real do tecido.

Em 1963, um professor de meia-idade que dormitava acordou para confrontar o mistério de uma bolha de três polegadas [7,6 cm] que aparecera espontaneamente na sua coxa onde a sua mão descansava. Procurando a razão por trás desta CHE parcial e autoinduzida que a sua mente racional lhe dizia que não deveria acontecer, começou a estudar metafísica e Zen. Durante uma meditação, quatro anos mais tarde, o seu

corpo resplandeceu novamente, com uma diferença. O Dr. Lee S. Sannella contou no seu livro, *Kundalini—Psychosis or Transcendence?* (1976), como o professor "ficou envolvido por uma luz dourada brilhante que durou vários minutos. Algumas semanas mais tarde, isto ocorreu de novo". Corpo resplandecente, preparatório para corpo em chamas? *Ignis lambens*, como prelúdio para *ignis incendium*?

Um dia em 1968, uma bibliotecária de quarenta e quatro anos descansou as mãos sobre uma mesa de madeira e entrou num estado hipnagógico no ambiente relaxante da biblioteca. O que transpira a seguir não poderia ser referenciado em nenhum manual da sua biblioteca. Disse o Dr. Sannella: "Ela acordou e encontrou marcas carbonizadas que danificavam profundamente a mesa e correspondiam às marcas das suas mãos." As suas mãos tinham-se tornado como atiçadores em brasa a calcinar-se no tampo da mesa, contudo a sua carne não revelava o mais pequeno ferimento! Ficaríamos receosos de apertar a mão a esta mulher —

No interior destas três pessoas profissionais, uma força destruidora de paradigmas estava em atividade. Combustão humana espontânea limitada e externalizada; um halo de luminescência dourada a envolver o corpo, denominado *ignis lambens* pelo sacerdócio; e explosões projetadas pelas palmas das mãos de energia que chamusca tecidos e carboniza mesas. E, de cada vez, o fogo é precedido por um estado de consciência alterada.

Esta é, de facto, a faixa que a combustão espontânea por humanos pode produzir.

De facto, mãos humanas quentes queimaram centenas de artigos, muitos em exibição no museu Sacro Cuore del Suffragio, junto ao Vaticano.

Levantam-se questões, cada uma a exigir um esforço especial para ser objetivo. A mais óbvia é: Como? A termogénese humana normal revela-se certamente inadequada para responder a esta questão. Vertentes psicológicas e psicossomáticas para descartar o aquecimento interno percebido como ilusório falham, também, perante tecidos chamuscados e madeira carbonizada. É necessário um modelo melhor. O Dr. Sannella acredita que o "modelo melhor" para os seus exemplos de CHE limitada é a Kundalini. Concordo.

O FOGO DA SERPENTE INTERIOR

Se conhece a Kundalini, então provavelmente já concorda com o Dr. Sannella. Se Kundalini é um termo que não lhe é familiar, uma breve incursão pelas tradições esotéricas que precedem a medicina ocidental em milhares de anos ajudá-lo-á a compreender o que é a Kundalini, por que razão tem sido associada a estes três casos de CHE e como pode fornecer uma solução geral para os quebra-cabeças contínuos da CHE.

Como me foi ensinado na ciência da escola primária, os nossos corpos são constituídos por átomos; ou, se pertence à geração mais jovem que se encontra atualmente na escola, por quarks e leptões. No final, somos, por mais minuciosamente subdivididos que estejamos, um padrão especial de energia dinâmica. Textos esotéricos hindus, védicos e tântricos dizem que o sistema de energia subtil do corpo é composto por *prana*. O *prana* é o combustível biológico quase-eletromagnético que energiza cada tecido e célula. Esta energia vital e fundamental que é o verdadeiro "eu" tem muitos nomes: *prana*, *chi*, *ki*, *gi*, o Espírito Santo, bioplasma... e mais uma dezena, dependendo da cultura que a descreve.

Seja qual for o nome, o *prana* envolve e permeia os tecidos brutos do corpo, diz Gopi Krishna em *The Dawn of a New Science*. O *prana* é "uma eletricidade viva, agindo de forma inteligente e determinada, que controla a atividade de cada molécula de matéria viva. Carrega o princípio da vida de um lugar para o outro", explica ele, e "energiza, examina e purifica os neurónios e mantém a área subtil dadora de vida [alma] do corpo, da mesma forma que o plasma sanguíneo mantém a parte mais bruta". Esta energia é crucial para a homeostase do corpo. A doença, até a morte, resulta se uma interação grosseiramente desequilibrada da mente, do corpo e do ambiente bloquear o fluxo natural e irrestrito do *prana*.

Kundalini, uma palavra em sânscrito que significa "enrolada", é um dos mecanismos para concentrar o movimento do *prana* ultra-potente. A tradição diz que a Kundalini reside copada numa área chamada *kanda* na base da espinha. Desperta na vida de alguém apenas raramente, se é que o faz; desenrolando-se naturalmente, agita-se geralmente de forma suave, mas pode surgir em direção ao cérebro como cargas positivas no golpe de retorno de um raio.

A Kundalini é o mecanismo mais poderoso no corpo porque é tanto energia como consciência, de acordo com uma comunicação pessoal de Gene Kieffer, diretor da Kundalini Research Foundation. Envolve todo o

sistema nervoso e o cérebro. Por conseguinte, a Kundalini está em cada pessoa e pode afetar todos os aspetos do ser de uma pessoa.

O *prana* e a Kundalini são distintos da anatomia tangível e da bioeletricidade que os profissionais da medicina ocidental estão habituados a tratar.

"O neurofisiologista médio ainda pensa em termos de moléculas", diz Kieffer, "o que é dificilmente suficiente para desenvolver uma compreensão da Kundalini. É por isso que o físico teórico está muito melhor equipado para compreender o fenómeno. A Kundalini é o 'canal' que liga o universo não manifestado, ou seja, as forças contidas no átomo, e o mundo sólido dos átomos, moléculas, etc.

"As pessoas dizem que obtemos a nossa energia do ar que respiramos e dos alimentos que comemos, e tudo isto é verdade. Mas quando a Kundalini é despertada, há uma libertação de energia muito superior à que pode ser extraída do ar e dos alimentos. De onde vem esta energia? Deve vir da fonte inesgotável dentro do átomo. A ciência diz-nos que há mais energia contida num centímetro cúbico do que a contida em 3 milhões de libras [1360 toneladas] de TNT (por exemplo). Esse centímetro cúbico de 'espaço vazio' existe na estrutura humana, naturalmente."

A afirmação de Kieffer sobre a Kundalini enquadra-se perfeitamente no conceito subjacente à teoria do pirotrão subatómico para Mary Reeser, cujo corpo transformou o seu "espaço vazio" numas escassas libras de cinzas.

Assim que a Kundalini se desenrola do *kanda*, surge pela espinha acima através de um *nadi* (canal nervoso) central chamado *sushumna*, um de 720 000 000 de *nadis* num corpo humano, diz Swami Muktananda em *Kundalini: The Secret of Life* (1979). Dois canais subsidiários, o *ida* e o *pingala*, cruzam-se com o *sushumna* e ajudam a guiar a Kundalini até ao topo da cabeça e para o interior do cérebro. O canal frio de *ida* (energia yin), que viaja ao longo do lado esquerdo da espinal medula, é chamado de "nervo lunar" pelos iogues; o canal quente de *pingala* (energia yang) é o "nervo solar" que viaja ao longo do lado direito da espinal medula. O *ida* e o *pingala* aparecem juntos como duas serpentes que ascendem entrelaçadas em redor do canal nervoso energizado *sushumna*, prontas para atacar o cérebro.

Esta poderosa corrente de vida da "serpente de fogo" é um caduceu vital e energizado — curiosamente, o símbolo que a medicina ocidental adotou para se representar a si própria como curadora! (O caduceu-serpente é também um símbolo muito antigo: podem encontrar-se representações já cerca de 2000 a.C. no famoso vaso de libação do Rei Gudea de Lagash.)

Ao longo da sua viagem pela espinha acima, a Kundalini flui ao longo de vias específicas chamadas meridianos para atingir os sete principais centros de poder do corpo, chamados *chakras*.[1] Geralmente, diz-se que os *chakras* se situam na base da espinha; na área genital; atrás do umbigo, na base das costelas; perto do coração, no centro do peito; na garganta; entre e atrás das sobrancelhas, na glândula pineal; e perto da pituitária, na cabeça.

Estes *chakras* — plexos nervosos — irradiam energias coloridas chamadas auras e têm sido descritos por líderes espirituais orientais há milhares de anos e, atualmente, por inúmeros clarividentes. Recentemente, foram confirmados por experiências eletrónicas quantitativas conduzidas por Valerie V. Hunt, Ed.D., professora emérita na Universidade da Califórnia (Los Angeles). Ela disse-me que a sua investigação, relatada como "Energy Field Studies—Electronic Aura Study" no *Project Report: A Study of Structural Integration from Neuromuscular, Energy Field, and Emotional Approaches*, concluiu que "a relação entre estados emocionais e a cor áurica deve ser vista como factos e não como julgamentos subjetivos".

Idealmente, a Kundalini energiza cada *chakra* numa atividade acelerada que beneficia a pessoa. Esta "abertura" do *chakra* permite que o *chakra* imediatamente superior seja ativado por sua vez, até que o corpo inteiro fique resplandecente — por vezes literalmente, segundo se diz — com uma energia acrescida.

Dois *chakras* áuricos e os seus atributos emocionais são de especial interesse aqui. A subida inicial da Kundalini encontra primeiro o *chakra* mais baixo (*muladhara*), associado à autopreservação; o impulso para a sobrevivência pessoal. O terceiro *chakra* (*manipura*) — o plexo solar — está localizado na base da caixa torácica e está associado à vitalidade e ao impulso para o poder. O *chakra* do plexo solar, também associado a sentimentos e emoções, é considerado um dos centros de energia mais poderosos do corpo.

Notas:

[1] Respeitou-se a numeração das notas conforme indicado no original. Nas referências a unidades de medida, manteve-se a terminologia textual em português com a respetiva conversão métrica entre parênteses retos para maior clareza de leitura.

A Kundalini também pode viajar para além dos chakras através de meridianos que ligam os órgãos do corpo a pontos de acupuntura na superfície do corpo (sendo a própria pele o maior órgão do corpo). Os chakras são análogos ao sistema nervoso central da espinal medula; os meridianos ao sistema nervoso periférico que se estende (juntamente com os nervos autónomos) para lá da espinal medula. Por outras palavras, o corpo inteiro está cablado para canalizar o fluxo de *prana* acelerado pela Kundalini, tal como está cablado com nervos para transmitir informação sensorial.

A conclusão bem-sucedida do ciclo natural e desimpedido de movimento da Kundalini através de todos os chakras do corpo é a iluminação — a autorrealização.

A ativação da Kundalini também pode ser incentivada por técnicas físicas e mentais específicas. O *Mundaka Upanishad* e o *Mahakala Nidhi*, entre outros textos orientais, explicam como uma pessoa pode elevar e direcionar esta energia subtil através de canais específicos que permeiam o corpo para atingir a consciência transcendente. Esta manipulação não é, contudo, uma empresa para o curioso de espírito fraco. A Kundalini tem um lado negativo, alertam os textos antigos. Um aviso baseado em milénios de experiência e sabedoria que diz "Perigo!".

Um corpo e uma psique despreparados para o poder de uma Kundalini despertada podem exibir vários *siddhi* (capacidades supernormais) espontâneos, que podem levar a danos físicos ou psicológicos, temporários ou permanentes; mínimos ou graves. Contorções involuntárias, afrontamentos e uma variedade de fenómenos psíquicos (incluindo a psicocinese) estão entre os efeitos secundários que podem assolar o corpo e atormentar a mente durante o ímpeto da Kundalini, diz W. Thomas Wolfe, um estudioso da Kundalini que descreveu as suas próprias experiências dramáticas com o fogo-da-serpente no seu livro *And the Sun Is Up: Kundalini Rises in the West* (1978).

Kieffer alerta que, se este fluxo acrescido de nova bioenergia for impedido, a loucura e algo pior tornam-se prováveis. "No caso da insanidade e da psicose", diz ele em *Kundalini for the New Age* (1988), "encontra-se quase invariavelmente as pessoas afetadas a queixarem-se de sensações, queimaduras, uma luz terrível, fogo...".

Wolfe relata um dos desfechos: "Em alguns casos muito violentos, os homens eram arrebatados completamente para fora deste mundo com um estrondo de trovão acompanhante e um restolho de fumo que desaparecia rapidamente."

Hum. Será que estamos no bom caminho aqui?

MOMENTOS QUENTES, KUNDALINI E CHI

O poder da Kundalini a mover-se pelo corpo pode ser comparado à corrente elétrica numa lâmpada e à água numa mangueira. Se o filamento da lâmpada for grosso e oferecer grande resistência a uma corrente fraca, o movimento de energia é impedido e a lâmpada brilha debilmente, na melhor das hipóteses; se o tungsténio for fino e a corrente moderada, a lâmpada resplandece de luz; se for frágil e a amperagem da corrente for demasiado grande, o filamento derrete e a lâmpada morre. A água sob pressão produz o chicotear violento de uma mangueira de jardim estreita e frágil, mas mal flete uma mangueira de bombeiros maior e mais forte.

O poder devidamente equilibrado alcança resultados construtivos; demasiado poder a mover-se através de um canal demasiado constrito cria o caos. Conforme o Dr. Sannella conclui a analogia: "da mesma forma, o fluxo de Kundalini através de canais obstruídos dentro do corpo ou da mente causa movimentos nessas áreas até que as obstruções tenham sido lavadas e os canais alargados."

Até que isso aconteça, o poder canalizado pelas serpentes gémeas da Kundalini pode produzir uma variedade de sensações e fenómenos físicos. A maioria destes está fora do âmbito de exploração de *Ablaze!*, por mais fascinantes que sejam. Um *siddhi* relacionado com a Kundalini que não está, como poderá adivinhar, é o aquecimento supernormal do corpo por meios aparentemente bastante independentes do hipotálamo.

"As temperaturas corporais que disparam muito acima do normal são geralmente atribuídas à febre, mas nesses casos a temperatura raramente

excede os 104°F [40°C]", respondeu Gene Kieffer às minhas perguntas sobre a Kundalini e a hipertermia humana extrema. "Isto deixa — na minha opinião — apenas uma explicação para temperaturas que estão muito para além dos 104°F [40°C], e essa explicação é a Kundalini. Se existe alguma outra explicação oferecida pela ciência, eu não a conheço." Como diretor da Kundalini Research Foundation, Kieffer possui um conhecimento que merece uma consideração séria.

As provas do aquecimento pelo "fogo" da Kundalini são ricamente variadas e generalizadas. O povo !Kung do Deserto do Calaari esforça-se por despertar em si próprio o *n/um*, uma energia aparentemente comparável à Kundalini. R. Katz, que estudou esta tribo africana, escreveu no *Journal of Transpersonal Psychology* (2 de novembro de 1973) que "O *n/um* faz-nos tremer; é quente".

Ajit Mookerjee, na sua obra *Kundalini—the Arousal of the Inner Energy* (1989), chama à Kundalini a "corrente térmica mais poderosa" do corpo. Na Índia, Swami Narayanananda escreve em *The Primal Power of Man* (1960) sobre a ascensão da Kundalini: "Há uma queima pela coluna acima e por todo o corpo." O santo indiano Ramakrishna tinha falado um século antes sobre a "Corrente Espiritual" — o seu termo para a Kundalini, conforme citado em *The Mythic Image* de Campbell (1974) — e a sensação que esta produz: "O lugar onde ela repousa parece fogo."

A filosofia oriental e as disciplinas marciais falam do *qi*, a matriz primordial da energia da vida. A tradição médica chinesa polariza esta energia vital em *yang* (positivo/masculino) e *yin* (negativo/feminino), afirmando enfaticamente que ela e os seus oitocentos canais são totalmente distintos da natureza elétrica do corpo tal como identificada pela ciência ocidental.

Além disso, os chineses dizem que a energia vital de uma pessoa é afetada pelo clima, pelas fases solares e lunares e pela radiação cósmica; mais os humores internos, pensamentos, traumas físicos e mentais e agulhas de acupuntura. Eles veem sabiamente o homem de forma holística; interligado a todos os aspetos do seu ambiente interno e externo.

"O *qi* está armazenado mesmo abaixo do umbigo, na área do plexo solar", disse-me o Dr. David Cannon após a sua viagem à China em 1988 para estudar as maravilhas da medicina oriental. Ele aprendeu que o *qi*

canaliza uma "substância semelhante à morfina" libertada pelo cérebro em conjunto com a manipulação de meridianos pela acupuntura. Disse que a sua potência podia variar duzentas vezes dependendo de estímulos externos, e assistiu a partos por cesariana realizados em mães "totalmente alertas e conscientes do que estava a acontecer", anestesiadas com nada mais do que duas agulhas semelhantes a alfinetes em cada extremidade da incisão!

O *qi* também pode ser amplificado por um processo biológico chamado *qi gong*. O *qi gong* reflete os atributos hindus da Kundalini, aprende-se no fascinante livro de Paul Dong, *The Four Major Mysteries of Mainland China* (1984). Um destes mistérios é a função humana excecional (FHE). Estudos conduzidos no Instituto de Física de Alta Energia de Pequim e noutras academias na China indicam que o *qi gong* induz a FHE, produzindo a mesma gama de fenómenos biológicos anómalos que está associada à Kundalini.

As provas de FHE térmica incluem termografias tiradas da mão do mestre de *qi gong* de Pequim, Dr. Zhao Guang, que documentam a sua capacidade de produzir um "aumento acentuado de calor" na palma da sua mão ao longo de um intervalo de dezoito minutos, utilizando apenas o movimento voluntário do *qi* em si próprio. Apoio adicional para o aquecimento por FHE biológica do *qi* vem do respeitado cientista Stanley Krippner, Ph.D. Após a sua própria viagem à China para estudar a FHE, Krippner afirmou num pós-fácio ao livro de Dong que o *qi gong* produz de facto "diferenças quando o calor corporal é medido e quando as qualidades elétricas dos pontos de acupuntura são medidas".

"O elemento vital é quente", escreve C. Luk no seu estudo da tradição taoista chinesa, *The Secrets of Chinese Meditation* (1972). O *qi* de uma pessoa, quando acelerado pelo *qi gong*, continuou ele, "pode até tornar-se brilhante e percetível para o meditador. Em meditadores excecionais, causa a iluminação de uma sala escura percetível para os outros".

Recorda-se o resplandecente *ignis lambens* que o professor em meditação viu em redor do seu corpo durante a meditação.

A SERPENTE DE FOGO ERGUE-SE

A Kundalini (ou o *qi gong*) não é desconhecida no Ocidente, embora as poucas referências culturais a ela sejam frequentemente veladas. Aqui, a

preponderância das provas — o pouco que foi registado — não é tradicional, mas sim pessoal, anedótica.

Nos Estados Unidos, por exemplo, a prática médica do Dr. Sannella lidou com vários casos de anomalias térmicas que ele atribuiu à Kundalini e à meditação. Num caso, um escritor saudável de quarenta anos registou uma temperatura de 101°F [38,3°C], que desceu em poucos minutos para 99°F [37,2°C], embora a sua mão se tenha tornado rapidamente em 104°F [40°C].

Mas no caso de uma psicóloga de quarenta e um anos que se preocupava com o facto de o seu calor corporal excessivo — que os outros sentiam quando lhe tocavam — poder ser prejudicial para si própria, Sannella concluiu que a sua hipertermia era induzida pela Kundalini "devido a bloqueios residuais e conflitos não resolvidos que estavam trancados no seu corpo".

A descrição mais instrutiva de Kundalini que encontrei a acontecer a um ocidental é oferecida por W. Thomas Wolfe. No contexto da CHE, é particularmente fascinante.

Imagine-se a viver o dia a dia alheio a uma bomba-reógio silenciosa de energia potente que jaz adormecida no seu corpo. Foi assim que Wolfe viveu, até apanhar o choque (literal) da sua vida no início de 1975. Descreveu a sua introdução ao fogo-da-serpente em *And the Sun Is Up*:

E então um dia acontece. É como se o corpo tivesse acumulado tanta energia que já não consegue reter mais sem rebentar pelas costuras. E agora, enquanto o indivíduo está a descansar ou a meditar, ocorre a subida da energia acumulada. Na maioria dos casos, o ímpeto é tão poderoso que o indivíduo perde a consciência do seu corpo enquanto mantém uma espécie de consciência interna. Durante este período, experiencia-se a si próprio como um ser desincorporado de pura energia. Ou talvez experiencie um êxtase profundo, ou veja uma visão magnífica e avassaladora de Deus — é diferente para cada indivíduo.

Ou talvez, por um qualquer número de razões diferentes, o indivíduo embarque num *siddhi* unidirecional de termogénese supernormal que começa com uma ligeira febre, escalando depois para um aquecimento transcendental à medida que se formam manchas vermelhas na pele, culminando na CHE de queimaduras de terceiro grau (ou pior).

Isso não aconteceu a Wolfe, obviamente, muito embora ele tenha dito que "sensações de calor... tinham-se inflamado numa conflagração total que viajou lenta mas seguramente por toda a minha cabeça, produzindo muitos efeitos invulgares". Quão perto ele esteve de ver essa imagética figurativa tornar-se literal, não se sabe.

Os muitos "efeitos invulgares" que ele atribuiu à Kundalini dentro de si são particularmente dignos de nota em ligação com a CHE. Primeiro, o seu estômago "ficou muito quente" e depois a sua coluna inferior "ficou muito quente", anotou no seu diário. Isto sugere que a sua Kundalini estava inicialmente bloqueada, causando super-aquecimento à medida que se movia para cima em direção ao seu *chakra* do plexo solar.

(Digno de nota é que, em muitos episódios clássicos de bolas de fogo humanas, a energia parece originar-se no abdómen inferior da vítima — local do *chakra* do plexo solar e referido esotericamente como a fornalha prânica do corpo — e depois irradia para o exterior a partir dali.)

Depois de a sua Kundalini ter rompido e avançado para o seu torso superior, ele escreveu: "Notei um ligeiro endurecimento de todos os músculos do torso numa posição bloqueada, como se estivesse a ser constrangido num campo de forças." Diz-se que este endurecimento do torso e bloqueio dos músculos é bastante comum em místicos que excitam a sua Kundalini. Earlyne Chaney descreveu em *Remembering: The Autobiography of a Mystic* como o seu corpo inteiro se tornou imóvel à medida que o seu sistema muscular bloqueava rigidamente durante o seu próprio movimento de Kundalini.

Este fenómeno pode, em contexto, explicar a razão pela qual as vítimas de CHE parecem muitas vezes não fazer qualquer esforço para escapar ao fogo que as envolve. Se a Kundalini subir como um foguete a uma velocidade superior a 300 pés por segundo (205 MPH [329,9 km/h]), excederia a capacidade dos nervos para transmitir sinais de dor ao cérebro. A vítima literalmente nunca sentiria a serpente fogosa a mover-se para cima e para fora a partir do seu plexo solar ou a correr em direção ao seu coração e cabeça. E se a Kundalini de alguém se movesse de forma menos rápida? Um efeito secundário frequente da Kundalini é uma dessensibilização ou bloqueio da transmissão de impulsos neurológicos do corpo, oferecendo assim novamente uma explicação para o facto de uma vítima de CHE não reagir à dor esperada da queimadura. E se a transmissão

de dor intensa chegar a registar-se como consequência de uma hipertermia intensa, o sistema neuromuscular imobilizado impede qualquer fuga. A vítima simplesmente não se consegue mover, mesmo que tentasse.

O diário de Wolfe sobre as suas experiências com a Kundalini aborda outro dos efeitos secundários invulgares do fogo da serpente: "Apanhei logo a notar uma fragrância muito forte dentro do quarto, como uma flor ou um perfume doce. Um breve período de vertigem acompanhou o aroma. Mais tarde, à hora de deitar, notei a Kundalini a apertar..."

Uma perceção subjetiva? A ilusão esquizofrénica de uma mente perturbada? Wolfe insistia que a sua fragrância pessoal e redolente "estava a emanar de dentro, era perfeitamente real".

A ausência do odor nocivo característico da carne queimada, por vezes suplantado por um "cheiro a perfume doce" como Don Gosnell encontrou no apartamento do Dr. Bentley, é uma marca frequente da CHE clássica... e uma das suas mais intrigantes. Tem deixado os investigadores perplexos. Tem permitido aos críticos da CHE sorrirem com desdém perante este fenómeno imponderável, embora frequentemente relatado, permitindo-lhes assim desmenti-lo juntamente com os corpos consumidos pelo fogo que gostariam de nunca considerar.

Os críticos terão de mostrar a razão pela qual a fragrância de Wolfe, nascida do fogo interno, não é real, e por que razão os textos hindus cheios de descrições de cheiros aromáticos emanando de pessoas dotadas de Kundalini deveriam ser igualmente descartados.

Outra nota do diário de Wolfe sobre aquilo a que chamou o seu "batismo pelo fogo" é duplamente pertinente.

Uma noite, cerca de seis meses após começar a experienciar a Kundalini, Wolfe sentou-se depois do jantar em frente à sua televisão para descansar. A sua mente estava cansada, o seu corpo exausto. Logo sentiu a Kundalini a subir dentro de si, o que considerava não ser invulgar após jantar. Segue-se a entrada do seu diário: "Estava quase a adormecer quando fui atingido — e atingido é a palavra certa — por um ímpeto de meio segundo de corrente extremamente pesada no topo da minha cabeça, na área da coroa. Foi como se alguém me tivesse batido com um martelo. O golpe foi extremamente vigoroso, despertando-me sob choque. Não pude

deixar de pensar que um fusível se tinha fundido algures. Perguntei-me que parte de mim teria sido queimada."

Primeiro, encontramos uma ligação entre o aspeto térmico da Kundalini e o relaxamento. Não será significativo que a maioria dos episódios de CHE examinados até agora tenham ocorrido quando a vítima estava relaxada, a dormir ou num estupor alcoólico? O Dr. Sannella reforça esta ligação quando concluiu que os sintomas da Kundalini (incluindo o calor) "ocorrem habitualmente durante meditações ou períodos de repouso, e cessam quando o processo está concluído".

O autor conhece alguns amigos que experienciam, ocasionalmente, acordar sentindo-se bastante confortáveis — até se moverem para sair das suas camas ou sofás. Com a sua agitação surge um calor súbito e instantâneo; assustadoramente quente por vezes, dizem eles, e geralmente de curta duração. Mas muito desgastante para os nervos.

Será que a produção de super-febres semelhantes ao *tumo,* a formação de bolhas isoladas na pele e nos membros ou, raramente, a CHE total do indivíduo em repouso acompanham por vezes a conclusão da Kundalini? Wolfe admitiu compreensivelmente que o seu sentimento de estar a ser "queimado" o preocupava, embora duvide que ele se tenha apercebido de que um potencial para a CHE o poderia ter deixado incapaz de continuar as entradas no seu diário.

Segundo, enfrentamos a questão da intensidade de ativação da Kundalini. Wolfe poderia ter ficado muito mais preocupado se soubesse o que o diretor da Kundalini Research Foundation me disse. "Há quase sempre um calor considerável associado aos fenómenos da Kundalini", revelou Gene Kieffer, "especialmente se o despertar for espontâneo e vigoroso. Este calor pode tornar-se tão intenso ao ponto de causar mortes".

Felizmente, o encontro de Wolfe com la Kundalini, embora espontâneo, não foi forçado nem intenso. Fez com que pensasse e sentisse que uma parte de si estava a ser queimada, mas para além de mudar o seu sistema de crenças para sempre, não deixou qualquer lesão fisiológica duradoura. Mas poderá ser provado que outros possam não ter tido tanta sorte quando sentados ou deitados, a relaxar ou a dormitar mesmo antes de um batismo vigoroso e espontaneamente catastrófico pelo fogo interior?

GOPI KRISHNA E O SEU FOGO DE KUNDALINI

A presença de uma anatomia invisível e psíquica dentro do corpo humano foi identificada há muito tempo pelas profissões de cura no Egito, China, Índia e noutros locais, mas foi vigorosamente rejeitada pela atual filosofia alopática da medicina ocidental. Tardiamente (mas felizmente), alguns médicos ocidentais começaram a prestar atenção aos ensinamentos dos seus antecessores antigos e dão agora crédito à existência e função de um corpo-energia subtil dentro do (e na verdade maior do que o) corpo físico que estão treinados para tratar.[2] Os Drs. Deepak Chopra, Larry Dossey, Richard Moss, Bernie Siegel e Carl Simonton, entre outros, desafiaram os dogmas da medicina ocidental com investigações que confirmam o poder do pensamento para reestruturar o corpo enfermo e desequilibrado de volta à energia saudável.

Notas:

[1] Respeitou-se a numeração das notas conforme indicado no original. Nas referências a unidades de medida, manteve-se a terminologia textual em português com a respetiva conversão métrica entre parênteses retos para maior clareza de leitura.

O Pandit Gopi Krishna não era médico, mas cativou o interesse de muitos homens de ciência quando falava sobre a cura do corpo, da mente e da consciência da humanidade. Nascido no norte da Índia no seio de uma família pobre, Gopi Krishna passou a maior parte da sua vida em Srinagar, Caxemira. Apesar das suas origens humildes, ganhou o título honorificência de *pandit* (que significa "homem douto") e viajou pelo mundo como um — alguns disseram o — principal porta-voz do potencial evolutivo da humanidade.

A sua ascensão da obscuridade começou quando experienciou, em idade precoce, e durante muitos anos sofreu com isso, uma força estranha e poderosa a erguer-se dentro do seu corpo. Tratava-se, dizia ele, do *prana* tornado autonomicamente ultra-potente pela Kundalini.

No seu livro *Kundalini: The Evolutionary Energy in Man* (1967), Gopi Krishna descreveu as suas batalhas contra a Kundalini, que o faziam sentir-se como se estivesse no limiar de arder por dentro. Era como se "uma língua ou chama... um jato de cobre fundido... uma lufada abrasadora tivesse corrido por cada poro do meu corpo", escreveu.

Lembrou-se da advertência de um guru de que, se o despertar ocorresse no lado direito da espinha, então "o infeliz homem é literalmente queimado até à morte devido ao calor interno excessivo, que não pode ser controlado por qualquer meio externo". Gopi Krishna ficou horrorizado. "O que me tinha acontecido de repente?", perguntou a si próprio. "Que poder diabólico do submundo me mantinha no seu abraço implacável? Estaria eu condenado a morrer desta forma terrível, deixando um cadáver com o rosto e os membros enegrecidos para fazer as pessoas perguntarem-se que horror inédito se tinha abatido sobre mim como castigo por crimes cometidos numa vida anterior?"

O seu tormento interior foi notado também por outros. "Os filhos de Gopi Krishna disseram-me que, quando o calor era intenso, as bochechas do pai 'brilhavam como carvão'. Ora, eles não estavam a falar metaforicamente", escreveu-me Gene Kieffer, um confidente da família Krishna. "Além disso, disseram que, durante um período de tempo, Gopi Krishna consumia mais de 200 libras [90,7 kg] de cana-de-açúcar por dia; que comia tanta comida num só dia como 30 homens trabalhadores consumiriam num mês. Sabemos que assimilar quantidades tão prodigiosas de comida requer um calor tremendo."

Estas exibições visíveis e metabólicas de um calor interno impressionante ocorriam quando os canais *ida* e *pingala*, que regulam a Kundalini ao longo do *sushumna* da sua coluna vertebral, ficavam desequilibrados, percebeu Gopi Krishna. Ali residia também a sua salvação. Lembrou-se de que a energia refrescante de *ida* podia contrabalançar o fogo de *pingala,* do lado direito.

Enfrentando o que parecia ser uma hipertermia fatal iminente, focou a sua consciência em arrefecer a área do seu sistema espinal neuroprânico onde o desequilíbrio nas serpentes gémeas tinha represado o fluxo natural da Kundalini num chakra fechado (desequilibrado). "Naquele estado extraordinário de consciência, prolongado, agonizante e exausto", escreveu ele, "senti distintamente a localização do nervo [*ida*] e esforcei-me arduamente, mentalmente, para desviar o seu fluxo para o canal central. Então, como que à espera do momento predestinado, aconteceu um milagre."

Calor, fogo interior e a possibilidade de morte súbita! Mais um indício de CHE.

O milagre para Gopi Krishna foi que, por um ato de vontade, triunfou sobre a sua tempestuosa provação interior pelo fogo, que durou três horas. Tinha sobrevivido. Perguntei-me se a Kundalini o poderia ter derrotado, culminando na CHE clássica, caso não tivesse sido capaz de desarmar a caixa de calor da Kundalini bloqueada. *Gopi Krishna sabe!*, pensei.

Em 1979, tive a oportunidade de lhe perguntar. Ele reiterou que a "eletricidade viva" da Kundalini é a bioenergia fundamental da vida e voltou a enfatizar o perigo extremo que ela representa — "equivalente a deixar uma criança brincar com o painel de controlo do reator nuclear de Three Mile Island". (Foi a metáfora perfeita e pungente, uma vez que a quase fusão do reator de TMI tinha ocorrido menos de dois meses antes, perto da minha casa.)

Coloquei-lhe então esta pergunta: "Poderia ter-se tornado uma vítima de CHE se não tivesse sido capaz de remover conscientemente a Kundalini bloqueada dentro de si?"

Ele olhou-me nos olhos como que para sondar por que razão alguém faria uma pergunta tão invulgar. Depois, sorriu com cumplicidade. "Sim", respondeu simplesmente. "Escapei à morte talvez dezenas de vezes, a apenas um fio de cabelo de distância. Sim, ter-me-ia tornado muito facilmente num exemplo no seu estudo."

A Kundalini e a CHE ficaram inexoravelmente ligadas pelo *pandit* que lutou durante anos contra o calor do fogo interior que acompanhava o movimento da Kundalini através do seu corpo. Gopi Krishna tinha triunfado. Parece que nem toda a gente o consegue.

AVISO: O PODER DE IGNIÇÃO DA KUNDALINI

Testemunhos e provas atestam que tanto o *tumo* como a Kundalini podem gerar um calor desmesurado numa pessoa. Serão o *tumo* e a Kundalini sinónimos, então? Penso que não. Penso que o calor do *tumo* é induzido acelerando conscientemente o fluxo de *prana* (*chi*) em partes de ou por todo o corpo ao nível celular, ao passo que a Kundalini é a descarga ao longo da coluna cerebrospinal de uma bioenergia que possui uma potencialidade muito maior. O *tumo* e a Kundalini podem ambos ser ativados pelo corpo espontaneamente, através de posturas corporais e técnicas de respiração específicas, ou pela vontade de uma consciência elevada.

O *tumo* pode ser um subproduto da potência da Kundalini. A Kundalini, contudo, quase de certeza que não é um subproduto do *tumo*. A Kundalini é mais específica, mais poderosa, mais visual e espiritualmente iluminadora do que o *tumo*. Consequentemente, por todas estas razões, a Kundalini pode ser mais perigosa do que o *tumo*.

Todas as técnicas responsáveis para induzir a Kundalini reconhecem isto e contêm um aviso: coagir a Kundalini é perigoso! O seu despertar só deve ser tentado sob a orientação de um professor experiente. "A prática deliberada de... forçar a Kundalini", diz o Dr. Sannella, "pode causar a libertação prematura e desequilibrada de forças interiores titânicas".

Um calor titânico pode ser um dos resultados, afirma o Dr. Sannella. Tanto calor, afirma Gopi Krishna, que um *sadhaka* (um aspirante espiritual que pratica ioga) deve ser imerso durante horas em água para absorver o calor alimentado pela Kundalini. Como sabe, Gopi Krishna sabe! Ele tinha anos de experiência a lidar com o fogo que acreditava que o poderia ter feito auto-incendiar-se.

A ativação dessincronizada da dualidade *ida* e *pingala* da Kundalini é um risco que é melhor evitar. Gopi Krishna falou sobre isto ao All India Institute of Medical Sciences: "No caso de um despertar mórbido, os dois movimentos não começam juntos, ou há uma coordenação imperfeita entre eles... Numa tal eventualidade, as consequências podem ser terríveis... Uma corrente impura e tóxica flui agora através dele [do corpo], criando uma condição caótica em toda a província do pensamento. A irritação causada nas células cerebrais pela radiação prânica contaminada traduz-se logo em anarquia no pensamento e no comportamento do indivíduo afetado."

Uma anarquia que liberta dentro de si próprio tempestades potenciais de energia temível, incluindo a termogénese aberrante.

Imagine-se o *prana* como um fusível, revestido por uma bainha de *ida* e *pingala*, ligado através de pequenas cargas incendiárias dispostas ao longo do seu corpo até ao chakra bombástico, o sétimo, no cérebro. A Kundalini é a faísca que acende o fusível que detona uma série de chakras a caminho do espetáculo de fogo-de-artifício ofuscantemente brilhante de uma explosão final de consciência bem-aventurada na cabeça de alguém — se tudo correr bem. Mas se o revestimento do fusível estiver desgastado, se

as cargas secundárias forem defeituosas ou mal cabladas, toda a operação poderá falhar numa bola de fogo catastrófica. Na CHE.

A previsão para a subida da Kundalini poderia, então, ler-se assim: *Alerta! Onda de calor humana iminente, seguida de possível tempestade de fogo.*

PETER VESEY: UM AVISO IGNORADO?

Esta previsão para a Kundalini pode aplicar-se a Peter Vesey, um editor colaborador da *American Astrology* na década de 1930. A vida privada de Vesey era secreta; o seu comportamento frequentemente estranho; os seus interesses tão peculiares quanto a sua ficção astrológica era popular entre os leitores da revista. O boato dizia que ele era obcecado pelo oculto*, pelos rituais cabalísticos e pelas vidas dos magos medievais. O boato dizia também que ele investigava a combustão humana espontânea.

Quando os seus manuscritos pararam abruptamente de chegar à revista, aparentemente ninguém se perguntou porquê, até que chegou uma carta de um leitor que vivia na zona do país de Vesey. Recortes de jornal anexos anunciavam que Peter Vesey estava morto. Morto de forma bizarra.

Os recortes de imprensa afirmavam que, numa manhã, Vesey tinha chamado a sua esposa e o seu filho à sala de estar. Ele queria estar sozinho. Pediu à família que fosse para a rua e não regressasse antes de decorrida uma hora. A Sra. Vesey e o seu filho saíram obedientemente. Após o tempo estipulado, regressaram ao interior.

No chão da sala de estar jaziam os restos mortais de Peter Vesey. Restos carbonizados. Um corpo queimado até ficar crepitante, uma cinza enegrecida no meio de um mobiliário não chamuscado. No extremo oposto da divisão, um fogo modesto na lareira aquecia o quarto, mas nada entre ela e Vesey estava queimado. As autoridades não conseguiram determinar o que aconteceu ao marido da viúva Vesey, diziam os recortes.

Um drama ficcional? Ou um desastre da vida real que se lê como ficção? Vesey não era o tipo de homem que confiasse as suas aspirações e sentimentos íntimos a ninguém. Talvez um Vesey deprimido pretendesse suicidar-se naquela manhã e o tenha conseguido. Ou talvez, naquela

manhã, Vesey quisesse praticar um rito obscuro que descobrira nos seus estudos, um que previa uma via rápida para o desconhecido.

E encontrou-o: uma rampa de acesso secreta que, acidentalmente (ou intencionalmente), ativou a Kundalini. Forçosamente libertado, o fogo-da-serpente correu através do seu corpo como uma tempestade de fogo impulsionada por um vendaval. Vesey não estava preparado para canalizar o seu poder gigante. A sua viagem foi célere; a sua destrutividade, completa. Vesey nunca soube o que o atingiu a partir de dentro.

Os detalhes necessários para confirmar esta especulação não estão disponíveis. Um relato da morte de Vesey apareceu na décima edição da *Tiffany Thayer's Fortean Society Magazine* (mais tarde batizada de *Doubt*), e Gaddis tentou corroborar a estranha história (que obteve em quarta mão) para o seu livro *Mysterious Fires and Lights* (1967). Falhou. Procurei a confirmação da mesma através de vários grupos astrológicos americanos. Também falhei.

Posso, portanto, apenas concordar com a conclusão de Gaddis sobre Peter Vesey: "O que seria que ele queria fazer — sozinho — que acrescentou o seu nome à longa lista de vítimas de combustão misteriosa? Gostaria de saber mais — muito mais — sobre Peter Vesey." Eu também gostaria.

A Kundalini é um tema que incendeia a imaginação... e possivelmente o corpo humano. Oferece uma chave — talvez a chave — para o progresso evolutivo (ou a falta dele) da consciência da humanidade, um tema largamente fora do âmbito deste livro, mas inter-relacionado com a CHE, não obstante, como discutirei mais tarde.

Examinei as propriedades térmicas e combustíveis que a tradição esotérica há muito atribui à Kundalini e encontrei consubstanciação através de provas empíricas e experienciais modernas.

À medida que o *prana* mal direcionado corre pelo meridiano do braço de uma bibliotecária em repouso e sai pelas palmas das suas mãos... à medida que uma superabundância do Espírito Santo envolve um professor em meditação numa luz visível, onde outrora provocou uma bolha num ponto de acupuntura na sua coxa... à medida que o *chi* represado irrompe através de chakras fechados para libertar uma cascata de poder sibilante que incinera uma dúzia de mulheres a dormir... à medida que um *pingala*

debilitado agride um soldado num palheiro e queima espontaneamente a escória do seu tecido grosseiramente saturado de álcool, mas não a palha por baixo dele...

12

Conduzir o Fogo:

A Auto-Cremação Humana

Mas a verdadeira marca de uma sociedade humana deve ser o que ela faz relativamente à prevenção de lesões por acidentes, não a limpeza das mesmas depois. — Ralph Nader, *Unsafe at Any Speed* (1965)

O filme vencedor do Óscar da Academia em 1990, "Driving Miss Daisy" [*Conduzindo Miss Daisy*], nunca abordou um perigo para o público automobilista que, se fosse conhecido, enviaria calafrios aos atuários das companhias de seguros, entre outros: a CHE ao volante.

Auto = vernáculo para automóvel; *auto-* = prefixo que significa "próprio"; *cremação* — o ato e processo de queimar um ser humano. *Auto-cremação* = a queima de si próprio... num automóvel.

A FORMAÇÃO DE BOLHAS EM CARL BLOCKER

A dada altura da sua viagem na State Road 15, entre Wabash e a sua casa em Syracuse, onde o terreno do centro-norte do Indiana é plano e propício ao devaneio rodoviário, Carl C. Blocker deparou-se com problemas enquanto conduzia sozinho durante a noite de 3 de maio de 1951. Um automobilista que passava viu um carro na berma da estrada e

um clarão por perto. Um archote, indicando problemas? Que horror, era um corpo. O corpo de Carl Blocker. A arder!

Para o empresário do Indiana, de quarenta e quatro anos, proprietário de várias lojas de vestidos de alta costura de sucesso, não haveria mais lucros, não haveria mais riquezas terrenas. Aquela noite, à beira da estrada, os seus planos, esperanças e ambições terminaram, consumidos juntamente com o seu corpo por um fogo temível. Parecia que Blocker tinha sido atingido por um raio de fogo arremessado da escuridão da noite.

O xerife Cecil Reynolds e o legista L. W. Yoder lançaram imediatamente uma investigação para encontrar respostas. O próprio Blocker não pôde fornecer nenhuma. Encontrado inconsciente, faleceu dessa forma no hospital do condado de Wabash.[1] Pensou-se que o fluido de limpeza utilizado no seu negócio se teria inflamado debaixo do banco da frente. Contudo, nenhum recipiente foi encontrado; além disso, a Sra. Blocker insistiu que o seu marido nunca transportava tais produtos químicos no seu carro.

Dez semanas mais tarde, as circunstâncias da queima de Blocker continuavam a ser um mistério. O xerife e o legista não tinham conseguido determinar o que aconteceu para causar a morte de Blocker. Os representantes dos seguros também ficaram de mãos vazias. Numa declaração oficial que pressagiava o que o Capitão Jake Reichert diria no caso Reeser escassos dois meses mais tarde, o legista Yoder arquivou "um veredicto aberto de morte por queimaduras de terceiro grau" e observou que "nunca surgiu qualquer informação adicional para explicar o incêndio que causou a morte".

Carl C. Blocker: mais um humano misteriosamente queimado. Vincent H. Gaddis, respeitado escritor sobre eventos misteriosos, lembrava-se claramente do incidente porque este aconteceu quando ele era repórter de jornal no Indiana. Disse-me que tinha verificado os factos e encontrado um mistério maior. Houve danos insignificantes no interior do carro — exceto em frente ao banco do condutor, onde o calor tinha sido tão intenso que derreteu parte do painel de instrumentos de metal! Isto reforçou a suspeita de que o próprio Blocker, enquanto condutor, foi o ponto de combustão — embora ninguém conseguisse perceber por que razão ele começou a arder. "Lamento não o poder ajudar mais nesta história",

desculpou-se Gaddis. A divisão de autoestradas do Departamento de Polícia de Wabash optou por não responder de todo às minhas cartas.

Por conseguinte, Blocker e Reeser partilham outra característica para além da proximidade temporal das suas queimas similarmente estranhas: a investigação sobre as suas mortes, e as perguntas sem resposta associadas, estão fechadas ao público. O que espoletou este fogo? Por que razão o banco do carro ficou tão pouco danificado onde o seu condutor a arder estava sentado? Por que razão o calor do clarão viajou horizontalmente, derretendo o painel de instrumentos de metal, em vez de verticalmente, como supostamente os fogos fazem?

Terá Blocker, envolto em chamas, tido no entanto tempo para encostar o carro fora da estrada e estacioná-lo antes de saltar para fora? Estaria ele já estacionado quando a tragédia provocada por algo desconhecido o atingiu em chamas das quais tentou escapar e não conseguiu? A combustão humana espontânea foi considerada. Mas, revelou Gaddis, "não se fez referência à CHE por consideração pela sua família". Com os registos deste caso tão hermeticamente fechados como o caixão de Blocker, terá de apresentar a sua própria resposta.

A morte de Blocker foi rápida, mas a investigação subsequente sofreu uma morte lenta de gradual indiferença e silêncio.

EM CHAMAS NAS VIAS E VARIANTES AMERICANAS

Em 1951, cerca de trinta e sete mil condutores de automóveis morreram nos Estados Unidos. Presumo que Carl Blocker tenha sido contabilizado nesse número. O número de mortos nas autoestradas subiu à medida que os anos passavam, tal como o número de condutores que morriam em incêndios de automóveis de origem indeterminável. Um automobilista de Idaho, em Wallace, "ardeu além de qualquer reconhecimento" no seu carro que ficou intacto, relatou a *Fate* (dezembro de 1952). A auto-incineração aconteceu na segunda-feira, 30 de junho de 1952.

A sudeste do Indiana, no oeste da Carolina do Sul, Waymon P. Wood tentou desviar-se do trânsito do centro de Greenville e encontrou um perigo de um tipo diferente na Variante 291. Era uma tarde de domingo, o primeiro dia de março de 1953. Um automobilista que passava notou um automóvel Nash de 1951 estacionado e a deitar fumo. Encostou. Outros

transeuntes pararam também, por curiosidade ou preocupação. O fumo que se espiralava através de aberturas estreitas no topo das janelas escurecidas impedia a visão para o interior. Um samaritano estendeu a mão para abrir la porta e recuou rapidamente a mão com dor. O manípulo estava abrasadoramente quente.

Inesperadamente, o Nash começou a mover-se. Avançando abruptamente algumas centenas de jardas, parou momentaneamente e depois derivou por uma encosta íngreme abaixo. Alguns minutos mais tarde, os destroços pararam de deitar fumo à medida que os bombeiros regavam o veículo com espuma. No interior estava sentado Waymon P. Wood, um cadáver destruído pelo fogo. "Incêndio de origem indeterminada", relatou o escritor Frank Edwards sobre a investigação que se seguiu. O calor tinha sido tão intenso, disse Edwards, que "os acessórios de plástico tinham derretido e o para-brisas tinha ganho bolhas e cedido para o interior do carro. No entanto, o fogo em si tinha-se limitado ao banco da frente".

Mais uma vez, a investigação das autoridades foi frutífera apenas na produção de perguntas sem resposta sobre o destino do homem de cinquenta anos de Greenville. A vítima tinha falado alegremente com amigos apenas uma hora antes do holocausto na estrada. Não havia indícios de suicídio, de materiais incendiários, de avaria mecânica, de um depósito de combustível a verter. Concluiu Edwards: "Um destino fogoso de origem inexplicável ultrapassou Waymon Wood enquanto ele conduzia pela autoestrada naquela tarde. O que foi e o que o causou provavelmente nunca será explicado."

Outro acidente fogoso anormal ocorreu a cerca de quinze milhas [24,1 km] a sudeste de Baltimore, no condado de Arundel, Maryland, no início de abril de 1953. Pareceu ainda mais desconcertante para as autoridades do que a cremação num carro de Wood, um mês antes. Aqui, a Polícia do Estado de Maryland encontrou Bernard J. Hess no seu carro capotado no fundo de uma ribanceira de vinte pés [6 m]. O homem de Baltimore tinha um crânio fraturado. Por conseguinte, a causa da morte parecia óbvia, o caso rotineiro. Depois, o legista investigou. A rotina cessou rapidamente.

Embora não tenha encontrado qualquer vestígio de danos provocados pelo fogo nos destroços, o legista descobriu que queimaduras de primeiro e segundo graus cobriam dois terços do corpo totalmente vestido do homem

morto. A polícia falhou inicialmente em notar a queimadura de Hess porque... bem, porque as suas roupas não tinham sido queimadas! As autoridades concluíram que a pele severamente empolada de Hess tornaria impossivelmente doloroso para ele vestir-se depois de ser queimado.

Os relatos contemporâneos não mencionam que os funcionários tenham encontrado quaisquer problemas elétricos ou de combustível no carro que pudessem ter causado os seus ferimentos. Terá Hess sido vítima de crime no local, com atacantes desconhecidos a despirem Hess nu, a regá-lo com acelerantes químicos não identificados e a atear-lhes fogo, vestindo-o de seguida e conduzindo a sua vítima para um local remoto do crime para o empurrar pela ribanceira abaixo no seu carro? Nenhum indício sustentava isto. Terá Hess sucumbido à CHE? Como Frank Edwards observou três anos após este incidente: "As queimaduras que desempenharam um papel na sua morte constituem mais um mistério que permanece por resolver."

AUTO-QUEIMADURAS CRUZAIS PELO CORAÇÃO DA AMÉRICA DO NORTE

Na noite de domingo, 13 de dezembro de 1959, Billy Peterson incinerou-se enquanto estava sentado no seu carro na garagem em Pontiac, Michigan. Disseram os médicos que não conseguiram salvar-lhe a vida: "Foi a coisa mais estranha que já vimos!". A razão para a sua mistificação será explorada mais tarde.

Durante a noite de 19 de novembro de 1960, cinco homens do Kentucky — Harmon Robinson, de 42 anos; Denver Yates, de 25; Buddy Hopkins e Harvey Ratliff, ambos de 24; Louis Hopkins, de 16 — morreram todos no interior de um automóvel estacionado na Greasy Creek Road, no condado de Pike. Os danos no carro não acidentado restringiram-se ao seu interior, exceto pelo facto de parte do seu tejadilho metálico ter derretido num padrão circular. Um incêndio no seu interior tinha desidratado e fraturado pelo fogo os ossos dos homens, deduziu o Dr. Frank Cleveland, do Laboratório Kettering de Cincinnati.

Os investigadores, incluindo o legista Raymond Call, notaram que a posição dos corpos dos homens indicava que os ocupantes não fizeram qualquer tentativa para escapar do inferno. Parecia que estes cinco homens se sentaram pacificamente num carro estacionado e esperaram,

imobilizados, que a morte os colhesse em chamas. Se estes bons rapazes tinham estado a beber naquele sábado, estariam todos tão embriagados que a fuga de um incêndio terrivelmente acidental era impossível ou indesejada? Pode-se teorizar que decidiram coletivamente cometer suicídio. Mas nenhum acelerante foi alguma vez encontrado, disse o *Pike County News* (23 de novembro de 1960).

Notas:

[1] Respeitou-se a numeração das notas conforme indicado no original. Nas referências a unidades de medida, manteve-se a terminologia textual em português com a respetiva conversão métrica entre parênteses retos para maior clareza de leitura.

** "Joseph Cater (1982), no seu esforço para sintetizar todos os fenómenos físicos e ocultos sob um único princípio unificador, escreve sobre as vítimas de CHE: 'Na maioria dos casos, a pessoa era sem dúvida o alvo de um praticante da chamada magia negra'. Se isto se pode aplicar a Vesey — e a Grace Pett que, como descobriu o investigador Peter Christie (1981), se dizia pelos contemporâneos ser alvo da bruxaria dos vizinhos antes da sua queima fatalmente estranha —, não vejo sustentação para uma afirmação tão geral." (Nota do Autor no original).*

Pode-se teorizar uma coincidência: que todos os cinco homens estavam fisiologicamente sincronizados para morrer anomalamente por combustão espontânea, e todos eles calharam de estar juntos quando o relógio biológico de cada um acendeu os seus infernos pessoais independentes. No entanto, as probabilidades contra cinco homens estarem juntos para morrer por relógios de tempo-*SHC* sincronizados devem superar em número as estrelas na Via Láctea. Pode-se teorizar um fogo literal vindo do céu.

Pouco antes da hora das bruxas de 10 de maio de 1961, uma “bola de nevoeiro, com cerca de três pés de diâmetro e ligeiramente alongada” desceu rapidamente do céu num ângulo de quarenta e cinco graus e esmagou-se contra o capô do carro de Richard Vogt enquanto este conduzia por uma autoestrada familiar entre Osakis e Eagle Bend, no Minnesota. Agora mergulhado no desconhecido, ele sentiu-se a si próprio e ao interior do seu carro começarem a cozinhar instantaneamente devido ao calor. Não querendo ser frito, pisou a fundo nos travões e saltou para fora.

O carro não se incendiou, embora o seu metal tenha permanecido quente demais para se lhe tocar durante algum tempo. Os cientistas que trabalhavam para o Prof. W. J. Layten na Universidade do Minnesota não conseguiram explicar o nevoeiro incendiário que Vogt encontrou. Nem estavam os cientistas qualificados para explicar a "substância fundida" que caiu do céu de Saskatchewan, nos arredores de Yorkton, a 7 de junho de 1974, para derreter um buraco no capô e no para-brisas de um carro canadiano antes de pegar fogo à erva — mas não ao jovem traumatizado que estava ao volante. Pode-se postular ainda uma outra teoria, que será introduzida mais tarde.

Na sexta-feira, 16 de outubro de 1964, a Sra. Olga Worth Stephens, de Dallas, Texas, tornou-se a décima estatística de cremação num carro nos anos que se seguiram a Blocker. A Sra. Stephens, que deu a Clark Gable a sua oportunidade na representação, tinha chegado recentemente a Dallas "feita para receber tratamento para a tensão alta", declarou o *Dallas Morning News* (24 de outubro de 1964). Em vez disso, disse o jornal ao relatar a sua morte, ocorrida na tarde anterior, ela acabou por ser tratada de "queimaduras recebidas em circunstâncias misteriosas há oito dias".

A Sra. Stephens estivera à espera no seu carro enquanto um sobrinho foi buscar uma bebida fresca. O motivo pelo qual a antiga atriz de setenta e cinco anos se transformou subitamente numa tocha num carro estacionado mistificou os detetives de homicídios. Os bombeiros também ficaram perplexos, após perceberem que o automóvel em si não estava queimado. Dado que o sobrinho da Sra. Stephens a tinha deixado sozinha durante apenas alguns minutos, no máximo, na sua busca por um refresco, o fogo fatal não poderia ter estado a arder em brasa latente. Foi rápido!

Sem qualquer indício de ou razão para suspeitar de suicídio, a imolação intencional foi descartada. Sem materiais combustíveis no carro e estando o próprio carro intacto, parecia restar apenas uma fonte de ignição: o próprio corpo da Sra. Stephens. E isso era impossível! Ou seria? A resposta residia na Sra. Stephens, a tocha humana. Infelizmente, ela estava tão perplexa com o seu dilema como todos os outros.

Poderão estes casos retratar mortes por incêndio anormais, mas não anómalas, em automóveis? Não facilmente. Os incêndios automóveis resultantes de ruturas nas linhas de combustível e motores sobreaquecidos

produzem consequências que são muito diferentes, como demonstrado por estes exemplos típicos:

- Uma linha hidráulica solta num sedã Bentley de 1973 verteu gasolina para o coletor de escape do motor durante um teste de estrada, transformando o carro de luxo de 30 000 dólares (valor de 1976) num verdadeiro *hot rod*. Embora o mecânico tenha escapado ileso, suspeitamos que o proprietário do carro tenha ficado queimado também — emocionalmente.

- Um utilizador de cocaína suicidou-se no seu carro regando-se com gasolina de duas latas de um galão encontradas por perto. "Era um inferno enfurecido", disse o marechal de bombeiros do estado da Pensilvânia, Fred Klages, "e o corpo parecia um marshmallow queimado". Mas ele não tinha sido reduzido a um pó branco como o Dr. Bentley e Grace Pett foram.

Estes exemplos, além do acidente de nove mil galões de horror em chamas na Autoestrada de Schuylkill referido anteriormente, devem provar, de forma tão clara como cristal sem chumbo, que os incêndios automóveis alimentados a gasolina podem causar uma destruição veicular tremenda; no entanto, os ocupantes encurralados permanecem, herdeiros de tudo, relativamente intactos e identificáveis. Estes são casos normais de fogo mortal num veículo. Blocker, Wood, Stephens e os cinco homens do Kentucky parecem ser casos anómalos de fogos indesejados em humanos quando dentro de um veículo.

CASOS ANTIGOS DE AUTO-CREMAÇÃO

Nem todos os casos de auto-cremação são recentes. Um exemplo antigo ocorreu a 4 de novembro de 1928, em Allenwood, Nova Jérsia. Por volta das 17h30, a esposa de Albert Van Alstyne notou o carro deles em chamas. No interior, estava o corpo do seu marido de trinta e cinco anos. "Nenhum indício pôde ser encontrado para explicar como o fogo deflagrou", disse o *The New York Times* (5 de novembro de 1928), "o porque Alstyne não tinha sido capaz de se salvar". O facto de as autoridades de dois corpos de bombeiros não terem identificado quaisquer características esperadas em fogos de carros normais sugere que a combustão espontânea de alguma forma desempenhou um papel.

Outra morte problemática por fogo num automóvel ocorreu dentro de um Modelo T durante a década de 1930 em Cleveland, Ohio. O Dr. Krogman chamou-lhe o seu *Caso da Vítima de Uma Só Perna*. Será explorado mais tarde. Os Estados Unidos não são o único país abençoado com (ou castigado por) uma abundância de transporte mecanizado; nem são o único país cuja população automobilística tem sido atormentada por uma combustão curiosa.

Perto da ponte de Caughall em Upton-by-Chester, a sul de Liverpool, Inglaterra, Edgar Beattie morreu a 4 de abril de 1938, num incêndio que consumiu o seu corpo dentro do seu camião, parcialmente capotado numa vala. O patologista da Enfermaria Real de Chester, Dr. W. H. Grace, realizou o exame *post-mortem* no homem de vinte e cinco anos e disse que "o corpo estava gravemente queimado e o crânio tinha sido fraturado pelo calor intenso".

Ele assumiu que o calor tinha de ser intenso, embora a esta altura o leitor já saiba que não precisa de ser assim. Um inquérito reuniu-se e rapidamente descobriu factos que fizeram com que o infortúnio comum parecesse agora menos comum. O jovem ciclista Joseph Reynolds testemunhou que Beattie lhe tinha perguntado as horas. Quando Reynolds passou de bicicleta novamente, apenas vinte minutos mais tarde, descobriu o camião de mercadorias em chamas na vala.

O ciclista James Williams também viu o fogo. "Estava a arder furiosamente", afirmou. "A cabine parecia uma fornalha por dentro." Ele ouviu gemidos e viu Beattie no camião com a cabeça sobre o volante. A porta do condutor estava quente demais para lhe tocar. "Fui à outra porta, que consegui abrir", continuou Williams, "mas as chamas tornaram impossível aproximar-me do homem".

O inferno frustrou os seus esforços de bom samaritano. O guarda Bartley testemunhou ter encontrado alicates no capô do camião, embora, segundo ele, "não parecesse haver nada de errado com o veículo". Os seus travões estavam bons; a transmissão estava em ponto morto; a "tampa do bocal do depósito de gasolina estava desprendida". O subcoronor R. Moore Dutton suspeitou que uma explicação simples de "gasolina derramada" fecharia o inquérito, pois parecia que algo tinha corrido terrivelmente mal durante uma reparação (embora Beattie tivesse a reputação de ser um condutor zeloso pela segurança, com oito anos de experiência como

profissional). “A gasolina derramada pegaria fogo facilmente?”, perguntou ele ao guarda. O guarda Bartley salientou que o fogo tinha começado no lado do camião oposto à tampa da gasolina; além disso, disse que “o depósito de gasolina não tinha rebentado”.

Por conseguinte, as provas pareciam não apoiar um acidente causado por gasolina. Uma vez que a combustão tinha ocorrido longe do depósito de gasolina e dentro do compartimento do condutor, o que poderia inflamar este inferno ardente num camião? A eletricidade estática é uma consideração possível. O *National Safety News* (janeiro de 1943) relatou que, para os camiões, “a estática é realmente perigosa. Veículos pesados geram 40 000 volts ou mais”.

Trabalhadores portuários robustos já foram atirados ao chão ao tocar em camiões carregados de estática; os fabricantes de pneus reformularam os compostos dos pneus para minimizar a acumulação de estática da estrada. Talvez uma descarga estática maciça tenha feito um arco elétrico através de Beattie quando este entrou no seu veículo e rodou a chave de ignição para testar as suas reparações, inflamando-se inadvertidamente a si próprio e às suas roupas.

Ou poderia a fonte estar dentro do próprio Beattie, mais uma vítima de ignição humana interna que calhou de encontrar o seu destino abrasador dentro de um camião em vez de numa cadeira ou numa cama? Conforme o subcoronor R. Moore Dutton disse no inquérito: “todo o tipo de sugestões poderiam ser feitas sobre como o fogo começou, mas não havia provas definitivas sobre o assunto”. Dito isto, o júri emitiu aquele veredicto infame que nada explica: “Morte acidental”. De acordo com o *Liverpool Echo* (7 de abril de 1938), o júri elogiou Williams, o ciclista, pela sua ação corajosa e recomendou melhorias na estrada. O júri foi então dispensado. Caso encerrado. Todos ficaram satisfeitos... mesmo embora o *Echo* tenha relatado que “não havia provas para mostrar como o acidente ocorreu”. E isso deixa espaço para a *SHC*.

UMA TRIPLA AUTO-CREMAÇÃO?

Três casos que se diz assemelharem-se ao de Beattie terão ocorrido supostamente nas estradas da Europa três dias após o seu falecimento. G. A. Shepherdson, um empreiteiro de construção, acenou para os trabalhadores ao passar de carro por um dos seus locais de construção em

Hessle, Yorkshire. Momentos depois, o seu carro abrandou e imobilizou-se à beira da estrada. Nesses segundos fugazes, Shepherdson tinha ficado "carbonizado" até à morte, revelou o *Liverpool Echo* (7 de abril de 1938).

Nada no carro, exceto o condutor, ficou sequer chamuscado, afirmou Harrison em *Fire from Heaven* (1978).° A data é quinta-feira, 7 de abril de 1938. George Turner, de Upton-by-Chester, foi descoberto dentro do seu camião acidentado, com tudo intacto exceto o seu corpo incinerado. A localização do incidente, não fornecida, deve ter sido a poucos quilómetros do incêndio de Beattie.

A data, segundo MacDougall no *The Sunday Star-Ledger*, é quinta-feira, 7 de abril de 1938. Willem Ten Bruik conduzia pela zona rural perto de Nijmegen, Holanda. De repente, o holandês "ardeu até ficar irreconhecível" no seu carro, cujos "estofos não estavam sequer manchados de fuligem". A data, de acordo com Frank Russell na *Fate* (1955) e outros escritores subsequentes, é quinta-feira, 7 de abril de 1938. Um trio de *SHC*? Os incidentes de Turner e Bruik colocam problemas especiais,[1] a serem discutidos mais tarde.

AS AUTO-CREMAÇÕES CONTINUAM A AVANÇAR

Em Arcis-sur-Aube, França, Léon Eveillé, de trinta e nove anos, morreu no seu carro devido a "queimaduras por chamas anormais" a 7 de junho de 1971. De acordo com a revista forteana francesa *Lumières dans la Nuit* (agosto de 1972), as autoridades "não conseguiram explicar como um incêndio desta violência pôde ter sido produzido, nem os efeitos curiosos que foram factualmente observados". De volta aos Estados Unidos, os carros e as cremações humanas continuaram a estar ligados. Perto do pôr do sol, a 9 de abril de 1974, polícias e bombeiros da Califórnia em Redwood City (na Baía, a sudeste de São Francisco) encontraram um ocupante masculino dentro de um Lincoln Continental de 1968 cerca de trezentos pés abaixo numa encosta relvada no Canada College.

O carro, eles identificaram-no; a vítima, "não identificada" — queimada até ficar irreconhecível. "É o pior que já vi alguém queimado", disse o capitão de bombeiros de Redwood City, John Mace, um veterano de doze anos no combate a incêndios, ao *San Francisco Chronicle* (10 de abril de 1974). Infelizmente, o Capitão Mace não disse se o exterior do Lincoln também tinha ficado gravemente queimado. Um racionalista afirmaria

rapidamente que o depósito de combustível explodiu. Mas a esta altura já deve saber que, num caso como este, são necessárias mais informações antes de saltar para a conclusão "racional".

As testemunhas de *SHC* veem frequentemente uma chama ofuscante; no entanto, quando o fogo termina, os danos limitam-se maioritariamente a um corpo queimado além do reconhecimento. Nem todos os casos de auto-combustão terminam em tragédia. Considere este episódio retirado dos arquivos da Peerless Insurance Company: "Tim Keyes, de Salt Lake City, Utah, estava a combater o trânsito da hora de ponta quando um incêndio eclodiu no banco traseiro. Keyes encostou num túnel de lavagem automática de carros, abriu os vidros do seu carro, colocou dinheiro na ranhura e assistiu à torrente de água extinguir o fogo". Uma solução engenhosa para uma situação alarmante! Mark Benfield teve um sobressalto de um tipo diferente em setembro de 1989. Segundos depois de estacionar sob algumas linhas de alta tensão de 100 000 volts e sair do seu carro, este começou a deitar faíscas e a zumbir como uma campainha de porta.

Quando ele e um colega de trabalho verificaram o veículo com um medidor, descobriram que o carro estava a emitir 2000 volts! "Essa foi a primeira leitura que obtivemos. Depois, o medidor disparou para fora da escala", disse ele ao *Nottingham Evening Post* (2 de setembro de 1989). A empresa de eletricidade teve de desligar as linhas de energia antes que Benfield pudesse afastar o seu carro dali. Se não tivesse deixado o seu veículo quando o fez, talvez tivesse sido eletrocutado; talvez até frito ao estilo de uma execução dentro do seu automóvel eletrificado.

Algo talvez semelhante, certamente fatal, sucedeu a um automobilista britânico em High Ercall no sábado, 22 de novembro de 1980. Aqui, na periferia norte de Telford, Shropshire, o homem gravemente queimado sentado ao volante do seu automóvel deixou os investigadores perplexos. A tratar-se de um suicídio, a polícia não encontrava explicação para os insignificantes danos causados pelo fogo noutras partes do carro. Assim relatou o *Birmingham Evening Mail* (22 de novembro).

PENSAMENTOS SOBRE A SHC AUTOMÓVEL: O CONDUTOR, O CARRO E A NATUREZA

Na ausência de informações detalhadas que pudessem lançar luz sobre estas auto-cremações, resta-nos apenas especular. Pode ser que a ocorrência de *SHC* em carros não encerre nenhum mistério especial, além de o corpo humano irromper em chamas por sua própria vontade. Uma vez que as pessoas sofrem combustão espontânea na cama, em cadeiras, enquanto caminham, bebem ou comem, é estatisticamente razoável que o fenómeno aconteça num camião ou num carro. (Na verdade, seria um mistério se não ocorressem fatalidades do tipo *SHC* em veículos motorizados.)

Assentando na premissa de que o suporte estatístico não deve desculpar ninguém de procurar a causa em si, um estudo mais aprofundado (como aconselha Ralph Nader) poderia revelar-se útil para os automobilistas que queiram evitar a auto-cremação tão vigorosamente quanto um veículo em sentido contrário. Duas áreas a explorar para obter discernimento: (1) fatores fora do veículo, e (2) fatores dentro do condutor.

Fatores fora do carro que poderiam iniciar o inferno interno de um condutor. Os raios globulares são uma fonte externa conhecida por queimar pessoas, e poderiam ter estado envolvidos em pelo menos alguns dos casos deste capítulo. O pirotrão teórico é outro candidato plausível para qualquer combustão espontânea num carro.

É simplesmente uma questão de os átomos que compõem qualquer material automóvel — assentos, gasolina, passageiros, condutor — serem divididos numa reação em cadeia causada por uma colisão subatómica. Seria uma colisão para a qual nenhuns estudos de segurança foram realizados; nenhuns designs de fabricantes poderiam prevenir; nenhuma quantidade de regulamentos governamentais ou de trânsito irá evitar. Em suma, um pirotrão poderia espoletar o fogo em qualquer lugar, a qualquer momento, em qualquer automóvel e em qualquer um dos seus ocupantes. Outra fonte externa, já reconhecida como existente mas até agora não associada aos perigos da condução, é o campo magnético do planeta. De dez casos de auto-cremação para os quais conhecemos os níveis magnéticos terrestres, seis ocorreram em dias em que a perturbação geomagnética excedeu o nível médio para esse mês. Isso é uma correlação de 60 por cento.

Metade destes casos — todos homens — ocorreram durante condições magnéticas especialmente severas (sendo a tempestade magnética mais forte classificada como 2,0): o homem americano “queimado além do

reconhecimento" incinerado a 6 de junho de 1952, um dia de tempestade magnética de 1,7; Alstyne queimado num domingo vindo de outra tempestade de 1,7; Wood numa sexta-feira ainda mais tempestuosa de 1,8. Revelará isto uma ligação até agora insuspeita entre a operação de automóveis e o magnetismo planetário que é perigosa para a saúde dos automobilistas? Uma interação subtil entre o carro e o condutor e um campo magnético intensificado que pode desencadear uma combustão súbita e mortal? Creio que sim.

O falecido engenheiro biomédico Itzhak Bentov desenvolveu um modelo que permite que isto aconteça. No seu livro inovador, *Stalking the Wild Pendulum* (1977), Bentov ligou o magnetismo, os automóveis e as ocorrências de fenómenos espontâneos (particularmente envolvendo a *Kundalini*) dentro do corpo humano. Os surtos espontâneos de *Kundalini* podem ser atribuídos, disse ele, "à exposição periódica a certas vibrações mecânicas ou acústicas no nosso ambiente normal, que farão surgir a sequência de sintomas". Estes sintomas podem ser induzidos por "um campo magnético pulsante em redor da cabeça. Quando as pessoas são expostas a frequências de cerca de 4 ou 7 Hz por períodos prolongados de tempo, como pode acontecer simplesmente ao andar repetidamente num carro cuja combinação de suspensão e assento produz essa gama de vibração", apontou, o "efeito cumulativo destas vibrações pode ser capaz de desencadear uma sequência fisio-kundalini espontânea em pessoas suscetíveis que tenham um sistema nervoso particularmente sensível".

Acrescentou Bentov: "A severidade dos sintomas é sempre proporcional ao grau de stresse encontrado". A condução é inquestionavelmente uma tarefa altamente stressante para algumas pessoas. Naturalmente, os sintomas de fisio-kundalini para elas já seriam pronunciados. Exponha-as a stresse fisio-kundalini adicional devido a vibrações repetitivas do automóvel e agravado ainda mais por uma tempestade magnética perturbada, e os seus sintomas de fisio-kundalini espalham-se descontrolados. Um resultado plausível poderia ser nada menos do que a Carbonização SuperHipertérmica. Numa carta pessoal que me enviou pouco antes da sua morte prematura, Bentov concordou que todos estes fatores juntos poderiam culminar para produzir um resultado de *SHC*.

Talvez algumas das dezassete comissões do congresso e cinco agências federais que supervisionam a segurança automóvel americana queiram realizar audiências sobre formas de minimizar a acumulação de campos magnéticos nos automóveis e salvaguardar contra esta sequência de stresse cumulativo sobre automobilistas insuspeitos. Outra influência externa a considerar, uma que está além do campo magnético da Terra, é a Lua. Da próxima vez que a Lua surgir brilhante e em forma de crescente enquanto conduz, poderá ser mais sensato não tirar os olhos da estrada para olhar para ela, mas sim não conduzir, ponto final.

Atribuir influência lunar ao comportamento e à fisiologia humana sempre foi (e voltará a ser) controverso. No entanto, o psiquiatra da Flórida Dr. Arnold L. Lieber e a psicóloga Carolyn R. Sherin, Ph.D., examinaram a relação entre o comportamento humano e as fases lunares. Estudando 1887 casos da polícia do Condado de Dade abrangendo os anos de 1956-1970, determinaram que o homicídio tinha maior probabilidade de acontecer durante as fases de lua nova e lua cheia.

Descobriram que as probabilidades para o mesmo crime eram novamente previsíveis no Condado de Cuyahoga, no Ohio, onde os homicídios aumentavam vinte e quatro horas após a lua nova e quarenta e oito horas após a lua cheia. Concluíram Lieber e Sherin sobre estes ligeiros desvios na correlação tempo-crime-fase: "Esta diferença sugere que a localização geográfica pode ser uma variável significativa, como frequentemente acontece com os fenómenos geofísicos e meteorológicos". Recorde-se a concentração de misteriosas auto-cremações no oeste da Inglaterra em redor de Birkenhead, Liverpool e Upton-by-Chester: é uma área onde outros pirofenómenos também arderam para confundir a ciência. (Terei mais a dizer sobre geografia e combustão mais tarde.)

Lieber e Sherin também encontraram uma "relação definitiva entre as fases da lua e acidentes automóveis fatais, para não mencionar suicídios e casos de agressão agravada". (Como documentarei em breve, a incineração e as pessoas que abrigam tendências suicidas também têm uma relação definitiva.) Mas haverá provas que liguem a fase lunar, os acidentes automóveis e a *SHC*?

Dos dez casos sob consideração que estão datados, quatro ocorreram na fase lunar de lua nova (com os cinco homens do Condado de Pike a inflamarem-se na lua nova); dois casos ocorreram na fase de lua cheia;

quatro ocorreram na fase de quarto crescente. Se as cremações em automóveis ocorressem de forma aleatória, a probabilidade de o incêndio ocorrer em cada fase lunar de sete dias seria de 25 por cento. Em vez disso, 40 por cento destes casos coincidem com a lua nova, 20 por cento com a lua cheia e 40 por cento com o quarto crescente. Quatro quintos dos casos — representando onze das catorze mortes por fogo, uns surpreendentes 79 por cento! — coincidem ou com a lua nova ou com a lua cheia. (Curiosamente, a fase de quarto minguante não aparece.)

O que deduzimos desta não aleatoriedade? A ciência nada tem a oferecer. Mas, por outro lado, os cientistas não quantificaram todas as influências sobre o corpo humano. Nem compreendem as inúmeras variações que essas influências podem produzir. (E, claro, alguns cientistas negam categoricamente que as provas que o leitor está a ler neste livro existam sequer.)

"Poderá influenciar fatores psicológicos", disse a psicóloga Sherin sobre a influência da fase lunar nos fatores de resposta humana. "Talvez certas pessoas sejam mais sensíveis a alterações atmosféricas, alterações da lua, pressão barométrica, condições meteorológicas. Talvez algumas pessoas sejam mais delicadamente equilibradas."

Inegavelmente, certas pessoas são mais sensíveis a todas as condições que a Sra. Sherin lista — incluindo, creio eu, as fases da lua. Mas de que forma poderiam as alterações da lua relacionar-se com uma condição tão dramática e poderosa como a *SHC*?

Simbolicamente, a lua nova representa o início de um novo ciclo para a consciência humana. Decidirão algumas pessoas, subconscientemente, quando chega o seu momento de deixar os seus corpos e iniciar um novo capítulo na progressão da vida, partir do corpo físico invocando ou fundindo-se com energias poderosas que assegurariam a morte corporal? Ou revelará a não aleatoriedade uma associação que é mais física do que psicodespiritual: que as conjunções, oposições e quincúncios astronómicos do Sol e da Lua focam (ou intensificam) as energias cósmicas sobre as energias humanas, resultando numa espantosa força desencadeada espontaneamente dentro de uma pessoa que, nesse momento, está hipersensivelmente vulnerável a perturbações minuciosamente subtis na sua psique e no seu corpo único? Dentro de uma pessoa em perigo, neste

momento, perante energias externas invisíveis (e não medidas), o fogo irrompe.

Fatores dentro do condutor que poderiam iniciar um inferno. Investigadores de acidentes, confrontados com explosões e incêndios de outro modo inexplicáveis, concluíram que, por razões ainda não compreendidas, algumas pessoas são velas de ignição humanas. De acordo com o *National Safety News* (janeiro de 1943), um condutor de camiões de uma empresa petrolífera do Colorado queimou três camiões diferentes — não devido a negligência, estática de pneus ou sabotagem de funcionários mas, sim, devido à própria "personalidade magnética" do condutor.

Estes condensadores humanos, declarou o National Safety Council, são conhecidos por armazenarem até trinta mil volts nos seus corpos. Robin Beach, um professor de engenharia eletrotécnica que recolheu exemplos de condensadores humanos, falou de um automobilista que desaparafusou a tampa da bateria do seu carro para verificar o seu nível de água. Verificar-se a si próprio primeiro teria sido mais sensato, porque houve uma explosão imediata quando ele inflamou o gás hidrogénio que escapava da bateria do seu carro recentemente estacionado.

Se o camionista inglês Edgar Beattie era um desses dínamos humanos, e se os dispositivos elétricos do seu camião estavam situados perto do banco do condutor, talvez o seu fim fogoso tenha resultado da descarga súbita da sua voltagem excessiva e de uma explosão subsequente que iniciou um incêndio dentro da cabine do camião... dentro de si próprio. Herbert Greenhouse catalogou muitos casos em que eletrodomésticos avariavam quando manuseados por indivíduos específicos, incluindo um automóvel que não funcionava para o seu proprietário (sem problemas para outros), mesmo embora mecânicos qualificados não conseguissem encontrar defeitos no carro.

Greenhouse chamou a estas pessoas *falhadores-PK*. "Um falhador-PK tem sempre problemas com o carro", escreveu Greenhouse na revista *Psychic* (maio-junho de 1975). Depois descreveu uma exceção notável: uma mulher que ligava consistentemente o seu carro quando isso deveria ter sido impossível — o seu carro não tinha bateria! Problemas elétricos de um tipo diferente, suponho.

Além destes condensadores humanos que caminham por aí imunes às enormes cargas elétricas acumuladas nos seus corpos, outros são demonstravelmente hipersensíveis a correntes elétricas. Estas pessoas têm uma tolerância muito menor a, e uma sensibilidade significativamente maior a, campos elétricos induzidos. Uma amiga do autor consegue sentir quando uma corrente de ECG é administrada, um grau de sensibilidade que o seu médico disse ser impossível até ela identificar todas e cada uma das vezes que a corrente era aplicada. Poderia, então, o sistema elétrico de 12 volts de um veículo — chocante mas não letal para a maioria das pessoas — ser suficiente para espoletar (causar ou contribuir para o espoletar de) a Carbonização SuperHipertérmica nessas pessoas? Talvez Waymon Wood estivesse entre aqueles que, se extremamente sensíveis à corrente contínua, tocaram numa ligação elétrica defeituosa e viram o seu corpo reagir a uma eletrocussão súbita, chocante e fogosa no seu carro.

Sabe-se há décadas que pode existir uma interação de energia entre o homem e as máquinas que opera; que determinado equipamento irá avariar na proximidade de certos humanos. Os cientistas não se sentem confortáveis em reconhecer este efeito produzível por pessoas elétricas. (Sente-se familiarizado?) Wolfgang Pauli, um vencedor do Prémio Nobel em física teórica, fez com que equipamentos avariassem tantas vezes quando entrava num laboratório que o fenómeno adquiriu o seu nome: o efeito Pauli.

O físico George Gamov escreveu em *Thirty Years That Shook Physics* que o efeito Pauli é "um fenómeno misterioso que não é, e provavelmente nunca será, compreendido numa base puramente materialista". O que equivale a dizer que pode haver mais do que porcas e parafusos quando se trata de avaliar o funcionamento de maquinaria e a sua interação com humanos. Poderá a auto-cremação ter algo a ver, por conseguinte, com a resposta emocional de um automobilista à condução? Algumas pessoas, normalmente modestas, metamorfoseiam-se em condutores de temperamento irascível e fortemente enfurecidos quando se agarram a um volante. (Redigi este parágrafo pela primeira vez no final dos anos 70, anos antes de o uso de tiros para expressar insatisfação entre os automobilistas se tornar um passatempo nacional nas autoestradas americanas.)

Poderá a sua mentalidade psicologicamente sobre-reativa aumentar a probabilidade de uma labareda de fisio-kundalini atrás do volante? O

condutor hiperagressivo transforma-se num caldeirão de raiva fervilhante que aumenta até que as emoções literalmente falham e estoiram — e mais um automobilista arde num crescendo da sua própria fúria ardente.

NOTAS

° Nota sobre a referência a Harrison (1978): O autor refere-se à obra Fire from Heaven de Michael Harrison, um estudo clássico sobre combustão espontânea humana publicado na década de 1970.

[1] Nota sobre os incidentes de Turner e Bruik: Conforme indicado no texto pelo autor, estes casos específicos levantam dúvidas cronológicas e documentais adicionais dentro da literatura forteana, que o autor se propõe a analisar detalhadamente em secções posteriores da obra.

Por outro lado, pode não ser a agressão colérica dos condutores que espoleta este tipo de holocausto rodoviário, mas sim a atitude emocional oposta: a passividade. Saliento novamente que a maioria dos casos de *SHC* ocorre quando a pessoa está sozinha e numa situação propícia à melancolia, à reflexão, à meditação. Se conduz, deve saber o que é a "hipnose da autoestrada" — aquele devaneio rodoviário que embala o condutor num estado mental tranquilo, frequentemente semelhante ao transe (um resultado da exposição prolongada às vibrações mecânicas/acústicas no interior de um carro, de acordo com Bentov).

Como discuti anteriormente, nesse estado alterado de consciência reside aparentemente a maior probabilidade de a *SHC* irromper em chamas. Consequentemente, os mesmos padrões de ondas cerebrais que levam ao fogo humano numa cama também podem espoletar a *SHC* numa autoestrada.

Certamente, incêndios fatais no interior de um automóvel acontecem de formas muito menos esotéricas do que estou a sugerir aqui. Um cigarro caído sobre capas de assento inflamáveis; uma linha de combustível rompida; um incêndio elétrico que detona a gasolina de formas que os designers de automóveis não pretendiam — e carros e humanos arderão.

No entanto, ao longo dos casos deste capítulo, perdura a sensação de fatores presentes que não são explicáveis por estes cenários aceitáveis. As autoridades aludiram repetidamente a condições que as intrigavam, mas que poderiam ser facilmente explicadas se estivessem dispostas a abrir os

seus arquivos de casos a pessoas externas e se estivessem preparadas para considerar que, por vezes, os humanos sofrem combustão espontânea enquanto estão sentados, enquanto dormem, enquanto caminham, enquanto comem e... porque não enquanto conduzem, também? A *SHC* em automóveis pode ser apenas mais uma forma de ferimento por acidente que ocorre nas estradas do mundo, aguardando reconhecimento e o protesto público para que haja salvaguardas contra ela.

13

Testemunhas Oculares: Ver para Crer?

Ninguém pode atestar o que o leitor viu ou observou, e ninguém saberá a menos que o diga. Assim, é importante... registar com precisão a causa e as circunstâncias do incêndio. — *Manual do Oficial para Determinação da Causa e Circunstâncias do Incêndio,* National Fire Protection Association (1974)

O argumento mais forte que os opositores da *SHC* pensam ter é que o fenómeno nunca foi observado.

"Porque é que estas coisas nunca acontecem quando alguém está a ver?", lamentou o Dr. Lester Adelson a Hana Gartner, da CBC-TV, em 1986. "Isso não o incomoda um pouco? A mim incomoda-me. Gostaríamos de obter algumas Testemunhas fiáveis..."

Os detratores afirmam que ninguém reparou na brasa inevitável da lareira ou no material de fumar sempre presente que inflamou a vítima descuidada externamente. Nem, sustentam eles, estava alguém presente que pudesse desmentir que os corpos das vítimas tinham realmente — alegadamente — ardido numa combustão lenta ao longo de muitas e longas horas.

O leitor já sabe que a história não apoia a afirmação deles. Alguns casos foram observados. A morte fogosa de Ignatius Meyer em 1811, por exemplo, e a de Abdallah Ben-Ali em 1839. Além disso, existem aquelas experiências do Dr. Rybalkin que, conforme detalhado na *Revue de l'Hypnotisme* (junho de 1890), produziu queimaduras e bolhas em pacientes puramente por sugestão.

Mas, argumentam os detratores, isto é história antiga: estes poucos relatos podem ser descartados como observações incompreendidas resultantes de um pensamento rudimentar.

Detesto desapontar — não, na verdade deleito-me em desapontar — intelectuais altivos que se julgam acima de olhar para as provas e de as escutar porque têm um doutoramento ou... bem, só porque sim.

As testemunhas oculares estão prestes a falar. Escute as suas palavras.

AS TESTEMUNHAS TOMAM UMA POSIÇÃO SOBRE A SHC

A 10 de junho de 1828, o Dr. Peter Schofield, do Ontário, proferiu o primeiro discurso sobre a temperança no Canadá. Ele descreveu um episódio "sob a minha própria observação" que, segundo ele, deveria servir de aviso justo sobre o perigo supremo do consumo imoderado de álcool. É importante ouvir aquilo de que ele falou naquele dia.

Uma noite, às nove horas, num dia não especificado, o Dr. Schofield viu o bêbado da cidade de Brockville que estava, "como habitualmente, não embriagado, mas cheio de álcool". Menos de duas horas mais tarde, o ferreiro da cidade notou uma luz brilhante na sua oficina e correu para investigar. No interior, disse Schofield, o ferreiro "descobriu o homem de pé, ereto no meio de uma chama prateada amplamente estendida, exibindo, tal como ele a descreveu, exatamente a aparência do pavio de uma vela acesa no meio da sua própria chama".

O ferreiro agarrou o ébrio, um homem de cerca de vinte e cinco anos, e puxou-o violentamente para o chão. O fogo prateado "extinguiu-se instantaneamente". O ferreiro, agindo por instinto e como humanitário, deveria talvez, em vez disso, ter permitido que o fogo seguisse o seu curso natural sem interrupção. A vítima não identificada, com a carne a desprender-se, gritava e gemia, dizendo que estava a "sofrer os tormentos do inferno" — embora não se queixasse de dores no corpo. Ao décimo terceiro dia, faleceu misericordiosamente.

O Dr. Schofield encontrava-se fortuitamente perto da oficina do ferreiro e, assim que foi chamado, chegou às onze horas. Sobre a vítima, Schofield disse: "Encontrei-o literalmente assado, do topo da cabeça à sola dos pés". Não habituado a ouvir falar de um humano queimado por uma chama argêntea, o médico examinou o local cuidadosamente. "Não havia

fogo na oficina", revelou ele, "nem havia qualquer possibilidade de o fogo lhe ter sido comunicado a partir de qualquer fonte externa. Foi puramente um caso de ignição espontânea".

Oito, novamente, as próprias palavras do médico sobre o destino do jovem bacanal de Brockville: "Foi puramente um caso de ignição espontânea".

As palavras escritas pelo Dr. Etoc Demazy para os *Archives Générales de Médecine: Journal Publié par une Société de Médecins* (1830) estavam em francês, mas o Dr. Schofield teria compreendido o assunto. Pela primeira vez em inglês, eis a história esquecida de Demazy — intitulada "Combustion humaine spontanée" — sobre os últimos trinta minutos na vida da Madame Clotilde Herpain Guy.

Entre as 18h30 e as 17h00 da noite de segunda-feira, 2 de fevereiro de 1829, esta sapateira de cinquenta e três anos estava sozinha em casa na aldeia de Ferté-Bernard, em Sarthe, perto de Le Mans, a cerca de 120 milhas a sudoeste de Paris. O tempo estava bom; uma brisa de nordeste arrefecia a noite. O Sr. Guy regressou a casa e encontrou a sua esposa — descrita como "de temperamento irascível, notavelmente obesa, ordinariamente feliz" — imóvel numa cadeira. Ele pensou que ela estava a dormir. Depois, notou um pequeno fogo... e então "num instante as roupas dela foram consumidas". Agindo rapidamente no meio de um fumo denso, atirou-lhe água. Isto, disse Demazy, surpreendentemente "aumentou a atividade das chamas".

Não menos surpreendente foi a ferocidade dos ferimentos: "a cabeça preservava apenas uma parte do cabelo... o pescoço, os lábios, os olhos, as orelhas foram destruídos... o torso e os membros estavam mais ou menos inteiramente queimados... apenas um pé e um seio tinham escapado à queimadura".

O Senhor Guy era agora viúvo. Demazy declarou que a Sra. Guy tinha ardido na gordura do seu próprio corpo "como se estivesse impregnada de álcool". Ah, sim? Ele disse-o sem o benefício de provas médicas, porque um juiz local realizou um inquérito sem convocar nenhum dos três médicos da aldeia, nenhum dos quais examinou a vítima. "É lamentável que nenhuma autópsia tenha sido realizada na mulher Guy!", criticou Demazy.

Não seria a última vez que uma cena destas veria uma investigação adequada ser deficiente.

A 18 de dezembro de 1839, uma mulher indigente na Rua Eldridge morreu cerca de cinco horas após os vizinhos terem notado fumo no seu apartamento em Nova Iorque. Disse o *New York Express* (18 de dezembro de 1839): "A mulher foi descoberta deitada na sua cama — ela própria e o centro da cama em chamas — mas não se conseguiram distinguir vestígios de como o fogo foi comunicado. Presume-se, portanto, que a infeliz mulher perdeu a vida devido àquele acontecimento bem atestado, mas muito raro, da combustão espontânea".

17 de outubro de 1844; Liverpool, Inglaterra. À medida que a morte se aproximava para o Sr. W. Mercer, de quarenta e sete anos, ele ficou insensível; de repente, uma "linha semelhante a carvão em brasa" ardeu na sua boca durante vinte minutos até ele dar o último suspiro e morrer. Não ocorreu qualquer chamuscamento do rosto ou do cabelo neste enigma com múltiplas testemunhas, entre as quais pessoal médico, disse o *The Lancet* (4 de janeiro de 1845).

Por volta das dez horas da manhã de 10 de abril de 1852, o inglês William Vodden encontrava-se nas suas terras agrícolas em Bedford, a apanhar pedras. Poucos minutos depois de ter sido visto a procurar outra pedra para lançar para o lado, os companheiros ouviram um grito lancinante. Voltando-se na direção de Vodden, viram o seu amigo agora envolto numa coluna de fogo. Duas vezes tentaram socorrê-lo, mas as chamas persistentes não se apagavam. Após dez minutos horrorosos, a sua esposa conseguiu extinguir as chamas do marido. O sexagenário Vodden morreu no espaço de uma hora. (Quatro anos e quatro meses mais tarde, em agosto de 1856, cerca de quarenta incêndios inexplicáveis eclodiram em Bedford por um curto período. Estaria Bedford então livre de fogos estranhos até que a Sra. Kaur se inflamasse em 1978?)

Se os casos do canadiano em Brockville e do inglês em Bedford parecem demasiado absurdos para acreditar, o que se deverá concluir sobre o destino do Dr. Averet na Virgínia, a 6 de julho de 1855? Ele foi encontrado "de pé no meio do quarto, com a sua pessoa envolta em chamas". Ele também ardeu com "uma luz invulgarmente brilhante", cuja cor não foi fornecida, e morreu quase instantaneamente devido a uma chamada "queimadura acidental".

No Natal de 1869, ou antes, os amigos de um homem da Luisiana reuniram-se em redor da lareira na sua casa para celebrar a quadra. O seu anfitrião, um ébrio, subitamente deu-lhes uma imagem assustadora e nada festiva para contemplar. De acordo com a *Scientific American* (1870) e a *The Insurance Cyclopaedia* de Walford (1871-1880), chamas azuis saíram da sua boca e narinas... e em breve ele era um cadáver. Feliz Natal, que farsa!

Durante a tarde de 12 de maio de 1890, uma mulher trabalhadora de quarenta e nove anos, "estritamente sóbria", de Ayer, morreu nesta cidade do Massachusetts, a noroeste de Boston, num incêndio que interessou à ciência médica. Pelo menos interessou ao Dr. B. H. Hartwell, que viu a mulher de cinco pés e cinco polegadas e 140 libras "no estado real de conflagração". O *Boston Medical and Surgical Journal* publicou o relato de Hartwell:

O corpo estava de bruços; o rosto, os braços, a parte superior do peito e apenas o joelho esquerdo tocavam no chão; o resto do corpo estava elevado e mantido afastado do chão pela rigidez dos músculos dessas partes. Estava a arder no ombro, em ambos os lados do abdómen e em ambas as pernas. As chamas atingiam de doze a quinze polegadas acima do nível do corpo. A roupa estava quase toda consumida. Quando cheguei ao local, os ossos da perna direita partiram-se com um estalido audível, deixando o pé pendurado pelos tendões e músculos de um dos lados, tendo os do outro lado ardido completamente. Enviando o meu condutor em busca de água e assistência, restou-me apenas observar o curioso e abominável espetáculo, até que foi encontrada uma forquilha de escavação comum com a qual o fogo foi apagado atirando terra sobre ele.

Agora Hartwell podia examinar o local mais de perto. "A carne estava queimada desde o ombro direito", observou, "expondo a articulação a partir do abdómen, permitindo que os intestinos sobressaíssem, e mais ou menos de ambas as pernas. Os ossos das pernas estavam parcialmente calcinados. A roupa não queimada consistia em partes de um vestido de chita, um colete de algodão, uma saia de lã e uma combinação de lã vermelha e grossa".

Outro fogo que queimou horrivelmente a carne, mas não as vestes. O Dr. Hartwell disse que este caso era clinicamente significativo por três razões:

(1) “É o primeiro caso registado em que um corpo humano foi encontrado a arder (isto é, a sustentar a combustão) pelo assistente médico.” Isso, como o leitor sabe, não é verdade; o pessoal médico em Liverpool testemunhou a morte fogosa de W. Mercer em 1844. (2) “Difere de quase todos os casos registados, na medida em que ocorreu numa pessoa de meia-idade, não muito gorda e não viciada no uso de álcool.” Isso era geralmente verdade. (3) “É interessante num sentido médico-legal. Prova que, sob certas condições — condições que existem no próprio corpo —, o corpo humano arderá, e isto deu origem à crença na origem espontânea do fogo.” Hartwell notou que a mulher tinha pegado fogo a uma pilha de cepos e raízes a cerca de trinta pés de distância. Quanto a feri-la, Hartwell concluiu que a queima de mato era inocente. Esta tragédia aconteceu logo após uma tempestade de chuva, ele sabia; por conseguinte, a cobertura do solo estava molhada e não oferecia meios pelos quais o fogo do mato fosse comunicado à mulher.

“Como prova de que a carne ardeu por si mesma e nada mais do que a roupa lhe pegou fogo”, escreveu ele, “pode afirmar-se que... havia apenas folhas carbonizadas sob o corpo; que o seu chapéu de palha, que jazia a vários pés de distância, estava simplesmente tostado; que o cabo de madeira da pá estava apenas enegrecido”. Teria sido a roupa no seu corpo ou o seu corpo na sua roupa que inflamou esta conflagração personalizada? O Dr. Hartwell não obteve resposta.

No distrito de Bermondsey, em Londres, diretamente oposto à Torre de Londres, a Sra. Mary Brown, de setenta anos, morreu a 14 de dezembro de 1904. Foi descoberta envolta em chamas e “gravemente queimada na parte superior do seu corpo”, relatou o *The Daily News* (17 de dezembro de 1904). A sua morte foi atribuída à versão do século XX da visitação de Deus: “Morte por infortúnio”.

Se as pessoas não estão seguras do fogo quando estão sentadas, de pé ou a dormir nas suas próprias casas, onde se poderá sentir alguém seguro? Certamente num barco, rodeado por muita água — Yarmouth, Inglaterra; o ano de 1938. A 29 de julho, ou uns dias antes,[1] a Sra. Maude Comissiong, de cinquenta e quatro anos, estava num passeio náutico nos Norfolk Broads com o seu marido e filhos. Inesperadamente, diante dos olhos da sua família, ela queimou-se rapidamente até se tornar um cadáver carbonizado. A viagem de regresso à costa deve ter sido uma travessia medonha para

aqueles que ela subitamente deixou para trás — devido ao pouco que deixou no meio deles. “Suponho que as roupas dela pegaram fogo”, disse o oficial de investigação ao *Liverpool Echo* (30 de julho de 1930) assim que o barco atracou, “mas não consigo compreender como aconteceu”. Se houve crime envolvido, a família safou-se de um homicídio. Caso contrário, tiveram um pesadelo. O caso foi julgado como acidental.

À medida que o relógio se aproximava da meia-noite de 27 de agosto de 1938, o fogo apareceu novamente em público. Num local muito público — o Chelmsford Shire Hall, no sudeste de Inglaterra. A jovem e bela Phyllis Newcombe, de vinte e duas anos, andava a girar e a rodopiar na pista no baile semanal de sábado com o seu noivo, Henry McAusland, quando deu um passo de dança em direção à combustão. Phyllis gritou. Chamas azuis turbilhoavam em redor do seu corpo.

Em pânico, todos gritaram. O perturbado McAusland tentou apagar as chamas com as mãos nuas. Todas as tentativas de salvar a sua noiva falharam e, “em minutos, ela era cinzas, irreconhecível como um ser humano”. O *Essex Chronicle* (2 de setembro de 1938) teve esta história primeiro, uma história que não se espalhou como fumo a arder pela imprensa britânica. O *Daily Telegraph* de London pegou na história a 20 de setembro, quando relatou os procedimentos do tribunal do legista.

Ironicamente, os depoimentos começaram com um apelo por uma ambulância para servir a cidade de vinte e cinco mil habitantes: a ambulância de uma corporação vizinha tinha demorado trinta e cinco minutos a chegar ao salão de baile — como se uma resposta mais atempada tivesse salvo a pobre rapariga. Mentira! McAusland testemunhou que o vestido e o corpo da menina Newcombe se inflamaram “em segundos” e que nenhuma ambulância poderia ter chegado lá com a rapidez suficiente. De que material era o vestido dela?, perguntou o legista L. F. Beecles. “Um vestido modelado numa crinolina à antiga”, veio a resposta. Ora, a crinolina arde! Ele declarou, assim, que “os resultados trágicos que ouvimos” foram causados por um cigarro caído, o qual fez com que o vestido (e não a Miss Newcombe) se inflamasse.

Felizmente para a justiça, o pai de Miss Newcombe tinha uma mente mais inquisitiva do que o legista demonstrou inicialmente. O Sr. Newcombe apresentou uma amostra do tecido a partir do qual o vestido da sua filha tinha sido cortado. Este ardia quando acendido por um isqueiro,

demonstrou ele; mas os cigarros acesos não conseguiam produzir o mesmo resultado esperado. O Legista Beecles teve agora de admitir: “Em toda a minha experiência, nunca me deparei com um caso tão misterioso como este”. Um caso que se tornou ainda mais misterioso, se possível.

O *Essex Weekly News* (setembro de 1938) também cobriu esta história fantástica, embora parecesse ser uma história inteiramente diferente. O *News* descrevia a Miss Newcombe a “descer a escadaria e, ao descobrir que o seu vestido estava aceso, correu a gritar escadas acima. O seu vestido irrompeu imediatamente em chamas e, à entrada do salão de baile, ela desmaiou”. Os espetadores abafaram o fogo, limitando os seus danos “às suas pernas e corpo”.

Muitos dias depois, ela morreu no hospital de “pneumonia hipostática e toxemia secundária a queimaduras”. Na versão do *News*, o legista admite que este foi o seu caso mais estranho, e depois acrescenta isto: “Obviamente, isto não é combustão espontânea”. Se um “Jack, o Estripador” fogoso andava à solta no sudeste da Inglaterra este ano, até as testemunhas oculares sobreviventes ao destino de Miss Newcombe poderiam não o saber.

A história, no entanto, apresenta outro caso de estilo muito semelhante. Outubro de 1938; uma discoteca no Soho, o distrito de Londres famoso pela sua vida noturna. A vida noturna tornou-se um horror noturno, e depois a morte noturna para Maybelle Andrews, uma jovem de dezanove anos que saíra à noite com Billy Clifford. Em pleno passo com Billy na pista de dança, ela irrompeu em chamas... chamas que saíam das suas costas, peito, ombros e cabelo. Morreu momentos depois.

De acordo com uma comunicação pessoal do jornalista Michael Harrison, o inquérito foi conduzido pelo Legista James F. Duncan, que concluiu: “Em toda a minha experiência, nunca fui confrontado com um caso tão fantástico como este. Não consigo encontrar qualquer explicação lógica para o facto de a roupa e o cabelo da falecida terem pegado fogo”. Talvez se o Legista de Sua Majestade soubesse da longa história da *SHC*, teria encontrado a explicação lógica — embora não menos fantástica — que procurava.

A 26 de dezembro de 1938; Ballina, Irlanda. James Duncan, de setenta e seis anos, não fumador e não se encontrando perto de qualquer fogo

observado, tornou-se uma coluna de chamas no seu quarto.[3] "Tão feroz o incêndio", relatou o *The Western People* (31 de dezembro de 1938), que os socorristas foram incapazes de se aproximar dele até que ele se consumisse totalmente.

31 de dezembro de 1938; Wrexham, País de Gales. A Sra. Selina Broadhurst, de cinquenta anos, inflamou-se no seu quarto. Os potenciais socorristas foram novamente repelidos pela rajada de calor de uma fornalha, disse o *Liverpool Echo* (2 de janeiro de 1939). Disse Eric Frank Russell, que investigou: "Queimada até ficar num estado crostoso pelas suas próprias roupas em circunstâncias onde não era possível..."

Por volta de 4 de janeiro de 1939; Peckham Rye (Londres). Deitado na cama, Peter Seaton, de onze meses, presumivelmente jazia profundamente adormecido até que um convidado da casa ouviu a criança gritar. Harold Huxstep correu escadas acima para efetuar um salvamento e foi travado em seco (ou em brasa). "Parecia", disse ele ao *The Daily Telegraph* (4 de janeiro de 1939), "como se eu tivesse aberto a porta de uma fornalha. Havia uma massa de chamas que disparou para fora, queimando o meu rosto e atirando-me de volta para o outro lado do átrio. Foi humanamente impossível tirar o Peter". Como é que uma criança de colo conseguiu fazer isto?

O Superintendente da Brigada de Bombeiros de Londres, E. H. Davies, conduziu uma busca minuciosa por uma resposta, qualquer resposta, e não conseguiu dar outra senão a de que não houvera nada no quarto de bebé que pudesse ter iniciado sequer um pequeno incêndio, quanto mais um holocausto de tal horror. Paradoxalmente, a tinta não ganhou bolhas neste inferno cujo calor travou os heroísmos do Sr. Huxstep.

E cerca de 1961; no coração de Inglaterra. Um homem que cortava a relva do seu jardim nas Midlands "simplesmente irrompeu em chamas", recordou ter visto Miss Charla Cohen no noticiário local da noite. Ela disse-me que as testemunhas lhe chamaram "SHC clássica", mas não pôde fornecer mais informações. Poderá alguém fornecê-las?

O FOGO VISTO NA BARRIGA DE OV BAILEY

As testemunhas destes incêndios inesperados, súbitos, rápidos, completos e não resolvidos têm visto chamas de cor vermelho-cúprico intensamente brilhante, prateadas ou brancas, mas mais frequentemente

azuis. Um fogo normal do tipo oxidação arde caracteristicamente com uma chama amarelo-alaranjada-avermelhada. A tonalidade azul sugere ou um fogo oxidante muito quente, ou uma descarga gasosa, elétrica ou do tipo prânico. Como parece ser frequentemente o caso, uma bola de fogo origina-se na área abdominal, onde a destruição é mais feroz, e depois irradia para o exterior até que, finalmente, gasta abruptamente a sua energia, as extremidades além do raio de energia centrado no abdómen permanecem intocadas como prova de que as cinzas foram outrora um ser humano. Por vezes, há bolas de fogo débeis; cremações humanas incompletas. Internas, contudo.

13 de setembro de 1967; Londres, Inglaterra. Às 5h19 da manhã, um grupo de madrugadores que caminhava para o trabalho notou uma luz brilhante emanar de um edifício abandonado no número 49 da Rua Auckland, em Lambeth. Um deles telefonou a dar o alarme de incêndio. A Brigada de Bombeiros de Lambeth chegou às 5h24 da manhã. O comando pertencia ao Comandante da Brigada de Bombeiros John (Jack) Stacey.

"Pensamos que há um incêndio ali dentro", disse um da meia dúzia de espetadores, apontando para o primeiro andar. Em dois minutos, a brigada de Stacey tinha a situação sob controlo, exceto a compreensão da situação. (Após Ron Bentley, de Inglaterra, me ter chamado a atenção para este incidente, telefonei a John Stacey para a sua casa em Londres; ele disse que teria todo o gosto em discutir este caso durante a sua próxima visita a familiares em Daytona Beach, Flórida. Reservei imediatamente um voo para a Flórida. A extensa entrevista resultante é aqui fortemente condensada.)

"Quando entrámos no edifício", disse Stacey, "ele estava caído na base das escadas, meio virado para o seu lado esquerdo". Tinha morrido com grandes dores, raciocinou Stacey, porque os seus dentes estavam cravados no poste de corrimão de mogno maciço "e os seus joelhos estavam encolhidos como se estivesse a tentar afastar a dor do estômago". A pessoa de quem Stacey falava era Robert Francis Bailey, com cerca de sessenta e três anos de idade, um sem-abrigo e alcoólico conhecido da polícia local. Ele tinha certamente escolhido o edifício abandonado como abrigo para a noite. E este tornou-se o seu leito de morte.

Além disso, a certeza parava. Ou ele passara a noite a dormir nos degraus inferiores de uma escadaria ou começara a subir os degraus quando

algo impossível se apoderou do seu corpo. A luz azul que chamou a atenção dos transeuntes chamou a atenção do próprio Stacey em seguida.

"Havia uma fenda de cerca de quatro polegadas no seu estômago, exatamente por este ponto" — Stacey colocou a mão logo acima do umbigo — "e a chama emanava daquela fenda de quatro polegadas como um maçarico! Era uma chama azul..."

Uma chama azul a jorrar do abdómen de um ébrio idoso? E testemunhada por um comandante da brigada de bombeiros e pela sua equipa profissional?

"A chama vinha de facto do próprio corpo", afirmou Stacey, "de dentro do corpo. Ele estava a arder literalmente de dentro para fora! E estava definitivamente sob pressão. E estava a incidir sobre o soalho de madeira por baixo do corpo, de tal forma que o calor da chama ficou carbonizado na madeira".

Grandes bolas de fogo!, pensaram os bombeiros para si próprios. Após o choque momentâneo de terem de acreditar no que contemplavam, os homens de Stacey esvaziaram um extintor de incêndio sobre Bailey. A chama não se apagou. Outro extintor foi esvaziado. Ainda assim, a chama azul ardia! Foram necessários mais alguns extintores para finalmente apagar este obstinado fogo interno.

Agora os bombeiros podiam abrir as mandíbulas de Bailey e libertá-lo da sua mordedura de morte no poste da escada. "Quando apagámos o fogo", continuou Stacey, "continuámos a investigar a causa do mesmo". Stacey procurou os três elementos que a combustão classicamente requer: combustível, oxigénio e uma fonte de calor. "Tínhamos o combustível, que era obviamente álcool espiritual de algum tipo. Mas não tínhamos oxigénio" — de dentro do corpo, queria ele dizer — "e não tínhamos uma fonte de calor dentro do corpo. E aquele fogo vinha do corpo. Não começou fora. Começou dentro!"

Da mesma forma, Walter Kirk, um superintendente de crematório britânico, afirmou que "Sem dúvida, o fogo tinha vindo de dentro!"

Característico da *SHC,* a destruição foi extraordinariamente localizada. E feroz. As fotografias que ele me entregou revelavam o rescaldo da chama azul que ardera para o exterior a partir do estômago do

vagabundo. Consumiu o seu abdómen e o tecido do seu casaco leve de estilo fato — mas apenas na parte da frente do abdómen e na parte de trás da manga direita, onde o seu cotovelo assentava a algumas polegadas à frente da sua cintura.

Como ele estava deitado de bruços, a chama perfurou o chão. Uma tábua de pinho de uma por seis polegadas tinha carbonizado, mas apenas por baixo da sua anca. O seu abdómen jazia no primeiro degrau, estando agora o seu canto de madeira nua carbonizado; moderadamente queimado estava o poste de mogno. Outros detritos facilmente combustíveis, espalhados a apenas algumas polegadas de distância pelo chão, escaparam sem um indício de dano. Ao todo, o fogo confinou-se a seis pés quadrados — o tamanho do buraco que o Sr. Bentley tinha aberto a arder através de si próprio.

A cor do fogo era exatamente a que a história favoreceria: azul. Sugerindo um maçarico a gás, de certa forma, e não o frequentemente invocado "efeito de vela". Se este caso era um caso de *SHC* clássica, a história também favoreceria a ausência de odor nocivo a carne queimada. E quanto ao odor? "Não. Nenhum odor", respondeu Stacey à minha pergunta. Procuraram-se indícios de acelerantes; nenhuns foram detetados. Procurou-se por um dispositivo de ignição nas instalações; nenhum foi localizado.

Procuraram-se indícios de crime; nenhum indício foi encontrado. Fortuitamente, o inquérito veio perante o Dr. Gavin Thurston, cuja carreira proporcionara conhecimento prévio sobre a combustão humana paranormal. Ele concluiu que o conteúdo do estômago do Sr. Bailey tinha de facto inflamado. Nenhuma menção a como se ateou fogo dentro de um estômago humano.

NOTAS

[1] Nota sobre a data em Yarmouth: O relato original apresenta uma ligeira inconsistência tipográfica na indicação do ano no excerto final do parágrafo ("July 30, 1930" versus "the year 1938" no início), mantendo-se a tradução fiel ao texto original fornecido.

[3] Nota sobre a numeração: Respeitando as preferências de registo e numeração de notas do autor ao longo da obra original, a numeração salta diretamente para a nota 3 de modo a validar os pontos de correspondência exatos do texto-fonte.

Inicialmente, a causa da morte de Bailey foi registada como "asfixia devido à inalação de fumos de incêndio". Por outras palavras, Bailey sufocou com os fumos da sua própria combustão. "Tenho as minhas dúvidas sobre isso", disse Stacey suavemente, solenemente. "Tenho as minhas dúvidas sobre isso." No final, a audiência do inquérito deliberou de forma mais honesta. O tribunal ordenou uma nova causa oficial para a morte de Robert Bailey: "A permanecer desconhecida".

Stacey disse que este tinha sido o seu primeiro caso de um corpo visto a arder de dentro para fora; provavelmente seria o último. Esperava que sim, de qualquer forma. Não o deixava confortável, esta relíquia de um passado rudimentar que não era suposto acontecer nem outrora nem agora, em 1967. No entanto, ele tinha-o visto com os seus próprios olhos e não o negaria a si mesmo ou a outros. Disse que, como profissional, registaria o caso tal como o vira. Tudo — investigações e testemunhas oculares — levou o Comandante da Brigada de Bombeiros, John Stacey, à única conclusão sustentável: Robert Francis Bailey morreu por combustão espontânea humana.

Discordei de Stacey num único ponto. Ele pensava que Bailey devia ter estado com grandes dores porque os seus dentes tinham mordido profundamente o poste da escadaria. Salientei que, na maioria dos episódios de *SHC*, parece haver pouca ou nenhuma dor sentida pela vítima. Por outro lado, as vítimas pareciam frequentemente ter sido imobilizadas, como se um imenso espasmo nervoso ou muscular tivesse bloqueado os seus corpos num instantâneo *rigor mortis* pugilístico.

Sugeri, assim, um cenário alternativo: Bailey, talvez a curar uma ressaca, estava deitado na escadaria; a sua cabeça apoiada no degrau; o seu rosto contra o poste da escada. Quando o seu abdómen iniciou a *SHC*, uma contração violenta e súbita no seu sistema neuromuscular fez com que o seu pescoço flectisse para a frente e a sua boca aberta se fechasse repentinamente em torno do poste de madeira com tanta força que os seus dentes se cravaram no mogno. As suas mandíbulas bloquearam firmemente. A dor não era a questão. Embora especulativo, Stacey admitiu que isto fazia sentido. Mas, a essa altura, tudo neste caso, além do que ele próprio tinha testemunhado, era especulação.

Teria Bailey sido reduzido a cinzas sem a intervenção da brigada de bombeiros? Se a equipa de Stacey tivesse sido capaz de determinar que Bailey já estava morto, deixar o fogo prosseguir até à sua conclusão natural teria sido instrutivo. Qualquer que tivesse sido o fim nesse cenário, o desfecho do caso Bailey é conhecido e não pode ser alterado. O que tem de mudar é a crença firmemente enraizada de que a *SHC* nunca é testemunhada por pessoas que sabem o que estão a ver. Agora, a *SHC* ergue-se como um fenómeno observado em progresso por um profissional de bombeiros fiável, competente e pragmático e pela sua brigada.

ESTRANHEZA NA WOOLWORTH

Tenho outro incidente para crónicas, um que nunca foi relatado na imprensa até agora. Provém de Cheryl Paserman, que conheci num simpósio da Sociedade de Parapsicologia de Jérsia em 1976. Ela disse que uma amiga de uma amiga, chamada Irene (ou Renie), tinha ido a uma loja da Woolworth em Nova Iorque cerca de três anos antes (por volta de 1973). Irene encontrava-se "normalmente num estado muito angustiado", disse ela, "e sentia que os seus coabitantes eram mesquinhos e cruéis para com ela".

Nesse dia, Irene sentia-se particularmente perseguida e paranoica; "definitivamente num estado de espírito extremamente negativo na altura". Foi comprar velas para uma possível utilização num ritual porque, pensava Cheryl, Irene estava "talvez metida em vodu". No balcão de velas da Woolworth, duas funcionárias apontaram súbita e ansiosamente para Irene. "A perna das suas calças está a arder!", gritou uma delas. As funcionárias "esfregaram e apagaram" as chamas indolores — para usar a descrição da Miss Paserman conforme lhe tinha sido contada — e Irene fugiu da loja. Tecido em chamas? Ou carne humana? Perguntei à Miss Paserman se alguém tinha mencionado a cor das chamas. "Julgo que eram azuis."

UM AUGÚRIO NO MARDI GRAS

Durante a minha aparição ao vivo no programa *People Are Talking* (WJZ-TV) de Baltimore em 1985, uma telespetadora ligou para dizer que nunca se tinha sentido tão aliviada na sua vida como naquele momento ao ouvir falar de pessoas cujos corpos se auto-inflamam. Essa resposta apanhou todos de surpresa. Uma chamada de um maníaco?, ponderei

durante um intervalo comercial. Ou não? Esta telespetadora acreditava ter visto uma *SHC*. Estaria ela a inventar?

As pessoas que desconhecem o historial da *SHC* descreveriam provavelmente chamas vermelhas, e isso denunciaria a sua história como fabricada. Pedi-lhe que descrevesse a cor do fogo. "Azul", disse ela sem hesitação; "azul elétrico, brilhante". Era a resposta esperada, se a *SHC* estivesse de facto em causa. Após a transmissão, ela concordou em falar mais uma vez, longamente e sob condição de anonimato, sobre a experiência perturbadora. Seria, disse a estudante de justiça criminal Miss D. W., uma entrevista exclusiva porque ela não queria ter de pensar no incidente novamente.

Ela tinha estado em Nova Orleães, em 1971, durante o Mardi Gras. Numa tarde abafada, reparou casualmente, a cerca de 150 ou 200 jardas à sua frente, num homem de "estatura média" a caminhar sozinho no French Quarter. Desviou o olhar por um momento. Quando se voltou novamente para ele, uma explosão de luz envolveu-o. "Ele simplesmente desapareceu numa bola de fogo diante dos meus olhos!", exclamou ela. Horrorizada, virou-se e correu, julgando-se louca por ver aquilo. "Agora penso que compreendo o que vi." Ninguém estava mais perto daquele homem do que ela. Não ouviu nenhum som, nenhuns gritos associados à explosão de luz azul.

Não cheirou nenhum odor. Não viu nenhum indício de contorção, pânico ou dor no homem. Contou a alguns amigos a sua inesquecível experiência no Mardi Gras, apenas para ser repetidamente ridicularizada. Consequentemente, começou a duvidar da sua sanidade, até que me viu no *People Are Talking*. As tentativas de associar o seu relato aos arquivos de "pessoas desaparecidas" do Departamento de Polícia de Nova Orleães não tiveram sucesso.

Devido ao número de transeuntes que passam pela cidade durante o Mardi Gras, a polícia pode nunca ter sabido que aquele peão estava na cidade; nunca soube da forma estranha como ele deixou a cidade, deixando para trás algumas cinzas que se dispersaram na brisa seguinte.

MAIS "INFORTÚNIOS" PRESENCIADOS

5 de agosto de 1982; manhã no South Side de Chicago. O City News Bureau emite este boletim: uma mulher negra na Rua S. Wells, número

4052, “irrompeu em chamas sem razão aparente, disse a polícia”. Winfield Gattlin afirmou ter visto a mulher passar pelo seu carro estacionado; depois, já a um quarteirão de distância, observou-a a tornar-se numa espiral instantânea de fogo. O CNB emitiu em breve um aditamento que mencionava a combustão espontânea humana.

O *The Paul Harvey Show* pegou na história para a rádio, e eu peguei no telefone. O detetive Daniel Fitzgerald, da Unidade de Crimes Violentos da Polícia de Brighton Park, disse: “Ela estava completamente queimada; quero dizer, torrada. Não era obviamente apenas um caso de a roupa dela ter pegado fogo. Não sabemos realmente o que aconteceu aqui”. O detetive Nick Creszenzo e o Sargento Owen admitiram também a sua perplexidade nas primeiras horas da sua investigação. Ao início, os bombeiros pensaram que tinham respondido a um fogo de lixo, disse Fitzgerald, de tão irreconhecível que a mulher estava.

A sua mala jazia intacta por perto. Entretanto, o médico legista do Condado de Cook, Dr. Robert Stein, anunciou a sua descrença na *SHC* antes de iniciar a sua investigação: “Tais teorias dão belos contos de fadas”. Os meios de comunicação telefonavam-me, ávidos de informação sobre uma história quente da qual pouco sabiam. A testemunha ocular poderia ajudar a esclarecer esta confusão, pensei. Fitzgerald deu-me o número de telefone de Gattlin. Revelou-se inválido.

Estava ao telefone com o Dr. Stein quando Bob Boese, do Laboratório de Crime do Condado de Cook, o informou de que a cromatografia gasosa tinha acabado de identificar vestígios de hidrocarbonetos nas vestes da mulher. Para o Dr. Stein, isso significava acelerantes e, portanto, ou homicídio ou suicídio. Neste ponto, a comunicação social largou a história como uma batata quente demais. Eu insisti. A autópsia indicou que a mulher, na casa dos quarenta anos, tinha morrido doze horas antes de a queima começar — o que é difícil de harmonizar com a declaração da testemunha. (Assim como muitos outros aspetos deste incidente.)

Solicitei fotografias para avaliar se a extensão dos ferimentos sugeria *SHC*. Marshall I. Considine, diretor do laboratório de crime da polícia de Chicago, explicou que não podia facultar fotos devido à potencial acusação de um suspeito. Acrescentou: “No entanto, declaro que a combustão espontânea humana não esteve envolvida”. Além disso, um médico envolvido na investigação disse ao meu informador Mickey McWilliams

que “havia decomposição nos órgãos” da vítima; isto é, nenhuma queimadura corporal profunda. Portanto: risque-se uma alegada *SHC*, pendente de revelações em contrário. Um caso cujo desfecho é menos ambíguo transpira um mês mais tarde em Londres, Inglaterra. Prepare-se, é formidável.

Setembro de 1982, período diurno; Edmonton, norte de Londres. O tempo está quente, húmido. Nenhuma brisa passa pelas janelas abertas da casa dos Saffin, onde Jean Lucille Saffin, de sessenta e um anos, e o seu pai de oitenta e dois anos sufocam de calor na cozinha. Ela está atrás e um pouco à esquerda dele, sentada numa cadeira Windsor de madeira. O velho está consciente apenas do calor até que, pelo canto do olho, vislumbra um clarão momentâneo. Volta-se para perguntar à sua filha se ela o viu. Vê a sua filha envolta numa chama sinuosa! Saltou para a salvar. Jean Lucille permaneça sentada, ainda ali sentada com as mãos no regaço enquanto as chamas turbilhunavam em redor dela. Não fez um único movimento. Nem gritou.

Agarrando-se a ela, puxou-a da Windsor — ela não colapsou, mas foi capaz de se manter de pé — e arrastou-a até à banca e começou a atirar-lhe canecas de água. Gritou pelo seu genro, que estava na casa a descer as escadas. Ele entrou a correr, pegou numa panela de água e regou a infeliz mulher. Enquanto os homens lutavam para salvar Lucille, o genro jurou que “ela tinha chamas a rugir-lhe da boca como um dragão”. Os homens da ambulância levaram-na para o hospital. Ao recolherem a paciente, notaram que não havia danos de fumo na cozinha; que a sua roupa não estava queimada. Apenas uma parte do seu casaco de malha de nylon vermelho tinha derretido. Deixarei John Heymer contar o resto da história nas suas próprias palavras, gentilmente partilhadas comigo e publicadas aqui pela primeira vez.

“Os cirurgiões pensaram obviamente que ela se tinha pegado fogo a si própria. E queriam saber como. Um deles afirmou que as queimaduras no seu rosto e nos seus braços eram queimaduras de espessura total — mesmo até à gordura subjacente. É preciso algum tempo para fazer isso, sabe.

Agora, esta mulher esteve sentada ao lado do pai enquanto tudo isto se passava! E ele também disse, depois, que assim que se apercebeu da chama, a chama fazia um ruído de rugido tal que ele nunca mais o esqueceria. Ele esteve na Primeira Guerra Mundial. Tinha visto chamas

suficientes, como costumava dizer à outra filha, mas nunca tinha ouvido chamas a rugir daquela maneira!"

Um médico disse ao genro que ele tinha de estar enganado, escusado será dizer, sobre qualquer fogo barulhento a sair da Miss Saffin. Aparentemente, ignorou simplesmente o testemunho de confirmação do pai. Mas os cirurgiões não podiam ignorar a paciente com o rosto e as mãos consumidos pelas queimaduras. Ao início, quando falavam com ela tentando decifrar tudo, os seus olhos abriam-se e ela estava consciente da presença deles. Mas nunca proferiu uma palavra, acabando por entrar num pseudo-coma onde apenas respondia a picadas de alfinete. Morreu ao fim de oito dias.

"O inquérito foi suspenso", continuou Heymer, "para descobrir a causa da ignição. O oficial de polícia foi enviado lá, voltou e disse-lhes que era combustão espontânea humana. Não conseguiu encontrar nenhuma causa possível para a forma como ela se transformara numa chama."

A polícia afirmou ainda que, quando ela foi admitida no hospital, não sentia dores. "Ora, ela tinha queimaduras de espessura total [de terceiro grau] — todo o seu rosto estava queimado e as suas mãos — e não mostrava dor!", enfatizou Heymer sobre uma condição certamente surpreendente para qualquer pessoa não familiarizada com o historial da *SHC*. Ele riu-se frouxamente. Afinal de contas, este tipo de ironia ser-lhe-ia familiar.

"As únicas partes do seu corpo que arderam foram as partes que não estavam cobertas por roupa. Houve algumas queimaduras menores no seu corpo noutros locais, sabe, uma ou duas marcas na nádega e no seu abdómen, creio eu. Mas a queimadura no seu abdómen poderia ter sido causada pelas suas mãos em chamas que estavam no seu regaço."

Poderia Jean Lucille Saffin ter sido reduzida a cinzas não fora a rápida intervenção dos seus parentes? Ninguém saberá. Heymer, no entanto, sustentará que a Miss Saffin estava "a arder por dentro, abaixo da superfície... Porque, de outro modo, como poderia ela ter ardido — o seu rosto e as suas mãos consumidos — quando as suas roupas não arderam?" Faz sentido para mim.

COZINHADOS HUMANOS NA ESCOLA DE CULINÁRIA

28 de janeiro de 1985, por volta das 11h00; Cheshire, Inglaterra. No Halton College of Further Education em Widnes, Jacqueline Fitzsimon, de dezassete anos, tinha acabado de terminar uma aula de culinária. Com amigas, caminhou algumas centenas de pés ao longo do corredor e entrou numa caixa de escadas. Um colega estudante, John Foy, notou fumo a sair por baixo das roupas dela. Gritou o alarme: a Miss Fitzsimon está a arder! Amigas próximas removeram parte do seu vestuário e abafaram as chamas. Mas ela já estava gravemente queimada em oitenta por cento do seu corpo e morreu quinze dias mais tarde devido a pneumonia enquanto ainda se encontrava nos cuidados intensivos. O que lhe aconteceu, sem surpresa, permanece controverso até aos dias de hoje. Teria a sua roupa roçado numa chama aberta nos fogões a gás da sua sala de aula e ardido de forma latente e impercetível na sua bata durante vários minutos? Teria um cigarro sido atirado irrefletidamente pela caixa de escadas abaixo para cair nas suas costas ou nos seus caracóis cheios de laca? Teriam sido as suas próprias costas as culpadas? O que aconteceu na investigação dos seus ferimentos é igualmente controverso.

Na altura em que o incidente fez manchetes, eu era o único investigador não policial que falava regularmente com o Sargento Martin Findlow da Polícia de Cheshire, chefe dos investigadores no caso. Por outras palavras, obtinha informações que ninguém nos meios de comunicação social estava a obter na altura, a partir da melhor fonte disponível. No espaço de "cinco a seis jardas e escassos segundos", disse-me o Sargento Findlow, a Miss Fitzsimon tinha-se transformado de uma feliz estudante de culinária naquilo que "parecia um duplo de cinema".

Foram necessários três membros do pessoal e dois estudantes para apagar as suas chamas, explicou. "Não podemos dizer como é que ela pegou fogo", confidenciou Findlow, dizendo que se sentia decididamente desconfortável com laivos da teoria do cigarro caído que estava a ser promulgada por outras autoridades. E quanto à *SHC*? "Deveria ser examinada", acreditava Findlow. O oficial de prevenção de incêndios de Cheshire, Bert Gilles, concordou: "Entrevistei sete testemunhas oculares. Até agora, não há uma explicação clara do incêndio...

Devemos procurar outras causas como a combustão espontânea". Ora essa! Autoridades, encurraladas, de mente aberta; dispostas a considerar o inusitado porque o bizarro poderia ser o que fazia mais sentido.

Depois, falei com o Agente de Polícia Jenion, que tinha sido destacado como legista em funções para o caso. Estávamos a 19 de abril, quase três meses após a Miss Fitzsimon ter morrido. Está a conduzir o inquérito sobre a morte dela? "Sim." Poderia dar-me informações sobre a sua morte? "Não." Já concluiu as suas averiguações? "Não!" Ele não diria, afirmou, nada sobre o caso. Depois reconsiderou. "Posso dizer-lhe isto, no entanto. Estão todos a perder o vosso tempo!" "Pensa que há uma explicação convencio—" Jenion interrompeu abruptamente a minha pergunta inacabada. "Estão todos a perder o vosso tempo. Digo-lhe isso já, de graça!"

O Legista em funções Jenion estava claramente irritado com esta morte da Miss Fitzsimon, contivesse ou não o espectro da *SHC*. Justo. Mas quando um funcionário do tribunal descarta categoricamente uma explicação que, apesar da sua estranheza, a própria polícia está disposta a considerar, e o faz antes de ouvir todas as provas que estão a ser reunidas para ele deliberar, fico desconfiado. Essa desconfiança confirmou-se. A investigação sobre o destino dela desenrolou-se de forma intrincada, magistralmente relatada com entusiasmo pelos jornalistas britânicos Peter Hough e Jenny Randles na *Fortean Times* (n.º 47).

O Legista Gordon Glasgow, agora encarregue do caso, abriu a sessão admoestando o Júri (e a imprensa reunida) para que ignorassem qualquer especulação ou sugestão sobre *SHC*. As provas seriam ocultadas. Peritos que não tinham qualquer ligação direta com o caso testemunharam contra a *SHC*. O patologista do Ministério do Interior, Philip Jones, excluiu categoricamente a *SHC* porque, disse ele, "as reações químicas necessárias exigidas não eram evidentes" — um ponto sobre o qual eu teria desejado (e exigido, se fosse o legista) muito mais erudição! Sr. Jones, quais são as reações químicas necessárias para a *SHC*?! Curiosamente, o Sargento Findlow aparentemente não foi convocado para testemunhar. Nem, ao que parece, o Oficial da Estação de Runcorn, Richard Pink, muito embora ele também estivesse envolvido na investigação original e me tivesse dito pessoalmente que "a *SHC* é uma probabilidade". Foi realizada uma reconstituição utilizando uma camisola de acrílico e peças de vestuário exterior de algodão como as que a Miss Fitzsimon usava naquele dia fatídico.

Estas não se inflamaram nem arderam, ao contrário da jovem senhora. Os meios de comunicação voltaram então a sua atenção para a *SHC*. Previsivelmente, os peritos viraram-se contra a *SHC* com redobrado vigor. Disse um porta-voz da brigada de bombeiros de Cheshire: "A sugestão nos jornais de que isto poderia ser um caso de Combustão Espontânea Humana é inteiramente infundada e mera criação de sensacionalismo por parte de um repórter para vender uma história". Ao que o *Daily Telegraph* contrapôs: "Apenas podemos dizer que o nosso correspondente está absolutamente seguro de que... as circunstâncias deste incidente em Cheshire foram tão misteriosas que se tornava necessária uma investigação completa, incluindo a possibilidade de Combustão Espontânea Humana — ".

"Não encontrei provas de combustão espontânea humana", assegurou Jenion no inquérito. Não fiquei surpreendido. Ele defendeu a teoria do bom senso da combustão lenta latente da bata, mesmo admitindo que nunca tinha visto um pedaço de pano em combustão lenta irromper em chamas. Parecendo incerto da sua certeza acerca de uma transição tão rápida de combustão lenta para chama, perguntou: "É do conhecimento geral, não é?". O estudante John Foy foi um dos que discordou veementemente. Quando Hough lhe perguntou a sua reação à explicação da bata em combustão lenta, Foy respondeu: "Que monte de lixo! Quando passámos por ela [Miss Fitzsimon] não havia nada, segundos depois as suas costas eram uma massa de chamas". Outras duas testemunhas no inquérito apoiaram Foy. Randles e Hough relatam em *Spontaneous Human Combustion* (1992) que Karena Leazer e Rachael Heckle testemunharam que tinham acabado de passar pela sua colega de turma na caixa de escadas quando, disse a Miss Leazer, notou uma pequena bola de luz a mover-se para baixo em direção ao ombro direito de Jacqueline e a parecer entrar nas costas da rapariga, momento em que Jacqueline gritou: "Desceu pelas minhas costas — tirem-no dali!".

Momentos depois, ambas as raparigas afirmaram, a sua amiga irrompeu "como um duplo de cinema na TV" — para citar outra representação gráfica de uma testemunha ocular sobre a trágica ocorrência. O Sr. Jenion pode ter a sua opinião contra a *SHC*, uma opinião que ditou o veredicto do inquérito: "Morte por infortúnio". Não obstante, os factos favorecem que Jacqueline Fitzsimon é mais um episódio de *SHC*

presenciado; presenciado, depois negado; negado, depois descartado numa conspiração de confusão sancionada.

VISTO MAIS UMA VEZ?

A 28 de maio de 1990, Angela Hernandez, de vinte e seis anos, submetia-se a uma cirurgia no UCLA Medical Center. Ferida num acidente de automóvel, esperava-se que recuperasse sem problemas. Isto até os lençóis que a cobriam na sua maca sobre a mesa de operações terem pegado fogo. Ou terá sido a própria Miss Hernandez que se inflamou sob os lençóis? O fumo denso forçou a equipa médica a fugir do incêndio que não conseguia extinguir. A polícia universitária também não conseguiu aplacar as chamas quando chegou. Altura em que os bombeiros de Los Angeles entraram apressadamente — cinco minutos após o início do fogo —, a labareda tinha abrandado para uma combustão lenta, relatou o *The Los Angeles Times* (29 de maio de 1990). A paciente estava morta. Curiosamente, o fogo fatal produziu demasiado pouco calor para acionar o sistema de aspersores do teto. Se uma faísca de um cautério descuidadamente colocado causara a tragédia, os responsáveis do UCLA Medical Center recusam-se a dizê-lo. Nenhum dos rumores tentadores pôde ser confirmado.

O incidente teve o seu vislumbre momentâneo de publicidade, e depois pareceu simplesmente dispersar-se como uma lufada de fumo a desvanecer-se na não existência. Quantas outras pessoas, em quantas outras jurisdições, deixaram este mundo de uma forma similarmente em chamas, bizarra... uma forma que é, por vezes, presenciada por testemunhas oculares, mas não relatada por medo do ridículo? Medo do desconhecido? Não é suposto as pessoas verem os seus semelhantes a deixar este mundo em glória fogosa. Não se verá o que não pode ser.

14

Fábulas da SHC e Mitos Selecionados

Tratar os seus factos com imaginação é uma coisa, mas imaginar os seus factos é outra. — John Burroughs

As leis da física e da química não foram revogadas. A Combustão Espontânea Humana é um mito, uma teoria sem factos. A sua perpetuação é uma mancha na ciência e no profissionalismo da comunidade de análise

de incêndios." Assim conclui Patrick M. Kennedy, Ph.D., numa edição de 1986 da *The National Fire Investigator*, a revista da Associação Nacional de Investigadores de Incêndios. Como presidente da NAFI e investigador profissional de incêndios que lecciona educação sobre o fogo, Kennedy (que presume competência também nos campos altamente complexos e em rápida mutação da física e da química) deseja banir a *SHC* para o mundo do mito. Desalentado pelo facto de ele e os colegas com a mesma mentalidade terem sido incapazes de enterrar os fantasmas da combustibilidade humana espontânea e preternatural no século decorrido desde von Liebig, Kennedy lamenta: "É a sina dos mitos que estes se tornem autossustentáveis. Desenvolvem vidas próprias e, uma vez que isto acontece, são muito difíceis de matar".

De acordo com Mircea Eliade, o historiador de religião da Universidade de Chicago que se encontra entre os maiores especialistas mundiais em teoria mitológica, as tradições ocidentais trataram, até este século, o mito apenas como "fábula... ficção... invenção". Kennedy tem o direito de manter a sua interpretação de mito, se esta for a sua definição de mito, tal como as provas têm o direito de defender o seu caso. Na verdade, Kennedy está parcialmente correto.

Muitos episódios alegados como sendo *SHC* são míticos, regularmente impingidos ao público por outro fenómeno explosivo conhecido como o tabloide de supermercado. Sempre que os mitos de combustão humana anómala são palpavelmente falsos mas apresentados como factuais, a investigação séria é ameaçada. A matança de mitos torna-se então a tarefa digna que Kennedy defende. Portanto, vamos despachar e liquidar algumas falsidades que corrompem a *SHC*.

ALGUNS MOMENTOS QUENTES DE TABLOIDE

O Padre Domingos Fernandez inflamou-se espontaneamente enquanto exorcizava Satanás na Argentina em 1984... o bombeiro reformado de Nova Iorque George Mott foi "literalmente cremado na sua cama" em 1986... a estudante francesa Marilee Mars "ardeu intensamente durante quase 10 minutos" enquanto tomava banho em 1987(?)... o Herr Klaus Holtzberg ardeu enquanto travava batalha com demónios de garras verdes no quarto dos seus filhos em 1988(?)... a glutona Maria Lissaro explodiu com um grande arroto após devorar vinte e quatro pizzas num bistrô não identificado em Paris em 1988... dois belgas, Christian Ruys e a sua noiva,

Patrice Monami, transformaram inadvertidamente a sua paixão pública num abraço demasiado tórrido que disparou chamas a quinze pés de altura e "30 segundos mais tarde" os deixou para sempre misturados como cinzas em 1989(?)... o famoso exorcista Padre Luis Ponce "explodiu em chamas" cuspidas por um "demónio" dentro de uma rapariga que estava a ser exorcizada em Barcelona em 1989(?)... o robusto Alain Favier, de nove anos de idade, perdeu o seu temperamento francês e explodiu numa bola de fogo incandescente "equivalente a três bananas de dinamite" que também matou cinco dos seus atormentadores em 1989. Julgo que o tormento não acaba até que o rapaz gordo exploda —

Existem mais ultrajes.

Em 1990(?), o executivo de seguros de Estugarda, Helmut Klommer, está num encontro amoroso secreto com a sua secretária no momento exato em que a sua esposa direciona ódio contra ele, de tal forma que a sua "cabeça inchou como um balão" e explodiu; um alegado chefe de polícia terá supostamente atribuído isto a "causas naturais". Ah, sim? Um mágico de Budapeste decadente e sem sucesso realiza o truque do século quando acena com a sua varinha e faz a sua sobrinha, Louise, "irromper em chamas e desaparecer".

Nos arredores de Viena, o Rev. Franz Lueger torna-se o seu próprio fogo e enxofre enquanto brada do seu púlpito contra o mal, de Bíblia na mão; ele é instantaneamente torrado, o livro não. O banhista Sven Pehrson bronzeia-se fatalmente numa praia de Maiorca — bronzeia-se até às cinzas num surto de calor que rivaliza com o sol e fere a sua nova esposa deitada ao seu lado. Um homem de Nova Jérsia, Herb Cook, já morto, inflama-se noutra "ocorrência de combustão espontânea humana?" O falecido Carlos Aragon jaz no seu caixão "numa pequena igreja perto de Tarauac [*sic*]" — a cidade é Tarauacá, nas florestas tropicais do remoto oeste do Brasil —, contudo, pós-morte, torna-se "um caso invulgarmente bem documentado de combustão espontânea de um corpo humano" quando, em 1989, o seu cadáver "desaparece no ar!" perante os espetadores.

Em 1991(?), a médium suíça Barbara Nicole envolve-se num "duelo mental" com um rival e perde quando este último "explodiu com a cabeça da Miss Nicole com um surto de energia psíquica da sua mente para a dela". Em 1994(?), um destino semelhante tendeu a abater-se sobre Nikolai Titov no Campeonato de Xadrez de Candidatos a Mestre de Moscovo,

quando a “Eletrose Hiper-Cerebral” supera a sua intensa concentração e os seus cérebros explodem “como se alguém tivesse colocado uma bomba no seu crânio”, de acordo com o seu adversário salpicado de sangue; um famoso neurologista, o Dr. Martinenko, afirmou que estas “explosões acontecem durante períodos de intensa atividade mental” em pessoas que são “literalmente inteligentes demais para o seu próprio bem”. O artigo chegou à Internet, juntamente com uma lista de precursores para esta maleita rara; ter quaisquer três das sete condições (praticamente ubíquas para toda a gente) sinaliza uma HCE iminente. A cura? Seja estúpido e não pense!

Finalmente, 1995 traz o advento de um contágio bruto de *SHC* — “Primeiro caso de sempre de uma REAÇÃO EM CADEIA de combustão espontânea humana!”, gritava a manchete — à medida que Marie de Challeurs começava (em 1995?) a deitar fumo, internamente, num sumptuoso jantar na Escandinávia; “ela simplesmente explodiu, por assim dizer”, é citado o testemunho ocular de Yves Gigot, mas não antes de “um fino fio de fogo” saltar dela para abater Georges Casaubon, e depois a esposa da testemunha ocular, Renee Gigot, além de mais quatro convidados na malfadada mesa.

Estes contos de tabloide surgem com uma frequência perturbadora — os acima citados são do *Sun*, do *National Examiner* e do *Weekly World News* — e carecem invariavelmente de dados confirmatórios. Com manchetes lúridas como “Mulher devora 24 pizzas — e explode em mil pedaços!” e “CA-BUM! Cabeça de médium famosa explode” misturadas entre histórias sobre um bombardeiro da Segunda Guerra Mundial fotografado na Lua e as vidas contínuas de John F. Kennedy e Elvis Presley, não admira que um público esclarecido descarte a *SHC*, especialmente dado que o jornalismo de referência raramente dá qualquer cobertura (quanto mais favorável) ao fogo interior.

O perigo de ridículo mordaz por engolir lixo de tabloide como algo que não seja fábula tem facilitado muito a vida àqueles que querem que os outros desacreditem na *SHC*. A maioria destes pseudo-casos originou-se no *Weekly World News*, que nos anos recentes publicou mais destas histórias do que os seus concorrentes juntos. O *WWN* ou tem uma linha direta exclusiva para a *SHC*, ou escritores com imaginações férteis e escaldantes.

De qualquer das formas, o resultado é mais uma história de página inteira a estampar uma nova variante da *SHC*. O correspondente David Welk anunciou na primeira edição do *WWN* de 1995 que, das 17 307 pessoas que foram vítimas do estranho fenómeno em todo o mundo em 1993, o último ano para o qual existem dados disponíveis, 12 073 — ou seja, 69 por cento — eram canalizadores, explicou um perito.

Deus nos livre a todos, especialmente aos canalizadores, se houver mais de 17 000 incidentes de *SHC* anualmente! Sem surpresa, o referido "perito" é anónimo; tal como a mulher numa fotografia acompanhante que "explodiu em chamas em 1993" — uma fotografia composta eletronicamente, claramente.

Em todos os casos, com exceção de dois em que as autoridades locais responderam aos meus pedidos de confirmação, as histórias do *WWN* provaram ser (como se poderia suspeitar) puras fábulas.

Uma exceção foi Herb Cook, um funcionário de cemitério de oitenta e um anos encontrado morto na sua casa cheia de fumo em Franklinville, Nova Jérsia. "Homem morto irrompe em chamas! Será o incêndio bizarro mais um caso de combustão espontânea humana?", encabeçava o *Weekly World News* a 22 de abril de 1986. O repórter do *WWN*, Dick Donovan, telefonou-me antes da publicação da história, pedindo-me que respondesse a essa pergunta. Disse que teria de investigar primeiro.

O Chefe Adjunto dos Bombeiros, Alf DeCesari, confirmou o relato do tabloide (surpreendente!) no que toca ao facto de Cook ter efetivamente morrido. Recomendou que eu falasse com o Médico Legista Claus Speth. O Dr. Speth admitiu que o caso era estranho, mas não viu razões para invocar a *SHC*. Raciocinou que Cook sofrera um ataque cardíaco fatal, caíra sobre uma grelha no topo de um aquecedor a gás localizado num vão sanitário inferior e, depois, durante dois dias, o aquecedor cozinhou Cook enquanto a gordura que pingava do seu torso a assar era consumida lentamente — até a polícia abrir a porta. Além disso, salientou Speth, Cook não foi reduzido a cinzas. Perante a suposição do tabloide de que a *SHC* vitimara este homem, a resposta é não. Herb Cook assou sobre uma fonte de calor externa conhecida e irrompeu em chamas devido a uma explosão de contracorrente num ambiente rico em monóxido de carbono. As circunstâncias foram invulgares, mas não atribuíveis à *SHC*. Mais um caso

de *SHC* de tabloide derrubado por terra, embora Cook tenha desmentido a teoria da vela humana promulgada pelos detratores da *SHC*.

A outra exceção poderá ser a *SHC* mais bem documentada da última década, talvez de todos os tempos. Dir-vos-ei qual é... mais tarde.

MAIS MITOS PARA LIQUIDAR

A "SHC de tabloide" faz pouco para inspirar a crença num fenómeno já de si demasiado difícil de acreditar para muitas pessoas. No entanto, tais mitos não estão relegados para o jornalismo questionável dos editores de tabloides. Escritores e académicos de boa reputação também se equivocaram, como mostram estes exemplos:

- A 19 de fevereiro de 1888, um "velho soldado embriagado" em Colchester morreu de *SHC* no meio de feno intacto num palheiro, de acordo com Harrison em *Fire From Heaven* (1978), além de outros que o tomaram como referência. Não encontrei qualquer corroboração nos jornais ingleses para este evento. Em vez disso, este parece ser um caso de relocalização do Sr. A. M., que ardeu a 450 milhas de distância, em Aberdeen. Liquide-se um mito.

- Chamas estranhas envolveram Mary Hart "em Whitley Bay, Blythe, Inglaterra" a 31 de março de 1908, segundo o escritor Allen Eckert. Outra *SHC*? Ou problemas? A Inglaterra não tem nenhum condado chamado Blythe; Whitley Bay fica perto da cidade de Blyth, mas as duas comunidades são separadas geograficamente (embora ligadas por uma cartografia insuspeita a ser examinada mais tarde). O exame do *The Blyth News & Wansbeck Telegraph* (o jornal local) na Secção de Colindale do Museu Britânico para o período em questão não revelou qualquer menção a uma Mary Hart, viva ou morta. Após o artigo de Eckert, Mary Hart fica enraizada na literatura da *SHC*, à medida que outros escritores o citam como prova de fogo misterioso. Um padrão perturbador. Até que alguém me entregue o recorte de jornal original, direi que Mary Hart é um mito liquidado.

- Randles e Hough, no seu livro *Spontaneous Human Combustion* (1992), reatribuem o incidente da "chama de cor prateada" de 1828 do Dr. Schofield ao ano de 1847, e atribuem-no à "experiência em primeira mão" de um Dr. Nott, que não estava lá; o

Professor James Hamilton — o seu papel na *SHC* será introduzido em breve — de Nashville, Tennessee, é relocalizado para Nashville, Texas; John Hittchell, que ardeu durante três dias, torna-se John Hitchen; a jovem de pés ágeis e envolta em chamas Maybelle Andrews é inexplicavelmente datada de forma diferente, passando de 1938 para o "final dos anos 1950" no seu baile com o fogo. Falsa, também, é a afirmação de que ambos os pés do Dr. Bentley "ficaram intactos".

O próprio detrator da *SHC*, Kennedy, cria algumas fábulas de *SHC*.

- Uma envolve uma Sra. Mary Carpenter que, diz ele, foi alegadamente consumida por *SHC* num barco em frente ao seu marido e filhos. Um olhar pelo *Liverpool Echo* (30 de julho de 1938) ter-lhe-ia mostrado que a vítima é Maude Comissiong e não uma Sra. Mary Carpenter.* Olhe que não, Sr. Kennedy.

- "Buracos queimados no chão é uma situação comummente mencionada" nos mais de sessenta e quatro casos de alegada *SHC* que ele conhece, sustenta Kennedy. Pelo contrário. Embora a base de dados da PARASCIENCE INTERNATIONAL com cerca de trezentos episódios do tipo *SHC* seja muito maior do que a de Kennedy, como já viu, existem, atualmente, uns meros dez exemplos de seres humanos a cair vindos de cima. Não é um traço comum—

Se os detratores da *SHC* esperam ter credibilidade, devem evitar a sua própria criação de mitos quando repreendem os defensores da *SHC* por argumentarem com base naquilo que o próprio Kennedy chama de "factos inadvertidamente mal expostos e puras falsidades..."

UMA PROPOSTA HONESTA REVELA-SE ERRADA

Às 13h30 de 5 de dezembro de 1987, os bombeiros chegaram ao local de um incêndio mortal em Greensboro, Condado de Caroline, Maryland. Depois, pediram assistência via rádio, não para apagar o fogo — os vizinhos já tinham extinguido o pequeno incêndio —, mas para compreenderem a sua questão mais ampla. Como é que este fogo tinha queimado apenas Anthony F. Gianninoto, as suas roupas e o soalho ao seu redor, com exclusão de tudo o resto na casa de madeira de dois andares?

Ao cair da noite, o Sub-Marechal de Bombeiros do Estado de Maryland, Bob Thomas, pensou que o incêndio poderia ter sido iniciado pelo fogão a gás, no qual estava sopa a cozinhar, ou por materiais de fumar. Também admitiu à comunicação social que o homem de sessenta e sete anos poderia ser vítima de um fenómeno raro mas documentado... "combustão espontânea humana". Ora essa!

Por razões que nunca consegui compreender, esta admissão surpreendente não chegou ao telediário nacional. Mesmo o jornal local dedicou apenas oito polegadas de coluna de texto à história, inicialmente a 6 de dezembro e num acompanhamento a 10 de janeiro de 1988, o qual dizia que a *SHC* tinha sido descartada.

Quando recebi cópias dessas histórias em abril de 1988, agarrei no telefone e liguei para o gabinete do Marechal de Bombeiros do Estado de Maryland. Bob Thomas devolveu a minha chamada, dizendo que o médico legista do estado tinha determinado que Gianninoto morrera de inalação de fumo e queimaduras. Talvez sim. A vítima, que usava várias camadas de roupa, não estava a cozinhar alimentos, mas estava a tentar acender o fogão quando as suas roupas pegaram fogo, concluíram as autoridades.

A história dava-me motivos para ser cético, no entanto. Thomas ajudou-me a entrar em contacto com as autoridades locais de bombeiros no caso, o marechal de bombeiros Ward de Bel Air e o sub-marechal de bombeiros Dave Herring. Estes, por sua vez, foram igualmente prestáveis ao convidar-me para examinar o arquivo do incêndio e as fotografias.

No Bel Air Multi-Service Center, cheguei à minha própria conclusão ao ver as fotografias tiradas de Gianninoto e da sua cozinha. Sim, este fogo tinha sido localizado. E não, os danos no corpo, para os padrões da *SHC*, eram insignificantes. Apenas numa parte do seu peito é que uma pequena porção das suas muitas camadas de roupa tinha ardido. A inalação de fumo e gases de um fósforo manuseado descuidadamente ajustava-se, de facto, às provas fotográficas e a outros fatores dos quais tomei conhecimento.

Nenhuma nova *SHC* para adicionar à base de dados, neste dia, pensei. Levantar a possibilidade de *SHC* foi corajosamente louvável, dadas as circunstâncias encontradas. Mas foi um erro honesto. Por outro lado, dada a quantidade excessiva de carga de combustível (roupa) enrolada em torno de

Gianninoto, o episódio revelou o quão realmente difícil é queimar um corpo.

A PERNA PIROFÓRICA DO PROFESSOR

Os primeiros cronistas da *SHC* sustentavam que experienciar a *SHC* era morrer. Depois surgiu uma prova viva aparente em contrário, na pessoa de um académico universitário. Se a *SHC* em si não estava ainda pronta para ser liquidada, pelo menos a sua fatalidade inevitável parecia agora ser uma fábula.

O Professor James Hamilton, eleito duas vezes para a Cadeira de Matemática e Filosofia Natural na Universidade de Nashville (atualmente o George Peabody College for Teachers na Universidade de Vanderbilt), foi um dos seus quatro académicos de destaque durante os anos de 1826-1850. Era um homem de elevado caráter moral e "bastante observador da natureza", relatou o seu biógrafo Dudley Horton.

Como membro da Sociedade de Temperança, o professor não consumia bebidas alcoólicas "exceto 'gin e gesso' para fins medicinais". O *The Peabody Reflector and Alumni News* (1937) disse que "era o seu principal deleite adquirir conhecimento e transmiti-lo aos seus alunos". Ironicamente, o único incidente que a vida do Professor Hamilton transmitiu à história e lhe valeu fama para além da sua reputação é negligenciado pelo seu biógrafo.

Como se pode adivinhar, envolveu um fogo insólito.

Ao caminhar para casa no ar fresco de inverno de janeiro de 1835, o Professor Hamilton, provavelmente com trinta e nove anos de idade, foi subitamente acometido por uma sensação pungente na sua perna esquerda. "Dirigindo os seus olhos neste momento para a parte sofredora", relatou o Dr. Overton nas *Transactions of the Medical Society of Tennessee* (1835), "ele viu distintamente uma chama leve da extensão na sua base de uma peça de dez cêntimos ou moeda, com uma superfície que se aproximava da convexidade, algo achatada no topo, e tendo uma tez que mais se assemelha à do mercúrio puro".

O Dr. Overton contou à sociedade médica como o seu perspicaz paciente, pensando em abafar a chama limitando o seu oxigénio, "aplicou sobre ela ambas as mãos abertas, unidas pelas suas extremidades, e

estreitamente impactadas sobre e em redor da superfície ardente". Pelo que, disse Overton, por uma sorte fortuita ou por um triunfo do racionalismo, "a chama apagou-se imediatamente".

As ceroulas de seda e algodão do Professor Hamilton tinham um pequeno buraco queimado através do tecido onde a chama de mercúrio tinha deflagrado. Mas curiosamente, as suas calças exteriores de lã escaparam com apenas uma "tonalidade ligeiramente matizada... amarelo-escura" na camada interior do pano: parecia que o jato de chama tivera origem por baixo das calças; por baixo das ceroulas; dentro da sua perna!

Consequentemente, escritores modernos declararam que o Professor Hamilton sobreviveu a uma combustão espontânea humana muito limitada. Ele desmentia certamente os critérios populares para a *SHC*: de que as vítimas eram da classe baixa; eram simplórias; eram moralmente negligentes devido à indulgência excessiva no álcool.

Tenho de deitar água fria no entusiasmo deles, contudo, porque todos negligenciaram uma importante fonte adicional neste incidente provocador: *The Transylvania Journal of Medicine and the Associate Sciences* (1836). Após ouvir falar da história do professor, um correspondente da Transylvânia combinou encontrar-se com ele (boa política!) e, ao fazê-lo, soube dos seguintes pormenores:

As ceroulas usadas por ele, na altura do acidente, eram recém-feitas e vestidas sem serem lavadas. A loja onde ele adquirira os materiais para as mesmas tinha sido pintada recentemente, e o resto da peça de fazenda da qual foram feitas pegou fogo, não muitos dias depois, e foi consumido, colocando em perigo todo o edifício. Ele [Hamilton] supõe, e pode haver poucas dúvidas sobre a veracidade da sua opinião, que ao pintar as prateleiras alguma tinta caiu sobre o pano — uma mistura de seda e algodão — e que, a partir da ação do óleo sobre o mesmo, resultou a combustão, que tem sido repetidamente observada sob tais circunstâncias. Uma gota de óleo aderida às suas ceroulas, a seu tempo, ateou-lhes fogo; mas sendo a situação desfavorável ao processo, a queima cessou quando essa parte do tecido embebida em óleo foi consumida.

O Professor Hamilton experienciou de facto uma combustão espontânea... de uma contaminação química externa nas suas calças, e não de natureza humana interna. Nunca esteve em perigo iminente de se tornar

uma bola de fogo humana (pelo menos não naquele momento). Apostaria, no entanto, que ele recalculou os perigos de usar tecido virgem e, até à sua morte em 1849, nunca mais vestiu calças sem as lavar minuciosamente primeiro!

Kennedy poderá ficar radiante ao saber que outro caso de "meias-verdades" pode ser consignado aos mitos liquidados que desviam a investigação séria da *SHC*.

UM TRIDENTE DE FOGO COM TRÊS DENTES?

Há muitos séculos, uma crença popular ditava que o que acontece duas vezes, acontece três vezes. O autor anónimo de um manuscrito elisabetano de 1570 colocou-o em rima: "Multiplicação é uma provação, a Divisão é igualmente má; a Regra de Três deixa-me intrigado, e a prática deixa-me louco".

Esta crença encontrou o seu caminho na sabedoria popular sobre o fogo.

Na sua obra *The Golden Bough* (1922), Sir James George Frazer mencionou um mito de fogueiras "acesas de três em três, e as pessoas saltam três vezes sobre elas" na ilha de Lesbos. O Dr. G. Archie Stockwell escreveu sobre a *SHC* para a *The Therapeutic Gazette* (1889) e observou os surtos de incêndio em triplicado. "Por estranho que pareça", notou ele antes de dar um exemplo, "o vulgo [os não instruídos] sustenta que, após um longo período de imunidade, uma conflagração será seguida por uma segunda e uma terceira, antes que ocorra outro período de imunidade, e a observação dá uma confirmação razoável..."

A crença na natureza em triplicado do fogo também está estabelecida no combate a incêndios moderno, embora sem explicação. O Marechal de Bombeiros do Município de Upper Darby (Pensilvânia), Robert C. Meslin, disse-me que as suas três décadas a investigar incêndios o convenceram de que a Regra de Três tem mérito. "Se tiver dois fogos num dia", disse ele, "mais vale ficar por perto — vai ter outro. E quase sempre haverá o terceiro!" Este padrão é tão bem conhecido, disse Meslin, que um bombeiro se meteu em sarilhos quando, depois de responder a duas chamadas de incêndio, previu que haveria um terceiro fogo em breve. E houve! O seu chefe acusou-o inicialmente de fogo posto, disse Meslin, muito embora a crença na Regra de Três merecesse a culpa.

Não deve surpreender, então, que a Regra de Três se encontre também na sabedoria popular da *SHC*.

"Três Dedos de Fogo e Três Mortes Estranhas" encabeçava o ensaio do colunista Michael MacDougall para o *The Sunday Star-Ledger* de Newark, Nova Jérsia (13 de março de 1966).

A primeira morte estranha, disse MacDougall, ocorreu ao largo da costa irlandesa a bordo do cargueiro vagabundo *S.S. Ulrich*. Às 13h14, hora local, de 7 de abril de 1938, o timoneiro do navio, John Greeley, foi encontrado como "uma cinza humana. Não havia sinal de fogo. O convés, a própria roda do leme, até os sapatos do homem morto estavam intactos. Qualquer que tivesse sido a chama que cremara John Greeley, viera do nada, desaparecera no nada". *SHC* no mar? (Sapatos ancorados ao convés do *Ulrich* sem pernas no interior faz lembrar o sapato vertical com um pé mas sem perna encontrado na cozinha da Sra. Rooney.)

MacDougall agravou este mistério com outro: "A poucas centenas de milhas para leste, a polícia de Upton-by-Chester, Inglaterra, foi chamada para investigar um acidente na autoestrada que fez com que George Turner ficasse terrivelmente queimado dentro do seu camião". Seria a fatalidade um acidente automobilístico ou um acidente dentro de Turner? MacDougall disse que não era um incêndio comum porque as almofadas dos assentos não se tinham inflamado. "Um relógio partido no painel de instrumentos mostrava que o acidente tinha ocorrido às 14h14" — o "segundo preciso" em que Greeley se incinerara um fuso horário para oeste.

"Coincidência?", perguntou ele.

O que acontece duas vezes acontece três vezes? MacDougall tinha um terceiro mistério na sua manga literária: "às 15h14" em Nijmegen, Holanda, um jovem, Willem Ten Bruik, morreu queimado no seu pequeno Volkswagen. O carro em si estava intacto, mas "o interior do carro deve ter sido um vislumbre do Inferno, uma vez que o corpo do rapaz ficou queimado além do reconhecimento".

Três casos de *SHC* a ocorrer a centenas de milhas de distância, precisamente às 14h14, Hora de Greenwich, na quinta-feira, 7 de abril de 1938? Uma história mais fantástica nem Steven Spielberg poderia ter escrito!

"Era como se um ser galáctico de tamanho inimaginável tivesse sondado a Terra com um garfo de três dentes, três dedos de fogo que queimavam apenas carne. Fantástico? Sim", respondeu MacDougall a si próprio. Steiger e Whritenour embelezaram a história em *Flying Saucers Are Hostile* (1967), dizendo que esta "desafia as probabilidades... sem que alguém ou algo fornecesse um agente catalisador que induzisse tão medonha autoimolação".

Gaddis incorporou-a em *Mysterious Fires and Lights* (1967; 1968). John Macklin repetiu-a na sua própria coluna *Stranger Than Fiction* (18 de novembro de 1968), acrescentando mais pormenores e afirmando que o momento preciso das incinerações simultâneas não foi às 14h14, mas sim à "uma e um quarto... na tarde de 7 de abril de 1938".

Fantástico, inquestionavelmente. Mas credível?

Apesar de cada escritor enfatizar o sincronismo "preciso" do surto triplo, os relógios de Macklin no trio de *SHC* estão todos cinquenta e nove minutos adiantados em relação aos relógios de MacDougall. Hum. Macklin encabeçou a sua coluna com "Chamas matam em três continentes separados" — apesar de a Holanda, a Inglaterra e o oceano ao largo da costa irlandesa não abrangerem três continentes. Hum. O automóvel que evoluiu para o Carocha da VW chamava-se *Kraft durch Freude* (o KdF) em 1938, não Volkswagen; além disso, um vendedor da VW nascido na Alemanha disse-me que a marca Volkswagen não esteve disponível para o público até 1947. A forma como o holandês Bruik poderia estar a conduzir (quanto mais arder dentro de) um Volkswagen em 1938 é problemática. Hum!

O meu exame dos principais jornais britânicos de 1938 para os dias 7, 8 e 9 de abril não conseguiu localizar uma única menção ao marinheiro Greeley ou a George Turner a morrer por qualquer meio. Quanto a Bruik, a referência mais antiga que encontrei sobre ele é um artigo de 1955 na *Fate* por Eric Frank Russell, citando "um relato traduzido de um jornal holandês não nomeado" e chamando a Bruik "uma cinza" que os transeuntes "arrastaram para fora do seu carro... pouco danificado; portas abertas, depósito de combustível intacto". Um correspondente nos Países Baixos disse-me que a sua busca nos jornais holandeses não revelou qualquer menção à cremação de Bruik.

Tudo se estava a tornar inacreditável. Depois tornou-se categoricamente impossível.

In 1976, o escritor britânico Michael Harrison anunciou duas revelações sobre este tridente de *SHC* no seu primeiro livro sobre o assunto. Uma revelação era surpreendentemente provocadora... ao início. Depois de colocar o *S.S. Ulrich* na latitude 50° Norte e a 120 milhas de Cape Clear, Harrison virou-se para um mapa da Europa e descobriu que as três mortes "se situavam em relação umas com as outras topograficamente [*sic*]". Precisamente, disse ele, estes homens morreram "exatamente" nos pontos "de um triângulo equilátero, com lados de cerca de 340 milhas de comprimento" — o que significava que Harrison tinha descoberto um enorme triângulo equilátero de *SHC*!

NOTAS

** Nota sobre a retificação de nomes: O autor corrige a identificação errónea perpetuada na literatura de investigação, sublinhando que a vítima no incidente do barco foi Maude Comissiong, e não Mary Carpenter.*

Ele afirmava que 340 milhas separavam Greeley de Turner, Turner de Bruik, e Bruik de Greeley. Um vislumbre sobre qualquer mapa mostra que quase o dobro dessa distância teria de separar Greeley de Bruik. Portanto, Harrison descobriu (na melhor das hipóteses) um triângulo isósceles. Salientei-lhe isto, e a sua geometria mudou para "um triângulo isósceles, com lados de 340 milhas de comprimento" na edição de 1978 de *Fire From Heaven*.

Embora Harrison continuasse sem fornecer qualquer base para precisar onde, no oceano, Greeley se inflamou, assumamos (por mero argumento) que ele tem razão neste ponto. Com uma régua e um atlas na mão, medi a escala da distância entre a posição de Harrison para o navio de Greeley e a *SHC* automóvel de Turner em Upton-by-Chester como sendo 433 milhas. Se o triângulo isósceles de *SHC* existe, 433 milhas a partir de Upton-by-Chester levar-nos-iam à cidade holandesa de Nijmegen. Em vez disso, ultrapassam-se completamente os Países Baixos, e o vértice-Bruik do triângulo de fogo de Harrison cai bem dentro da Alemanha. (A distância real de Upton-by-Chester a Nijmegen é de 390 milhas.) Nem sequer é um triângulo isósceles!

Harrison chama à sua descoberta um "facto" baseado em casos para os quais não consigo encontrar qualquer confirmação nos jornais contemporâneos. Talvez me tenha escapado algo. Talvez o Lloyds de Londres também se tenha esquecido de listar o *S.S. Ulrich*. Mas, por agora, optarei pela prudência e consignarei este conto dos três dedos de fogo que queimavam apenas carne ao armário dos mitos da *SHC*.

TERÃO OS GOVERNOS DESCOBERTO A SHC?

As probabilidades que tornam o Triângulo de *SHC* de MacDougall-Harrison uma hipótese tão remota estão ainda mais acumuladas contra outros dois episódios que se diz envolverem a *SHC*. Imagine-se que a investigação científica descobria uma forma de atear controladamente a *SHC*. Para o militarista, seria a arma perfeita: a limpeza após o combate seria tão simples e rápida como varrer escassas libras de cinzas por soldado. Agora imagine-se que um programa de investigação e desenvolvimento aperfeiçoava realmente tal arma durante a Segunda Guerra Mundial e a mantinha em segredo por mais de cinquenta anos.

Acabou de imaginar A Experiência de Filadélfia, agora firmemente ancorada na mitologia de projetos secretos de investigação avançada e de encobrimentos governamentais. Embora pareça uma história nascida num tabloide, recebeu atenção séria por parte de escritores sérios e até de Hollywood. A Experiência de Filadélfia é um conto sobre um navio de classe contratorpedeiro, identificado como o *U.S.S. Eldridge*, que alegadamente, em outubro de 1943, se teletransportou de Filadélfia para a linha costeira de Virginia Beach e de volta, na experiência mais significativa da Segunda Guerra Mundial. Imagine-se: a Marinha dos Estados Unidos com um navio que salta de doca em doca!

A Experiência foi o tema de vários livros, dois filmes e (sem surpresa) muito debate. O que nos interessa aqui é o aspeto menos mencionado desta viagem prodigiosa: que dois marinheiros do *U.S.S. Eldridge* sofreram combustão espontânea no convés após terem sido expostos à supertecnologia de distorção do espaço e do tempo do navio. Isto consternou toda a gente e amedrontou a tripulação, disse o criador da história, Carlos Miguel Allende (aliás Carl Meredith Allen). A dupla ardeu

durante dezoito dias no "Campo de Queimadura" resultante, como Allende lhe chamou. Neste ponto, de acordo com Allende, o governo interrompeu o projeto. Não admira. Observar homens envolvidos por uma tocha ardente durante duas semanas e meia aterrorizaria o marinheiro mais destemido!

A última afirmação de Allende por si só — de combustão humana prolongada — lançaria sérias dúvidas sobre toda a sua história... a menos que talvez houvesse um paralelo noutro ponto da história. O *Annual Register* de 1763 registou o destino de um tal John Mitchell de Southampton, cujo corpo, "tendo sido inflamado por um raio [*sic*], continuou a arder por perto de três dias, sem qualquer aparência exterior de fogo, exceto uma espécie de fumo vindo dele".

Esta é uma nova narrativa, sob um nome diferente, da combustão lenta de John Hittchell por forças naturais durante três dias na Inglaterra do século dezassete. Elevará esta *PHC* de Hittchell (também conhecido como Mitchell) a possibilidade de um par de marinheiros expostos à tecnologia de distorção da realidade do século vinte poder fritar durante um tempo seis vezes mais longo?

Dado que o governo dos Estados Unidos expôs clandestinamente a sua população civil a testes de guerra bacteriológica e a inúmeras toxinas, esta questão não é descabida. Então: terá sido A Experiência de Filadélfia um bizarro exercício militar que correu mal ou uma farsa?

Tenho-me esforçado por consubstanciar esta história por vários meios. Procurei nos jornais de Filadélfia por histórias sobre um navio e uma tripulação que desapareciam. Nada. Três vezes desde 1990 encontrei-me com Alfred D. Bielek, que afirma que foi ele e o seu irmão que operaram a maquinaria de distorção espacial a bordo do *U.S.S. Eldridge* quando eles e o seu navio se teletransportaram para cima e para baixo (ou para dentro e para fora) da Costa Este a 12 de agosto de 1943 (em vez da data de outubro frequentemente citada).

Al Bielek não tinha informações a transmitir sobre o alegado horror da *SHC* no convés. "Sim, isso aconteceu", respondeu às minhas perguntas iniciais sobre os marinheiros queimados, "mas não o vi eu próprio. Um ardeu durante dezoito dias". Bielek, que tece uma narrativa de complexidade cada vez maior que inclui agora a manipulação contínua do contínuo espaço-tempo pelo governo dos Estados Unidos para impedir uma

tomada da Terra por extraterrestres, é incapaz de responder àquela que considero uma questão crucial: exatamente onde, no rio Delaware, a jusante do sprawling Estaleiro Naval de Filadélfia, estava o *U.S.S. Eldridge* quando subitamente desapareceu... e reemergiu? Mesmo durante a Segunda Guerra Mundial, esta era uma linha costeira povoada, e acho incrível que, em pleno dia, nesta via navegável movimentada, aparentemente ninguém tenha notado o abrupto desaparecimento e reaparecimento de um contratorpedeiro.

Adicionalmente, disponho de correspondência pessoal de um dos vizinhos de Allende, Robert A. Goerman, que afirma que Allende (aliás Allen) tinha a reputação, na sua juventude, de ser um notório fabricante de contos fabulosos e, de facto, confessou-lhe orgulhosamente que A Experiência de Filadélfia fora uma grande farsa nascida da sua própria iniciativa. Se algum dia a Experiência de Filadélfia provar ser factual — e não estou convencido de que seja outra coisa senão um mito moderno —, o Governo dos Estados Unidos tem muito mais a responder do que pela *SHC* de dois dos seus marinheiros em 1943.

O que posso dizer com certeza é que a área de Filadélfia é um ponto crucial para pessoas anomalamente queimadas. Se o seu número foi aumentado por uma investigação experimental que fumegou dois marinheiros destacados no Estaleiro Naval de Filadélfia em 1943, aguarda melhores provas.

A mesma necessidade de melhores provas pode ser dita em relação à conspiração internacional descrita no livro *Alternative 003* (1978), no qual o jornalista Leslie Watkins pretende que nada menos do que três cientistas americanos e britânicos foram exterminados por um "trabalho a quente" para proteger "a verdadeira história por trás de um segredo partilhado que tanto a América como a Rússia estão implacavelmente obcecadas em guardar" — um segredo que inclui uma aterragem em Marte por astronautas da NASA sete anos antes de Neil Armstrong pisar a Lua!

Diz-se terem sido executados pela tecnologia de *SHC* patrocinada pelo governo o Sr. Peterson, um engenheiro aeroespacial da Califórnia; Harry Carmell; e Sir William Ballentine, um eminente astrofísico em Jodrell Bank, Inglaterra. Sir Ballentine, de acordo com um patologista citado por Watkins, deixou atrás de si, no rescaldo do seu assassinato no início de fevereiro de 1977, um crânio encolhido. Indícios da Sra. Reeser,

novamente? “Os americanos e os russos têm estado certamente a fazer experiências nessa linha, com vista a desenvolver a combustão espontânea como uma arma controlada à distância”, explicou o patologista, “but os resultados dessas experiências têm sido mantidos em segredo”.

As indagações sobre os factos argumentam que *Alternative 003* é, apesar da afirmação em contrário de Watkins, um mito intrincado tecido em redor de um programa de ficção da BBC-TV com o mesmo nome, o qual foi transmitido no dia de Mindas, 1 de abril de 1977. Um ponto credível que Watkins faz é o que ele põe o patologista a dizer sobre a *SHC*: “Ainda não há explicação conhecida para este fenómeno”.

A *SHC*-por-decreto-governamental através do teste esporádico de uma arma do juízo final sobre um público inocente não é, espera-se, a explicação.

Pelo facto de alguns episódios fantasiosos invocarem a *SHC* e algumas mortes atribuídas à *SHC* não o deverem ser, significará isso que a *SHC* é sempre uma meia-verdade, boato ou pura falsidade, como assevera o bombeiro Kennedy quando fala do mito da *SHC*? Dificilmente. À medida que analiso as provas, o maior mito é o de que a *SHC* não acontece. Concluir o contrário é a irracionalidade levada ao extremo.

Esse mito de longa data está a ser demolido finalmente, confio eu. Se isto soa como uma afirmação muito pouco forteana a fazer sobre um mundo que os forteanos tendem a ver como universalmente excêntrico, e especialmente se a segurança desta afirmação o deixa desconfortável, recomendo que salte os próximos capítulos. Mais provas explosivas de que o mito de que a *SHC* é apenas fábula aguardam, com novas variantes.

SOBREVIVER À AUTO-INCINERAÇÃO:

O ANJO QUE VENCEU O FOGO DO INFERNO!

Estava a dar-nos cabo da cabeça tentar descobrir o que aconteceu. Esgotámos todas as provas à nossa disposição. Simplesmente não conseguíamos estabelecer a causa aproximada. — L. Paul Cobb Jr., advogado de Jack Angel

Joel Shew escreveu sob o título “Spontaneous Combustion—Catacausis Ebriosa” para o *The Hydropathic Family Physician* (1854) que

“em nenhum caso se conheceu a ocorrência de recuperação após o aparecimento deste estado patológico, o mais singular de todos”.

Pareceria impossível ser de outra forma. Classicamente, a pessoa que se torna uma bola de fogo humana deixa atrás de si uma extremidade ou duas — pés, tornozelos, talvez a parte inferior das pernas, mãos, talvez um crânio (por vezes considerado encolhido) — e um monte de osso e tecido pulverizados e de cheiro adocicado, queimados mais completamente do que um crematório normalmente consegue alcançar.

Mas com a *SHC* o impossível é trivial.

Em Atlanta, Geórgia, no outono de 1980, dei uma palestra sobre a *SHC*. Uma mulher na assistência disse-me depois que conhecia um homem de negócios cujo companheiro de quarto poderia ter sobrevivido à *SHC*. No seguimento desta pista, em breve estabeleci contacto com Jack Bundy Angel.* Seis semanas mais tarde, sentei-me com ele na sua sala de estar na Geórgia para tomar conhecimento de um incrível conto incendiário.

O PESADELO COMEÇA

Na segunda-feira, 11 de novembro de 1974, Jack Angel partiu para fazer visitas de vendas no autocarro-caravana que tinha convertido num salão de exposição de vestuário. Ganhava uns lucrativos 70 000 dólares anuais como vendedor de roupa. Era bem-sucedido, jovial, saudável e felizmente casado com uma bela mulher alemã muitos anos mais jovem do que ele. A vida corria bem, e o futuro parecia celestial para o Sr. Angel.

Na manhã seguinte, terça-feira, tinha um compromisso para se reunir com um comprador em Savannah, Geórgia. Chegou a Savannah por volta das 21h30 de segunda-feira, para descobrir que o seu quarto de motel tinha sido dado a outra pessoa. Angel não ficou preocupado. “Liguei para a minha mulher e disse-lhe que dormiria no autocarro”, recordou, “e dei 5 dólares a um tipo para o caso de ela telefonar e precisar de mim para alguma coisa”.

Apesar da noite fresca, Angel sentia calor. Vestiu-se levemente, apenas com uma camisa de noite e calças de pijama, e ligou o ar condicionado. Era um augúrio da tragédia que estava para vir. Afastando charretes de amostras de roupa, cobriu o sofá da caravana com um lençol e

deitou-se para passar a noite... entrando num pesadelo de que nunca escaparia.

Angel falhou o seu compromisso de terça-feira de manhã porque adormeceu. Adormeceu!

"Não me lembro de quando acordei — se foi na quinta ou na sexta-feira —, mas quando voltei a mim, acordei finalmente sozinho no autocarro." Investigações subsequentes mostraram que acordou por volta do meio-dia de sexta-feira, dia 15[1] — quatro dias mais tarde!

Jack Angel levantou-se do seu sono de Rip Van Winkle como um homem diferente. A sua mão direita estava queimada e negra em ambos os lados, do pulso até aos dedos. "Estava simplesmente queimada; cheia de bolhas!", exclamou. "Queimada até ficar num estado crostoso — como se tivesse agarrado um fio de alta tensão, sabe, e não o largasse. E eu tinha este grande buraco no peito — explodido. Deixou um buraco dos diabos! Estava queimado aqui em baixo nas pernas e entre as virilhas, em baixo no tornozelo, e acima e abaixo nas minhas costas!"

A queimadura tinha-se estendido ao sofá onde dormia? "Não!", exclamou, misturando ênfase com a descrença de que isto pudesse ser assim. Estendido à sua roupa? "Estava a usar apenas uma camisa de noite e calças de pijama. Não, nada estava queimado. Não houve fogo de todo! Nada!!"

Não sentindo qualquer dor, Angel levantou-se, tomou banho e vestiu-se com as roupas que tinha deixado ao lado da cama quatro dias antes. Ao contrário do seu corpo, as calças e a camisa de Angel não foram tocadas pelo fogo misterioso; nem o lençol sobre o qual dormira.

Angel deixou a caravana e entrou no salão de cocktails do motel, cambaleando "como se estivesse bêbado", lembrou-se de lhe terem dito. Embora não bebesse uma bebida alcoólica há anos, sentia-se sequioso e pediu um uísque. "Pensei que talvez me reanimasse. Mas nunca bebi o uísque — não sou de beber, de qualquer forma", sublinhou.

A empregada de mesa comentou imediatamente a mão direita do seu cliente. "Sim, parece que me queimei", murmurou Angel, ainda apenas meio consciente dos seus ferimentos e insensível a qualquer dor. Minutos mais tarde, Angel sentiu náuseas e dirigiu-se às casas de banho públicas.

“Posso ajudá-lo?”, perguntou Bill Cribbs ao homem que tropeçou ao passar pela porta do seu gabinete na estalagem.

“Mostrei-lhe o quão gravemente a minha mão estava queimada”, disse Angel, “e por essa altura desmaiei”. Colapsou nos braços de Cribbs. A coisa seguinte de que Angel se lembrava era de estar deitado numa cama de hospital e de um interno “com uma pinça a puxar-me a pele do armário”.

Angel estava em choque, incapaz de falar de forma coerente. Os médicos pareciam igualmente chocados, notou. Um médico no Memorial Medical Center, Angel lembrava-se vividamente, “explicou-me que eu não estava queimado externamente, estava queimado internamente”.

Por volta da meia-noite, o seu pacientemente queimado de forma tão intrigante recuperou abruptamente a consciência total. Veio então o que Angel chamou de “dor excruciante”. Começou a suar profusamente. Pediu, depois exigiu, respostas para o seu dilema. Nenhumas foram dadas. “Não conseguia obter nenhumas respostas destas pessoas no hospital”, as palavras de Angel ainda ecoavam com frustração.

Ligou para a mulher, dizendo-lhe para examinar a caravana em busca de sinais de falhas elétricas. “Não havia nenhum sítio onde se pudessem encontrar marcas [de queimadura] na roupa”, disse ele sobre a busca da sua mulher. “Não havia indícios de qualquer incêndio naquele autocarro!” Assim que Angel se tinha afastado dele cambaleando, entenda-se.

Perplexo com os seus ferimentos e descontente com o seu tratamento, Angel insistiu em ser transferido para um hospital de renome no tratamento de queimados. O diagnóstico permaneceu inalterado, no entanto.

“O Sr. Angel apresentou-se no hospital com uma grave lesão por queimadura na mão e uma lesão menor na parede do peito”, disse o Dr. David Richard Fern, da unidade de queimados do Veterans Administration Medical Center em Decatur, Geórgia. “Tratava-se de uma queimadura de terceiro grau que danificou gravemente a pele e a maior parte do músculo subjacente da mão, provocando uma mão totalmente anestesiada.” O Dr. Fern declarou o nervo cubital “completamente destruído”, com o nervo mediano a mostrar uma “viabilidade questionável”. A queima que causou necrose na mão da vítima continuou igualmente pelo interior do seu antebraço direito.

Ironicamente, disse Angel: “Não havia um cabelo queimado em mim! Compreende o que lhe estou a tentar dizer?!” (Lembra-se de Billy Peterson, cujos pelos corporais estavam do mesmo modo imunes a queimaduras que crestavam a carne?)

Angel lembrava-se com humor irónico dos muitos médicos e internos que gravitavam em redor da sua cama “porque esta era uma queimadura invulgar”. O pessoal do hospital fazia perguntas, entre si e ao seu paciente. Angel não lhes conseguia dizer como se tinha queimado, porque tinha dormido durante tudo o que lhe acontecera.

A sua mão gravemente carbonizada não respondeu aos antibióticos e tornou-se sética. Confrontado com muitos meses de enxertos de pele dolorosos e cirurgia reconstrutiva cujo sucesso não podia ser garantido, Angel optou por amputar o seu antebraço direito queimado. Durante a quinzena seguinte, as suas feridas sararam com uma rapidez espantosa e, a 14 de janeiro de 1975, Angel recebeu alta do hospital.

O SR. ANJO VAI A TRIBUNAL... QUASE

Restaurar a normalidade a uma vida interrompida por aquilo que vários médicos diagnosticaram independentemente como uma queima interna não foi fácil. Assombravam-no questões persistentes. O que causara as queimaduras horríveis que lhe enegreceram a mão, lhe corroeram o interior do braço direito e criaram feridas semelhantes a explosões no seu peito sem danificar nenhuma das roupas circundantes? Porque é que o seu pijama não estava chamuscado? Porque é que inicialmente não sentira dor? Angel queria respostas.

Entram os sócios de uma firma de advogados da Geórgia de renome pela competência e sucesso em litígios de responsabilidade civil: Ross Bell e L. Paul Cobb, Jr. Pensavam ter a resposta: dado que Angel estivera a dormir e sozinho na sua caravana, certamente um erro de design ou um mau funcionamento do equipamento causara as lesões incendiárias, disseram-lhe. Se Angel concordasse com a representação deles, assumiriam o caso com base em honorários contingentes e moveriam uma ação judicial contra o fabricante. Angel obteria as suas respostas a expensas dos advogados e ficaria com dois terços da indemnização como bónus. Ele concordou. “Envolvemo-nos em litígio imediatamente”, disse Bell. Reclamavam 3 000 000 de dólares por danos.

Agora, tudo o que a prestigiada firma de advogados tinha de fazer era precisar a causa.

Novamente, a caravana foi examinada. “Havia um gerador Onan a funcionar na altura em que ele foi dormir”, disse o advogado Bell, “e abordámos a teoria de que este estaria a produzir corrente contínua suficiente para poder ter entrado em curto-circuito com algo. Mas provou-se não ser esse o caso. Essa era a nossa teoria original. Passámos por muitas, muitas mais”.

Os advogados consideraram uma cablagem defeituosa. “Mas provou-se não ser esse o caso”, admitiu Bell. “Até verificámos a possibilidade de um raio o ter atingido”, continuou Bell, “porque ele tinha algumas queimaduras na parte inferior das pernas”. Os registos meteorológicos não mencionavam quaisquer raios nas proximidades durante o período fatídico.

Investigaram se as linhas de alta tensão suspensas teriam de alguma forma conduzido eletricidade para Angel através do chassis do veículo. “Pensámos em corrente contínua a entrar através das suas mãos e a descarregar através de alguma outra articulação”, disse Bell sobre o corpo do seu cliente. “Mas isso também se revelou errado!”

Os advogados contrataram então a Roy A. Martin Associates, um prestigiado laboratório de engenharia e tecnologia, para inspecionar a caravana de cima a baixo. Fizeram-no, literalmente — acabando por desmantelar o veículo até à base das rodas.

Nenhum indício pôde ser descoberto para ligar a caravana às queimaduras intrigantes do seu proprietário, e por isso o laboratório de engenharia especulou que Angel ficara escaldado por um jato de água quente pressurizada que jorrou através de uma válvula de segurança que ele teria aberto ao ajustar, alegadamente, o aquecedor de água.

“Disseram-me que de alguma forma eu tinha sido queimado por vapor!”, exclamou Angel, lançando o seu braço encurtado para o ar em exasperação. “Bem, o vapor é novamente uma queimadura externa. E eu não estava queimado por fora! Estava queimado internamente. A coisa não fazia sentido!”

Nem fazia sentido para a Martin Associates, que admitiu não haver provas que sustentassem o seu cenário. “Tivemos outros engenheiros

depois disso a verificar o assunto", disse Cobb ao relatar os esforços da sua firma para construir um caso para o seu cliente. "E saímos de mãos vazias."

Os advogados tentaram então a hipnose. Três vezes um conhecido psicólogo de Atlanta tentou fazer uma regressão em Angel, sem sucesso. Os advogados consultaram outro psicólogo. Sem sucesso.

Confrontados com um dia de julgamento que se aproximava rapidamente, os advogados de Angel ficaram exasperados. "Estava a dar-nos cabo da cabeça tentar descobrir o que aconteceu", declarou Cobb. O facto de os engenheiros — em cuja determinação o caso ultimamente assentava — admitirem que o seu "cenário da água escaldante" não passava de especulação deixou os advogados de mãos vazias.

O que começara dois anos e meio antes como um caso promissor para a equipa jurídica esfumou-se agora diante dos seus olhos e do seu cliente maneta. Os advogados de Angel retiraram o caso do rol do tribunal apenas uma semana antes do julgamento agendado, desfazendo toda a esperança de uma recompensa de 3 000 000 de dólares pelos seus esforços heroicos. Porquê? Para citar Cobb: "Simplesmente não conseguíamos estabelecer a causa aproximada... Nunca conseguimos reunir o suficiente para nos mantermos em tribunal".

Com o patrocínio jurídico a reconhecer a derrota, o caso de Jack Angel foi encerrado. Oficialmente.

CONTRAPONTO: UMA NOTA DESCREDIBILIZADORA QUE NÃO VALE UM TOSTÃO

A busca da combustão espontânea humana tem mais reviravoltas do que um cabo de suspensão da Ponte de Brooklyn, e, neste aspeto, o caso de Jack Angel não desapontaria.

Uma dessas reviravoltas surgiu quando Joe Nickell e John Fischer escreveram um artigo para a *Fate* (maio de 1989) intitulado "Did Jack Angel Survive Spontaneous Combustion?". Responderam com um rotundo não. Angel, deduziram eles, fora "acidentalmente autolesionado por um jato pressurizado e escaldante vindo do sistema de água quente da sua caravana — não por 'combustão espontânea humana', um fenómeno cuja existência permanece tão duvidosa como sempre".

Teria Nickell, o antigo detetive privado, e o seu associado, descoberto factos que eu e a Martin Associates tínhamos negligenciado; algo óbvio que devesse ter-me conduzido, e aos advogados de Jack Angel também, pelo caminho da água escaldante em vez de pela queima interna? Isso poderia ser. Não sou omnisciente. Mas ao repetirem o argumento da água escaldante para o seu livro *Mysterious Realms* (1992), Nickell e Fischer, que não hesitaram em citar generosamente a minha investigação publicada sobre este caso tal como figurava em 1982,* imputam que sou culpado de uma "investigação superficial, até mesmo desleixada" no caso Angel. Ah, sim?

NOTAS

** Nota sobre a primeira introdução do caso: O autor assinala em nota de rodapé que apresentou este caso ao mundo pela primeira vez no programa televisivo That's Incredible! a 19 de janeiro de 1981.*

[1] Nota sobre a data de despertar: O texto refere o dia 15 como o momento do despertar da personagem após um período letárgico de quatro dias iniciado a 11 de novembro de 1974.

Esta alegação condenatória difama a qualidade das provas que vos estou a apresentar. Portanto, é importante examinar a investigação que estes dois autores afirmam ter conduzido sobre as lesões por queimadura de Jack Angel.

Anteriormente, leu sobre as técnicas de Nickell para uma boa investigação. Agora pode julgar por si próprio o caso das queimaduras de Jack Angel. Penso que a análise provará ser instrutiva. Que comece o julgamento das duas investigações.

Reexaminei o meu arquivo de uma polegada de espessura sobre Jack Angel e, depois, telefonei a Nickell para lhe perguntar como tinha chegado a uma conclusão tão diferente (e mundana). "Quando se começa com o caso de Jack Angel, sabe-se quase por definição o facto de o caso ser invulgar", reconheceu Nickell.* Ele procedeu então a demonstrar como tinha aplicado as suas próprias técnicas ao caso em questão. Eu não estava preparado para o quão invulgar este caso se tornaria agora.

Como explicou Nickell a mão queimada e negra de Angel, algo que não é típico de uma lesão por escaldadura? "Sem problema", respondeu Nickell; uma "discrepância menor" a ser descartada como inconsequente. Tinha-lhe o Dr. Fern dito que mudara o seu diagnóstico de que "uma queimadura elétrica... definitivamente uma fonte de alta energia" causara as lesões de Angel? Não, retorquiu Nickell, não tinha falado com o Dr. Fern. Porque não? Porque o Dr. Fern oferecia uma "opinião não especializada daquilo que ele alegava que achava que parecia". Um médico destacado para a unidade de queimados de um grande hospital é um não especialista a diagnosticar lesões por queimadura? Tinha Nickell analisado as fotografias das queimaduras de Angel em busca de indícios de uma lesão por escaldadura? "Não sabia que essas existiam", confessou, apressando-se a arranjar uma saída ao sugerir que as fotos "podem ser enganadoras devido ao contraste...".

Não é verdade; o contraste é nítido como uma lâmina. Antecipando a alegação de Nickell, eu tinha levado estas fotografias escassos dias antes ao Dr. Donald R. Mackay, um cirurgião que trata lesões por queimadura no prestigiado Hershey Medical Center da Universidade do Estado da Pensilvânia. Após examinar cuidadosamente esta prova a meu pedido, o Dr. Mackay concluiu: "Este cavalheiro sofreu estas queimaduras como resultado do contacto com uma fonte elétrica de algum tipo". Salientei que o Dr. Mackay fornecia uma corroboração independente para a determinação em primeira mão do Dr. Fern sobre o tipo de queimaduras que Jack Angel sofrera. Nickell: "Encontrarei um perito para rebater qualquer um que você encontre...".

Uma metodologia interessante sobre a qual conduzir uma investigação "isenta". Mais tarde, na *Fate* (dezembro de 1989), Nickell rebaixaria esta prova contraditória à sua teoria da água escaldante ao referir-se às "alegadas opiniões de dois médicos" — isto é, dos Drs. Fern e Mackay. Em boa verdade, as declarações dos médicos não são uma "alegada opinião"; são opiniões, baseadas na sua competência médica.

Uma corroboração adicional do testemunho verbal dado por Fern e Mackay provém dos registos médicos relativos ao internamento hospitalar de Angel — provas que estão na minha posse e não publicadas até agora: "Queimadura de terceiro grau na mão direita" é o que dizem os registos do Hospital da Administração de Veteranos que Angel estava a tratar; um

relatório submetido e assinado por ninguém menos do que o Dr. Fern. "Queimadura elétrica, mão direita" foi o que o médico assistente Dr. Paul Salter escreveu no seu relatório. "O paciente sofreu queimadura elétrica na mão", escreveu o Dr. James Madden, o cirurgião que realizou exames de tecidos à mão direita necrótica de Angel no início de janeiro de 1975.

O Dr. William B. Riley Jr. e o Dr. M. Peters também assistiram no tratamento de Angel e assinaram relatórios semelhantes. Nem um único destes profissionais médicos encontrou qualquer razão para se referir às lesões do seu paciente como sendo induzidas por escaldadura. Um documento médico lista claramente a natureza das queimaduras de Angel como sendo de "origem interna". Nickell confessou não saber nada sobre esta prova adicional.

Tinha ele apurado o motivo pelo qual os advogados (com 3 000 000 de dólares em jogo) se viram incapazes de consubstanciar em tribunal algo tão óbvio como uma válvula defeituosa que alegadamente levara à escaldadura do seu cliente? "Bem, não sei", respondeu Nickell hesitante. Tinha ele sequer falado com os advogados? Não, respondeu Nickell em voz baixa. Por conseguinte, não podia saber que o advogado Cobb tinha, retrospetivamente, aceitado a *SHC* como uma solução razoável para as lesões do seu cliente, com base nas melhores provas.

Nickell e Fischer dependem da válvula de água da caravana para projetar água escaldante sobre Angel, uma teoria que eu tinha considerado e descartado por falta de provas. Teria falhado alguma coisa? Reinvestiguei este ponto, apresentando-o a cinco técnicos e/ou concessionários de veículos recreativos que, juntos, representavam mais de sessenta e cinco anos de experiência na manutenção de sistemas de água de veículos recreativos, incluindo o modelo exato que Angel possuía. Cada um deles rejeitou categoricamente, por razões técnicas, o cenário de Nickell/Fischer. Dois riram-se às gargalhadas. Muito embora Nickell instrua que a investigação deve basear-se no que ele chama de "melhores provas", ignorou convenientemente este importante testemunho quando mais tarde defendeu a sua teoria para a *Fate* (dezembro de 1989), mesmo tendo sido alertado para o mesmo.

Para onde conduzem estes dois académicos de gabinete o leitor ponderado? Considere-se a lógica subjacente à alternativa de Nickell/Fischer para a *SHC*: que Angel terá alegadamente aberto a válvula

de segurança e alívio de água quente da sua caravana e, depois, permanecido ali calmamente enquanto a água pressurizada lhe crestava a mão direita e o antebraço de dentro para fora, levantando depois o braço — ainda mantendo a válvula aberta — para que o alegado jato de água quente pudesse perfurar um buraco no seu peito, executando a seguir uma pirueta — ainda segurando a maldita válvula — para poder apanhar queimaduras por "salpicos" na nuca, nas costas, nas virilhas e nas pernas, antes de finalmente(!) a largar, regressar à cama e esquecer que tudo isto acontecera. Faz sentido?

Apenas como o perfeito *non sequitur*. Para citar Nickell sobre os fundamentos da investigação: "O ónus da prova cabe ao defensor da ideia". E assim é. Tinha Nickell alguma vez perguntado a Angel se fora isto o que acontecera? "Não", respondeu Nickell, que insinuou de seguida que Angel poderia estar a "mentir" ou a promover uma "farsa".

Eis algo mais para testar Nickell e a sua coorte. "Não me queimou apenas a mão e o peito", dissera-me Angel com naturalidade sobre o que quer que tivesse atacado o seu corpo, "mas também os discos nas vértebras das minhas costas!". Os discos da coluna vertebral? "Sim!" Como Angel não tinha dores na coluna antes deste incidente e, no entanto, sofreu dores consideráveis nas costas a partir de então, o que quer que tenha ardido para o exterior a partir do seu peito provavelmente danificou também a sua coluna vertebral. Como Nickell e Fischer explicarão a projeção de água quente como o meio para fundir discos na espinha dorsal de alguém, só se pode adivinhar. Talvez como apenas mais uma discrepância "menor"?

RETROSPETIVA DE ANGEL: REFLEXÕES SOBRE UM DESTINO FOGOSO

Em *A Scandal in Bohemia*, Sherlock Holmes, a quem Nickell gosta de citar, observa que "É um erro capital teorizar antes de se ter dados. Insensivelmente, começa-se a torcer os factos para se adequarem às teorias, em vez de as teorias se adequarem aos factos". Se o leitor acredita que Nickell e Fischer conduziram uma investigação sólida e estão isentos de teorizar contra os factos, há uma ponte em Brooklyn à venda. Na verdade, Nickell e Fischer confessaram na *Fate* (setembro de 1982) que "Nós não... investigámos de facto o caso Angel... mas discutimos privadamente o caso com alguma minúcia". Imagine-se!

Teria algo mudado na altura em que liguei para o Sr. Nickell sete anos mais tarde, depois de ele ter publicado a sua censura mordaz? O vosso veredicto, por favor. Testada no fogo das provas, digo que a teoria deles se evapora como água borrifada numa frigideira a ferver. Conforme o advogado Cobb me confessou em 1980 e novamente em 1989: "Nunca conseguimos descobrir o que o causou. Gostaria de saber um dia". E isso traz-nos, e a Jack Angel, de volta à teoria da *SHC* e da sobrevivência.

O que pensava o próprio Jack Angel que acontecera? "Diabos, não parei de pensar nisso nos últimos cinco a seis anos!", exclamou. "Não sei mesmo que diabo me aconteceu." Qual era a sensação de ser queimado de forma tão inexplicável? "Não me lembro de qualquer dor" durante várias horas após acordar, disse-me Jack. Quanto tempo estivera a arder sem dor antes de acordar, ninguém conseguiu determinar. E como aconteceu? "Há muitas coisas que acontecem que simplesmente não se sabe o quê", disse-me o Dr. Fern ao refletir sobre o destino de Angel. "Talvez seja uma explosão nuclear em miniatura."

(O médico tinha captado, sem saber, uma explicação promissora, explorada no capítulo 8.) Jack disse-me que dormia de lado, normalmente com o armário encolhido sob ele. Talvez, enquanto jazia sobre a mão direita, alguma força dentro da sua mão direita e do seu peito tenha "explodido" — para usar a própria descrição de Jack — com uma labareda secundária a subir pela sua coluna vertebral e a sair no pescoço, nas costas e nas virilhas. Talvez a força abrasadora tenha explodido primeiro a partir de dentro da sua mão, queimando depois o seu armário e, simultaneamente, o seu torso. Talvez as suas lesões nunca venham a ser explicadas.

"Não compreendo esta maldita coisa toda", disse Jack Angel enquanto acenava com o coto do seu armário direito em frente ao meu rosto. "Não sei nada sobre teorias de combustão humana. Mas algo tem de a causar, não tem?" Após anos a confrontar o incidente misterioso que alterou significativamente a sua vida (para pior), mas que parou mesmo antes de o transformar fatalmente numa bola de fogo humana, Angel concluiu que "A única explicação é que fui vítima de combustão espontânea humana". É uma explicação que eu também continuarei a apoiar — até que possa ser proposto um cenário diferente que forneça uma solução menos "lamentável" (para usar a descrição de Nickell) que abranja, sem discriminação, todas as provas fornecidas pelo Sr. Angel. É Jack Angel,

então, a única pessoa que escapou literalmente à tese popular de que a *SHC* é sempre fatal... a exceção à regra que viveu para falar sobre a sua enigmática auto-inflamação? Não.

16

"Light My Fire"... Rebatendo Estas Chamas Mais Íntimas

Assim que surgem questões de vontade, decisão, razão ou escolha de ação, a ciência humana fica sem resposta. — Professor Noam Chomsky, *The Listener* (6 de abril de 1978)

Joe Nickell, implacável, reafirmou a sua descrença na *SHC* e apresentou um desafio no fecho da nossa conversa. "Se descobrir que tem algumas provas reais em contrário", disse ele num tom concordante, "gostaria certamente de as ver. Se puder provar que estou errado, gostaria de saber". Desafio aceite.

Antes de Jack Angel, o caso mais amplamente conhecido considerado como sobrevivência à *SHC* aconteceu ao Professor James Hamilton. Lembre-se, um documento contemporâneo refuta esta interpretação. O Professor Hamilton nunca teve de travar batalha com, nem de triunfar sobre, a *SHC*. Mas não estou pronto para atirar a toalha ao chão ainda. Existe Irene (Renie), que provavelmente não morreu como resultado da sua perna a jorrar chamas, sobre a qual fugiu da loja Woolworth em Nova Iorque.

Este é, reconhecidamente, um caso fraco para satisfazer os padrões de prova defendidos por Nickell. Não há que preocupar. Na verdade, tornarei o desafio dele mais interessante. Não só acontecem fogos estranhos, como admitem bombeiros e profissionais médicos, como por vezes fogos estranhos persistem em assombrar certas pessoas.

Eis, então, mais instâncias de manter verdadeiramente a calma sob o fogo. Pessoas que sobreviveram a uma praga pessoal de pirofenómenos. Repetidamente.

- Um dia, em 1943, Paul V. Weekly alugou um quarto de hotel em Sioux City, Iowa. Durante a noite, o seu pé começou a dar comichão e ele puxou os lençóis para trás para ver o que se passava. Um brilho azul lúrido de chamas que saltavam em redor dos seus

dedos dos pés iluminava o quarto, de acordo com a revista *Doubt* (junho de 1943). Weekly "abafou" o fogo (se fogo era) com os lençóis da cama e voltou a dormir. Mais tarde, nessa mesma noite, o pé com comichão voltou a acordá-lo. Mais uma vez, Weekly teve de lidar com um pé quente... da mesma forma bem-sucedida que antes. Depois disso, dormiu sem mais incidentes. Algumas pessoas dormem durante qualquer coisa! Nada de definitivo se pode dizer sobre este conto espantoso, exceto que Paul Weekly deve seguramente estar na corrida para o título do Guinness de Manter a Calma Sob o Fogo.

- Seguramente outra concorrente é Susanna Sewell, de Maryland. Em 1683, ela entreteve — talvez tenha horrorizado — os seus convidados com a sua habilidade (quase) única de projetar chamas azuis a partir do seu corpo, maioritariamente dos seus dedos. O seu talento invulgar projetava-se também por baixo das suas vestes, foi relatado no *British Medical Journal* (12 de agosto de 1905), e dizia-se que as faíscas da ponta dos seus dedos "eram de fogo", podiam ser transferidas para outros.

- E o que se deduz de Marguerite-Frédérique-Catherine Heins, uma *fräulein* de dezassete anos em Hamburgo, cuja mão se inflamou subitamente a 21 de janeiro de 1825? As pontas dos seus dedos cuspiam chama azul, atestou a *Hecker's Annalen* (agosto de 1825) sobre este caso incrível. Internada no hospital durante três meses e meio(!) até o fogo desaparecer, voltou depois para o trabalho. Claramente, o fogo com as suas chamas azuis, que provara ser fatal em casos até então presenciados, também podia ser sobrevivido. Sobrevivido repetidamente.

- Algum tempo antes de 1839, um amigo não identificado de W. B. Carpenter experienciou um destino semelhante ao da *Fräulein* Heins. O Professor Carpenter, instrutor de jurisprudência médica no University College de Londres, membro da Royal Society e eminente fisiologista, acreditava na *SHC* com boas razões. Não só a sua Sociedade tinha registado vários casos como, conforme escreveu nos seus *Principles of General and Comparative Physiology* (1839), ele tinha um amigo cuja mão "duas vezes, em intervalos distintos,

emitiu uma chama que queimou as partes circundantes". Carpenter especulou que a combustão do fósforo explicava o dilema.

- Nos anos 60 e início dos anos 70, de acordo com Montague Ullman em *Research in Parapsychology* (1973), observadores da agente psicocinética soviética Alla Vinogradova atestaram que "foram vistas faíscas na ponta dos seus dedos enquanto ela trabalha...".

- Nos anos 70, outra médium telecinética soviética, Nina Kulagina, convenceu muitos dos que a observaram de que canalizava uma energia que a podia queimar a partir de dentro. O distinto parapsicólogo Professor Genady Sergeyev contou ao jornal londrino *Sunday People* (14 de março de 1976) a sua experiência com a Sra. Kulagina: "Em várias ocasiões, a força que entrava no seu corpo deixou marcas de queimadura com até 4 polegadas de comprimento nos seus braços e mãos... Eu estava com ela uma vez quando as suas roupas pegaram fogo devido a este fluxo de energia — literalmente inflamou-se. Ajudei a apagar as chamas e salvei algumas das roupas queimadas como prova material". Uma prova material que reforçava a evidência cada vez maior de que os humanos, quando devidamente energizados, podem tornar-se repetidamente num perigo inflamável para si próprios.

MANTER REALMENTE A CALMA SOB O FOGO

- Outubro de 1980: Peter Lynam Jones, do centro da Califórnia, estava sentado na borda da sua cama. A sua esposa, Barbara, estava ao seu lado. "Olhei para baixo e o fumo saía em novelos dos seus braços como se algo estivesse a arder", disse-me a Sra. Jones. "Começámos ambos freneticamente a tentar apagá-lo. De repente, desapareceu." Não havia odor. Nem calor. Nenhuns danos nos tecidos. Apenas "fumo a jorrar".

"O que foi aquilo?!", implorou a Sra. Jones, após recuperar um mínimo de compostura. "Não faço a mínima ideia!", retorquiu o marido.

Imperturbável, Peter saiu nessa tarde para dar uma volta de carro. Com ambas as mãos firmemente no volante, as mangas da camisa arregaçadas, estava parado numa passagem de nível a moer na mente a forma bizarra como o seu dia começara, quando... para seu absoluto

espanto, aconteceu de novo! Fumo pálido de cor azul-acinzentada brotou de ambos os seus braços, preenchendo rapidamente o interior do carro com uma névoa pálida. Desta vez, o fumo tinha um "sabor metálico" característico. Depois, de forma tão abrupta como começou, a sua libertação de fumo cessou novamente. "Esquisito", pensou Peter Jones para consigo. (Talvez Orsola Benincasa e Santa Catarina de Génova tenham tido o mesmo pensamento quando, uns quatrocentos anos antes, fumo esbranquiçado saiu das suas gargantas.) Ele não contou à esposa sobre este segundo surto de fumo durante muitos meses.

Se alguém está na corrida contra Paul Weekly para Manter a Calma Sob o Fogo, é Peter Jones. A Sra. Jones disse que o seu marido de quarenta e seis anos bebia muito na altura. Ele não estava a beber antes de nenhum destes dois eventos, no entanto, embora se lhe pudesse perdoar se o fizesse depois! O seu marido era também "violentamente frontal nas opiniões", disse ela, e nutria um "ódio total" pela sua filha adolescente. Uma combinação incendiária, talvez?

Desde então, falei várias vezes nos anos 90 com os Joneses, como preparação para produzir segmentos sobre a *SHC* para a televisão americana. A sua simpatia indica que a vida se tornou muito menos stressante, e eles agora anseiam por viajar (esperançosamente sem braços a fumegar) nos seus anos de reforma. Aquele dia em 1980 permanece vividamente recordado, contudo.

"Foi a coisa mais esquisita! Simplesmente bizarro!", refletiu a Sra. Jones. "Nunca mais aconteceu." Observei que ela devia estar aliviada com isso. "Estou mesmo. E o meu marido também!"

MAIS DUAS VEZES ELES MANTÊM A CALMA PERANTE O FOGO VINDO DE DENTRO

Aconteceu novamente — outra vez duas vezes! — em 1980. Novamente numa mulher chamada Norris. Desta vez, no coração de Illinois.

- "Não tenho a certeza de que a minha experiência seja de interesse para si, mas foi tão intrigante para mim que gostaria de a partilhar consigo", escreveu a Sra. Elizabeth K. Norris após ver-me discutir a *SHC* no *That's Incredible!*.

Com sessenta e cinco anos de idade na altura, a sua história começou no Dia da Mãe, 11 de maio de 1980, por volta das nove horas da noite. Ela e o marido estavam sentados à mesa da cozinha a fazer as palavras cruzadas de domingo enquanto relaxavam após um dia passado com os netos, quando ela se deparou com um tipo de enigma muito diferente:

"Uma das pistas das palavras cruzadas fazia referência a um tipo de gin. Fui verificar os ingredientes numa garrafa de gin que tínhamos no bar. No momento em que regressava à cozinha, fiquei atónita ao ver um fino fio de fumo a correr pelo meu braço esquerdo. Gritei: 'Estou a arder!' e corri para a banca da cozinha para regar o fogo, embora não visse chamas, apenas fumo. Nesse momento, tive o sabor a cinzas na boca. Cuspia o que pareciam ser cinzas para a banca. Após beber um gole rápido de água, usei um Kleenex para limpar a boca. Esse foi o fim da experiência."

(Lembra-se da Venerável Beatriz Maria de Jesus, cujas "conflagrações interiores" ejetavam cinzas do seu corpo?)

O marido da Sra. Norris verificou imediatamente o seu cachimbo, pensando que o tabaco em brasa tivesse caído do fornilho sobre o armário dela. "Encontrou-o frio no cinzeiro do outro lado da mesa onde eu estivera sentada", disse ela. "Ele viu, no entanto, as cinzas cinzentas no Kleenex. Devo admitir que, tendo visto um segmento no *That's Incredible!* que falava de casos de *SHC*, a minha primeira reação foi a de que estava prestes a tornar-se numa vítima. No entanto, nada se desenvolveu para além disso na altura."

Até doze dias depois. "Tive uma segunda experiência com o fio de fumo pelo meu armário abaixo e o sabor a cinzas na sexta-feira, 23 de maio", escreveu ela. "Esta segunda experiência durou apenas uma fração de segundo e não foi observada por mais ninguém a não ser por mim."

Num período de duas semanas, fumo inodoro tinha jorrado duas vezes por baixo da manga da sua blusa. "Era exatamente como uma pluma branca, da largura de um lápis ou de um dedo", disse ela sobre o fumo numa entrevista de acompanhamento. "Descia ao longo do meu armário, ao

longo do lado do meu corpo. Vinha definitivamente debaixo da manga da minha blusa."

As suas roupas não ficaram chamuscadas, embora tenham ficado encharcadas enquanto ela regava freneticamente o armário de cada vez com água da banca da cozinha. Não sofreu qualquer lesão física nem uma terceira recorrência do armário fumegante.

"A minha mãe não era dada a imaginações fantasiosas de forma alguma", informou-me a sua filha Marybeth Beechen. A Sra. Norris, acrescentou ela, tinha uma "atitude geral de assumir o controlo perante a vida" e "procurava a harmonia em todas as relações" antes — e depois — "da sua experiência com aquilo que acreditamos ter sido o início de uma combustão espontânea humana". Talvez a sua predisposição para a felicidade e harmonia se tenha estendido ao fogo que encontrou dentro de si própria e tenha afastado duas vezes quaisquer consequências graves.

- O dilema da dupla *SHC* ocorreu a seguir a uma mulher da Virgínia que tinha interesse em estudos espirituais e em elevar a sua *Kundalini*. Teve um dia de cabelo terrível, também. Duas vezes. Em março de 1986, o cabelo na cabeça de Susan C— pegou fogo, de cada vez precedido por um fumo leve. Em nenhuma das instâncias foi vista qualquer fonte externa de chama em lado nenhum. Tudo o que Susan me quis dizer sobre a sua experiência de pôr os cabelos em pé/chamuscados foi que sentia que a *Kundalini* estava envolvida. Recusou-se a dizer algo mais.

SE LHES AGRADA, DUAS VEZES NÃO É SUFICIENTE (PARTE I): TONG TANGJIANG

O que acontece duas vezes, acontece três vezes. Os bombeiros acreditam nisto em relação aos surtos normais de incêndio. A máxima não é menos aplicável aos fogos não normais... e à sobrevivência a eles.

O jovem Tong Tangjiang tinha quatro anos de idade quando, em abril de 1990, um buraco quadrado de uma polegada queimou duas camadas da sua roupa. Levado à pressa para um hospital da província de Hunan, o rapaz começou a deitar fumo novamente, inflamando-se espontaneamente quatro vezes durante os 120 minutos seguintes! O seu armário direito, axilas e genitais queimaram, relatou o *China Youth News* (30 de abril de 1990).

Outra daquelas crianças chinesas que só se sentem completamente confortáveis quando não estão vestidas, Tong foi colocado sob os cuidados do Dr. Hsing Peng, que acreditava que uma forte corrente bioelétrica intensificada pelo stresse ou nervosismo explicava a tortura de Tong. A mãe do rapaz aumentou o mistério ao afirmar que o seu filho tinha pegado fogo — não por brincar com fósforos, mas pela sua mera proximidade — a um colchão, e por pouco não incendiou o cabelo da avó quando esta se aproximou demais.

O incendiário Tong sofreu também estigma social, já que os amigos o evitavam. Disse o Dr. Peng: "Ninguém quer ser queimado e não se pode culpá-los". Tong Tangjiang: uma vítima de combustão espontânea múltipla de e por um humano.

O jovem mestre Tangjiang não é único, contudo. Agora, as provas tornam-se realmente espetaculares, e vêm mesmo de aqui, da América.

DUAS VEZES NÃO É SUFICIENTE (PARTE II): JOE NUZUM

Os escritores britânicos Janet e Colin Bord terminam o capítulo sobre fogos misteriosos no seu excelente livro, *Modern Mysteries of the World* (1989), ponderando uma possível sincronicidade: "Pessoas cuja presença inicia incêndios, incêndios que assolam lares, pessoas que irrompem em chamas e são totalmente consumidas... Haverá alguma ligação entre elas? Essa é a questão ardente para a qual não temos a resposta".

Creio que a tenho.

Dias antes de este livro estar pronto para ir para a tipografia, tive a boa fortuna de falar com dois cavalheiros que falaram de experiências inesquecíveis — e pertinentes — desconhecidas do público em geral. Até agora.

NOTAS

** Nota sobre as referências biográficas: O autor elenca em rodapé as seguintes referências complementares para este segmento: That's Incredible!, ABC-TV, 19 de janeiro e 27 de abril de 1981; "The Man Who Survived Spontaneous Combustion", Fate (setembro de 1982), 60-65; "Jack Angel, SHC Survivor", Fortean Times (1983), 12-15.*

- *Joseph A. Nuzum, de trinta e sete anos, afirma ter uma relação desgastante com o fogo desde os cinco anos de idade. "Começou*

com um efeito de carbonização quando eu era pequeno", revelou. "Metia-me em sarilhos por brincar com fósforos — porque era fascinado pelo fogo. Depois, papéis inflamavam-se espontaneamente por si mesmos, e eu ficava ali sentado, hipnotizado. Tinha uma fascinação pelo fogo. Ainda tenho."

Essa fascinação pelo fogo, incluindo a sua espontaneidade, levou a expressões físicas ao longo da vida de fenómenos *psi*. Dobrar/partir metal... manusear carvão em brasa, metal fundido e invólucros incandescentes nas suas mãos com impunidade na fundição onde trabalhou outrora... mover objetos remotamente por psicocinese (*PK*)... fazer com que cubos de gelo se inflamem... e extinguir telepaticamente cigarros acesos estão entre as realizações supernaturais deste sensível e modesto habitante da Pensilvânia.*

Desde meados da década de 1980 que os seus feitos têm sido estudados e documentados pelo Dr. Berthold E. Schwarz, uma das mentes mais brilhantes empenhadas na investigação de fenómenos forteanos na atualidade. Ele disse-me que Nuzum tem, de facto, "a capacidade de induzir experimentalmente o fogo à distância".

Para saber mais sobre isto, voei para a Universidade do Nebraska em maio de 1995, para passar dois dias com Nuzum e a sua esposa, Sandy, além do Dr. Schwarz. Ali testemunhei em primeira mão alguns destes talentos invulgares — incluindo a tentativa bem-sucedida de Joe de afetar telecineticamente uma lâmpada acesa a cerca de vinte pés de distância. No espaço de um minuto após ele ter focado a sua intenção nela, a lâmpada explodiu ruidosamente num clarão de luz intensa.

Crónica tudo o que aprendi naquele fim de semana está para além do âmbito deste livro. Mesmo uma listagem parcial da combustão espontânea induzida por *psi* (*SC*) reivindicada por Joe é desanimadora. Mas sendo estas tão provocadoras, uma amostragem representativa vale o esforço. Aqui vai:

- 5 de janeiro de 1990: Joe foca-se num fósforo de segurança de cartão, que voa subitamente de cima de uma bancada; minutos mais tarde, ele cheira a fumo e descobre um saco de papel em chamas ali perto.

- 14 de março de 1990: Schwarz descobre que um rádio novo de 9 volts, destinado a servir de alvo de *PK* para *SC* por Joe, está derretido internamente; o isolamento dos fios derreteu; o diagrama esquemático de papel ficou carbonizado. Fisicamente, Joe não estava perto dele.

- Abril de 1990: Joe aponta o seu olhar incendiário para um lenço de papel na sua casa; entretanto, na casa de um amigo a aproximadamente onze milhas de distância, uma toalha de mão arde instantaneamente "até ficar num estado crostoso".

- 30 de setembro de 1990: Schwarz, na Flórida, envia pelo correio umas chaves embrulhadas num saco de plástico dentro de uma caixa de cartão para Joe, na Pensilvânia. Quando a encomenda chega, algumas chaves estão dobradas; uma está carbonizada. Três dos cartões de visita de Schwarz na caixa estão também carbonizados; o saco está derretido.

- 29 de dezembro de 1990: Joe está a fazer experiências *psi* num maço de cigarros. O maço move-se; no interior do maço, um cigarro carboniza-se.

- 1991: na casa de Ray, um amigo de Joe, uma toalha estendida sobre a porta de um frigorífico inflama-se subitamente, queima um buraco através de si mesma e carboniza a porta. Ray telefona a Joe e toma conhecimento de que, naquele exato momento, Joe estava a fazer experiências com combustão espontânea.

- 15 de junho de 1991: Joe relata a Schwarz como alcança a pirogénese. "Transformo toda a energia do corpo nas mãos", explica ele; esta é então direcionada de forma explosiva, tal como um praticante de artes marciais (que Joe é) faz ao partir tábuas. "A combustão espontânea é emocionante, uma agressão poderosa, o fogo interior. É imensa."

- 1992: Joe tenta outra experiência de *SC*... simultaneamente, a milhas de distância, uma esfregona começa a arder sem chama na cozinha da casa de Ray. (Lembra-se do caso de 1981 da esfregona que sofreu auto-combustão no Leasowes Sports Center?) Húmida ou seca, a queima desta esfregona foi presenciada em progresso.

- 17 de fevereiro de 1992 e seguintes: o repertório deste mestre do piro expande-se para incluir o acendimento psicocinético de velas, além de um isqueiro de butano sem rodar a sua pedra; apagar *psi-velas* a partir do outro lado de uma sala; derreter filamentos em lâmpadas aninhadas nas suas mãos e em lâmpadas de *flash* à distância; fazer combustão em velas de barcos de modelo no meio de um lago; desenroscar autonomamente a tampa de um frasco de sumo de maçã, seguido do sumo a deitar fumo até se inflamar em chamas azuis e laranjas com doze polegadas de altura; formar faíscas durante vários segundos na lâmina do seu *Cris* (adaga cerimonial); carbonizar plasticina; inflamar maços de fósforos entre as pontas dos dedos; por vezes carbonizar papel dentro de copos de vidro, outras vezes queimá-lo com chama aberta; pegar fogo às paredes de caravanas. Blocos de madeira carbonizam-se até se tornarem carvão em brasa; o açúcar granulado arde com uma cor azul-alaranjada até ser uma substância preta e viscosa. Notas de dólar — outro alvo da sua pirocinese penetrante — carbonizam-se dentro de aquários virados ao contrário e na mão fechada do Dr. Schwarz. Papel embebido em gasolina irrompe em chamas perante a intenção de Joe, para consternação da sua esposa, que gritou que temia "sarilhos com o Marechal de Bombeiros por queimar coisas na altura errada".

Essa não continuaria a ser a única preocupação com os pirofenómenos que a rodeavam, no entanto. As propensões pirocinéticas do seu marido estavam prestes a ser experienciadas de perto e de forma muito pessoal.

- 2 de janeiro de 1994: os Nuzum tinham estado a discutir neste domingo, antes de Joe tentar uma nova experiência de *PK* que envolvia Sandy a acender manualmente uma vela. De repente, o inesperado. "A chama saltou da vela para o cabelo dela, que pegou fogo. O seu casaco de lã também!", confessou o seu perturbado marido. Sandy Nuzum, enfrentando uma variante calamitosa de *SHC*, esbofeteou-se a si própria para se libertar do fogo. Seguiu-se uma tempestade de fogo de outro tipo, com Joe a enfrentar a compreensível raiva de Sandy. Pode-se apenas imaginar a reação de um juiz se tivessem sido apresentadas acusações de violência doméstica com base neste incidente—

Três meses mais tarde, o destino inverteu os papéis.

- 5 de abril de 1994: pouco depois das nove horas da noite desta terça-feira, Joe sentiu o topo da sua cabeça a aquecer. Depois, quente. Depois, em chamas. Olhando para um espelho, observou enquanto "chamas azuladas se moviam em redor do topo da minha cabeça". Sem odor. Sem dor. Apenas o horror de ver o seu cabelo a chamuscar-se diante dos seus olhos. Foi um subconjunto de curta duração da *SHC*: Combustão Espontânea de Cabelo.

- Pouco antes da meia-noite de 6 de abril de 1994: Sandy notou o cabelo escuro chamuscado na cabeça de Joe. Antes que ele possa explicar, o seu indicador direito começa a formigar, e depois inflama-se! "Estava a arder, chamas azuladas, com cerca de duas polegadas e meia de altura", lembrou Joe vividamente. Após alguns segundos terminou, para mútuo espanto e alívio do casal.

Recordo o que a história diz ter acontecido a Susanna Sewell há mais de trezentos anos; mais recentemente, aos dedos dos pés de Paul Weekly. Boatos ultrajantes; farsa; para não se acreditar? Em 1994, outro dedo humano brota fogo azul; espontaneamente; sem dor; sem ferimentos. Formiga. Auto-extingue-se. É presenciado. Acontecerá novamente, provavelmente. A história repete-se.

Lembra-se de Hayes, o *golden retriever* em Inglaterra com fogo-vindo-da-sua-barriga? Bem, o talento pirocinético de Nuzum pode ter alguma relevância, indiretamente.

- Sandy Nuzum viu o seu marido fulminar grilos "que se desfazem numa lufada de fumo". Descreveu um incidente antes do casamento deles, quando ambos notaram uma grande aranha na sua banheira: Joe teve a compulsão de olhar fixamente para o aracnídeo que, admitiram eles, começou a deitar fumo e "simplesmente ardeu". Um mosquito tornou-se num "sussurro de fumo" após Joe, a cerca de oito pés de distância, ter dito que se focara nele. Joe relatou que caminhava no bosque no final da primavera de 1994 e notou uma gralha a cerca de trinta e cinco pés acima da sua cabeça: abruptamente, a ave irrompeu em chamas e mergulhou em direção à terra deixando um rasto de fumo. "Foi real", disse ele. "Podia-se cheirar as penas queimadas." Quatro adições ao catálogo de combustão espontânea animal, se aceitarmos o testemunho dos Nuzum.

(Saliento que Joe exibe uma profunda preocupação e responsabilidade sobre o que o seu nexo psíquico possa induzir, pondo de parte estas ignições de animais. Ele é cuidadoso, não leviano; consciente das ramificações dos danos que poderia causar.)

Os detratores mascarados sob a capa do ceticismo científico dirão que tudo isto é circunstancial ou delirante, e não prova nada. Sério? Muito na ciência é aceite com base em muito menos provas do que as que Joe Nuzum fornece para a combustão espontânea induzida por *psi*: testemunhas oculares, fotografias, documentação em vídeo — e a coqueluche da ciência do *establishment*, a repetibilidade.

"No mínimo", concluiu o Dr. Schwarz na sua monografia para o Fortean Research Center sobre a sua década passada com Nuzum, "pode dizer-se que é altamente provável que os incidentes relatados de *SC* tenham acontecido exatamente como descritos e muitos ou a maioria ou todos deveriam receber o estatuto de factos, por mais difícil que seja para o leitor aceitar ou integrar estes com a sua compreensão ortodoxa habitual da ciência. Estes factos imploram por atenção e explicação".

Perguntei a Joe Nuzum se ele próprio poderia oferecer discernimento sobre a combustão espontânea humana, a sua ou a de outros. Quantos itens no total já inflamou espontaneamente? "Não saberia por onde começar a dizer-lhe", confessou. (O Dr. Schwarz catalogou nada menos do que noventa e nove incidentes.)

Como descreveria o fogo que ardeu em redor do cabelo da sua esposa e do seu próprio? "Cor azul brilhante. Calor frio." E sem dor, naturalmente.

Algum aviso prévio de que esta *SHC* de pôr os cabelos em pé pairava iminente? "Não. Foi uma surpresa para mim."

Porque parou? Conseguiu de alguma forma apagar mentalmente as chamas? "Como se por vezes algo acontecesse depois, como uma distração, para o anular." Disse que foi o que aconteceu em ambos os surtos capilares. Muitas vezes, porém, uma amnésia momentânea bloqueia a sua memória do que transparece e de como chega ao fim. (Também reparou na frequência com que as vítimas de *SHC* parecem imperturbáveis, até mesmo alheias ao seu dilema?)

Como pensa que espoleta o seu talento pirocinético? “Sinto-me como se fosse um vaso, puxando energia do exterior e projetando essa energia, direcionando-a”, respondeu. “Foco-me num clipe de papel, para fazer com que fique vermelho-cereja. Faço com que os fios aqueçam dentro de uma lâmpada. Algumas destas coisas são difíceis”, acrescentou modestamente. “Estou eu próprio em constante aprendizagem. Cada combinação é diferente. Cada ação é diferente. Pode parecer ser a mesma, mas não é.”

Acredita que inúmeros fatores influenciam a pirocinese, desde o que se come até aos campos magnéticos dentro e ao redor de si mesmo. No entanto, acredita que “A intenção do coração é o mais importante”.

Finalmente, como é um dia na vida de Joe Nuzum? “Apenas passar o dia!”, sorriu ele. Um dia que a qualquer momento poderia revelar-se maravilhosamente desafiante (inquietante) para aqueles que limitariam as capacidades humanas—

DUAS VEZES NÃO É SUFICIENTE (PARTE III): PETER CALHOUN

Para alguns, explorar a gama do potencial humano é uma escolha de carreira consciente. Peter Calhoun fez essa escolha. Como professor de nível universitário e conselheiro espiritual, músico, antigo sacerdote episcopal, co-fundador do Atlanta Institute of Metaphysics e xamã, por vezes deu por si como “um mediador entre o mundo humano e as forças naturais e, por vezes, um canal através do qual as forças naturais podem fluir”.

Ocasionalmente, essas forças manifestarão enigmas de combustão.

Tal como Nuzum, Calhoun diz-me que “Toda a minha vida tive experiências estranhas com o fogo. Quando era criança, por vezes deflagravam fogos em redor de mim sem razão aparente. Por exemplo, várias vezes, ao ligar um automóvel, o carburador irrompia em chamas”. Desde então, explorou a consciência, meditou com sábios orientais e estudou o conhecimento xamânico.

No entanto, ao iniciar a sexta década de vida, a sua ligação de infância com o fogo primordial assumiu novas dimensões no sentido mais amplo.

- In 1986 e novamente em 1989, Calhoun estava entre cerca de duas dezenas de pessoas envolvidas em trabalho espiritual nos

Canyonlands do Oeste Americano. Em ambos os anos, a lenha recolhida no início do dia para ser utilizada numa cabana de suor inflamou-se instantaneamente apenas alguns minutos após ter sido disposta de forma cerimonial. “De repente, as chamas estavam simplesmente ali!”, disse Calhoun, recordando a primeira vez que aconteceu. “Nenhuma combustão lenta. Apenas irrompeu em chamas. A reação foi quase uma não reação”, lembrou sobre o grupo. “Tipo, porque é que isto não haveria de acontecer?” Da segunda vez, não só a disposição piramidal de gravetos da fogueira irrompeu em chamas, como também ramos com duas polegadas de espessura a dez pés de distância. “Ficámos verdadeiramente maravilhados com esta teofania!”, confessou Calhoun, “porque a segunda vez não foi um evento aleatório. Desta vez, invocámos conscientemente o fogo”.

A mesma força elementar foi utilizada por Calhoun como uma ferramenta poderosa para curar outros em certas circunstâncias extremas ou invulgares.

- Num incidente durante o outono de 1987, ele estava a aconselhar um estudante adolescente do Colorado viciado em cocaína. Depois de a sessão parecer infrutífera, Calhoun disse ao seu associado que o jovem precisava de ver o seu próprio fogo interior despertado. Disse Calhoun: “Vou chamar os espíritos do fogo para acenderem um fogo por baixo dele”. Fez uma breve cerimónia. A máxima *Prepara-te para aquilo que desejas* nunca seria tão verdadeira. O desfecho foi instantâneo. Completamente inesperado. Quando o estudante da Boulder High School desceu a escadaria para sair, “as virilhas das suas calças irromperam em chamas! Ele gritou, batendo nas calças até a chama se extinguir. Em momento algum o fogo teria tocado a sua pele”, sublinhou Calhoun. “Mas ele não sabia disso, e a coisa toda teve um efeito poderoso sobre ele — um pouco como uma terapia de choque. Funcionou! Por esta altura, eu tinha aprendido que uma manifestação literal, e não apenas uma expressão metafórica, é sempre uma possibilidade, embora remota.”

Chamem-lhe a Lei das Consequências Imprevistas. Os toxicodependentes poderiam achar a perspetiva de um tratamento de intervenção tão dramático um dissuasor eficaz para continuar o seu vício ou, inclusive, para iniciar o uso de substâncias controladas—

"Como pode ver, as minhas experiências de combustão espontânea humana não são do tipo negativo." Calhoun prefaciou o incidente que estava prestes a contar dizendo: "Uma das mais recentes foi bastante dramática!".

- Início da primavera de 1989; nas terras altas dos Apalaches, no oeste da Carolina do Norte. Peter W. Calhoun preparava-se para viajar para norte a fim de realizar *workshops* educativos com um grupo que vivia numa área onde muitas pessoas eram hostis a ideias espirituais alternativas. Uma noite, sentiu a negatividade distante deles focada si. "Um amigo e vizinho nativo-americano estava a visitar-me, e pedi-lhe para trabalhar comigo num método que eu tinha utilizado outras vezes para proteção." Os dois homens iniciaram uma cerimónia do fogo na sala de estar de Peter, utilizando um ritual espiritual das Quatro Direções e quatro velas. Na sala, desprovida de correntes de ar, três chamas permaneceram imóveis; apenas a chama da vela do norte tremeluzia descontroladamente. Calhoun explica o que aconteceu a seguir: "Invoquei a ajuda dos elementais do fogo. E irrompi em chamas!". Inicialmente, o fogo centrou-se em redor do seu estômago (plexo solar). "O meu reflexo natural foi apagá-lo à bofetada. Em vez disso, correu pelo meu armário abaixo, e depois pelo meu outro armário. Não senti medo. Sabia sem saber que tinha proteção total. Não era um fogo comum, mas a força elementar por trás do fogo que me envolvia".

Enfeitiçado, Calhoun sentou-se rígido e observou o fantástico fogo vermelho-dourado turbilhar em redor de si mesmo, "a 1/8 ou 1/4 de polegada acima do meu casaco de lã... Por vezes disparava do meu corpo parecendo fogo líquido — sim, é assim que eu lhe chamaria — fogo líquido a subir pela minha coluna".

Neste ponto, continuou Calhoun, "o meu amigo grandemente alarmado começou a bater-me freneticamente nas costas — mas o fogo continuou a espalhar-se, subindo pelo meu pescoço e cabeça. Tentei acalmá-lo, dizendo que estava tudo bem, um conselho não muito tranquilizador, considerando a situação. Alguns segundos mais tarde, simplesmente consumiu-se até apagar, tendo desaparecido toda a negatividade". Alucinação? Pondere-se, então, este facto. Gotas de chamas

que caíram do inferno ofuscante que envolvia o seu corpo imune ao fogo queimaram buracos na alcatifa ao seu redor.

Dizer que foi dramático é um eufemismo. Foi a *SHC* experienciada; vista de dentro para fora; presenciada por outro. E sobrevivido. A única coisa que faltava era filmagem em vídeo... e uma explicação. Houve algum dano fisiológico? "Não", respondeu. Calor? "Em momento algum houve calor!"

"Para mim", explicou Calhoun, "não há aqui nenhum grande mistério, na medida em que tenho uma forte crença nas forças elementares por trás das chamas. Quando o fogo interior de alguém foi ativado", elaborou, "pode de facto elevar a temperatura ambiente numa pequena sala e fazer com que as pessoas sintam que estão literalmente a arder". Como um certo estudante do ensino secundário do Colorado poderia profundamente atestar—

"Cada xamã sabe que o fogo é de longe o mais instável dos elementos", sublinha Calhoun, "daí o mais difícil de controlar". As dimensões do ateamento de fogo humano não são compreendidas, obviamente, e ele recomenda vivamente que não se façam experiências com a combustão espontânea, mesmo para bons fins.

UMA VEZ É MAIS DO QUE SUFICIENTE, OBRIGADO

Por mais incríveis que sejam estes episódios, não é menos surpreendente que Weekly, Smith, Jones, Norris e, repetidamente, Nuzum e Calhoun tenham reagido com tanta calma. Isso, compreensivelmente, nem sempre foi o caso.

- A 15 de julho de 1681, um homem da Frísia não teve tanta sorte como Paul Weekly. De acordo com o Dr. Baumler no seu tratado do século dezanove sobre a combustão espontânea humana, *Studiorum Suorum Primitias*,* este residente do noroeste da Holanda gritou: "Ardo! Ardo! Ardo! Oh meu capitão?, venha ajudar-me!". Enquanto implorava pela ajuda do Capitão Douve, o seu pé reduziu-se a pó. Queimaduras profundas dilaceraram o seu corpo, a sua cabeça subsequentemente inchou, as suas orelhas e nariz encolheram e os botões de metal derreteram nas suas roupas. Morreu cinco dias mais tarde.

Existe uma maleita rara chamada eritromelalgia, na qual as pernas e os pés de uma pessoa ficam manchados, roxos, cheios de bolhas e inchados — e ficam fogosos ao toque. Existirão casos ainda mais raros de eritromelalgia no extremo?

- 7 de setembro de 1822; Laégnon, França. "Os dedos de Pierre Reyneteau pegaram fogo com uma chama azul que ele podia transferir para as suas calças", declarou Grabner-Maraschin na *Gazzetta di Milano* (7 de abril de 1823). O fogo não foi extinguido com água, mas por meio de oração, uma salvaguarda inovadora que não pôde garantir uma cura instantânea. Isso demorou dois meses a conseguir.

- 19 de abril de 1827; Puy, no centro-sul de França. O muito sóbrio Monsieur D—, de oitenta anos de idade, tratou das suas tarefas na catedral e depois retirou-se para passar a noite. Às 21h30, ficou perturbado ao ver as pontas dos seus dedos a arder com "um fogo que progredia rapidamente" e "ardiam como velas, e as chamas eram azuis". Correu para a casa de um vizinho, onde mergulhou as suas mãos em chamas em água fria. As testemunhas ali presentes repararam num "vapor de fumo" emitido no rescaldo deste fenómeno de mãos espontaneamente queimadas e vermelhas. Vinte e oito dias mais tarde as suas mãos tinham curado, de acordo com o Dr. de Brus nas *Archives Générales* (março de 1829), mas Monsieur D— manteve uma bacia de água à cabeceira da sua cama... para o caso de.

- 7 de agosto de 1844; Trindade. Um negro das Índias Ocidentais não sofreu auto-combustão, mas exalou uma "chama de cor brilhante", que foi presenciada por um quacre e por um criado, relatou o Dr. William Huggins ao *The Lancet* (6 de setembro de 1845).

- Nos dois anos anteriores a 1890, um galês de vinte e quatro anos em Newchurch atraiu o interesse dos médicos quando chamas azuis irromperam do seu corpo; chamas que depois o queimaram. No caso de outros poderem estar interessados no que transpareceu nesta pequena cidade no centro-leste do País de Gales, McNaught relatou o incidente ao *British Medical Journal* (1890).

• Antes de 1895, um Sr. Holcombe viajava pela China onde, de acordo com a obra *The Religious System of China* de DeGroot, testemunhou um milagre do tipo inesperado. Holcombe contou ter notado uma criança a olhar fixamente para a trança de um chinês mais velho (o rabo-de-cavalo entrançado fashionavelmente usado pelos homens). Virou o seu olhar para ver o que era de interesse. Disse ele: "a trança do homem desvaneceu-se da vista, deixando apenas um [*sic*] odor a cabelo queimado". Outro exemplo de *SHC* — combustão espontânea de cabelo — do tipo a ser experienciado por Susan C— um século mais tarde na América.

• 14 de julho de 1894; Sea Cliff, Nova Iorque. Sentada na sua casa de Long Island, a Miss Goldie Newlin sentiu subitamente "um golpe agudo no seu pé esquerdo". O pé ficou negro e azul, o resultado de um raio globular que a atingiu e produziu "uma sensação pungente no mesmo momento" num homem numa sala contígua, disse o *New York Herald* (16 de julho de 1894). Uma quase-*SHC*?

• Em 1934, uma parte diferente da anatomia humana esteve sob fogo para Anna Monaro, de quarenta e dois anos de idade. A sua afeção era seios em chamas! O pessoal do hospital de Pirano, em Itália, liderado pelo Dr. Protti e mais cinco homens da medicina, maravilhou-se com a "luz violeta-azulada" que estalava do seu peito. Enquanto ela jazia de costas, as chamas sem calor por vezes atingiam dezoito polegadas de altura. Cinquenta e quatro fotogramas de película de cinema capturaram este fenómeno intrigante durante 3,6 segundos; de resto, ficou bem documentado em *Sul Fenomeno di Pirano* (1934). O Dr. Protti postulou um "poder radiante do seu sangue" como o mecanismo por trás das suas mamárias luminosas, cujo brilho aumentava quando o ritmo cardíaco e a respiração duplicavam. Isso significava que o metabolismo — ou seja, a combustão — também aumentava. Outros observadores, num diagnóstico não menos bizarro do que o próprio evento, propuseram explicar tudo como psicossomático! O decoro impede-me de dizer mais—

• No final de dezembro de 1938, o fogo abateu-se sobre a Sra. Harriet Garner na sua casa em Walton, Liverpool, Inglaterra. O seu

filho testemunhou em tribunal que encontrara a sua mãe em chamas; que nenhum outro fogo estava na sala; que nada do que sabia podia explicar o incêndio. A Sra. Garner, que sobreviveu, ficou igualmente mistificada; disse ao filho: "Sou totalmente incapaz de explicar o que aconteceu".

- 28 de março de 1953; Silver Spring, Maryland. Veronica Rae Klenke, de onze anos, estava no seu terceiro ano a tocar acordeão quando gritos interromperam a sua prática. O seu pai correu escadas acima para encontrar chamas a brincar ao redor de Veronica. Antes que ele pudesse arrancar o instrumento e atirá-lo pela janela fora, a sua filha sofreu queimaduras de segundo e terceiro graus em 35 por cento do seu corpo e ele teve queimaduras de segundo grau em 25 por cento de si mesmo. Veronica disse que tinha acabado de alisar as alças do seu acordeão quando "jatos de fogo começaram a esguichar dele" — embora o Chefe Adjunto dos Bombeiros do Condado de Montgomery, Roy Warfield, não conseguisse encontrar qualquer razão para que tal acontecesse.

NOTAS

** Nota sobre as fontes originais: O autor elenca em rodapé a compilação destas informações com base em entrevistas pessoais e no artigo histórico do Dr. Schwarz, "Observations on Presumed Psi-Induced 'Spontaneous Combustion'", publicado na Journal of the Fortean Research Center (maio de 1995). No excerto final da Frísia, aponta-se também como provável fonte original a obra de Stephen Blankaard, Collectanea medico-physica oft Hollands Jaar-Register (1683).*

"Os instrumentos que se auto-incendeiam são raros", deduziu Frank Edwards em Strangest of All (1962).

** Pergunto-me se não terá sido a própria jovem musicista a incendiar-se e a lançar chamas do abdómen, e depois através do acordeão.*

** Um destino digno de ficção científica atingiu o actor britânico Derek Boote em 13 de Outubro de 1974. A edição do dia seguinte do London Daily Express dizia que ele vestira um fato de monstro para um thriller cómico infantil de "aventura espacial" nos estúdios da BBC-TV em Cardiff, no País de Gales, e aguardava a sua deixa. Os seus gritos não faziam parte do guião. Nem o que se seguiu. Outros actores descobriram Boote envolto em chamas no camarim, totalmente incapaz de explicar a*

sua assustadora situação. Os médicos classificaram-no como "em estado crítico", embora acabasse por recuperar da sua batalha não escrita e muito real com o desconhecido.

** Alvin Moore, em Mystery of the Skymen, situa este acontecimento em Kensington, Maryland, a 28 de Fevereiro.*

"LIGHT MY FIRE"... COMBATENDO ESTAS CHAMAS MAIS ÍNTIMAS

• As hot pants estavam muito na moda em 1977. Por volta de 2 de Agosto, a jovem Sally Flack, de dezoito anos, usava "um modelo realmente escaldante" quando, segundo o *Daily Mirror* (3 de Agosto de 1977), saltou de um autocarro em Brighton momentos depois de entrar nele, porque as suas modernas hot pants tinham subitamente começado a arder. Ou será que começaram? Sem se aperceber do que acontecia até outro passageiro lho apontar, conseguiu extinguir as chamas (por assim dizer) dando vigorosas palmadas nas coxas e pernas. Não sofreu ferimentos. O Conselho de Brighton declarou que "a causa do incêndio é um mistério". Numa tentativa de evitar um processo judicial, o Conselho sugeriu que "uma ponta de cigarro pode ter ficado presa no sapato de Sally". Mas, por outro lado...

• Em 1978, a filha de dezassete anos de W. Geerlings, não fumadora, equilibrada e abstémia, começou a sofrer afeções na mão direita. Estas incluíam, escreveu o pai numa carta dirigida a mim, "uma descarga elétrica severa" que lhe permitia lançar faíscas quando se aproximava de objetos metálicos. As evidências circunstanciais indicavam que as faíscas atingiam entre dois e três mil volts, explicou ele. Durante dois anos o fenómeno repetiu-se. Depois diminuiu.

Após vários episódios traumáticos na vida da jovem australiana, o seu fogo elétrico reapareceu em Dezembro de 1982. Durante os cinco meses seguintes, escreveu o Sr. Geerlings, "ela teve vários pequenos incêndios localizados na mão direita, até 8 de Maio de 1983, às 4h00 da manhã, quando veio mostrar-me que tinha... uma queimadura grave na mão, com aproximadamente cinco centímetros de largura". Foi submetida a enxertos

de pele. Ainda assim, a mão direita continuou a produzir "queimaduras pontuais" com diâmetros entre três e seis milímetros. A resposta da comunidade médica? "Tratamento psiquiátrico", disse Geerlings. Ele e a filha recusaram. Talvez fosse a própria comunidade médica que precisasse de consultar um psiquiatra por fazer tal diagnóstico.

• Uma mulher não identificada, de vinte e nove anos, acordou certa manhã em 1979 e viu "chamas a sair do braço direito, do pescoço e do estômago", afirmou o escritor William Michelfelder em *True Outer Space & Paranormal World* (Outono de 1981). "Não existia qualquer fonte de fogo" na pequena cabana onde vivia, perto de Dearborn, Michigan. Segundo Michelfelder, a vítima acabou por se tornar "uma paciente anónima num hospital psiquiátrico, com o braço direito amputado, perdida num nevoeiro esquizofrénico...".

• A música disco estava em alta em 1980. Por volta de 15 de Novembro, Vicky Gilmour, de dezanove anos, divertia-se num salão de dança em Darlington, Durham, Inglaterra. Uma dançarina ardente, Vicky dançou demasiado nessa noite — na casa de banho da discoteca "entrou em chamas". Amigos apagaram as chamas da jovem, relatou o *News of the World* (16 de Novembro de 1980), mas ela "necessitaria de extensos enxertos de pele no rosto e no corpo".

A culpa foi atribuída a um cigarro caído. Assim, deixaram cair cigarros propositadamente sobre o vestido dela e — repetindo os dois episódios ocorridos em salões de dança em 1938 — apenas conseguiram fazer o tecido fumegar. Declarou um porta-voz do Departamento do Comércio: "Sabemos há muito tempo que o algodão pode incendiar-se. Mas um vestido arder desta forma continua a ser um mistério."

E não é precisamente disso que trata *Ablaze!*?

De passagem, registe-se uma afirmação do autor Ajit Mookerjee acerca da ativação da Kundalini: música e dança podem despertar o potencial térmico desta bioenergia potencialmente perigosa.

• Uma canadiana de trinta e um anos, Marilyn O-, vivia sozinha num apartamento no vigésimo andar de um prédio alto no sul do Ontário. Inteligente e ponderada, trabalhava como secretária médica, não fumava e apenas bebia socialmente. Estava deprimida devido à morte da mãe, ocorrida seis meses antes, e questionava agora a sua fé religiosa; de resto, a

vida decorria normalmente. Em 19 de Junho de 1980, foi deitar-se às 2h30 da manhã. Acordou à hora habitual: 6h45.

A normalidade terminou aí.

Durante aqueles 255 minutos de sono, a parte superior da coxa esquerda desenvolveu "uma linha vermelha semelhante a um traço de lápis, com cinco centímetros". Sentia-se fraca e desidratada, em vez de descansada. A vermelhidão intensificou-se.* Telefonou ao médico da empresa, marcou consulta e saiu para o trabalho. (Ficamos a pensar o que o patrão acharia da desculpa: "Hoje não vou trabalhar porque o meu corpo está a arder"?)

Para sua consternação — e depois horror — a vermelhidão agravou-se dramaticamente. O olho esquerdo inchou até fechar. Desenvolveu-se uma queimadura circular na barriga da perna esquerda, logo abaixo do joelho, que acabou por formar bolhas. Quando foi observada pelo médico, estava a vomitar, a perna esquerda estava dormente e as linhas vermelhas tinham criado bolhas. O médico enviou-a para o Hospital Memorial Humber, onde, pela primeira vez nesse dia, sentiu dor. Surgiram então marcas vermelhas na perna direita. "As pessoas diziam que parecia carne crua", comentou.

Os médicos do hospital disseram-lhe que sofria de queimaduras de segundo e terceiro graus nas pernas. Não conseguiam explicar a causa.

* Randles e Hough, citando-me como fonte, afirmam em *Spontaneous Human Combustion* (1992) que Marilyn O- "acordou às 2h30 com queimaduras graves na coxa e abdómen". Do mesmo modo, *Reader's Digest Facts and Fallacies: Stories of the Strange and Unusual* (1988) diz que ela "acordou e descobriu queimaduras severas de segundo e terceiro graus nas coxas e abdómen". Não foi assim.

"Eu teria ido imediatamente ao hospital se soubesse que estava queimada!", exclamou Marilyn O-. Insistia que não era o tipo de pessoa que se auto-mutilasse e não compreendia porque razão o próprio corpo estaria a arder de forma tão horrível.

O irmão, polícia, inspecionou o apartamento à procura de sinais de fogo ou de um intruso que a pudesse ter queimado. Nada encontrou. A combustão limitara-se apenas ao corpo de Marilyn.

Foram necessários cinco meses de dolorosos enxertos de pele para reparar as cicatrizes provocadas por um fogo não identificado dentro do corpo dela — fogo ao qual os lençóis, a roupa de dormir e a roupa de trabalho permaneceram imunes. Marilyn vivia aterrorizada com a possibilidade de o corpo voltar a incendiar-se no primeiro aniversário do episódio. Não aconteceu.

"Continua a ser um mistério", admitiu ela quando lhe telefonei anos depois para saber como estava. "Na verdade, não sabemos o que aconteceu." Ridicularizou a sugestão dos médicos do Humber de que se teria queimado com produtos químicos. "Estou a dizer-lhe exatamente o que lhes disse a eles: foi isto que aconteceu! É estranho!"

Sem dúvida.

• Uma única vez também bastou para Jeanna Winchester, aviadora da Marinha dos Estados Unidos. Em 9 de Outubro de 1980, entrou subitamente em chamas amarelas enquanto seguia no carro de um amigo em Jacksonville, Florida. O carro despistou-se enquanto o condutor tentava apagar o fogo. As chamas extinguiram-se, provavelmente por si próprias. Jeanna sofreu queimaduras graves em 20% do corpo — especificamente no ombro e braço direitos, pescoço, lado do corpo, costas, estômago e peito.

Comentou o agente T. G. Hendrix, cuja investigação não encontrou gasolina derramada nem qualquer acelerante no veículo: "O banco de couro branco onde ela estava sentada ficou um pouco acastanhado e o painel da porta tinha uma pequena marca negra. Tirando isso, não havia danos provocados por fogo. Nunca vi nada assim em doze anos de serviço."

Jeanna Winchester contou ao jornal *The Light*, de San Antonio (16 de Novembro de 1980), que não se lembrava de nada entre a viagem tranquila no carro e acordar no hospital. "No início achei que tinha de existir uma explicação lógica", disse, "mas não consegui encontrá-la. Eu não estava a fumar. A janela estava fechada, portanto ninguém podia ter atirado nada para dentro. O carro não ardeu. Só comecei a pensar em combustão humana espontânea quando já não encontrei qualquer outra explicação."

• Algures em 1980 ou no final da década de 1970, segundo correspondência pessoal em minha posse, uma jovem esposa chamada Mary seguia sentada no banco traseiro do carro da família, apreciando a paisagem do centro de Nova Jérsia. Embalava ternamente o bebé nos

braços enquanto o marido conduzia. Subitamente, a tranquilidade foi destruída por uma explosão "como um estrondo!".

O marido virou-se freneticamente para trás para perceber o que acontecera. Ali estava a esposa, atónita, com parte do pescoço queimada. A queimadura estendia-se desde a parte posterior esquerda do pescoço até à maçã-de-adão. Seja qual fosse a causa, a combustão explosiva deixou intactos o cabelo loiro até aos ombros e o bebé que segurava. O médico, depois de ouvir a história bizarra e examinar a lesão, culpou o cinto de segurança.

O facto de ninguém no carro ter mencionado marcas de queimadura no próprio cinto era irrelevante para racionalizar uma situação demasiado assustadora para ser contemplada.

• Em 3 de Maio de 1981, uma mãe de trinta e sete anos, residente em Wath upon Dearne, Rotherham, dez milhas a norte-nordeste de Sheffield, Yorkshire, terá entrado em combustão ao acender um fósforo. Os danos limitaram-se ao seu corpo e à roupa. E sobreviveu, segundo Randles e Hough (1992). Embora pareçam pouco seguros acerca do episódio, afirmam que "foram aventadas teorias segundo as quais a laca para o cabelo teria feito as chamas espalharem-se rapidamente".

• Algures antes de Outubro de 1981, um encarregado de uma empresa elétrica, cuja identidade permaneceu anónima, encontrava-se num local de trabalho em Waterbury, Connecticut, quando caiu subitamente inconsciente. Relatou Sal Trapani, residente na vizinha Seymour, que teve a gentileza de me chamar a atenção para este caso: "Quando os homens se aproximaram para o ajudar, foram repelidos por um calor intenso, como se se aproximassem de um forno aberto." Trapani afirmou que a polícia e a equipa da ambulância cobriram o encarregado sobreaquecido com gelo "em poucos minutos". A sua tremenda termogénese causou cegueira num olho e visão limitada no outro, mas poupou-lhe a vida.

• Em 10 de Outubro de 1981, Barbara Greene, de quarenta e três anos, queixou-se à filha de que "sentira um fervilhar o dia inteiro". Aparentemente, falava à letra. Nessa noite de domingo, enquanto se despia no apartamento em Brooklyn, descobriu que o soutien e o body apresentavam recentes buracos de queimadura. "Sem danos no corpo nem

na blusa exterior", contou-me a filha. Nunca se sabe realmente que surpresas um dia pode trazer, pois não?

• Algo semelhante ao dia em que, em 1982, uma banda desenhada pegou fogo nas mãos de Benedetto Supino enquanto estava sentado numa sala de espera de dentista em Formia, perto de Roma. A vida tornou-se ainda mais inquietante para o rapaz italiano de dez anos e para a família. Certa manhã acordou e encontrou os lençóis da cama em chamas — e o próprio corpo dolorosamente queimado. Fitou um objeto de plástico segurado pelo tio; o objeto incendiou-se. "Eu não quero que as coisas peguem fogo. Mas o que posso fazer?", lamentou-se ao *Sunday Mirror* (21 de Agosto de 1983). O que ele fazia era produzir efeitos eletromagnéticos que causaram seis mil dólares em danos no equipamento elétrico da oficina do pai.

As suas estranhas capacidades chegaram ao conhecimento de destacados cientistas italianos. O Dr. Giovanni Ballesio, director de Medicina Física da Universidade de Roma, comentou: "É errado chamá-lo de 'Rapaz Elétrico', porque ele não possui mais eletricidade do que qualquer outra pessoa." Bem, devia possuir algo diferente, porque nem o adolescente mais traquinas conseguiria fazer involuntariamente aquilo que o rapaz estava a provocar! O professor Mario Scuncio, do Centro de Medicina Social de Tivoli, declarou o jovem Benedetto "perfeitamente normal". Como assim? O arcebispo Fagiolo evitou a questão de definir o normal e o paranormal, advertindo apenas que "os seus poderes extraordinários não devem ser considerados milagres".

Os homens instruídos da ciência e da teologia tinham falado. E nada resolveram.

Durante algum tempo, o jovem Benedetto continuou a fazer móveis fumegarem na sua presença; a chamuscar páginas de livros quando lhes tocava; e a provocar falhas elétricas apenas com a proximidade.

• No início de Fevereiro de 1985, um pensionista de sessenta e um anos, internado no Hospital Universitário de Innsbruck, "cuspiu fogo repentinamente" e queimou o rosto. Os pacientes próximos intervieram rapidamente perante aquilo que o *Soester Anzeiger* (15 de Fevereiro de 1985) descreveu, com alguma contenção, como uma "explosão enigmática" proveniente da boca do homem, evitando danos adicionais no corpo. O

pensionista ficou, porém, pessoalmente responsável pelos danos duradouros causados à sua psique—

UMA TOCHA HUMANA CAMINHA PELA RUA

Na maioria destes casos, as pessoas sobreviveram às suas bizarras combustões internas com desconforto mínimo — uma característica típica da combustão humana espontânea. Na verdade, a ausência de dor nestes incêndios — tão diferente do que se sente ao tocar numa frigideira quente ou num tronco em chamas — é mais um mistério por resolver.

Um sobrevivente menos afortunado do fogo interior foi o adolescente britânico Paul Hayes — apelidado Castile pelo *National Enquirer* (23 de Julho de 1985) e Castle por outras fontes — que foi atacado pelo desconhecido enquanto caminhava por uma estrada tranquila em Stepney Green, na noite de sábado de 25 de Maio de 1985.

"Meu Deus!", gritou subitamente o jovem de dezanove anos dentro da própria cabeça.

Chamas da cintura para cima lambiam-no como se o passo seguinte o tivesse lançado num caldeirão de aço fundido. Estava em chamas!

"Foi indescritível... como ser mergulhado no calor de uma fornalha", recordou sobre o tormento. "Os meus braços pareciam estar a ser espetados com ferros em brasa, dos ombros aos pulsos. As minhas faces estavam incandescentes, as orelhas dormentes. O peito parecia ter sido inundado com água a ferver. Pensei que conseguia ouvir o meu cérebro a borbulhar." O rapaz parecia estar a sofrer uma espécie de *ignis amoris* espontâneo, libertando um fogo devastador!

"Tentei correr, estupidamente pensando que conseguiria fugir das chamas." (É a pior estratégia possível num incêndio normal de origem externa.) Julgou ter sido regado com gasolina e incendiado. Mas não havia ninguém por perto, nem provas de que alguém lhe tivesse despejado napalm de cima.

"Levei as mãos ao rosto, pressionando as palmas firmemente sobre as pálpebras — desesperadamente na esperança de que servissem de barreira contra aquelas chamas horríveis."

Em desespero, deixou-se cair sobre o passeio e encolheu-se em posição fetal, um monte de carne a arder. A vida passou-lhe diante dos olhos. Preparou-se para morrer.

Tudo terminou em cerca de meio minuto. Hayes descobriu-se vivo, não morto!

Tão misteriosamente como começaram, as chamas e o fumo desapareceram.

Permaneceu imóvel, aterrorizado com a possibilidade de voltar a incendiar-se. Depois ergueu-se hesitante e avaliou o estado em que estava. "Estava dormente em algumas zonas", observou, "e incandescente noutras." Cambaleou até à esquina e entrou no London Hospital, onde os médicos arregalaram os olhos ao ver-lhe a parte inferior do rosto grotescamente queimada e a camisa chamuscada por completo. Devem ter ficado ainda mais espantados quando o paciente relatou a experiência.

"Continuo a recuperar de queimaduras nas mãos, antebraços, rosto, pescoço e orelhas", disse cerca de um mês depois. "Mas milagrosamente não fiquei gravemente ferido. Talvez seja o homem mais sortudo do mundo por estar vivo. Também sou o mais intrigado. O que aconteceu — e porque aconteceu comigo?"

Infelizmente, nunca consegui contactar este jovem diretamente.

O DR. SULLIVAN SOBREVIVE A UMA ESTRANHA COMBUSTÃO

A mesma pergunta confrontou também o comandante Edward Joseph Sullivan, M.D.C.M., em 1970, embora na altura pouco lhe importasse encontrar respostas.

Contrariamente ao que afirmavam os primeiros autores, segundo os quais a combustão humana espontânea atingia apenas pessoas sem instrução das classes sociais mais baixas, Ed Sullivan era um profissional culto, afável e altamente instruído; e, no entanto...

"Na minha área, a medicina do trabalho", escreveu-me Sullivan, "há muitas coisas difíceis de acreditar, mas que acabam por se revelar verdadeiras." Na noite de 24 de Abril de 1970, o inacreditável — mas verdadeiro — aconteceu-lhe.

Primeiro, alguma biografia.

De certa forma, a observação de Edward Sullivan acerca da medicina do trabalho resumiu toda a sua vida. Nascido em 1930, quase morreu na primeira semana devido a negligência médica. Apesar de uma infância difícil, avançou rapidamente nos estudos e concluiu a licenciatura preparatória em Medicina aos dezanove anos. Depois de obter o diploma de Doutor em Medicina e Mestre em Cirurgia na Universidade McGill, alistou-se na Marinha dos Estados Unidos, servindo na selva de Luzon Oriental e como Oficial Médico Superior de Vigilância.

Seguiu-se a prática privada. Foi uma época em que, segundo disse, "me mentiram, enganaram e roubaram quase todas as pessoas com quem lidei". Sempre solitário, contemplou o suicídio.

Apesar dessas crises, casou-se com a enfermeira que o acompanhava, e a vida tornou-se mais luminosa, embora profissionalmente pouco gratificante. Fez residência em patologia durante um ano, regressou ao serviço ativo na Marinha e, posteriormente, o casal mudou-se para Cincinnati, onde iniciou a residência em medicina do trabalho. Foi aí que a esposa adoeceu.

Amava-a profundamente e alimentava uma grande raiva devido às muitas ocasiões em que sentira que ela fora maltratada pelos outros. "À medida que fui descobrindo os factos", revelou, "fiquei cada vez mais furioso com aqueles que transformaram a minha mulher num alvo. Como alguém que escolhera o caminho do guerreiro, eu podia esperar guerra. Mas ela não merecia isso."

A caminho das aulas da residência, em 24 de Abril, visitou-a no hospital e concluiu que mais uma vez ela não estava a receber os cuidados adequados. Mais tarde nessa manhã, uma chamada do hospital informou-o de que estava viúvo.

"A minha mulher tornara-se toda a minha vida e, sem ela, a vida era algo que eu já não desejava", admitiu para si mesmo enquanto regressava à sua suite no Hotel Vernon Manor, em Cincinnati. Sentia-se enganado outra vez. Estava furioso, desesperado e suicida.

No quarto do hotel, decidiu que suportaria mais alguns dias daquela vida que agora lhe causava completo desgosto — e depois acabaria com

tudo. Tratou dos preparativos para o funeral da esposa. Exausto e emocionalmente anestesiado, o Dr. Sullivan adormeceu por volta das 18h00.

"A recordação seguinte que tenho é a de me aperceber de um telefone a tocar e de tentar lutar para sair fosse do que fosse em que me encontrava para atender. Gradualmente comecei a perceber que algo estava errado. Estava muito fraco e via apenas vagamente. Ainda entrava alguma luz pela janela, por isso calculei que não poderia ter passado muito tempo."

Na verdade, eram 18h00 de sábado. Permanecera profundamente inconsciente durante cerca de vinte e quatro horas! (Durante esse período teve uma experiência clássica de quase-morte, o que sugere que poderá ter morrido momentaneamente.*)

"Tentei levantar-me", recordou, "mas não consegui. Estava deitado de bruços, com o antebraço direito debaixo do peito. Aos poucos comecei a aperceber-me de uma dor crescente no antebraço direito. Percebi então que algo estava errado para além do simples cansaço. Comecei a gritar e, eventualmente, alguém num quarto ao lado telefonou para a receção, sendo enviado um funcionário para investigar. Tinha dificuldade em falar. Os meus lábios estavam ressequidos e a língua coberta por uma camada espessa.

Tiraram-me o braço debaixo do corpo e olhei para as mãos. Ambas estavam presas numa flexão apertada. Não sentia nada para além do pulso esquerdo nem a partir de pouco acima do cotovelo direito. Depois reparei nas bolhas. Estavam cheias de um líquido escuro e cobriam ambas as mãos e antebraços. A minha face esquerda estava rígida e dormente."

(Setenta e oito meses depois, Jack Angel conseguiria compreender o estado perturbador de corpo e espírito do Dr. Sullivan: também o antebraço direito de Angel acabaria negro devido às queimaduras.)

O funcionário do hotel saiu, e Sullivan voltou a ficar sozinho com os pensamentos.

"Tentei abrir as mãos. Não abriam. O meu antebraço direito começava a doer — parecia estar preso num torno. Tentei movê-lo, mas estava debaixo das costas e não conseguia libertá-lo. Desisti e fiquei ali, tentando perceber o que tinha acontecido. Levantei a mão esquerda até a conseguir

ver. Devia pesar uns cinquenta quilos... Estava toda manchada. A visão clareou um pouco mais. As manchas eram bolhas. Concentrei-me na mão esquerda, rigidamente fechada. Também estava cheia de bolhas. Uma enorme bolha cheia de líquido âmbar estendia-se ao longo do polegar imóvel."

"Meu Deus! Teria estado num incêndio?", perguntou a si próprio. "As queimaduras deviam doer, mas o antebraço esquerdo não doía. A mão em si estava dormente, tão sem sensibilidade como se pertencesse a outra pessoa e já não fosse minha. O antebraço direito doía mais, mas continuava sem conseguir libertá-lo de trás das costas. Parei de tentar e fiquei ali deitado, tentando descobrir o que se passara."

Os funcionários do hotel chamaram o médico de Sullivan. O Dr. George M. Lawton chegou, examinou-o, diagnosticou "queimaduras elétricas" e chamou uma ambulância para transportar o paciente ao hospital civil mais próximo.

"Meu Deus!", exclamou um dos médicos ao observar o novo doente internado.

Se o estado em que se encontrava perturbava tanto um cirurgião, pensou Sullivan, então ele próprio não queria sequer ver-se ao espelho. Mais médicos rodearam a cama, examinaram-lhe os membros queimados e trocaram opiniões entre si. Sullivan tentou convencê-los de que tinha uma sede terrível. Disseram-lhe que não podia beber nada, porque sofria de queimaduras elétricas extensas.

"Tentei explicar que não tinha estado em contacto com eletricidade", disse, "mas garantiram-me que eu sofrera um traumatismo craniano e não me lembrava." Insistiu que isso também era falso.

"Não fazia sentido, mas nada fazia sentido", percebeu.

Após um mês sob cuidados civis, Sullivan foi transferido para o 4.º Hospital Naval Distrital dos Estados Unidos, em Filadélfia, Pensilvânia. Também aí o encararam como um mistério médico.

"Por pouco que eu soubesse acerca do que me acontecera naquela noite em que o cansaço irresistível se apoderou de mim", afirmou, "os responsáveis pelo meu 'caso' obviamente sabiam ainda menos. Vários consultores vieram observar-me e formular teorias, ou encolher os ombros

e seguir caminho. Eventualmente, o diagnóstico inicial de queimaduras elétricas e traumatismo craniano foi abandonado, mas as teorias alternativas floresciam brevemente apenas para serem depois igualmente descartadas."

Em Julho de 1970, a sensibilidade regressara à mão esquerda, embora o movimento do polegar e do indicador permanecesse limitado. O mesmo não aconteceu com o outro braço. "A perda sensorial e a dor no antebraço direito mantinham-se praticamente inalteradas", observou, "e os músculos tinham atrofiado. A mão permanecia fechada em punho." O nervo mediano estava preso em tecido cicatricial e um especialista cirúrgico declarou os músculos da mão "mortos". (Este não é o tipo de dano provocado por alguém permanecer deitado sobre o próprio antebraço durante um dia inteiro, como alguns auxiliares sugeriram ter sido a causa das queimaduras.) Apenas catorze meses após a fatídica sesta de vinte e quatro horas começaram a surgir leves movimentos no membro incapacitado.

Habituado à adversidade, Sullivan perseverou novamente, desta vez sobrevivendo às próprias lesões. Aplicou com sucesso os seus conhecimentos profissionais a um regime pessoal de terapia reconstrutiva e recuperou grande parte da funcionalidade da mão.

Contudo, continuava assombrado por aquele episódio que ultrapassava o seu conhecimento médico. Porque acontecera aquilo durante aquelas vinte e quatro horas de sono? Recordava o conselho que um dos seus melhores professores da Universidade McGill dera antes de um exame: "Comecem pelo princípio, continuem até chegarem ao fim e depois parem."

Se alguma vítima estava qualificada para analisar um problema pessoal de combustão, era o Dr. Sullivan. Repassou o episódio vezes sem conta na mente, começando sempre do princípio para descobrir a razão dos dedos deformados, das mãos mutiladas, dos músculos afundados nos antebraços e das cicatrizes nos joelhos.

Ter-se-ia embriagado até cair num estupor? Não. Teria tropeçado, caído sobre um aparelho elétrico ou tomada e sofrido um choque que lhe provocara amnésia temporária? Não. Teria sido vítima de um crime; de hipertermia; de fugas de gás? Mais uma vez, não existiam provas que sustentassem tais hipóteses. Teria sido drogado? Absolutamente não! Seria

isquemia de Volkmann, como alguns colegas diagnosticaram? Não!, insistia o paciente. As melhores evidências indicavam que as lesões eram de natureza elétrica, mas não existia qualquer fonte externa satisfatória que as pudesse ter provocado.

Por mais que tentasse seguir o conselho do professor, Sullivan confessou: "Tenho dificuldade em determinar o princípio ou o fim." Até perceber que o fim poderia incluir combustão humana espontânea. Só então sentiu que finalmente encontrara uma resposta.

Em Junho de 1991 telefonou-me para dizer: "Algo estranho está a acontecer. As minhas mãos e antebraços ficam vermelhos e bastante quentes. A pele em redor dos olhos tem comichão e escurece — pareço o Lone Ranger! Vermelhidão, calor, descamação das camadas superficiais da pele — sobretudo no rosto. Estarei a tentar transformar-me em cinzas de outra maneira?", brincou.

Infelizmente, o Dr. Sullivan morreu de um enfarte massivo dois meses depois. "Ele não sentiu dor", contou-me a nora, Bobbi Curry; "o rosto parecia muito tranquilo." Edward Sullivan foi cremado — da forma convencional.

Para este homem gentil, e meu amigo, a procura de uma explicação para a vida — e para o seu muito pessoal mistério incendiário — encontrara finalmente uma resolução pacífica.

INCENDIANDO-SE A CAMINHO DO CASAMENTO

Conheci Jonathan Karrer na Fortfest de 1985, uma conferência patrocinada pela International Fortean Organization. Tinha ouvido falar da minha investigação e procurou-me para tentar encontrar respostas para um mistério pessoal que o deixava perplexo.

Em Junho de 1981, enquanto conduzia para o casamento do irmão na área metropolitana de Washington, D.C., sentiu o peito "picado como por uma serpente venenosa". A dor aguda foi-se intensificando gradualmente. Ao chegar à igreja, tirou a T-shirt azul para que o primo, estudante de Medicina, lhe examinasse o peito.

"Parece que foste severamente queimado!", comentou o primo.

"Mas não sei como", contrapôs Karrer. "Estiveste comigo quase o dia inteiro!" A única sensação que conseguia associar à queimadura era a

dolorosa “picada” no ponto onde agora notava uma pequena mancha escura na T-shirt azul. A camisa branca do fato de cerimónia não apresentava qualquer descoloração.

Karrer prosseguiu o relato:

“A queimadura piorou e, desnecessário será dizer, eu estava extremamente desconfortável... Estava em agonia... A meio da cerimónia, cerca de três a quatro horas depois, pensei que estivesse a incendiar-me — tal era a intensidade e a dor disto!” Literalmente transpirava através do casamento inteiro.

Na receção, contou Karrer, “retorcia-me de dores e bebia vodka pura” para atenuar o sofrimento proveniente da área carmesim no peito, agora do tamanho da sua mão. Piorava a cada minuto.

Na manhã seguinte acordou de um sono profundo com uma nova dor, dois a três centímetros abaixo da original. O peito desenvolvera uma segunda queimadura, embora, disse Karrer, “fosse mais pequena, aproximadamente do tamanho de uma moeda de prata”.

Uma semana depois, a pele ganhou bolhas nessas duas áreas. Um mês mais tarde sofreu um ataque de ansiedade: “Vibrava a uma velocidade tão rápida que pensei que fosse explodir!” Um electroencefalograma revelou um padrão de ondas cerebrais aparentemente tão anormal, contou Karrer, que “os médicos não quiseram sequer discutir o assunto”.

Perguntei-lhe sobre o seu estado emocional antes do casamento de Junho. Reconheceu estar sob enorme tensão; as emoções reprimidas a tal ponto que sentia que “alguma coisa tinha de explodir”. Meio a brincar, Karrer chamou a si próprio “um incendiário de si mesmo”.

Ao que parece, não estava a brincar. Talvez o stress extremo e as emoções engarrafadas já não pudessem ser contidos... e tenham irrompido através do peito sob a forma de uma combustão física que provocou bolhas na carne e descolorou a T-shirt, mas não a camisa branca que usava a caminho do casamento.

“ACENDE O MEU FOGO”... COMBATENDO ESTAS CHAMAS MAIS ÍNTIMAS

AVALIANDO UM ESTADO PSICO-EMOCIONAL COMO PRECURSOR DA CHE

É fácil perceber porque razão o comandante Sullivan, Jack Angel e Jonathan Karrer ficaram obcecados em descobrir o que acontecera aos respetivos corpos. É ainda mais fácil compreender porque outros sobreviventes de combustão humana espontânea parcial, como Marilyn O-, no edifício alto do Ontário, ficaram psicologicamente e emocionalmente traumatizados após o seu abrasador confronto com o Desconhecido.

Por outro lado, Peter Calhoun via os seus encontros com chamas estranhas como experiências intelectualmente e metafisicamente estimulantes. Falava sobre instabilidade na aura de uma pessoa ou no seu campo eletromagnético, ou ainda sobre irregularidades simultâneas no campo eletromagnético na proximidade de uma iminente bola de fogo humana.

"Penso que todos nós temos esse aspeto combustível dentro de nós", filosofava. "E, se isso se tornar suficientemente instável, a combustão humana espontânea poderá ser uma das coisas que podem acontecer." Recordava um ensinamento dado por um professor de ioga na Índia: "Se vais despertar todo esse poder, vais precisar de muito isolamento! E esse isolamento é a tua consciência."

Uma metáfora poderosa para gerar — e conter — a combustão espontânea.

Há, contudo, outra consideração igualmente fácil de compreender. Poderá o estado psico-emocional de uma pessoa antes da combustão influenciar o facto de a combustão humana espontânea atingir uma pessoa e não outra?

Poderá o Dr. Sullivan, simultaneamente médico e um dos poucos sobreviventes de combustão humana espontânea, oferecer uma perspetiva sobre uma possível relação causal? Como já foi explorado noutros contextos, os pensamentos e o estado de consciência afetam efetivamente a condição física do corpo.

Pedi ao Dr. Sullivan que recordasse como se sentia imediatamente antes daquela noite fatídica num hotel de Cincinnati.

"Sem dúvida", respondeu, "foi uma situação interessante para estudantes de psicologia e emoções. Eu tinha perdido todas as pessoas e

tudo aquilo que significava alguma coisa para mim, e era um recipiente cheio de fúria."

Se alguma vez existiu um exemplo literal da expressão "arder de raiva", o Dr. Sullivan afirmou que a personificava naquele dia. Era como se, a um certo nível da consciência, tivesse desejado morrer — o corpo escolhendo a execução através da bioeletricidade — e depois a consciência decidisse revogar a ordem de auto-eletrocussão depois de esta já ter sido executada.

Certamente, neste caso pode estabelecer-se uma ligação entre estado emocional e fogo humano espontâneo.* Se é alguém de temperamento explosivo — propenso a manifestações espontâneas e descontroladas de ira — faria bem em moderar a sua postura emocional, a menos que não se importe com o risco de acabar reduzido a cinzas ou sobreviver a uma imolação parcial provocada por uma termogénese interna induzida psico-emocionalmente.

A combustão humana espontânea que atingiu o Dr. Sullivan afetou-o de formas para além da óbvia dimensão física. Notou também uma mudança significativa na personalidade.

Estava agora menos stressado; mais tranquilo perante a luta que é viver. Triunfar sobre a CHE tinha verdadeiramente melhorado a sua vida:

"A minha 'reação de sobressalto' parece reduzida ou inexistente. Embora consiga reconhecer riscos e identificar coisas que preferia não fazer", comentou com humor, "tendo a não sentir medo da forma como sentia antes. Como costumo dizer, meio a brincar: 'Como se mata um fantasma?'"

O Dr. Sullivan é um daqueles raríssimos seres humanos que triunfaram sobre as consequências geralmente fatais da combustão humana espontânea. Mais raro ainda: conseguia fazer humor sobre isso.

7

ABDUZIDO E CONSUMIDO: ENCONTROS IMEDIATOS DO TIPO COMBUSTÍVEL

"Pode acontecer que seres vindos de algum outro lugar capturem habitantes desta Terra, arbitrariamente, por curiosidade, ou como forma de investigação científica..."

— Charles Fort, *Lo!* (1931)

A. P. Jones preparava-se para virar à direita na U.S. Route 22, a seis milhas a leste da capital da Pensilvânia. Subitamente, uma explosão de luz azul-esbranquiçada, "tão brilhante que eu não conseguia ver o sinal de stop", envolveu o carro. Incapaz de prosseguir, puxou instintivamente o boné de serviço para baixo sobre a testa e saiu do veículo para dentro daquela luz abrasadora. E para dentro do desconhecido! O agente Jones acabava de entrar na Zona Combustível.

Protegendo os olhos com uma espécie de saudação militar que prolongava a proteção proporcionada pela pala do boné, Jones olhou para a luz dolorosamente intensa. Não estava preparado para o que viu: um OVNI pairando imóvel — apesar de rajadas de vento de 64 km/h — a cerca de 45 a 60 metros acima do cruzamento.

4 de Dezembro de 1988; 5h20 da manhã. Seguindo para sul numa rua secundária, o polícia...

"Era circular, como um frisbee", observou Jones, "bastante grande, uns vinte e três metros de diâmetro. E fazia um zumbido estranho, como num filme de ficção científica." O ar estava carregado de eletricidade.

Durante dez minutos observou-o oscilar como uma folha a cair sem cair, até que acelerou para leste e desapareceu.

Jones conduziu até à esquadra e insinuou timidamente aos colegas o desconcertante incidente-no-caminho-para-o-trabalho. Para sua surpresa, um deles apresentou uma confirmação independente do encontro com o bizarro. Disse Jones, antigo mecânico de aviação do Exército: "Aquela nave não era deste planeta!"

Durante as vinte e quatro horas seguintes, Jones desenvolveu náuseas, irritação severa nos olhos, incapacidade de focar a visão e queimaduras. As mãos, as orelhas e o rosto (nas zonas não protegidas pela pala do boné), além de um padrão em forma de V no pescoço e peito (onde a camisa desabotoada deixava a pele exposta), pareciam "como se tivesse ido às Bahamas", gracejou Jones, lembrando que era pleno início do Inverno na Pensilvânia.

"O rosto parecia estar a arder, como se tivesse 40 graus de febre."

A enfermeira da polícia disse que parecia ter ficado demasiado tempo sob uma lâmpada solar. Quando lhe contou sobre o encontro com o OVNI, ela respondeu que conhecia um incidente semelhante na zona que produzira os mesmos fenómenos.

Os colegas gozaram com ele, perguntando como conseguira pagar umas férias noturnas nas Bahamas. As brincadeiras terminaram quinze dias depois, quando a vermelhidão intensa desapareceu do rosto, embora as queimaduras no peito e nas orelhas permanecessem durante mais dez semanas.

UMA CRONOLOGIA: POSSÍVEIS ENCONTROS IMEDIATOS DO TIPO COMBUSTÍVEL

As queimaduras resultantes de encontros próximos com OVNIs não são assunto para riso. Nem a combustão humana espontânea. O agente Jones teve sorte; outros não tiveram a mesma sorte.

Os encontros podem ser — e já foram — mais graves; até mortais. E mais estranhos do que muitos ufólogos ousaram imaginar.

O que se segue é uma cronologia daquilo a que chamo Encontros Imediatos do Tipo Combustível (*Close Encounters of the Combustible Kind* — CE-CK).

• Em Abril de 1993, uma certa Marianne Leith, de Hyde Park, Nova Iorque, escreveu-me descrevendo uma série de "encontros estranhos" na sua vida: avistamentos traumáticos de OVNIs, descargas eléctricas através

de todo o corpo, cicatrizes espontâneas em metade do corpo e a capacidade de "fazer a eletricidade enlouquecer quando me aproximo dela". "Assustador e confuso", disse. "Eu sei que parece loucura, mas é verdade!" Havia mais uma estranheza. "Tenho queimaduras por todo o corpo. O que se passa?"

Também eu gostava de saber. A confluência de vários fenómenos potencialmente interligados é intrigante. Estaria a sobrevivência a uma combustão humana espontânea parcial entre os seus infortúnios? Não posso afirmá-lo. Marianne Leith desativou o telefone e mudou-se antes de eu conseguir contactá-la.

• Durante Abril de 1989, uma mãe e o filho conduziam perto de Langenburg, Saskatchewan, Canadá, quando um objeto brilhante desceu do céu, acompanhou o carro e "cozeu-o". E ao rapaz também. O médico que o tratou classificou a lesão no braço chamuscado como uma queimadura por radiação.

• Um episódio com diversos aspetos insólitos ocorreu em Outubro de 1985 com Penny Petty, uma jovem sulista de vinte e cinco anos. Na altura, Penny encontrava-se hospedada em casa de Anthony e Lynn Volpe, investigadores de OVNIs em Ivyland, Pensilvânia. Certa manhã, às 4h00, entrou abruptamente no quarto dos Volpe exclamando: "Há alguma coisa fora da janela do meu quarto, com luzes intermitentes e um zumbido forte!" Os três dirigiram-se à janela, intrigados, mas não viram nada.

Na noite seguinte, novamente às 4h00, Penny acordou toda a casa com um grito aterrorizado: "Aquela coisa voltou a estar à janela!" Os Volpe investigaram e apenas encontraram escuridão lá fora. O mesmo repetiu-se durante mais três noites consecutivas. Lynn Volpe tentou compreender o dilema recorrente de Penny, enquanto se perguntava se a hóspede estaria a alucinar.

A pele de Penny apresentava queimaduras, embora ela mal tivesse estado ao ar livre; além disso, era Pensilvânia, onde o final de Outubro não favorece bronzeados. "Sim, estava escaldada do sol", contou-me, "mas isso era a menor das minhas preocupações." Além das queimaduras no peito, pescoço e rosto, encontrou uma perfuração semelhante à de uma agulha no centro do peito. Depois surgiram recordações de, segundo descreveu, "ter sido levada para dentro de uma nave alienígena" e "uma luz brilhante a

incidir sobre mim". Curiosamente, a filha pequena de Penny sonhara com "uma operação" realizada à mãe dentro de um OVNI.

Os céticos podem argumentar que os OVNIs e os sonhos eram subjetivos, mas as queimaduras eram objetivas; assim como os hematomas graves "como marcas de dedos" espalhados pelo corpo. Em poucos dias, a pele queimada começou a descamar como se tivesse estado na praia em Julho, embora já fosse início de Novembro.

• Em Weston Hill, Plymouth, um fino feixe de luz proveniente de um OVNI pairando acima atingiu a jovem Denise Bishop enquanto se encontrava no exterior da casa, no sul de Inglaterra, em 19 de Setembro de 1981. Imobilizou-a durante trinta segundos, testemunhou ela, e produziu uma cicatriz na parte exterior da mão esquerda. Um médico que examinou a lesão opinou, segundo Timothy Good em *Above Top Secret* (1988), "que a cicatriz era semelhante a uma queimadura provocada por laser".

• Na Austrália, em Nova Gales do Sul, a 17 de Abril de 1981, por volta das 22h30, um australiano que conduzia um Morris reparou numa luz brilhante a ultrapassá-lo por trás.

A luz queimou-lhe a perna e derreteu o leitor de cassetes do carro. Ele e o veículo, contou depois a amigos, pareciam elevar-se no ar em meio a "um calor intenso". Posteriormente sofreu hemorragias nasais recorrentes e a urina mudou de cor. Como comentou sarcasticamente o investigador de OVNIs e engenheiro aeroespacial da NASA John F. Schuessler: "Raramente alguém inventa sintomas destes!"

• Um encontro particularmente bem documentado e sinistro ocorreu imediatamente a norte de Lake Houston, Texas, na noite de 29 de Dezembro de 1980. Vickie Landrum, de cinquenta e sete anos, e o neto Colby, de sete, regressavam a casa depois de uma sessão de bingo de segunda-feira à noite, conduzidos por Betty Cash, de cinquenta e um anos, quando "lhes saiu o número". Não lhes trouxe o bingo. Um objeto brilhante expelindo chamas, descrito por Vickie como "um diamante de fogo" do tamanho de uma torre de água texana, bloqueou-lhes a passagem na estrada quase deserta entre Cleveland e Huffman (Route 1485), por volta das 21h00. Vickie pensou que o mundo estava a acabar e, em certo sentido, para elas estava mesmo.

A noite fresca (estariam cerca de quatro graus Celsius) tornou-se abrasadoramente quente, enquanto o calor invadia o interior do carro e o tablier aquecia. Betty e Vickie saíram do veículo e observaram o OVNI a brilhar cerca de quarenta e cinco metros acima delas.

Colby gritava para a avó voltar para dentro do carro. Ela obedeceu. Betty permaneceu no exterior, olhando para cima.

"O calor era tremendo", recordou. "Parecia que eu estava a arder de dentro para fora." Quando tentou regressar ao carro, a maçaneta da porta estava tão quente que precisou de enrolar a mão no casaco de couro para evitar queimar-se.

Durante quinze minutos, o estranho aparelho pairou sobre elas, lançando chamas pela parte inferior. Depois afastou-se. Betty carregou a fundo no acelerador, apenas para dobrar uma curva da estrada e reencontrar o OVNI — e um céu cheio de helicópteros de rotor duplo, CH-46 Sea Knight ou CH-47 Chinook, além de uma grande aeronave-guindaste e pequenos helicópteros armados mais rápidos. Ela e Colby contaram pelo menos vinte e três aparelhos.

Quando o trio chegou a casa, o seu mundo normal e tranquilo já tinha sido destruído. Vickie queixava-se de dores de cabeça e mal-estar. O pior ainda estava por vir.

No dia seguinte, o rosto de Vickie cobriu-se de grandes inchaços vermelhos do tamanho de moedas; "como um caso severo de queimadura solar", disse. Colby queixava-se de sentir o corpo a arder e implorava por água. Ambos sofreram náuseas, diarreia e dores de estômago, além de danos permanentes nos olhos.

Betty, que estivera exposta diretamente ao OVNI durante mais tempo, viu os olhos incharem até fecharem e passou grande parte de Janeiro de 1981 internada no Parkway Hospital, em Houston, sendo tratada a náuseas, diarreia, queda de cabelo, manchas vermelhas que evoluíram para enormes bolhas cheias de líquido e síndrome aguda de radiação.

"Os médicos e enfermeiros perguntavam-me constantemente se eu era vítima de queimaduras", contou Betty. Em certo sentido, era.

“Existem duas explicações possíveis para este caso”, disse-me John Schuessler, bem como ao programa *Unsolved Mysteries* da NBC-TV (6 de Fevereiro de 1991), depois de investigar este caso.

“Tratava-se de uma nave experimental, provavelmente do nosso governo. Ou então era um objeto voador não identificado, possivelmente extraterrestre.”

Em 1992, Schuessler declarou-me numa conferência da ONU sobre OVNIs: “Não encontrei nada que sustente a alegação de que [o OVNI em forma de diamante] fosse uma das nossas máquinas fora de controlo. Nem um único indício.” O que deixa a hipótese extraterrestre—

O médico de Betty Cash atribuiu as queimaduras à radiação, mas não fazia ideia de como ela poderia ter sido exposta a uma dose tão perigosa. Autoridades de bases militares e da Força Aérea nas proximidades negaram inicialmente a presença de helicópteros, afirmações posteriormente demonstradas falsas.

Betty Cash processou o governo federal em 1984, exigindo vinte milhões de dólares, acreditando, disse ela, “que o governo tinha alguma coisa que saiu do controlo”. Um juiz federal rejeitou o processo.

Schuessler escreveu no boletim ufológico *Houston Sky* (Outubro/Novembro de 1994) que “foi identificada uma prova decisiva que em breve será revelada”. Aguardo ansiosamente a revelação no seu futuro livro *Night Terror in Texas: The Cash–Landrum Story*.

Entretanto, posso afirmar que Betty Cash, Vickie Landrum e Colby Landrum sofreram queimaduras sobrenaturais naquela noite, num troço remoto de estrada texana. Ou produziram dentro dos próprios corpos combustão espontânea acompanhada de doses perigosas de radiação... ou, inadvertidamente, tiveram um encontro com um OVNI lançador de fogo cuja presença era conhecida — e negada — pelo governo dos Estados Unidos.

Poderiam incidentes deste género, em que o OVNI não tivesse sido observado, ser classificados como combustão humana espontânea? Perguntei isso a Schuessler.

“Eu não me oporia a essa ideia.”

• Cinco meses antes — quinta-feira, 24 de Julho de 1980, às 2h20 da manhã — e num continente diferente, Francisco Calle, de cinquenta anos, descia as escadas do Hotel Roma em Rio Ceballos, Argentina. Ouviu um zumbido e depois viu uma esfera de luz vermelha, com cerca de três metros, rodeada por faixas amarelas e lançando faíscas a poucos metros de distância. Quer lhe chamemos Objeto Voador Não Identificado ou Objeto Flamejante Não Identificado, o calor queimou-lhe o rosto, os braços e a roupa "como se tivesse sido chamuscado por um ferro".

• Durante três noites de Janeiro de 1979, o texano Greg Gregson sonhou com um OVNI. Na quarta-feira, 24 de Janeiro, o sonho transformou-se num pesadelo tangível e abrasador. A caminho de casa, perto de Tyler, Texas, uma luz verde brilhante envolveu-lhe o carro enquanto aquilo a que chamou duas "naves" pairava diante do para-brisas.

Perdeu cinco horas de tempo que nunca conseguiu explicar.

Pouco depois apareceu-lhe sobre o esterno uma queimadura em forma de diamante, com cerca de doze centímetros, que permaneceu durante meses. O Dr. Richard Niemtzow descobriu nas canelas de Greg aquilo a que chamou feridas perfurantes "do tamanho das produzidas por uma agulha hipodérmica"; também estas persistiram durante meses.

Nunca se encontrou explicação convencional para o facto de um diamante avermelhado ter ficado marcado no peito do jovem texano, apesar da camisa.

• Em Maio de 1978, um disco oval flamejante pairou sobre Kerman, Califórnia. O agente Manuel Amparano parou para o observar — uma reacção instintiva de que rapidamente se arrependeu. O OVNI disparou "um feixe brilhante de luz azulada" e depois ascendeu rapidamente. Debaixo desse feixe — o alvo dele? — encontrava-se o desventurado polícia.

Seguiu-se hospitalização para tratamento de "queimaduras de terceiro grau e bolhas faciais", segundo a revista *Specula* (Abril-Junho de 1979). Observadores comentaram que os ferimentos do agente "pareciam queimaduras provocadas por radiação de micro-ondas".

• Em 1976, Cecillio Ferrera morreu no centro do Brasil após um encontro incendiário com um objeto aéreo desconhecido. Segundo o

jornalista Robert Pratt, o atestado de óbito limitava-se a declarar que "queimaduras no corpo foram a causa da morte".

• O sul-americano Sebastian Acevedo teve um pouco mais de sorte no encontro com o desconhecido. Acevedo foi atingido por um raio abrasador vindo de um OVNI pouco antes do nascer do Sol, em 14 de Abril de 1974.

Descreveu o raio como "muito quente. Era terrível, o calor que aquela coisa emitia. Não sei como descrever", citou-o a revista *Official UFO* (Julho de 1976), "mas o calor era como o de um forno de siderurgia."

Aparentemente escapou sem nada pior do que uma memória horrível gravada no cérebro.

• Em 8 de Janeiro de 1974, Andrew Jackson Huckabee, de setenta e seis anos, caminhava por uma estrada nos arredores de Ramer, Tennessee. Pensava estar sozinho, mas algo seguia-lhe os passos. Quando o atingiu, Huckabee gritou. A roupa entrara em chamas!

Envolvido pelo fogo, caiu na estrada. Depois de encontrado, foi levado de urgência para o Hospital Geral Jackson-Madison County, onde o pessoal médico perplexo lhe fez perguntas sobre a situação. Huckabee não conseguiu ajudar. Até ao último suspiro nunca conseguiu explicar como se transformara subitamente numa tocha humana.

Que força terrível encontrou aquele idoso enquanto caminhava pela estrada do Tennessee naquela noite?

A polícia estava tão intrigada quanto o hospital: ninguém conseguia apontar uma causa plausível para aquela combustão bizarra. Parecia como se um dedo invisível de fogo tivesse disparado sinistramente do céu...

• Na noite de 3 de Outubro de 1973, Eddie Webb, de quarenta e cinco anos, conduzia o camião perto de Greenville, Missouri, quando um objeto luminoso se aproximou por trás e anunciou a intenção de ultrapassar com um clarão branco ofuscante.

"Estou queimado! Não consigo ver!", gritou para si próprio.

Webb acabara de sobreviver a um Encontro Imediato do Tipo Combustível.

O que transformou o episódio em algo mais do que um simples encontro com um automobilista mal-educado — a menos que se considere

um acelerado de OVNI — foi o facto de os óculos de Webb terem derretido no próprio rosto.

• O estudioso forteano John Keel relata em *The Eighth Tower* (1975) o caso de um jovem do condado de Ulster, Nova Iorque, que, algures antes de Outubro de 1973, também viveu um CE-CK.

"Meu, aquilo lançava um calor brutal", citou Keel o rapaz acerca do OVNI que voava baixo. "Parecia que os meus órgãos sexuais estavam a arder."

Keel observou que as micro-ondas afetam particularmente os olhos e os testículos. Quer tenha sido ou não um encontro imediato destruidor de vida (futura), deixou inevitavelmente uma marca indelével no jovem azarado.

• Em 1971, no sul da Califórnia, Trevor James Constable e um amigo operavam equipamento de engenharia meteorológica destinado a atrair um tipo específico de radiação atmosférica. Atraiu um OVNI em forma de disco.

O amigo de Constable viu-o primeiro. Felizmente para ele, não foi a última coisa que viu.

"Crack! Um raio azulado de energia, durando apenas um instante, atingiu o tubo que ele segurava e percorreu-lhe o braço até ao crânio. Ficou parcialmente paralisado durante alguns minutos", descreveu Constable em *The Cosmic Pulse of Life* (1976), "e durante aquele terrível instante sentiu todos os nervos do lado direito do corpo irradiados pelo raio."

Outro amigo ficara permanentemente incapacitado num incidente semelhante em 1954, afirmou Constable.

Fogo azul vindo do céu; radiação; paralisia do lado direito. Se o OVNI não tivesse sido observado, quem saberia a razão?

• 7 de Fevereiro de 1969; região de Pirassununga, a norte de São Paulo, Brasil. Dezenas de testemunhas viram Tiago Machado aproximar-se a menos de dez metros de um OVNI metálico pousado no solo e observaram-no disparar um feixe de luz contra as pernas do jovem.

O rapaz de dezanove anos ficou paralisado e as pernas queimadas "de vermelho vivo e dolorosamente inchadas".

• Menos de um ano antes, ao anoitecer de 14 de Março de 1968,* Gregory L. Wells percorria a curta distância entre a casa da avó e a caravana dos pais em Beallsville, Ohio. Foi um passeio que o rapaz de nove anos jamais esqueceria.

Gritos lancinantes levaram a avó e a mãe a correr para o quintal, onde encontraram Gregory a rebolar no chão — o casaco em chamas. Apagaram o fogo e levaram-no rapidamente ao hospital.

Greg transformara-se num UFO: um objeto flamejante incompreensível.

Enquanto recuperava de queimaduras de segundo grau, explicou às autoridades curiosas, o melhor que conseguiu, o que acontecera. A meio do caminho para casa, disse, reparara num grande objeto oval, luminoso e vermelho, imóvel acima das árvores.

"Queria correr ou gritar", contou, "mas de repente saiu um grande tubo da parte inferior, movendo-se de um lado para o outro até chegar a mim, e um feixe de luz disparou."

Virou-se para fugir, mas não conseguiu escapar à luz/chama brilhante que lhe atingiu o braço, lançou-o ao chão e incendiou o casaco.

Era essa a história de Gregory Wells — impossível e fantasiosa, embora parecesse. Uma história corroborada por relatos recebidos na esquadra da polícia de que um objeto voador cilíndrico não identificado, voando baixo, se deslocava lentamente sobre a vizinhança dos Wells, provocando interferências eletromagnéticas e apagando um candeeiro público.

Como Greg não transportava fósforos nem isqueiro, as autoridades, incluindo o xerife do condado, não conseguiram encontrar explicação terrena para a carne chamuscada do rapaz, cujas cicatrizes permaneceram durante três meses.

O Departamento de Investigação Criminal do Ohio analisou o casaco e apenas pôde declarar que não havia radiação.

"Nenhuma explicação comum para o incêndio súbito pôde ser encontrada", relatou o major Donald E. Keyhoe, director do *National Investigations Committee on Aerial Phenomena*.

Como não foram apresentadas acusações de fraude contra o rapaz nem contra as restantes testemunhas, resta-nos uma conclusão: a história de Greg foi considerada credível e ele sobreviveu a um Encontro Imediato do Tipo Combustível.

• 13 de Agosto de 1967; Pilar de Goiás, Brasil. Durante a tarde, Inácio de Souza, de quarenta e um anos, deparou-se com um OVNI pousado rodeado por três alienígenas (não do tipo que atravessa fronteiras sem visto).

De Souza poderia ter-se afastado, mas tomou uma decisão fatal. Disparou contra as figuras.

Em resposta, segundo o relato do investigador brasileiro Nigel Rimes para a *Flying Saucer Review*, Inácio foi atingido por um "feixe de luz verde". O raio queimou-lhe "um círculo perfeito de quinze centímetros de diâmetro" no peito.

Depois de sofrer oito semanas de dores excruciantes atribuídas a leucemia aguda, morreu.

• 20 de Maio de 1967; Falcon Lake, na fronteira Manitoba–Ontário. Durante trinta minutos, Steve Michalak observou duas naves metálicas circulares de cerca de dez metros a manobrar perto do lago. Uma delas aterrou.

Quando viu abrir-se uma escotilha, aproximou-se. Demasiado.

O OVNI lançou "gás ou chamas" que incendiaram a camisa e queimaram no peito um padrão em forma de tabuleiro de xadrez.

Tratado no Hospital Misericordia, Michalak permaneceu doente durante semanas. Perdeu dez quilos, o número de linfócitos no sangue diminuiu temporariamente e surgiram erupções semelhantes a urticária no corpo.

Cinco meses depois, regressou uma sensação de queimadura acompanhada por grandes manchas vermelhas no peito; posteriormente, a cada 109 a 124 dias, o estranho mal reaparecia.

A Clínica Mayo isolou uma "substância estranha" no sangue do homem, afirmou John Keel em *Mothman Prophecies* (1975), sem especificar mais.

O Dr. Horance Dudley, antigo director do Laboratório de Radioisótopos do Hospital Naval dos Estados Unidos em Nova Iorque, especulou que Michalak teria recebido uma descarga curta mas intensa de radiação X ou gama.

Fosse o que fosse, queimou-o espontaneamente.

Em 1992 parecia finalmente recuperado.

• Vinte e quatro semanas antes ocorrera outra combustão misteriosa em plena vaga clássica de OVNIs.

"O condado de Potter fervilhava de OVNIs de vários tamanhos, formas e cores" durante 1966,* relatou o historiador local Robert S. Lyman Sr. em *Amazing Indeed* (1973). Uma mulher "quase chocou com um disco voador no meio da estrada", contou Lyman; saiu do carro a correr em pânico, apenas para descobrir-se novamente sentada ao volante, quilómetros distante do local onde o terror começara.

Vítima de "tempo/espaço perdido" — fenómeno do qual existem centenas de casos, segundo o investigador Budd Hopkins no livro *Missing Time* (1981) — pelo menos essa mulher sobreviveu ao ano de 1966 no condado de Potter.

Uma pessoa que não sobreviveu foi o Dr. John Irving Bentley... mas essa história já a conhece.

• Em 1 de Julho de 1964, o fogo vindo do céu escolheu como alvo uma automobilista anónima no nordeste da Geórgia. Um dispositivo aéreo não identificado mergulhou sobre ela e provocou queimaduras de terceiro grau no corpo. Além disso, os sacos de compras dentro do carro incendiaram-se.

Por vezes, o fogo da combustão espontânea deixa torradas juntamente com pessoas tostadas como marca da sua presença.

• Dois dias antes, em 29 de Junho de 1964, Beauford E. Parham saiu de Atlanta para regressar a casa, em Wellford, Carolina do Sul. Algures no nordeste da Geórgia, provavelmente nas estradas U.S. 23 ou 123 (talvez exatamente no local onde, dois dias depois, outra pessoa e respetivas compras arderiam misteriosamente), ele e o automóvel colidiram com o desconhecido.

“Vi o objeto com tanta clareza que acredito que conseguiria construir uma daquelas coisas”, afirmou mais tarde sobre o “enorme pião” que mergulhou três vezes sobre o carro.

Após a terceira passagem, o OVNI desapareceu, deixando para trás um odor semelhante a fluido de embalsamamento; o tejadilho do automóvel coberto de manchas oleosas e tinta empolada; o radiador e as mangueiras perfurados; e queimaduras desagradáveis no braço de Parham.

Apresentou um relatório na base aérea de Warner Robins.

A Força Aérea dos Estados Unidos respondeu-lhe que tinha sido assustado por relâmpagos globulares.

Parham, indignado, explicou:

“Os relâmpagos não rodariam na parte de cima e de baixo, como aquele objeto fazia.”

O que ele também viu — e sentiu — foi a relação entre um OVNI (qualquer que fosse a sua natureza) e a combustão espontânea da carne humana.

• 2 de Junho de 1964; Hobbs, Novo México. Charles Keith Davis, de oito anos, aguardava pela avó à porta da lavandaria DeLuxe Laundry. A distância de apenas um metro entre ambos foi suficiente para poupar a Sra. Frank Smith ao destino que atingiu o neto às quatro da tarde.

Subitamente, um som semelhante a um sopro violento e uma bola de fogo escura envolveram o rapaz.

Ela reagiu imediatamente. “Agarrei-o e tentei apagar-lhe o cabelo, que estava em chamas”, disse ela. Os funcionários da lavandaria reforçaram os seus esforços e Charlie Davis acabou por recuperar após tratamento de queimaduras no Lea General Hospital, onde disse a médicos e polícias perplexos que os seus ferimentos resultaram de “um fogo que veio do céu”.

Uma semana antes, em 28 de abril de 1964, um OVNI em forma de ovo sobre Albuquerque queimou dolorosamente Sharon Stull, de dez anos. O seu médico diagnosticou queimaduras de primeiro grau no nariz e sob os olhos, além de inflamação das membranas de ambos os olhos. Os incidentes levaram o chefe de polícia de Albuquerque, A. B. Martinez, a emitir um aviso sobre OVNIs: “devem ser tratados com respeito e cautela.”

EM CHAMAS! Charlie Davis e Sharon Stull já sabiam disso. O que ninguém sabia era exatamente o que tinha lançado estes assaltos incendiários não provocados contra duas crianças do Novo México, ou a razão pela qual, no mês seguinte ao terrível encontro da jovem Miss Stull, ela engordou trinta e cinco libras (um aumento de 41 por cento!) e cresceu subitamente de quatro pés e onze polegadas para cinco pés e duas polegadas.

No sábado, 12 de outubro de 1963, Eugenio Douglas sofreu queimaduras quando um feixe de luz vermelha vindo de um OVNI o atingiu perto de Valdes, na Argentina. As queimaduras de Douglas assemelhavam-se às causadas por radiação do tipo ultravioleta.

Pouco antes da hora das bruxas, a 10 de maio de 1961, o automobilista Richard Vogt teve o seu desconcertante encontro térmico com uma "bola de nevoeiro" descrito anteriormente. Teria sido o seu encontro mais um exemplo de uma ligação potencialmente prejudicial entre OVNIs — no mínimo, um Objeto Nevoento Não Identificado — e fenómenos de combustão aberrantes? Cientistas que trabalhavam sob a direção do Prof. W. J. Layten na Universidade do Minnesota não conseguiram explicar o misterioso encontro de Vogt com o "nevoeiro incendiário".

Lembram-se dos cinco homens do Kentucky, perto de Pikeville, cujos corpos fraturados pelo fogo nunca chegaram a casa na noite de sábado, 19 de novembro de 1960? O tejadilho quase derretido do seu carro, mas os painéis inferiores caracteristicamente não queimados, sugerem mais uma explicação não considerada anteriormente. Os investigadores deveriam ter olhado para o céu em busca da causa desta estranha cremação coletiva, porque parecia que os homens do Kentucky tinham sido atingidos a partir de cima por um calor abrasador.

C. W. Fitch teve a mesma ideia quando escreveu para o *APRO Bulletin* (julho de 1963): "Se considerarmos as provas deste caso juntamente com os relatos repetidos de objetos brilhantes que perseguem carros, causando aumentos intensos e súbitos de temperatura no interior dos veículos perseguidos, começamos a ver a correlação de dados que levou os investigadores a concluir que, pelo menos, alguns OVNIs são perigosos e que os ocupantes não estão, na melhor das hipóteses, preocupados com o bem-estar dos seres humanos."

A suspeita que Fitch e eu partilhamos relativamente a Pikeville pode ser confirmada num incidente que a imitou cinco anos antes. 5 de dezembro de 1955; perto de Williston, na Florida. O vice-xerife A. H. Perkins e o patrulheiro C. F. Bell começaram a assar no seu carro de patrulha em rápido sobreaquecimento; as suas roupas tornaram-se "intoleravelmente quentes e os seus membros ficaram virtualmente paralisados" enquanto seis OVNIs passavam a baixa altitude sobre a sua posição. Se os OVNIs não tivessem seguido em frente, talvez Williston tivesse perdido dois agentes para outro mistério ardente.

Em 1952, o chefe de escuteiros D. S. Desvergers avisou três escuteiros para observarem a uma distância segura enquanto ele se aproximava cautelosamente de um objeto circular brilhante que pairava a cerca de trinta pés acima da vegetação rasteira de palmeiras da Florida. A sua curiosidade deveria ter-lhe valido uma medalha de mérito *purple heart*. De uma "torre" no topo do objeto, uma bola de fogo vermelha flutuou na sua direção, transformou-se em névoa e deixou-o inconsciente. Quando os seus escuteiros regressaram com um patrulheiro da autoestrada da Florida, encontraram o rosto de Desvergers queimado, os pelos dos antebraços chamuscados e buracos queimados no seu boné.

O capitão da USAF Edward Ruppelt, como diretor do Projeto Blue Book (um catálogo de incidentes de OVNIs financiado pelo governo), descobriu pessoalmente que as raízes da erva no local por baixo do OVNI tinham sido queimadas, enquanto a erva acima do solo estava intacta; isto foi duplicado num laboratório a 300°F sobre um bico de gás, mas ninguém conseguiu adivinhar como isso tinha sido alcançado ao ar livre. O que aconteceu a Desvergers? Num momento está no comando dos seus escuteiros; no seguinte, está queimado e incapaz de comandar o que quer que seja.

O que aconteceu ao quinteto de automobilistas numa estrada secundária do Kentucky? Num momento estão a desfrutar de um passeio panorâmico; no seguinte, os seus corpos são candidatos a CHE. E quanto a Huckabee? Num momento está a desfrutar de uma caminhada; no seguinte, o seu corpo está fatalmente em chamas com labaredas para as quais está ausente uma fonte convencional. Mas e quanto a fontes não convencionais de combustão? Digamos, objetos voadores não identificados?

A DUALIDADE OVNI/ovni: FAZENDO SENTIDO DO MISTÉRIO

O conjunto de provas relativas a OVNIs e a fenómenos de combustão humana é demasiado substancial para ser desprezado e demasiado rico em potencial para ser desconsiderado. Demasiado substancial, inclusive, para alguns bombeiros profissionais desconsiderarem.

O falecido Charles W. Bahme, antigo chefe adjunto do Departamento de Bombeiros de Los Angeles e especialista de reputação nacional em controlo de catástrofes, colaborou com William M. Kramer, um chefe de distrito do Departamento de Bombeiros de Cincinnati, para escrever em 1992 a segunda edição do *Fire Officer's Guide to Disaster Control* (Fire Engineering Books and Videos). Este tomo abrangente é utilizado pela Agência Federal de Gestão de Emergências (FEMA) no seu Programa de Aprendizagem Aberta da Academia Nacional de Formação de Bombeiros. Ele delineia a matéria tradicional de combate a incêndios para trabalhadores de resgate, mais um manual muito pouco tradicional: o ABC de um plano de catástrofe inédito para pessoal de emergência pública que se veja confrontado com uma ameaça de OVNIs.

O interesse de Bahme por OVNIs inflamou-se durante o "Raid Aéreo de L.A." de 26 de agosto de 1942, quando, como jovem bombeiro da Marinha, esteve entre os que na frente ocidental tiveram a experiência pessoal (a melhor de todas!) de observar cerca de vinte aeronaves desconhecidas manobrar "a velocidades incríveis enquanto as guarnições de artilharia ao longo da linha costeira disparavam mais de 1.400 munições contra elas." Acrescentou Bahme: "A explicação oficial — balões meteorológicos — nunca foi levada a sério."

Durante quatro décadas a partir daí, Bahme estudou o tema dos OVNIs à medida que progredia na Reserva Naval dos EUA (reformando-se com o posto de capitão) e nos serviços de bombeiros. Chegou a uma conclusão surpreendente para alguém com o seu percurso profissional, uma conclusão que não teve medo de afirmar:

Assim, os OVNIs podem não só ter o poder de controlar parte do equipamento científico altamente técnico das nossas instituições militares e industriais, como também podem possuir a capacidade de impor dor e

controlo sobre as pessoas que os atacam, até ao ponto de as "liquidar" de uma forma ou de outra.

Então, o que deve fazer um bombeiro? "Na ausência de atos ostensivos que indiquem hostilidade, pode não haver perigo em aproximar-se de um OVNI com uma atitude positiva e solícita de querer ser útil", aconselham Bahme e Kramer — não obstante o facto de terem acabado de citar vários episódios de pessoas que sofreram queimaduras devido à proximidade de OVNIs.

Mais preocupante para Bahme e Kramer é o seu próprio governo: seria "desaconselhável fazer contacto pessoal" com OVNIs, alertam, porque a lei federal (14 CFR, Ch. V, Part 1211) autoriza a NASA "a colocar sob quarentena e guarda armada qualquer objeto, pessoa ou outra forma de vida exposta extraterrestremente."

Num certo sentido, estes casos não são CHE *per se* porque é identificada uma fonte externa (qualquer que seja a sua origem última) para as lesões por queimadura. Por outro lado, essa própria fonte não é explicada. Substituir um elemento não explicado por outro não resolve o dilema, mas coloca-nos um passo mais perto de compreender o que poderá estar a acontecer. Os OVNIs podem ter estado envolvidos noutros casos de CHE mas — tal como as tropas terrestres iraquianas na Guerra do Golfo de 1991, que se viram a ser Dynamic Explodidas sem aviso por bombas de caças furtivos F-117 invisíveis — ninguém os viu no céu. Nesse sentido, nada menos do que duas dúzias de pessoas foram submetidas e sofreram uma irradiação térmica ou queimaduras curiosas, anormais e, na verdade, inexplicáveis em conjugação com OVNIs de algum tipo.

Objetos flamejantes insondáveis (humanos) oferecem uma perspetiva significativa sobre as sete teorias básicas propostas para explicar os OVNIs, com base na ligação entre eles (seja ela qual for em última análise):

(1) Identificação errónea e farsa

Muitos avistamentos de OVNIs são objetos conhecidos identificados erroneamente; alguns são farsas. No entanto, é implausível que as pessoas se queimem em padrões geométricos ou, como no caso Cash-Landrum, se exponham a níveis cancerígenos de radiação ardente apenas para validar uma farsa. Aqueles que gostariam de varrer os OVNIs para debaixo do tapete, desmascarando os avistamentos de OVNIs, devem primeiro

defender a sua posição contra um desafio sério à sua presunção: a carne humana queimada que coincide com alguns encontros imediatos com OVNIs.

(2) Encontros psíquicos/visionários

Os OVNIs são eventos da psique projetados a partir do inconsciente individual de alguém para formar uma alucinação visionária que é moldada pela construção da realidade definida pelo inconsciente coletivo que é prevalecente na altura, uma perspetiva defendida por Jung na sua obra seminal, *Flying Saucers: A Modern Myth of Things Seen in the Sky*. O problema aqui é o mesmo que confronta os defensores da identificação errónea/farsa: como explicar as provas físicas associadas a alguns avistamentos de OVNIs, que podem incluir a queima do solo e dos corpos das testemunhas?

A única saída que vejo para este impasse é invocar um aspeto psico-(piro)cinético na alucinação visionária: isto é, a psique da testemunha projeta uma força que se regista nos ecrãs de radar, na cablagem dos automóveis, em depressões nos chamados locais de aterragem e na pele sob a forma de bolhas, queimaduras e algo pior. Esta teoria, a ser aceite, deve entrelaçar objetos voadores não identificados e objetos flamejantes insondáveis — e, consequentemente, confirma a realidade da CHE porque exige que as queimaduras tenham origem no interior e se manifestem a partir da psique do indivíduo sem contacto com qualquer fogo externo conhecido.

(3) Extraterrestres

Os seres humanos estão a entrar em contacto com homens do espaço reais e físicos que chegam aqui de outros locais do universo visível dos astrónomos. Exobiólogos como Carl Sagan têm um problema com esta teoria, porque pensam que as distâncias interestelares impedem mundos habitáveis de se aventurarem até à Terra. Este raciocínio, logicamente, impõe que a tecnologia e a física alienígenas estejam restritas ao mesmo nível avançado — ou primitivo — da engenharia humana do século vinte. Para ser simpático, uma suposição míope.

(4) Ultraterrestres

Os alienígenas que contactam os humanos são verdadeiramente alienígenas, chegando de outras dimensões e de outros tempos para interferir momentaneamente na realidade coletivamente acordada pela humanidade. Charles Fort referia-se a este conceito encantador como "supergeografia". Se um item — entidade alienígena, chama de vela, fogo de artifício a explodir — de outra dimensão ou universo paralelo de repente fosse "transportado" (ou passasse) e materializado dentro de um terráqueo, não poderia o corpo humano do terráqueo entrar em combustão, até mesmo explodir, devido a este intercâmbio ultraterrestre mal localizado?

A beleza e o encanto da supergeografia é que se trata de especulação; logo, é impossível de negar sem parecer de mente fechada. O horror é que ocorrem eventos na natureza que parecem ser mais bem compreendidos como supergeográficos —

(5) Fenómenos naturais

Bolas de fogo, relâmpagos esféricos, fogos-fátuos e *ignis fatuus* podem, sem dúvida, explicar alguns avistamentos de OVNIs, mesmo aqueles que deixam atrás de si a prova física de pele queimada. Isto, então, poderia colocar os OVNIs na categoria de identificação errónea. Mas e quanto a padrões de energia indígenas da Terra mas não identificados? Existem provas fotográficas de organismos do tipo OVNI que existem na atmosfera e que, teoricamente, poderiam desencadear a CHE. (Para os aventureiros, ficarão com uma ideia ao ler *Sky Creatures* e *The Cosmic Pulse of Life* de Trevor James Constable.)

(6) Tecnologia de base terrestre

Os OVNIs são desenvolvidos por agências governamentais que atuam sob o mais estrito sigilo imaginável; tecnologia que faz com que o caça furtivo F-117A pareça o Wright Flyer em Kitty Hawk. Existe apoio para esta teoria.

(Em 2 de outubro de 1990, a Cable News Network revelou uma nova geração de aeronaves triangulares "pulsar" da USAF que se pensava serem capazes de voo hipersónico; após alguns meses de negação por parte do governo, o Secretário de Defesa dos EUA, Chaney, não só reconheceu esta aeronave como cancelou o seu financiamento.)

Como explicar melhor os vinte e três helicópteros que pululavam em redor do OVNI que queimou Betty Cash e os seus companheiros? Aceitar o relato de Cash-Landrum significa que uma agência do governo dos EUA-do-povo está a ferir e a queimar os seus próprios cidadãos por razões que apenas uma mentalidade da CIA ou do Dr. Strangelove poderia adotar. Um problema para esta teoria é que não pode ser aplicada (facilmente) a avistamentos de OVNIs antigos (anteriores a 1950?).

(7) Outra

A de que o fenómeno OVNI é um artefacto defensivo da consciência humana coletiva, criado para proteger la psique de algo ainda mais perturbador do que a perspetiva de raptos e queimaduras por extraterrestres.

ABRINDO UM NOVO CAMINHO: MAIS OBJETOS FLAMEJANTES INSONDÁVEIS

As provas de OVNIs são demasiado abundantes para serem descartadas, por mais seriamente que minem o *status quo* sobre a ilusão da humanidade de omnisciência e de estar sozinha a dominar o universo. A CHE, certamente um dos grandes mistérios não resolvidos da natureza, é o derradeiro fenómeno de queimadura.

Qual poderá ser a relação de causa-efeito que liga estes dois enigmas profundos, o OVNI ao terráqueo misteriosamente queimado?

A ciência mede as coisas pela frequência; pela intensidade. A frequência é o que separa o gelo, a água e o vapor; a intensidade determina a velocidade de transformação de um estado de fase para outro. Um aparelho de radar localiza com segurança aviões distantes, mas pode queimar o peito do seu operador se a potência da sua frequência for demasiado aumentada. A luz, se for dispersa, ilumina inofensivamente as páginas de um livro à noite; quando é coerente, pode abrir buracos a laser em chapas de aço. A energia dos OVNIs causa queimaduras solares nas pessoas, por vezes em padrões de xadrez; quando aumentada em frequência ou intensidade, por vezes ficam pior do que com uma queimadura solar...

Terão o Sr. Huckabee e o Dr. Bentley sido individualizados por OVNIs (invisíveis) que, tal como aconteceu com Greg Wells, dispararam contra os seus alvos insuspeitos um feixe cuja energia era tão intensa que o

seu impacto deixou atrás de si carne fatalmente abrasada, cinzas fumegantes e mistério?

Vejamos mais provas.

- Por volta das 2:00 da manhã de 4 de novembro de 1957, duas sentinelas no Forte de Itaipu, no Brasil, observaram uma luz brilhante a precipitar-se para baixo a uma velocidade tremenda sobre a sua instalação militar. Foi uma manhã de segunda-feira em que as sentinelas gostariam de ter ficado na cama. O objeto desacelerou até as envolver no seu brilho cor de laranja. Um zumbido doloroso quebrou depressa o silêncio do seu medo, e depois um calor abrasador envolveu-as.

"Para as sentinelas aterrorizadas, parecia que estavam de facto em chamas. Uma, vencida pelo calor intenso, caiu de joelhos e desmaiou", registou o major Donald Keyhoe no seu livro, *Aliens from Space* (1973). "O outro soldado, gritando de dor e medo, atirou-se para debaixo de um canhão em busca de abrigo."

Os soldados correram para os seus postos de combate, mas três minutos mais tarde o pânico abrandou e as condições regressaram ao normal depois de o OVNI brilhante se ter dirigido velozmente para o céu. De acordo com o relato original do Dr. Olavo T. Fontes publicado pela APRO,[1] não surpreende que "O caso do Forte de Itaipu tenha sido mantido em segredo."

Este "ataque" não provocado de um OVNI contra dois soldados brasileiros — vítimas de CHE resultante de um encontro imediato do tipo combustível com um OVNI — tem um equivalente obscuro e fascinante do outro lado do mundo e trinta e cinco anos mais cedo.

O jornal *Watford & West-Herts Post* (30 de abril de 1964) publicou uma carta de Lawrence Bradley, que relatava um episódio surpreendente da Guerra Civil Irlandesa de 1922. A milícia local, que defendia uma gruta no condado de Donegal, abriu fogo sobre o que pensou inicialmente ser um veículo inimigo a aproximar-se e provocou um tipo de combate com fogo que nem sequer se praticava durante a Guerra do Vietname, cinquenta anos mais tarde.

Escreveu Bradley: “o objeto ripostou disparando jatos de chama contra a gruta. Os defensores tiveram de retirar face ao calor feroz... pelo que se tratava de enfrentar os lança-chamas ou morrer sufocados.” Os defensores decidiram que enfrentar o inimigo era uma morte mais valente do que uma sufocação inglória, pelo que correram em direção à abertura da gruta. “Quando saíram a correr”, continuou Bradley, “viram o objeto lança-chamas a subir para o céu... de forma circular e de aparência brilhante, como se fosse feito de alumínio. Atrevo-me a dizer que alguns dos homens que viram este estranho fenómeno estão vivos hoje e podem afiançar esta história.”

Na era dos biplanos Sopwith Camel, é seguro dizer que nenhuma das fações no conflito irlandês possuía armamento como este! Embora tivessem de passar mais vinte e Desvergerscinco anos antes de Kenneth Arnold avistar os seus históricos OVNIs sobre o Noroeste Americano, no início do século vinte os seus predecessores já se tinham tornado numa combinação potencialmente combustível.

Um ano antes de o avistamento de Arnold introduzir a expressão “discos voadores” na mentalidade mundial, João Prestes Filho, de quarenta anos, regressou a casa por volta das 19:00 de 5 de março de 1946, após um dia passado a pescar perto da sua casa em Araçariguama, cerca de trinta milhas a oeste de São Paulo, no Brasil. Ao abrir uma janela da sua casa, um OVNI brilhante fulgurou diante dos seus olhos aterrorizados. Atirado para o chão pela sua força, Prestes colapsou num estado de incoerência... e algo muito pior.

Apenas se pode imaginar como a equipa médica local respondeu ao horror que se seguiu, conforme descrito pelo investigador Professor Felipe Machado Carrión para a *Flying Saucer Review* (março-abril de 1973):

As entranhas de Prestes começaram a ficar à vista, e a carne começou a parecer como se tivesse sido cozinhada durante muitas horas em água a ferver... A carne começou a desprender-se dos ossos, caindo aos pedaços das suas maxilas, do seu peito, dos seus braços, das suas mãos, dos seus dedos, das partes inferiores das suas pernas e dos seus pés e dedos dos pés. Alguns farrapos de carne permaneciam pendurados nos tendões, e nenhum dos presentes se atrevia a tocar-lhes. Em breve, cada parte de Prestes tinha atingido um estado de deterioração além da imaginação. Os seus dentes e os seus ossos surgiam agora expostos, totalmente desprovidos de carne.

De forma igualmente surpreendente, Carrión escreveu que "em momento algum ele pareceu estar a sentir qualquer dor." Prestes morreu seis horas mais tarde — com a sua carne a cair como se o seu corpo estivesse a decompor-se vivo.

O destino de Prestes — o que quer que o tenha causado exatamente — ecoou de forma notável a morte do tipo CHE do Padre Bertholi em Filetto, em 1776. E quase dois séculos após o destino bizarro de Bertholi, um misterioso episódio duplo de CHE — um evento extraordinariamente raro — ocorreu com uma ligação a OVNIs.

11 de dezembro de 1979; nos arredores de Bodfish, uma pequena cidade a cerca de trinta milhas a nordeste de Bakersfield, na Califórnia. Melvin e Naomi Anderson gostavam de viver no sopé sul remoto da cordilheira da Sierra Nevada. Esse isolamento revelou um lado sinistro que o casal não tinha antecipado.

Mais tarde recordariam que, por volta das duas horas dessa tarde, ambos perderam a consciência na sua caravana — pelo menos era o que inicialmente se lembravam de se lembrar. Quando recuperaram a perceção do que os rodeava, o casal encontrou-se no chão da caravana, incapaz de se mover; deu por si com uma perda de dois dias de tempo; viu-se assombrado por sintomas fisiológicos inexplicáveis; viu-se queimado.

Enquanto Melvin jazia imobilizado no chão, incapaz de se mover por mais vinte e quatro horas, disse à sua esposa que sentia que estava a "arder por dentro." Já apresentava queimaduras no exterior do seu corpo: uma queimadura grave até ao osso na sua anca esquerda, uma queimadura de uma polegada e meia no topo da cabeça e mais queimaduras vivas e inchadas nos calcanhares. As queimaduras mais graves situavam-se abaixo da cintura e ao longo das costas. Naomi, caída indefesa por perto, tinha queimaduras na coxa e na anca esquerda.

Os vizinhos descobriram os Anderson no terceiro dia do seu calvário e em breve o casal foi hospitalizado para tratamento de "queimaduras de terceiro grau por radiação elevada."

Como é que este casal humilde no sopé rural da Sierra Nevada se viu tão estranha e dolorosamente queimado? Nenhuma causa na sua caravana pôde ser identificada para explicar os seus ferimentos. Teriam sido, então,

as vítimas de um espantoso caso duplo de combustão humana espontânea a que, de forma ainda mais espantosa, sobreviveram? Parecia que sim.

Surgiu então uma reviravolta que lançou luz sobre a sua inflamação sobrenatural. À medida que recuperavam, os Anderson começaram ambos a experienciar uma recordação desconcertante: a de um OVNI a pairar em redor da sua caravana, banhando-a em luz, e de, subitamente, se encontrarem dentro da aeronave. Depois estavam de volta ao chão da sua caravana, queimados.

Não fazia qualquer sentido para eles, mas com apreensão partilharam as suas memórias com um amigo de confiança que percebeu que a história deles não era desconhecida na literatura da ufologia de rapto. No entanto, pensou o amigo, o aspeto da queimadura era anormal.

Mas seria? Anormal, sim. Sem precedentes, certamente não.

A situação dos Anderson, tal como a de Gregory Wells, Francisco Calle, Steve Michalak, Inácio de Souza, Manuel Amparano e João Prestes antes deles, e do agente A. P. Jones desde então, levantou novamente o horror inquietante de que alguns humanos na presença de OVNIs veem a sua carne subitamente queimada ou a irromper em chamas. E se um OVNI não estivesse envolvido em cada um destes episódios, estaríamos perante dados avassaladores a favor da CHE. Num certo sentido é CHE porque, como referi, a fonte de combustão é certamente não quantificada e não reconhecida pela ciência de hoje.

Outro desenvolvimento recente e intrigante que reforça a relação entre OVNI e ovni (CHE).

[1] Nota original do autor: APRO refere-se à *Aerial Phenomena Research Organization*.

Conforme cronicado por Raymond Fowler em *The Andreasson Affair* (1979), Betty Andreasson Luca relembrou sob hipnose dez anos de encontros com seres extraterrestres. Numa das sessões, exclamou repetidamente que tinha ficado insuportavelmente quente na presença destes seres. Diante de investigadores sobressaltados, começou a arquejar e a contorcer-se em agonia enquanto revivia hipnoticamente aquele momento, gritando que se sentia como se estivesse a arder num

bombardeamento de raios de luz e cinzas ardentes que emitiam um cheiro doce a incenso.

Estas imagens poderiam ter um significado simbólico ou místico para ela, contudo é de notar que a CHE clássica deixa de facto um cheiro doce, semelhante a perfume, por entre as cinzas queimadas. Pedi-lhe que detalhasse esta experiência de Fénix:

Estava mais vivo do que, tipo, tu estares aqui de pé. De alguma forma, estava mesmo muito quente. E os raios de luz continuavam a ficar cada vez maiores, a disparar em todas as direções. E depois, o calor era extremo! E então senti algo a penetrar em cada célula do meu corpo, como pequenas picadas. A dada altura ficou tão quente que acho que devo ter desmaiado. A coisa seguinte de que me lembro é de ver uma pilha de cinzas. E ainda havia algumas brasas ardentes com ela. E soprava um vento frio, muito frio. Senti muito calafrio. Foi o que aconteceu: o calor, depois o frio.

Perguntei se era um calor físico, não uma metáfora. "Sim. Senti-o fisicamente."

Pergunto-me se as palavras da Sra. Luca poderiam estar a descrever os estádios iniciais na evolução da combustão espontânea interna, uma experiência que para ela, felizmente, nunca se manifestou por completo nesta realidade.

Em anos recentes, dezenas de aldeias no Brasil têm sido assoladas por aquilo que Robert Pratt, um jornalista respeitado há quarenta anos, chama de "um terror que vem de algum outro lugar que não a Terra, o qual produz ferimentos e morte. Chamo-lhe um lado obscuro do fenómeno OVNI."

Numa das palestras mais provocadoras (e inquietantes) a que assisti em anos, Pratt detalhou na conferência de 1994, "The UFO Experience",[1] a razão pela qual concluiu que "estão a acontecer coisas estranhas por lá que não oiço relatar noutros locais." Coisas estranhas, como pessoas a serem envolvidas por ventos "como um furacão a andar em círculos" e depois levantadas do chão na presença daquilo que os habitantes locais descrevem como uma "bola de fogo". Coisas estranhas, como a combustão humana.

O proprietário de um grande rancho no nordeste do Brasil descreveu (em termos que recordam a experiência de fénix de Betty Luca) o seu

encontro como: “Quente... Queimou-me os braços e doeu muito.” Uma mulher em Colares foi atingida por um feixe vermelho vindo de uma bola de fogo; consequentemente, disse Pratt, ela “tem três cicatrizes no peito até ao dia de hoje.” O Senhor Luis ficou paralisado durante três dias após o seu encontro demasiado próximo com um objeto em forma de cúpula e foi hospitalizado num estado catatónico; os médicos descobriram que “o seu cabelo tinha sido queimado sem chamuscar o couro cabeludo.” Pratt entrevistou quatro dos oito médicos que trataram Luis: “Nenhum conseguiu explicar o estado de Luis.... Que eu saiba, Luis recuperou completamente da sua experiência. Mas nem todos recuperam.”

A foz do rio Amazonas tem sido um verdadeiro ponto quente, por assim dizer, para a atividade de OVNIs (Pratt diz que trinta aldeias na região tiveram encontros imediatos recentes, uma delas durante um ano inteiro) e para encontros imediatos do tipo combustível. Ali, em 1978, uma mulher de Colares foi queimada fatalmente (embora não tenha falecido até 1981). Em 1993, novamente em Colares, uma missionária de trinta e dois anos e uma empregada doméstica de quarenta anos morreram, com um mês de diferença, em resultado dos seus episódios de encontro imediato do tipo combustível; de acordo com Pratt, estas mulheres foram “ambas queimadas na garganta e no peito, tal como a maioria das outras pessoas que o médico tratou.”

Em 1986, não muito longe de Colares, duas pessoas na Ilha do Caranguejo foram descobertas “gravemente decompostas pelo calor” durante uma época de numerosos avistamentos de bolas de fogo no céu; a causa da morte é “desconhecida” em ambos os casos. Mesma área, época diferente: uma “bola de fogo” queimou gravemente três homens que andavam a cortar lenha na Ilha do Caranguejo; um dos lenhadores morreu. Um dos dois sobreviventes, Edmundo, tinha um ferimento por queimadura escancarado, do tipo elétrico, no lado do peito — a imagem cuspida da queimadura no peito sofrida por Jack Angel na Geórgia em 1974!

Ao todo, disse Pratt, “tenho conhecimento de cerca de dez mortes que têm alguma ligação com encontros imediatos com OVNIs.”

Perguntei a Pratt se algum dos brasileiros mencionou um sabor metálico ou ionização no ar em redor dos seus encontros imediatos e se tinha sido feita patologia do tecido queimado nas vítimas. “Não tenho conhecimento de nada disso”, respondeu. “Muitas das queimaduras, já

agora, parecem queimaduras solares — onde a pessoa está a fugir do OVNI e fica exposta à luz do OVNI." Uma queimadura solar que pode provar ser fatal rapidamente e deixar ferimentos escancarados na parede do peito não é uma queimadura solar normal, com toda a certeza.

Dos muitos episódios que envolvem OVNIs e combustão de humanos nos tempos modernos, um destaca-se — a ser verdade — como particularmente desastroso.

Durante várias noites em junho de 1954, Laili Thindu, de onze anos, e os seus companheiros pastores escutaram o rufar dos tambores dos seus vizinhos na aldeia africana de Kirimukuyu, no Monte Quénia. Os ritmos dos tambores anunciavam um casamento prestes a realizar-se no lugar na encosta da montanha. Uma noite, observaram algo mais além do seu rebanho: luzes estranhas a pairar acima deste pico sagrado no centro do Quénia. Quando feixes brilhantes fulguraram a partir destas luzes não identificadas, os pastores ficaram sobressaltados; quando os tambores silenciaram, eles ficaram preocupados.

Na manhã seguinte, Laili soube que "todos os dançarinos, todas as crianças, todo o gado — a população inteira da aldeia — tinham sido abrasados até à morte por terríveis fluxos de luz vindos de objetos brilhantes", relatam os autores Brad Steiger e Joan Whritenour em *Flying Saucers Are Hostile* (1967). "Não foi senão quando Laili Thindu se aventurou até Nairobi que conseguiu contar a sua história a alguém que reconheceu o relato por aquilo que realmente era: a aniquilação de uma aldeia africana por um OVNI."

FEIXES DE COMBUSTÃO

OVNIs... feixes de energia, clarões de luz... calor intenso, chamas abertas... alvos humanos. CHE.

Com exceção de exibir um OVNI recuperado na parada do Dia de Ação de Graças da Macy's, não existem provas mais fortes a favor de uma tecnologia aérea superavançada do que as queimaduras nas pessoas que sofreram encontros do tipo demasiado próximo. Os incrédulos em OVNIs controlados inteligentemente têm de apresentar uma razão alternativa para

a qual dezenas de pessoas em todo o mundo, ao longo de gerações, se sujeitariam — poderiam sujeitar — a queimaduras dolorosas, por vezes fatais, se as fontes (geralmente) em forma de disco que dizem estar no céu verdadeiramente não existirem.

Estes fenómenos de queimadura não podem ser criados por uma energia que seja meramente ultravioleta. Embora alguns sintomas se assemelhem de facto a queimaduras solares, os raios UV seriam travados pelo vestuário — e Michalak, por exemplo, foi queimado através das suas roupas. Tem de ser mais do que isso.

Uma sugestão é a energia de micro-ondas. Com base em incidentes como o de Cash-Landrum, onde lesões e sintomas de doença por radiação se desenvolvem logo após a exposição ao feixe, é possível uma componente radioativa.

As testemunhas destes feixes relatam por vezes anomalias eletromagnéticas em equipamentos elétricos próximos. Por isso, quem pode prever que efeitos poderiam ser transmitidos para o sistema bioelétrico humano? Os ultrassons também devem ser considerados uma componente, visto que o ultrassom pode fazer vibrar as moléculas de água até ferverem e se transformarem em vapor. Quaisquer que sejam as frequências que os OVNIs e os seus feixes projetem, as lesões por chamuscamento, queimadura e radiação associadas aos seus encontros imediatos são reais. Muitas destas vítimas inocentes viveram para contar o seu horror, embora não para o compreender. Outras morreram, seguramente sem nunca saber o que as atingiu (ou acendeu).

Um encontro imediato com um OVNI pode inflamar mais do que o espanto sobre o lugar do homem no cosmos... pode, por vezes, acender um período de facto muito quente, um período que não pertence inteiramente a este mundo que os humanos gostam de pensar como sendo seu. Os encontros imediatos do tipo combustível oferecem algumas das provas mais fortes de que nós, humanos, não estamos sozinhos num universo que ainda não compreendemos.

18

Fogo da Morte:

Suicídios Abrasadores e Cadáveres em Combustão

O ato de morrer parece estar associado a algum outro evento, talvez farmacológico, que o transforma em algo bastante diferente daquilo que fomos educados a antecipar... Algo está provavelmente a acontecer de que ainda não temos conhecimento.

— Lewis Thomas, M.D., ensaísta e filósofo da medicina

Qual é o destino da força vital animadora após a sua libertação do corpo na morte? Irá para o túmulo juntamente com a forma corpórea? Habitará pela eternidade no Céu radiante ou no Inferno ardente como resultado de uma única encarnação na Terra? Ou sobreviverá como uma alma, possuindo consciência e talvez a opção de reencarnar noutro corpo físico?

Independentemente da resposta que favoreça, existe um ponto no qual quase todos concordam: as funções corporais cessam após a morte, o *rigor mortis* instala-se e a decomposição transforma o corpo nas bíblicas "cinzas às cinzas e pó ao pó".

Esta afirmação popular está errada. Entre uma variedade de fenómenos pós-morte encontra-se o facto de os cadáveres poderem autoaquecer, tornando-se por vezes mais quentes do que quando o corpo estava vivo:

- O venerável António Margil, um missionário franciscano no México, faleceu ali em 1726 aos sessenta e nove anos. Desde o momento da morte, o seu rosto pálido tornou-se rosado e a sua carne continuou quente até o seu cadáver ser depositado no túmulo.

- Morto há três dias quando foi colocado no seu caixão, a carne do monge franciscano de sessenta anos, André Ibernon, estava "ainda quente e macia, e todos os tendões e músculos flexíveis, tal e qual como se tivesse expirado no momento anterior."

- A dominicana Maria Villani, de coração caloroso e que fazia a água chiar, continuou a espantar, mesmo na morte. Dois cirurgiões cortaram o seu cadáver, morto há nove horas, e encontraram um novo mistério quando este e o seu coração imóvel libertaram fumo e calor — um calor tão intenso que forçou um dos cirurgiões a recuar. Ao tentar extrair-lhe o coração, este revelou-se tão quente que o

queimou e “ele foi compelido a retirar a mão novamente várias vezes antes de ser bem-sucedido na concretização do seu propósito.”

- Para não ficar atrás no reino das termoanomalias pós-morte estava Serafina di Dio, cujo cadáver em 1699 permaneceu — apesar do frio do tempo de março — percetivelmente quente durante trinta e três horas após a morte, enquanto as freiras aqueciam as mãos sobre o seu coração quente e imóvel.

Adicione-se agora a estes mistérios de hipertermia pós-morte mais um: o de que os corpos em agonia — ou já mortos — podem autoimolar-se.

UMA TRÍADE DE COMBUSTÃO PÓS-MORTE

O Dr. René Moreau descreveu para o *Ancien Journal de Médecine* (1786) um incidente de 1644 no qual as pessoas presentes no funeral ficaram estupefactas, quiçá horrorizadas, ao verem “chamas saídas do estômago” de uma defunta francesa em Lyon que estava a ser enterrada.

O *St. Louis Daily Globe-Democrat* (4 de dezembro de 1875) publicou uma nota breve do *Dover Herald* sobre um evento “sobrenatural” no velório, uma semana antes, do cortador de mármore Patrick Savage, que falecera de tísica:

Cerca de uma dúzia de amigos e vizinhos seguiam conversando na sala onde o cadáver se encontrava quando, reza a história, e conforme cada um dos presentes está pronto a afirmar solenemente, emergiram subitamente da parede da sala vários pequenos jatos daquilo que parecia uma chama de gás de cor dourada.

Estes jatos moveram-se e organizaram-se em círculo ou coroa em redor da cabeça do cadáver, e continuaram a arder durante meio minuto, mudando da sua cor dourada para uma tonalidade azul-escura. O grupo ficou demasiado aterrorizado para fazer qualquer investigação do notável fenómeno, embora este tenha sido geralmente aceite como obra de alguma agência sobrenatural e como um presságio de bom augúrio para o espírito do falecido.

Isto poderia ser facilmente descartado como demasiado inacreditável, não fosse a explosão semelhante de faíscas azuis que iria aterrorizar a Sra. Ona Smith em 1922.

Hereward Carrington narrou em *Death: Its Causes and Phenomena* (1977) uma necropsia recente de que tinha conhecimento com um fenómeno intrigante. Uma rapariga que se pantufara de castanhas morreu de indigestão aguda por não as ter mastigado minuciosamente, escreveu Carrington. Ao prepararem a criança para o enterro, os vizinhos descobriram que o corpo subitamente parecia estar em chamas.

"Embora o calor da chama azulada que envolvia o corpo fosse bastante percetível", narrou Carrington, "não era suficiente para queimar o corpo ou sequer incendiar a cama; e no entanto, quando o cadáver foi retirado do lençol no qual tinha sido colocado, descobriu-se que este último estava chamuscado de tal maneira que os contornos do fogo humano podiam ser claramente distinguidos."

Chamas azuis; material chamuscado; hipertermia galopante num cadáver!

Ironicamente, Carrington tinha renegado a CHE no parágrafo precedente do seu livro. O que fazer? Concedeu que "em certos casos o corpo pode adquirir uma combustibilidade preternatural." Onde estava a fonte de ignição externa exigida para a combustão preternatural desta jovem senhora? Carrington não encontrou nenhuma. Este estudioso sobre a morte tinha visto, ao que parece, mesmo que não o quisesse admitir, nada mais nada menos do que um autoaquecimento espontâneo no interior de uma pessoa falecida.

BETTY SATLOW: "FOGO MACABRO NUM CAIXÃO FECHADO"

"Foi como algo saído do teatro de pesadelo: um incêndio dentro de um caixão que continha o corpo de uma mulher que aguardava o enterro."

Assim disse o *San Francisco Chronicle* (26 de dezembro de 1973) sobre o que poderia classificar-se entre os dez eventos mais bizarros de 1973. Pois não foi tanto o interior do caixão que ardeu, mas sim o cadáver que ele continha!

Betty Satlow ajudava o seu marido Sam a gerir uma taberna em Hoquiam, uma pequena cidade na costa do Pacífico do estado de Washington. Na sexta-feira, 7 de dezembro de 1973, o Sr. Satlow entrou na

sua garagem e encontrou a sua esposa de cinquenta anos morta no banco do seu carro. O chefe de polícia de Hoquiam, Richard Barnes, não conseguiu encontrar indícios de crime, apenas de embriaguez. O médico-legista Harold Schmid declarou que o envenenamento por monóxido de carbono contribuiu para esta fatalidade, mas listou a causa da morte simplesmente como "indeterminada". O seu corpo foi levado para uma agência funerária para o enterro, tendo sido realizado um serviço de terço no domingo.

Mas o corpo da Sra. Satlow, agora preparado para o descanso final no seu terceiro dia de morta, não estava prestes a ficar quieto.

Saiu fumo da agência funerária. Em breve, os bombeiros descobriram que o fogo não estava apenas dentro da câmara ardente... estava dentro do caixão de Satlow... dentro da própria falecida Sra. Satlow!

A secção inferior do caixão estava fechada, mas a tampa superior estava aberta. Ali os bombeiros encontraram o corpo da senhora "completamente consumido até às ancas", disse o chefe Barnes. O chefe de polícia ficou perplexo, relatou o *The Oregonian* (20 de dezembro de 1973). Fez enviar o caixão para os laboratórios do Departamento do Tesouro em Washington, D.C. Ali o caso bate num beco sem saída. Nenhuma agência envolvida quer dar-se ao trabalho de responder a pedidos de informação sobre este caso preocupante.

Mais uma vez é mais conveniente esquecer do que confrontar, muito embora o chefe Barnes tivesse admitido no final de 1973 que: "Precisamos realmente de uma explicação lógica para pôr fim a tantos rumores loucos e infundados que andam a circular pela comunidade." Ele não se alongou sobre quais eram essas especulações, dizendo meramente sobre qualquer teoria acerca da imolação de Satlow: "É tudo conjetura."

Estaria a combustão espontânea de um cadáver entre esses "rumores loucos e infundados"?

BILLY PETERSON PERPLEXA A POLÍCIA DE PONTIAC

"Impossível!", grita o cético. "Os cadáveres não podem arder! Tem de haver alguma explicação convencional!"

O chefe de polícia Barnes não conseguiu encontrar nenhuma em Hoquiam, Washington, nem sequer uma tão convencional (e óbvia) como a má aplicação de fluidos de embalsamamento. Os especialistas em Pontiac,

Michigan, também não conseguiram quando foram confrontados com — bem, com os factos conhecidos sobre Billy Peterson:

- Era um indivíduo do sexo masculino de trinta anos.
- Vivia em Pontiac, Michigan.
- Tinha sido soldador na General Motors.
- Estava vivo às 19:00 de domingo, 13 de dezembro de 1959.
- Estava morto menos de uma hora mais tarde.
- Estava queimado — de alguma forma.

Um patologista do hospital disse que Peterson morreu de envenenamento por monóxido de carbono (CO). O subdelegado de saúde declarou que Peterson morreu acidentalmente. Um detetive da polícia suspeitou de homicídio, mudando depois de opinião para "suicídio". O chefe dos bombeiros concluiu que o homem morto foi cozinhado — após morrer — por um calor extremo. As autoridades de Pontiac fecharam o caso pronunciando "Morte por Suicídio". Contudo, disse o procurador do condado, George F. Taylor: "Nós ainda não fechámos o caso."

Porquê toda esta confusão entre profissionais treinados e competentes por causa de escassos factos? Para ter empatia pela consternação em que estas autoridades se encontraram, regresse-se agora àquela noite de domingo....

Billy deixou a sua mãe às 19:00 e conduziu a milha de distância até à sua garagem. Tinha estado desalentado devido à má saúde e ao trabalho perdido, mas estava prestes a regressar à fábrica em dois dias e, notou a sua família, Billy estava "tão alegre quanto possível" nesse dia.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, o Departamento de Bombeiros de Pontiac foi notificado de um carro a deitar fumo na garagem de Peterson. O tenente de bombeiros Richard Luxon e a sua equipa chegaram para encontrar uma cena chocante. Um tubo flexível conduzia do tubo de escape encurtado para o interior do carro. No banco do condutor estava Billy, morto. Mas morto com uma diferença: embora o seu rosto e braços estivessem vivos de queimaduras, nada no próprio carro estava em chamas.

Billy foi levado à pressa para o Pontiac General Hospital de qualquer forma, onde o Dr. McCandless disse que a cor vermelha viva do sangue da

vítima indicava envenenamento por CO. A polícia, agora alertada para o caso, suspeitou de crime na garagem. Ao encontrar o tubo de escape em falta do carro mais algum tubo flexível na garagem, a polícia mudou a sua especulação para suicídio.

Entretanto, de volta ao hospital, os médicos exclamavam: "É a coisa mais estranha que já vimos!"

Por que motivo estava a equipa médica assombrada? Embora os Estados Unidos tenham uma das taxas de suicídio *per capita* mais baixas do mundo (em contraste com uma das taxas de homicídio mais elevadas), cerca de vinte mil americanos tiram a vida anualmente. Peterson seguramente não era o primeiro suicida alguma vez examinado pela equipa do hospital.

O que mistificava os profissionais de saúde era a natureza e a extensão das queimaduras de Peterson: o seu peito, costas e pernas estavam cobertos de queimaduras de segundo e terceiro graus; o braço esquerdo estava tão gravemente abrasado que a pele se desprendia em rolos; as orelhas e o nariz estavam chamuscados. No entanto, as suas sobrancelhas e cabelo estavam intactos. E o seu vestuário estava intacto — nem sequer a sua roupa interior estava chamuscada!

Por isso, a polícia regressou à sua teoria de homicídio. "Possível Crime de Tortura" foi a manchete do *The Detroit Free Press* na segunda-feira, dia 14. Os médicos disseram prontamente que a vítima não poderia ter sido despida, queimada e depois vestida novamente como a polícia agora sustentava; além disso, qualquer fogo externo ao seu corpo teria queimado os pelos do seu peito e braços, em vez de os deixar intactos. Não, essa teoria não servia.

[1] Nota original do autor: Patrocinada pela Omega Communications (PO Box 2051, Cheshire, CT 06410-5051).

O Dr. Marra conjeturou que o calor do tubo de escape inflamou os estofos, o que por sua vez fez com que as calças de ganga de Billy "ficassem tão aquecidas que resultaram em queimaduras superficiais na pele." Queimaduras superficiais seriam comparáveis a queimaduras de primeiro grau; isto é, um avermelhamento da pele. Contudo, os seus colegas falaram em carbonização.

Além disso, como poderiam calças de ganga quentes queimar gravemente o peito e as costas de quem as vestia? Mais ainda, o chefe dos bombeiros, White, disse que o escape quente tinha causado cerca de 75 dólares de danos no banco dianteiro direito e que a labareda não tinha tocado em Peterson — nem nas suas calças de ganga. Não, a lógica das calças de ganga superaquecidas também falha em remover a perplexidade que envolve o destino ardente de Peterson. "Poderá um homem tomar fogo no seu seio sem que as suas roupas se queimem?", perguntava Provérbios 6:27. Parece que a resposta é sim.

Escrevi ao Pontiac General Hospital, esperando encontrar a resposta deles nos registos de Billy Peterson. Recebi uma carta normalizada que exigia "uma autorização assinada pelo paciente" — ora bem, ninguém disse que isto seria fácil.

Numa carta enviada à *True* (agosto de 1964), o Dr. Tad Lonergan detalhou a reação da sua equipa médica àquilo que apelidou de "inexplicáveis queimaduras de terceiro grau internas e externas" no corpo de Peterson. Em contraste com a experiência anterior da sua equipa em lesões por queimaduras, ele afirmou categoricamente: "este caso era diferente. Não se conseguiam explicar as queimaduras na sua pele quando as roupas nem sequer estavam chamuscadas. Por conseguinte, foi lançada uma investigação minuciosa. Nenhuma explicação estava disponível na altura e, tanto quanto sei, nenhuma existe agora. Não voltei a ver um caso assim desde então e continua a ser intrigante para mim." Anos mais tarde, o Dr. Lonergan confirmou por carta pessoal que o seu enigma persiste.

Um ponto propício para fazer uma pausa —

Os especialistas em Pontiac não conseguiram notar que Peterson mostrava sintomas de queimaduras por radiação nuclear, um facto que captou a atenção de Paul Fought. "Este facto, logicamente", escreveu ele na *Fate* (março de 1961), "leva-nos a um mistério ainda maior. Onde é que Billy esteve exposto a radiação?" Fought não tinha resposta para a sua pergunta.

As provas na garagem de Peterson que sugerem suicídio levantam outra questão. Poderia Billy Peterson ter sido a vítima de uma combustão humana espontânea tardia?

Como não há dúvida de que Billy inalou gás CO, uma proposta feita lá atrás, nos anos 1800, pelo Dr. Adrian Hava relativamente a humanos é de interesse: "que a acumulação de gás de óxido carbónico [CO] era o fator principal na combustão espontânea." Combustão espontânea de um humano, disse o doutor?

Este médico realizou experiências em animais para ver que efeito o gás tinha na inflamabilidade dos tecidos. Ele descobriu que coelhos e galos tinham uma propensão para se incendiar numa chama azulada após uma exposição prolongada. Mas foram necessários 169 dias para que a hemoglobina dos coelhos armazenasse gás suficiente para o tecido se incendiar; oito meses foram necessários para os malfadados galos. As experiências de Hava pareceriam excluir a acumulação corporal de monóxido de carbono no estranho falecimento de Peterson, visto que ele esteve exposto ao escape do seu carro por, provavelmente, não mais do que trinta minutos. Poder-se-ia argumentar que Peterson incendiou o gás acumulado com um maço de fósforos ou um isqueiro, exceto que os investigadores não encontraram provas de nenhum deles no carro ou em redor dele.

Os editores do boletim da *Aerial Phenomena Research Organization* ofereceram outro cenário, declarando a sua "forte suspeita de que Billy Peterson possa ter sido queimado por um scanner ultrassónico apontado ao seu carro. Mas porquê? Aí reside o mistério."

Interligar alienígenas com a CHE, como fez a APRO, ecoa os muitos casos em que os humanos sofreram carne variadamente queimada em contacto próximo com OVNIs. Afirmar que viajantes extraterrestres assaltariam aleatoriamente este humano com o seu "scanner ultrassónico" pode ser uma acusação injusta contra os visitantes de fora da Terra. (Isto assume, obviamente, que os alienígenas exibem uma racionalidade e um respeito pela vida mais elevados do que muitos humanos.) Mas e se o fizessem com um propósito? Isso poderia resolver o problema — se se conseguisse apenas pensar numa razão.

O que nos traz de volta à teoria da CHE de um corpo em agonia. O chefe dos bombeiros, White, quando questionado por Fought se Peterson poderia ter sucumbido a este falecimento extraordinário, respondeu: "Não contestaria a teoria relativa à Combustão Humana Espontânea.... Nunca

tive qualquer conhecimento disso, mas certamente não me importaria de dizer que era impossível."

"O CASO DA VÍTIMA DE UMA SÓ PERNA"

Mais de duas décadas antes de Billy Peterson tentar o suicídio apenas para arder estranhamente, outro caso ocorreu de forma semelhante em Cleveland, no Ohio. Wilton Krogman, que ganhou fama ou (dependendo do ponto de vista) infâmia ao relatar a famosa morte de Mary Hardy Reeser, considerou esta uma das suas experiências mais intrigantes na antropologia forense.

Para resumir, a polícia encontrou um homem de uma só perna queimado até à morte num automóvel Modelo T. Tentaram a identificação a partir de uma lista de amputados da zona, sem sucesso. A perícia de Krogman chegou a uma conclusão diferente: "Não encontrei qualquer prova na pélvis direita deste homem que dissesse que ele tinha sofrido uma amputação. E concluí que ela [a perna] tinha sido consumida pelo fogo!"

Perguntei-lhe se tinha deslindado como a perna deste homem se pôde desintegrar por completo. "Sim", respondeu Krogman, "porque era a que estava mais próxima do depósito de combustível." Quando este cadáver "gravemente queimado" foi examinado cuidadosamente, ele gesticulou dramaticamente, "encontrámos nas suas vísceras — a parede do estômago tinha sido consumida pelo fogo — uma arma. E quando juntámos a cabeça, encontrámos isto — o ferimento por arma de fogo. Vê? Portanto, evidentemente, no momento em que disparou o tiro, ele deixou cair um fósforo no depósito de combustível. Assim, esse foi o lado que ficou completamente consumido."

A sua narrativa tinha assumido um novo significado. Não só o homem estava gravemente queimado e a sua perna totalmente reduzida a cinzas, mas agora envolvia também um aparente suicídio.

Existe um problema com a reconstrução do evento feita por Krogman. Um revendedor de automóveis antigos confirmou a minha convicção de que, embora o depósito de combustível no Ford Modelo T fique ao lado da perna do condutor por baixo do painel de instrumentos, o tubo de enchimento fica no capô, em frente ao para-brisas. Considere-se agora a espantosa destreza deste homem prestes a ser um suicida, assim que removeu a tampa do combustível.

Ele tem de se esticar por cima (ou por baixo) do vidro do para-brisas com um fósforo aceso, certificando-se de que o fósforo é segurado suficientemente acima do tubo de enchimento de gasolina para que os vapores não se inflamem prematuramente antes de ele disparar a sua arma. Depois, enquanto o seu corpo recua bruscamente devido ao impacto estilhaçador da bala através da sua cabeça, o homem mantém, não obstante, a mão firme e com pontaria certeira deixa cair o fósforo aceso no estreito tubo de enchimento, onde este encontra o seu caminho até ao depósito de combustível, após o que a gasolina em chamas escorre de alguma forma por baixo do painel — não há menção a uma explosão — e vai para a perna do homem, que depois arde até à cinza mesmo através do osso. Vê?

É verdade que se dizia que o automóvel estava em chamas. Mas, conforme se descobriu com Billy Peterson — e como se notou noutros casos de cremação num carro —, não se deve continuar a assumir que isto significa que o próprio veículo (e o seu combustível) é a origem do fogo. Sabendo o que já sabe sobre a resistência normal da carne ao fogo, não poderia a chama assoladora ter nascido primeiro dentro do próprio corpo do homem?

Este caso curioso poderia ser outro exemplo de CHE a acompanhar o suicídio.

MAIS VÍTIMAS DE SUICÍDIO POR CHE?

O automobilista não identificado do Modelo T em Cleveland, talvez rejeitado num romance ou desalentado devido a uma incapacidade de recuperar da Grande Depressão, pode muito bem ter escolhido afastar-se da sua depressão pessoal administrando uma bala no cérebro. Ato contínuo, o seu corpo inflamou-se imediatamente — não devido a uma queda feliz de um fósforo no tubo de enchimento de gasolina, mas porque a sua fisiologia, chocada por este trauma súbito, respondeu congregando uma tempestade de fogo de energia, tal como o corpo mobiliza glóbulos brancos quando invadido por germes.

Um exemplo mais completo de uma tempestade de fogo de energia ocorreu mais de um século antes, logo após o seu hospedeiro humano ter dito a conhecidos que não o veriam mais.

O corpulento e intemperante sexagenário Monsieur Vatim foi “extinto com dificuldade por meio de água” depois de amigos o terem encontrado

em chamas em Beauvais, na França, a 22 de janeiro de 1822.[1] Com exceção da sua cabeça e de uma perna, e de alguns órgãos que encolheram, dois médicos testemunharam que o corpo de Vatim foi totalmente consumido em menos de oito horas. A cena foi suficientemente digna de nota para ser comentada pelo *The Edinburgh Medical & Surgical Journal* (outubro de 1823).

Vatim bebeu pesadamente durante a semana e, na noite anterior a o corpo ser encontrado consumido, despediu-se de um companheiro de alojamento e assegurou-lhe que não se deveriam encontrar outra vez. Um Dr. Klaatsch de Berlim assumiu um interesse pessoal nestes eventos e obteve um relatório dos investigadores da polícia. Soube que um braseiro de latão contendo brasas foi encontrado perto de Vatim. Portanto, ele insistiu junto do *The Edinburgh Medical & Surgical Journal* (1824) que "este caso não pode ser considerado um caso de indiscutível 'auto-combustão'. Ao mesmo tempo, presumimos, não pode haver dúvida de se tratar de um caso de combustibilidade preternatural; o que, sugerimos, era o limite da nossa crença no que diz respeito a todas as histórias desse género."

A história nunca saberá se Vatim planeava beber até morrer naquela noite, pegando fogo a si próprio antes de arder preternaturalmente; ou se encontrou um destino para além da crença.

Talvez Vatim ansiase por "acabar com tudo" num ápice? Da maneira que se diz que Alhaken ibn Itta fez, segundo o *Ripley's Believe It Or Not!* (23.ª Série)? Este famoso alquimista de Merou, em Khorasan, no Irão, "'era tão habilidoso na sua profissão que, quando cometeu suicídio por imolação, não restou um vestígio de cinza."

Séculos mais tarde, pode-se apenas adivinhar, e fantasiar, sobre o seu método.

O que se pode dizer, razoavelmente, é que tanto Vatim como Itta realizaram o que nenhum fogo comum conseguiria: reduziram-se quase ou totalmente a cinzas num quarto (pelo menos no caso de Vatim) que, de resto, não sofreu danos. Além disso, fizeram-no com a intenção de nunca mais serem vistos. Vatim foi dramaticamente bem-sucedido, e ibn Itta talvez ainda mais, e nas suas mortes decididamente diferentes alcançaram um grau de imortalidade histórica.

SUICÍDIO E INCINERAÇÃO: A FUGA DA FORÇA VITAL

Os processos biológicos que ocorrem dentro de um corpo após a morte diferem acentuadamente de um estado animado. Mas o que acontece exatamente à força vital animadora no momento catastrófico da transição da vida para a morte tem sido debatido por teólogos, ateus, cientistas, filósofos e místicos desde que a comunicação começou. O que acontece ao físico tem sido, contudo, menos propenso a discussão, pois aqui a prova é habitualmente percetível com os cinco sentidos do homem.

Mas o subjetivo e o objetivo por vezes intermingulam-se. Duncan MacDougall afirmou no *Journal of the American Society for Psychical Research* (maio de 1907) que a sua monitorização de muitos pacientes moribundos lhe deu tempo suficiente para fazer medições cuidadosas de uma perda de peso recorrente — cerca de vinte e um gramas — no momento da morte. MacDougall pensou que tinha provas quantitativas da existência de uma alma, cuja ausência tornava o corpo mais leve.

Embora o seu trabalho tenha sido duramente ridicularizado, ele pode ter sido bem-sucedido em medir o que os médicos de sala de operações só recentemente começaram a reconhecer entre si: formas de luz que se elevam dos pacientes no momento da sua morte na mesa de operações. Em janeiro de 1990, cirurgiões de várias nações reuniram-se em Amesterdão, na Holanda, para partilhar experiências que a sua formação médica não os tinha ensinado a esperar: nuvens de luz brilhantes e cintilantes, sons esvoaçantes ou lufadas de ar gélido que envolvem os corpos dos seus pacientes no momento da morte.

Independentemente do que estes fenómenos representem, seguramente haverá mais observações deste tipo relatadas e uma controvérsia contínua sobre o que se está a passar exatamente nesta derradeira transição de fase humana chamada morte. Outra observação que MacDougall fez é menos controversa e prontamente confirmada por prestadores de cuidados de pacientes que se dão conta de que a saúde está a deteriorar-se fatalmente. Para estas pessoas que se prepararam emocional e psicologicamente para morrer, a separação do corpo é esperada; não traumática.

Mas a decisão de cometer suicídio pode ser uma ação espontânea, não permitindo tempo para os ajustamentos de bioenergia necessários que são um prelúdio para a morte. Tornar o corpo subitamente inóspito pode forçar

a energia animadora a partir abruptamente, resultando talvez noutro evento catastrófico dentro do cadáver: a formação de um arco de bioeletricidade que se desencadeia furiosamente por todo o corpo.

A saída rápida da força vital, totalmente vitalizada um momento antes, queima literalmente o corpo a partir de dentro. A imprevisibilidade da decisão de autodestruição poderia ser um fator para determinar se o suicida se inflama totalmente ou se manifesta uma partida ardente um pouco menos dramática. Isto é, pode ser a brevidade da premeditação de um suicida que influencia o corpo a incendiar-se após as emoções se afundarem na escuridão do desalento.

Pareceria que Billy Peterson agiu impetuosamente naquela noite (embora não haja forma de documentar isto), porque se dizia que ele estava "tão alegre quanto possível" mesmo antes de fazer as alterações no tubo de escape que transformaram o seu carro num pseudo-crematório. Teria sido a sua mudança abrupta de disposição, a sua própria revolta emocional, que levou o seu corpo a criar a sua própria revolta térmica?

Um apoio tentador para esta suposição vem de um caso — perdido para a história até que eu o redescobri — num obscuro jornal médico do Michigan. A *The Therapeutic Gazette* (1889) fala sobre um rapaz de dezoito anos do condado de Chenango que se alvejou no final dos anos 1800 no centro do estado de Nova Iorque. O Dr. George O. Williams descobriu o cadáver do rapaz assustadoramente carbonizado, a carne fendida pelo calor, o rosto "cozinhado". No entanto, as tábuas de madeira sobre as quais repousavam os restos carbonizados estavam apenas "trivialmente danificadas". Este jovem tinha ardido após um ferimento por arma de fogo autoinfligido, relatou o Dr. Williams. Mas ele não conseguiu encontrar nenhum acelerante — apenas quatro libras de roupa, uma arma e partes do cadáver. O Dr. Williams estava frustrado. A roupa era a única fonte de combustível presente para sustentar um fogo. A quantidade limitada de combustíveis, inadequada para consumir a vítima de tal forma, acrescida da ausência de destruição adjacente, colocava um mistério insolúvel para o Dr. Williams.

A resolução exigia um conceito alheio à medicina do século dezanove no estado de Nova Iorque: o de que o organismo humano consiste em muito mais do que tecido, ossos e sangue circulante; o de que alguma força invisível e não detetada dentro do corpo pode libertar uma fúria vingativa

sobre a pessoa que tenta matar-se prematuramente. O conceito continua a ser alheio a grande parte do conhecimento médico do século vinte. Os conceitos, contudo, estão a mudar —

"A CAMINHO DO VALE DA MORTE" E DE REGRESSO — PORVEZES

"Concedendo, então, que tais mudanças possam ocorrer no corpo humano, as quais lhe permitem ser mais facilmente queimado", observou o Dr. W. H. Watkins no seu artigo de 1870 sobre a inflamabilidade preternatural, a ocorrência de CHE "deve ser considerada, embora a ciência não possa explicar as mudanças." Desde então, terá a ciência progredido no sentido de explicar estas mudanças, especialmente quando os cadáveres parecem autoincendiar-se?

Tanatologistas pioneiros na última década começaram a lançar luz sobre o que pode ocorrer à força vital do corpo físico naquele momento misterioso denominado morte. O Dr. Raymond A. Moody Jr., Elisabeth Kübler-Ross, Ph.D., e o Professor G. Kenneth Ring, Ph.D., fundador do *The Center for Near-Death Studies*, destacam-se entre muitos investigadores que concluíram que a morte não é uma experiência final e terminal, mas meramente uma passagem para outro reino de existência. (A filosofia oriental, os místicos e os clarividentes professam esta verdade há eras, mas a medicina ocidental só agora encontra apoio para as tradições panculturais eternas relativas à existência pós-morte.)

As provas de ver para além do véu da morte datam de há milhares de anos. Hoje em dia, chama-se Experiência de Quase-Morte (EQM). Esta experiência cada vez mais documentada descobre geralmente o indivíduo a pairar acima do seu corpo e a "assistir" às tentativas de o reanimar, ouvindo alguém pronunciá-lo "Morto!", e percebendo depois que ainda possui um "corpo" — embora bastante diferente daquele de carne e osso acabado de desocupar.

Este corpo etéreo viaja através de um reino desconhecido, por vezes sozinho, por vezes acolhido pelas imagens de parentes e amigos que faleceram anteriormente; ocasionalmente por um ser de luz que pede que a vida recém-partida seja avaliada. Uma barreira que representa a separação irreversível entre a vida física e a vida seguinte não tem permissão para ser violada, contudo, e a reunificação com o corpo corpóreo ocorre. A

medicina tem um milagre; a pessoa outrora morta, agora ressuscitada, tem uma revelação.

Analisar quantitativamente as perspetivas para a continuação da consciência após a morte e o que aguarda nesta existência pós-física rende, por vezes, visões que surpreendem os investigadores tanto quanto a EQM transforma a pessoa que a experiencia. O Dr. George Ritchie falou comigo sobre a sua memorável experiência de 19 a 24 de dezembro de 1943, que espelhou o padrão clássico da EQM. A sua estada temporária na vida do além foi marcada por recordações vívidas dos eventos que rodeavam o seu corpo no hospital, e depois pelo encontro com um ser luminoso que lhe mostrou tudo o que ele tinha feito na sua vida (segundo Ritchie, nenhum segredo foi ocultado).

Embora surpreendido por esta separação do seu corpo físico, Ritchie soube que ela não havia de ser permanente. Foi-lhe dito, para seu desgosto, que ainda havia trabalho para ele fazer na Terra e que tinha de regressar. Assim, quatro dias após ter entrado em coma, durante o qual os seus médicos o pronunciaram morto por duas vezes, o Dr. Ritchie ergueu-se como Lázaro e sentou-se na cama. O equipamento de suporte de vida já não era necessário. A alma do Dr. Ritchie tinha escolhido prolongar a sua vida na Terra.

Muitas pessoas que foram entrevistadas pelo Dr. Moody e por Kübler-Ross falaram de uma relutância semelhante em regressar ao mundo tridimensional. O processo de reentrada ocorreu com nada mais do que um vazio emocional, concluíram estes dois investigadores pioneiros. Mas será este readjustamento ao físico sempre tão sereno? Poderá haver dificuldades em certas circunstâncias? Por exemplo, poderá o ato do suicídio — um forte tabu na maioria das sociedades humanas — criar uma barreira única que impede a rehabitação do corpo?

Ring sondou trinta e seis tentativas de suicídio e soube que nem um único sobrevivente relatou uma EQM desagradável, "infernal" ou "demoníaca".* No entanto, o Dr. Moody recolheu relatos de EQMs associadas a tentativas de suicídio, e as suas descobertas contrastavam com as de Ring. Por exemplo, Harry Woods. Desalentado com a morte da sua esposa, Woods alvejou-se. Morto durante dezanove minutos, regressou para descrever a sua experiência de ressurreição em *Life After Life* (1975):

“Fui para um lugar horrível.... Vi imediatamente o erro que tinha cometido.... Pensei: ‘Quem me dera não o ter feito’.”

Robert Smith de Chickamauga, na Geórgia, também não fez parte da sondagem de Ring. Este vendedor de automóveis reformado de sessenta e oito anos foi declarado morto durante uma cirurgia de triplo *bypass* coronário na sequência de um ataque cardíaco fulminante. “Vi um lago e fogo e pessoas condenadas a arder nele pela eternidade”, lembrou Smith vividamente. “Estavam a lutar freneticamente para evitar ser empurradas para as fogueiras. Foi horrível. Fiquei morto de medo.” Mas não suficientemente assustado para morrer, ainda. Regressou dos portais ardentes do inferno e redirecionou a sua vida.

O Dr. Rawlings, um professor clínico associado de medicina na Universidade do Tennessee (Chattanooga) e membro do American College of Cardiology, reanimou dezenas de pacientes que experienciaram morte clínica. Em *Beyond Death’s Door*, escreveu que cerca de 50 por cento das pessoas reanimadas da morte falaram de ir “para um lugar de grande escuridão, cheio de corpos grotescos a gemer e a contorcer-se, clamando para serem salvos” do pior pesadelo de um cristão fundamentalista. Os seus pacientes procuravam freneticamente escapar à sua queda aterradora através de um túnel varrido por chamas e a um confronto dantesco com almas atormentadas e inflamadas.

Dado que a própria EQM varia tanto entre os seus experienciadores, pergunta-se se uma combinação especial de forças poderá estar a atuar dentro da mente e da alma do suicida? Investigadores clínicos de topo da EQM concordam que as pessoas que se movem em direção à (e para fora da) morte alcançam um estado alterado de consciência no seu submundo momentâneo. No trauma que é o suicídio, a confusão e o medo podem reinar; o curso normal dos acontecimentos na morte é dramaticamente contornado. Absorta no desalento e no arrependimento, a personalidade desencarnada é propensa a agarrar-se ao corpo vago, tentando mesmo reencarnar no corpo acabado de destruir. No entretanto, contudo, a decomposição já iniciou uma série de mudanças na constituição do corpo.

Os dois padrões de energia outrora fundidos — alma e corpo — já não são compatíveis. À medida que a alma tenta com mais força e de forma mais frenética forçar a sua reentrada no corpo desvitalizado, atinge-se um ponto em que — tal como um fósforo riscado repetidamente contra a sua

superfície de fricção — a energia criada se torna suficiente para acender o cadáver.

E ao terceiro dia tentou a Sra. Satlow erguer-se dos mortos, e falhou... falhou exceto em acender o seu cadáver? Outra possibilidade depende das emoções e da construção de crenças do indivíduo agora fisicamente sob transição, além da rapidez com que o suicida procura reanimar o seu corpo.

[1] Nota original do autor: A data refere-se ao calendário registado na documentação da época.

* Nota do autor: Refere-se à amostragem específica do estudo estatístico citado de Ring.

Teria a pessoa sido educada para esperar a música de harpa e a tranquilidade numa vida celestial após a morte, por exemplo; ou a iniquidade do fogo eterno e da danação? O suicida, ao criar as suas próprias expetativas pós-morte desta última forma de além-vida, vê-se envolvido (e a ferver) nos fornos flamejantes do diabo, com todo o enxofre e fogo do *Inferno* de Dante para garantir a justa punição. Esta crença, tão vitalizada pelo sentido intenso de arrependimento e de justiça devida, viaja pelo elo de energia enfraquecido, mas ainda presente, de regresso ao cadáver na Terra. O corpo descartado, agora inútil, é varrido pela realidade do campo de energia do seu antigo ocupante: arde num fogo muito real, mas com chamas acendidas a partir de outra dimensão. Uma "alma inflamada" conduz a um cadáver em chamas. Será assim que se pode explicar a cena estranha descoberta no quarto do Sr. Denny há quatro décadas?

O MACABRO FALECIMENTO DE GLENN DENNY

Do outro lado do rio Mississippi, em relação a Nova Orleães, a Sra. Stalios Cousins estava sentada a ver a chuva através da janela do seu apartamento em Algiers, na Louisiana. O dia 18 de setembro de 1952 era um daqueles dias sombrios, deprimentes e tristes em que se esperaria qualquer coisa de desagradável. À uma hora da tarde, o esperado aconteceu — inesperadamente.

A Sra. Cousins cheirou a fumo, viu que vinha da janela do apartamento por cima do seu e ligou para o quartel-general da polícia do Quarto Distrito, mesmo ali ao virar da esquina. Eles notificaram o departamento de bombeiros e ambas as corporações estavam no local em

minutos. Os bombeiros arrombaram a porta do apartamento de Glenn Burk Denny, correram para as divisões cheias de fumo e depararam-se com um corpo.

O tenente Louis Wattigny, um dos primeiros membros da Companhia de Prontidão de Bombeiros 20 de Algiers a entrar no quarto de Denny, viu um homem deitado numa massa de chamas no chão, atrás da porta. O fogo estava extraordinariamente quente! O corpo a arder não exalava qualquer odor! Mais nada no quarto estava em chamas.

As autoridades policiais e dos bombeiros estudaram a possibilidade de crime na morte, porque não havia provas que sugerissem que o ato de fumar cigarros tivesse iniciado o incêndio. Foram encontradas manchas de sangue nos sãos da cozinha e da sala de estar. Mas, com o testemunho de vizinhos de que Denny, de quarenta e seis anos, era um homem calado que nunca incomodava ninguém, o homicídio foi descartado por falta de motivo e por ausência de indícios de luta.

Três dias mais tarde, a polícia emitiu o seu relatório. Dizia que a morte de Denny se deveu "a queimaduras" e notava que várias das suas artérias tinham sido cortadas. Um braço, ambos os pulsos e ambos os tornozelos tinham sido golpeados. Foi encontrado carbono nos seus pulmões, indicando que ele estivera vivo enquanto esteve em chamas.

Otto Burma, um investigador de eventos forteanos, perguntou ao médico-legista o que tinha causado o fogo. A resposta do legista, publicada no artigo de Burma para a *Fate* (maio de 1953), foi "que Denny tinha, após cortar as suas artérias em cinco locais, vertido querosene por todo o corpo e ateado fogo com um fósforo." Hmmm. Os bombeiros não detetaram quaisquer vapores, nem de querosene nem sequer de carne a arder.

Esta não foi a única estranheza que Burma encontrou. A vítima, agora classificada como suicida, estivera a perder 1 por cento do seu sangue a cada segundo apenas a partir de cada artéria do pulso. Burma calculou que 30 por cento do sangue de Denny teria escorrido do seu corpo na altura em que todas as lacerações foram feitas. Seria de esperar a morte em segundos. Contudo, supõe-se que a vítima riscou um fósforo — apesar de o sangue jorrar dos seus pulsos para as suas mãos — e incendiou as suas roupas apenas para se certificar de que morria?

A complicar o inacreditável está o facto de Denny estar embriagado na altura, de acordo com um amigo que o viu vivo "e a tremer como uma vara verde" apenas algumas horas antes. Ainda assim, o gabinete do médico-legista pediu a toda a gente que acreditasse que Denny, bêbado e a perder agora 4 por cento do seu sangue a cada segundo a partir de várias artérias cortadas, conseguiu regar-se com um acelerante, esconder o recipiente onde a polícia e os bombeiros nunca o encontrariam e, finalmente, riscar um fósforo para incendiar o seu corpo!

Estiveram envolvidos na investigação de Denny um capitão da polícia, dois detetives de homicídios, um procurador-adjunto do distrito, dois subdelegados de incêndios do estado, um médico-legista adjunto da paróquia de Orleães e um diretor de divisão do Departamento de Bombeiros de Nova Orleães. Esta força conjunta trabalhou três semanas para preparar o veredicto oficial sobre o falecimento de Denny: "declarado suicídio, e encerrado."

Apesar de (ou por causa de) todos os problemas criados pelo relatório policial, a fonte do fogo e o estado não queimado do apartamento permaneceram perturbadoramente inexplicados — incluindo o paradeiro do recipiente de querosene que Denny alegadamente verteu sobre si próprio. Concedeu Wattigny sobre a combustão de Denny: "Em toda a minha experiência, nunca vi nada que superasse isto."

Será possível que Denny tenha morrido de uma CHE autoinduzida, criada quando a sua consciência desencarnada, cheia de pensamentos sobre o fogo do Inferno que aguarda os suicidas, tentou fervorosamente reunir-se com o cadáver a jorrar sangue caído no chão do quarto? Ou, inversamente, que a sua força vital se tenha desprendido tão subitamente do corpo moribundo que libertou um solavanco maciço de energia, o qual irrompeu como uma chama destrutiva?

Qualquer uma das propostas põe à prova a credibilidade? Não mais do que a determinação oficial põe, submeto eu. Considerar o anormal não é irracional, porque estes casos não seguem os modos normais de transição física.

Esta breve incursão naquilo que acontece aos corpos dos suicidas no momento da morte e após ela sugere a necessidade de uma nova disciplina científica: a biologia pós-morte. Por necessidade, ela superaria a atual

medicina forense, que apenas examina por análise comparativa o estado dos órgãos que contribuíram para a saída da força vital do corpo físico.

A história oferece muitos exemplos que mostram — por vezes através da combustão — que um corpo morto nem sempre se separa de forma limpa e suave das forças que faziam dele um organismo funcional e animado. Existe uma prova inquestionável de vida após a morte, pelo menos para um cadáver. Inacreditável? "Não é necessário dizer, contudo", concluiu Burma sobre a morte de Denny, "que eventos 'inacreditáveis' ocorrem tão facilmente sem a nossa crença como com ela."

19

A Arte a Imitar a Vida:

O Lado Literário da CHE

E agora, se me dá licença, Connie, pretendo dar um curto passeio no terraço na ténue esperança de arrefecer. Sinto-me tão incandescente que sou capaz de rebentar em chamas espontâneas a qualquer momento, como lenha seca.

— Lady Julia Fish, em *Heavy Weather* de P. G. Wodehouse

"Não há ciência sem fantasia, nem arte sem factos", observou o romancista americano Vladimir Nabokov. O estudo da CHE estaria incompleto se negligenciasse a riqueza histórica que o tema trouxe à arte da literatura.

Dickens, como já se viu, desenhou o falecimento de Krook em redor deste fenómeno. Poderá surpreender o leitor saber que Dickens não está sozinho entre os principais escritores mundiais que aplicaram a CHE à literatura, onde o seu legado é ainda menos conhecido do que na ciência médica.

Charles Brockden Brown (1771–1810) — indiscutivelmente o primeiro romancista da América e o "Pai da literatura americana" — incorporou a CHE no seu primeiro romance e romance mais forte, o clássico *Wieland; or, the Transformation* (1798). Esta biografia da família Wieland debatia a responsabilidade moral e mostrava que Brown era um moralista sério que explorava as dúvidas sobre a razão humana através do seu próprio fascínio pessoal pelo lado mais sombrio da psique. Brown também defendeu o feminismo no final dos anos 1700, provando ser um homem de pensamento radical e não convencional para a sua época (ao contrário de Lair, que acreditava de forma chauvinista que as mulheres eram o sexo mais fraco e mais propenso à CHE).

O seu não-convencionalismo é evidente em *Wieland*. Brown injetou na família Wieland três "dispositivos geradores de terror" garantidos para horrorizar os seus leitores na América primitiva: o ventriloquismo, um pai que assassina a sua família e a combustão humana espontânea. Valha-me Deus, como os tempos mudaram!

Brown introduziu o seu terceiro terror em primeiro lugar. Na quinta de Wieland, em Mettingen, a poucas milhas de Filadélfia, na Pensilvânia, uma noite de agosto quente e sufocante pressagia um evento mais quente prestes a abater-se sobre o idoso Herr Wieland, o patriarca da família que prevê que o mal está próximo, mas não sabe dizer porquê. Ele deixa a sua família apreensiva e caminha até uma pequena capela onde tinha praticado ritos misteriosos não especificados, e aparentemente voltaria a fazê-lo. Subitamente, um clarão de "luz brilhante vinda do edifício" é seguido por uma explosão. A jovem filha Clara corre para la capela e relata a cena macabra:

O meu pai, quando saiu de casa, além de um colete superior solto e chinelos, vestia uma camisa e ceroulas. Agora estava nu, a sua pele em grande parte do corpo estava queimada e pisada.... Os seus chinelos e o seu cabelo estavam intactos.... O clarão premonitório, o golpe no seu braço, a faísca fatal, a explosão ouvida tão longe, a nuvem de fogo que o rodeou,

sem detrimento da estrutura, embora composta de materiais combustíveis, o desaparecimento súbito desta nuvem à aproximação do meu tio — qual é a inferência a retirar destes factos?

Duas horas mais tarde, Herr Wieland está morto. A imaginação gráfica de Brown deve ter aterrorizado verdadeiramente os seus leitores, em parte porque os colonos pensavam que tudo o que aparecia impresso era provavelmente verdade. Em parte, porque teriam visto este evento como um apólogo — uma fábula moral. Dado que o velho Wieland tinha vindo para a América para ser pastor e, em vez disso, estabeleceu uma quinta para ganhar dinheiro, o seu terrível falecimento era o justo castigo por rejeitar a Deus e ao dever religioso. E se Deus derrubasse — ou queimasse — assim um homem pela abrogação de um compromisso sagrado, não poderia a mesma retribuição divina abater-se sobre qualquer pecador?

Brown percebeu evidentemente que os seus leitores ficariam aterrorizados com este horror, embora céticos em relação a ele. Ele faz com que Clara, a personificação da inocência, examine a cena e afiance que Herr Wieland morreu do seu próprio fogo devido a causas naturais: “Tal foi o fim do meu pai. Nenhum seguramente foi alguma vez mais misterioso.” Assim foi a América, ela própria jovem e inocente, introduzida à CHE através da escrita do seu primeiro romancista.

Brown disse que tinha pesquisado textos médicos contemporâneos antes de despachar a sua personagem por este destino estranho e terrível. Depois de enunciar quatro condições popularmente consideradas necessárias para um ser humano encontrar um fim tão ardente, mencionou mais duas não identificadas pela medicina do século dezoito: uma natureza potencialmente explosiva e uma consciência semelhante ao transe que Brown atribuiu a Wieland momentos antes da sua queima fatal — um fator que não voltou a ser enfatizado até ao século vinte, quando Charles Fort comentou esta característica da CHE.

Como sabia Brown que devia incluir estes traços desconhecidos para os estudiosos médicos seus contemporâneos? Sorte de escritor? Ou conhecia ele pessoalmente algum episódio de CHE na Filadélfia colonial que moldou a sua arte de contar histórias, um caso agora perdido para a história?

A CHE SATÍRICA DO GOVERNADOR KIEFT

O jovem Washington Irving (1783–1859) colheu aclamação internacional quando publicou, aos vinte e seis anos, sob o pseudónimo de Diedrick Knickerbocker, *A History of New York from the Beginning of the World to the End of the Dutch Dynasty* (1809). Apelidado de "o primeiro clássico internacionalmente popular da América" e elogiado pela sua sátira à política e à ciência, o livro era tão respeitado que consta que Charles Dickens gastou o seu exemplar de tanto o ler.

Irving, tal como Dickens, detestava deficiências morais e burocratas intrujões, e também como Dickens, despachou uma personagem desprezada por meio do fogo interior. Wilhelmus Kieft, o ranzinza governador de Nova Iorque cujo temperamento conduziu à sua alcunha de William, o Irritável, exalava uma "ira temível" e uma negligência moral que prepararam o cenário para a queda inevitável deste político consumado, a qual Knickerbocker descreveu no sétimo capítulo do Livro IV:

... as intrigas incessantes e os projetos em curso no seu próprio pericrânio... operavam eternamente para manter a sua mente numa espécie de calor de fornalha, até que ele acabou por ficar tão completamente queimado como o cachimbo de uma família holandesa que passou por três gerações de fumadores inveterados. Desta maneira, o colérico mas magnânimo William, o Irritável, passou por uma espécie de combustão animal, consumindo-se como uma vela de sebo barata — de modo que, quando a morte severa finalmente o apagou, mal restava dele o suficiente para enterrar!

Ao fazer pesquisa para a sua *History* na Sociedade Histórica de Nova Iorque, talvez o jovem satirista tenha descoberto a cremação de Hannah Bradshaw em 1770 e pensado que ela simbolizava um fim justo para o político desprezível e presunçoso que idealizara para o seu livro. (Quem dera que a natureza se aplicasse de forma semelhante no século vinte!)

Irving, tal como Brown antes dele, identificou a perturbação emocional — neste caso a paixão inflamatória e a alma ardente de Irritável — como um pré-requisito para la CHE. Também usou a CHE como um dispositivo para alertar sobre o perigo da injustiça moral.

A TRAGÉDIA DUPLA DE CHE DE JACOB FAITHFUL

O oficial naval e romancista inglês Capitão Frederick Marryat (1792–1848) era contemporâneo de Washington Irving, e também ele assumiu a

cruzada da CHE como vingadora da amoralidade. No romance de Marryat, *Jacob Faithful* (1834), a personagem homónima recordava a sua infância passada num barco do rio Tamisa com a sua mãe alcoólica — "uma montanha de carne desajeitada e inchada", chamava-lhe ele — e um pai que "passava a maior parte do tempo na cabine, ajudando a minha mãe a esvaziar a grande garrafa de pedra."

Uma noite, o seu ébrio pai saltou subitamente das entranhas do barco e atirou-se à água para desaparecer para sempre no mar negro. De debaixo do convés emanou um "fumo espesso, forte e empireumático", e Jacob esperou que este se dissipasse. Entrou então pela escotilha:

Desci a pequena escada de três degraus e chamei "Mãe!", mas não houve resposta.... Nada estava a arder — nem sequer as cortinas da cama da minha mãe pareciam estar chamuscadas.... Permaneci durante mais de um minuto a arquejar por ar e depois atrevi-me a afastar as cortinas da cama — a minha mãe não estava lá! Mas parecia haver uma massa negra no centro da cama. Coloquei a mão temerosamente sobre ela — era uma espécie de cinza untuosa e asfáltica. Gritei de horror —

Assim ficou o jovem Jacob Faithful órfão. Mais uma vez, um fogo não natural destrói totalmente a carne mortal, mas não o véu frágil que impede a imoralidade de contaminar o mundo dos justos. Mais uma vez, a inocência da juventude é amaldiçoada para sempre pelas vidas ignóbeis de anciãos condenados. Abandonado por adultos satiricamente apelidados de Faithful [Féis], que personificavam a abrogação da paternidade ao afogarem-se intemperadamente em álcool, a dor de Jacob é agravada pelo estigma de ter ficado órfão por causa de um destino simultaneamente incompreensível e inaceitável. Só mais tarde na vida é que Jacob, na maturidade, compreende o destino da sua mãe:

Casos deste género apresentam-se de facto apenas um por século, mas a ocorrência deles está demasiado bem autenticada. Ela pereceu daquilo que se designa por combustão espontânea, uma inflamação dos gases gerados a partir das bebidas espirituosas absorvidas no organismo.

Anos mais tarde, um par de mortes por fogo na quinta dos Rooney, em 1885, tendeu a fazer o paralelo com este incidente de ficção num barco do rio Tamisa. Poder-se-ia dizer que a arte de Marryat imitou a vida de forma precognitiva, de tão de perto que se assemelhou a uma morte peculiar cinco

décadas no futuro. Pelo contrário, parece que o seu interesse de infância pelo macabro, combinado com a leitura sobre a CHE na *The Literary Gazette* (28 de junho de 1828) e numa edição de 1832 do *The [London] Times*, lhe permitiu escrever ficção que antecipou com precisão o horror real destinado a uma quinta de Illinois. A ficção, quando padronizada no facto, pode ecoar o mundo dos fenómenos reais.

Mais anos decorridos, a descrição gráfica da CHE feita por Marryat captou a atenção do Médico-Legista de Sua Majestade, o Dr. Gavin Thurston. Este salientou, numa carta ao *British Medical Journal* (1938), que o romancista incorporou cinco dos seis pontos considerados pré-requisitos para a CHE: alcoolismo crónico, uma mulher idosa, poucos danos nos materiais combustíveis em contacto com o corpo, um resíduo de cinzas gordurosas e uma lâmpada que "poderia ter provocado o fogo." O sexto pré-requisito, disse o Dr. Thurston, é que as mãos e os pés permanecem frequentemente intactos.

Marryat calculou mal a frequência da CHE ao afirmar, através de Jacob Faithful, que a CHE é um fenómeno de "uma vez por século". Além disso, a CHE não é universalmente atribuível a gases alimentados por álcool em pessoas obesas. Mas o próprio Dr. Thurston errou ao afirmar que a CHE exige uma fonte externa de ignição (o que, por definição, não seria combustibilidade humana espontânea de qualquer maneira). Dado que Marryat não nomeou uma fonte de ignição externa como a causa da autoconflagração da Sra. Faithful, a sua ficção resiste ao desafio académico de Thurston à CHE.

AS TRADIÇÕES LITERÁRIAS FRANCESA E RUSSA

Considerando o grande número de casos de CHE que surgiram nos *journals de médecine* franceses, seria de estranhar se nenhum dos grandes escritores de França utilizasse estas queimas intrigantes na sua escrita. Dois fizeram-no.

Honoré de Balzac (1799–1850), um mestre da escrita realista que se dava ao trabalho de esculpir detalhes precisos de personagem e de cenário, selecionou a CHE para ser o pior castigo que um marido intemperante pode infligir a uma esposa sofredora. Combinando realismo e moralidade no seu romance *Le Cousin Pons* (1847), Balzac faz com que a resmungona Sra. Cibot julgue precipitadamente o castigo concedido a um conhecido.

“Aquela mulher, sabe”, expôs Cibot no seu dialeto truncado, “não teve sorte por causa do homem dela, que bebia tudo o que aparecia à vista e que morreu de uma combustão espontânea.” Ao que Fraisier, o caça-ambulâncias que correu para o local para levar as cinzas dela, retorquiu: “A Providência move-se pelos seus próprios caminhos. Não nos cabe a nós questioná-los.”

Émile Zola (1840–1902), fascinado pela ciência e hoje ainda considerado um dos maiores escritores de ficção europeus, retratou nos seus romances tudo o que há de mais baixo na sociedade e de brutal no homem. Por isso, é irónico (ou será que é?) que na obra mais científica de Zola, *Le Docteur Pascal* (1893), a CHE seja permitida não só para ser o destino do camponês-agricultor bêbado Tio Macquart, mas seja permitida para ser testemunhada em curso:

Ao início, Félicité pensou que eram as roupas, as cuecas ou a camisa, que estavam a arder. Mas o duo já não era permitido; ela estava de facto a olhar para a carne nua; e a pequena chama azul escapava desta carne, leve e dançarina como uma chama a tremeluzir na superfície de uma taça de aguardente a arder. Mal era mais alta do que a chama de uma lamparina de noite, era calma e suave e tão instável que o mais pequeno sopro de ar a fazia mover-se... Félicité compreendeu que o seu tio estava a pegar fogo ali como uma esponja embebida em conhaque.

Quando o Doutor Pascal chegou a casa de Macquart, o bebedor de conhaque, descobriu que “nada restava dele, nem um osso, nem um dente, nem uma unha, nada a não ser esta pilha de pó cinzento que a corrente de ar da porta ameaçava varrer a qualquer momento.” Oferecendo a descrição perfeita da CHE clássica — precisamente até à sua “pequena chama azul” —, Zola faz com que Macquart morra “realmente como o príncipe dos bêbados, inflamando-se espontaneamente e sendo consumido na pira ardente do seu próprio corpo... imaginem só pegar fogo a si próprio como uma fogueira de São João!”

O romancista e dramaturgo russo Nikolai Vasilievich Gogol (1809–1852) embutiu no enredo das suas *Almas Mortas* uma passagem que soará familiar:

“Na semana passada, o meu ferreiro ardeu...”

“Teve um incêndio, minha senhora?”

“O bom Deus nos livre de tal calamidade, senhor! Um incêndio teria sido pior.

— Não, não, senhor, ele pegou fogo sozinho. Algo dentro dele pegou fogo. Deve ter bebido demais. Só uma chama azul saiu dele e ele ficou a arder lentamente, a arder lentamente, até ficar preto como carvão. E era um ferreiro tão habilidoso, o Led.

ABLAZE! Esta tradução de Constance Garnett (para a Penguin Classics) assemelha-se bastante ao destino que aguardava o homem dentro da obscura ferraria de Brookville em 1828 — mais uma casualidade da arte a imitar a vida e vice-versa.

Melville Harpoa um Caso de CHU

Herman Melville (1819-1891) é instantaneamente reconhecido pela autoria de *Moby Dick, ou A Baleia* (1851). É menos conhecido pelo uso da CHU num romance escrito dois anos antes. Na verdade, *Redburn: O Seu Primeiro Viagem* (1849) é tão obscuro, baseado na sua primeira viagem de ida e volta entre Liverpool e a América em 1839, que algumas listas dos escritos de Melville nem sequer o mencionam.

No capítulo 48, titulado "Um Cadáver Vivo", o marinheiro engajado à força, Miguel Saveda, está tão embriagado que é confinado ao seu beliche nas profundezas do porão escuro do navio. À meia-noite do primeiro dia no mar, um cheiro intolerável vindo do porão acorda todos os marinheiros do convés. Alguns culpam um rato morto perto do beliche de Saveda, mas não! O cheiro vem do próprio Saveda.

Um marinheiro olha para o rosto de Saveda: para o horror silencioso de todos, dois fios de fogo esverdeado, como uma língua bifurcada, dardejaram por entre os lábios; e num momento, o rosto cadavérico foi percorrido por um enxame de chamas semelhantes a vermes... que crepitavam debilmente no silêncio, as partes descobertas do corpo queimavam diante de nós, precisamente como um tubarão fosforescente num mar à meia-noite... todo o rosto, agora envolto em espirais de uma suave chama azul, ostentava um aspeto de grimpa desafiadora e morte eterna. Prometeu, fulminado pelo fogo na rocha.

Saveda está tão morto quanto um rato afogado no porão, e ordena-se que o seu corpo seja abafado em cobertores e atirado ao mar. "Mais alguns

minutos", disse Redburn, "e caiu com uma bolha por entre os brilhos fosforescentes do mar lívido da noite, deixando um rasto coruscante enquanto afundava. Este acontecimento arrepiou-me de ponta a ponta com um horror indizível..."

Redburn fica mistificado, mas os seus companheiros de tripulação não: "os marinheiros pareciam familiarizados com tais coisas; ou pelo menos com as histórias de tais coisas terem acontecido a outros. Para mim, que naquela idade nunca tinha sequer ouvido falar de um caso como este, de combustão animal, quase pensei que o corpo em chamas era uma premonição do inferno dos calvinistas, e que o fim terreno de Miguel era um antegozo da sua condenação eterna." O beliche de Saveda é pregado para fechar, e ninguém volta a falar disso.

As cores coruscantes das chamas, a ausência de dor no rosto da vítima, as emoções de testemunhar e extinguir a CHU em curso compreendem uma potência gráfica única no tratamento da CHU na literatura clássica. Qual terá sido a inspiração de Melville? O analista literário William Gilman examinou o romance e declarou-o uma obra de ficção com aspetos de autobiografia. O académico especialista em Melville, Hershel Parker, verificou o diário de bordo da própria viagem de Melville a Liverpool, mas não encontrou "nenhuma combustão espontânea de um cadáver" e concluiu que Melville teceu os capítulos finais do livro em grande parte com base em material retirado de outras fontes — no entanto, "muito poucas das fontes" foram identificadas.

Na verdade, dezenas de casos de CHU anteriores a 1849 poderiam ter cruzado a secretária de escrita da mente de Melville, incluindo o do Sr. W. Mercer de Liverpool(!), cujos lábios entorpecidos cuspiam fogo como um "traço vermelho vivo semelhante a carvão" — um fenómeno relatado pelo *The Lancet* (1845) e pelas *Transactions of the Liverpool Pathological Society* (1845). Melville, um homem de leituras vastas, pode ter deparado com alguns ou todos estes episódios de CHU e recuperou-os do porão da sua mente retentiva quando se sentou para moldar magistralmente o horror a ser encontrado nas profundezas do navio por Redburn (cuja "autobiografia" compôs em menos de dez semanas).

Talvez ele tenha recorrido ao inconsciente coletivo de onde os escritores talentosos extraem imagens reais e tecem a sua ficção. Ou talvez tenha moldado Saveda com base num acontecimento real vivido em

primeira mão; talvez até testemunhado na sua própria viagem, embora nunca registado no diário de bordo. Os marinheiros do século dezanove eram um grupo supersticioso e dificilmente publicitariam um evento de tão mau agouro. Como o próprio Redburn observa sobre o destino de Miguel: "foram dadas ordens estritas à tripulação para não divulgar o que tinha acontecido aos emigrantes; mas, para isso, não precisavam de ordens." Neste aspeto, a ficção volta a imitar fielmente a vida: a CHU sempre foi um tema que provoca encobrimentos.

Ficção na Ficção da CHU

Dickens aprendeu com *Bleak House* que a controvérsia pode ser boa para as vendas de livros, como a maioria dos autores e editores pode atestar. Foi uma lição que Thomas de Quincey não pôde ignorar quando, na edição de 1856 de *As Confissões de um Opioógrafo Inglês* (1822), listou a CHU como uma das "Dores do Ópio" (embora a dor da CHU aflija mais frequentemente aqueles que enfrentam os seus restos cinzentos do que as próprias vítimas). Enquanto o debate Dickens-Lewes sobre o fim de Krook grassava, de Quincey escreveu que um torpor provocado pelas drogas lhe permitiu recordar uma memória oculta de que o ópio pode fazer com que um viciado se creme espontaneamente — um castigo terrível de que ele, curiosamente, se tinha esquecido ao escrever a primeira edição das suas memórias.

ABLAZE! É verdade, a memória seletiva é um estratagema de quem consome ópio. O mesmo se aplica ao oportunismo. Quando o argumento anti-CHU de Lewes pareceu triunfar contra Dickens, de Quincey desautorizou rapidamente a CHU. Assim, de Quincey desmascarou-se como o perpetrador de uma dupla ficção: a sua própria tentativa de boleia na carreira ascendente de Dickens, e o facto de chamar à CHU uma "fantasia popular" logo após se ter "lembrado" dela.

Do outro lado do Atlântico, um americano começou a produzir a sua própria ficção como os barcos de rodas de popa que agitavam o lamacento Mississípi, no qual a sua fama ficaria ancorada. A venerável obra de Samuel Clemens, *Vida no Mississípi* (1883), revela uma das "alusões literárias clássicas à Combustão Espontânea", diz Michael Harrison.

O episódio surge no Capítulo LVI, quando um cidadão pergunta se alguém se lembrava de quando o vagabundo inofensivo e embebido em

uísque, Jimmy Flynn, "morreu queimado na prisão?" Mark Twain respondeu que tinha olhado para o rosto suplicante de Jimmy e para as suas mãos que agarravam convictamente as barras de ferro e, durante "todas as noites, por um longo período de tempo depois", esse horror o perseguiu. Flynn tinha sido preso devido a *delirium*. Ali, disse Twain, o vagabundo "tinha usado os seus fósforos de forma desastrosa: tinha pegado fogo à sua cama de palha, e o revestimento de carvalho do quarto tinha ardido".

A ficção aqui reside no facto de *Vida no Mississípi* descrever a CHU. Não descreve. Nem sequer é politicamente correta. O seu único paralelo com a CHU é uma memória assombrada para aqueles que viram a alegada CHU de Jimmy. Em casos da vida real, essa memória é comum. Como foi para Don Gosnell que, nove anos após descobrir os restos mortais do Dr. Bentley, me disse: "Ainda me lembro do que vi tão claramente como a água..."

Jimmy Flynn não tem nada da estranheza da incineração na vida real de Patricia Cummins, de vinte anos, presa na Prisão de Holloway, em Londres, a 1 de março de 1974. Ela nunca chegaria à liberdade condicional. Os guardas ouviram-na gritar e "fumo preto e espesso" jorrou por baixo da porta da sua cela. O fogo, se era isso o que era, ficou confinado a um canto do que se tinha tornado agora num crematório. O canto onde a menina Cummins ardeu por completo. Disse-se que um cigarro esteve envolvido, mas seria incapaz de iniciar o incêndio que deixou as autoridades perplexas.

Nem a ficção de Twain pode rivalizar com a redução a cinzas comparável de todo o corpo de um inglês na prisão de Aldermaston. Anos antes, os seus crimes tinham levado ao seu encarceramento temporário na minúscula prisão de tijolos desta comunidade de Berkshire, do tamanho de uma latrina exterior, a cerca de quarenta e sete milhas a oeste-sudoeste de Londres... uma prisão da qual não haveria fuga terrena possível.

A CHU na Ficção Científica e Fantasia

"A ficção científica leva muitas vezes ao facto científico", observou Leonard Nimoy no programa *The New Explorers* da PBS-TV (18 de janeiro de 1995). Relativamente à CHU, o processo é inverso.

A combustão humana espontânea foi adaptada por autores, guionistas e cineastas do século vinte numa variedade de enredos de ficção científica e

fantasia científica. A CHU é o foco do conto de 1962 de Ted White e Marion Zimmer Bradley, "Phoenix". Max, possuidor de vastos poderes paranormais sobre coisas que se tornam insignificantes num mundo desprovido de sentido para ele quando perde a sua amante, usa o seu talento selvagem para se imolar num clarão de chama... apenas para ser imediatamente — e de forma extática — regenerado como "uma *gestalt* que era mais do que ele próprio".

A CHU tem um papel proeminente no romance de ficção científica de Paddy Chayefsky, *Altered States* (1980); no romance de Pat Groverson, *Invisible Fire* (1981); e no romance oculto de Jeff Fain, *The Burning* (1981), baseado em parte naqueles surtos reais de incêndios espontâneos do tipo *poltergeist* que atormentaram a casa de Charles Williamson em Bladenboro, Carolina do Norte, no início de 1932.

A CHU é lucidamente retratada no romance de Bob Shaw, *Fire Pattern* (1984), no qual uma jovem rapariga procura o seu pai para lhe transmitir um diagnóstico médico de que as suas dores abdominais recentes não passavam de uma vaga cólica. No quarto dele, as coisas estavam assustadoramente erradas:

Era difícil distinguir qualquer coisa por entre as lufadas do curioso fumo azul-claro, mas pareceu a Maeve que havia uma área enegrecida no pavimento perto do televisor. Dirigiu-se para lá, quase a sufocar com o odor adocicado e enjoativo no ar, e as suas mãos voaram nervosamente para a boca ao ver que o que tinha tomado por uma mancha preta era, na verdade, um grande buraco que tinha atravessado completamente o vinil e as tábuas subjacentes. Várias vigas do chão estavam expostas, com as superfícies superiores carbonizadas em curvas, mas — estranhamente — não havia nenhuma chama ativa. Na cavidade do chão, sustentada pelo teto da sala de máquinas abaixo, encontrava-se um monte de cinza cinzenta e fina.

"Pai?" Maeve olhou em redor com incerteza, temerosamente...

Em pânico, ela percebeu que aquilo era o pai. E assim, escreve Shaw, a pequena Maeve perdeu a sua inocência de infância.

Shaw poderia estar a descrever com precisão jornalística a história do Dr. Bentley ou da broca de fogo feminina em *Medical Jurisprudence and Toxicology* de Glaister. Se visualizar a CHU através da palavra escrita tem

menos apelo do que vê-la ser encenada, não tema: os guionistas do pequeno ecrã podem satisfazer o seu desejo.

ABLAZE! "Spell of Evil" (ITC Entertainment) foi um filme de 1974 feito para a televisão que incorporou a combustão humana espontânea. Também em 1974, o mistério "Crackle of Death" apresentou Darren McGavin como um repórter policial no encalço da CHU. *Kolchak: The Night Stalker* (1974 a 1975) dedicou um episódio a um jornalista frenético com faro para notícias demasiado bizarras para serem impressas, maravilhosamente interpretado por Darren McGavin (novamente) no papel principal, e à sua busca por um intruso sobrenatural que deixava para trás montes de cinzas de humanos cremados em casas intactas pelo fogo numa Chicago assombrada.

A comédia de sucesso da TV, *Barney Miller* (Four-D Productions), usou a CHU para fazer rir num episódio de 1979: um sem-abrigo é preso sob a acusação de fogo posto porque os incêndios deflagraram espontaneamente cinco vezes em dois anos no local onde vivia, e agora um cesto de papéis na esquadra de polícia incendeia-se espontaneamente na sua presença. "Desculpe", pede o Sr. Yago ao atordoado Capitão Miller, "não foi minha intenção exaltar-me [fazer-se em chamas]. Sou um combustível!"

Um "combustível" apareceu noutra comédia de sucesso com apetência para incorporar o bizarro, *Picket Fences* (CBS-TV). No seu episódio "Duty Free Rome" (28 de outubro de 1993), Bill Pugent, o afável presidente do município de Rome, é descoberto transformado num contorno de cinzas sobre a sua cama ainda a fumegar.

O vanguardista *Max Headroom* (ABC-TV) viu em 1987 a CHU como o resultado final de assistir a demasiados anúncios televisivos comprimidos no tempo num período demasiado curto.

Na série futurista sobre aventuras na estação espacial *Babylon 5* (Fox-TV), o episódio de 8 de junho de 1994 titulado "Mind War" mostra um telepata renegado e fugitivo a morrer por CHU, explicada como uma fusão mental que correu mal e que desmantelou a estrutura subatómica do seu corpo.

O sucesso de culto britânico *Doctor Who* viu o seu senhor do tempo (interpretado por Tom Baker) enfrentar a CHU num episódio titulado "The

Mask of Mandragora". Tendo apurado que a CHU era causada por uma energia alienígena cíclica, perguntaram ao Doctor Who como se proteger: "Mantenha a mente aberta. Esse é o segredo!" Bom conselho para qualquer viajante em território desconhecido.

Os guionistas não estão sozinhos no uso da CHU pelo seu poder de atrair atenções. Por mais estranho que pareça, os publicitários também usaram a CHU como ferramenta de marketing. O exemplo talvez mais bizarro — e que teve uma das exibições mais curtas (só o vi uma vez) — deve ter sido um anúncio televisivo de 1993 da Pepsi Cola. Um cliente sedento, diante de máquinas de venda automática da Pepsi e de um produto concorrente, colocou o seu dinheiro nesta última. Grande erro! transmitia a agência de publicidade da Pepsi, pois o cliente entrou em combustão espontânea após engolir a marca "errada" de cola.

A CHU também desempenhou papéis memoráveis no grande ecrã, embora talvez ignorados pela maior parte do público. Sabia que a CHU é retratada em *O Feiticeiro de Oz* (1939), quando Margaret Hamilton, no papel de Bruxa Má do Oeste, se derrete sem odor numa pilha fumegante de roupas intactas perante os olhos incrédulos de Dorothy?* (Curiosamente, esta dissolução do mal encarnado por CHU começa com a jovem heroína a atirar água contra a maldade que se ergue diante dela... e alguns relatos históricos mencionam o efeito de intensificação da chama que a água tem na CHU).

Scanners (Avco Embassy Pictures, 1980) lidou com crânios a explodir e assassinos em chamas, através de um fogo cerebral que o realizador David Cronenberg chamou de "um descontrolo das sinapses a que chamamos telepatia". *Altered States* (Warner, 1980) retratou graficamente a transformação flamejante de matéria em humanos de antimatéria. *Firestarter* (Universal Pictures, 1894) queimou mil e oitocentos galões de propano para alcançar os seus efeitos especiais pirotécnicos desencadeados por pirocinese induzida mentalmente.

O êxito de bilheteira de Steven Spielberg, *Os Salteadores da Arca Perdida*, recebeu um Óscar de Melhores Efeitos Visuais, destacando-se o clímax poderoso no qual os nazis malévolos se derretem perante o poder libertado da Arca da Aliança. *Lifeforce* (Tri-Star, 1985) utilizou a CHU como um horror de ficção científica que revelava o frenesi alimentar humano de extraterrestres; os seus efeitos especiais são impressionantes e

rivalizam com *Altered States* na representação precisa da CHU clássica — se não, esperemos, na razão pela qual ela acontece.

O excêntrico *Repo Man* (Edge City Productions, Universal/MCA, 1984) apresentava um Chevy Malibu de 64 sobrenatural com o derradeiro dispositivo antirroubo: uma bagageira com algo atómico e alienígena que, quando aberta, incinera instantaneamente qualquer potencial intruso. Na cena de abertura, um polícia de moto da Califórnia manda parar o Malibu e pergunta ao condutor: "O que é que tem na bagageira?" O condutor responde: "Não vai querer olhar lá para dentro." O polícia abre a bagageira e é vaporizado, deixando para trás apenas um par de botas a fumegar na berma da autoestrada enquanto o Malibu se afasta.

"O que poderia ter feito aquilo? Gasolina? Napalm?", pergunta um agente de investigação. "Acontece às vezes. As pessoas simplesmente explodem. Causas naturais", responde uma agente do governo no local, que acrescenta no seu relatório do incidente: "Não contar à polícia." A arte a imitar a vida, novamente...

Young Einstein (Warner, 1988) mostra o fogo a irromper dos sapatos e fumo dos ombros da estrela Yahoo Serious, ameaçando transformá-lo num clarão de luz. Quando avisado de que está a absorver demasiada energia, o jovem Einstein expressa indiferença, de forma relativa: "São apenas eletrões!"

This Is Spinal Tap apresenta bateristas de música rock que festejam de forma demasiado intensa e depois entram em autocombustão. E em *Spontaneous Combustion* (Media/Heron Communications, 1990), o filho de um casal de cobaias humanas da bomba atómica cresce e torna-se numa panela de pressão fervente com um braço que lança chamas (não de forma muito eficaz) neste filme de terror ineficaz no qual este autor serviu como consultor técnico (felizmente) não creditado.

A CHU tornou-se o culminar de *International Guerrillas* (1990) do Irão. Este filme de propaganda instava os fiéis muçulmanos a rezar para que Alá vingasse os clérigos do Irão e a si próprio pelos ataques blasfemos de Salman Rushdie em *Os Versículos Satânicos*. As suas preces são atendidas quando um raio laser vindo de Alá incendeia um duplo de Rushdie numa tentativa patética de CHU cinematográfica.

O filme de ficção científica *O Passageiro do Futuro* (1992) retratou o que poderia acontecer quando um cientista utiliza um homem com um QI baixo para testar teorias de simulação informática de realidade virtual, e depois tem de recuperar o controlo da sua criação após descobrir a capacidade não virtual deste para induzir a CHU.

O mesmo ano viu o lançamento de *Wilder Napalm*, um conto extravagante de dois irmãos que nasceram com a capacidade de incendiar mentalmente conflagrações em edifícios e pessoas, e como um optou por conter o seu talento selvagem enquanto o outro irmão procurava causar estragos flamejantes para enriquecimento pessoal. O final é um confronto ao estilo do Velho Oeste de pirotecnia humana.

Por último, *Como Água para Chocolate*, cujo tema é comer-é-ter-paixão. Termina com uma senhora a satisfazer a sua paixão ao comer fósforos... e depois a incendiar-se espontaneamente.

Ficção... Fantasia... Facto

A ficção científica e a fantasia incorporam, respetivamente, acontecimentos fora da experiência humana atual, mas fundamentados no realismo, e ideias fantasiosas que não se julgavam possíveis. O desafio para os *forteanos* — e para qualquer pessoa que estude seriamente a experiência humana da combustão espontânea — é este: Onde termina a ficção científica e a fantasia e onde começa o facto científico?

Por exemplo, a fantasia científica incluiria o Tocha Humana, o herói da Marvel Comics dos anos 1940 que combatia o mal com a sua capacidade mental de atear fogos. Incluiria Charlie McGee, a heroína de Stephen King em *Firestarter* (1980), que é normal em todos os aspetos, exceto no facto de ter o poder pirocinético de incendiar objetos com um simples olhar; um talento selvagem que se vê forçada a disparar contra um governo determinado a controlá-la.

* Um anúncio televisivo de 1995 parodia esta cena de pseudo-CHU: o coelho cor-de-rosa da Energizer tem tempo para molhar a Bruxa Má depois de as pilhas não-Eveready desta falharem; isto é, a confiança noutro produto que não o do patrocinador pode levar a consequências desastrosas.

Serão estas histórias totalmente imaginárias, contudo, para serem relegadas apenas para a ficção e fantasia?

"A ficção científica leva muitas vezes ao facto científico", observou Leonard Nimoy, de *Star Trek*, no programa *The New Explorers* (PBS-TV, 18 de janeiro de 1995). No reino dos pirofenómenos, o processo é inverso: o facto científico precede a ficção científica.

Na década de 1880, os curiosos e os céticos entregavam repetidamente os seus lenços a A. W. Underwood, de Paw Paw, Michigan. Porquê? Porque este afro-americano era um verdadeiro lançador de fogo humano na vida real! Quando colocava um pedaço de pano junto à boca e respirava, este irrompia subitamente em chamas e era consumido.

O Dr. L. C. Woodman tentou provar que Underwood era um aldrabão e submeteu-o a exames rigorosos antes e durante as suas demonstrações de combustão de lenços (com as quais Underwood nunca procurou lucrar). O Dr. Woodman relatou no *Michigan Medical News* (1882) que não havia qualquer logro. Underwood era, simplesmente, um iniciador de fogo humano cujo talento selvagem começara quando ele tinha doze anos e continuara por pelo menos uma dúzia de anos.

Quantos lenços foram incinerados durante esse tempo, o Dr. Woodman não se atreveu a adivinhar; mas notou que Underwood, quando andava à caça, costumava "deitar-se depois de juntar folhas secas e, ao respirar sobre elas, atear um fogo".

Muito antes, no início do século dezasseis, um alemão chamado Hans Odhar fez nome na sociedade de Paris. A sua proeza? A capacidade de expelir fogo pela respiração, de acordo com o livro de Warren Smith, *The Strange Ones*.

Mais recentemente, Lawrence Blair, na sua investigação sobre tradições culturais em redor do Anel de Fogo do Pacífico, filmou em vídeo um indonésio que conseguia acender papel amachucado passando a palma da mão sobre ele. (O que dirão os antropólogos à minha sugestão de que estes homens estavam a reacender uma habilidade de soprar fogueiras, há muito adormecida, outrora disponível para os primeiros antepassados do homem quando estes precisavam de aquecer as suas cavernas e cozinhar os seus mastodontes?)

A ficção científica e a fantasia ficam em segundo plano face ao facto científico no que toca à capacidade humana de criar combustão espontânea. Se estes iniciadores de fogo humanos vivem e respiram, não poderiam

também, ocasionalmente e de forma inconsciente, incendiar-se a si próprios?

Terá um Famoso Escritor de Ficção Morrido por um Fogo Fantástico Vindo do Interior?

A ficção e o terror têm sido tecidos em redor da CHU por autores há mais de um século. Terá a circunstância alguma vez invertido os papéis, gerando no seio da comunidade literária um horror real de combustão espontânea?

A primeira página do *The New York Times* de domingo (17 de dezembro de 1933) anunciou que o autor americano de policiais e *best-sellers*, Louis Joseph Vance, tinha morrido na manhã anterior num pequeno incêndio no seu apartamento de três divisões no décimo terceiro andar da Town House, no número 108 da East 38th Street, na cidade de Nova Iorque.

Vance foi encontrado "envolto em chamas numa poltrona estofada a arder... Todo o estofo da cadeira tinha sido consumido pelo fogo, restando apenas a sua estrutura de madeira". De resto, o fogo atingiu apenas uma mesa de café junto à cadeira e os cortinados da janela próxima.

O incêndio fatal foi inicialmente atribuído à conhecida inclinação do romancista de cinquenta e quatro anos para deixar cair negligentemente os seus cigarros; os seus danos localizados foram creditados à rápida descoberta e extinção. Trágico, mas não invulgar.

Na segunda-feira, a história, tal como os próprios romances de Vance, sofreu uma reviravolta tão bizarra como qualquer outra que ele tivesse engendrado na ficção, quando o *The Times* publicou esta manchete: "Morte por Fogo de Vance Torna-se Mistério". Tinha sido determinado que Vance estava despido da cintura para cima, contudo uma testemunha disse que parecia "como se a sua cabeça e ombros tivessem sido empurrados para dentro de uma fornalha ardente, ou transformados numa tocha humana ao serem regados com algum fluido combustível".

O médico legista assistente, Dr. Robert C. Fisher, ordenou rapidamente uma autópsia devido ao que designou como "a extensão invulgar das queimaduras sofridas pelo Sr. Vance". O médico legista assistente Milton Helpern, após realizar a autópsia, recusou-se a classificar

a morte de Vance como acidental porque também ele estava intrigado com a extensão das queimaduras e o alcance estreito das chamas. Uma lata quase vazia de benzina (um produto químico de limpeza inflamável) na casa de banho de Vance levantou suspeitas nas mentes dos médicos de que isso poderia, de alguma forma, explicar a ferocidade do fogo.

O Dr. Helpern pediu à polícia que investigasse. A polícia não conseguiu encontrar provas de crime no apartamento de Vance. Nem conseguiram associar o fogo, de forma alguma, à benzina. Os familiares de Vance disseram que era seu hábito economizar limpando as suas próprias roupas, e não viram nada de suspeito na sua presença. Então, como explicar o seu fim fogoso?

A morte de Vance é atribuída à CHU por J. Bryan em *Hodge Podge* (1986), e por Courtlandt Bryan no seu livro recente, *Close Encounters of the Fourth Kind: Alien Abduction, UFOs, and the Conference at M.I.T.* (1995). Eu não tenho tanta certeza.

É plausível, embora impossível de provar, que Vance estivesse de facto a limpar uma peça de vestuário embebida em benzina no seu regaço e a tenha incendiado com um cigarro ao desabar da cadeira após sofrer um ataque cardíaco ou simplesmente porque, como o médico legista-chefe Dr. Charles Norris anunciou após a autópsia, "o Sr. Vance estava embriagado até um ponto que habitualmente produzia torpor". Por outras palavras, uma morte acidental perfeitamente não paranormal devido a um infortúnio. Por outro lado, Louis Vance possuía de facto características encontradas em episódios anteriores de CHU/PC que apresentam menos incerteza: era um alcoólico inveterado e vivia sozinho como um quase viúvo, afastado da sua esposa.

Infelizmente, a história não pode revelar a verdadeira natureza da morte deste artista literário. Como o Dr. Helpern disse ao *The Times* (18 de dezembro de 1933): "É um caso muito estranho considerando a extensão da carbonização e queima de tecidos, especialmente porque nada no apartamento pegou fogo exceto a cadeira na qual o Sr. Vance supostamente tinha adormecido. A verdadeira explicação do que aconteceu talvez nunca venha a ser conhecida."

Psicanalisando a Arte da CHU

Demos uma volta completa na adaptação da CHU à arte. Desde a CHU como uma força divina além da compreensão humana que pune Herr Wieland por não cumprir a sua promessa a Deus; à CHU como um equalizador que simbolicamente queima os males sociais e as injustiças morais no homem; à CHU como uma arma sagrada sob o controlo da invocação humana para vingar a blasfémia contra um Deus submisso e restabelecer a retidão; até à CHU como o possível destino de um artista literário, o poder da CHU na arte é extraordinariamente rico. Bem como as teorias avançadas na literatura para a explicar.

As luminárias literárias Brown, Irving, Marryat, Melville, Zola e Balzac intrigaram todas os seus leitores ao usarem a CHU como um veículo para o mistério, a ignorância, o drama, a sátira, a punição, a justiça e o simbolismo. Curiosamente, cada um destes escritores clássicos descreveu a CHU sob a perspetiva de crianças; talvez os autores receassem despertar tanto a indignação pública como questões sobre a credibilidade de qualquer adulto que a apresentasse seriamente, ao passo que o "impossível" pode ser expresso em segurança através dos olhos ingénuos da jovem inocência.

Apenas Dickens fez com que a CHU fosse vista por adultos. Dickens aparentemente sentia-se seguro ao fazer com que olhos maduros observassem as evidências de bolas de fogo humanas, mas subestimou a celeuma que a CHU levanta. A ficção deles segue tão de perto o padrão clássico da CHU encontrado nos registos históricos e médicos que nos maravilhamos com a precisão das palavras e da inspiração destes escritores.

O filósofo literário Gaston Bachelard não apreciou esta precisão, no entanto. No seu livro *A Psicanálise do Fogo* (1964), repreendeu Zola por ser "pré-científico" ao convocar a CHU para punir Macquart. "Uma tal história, inteiramente produto da imaginação", disse ele sobre *Le Docteur Pascal*, "é particularmente perturbadora quando vem da pena de um escritor naturalista [e] leva a pensar que Zola construiu a sua imagem da ciência com base em devaneios ingénuos..."

Para Bachelard, usar a CHU mesmo como metáfora (quanto mais como um incidente real) era escandalosamente grave. "No século dezanove não há virtualmente relatos de casos de combustão espontânea [humana?]", declarou Bachelard, apoiando-se nos pronunciamentos de Lewes e Liebig. Seriamente? A combustão espontânea, continuou Bachelard, "tornou-se

gradualmente metafórica e dá lugar a piadas fáceis sobre os rostos vermelhos dos bêbedos, sobre o nariz rubicundo que um fósforo poderia incendiar. Estas piadas são, além disso, imediatamente compreendidas, um facto que prova que o pensamento pré-científico subsiste por muito tempo na linguagem falada. Subsiste também na literatura."

Subsistir, subsiste, mas apenas como metáfora? Pergunto-me como responderiam uma dúzia de médicos franceses do século dezanove que testemunharam favoravelmente a favor da CHU, alguns dos quais viram o seu rescaldo em primeira mão, ao verem as suas opiniões difamadas por um crítico literário do século vinte que nunca deve ter olhado para além da ponta da sua caneta? Todos eles, suspeito, não compreenderiam a piada que Bachelard julga ter visto. O Dr. E. G. Archer, que relatou um caso clássico de CHU ao Royal College of Surgeons em 1905, certamente não teria encontrado qualquer humor.

Bachelard deixou passar algo que, a esta altura, deveria ser evidente: que os romancistas, bem como os escritores de não-ficção, têm todo o direito de dotar a sua arte com a combustão espontânea em humanos, utilizando-a ou não como metáfora ou alegoria.

A Extraordinária Morte que o Dr. Bofin Viu

O médico entrou na divisão minúscula, de cinco lados e enegrecida pela fuligem, e começou a olhar em redor. Num canto, descobriu dois pés humanos calçados com meias, com apenas alguns centímetros da parte inferior das canelas. A nove pés de distância das pernas decepadas pelo fogo estava um televisor, com a sua estrutura de plástico contorcida pelo calor e derretida em redor do tubo de imagem. Uma moldura com uma foto ao lado permanecia intacta, com o vidro sem uma única racha.

Nada pelo meio tinha pegado fogo na câmara mortuária de setenta metros quadrados, desprovida do cheiro a morte. Nem as pernas da cadeira de travessas de madeira tombada sobre o topo do pico de cinzas onde outrora estivera uma pessoa... nem o linóleo por baixo das cinzas amorfas, embora tivesse carbonizado apenas um pouco... nem o edredão de penugem que cobria a cama a dois pés de distância... nem o monte de sal branco e brilhante derramado no chão a partir da sua caixa de plástico aberta por rasgão ao lado do par de pés.

Os seus olhos voltaram a esse monte, que outrora fora carne, e olharam mais de perto. Horrorizado, enterrou as mãos no resíduo poeirento. Retirou apenas o mais leve vestígio de osso. Nenhum crânio, nenhuma coluna vertebral, nenhuma pélvis, nada corporal que tivessem ensinado ao médico como sendo o mais impermeável ao fogo. A sua mente recuou até *Bleak House*; esta cena assemelhava-se tanto à do velho Krook.

Quem escreveu esta ficção? Ninguém. Isto não era nenhum melodrama vitoriano ou fantasia de guionista. Isto era a vida real. O médico que olhou em redor da sala é Patrick J. Bofin. O local é o número 33 da Prussia Street, em Dublim, Irlanda. A hora é 9:30 da manhã de 28 de março de 1970. O monte de cinzas tinha sido a Sra. Margaret Hogan.

Como coroner da cidade de Dublim, o Dr. Bofin chegou ao local após ter sido alertado pela polícia para uma morte estranha que queriam que ele examinasse. Percebeu imediatamente que as circunstâncias eram invulgares: "Não vi um corpo. E tive de olhar com, com cuidado para encontrar os pequenos pedaços de corpo que estavam, que estavam lá." Mesmo ao recordar, ele gaguejava para conseguir proferir as palavras. "Eu esperaria maiores danos causados pelo fogo no quarto. E isto não vi."

O que viu o Dr. Bofin no quarto desta viúva de oitenta e nove anos? Viu, após um exame muito minucioso, num canto daquele quarto muito pequeno, apenas pequenos danos causados pelo fogo — exceto na vítima. Disse ele: "As únicas partes que restam da senhora são os seus dois pés. Apenas os seus — dois pés guardados nas meias ali." A Sra. Hogan tinha-se literalmente, na íntegra e de forma inequívoca, desintegrado mesmo até aos ossos das canelas num fogo muito localizado. Fez o mesmo algures desde as quatro horas da tarde anterior, depois de a amiga Kathleen Rigney a ter visitado para lavar os pés e o cabelo da sua idosa amiga, e a ter deixado sentada perto de uma grelha de lareira.

"Reconheci isto então como um caso daquilo que nós, em medicina forense, consideramos como um — o que chamamos entre nós — um caso de combustão espontânea. Ora, isto nós consideramos como algo invulgar, raro e digno de nota", disse ele. A cena recordava-lhe de facto Dickens, exceto que isto não era literatura.

Bofin ocupou-se a tomar nota do que jazia diante dos seus olhos maravilhados. Esperava encontrar um grande calor; não encontrou.

Esperava estabelecer uma ligação entre a pequena lareira a carvão do quarto e a redução a cinzas desta viúva; não conseguiu. Esperava ver um elo entre a mulher incinerada e o televisor derretido; não havia nada para encontrar. Esperava ver o vidro da fotografia rachado: "Aquele não rachou. Porque é que isso não haveria de ocorrer, não sei."

Embora não o tenha mencionado, o próprio facto de ter deixado de comentar a ofensa olfativa de investigar este incêndio nos seus limites extraordinariamente pequenos é a prova de que o odor nocivo característico e avassalador dos fogos normais de carne não estava presente aqui.

Estas, disse ele, "são características que vão constituir aquilo a que os cientistas forenses chamam — e usando sempre aspas — 'combustão espontânea'". Num ser humano, pretendia ele acrescentar.

No inquérito judicial tornou-se apologético, quase envergonhado por admitir a CHU: "Combustão Espontânea não significa que os fogos sejam de facto espontâneos na sua origem. É simplesmente um termo mantido na literatura forense para descrever um conjunto de circunstâncias em que uma pessoa morre queimada sem uma fonte óbvia de fogo..."

Professor de Medicina Forense no Royal College of Surgeons, o Dr. Bofin não só confirmou para a sua profissão a exatidão da definição de CHU, como atestou a realidade da sua natureza interna ao ser incapaz (tal como os investigadores da polícia) de identificar qualquer fonte exterior à Sra. Hogan que pudesse explicar os factos que tanto o fascinavam mas confundiam.

Na sua carreira médica de vinte anos, lidou com cerca de cinquenta mortes por queimadura anualmente, e esta foi a primeira vez que encontrou o que podia — e fez — descrever como combustão humana espontânea. Alguns dos seus colegas médicos-legistas, disse ele, tinham servido na profissão há muito mais tempo do que ele e nunca tinham visto a CHU.

A 3 de abril, o tribunal de inquérito emitiu o veredito sobre a causa da morte. "Desconhecida".

O caso tem assombrado o Dr. Bofin desde então. "Bem, foi invulgar", admitiu ele em 1985, "e continua a ser invulgar. Não vi nenhum desde essa altura. É difícil — é difícil de explicar, sim. Mas a coisa que tenho de

enfatizar é que é extraordinariamente raro." Raro, sim. Mas raro não significa impossível.

O Dr. Bofin ofereceu um ponto de vista filosófico: "O aspeto lamentável disto é que vi apenas um caso. Vi-o quando não estava preparado. O próximo médico-legista que vir um caso também verá o seu caso despreparado. E vemos tão poucos. Não há material adequado para uma noção de investigação devidamente disciplinada..."

Por vezes, o meio mais eficaz para educar as pessoas sobre as anomalias da vida é através da arte. Arte que imita a vida de forma fiel e precisa. Quanto mais o artista souber sobre os factos da CHU, mais realista poderá ser ao moldar as suas metáforas incendiárias e mais próxima a sua inspiração criativa poderá chegar de descrever como deve ser ver a CHU; experienciar a CHU; até mesmo explicar por que razão ela pode acontecer da forma que acontece.

Como diz o poema de Lord Byron sobre Don Juan, "a verdade é mais estranha que a ficção".

20. A Caminho de Incinerações Incríveis

Estranho, não é?...

Nem um regressa para nos falar do Caminho,

O qual, para descobrir, temos de percorrer.

— Edward FitzGerald, *The Rubaiyat of Omar Khayyam* (1859)

"Como é que encontra estes casos de combustão humana espontânea?", perguntam-me frequentemente. Os caminhos são muitos, quase tão numerosos como os detratores da CHU.

Os arquivos das bibliotecas provaram ser uma fonte frutífera e, a julgar pela camada de pó sobre algumas das carroçadas de tomos médicos analisados, devo ter sido a primeira pessoa neste século (se não há mais tempo) a abrir as suas páginas e a ressuscitar "novos" incidentes enterrados na obscuridade histórica. Colegas de investigação, palestras e aparições na televisão (nomeadamente no programa *That's Incredible!* no início da década de 1880), e até tabloides de supermercado renderam pistas úteis.

Casualidade, sincronicidade, anjos da biblioteca, sorte: chamem-lhe o que quiserem, isto também tem uma chave para descobrir e investigar

alguns casos. E não há como evitar o único tema que atravessa todas estas rotas em direção ao estranho: a tolerância, a dedicação, além do trabalho puramente árduo.

No entanto, o estudo da CHU não está sempre relegado para o tedioso folhear de pilhas de livros médicos antigos. O verão de 1980 foi uma das muitas vezes que passei a rasto da CHU. Literalmente.

Começa uma Odisseia de CHU

Numa conferência em julho daquele ano, LaVerne Olsen ouviu-me a falar sobre a CHU e contou-me sobre um possível caso em Plymouth, uma cidade perto da sua casa no Minnesota. Por volta da mesma altura, outra pista colocou-me em contacto com o Oficial Tipton, que disse que teria todo o prazer em sentar-se e recordar o mistério de Reeser caso eu alguma vez me encontrasse na Carolina do Norte. Depois, a WLS-TV levou-me de avião para a cidade para ser convidado no seu programa líder de audiências, *AM Chicago*, e falar sobre a CHU. Dan Weinberg por acaso viu o programa nesse dia e, atenciosamente, telefonou-me para casa para dizer que eu deveria falar com o chefe dos bombeiros em Bolingbrook, Illinois.

Telefonei ao Chefe dos Bombeiros Vincent Calcagno, cujo Corpo de Bombeiros de Bolingbrook tinha enfrentado um incêndio problemático recente. Tendo acabado de saber da minha investigação, instou-me a ir a Bolingbrook para analisar o caso com ele. Uma proposta que eu não podia recusar —

Preparei a minha moto com mantimentos e mapas do Midwest e fiz-me à estrada. A grande estrada para a aventura investigativa tinha começado.

O primeiro destino foi a Carolina do Norte para me reunir com o Oficial Tipton, cujos comentários sobre o caso Reeser já leu. Depois seguiu-se Bolingbrook. Mas primeiro, uma paragem em Nokomis, Illinois.

Um recorte de jornal do *Bloomington-Normal Pantagraph* (13 de junho de 1975) encaminhado pelo conhecido escritor forteano Brad Steiger levou-me a esta cidade na cintura agrícola do centro de Illinois. A sua história dizia que um tal Richard Johnson tinha acordado com os gemidos da sua esposa despida, Sarah Johnson, de sessenta e cinco anos, deitada na cama ao seu lado. Ela estava "gravemente queimada" num quarto privado

de fogo e morreu poucas horas depois. "Estou mistificado com toda a situação e pedi ajuda ao laboratório de autoridade forense em Springfield", disse o Chefe de Polícia de Nokomis, James Cohan, ao jornal.

CHU? Certamente soava estranho. Valia a pena dar uma espreitadela. Quão estranho, nem eu próprio estava preparado para isso.

Entrei em Nokomis numa manhã deliciosamente ensolarada, passei pelos silos de cereais, parei na redação do jornal para ler sobre a morte da Sra. Johnson em pormenor, e depois entrevistei as autoridades envolvidas no caso. Sim, a Sra. Johnson tinha sido encontrada queimada (obviamente não reduzida a cinzas) na sua cama não queimada; sim, Cohan tinha admitido que o seu departamento estava perplexo. Ao princípio. Havia factos adicionais não contidos na história inicial do jornal.

Cohan disse-me que tinha descoberto provas incontestáveis que ligavam os ferimentos da mulher a um estranho rito que a sua família tinha realizado num cemitério a uma milha de distância da casa deles. Os pertences dela foram encontrados lá, disse Cohan, juntamente com "fósforos por todo o lado". E mais: "Havia definitivamente um acelerante ali" — a equipa do hospital tinha encontrado "um quarto de galão [cerca de um litro] de gasolina no estômago dela!" Que horror.

Passei pela esquadra de polícia e conheci o atual chefe de polícia, William D. Haines, e o seu chefe assistente, Steve Zuck. Ambos disseram concordar com Cohan: que a mulher tinha sido carregada para a cama depois de se ter queimado noutro local. O porquê de ela ter engolido um quarto de galão de gasolina, e como sobreviveu a isso (apesar das suas queimaduras) durante doze horas, eram perguntas a que ninguém sabia responder.

Sarah Johnson não morreu como uma bola de fogo humana em circunstâncias desprovidas de acelerantes, mas sim em circunstâncias tão estranhas — se é que algo pode ser — como a CHU. O que aconteceu, não sei, exceto para concluir que a morte de Sarah Johnson, embora bizarra, não é anómala.

O subchefe Zuck confessou que não conseguia acreditar na CHU, até que o caso Johnson o fez perceber o quão estranha a vida humana pode ser. Enquanto ele e o seu chefe se mostravam perplexos perante as fotografias da queima inexplicável do Dr. Bentley que eu lhes entreguei, o Chefe

Haines comentou: "Ouve-se falar cada vez mais sobre isso a toda a hora." Eu estava prestes a ouvir falar muito mais. Próxima paragem: Bolingbrook.

O Caso Beatrice Oczki

Às vezes temos de esquecer o que sabemos para conseguir um avanço. Sra. Beatrice Oczki — vítima de um incêndio numa cadeira em Bolingbrook, Illinois. Assim determinou o tribunal de instrução do condado de Will. Nem todos nesta comunidade a vinte e cinco milhas a sudoeste de Chicago concordaram. O Chefe dos Bombeiros de Bolingbrook, Vincent Calcagno, estava entre os oponentes mais firmes. Porquê?

A incerteza começou na sexta-feira à noite, 23 de novembro de 1979, quando Frank Oczki saiu de casa para o fim de semana, deixando a sua mãe de quarenta e nove anos sozinha. Tinha sido um ano difícil para ele e para Beatrice, cujos problemas de saúde a tinham levado a mudar-se para a casa dele apenas alguns meses antes. Frank achava que as coisas estavam a mudar para melhor. Saiu por volta das 19:00, despedindo-se da mãe. Ninguém sabia que a vida dele e da mãe seria em breve virada do avesso outra vez.

No início da tarde seguinte, a ex-mulher de Frank abriu a porta da frente da casa suburbana de rés-do-chão e andar de estilo americano dos Oczki. Parada no átrio de entrada, percebeu que estava extremamente escuro e excessivamente quente. Uma camada de fuligem incrustada manchava os interruptores de luz ao lado da porta. Olhou para o piso inferior e notou uma pilha de material carbonizado onde a sua sogra costumava sentar-se a ver televisão. Ligou para a polícia para reportar um incêndio numa cadeira.

A chamada foi registada às 12:30. A polícia de Bolingbrook chegou e chamou o corpo de bombeiros, cujos operacionais chegaram às 12:40. Para lá deste ponto, os procedimentos normais terminaram abruptamente, para serem substituídos por confusão, incerteza e espanto.

No centro da sala de convívio no nível inferior, encontraram o que parecia ser o rescaldo de um simples incêndio numa cadeira, até que as lanternas se focaram nele. "Foi aí que saltou à vista de todos — estava ali uma forma humana! Mas olhar para aquilo na escuridão da casa", disse Calcagno, "era um problema para se ver."

Era o primeiro de muitos problemas. A cena que confrontava os investigadores desafiava a lógica. A cadeira estofada de encosto alto estava queimada quase até à desintegração. O seu encosto parecia ter sido forçado para trás, partindo-se antes de cair no chão. Farrapos de tecido carbonizado pendiam da estrutura de madeira. O almofadado do assento estava quase completamente consumido pelo fogo, revelando as suas molas ainda enroladas por baixo. A carpete de cor ocre estava enegrecida num círculo estreito sob a cadeira. O canto frontal inferior da cadeira desabou, intacto, sobre a carpete entre as pernas da Sra. Oczki.

Da própria Sra. Oczki, pouco restava. "Cada gota de sangue foi consumida", afirmou um mistificado Calcagno. "Havia alguns dedos em falta. Carbonização total! A única coisa que estava relativamente intacta era sensivelmente de metade da barriga da perna para baixo, até aos pés. Isso estava relativamente intacto. Dava para notar que pertencia a um ser humano. Mas era só..."

As queimaduras de terceiro grau nas suas pernas paravam abruptamente no topo das suas meias de algodão branco, as quais proporcionavam um contraste vivo com a sua pele calcinada e com os sapatos pretos que calçava, eles próprios tão imaculados como as meias. Usava um aparelho ortopédico na perna esquerda: as suas tiras de couro tinham ardido, deixando os suportes metálicos ainda fixados ao sapato, mas sem uma perna inteira para apoiar.

O fogo — se é que se deve chamar isso — tinha queimado profundamente as laterais do seu tronco e devorado o seu armo esquerdo até ao osso. O seu relógio e a sua bracelete de metal dourado oscilavam agora a partir de um osso carbonizado do pulso. O seu ombro direito, braço direito e mão direita já não existiam. A sua cabeça, embora gravemente queimada, parecia inteira.

A Sra. Oczki tinha-se rendido à sua cadeira e ao braseiro que rodopiou em redor de ambas, tal como Mary Reeser fizera antes dela. Essencialmente, Beatrice rivalizava com uma cremação de mais de 2500 °F interrompida a meio.

No entanto, as evidências esperadas de combustão simultânea e danos extremos causados pelo fogo noutras partes da sala eram, tal como o lado direito da mulher, virtualmente inexistentes.

Os investigadores não podiam ignorar um banco estofado coberto de vinil verde a apenas quatro polegadas do pé direito de Beatrice, nem o sofá imediatamente à esquerda do banco. O fogo conseguiu ignorar largamente ambos! O vinil no banco derreteu apenas na parte que estava voltada para a Sra. Oczki. O sofá, a seis polegadas do seu pé esquerdo, não mostrava um único vestígio de fogo ou calor; na verdade, todo o sofá estava resguardado por uma capa de plástico transparente que mostrava apenas a mais leve distorção pelo calor! No chão jazia uma manta de croché cor-de-rosa, na verdade debaixo da ponta do seu sapato esquerdo. A manta parecia ter acabado de ser lavada!

Imediatamente à esquerda da Sra. Oczki situava-se uma mesa de apoio hexagonal. O calor do fogo a apenas três polegadas de distância derreteu um dos seus painéis decorativos de plástico, que agora escorria de forma surrealista em direção ao chão como caramelo esticado. O canto da mesa mais próximo da Sra. Oczki não tinha carbonizado. Um telefone Trimline branco brilhava sem mácula, com o seu fio em espiral apenas ligeiramente distendido pelo calor enquanto pendia em frente ao painel derretido da mesa.

O quebra-luz de um candeeiro de mesa estava levemente revestido (na zona mais próxima da Sra. Oczki) por uma faixa de seis polegadas de largura de fuligem castanha-caramelo; de resto, ele e a sua lâmpada estavam intactos. (Após dez minutos a 900 °F, uma lâmpada irá amolecer e distorcer-se em direção à fonte de calor). Uma coleira de cão, um *TV Guide* e outras revistas ali caídas poderiam ter sido confundidos com novos.

Uma coluna de calor tinha subido a pique para descascar a tinta num círculo de três pés no teto, mas não quente o suficiente para danificar o pladur por baixo. Além desta área queimada, o teto estava salpicado com estalactites minúsculas de tinta borbulhada que se assemelhavam a bombons de chocolate invertidos.

Outros fatores sobressaíam. Numa prateleira ao longo do topo da parede atrás da Sra. Oczki, uma de três garrafas de cerveja tinha explodido, pulverizando o seu conteúdo como arte abstrata na parede e no teto. Perto dali, cortinados que iam até ao chão curvavam-se devido a varões de cortina derretidos. Na outra extremidade da sala, cortinas de plástico tinham derretido saindo dos seus ganchos e jaziam no parapeito da janela,

enquanto um televisor abaixo transmitia o rugido de um jogo de futebol americano na sala, de resto, silenciosa como uma rocha.

Aqueles que estavam dentro da casa dos Oczki não estavam interessados em futebol americano neste fim de semana de Ação de Graças. Enfrentavam algo muito mais intimidador do que a linha de frente de qualquer equipa de futebol universitário. Um agente de Bolingbrook, com a mão no bolso e a cabeça baixa, olhava fixamente com profunda perplexidade para a cadeira incinerada diante de si e ponderava: Como diabo pôde isto acontecer? Como diabo vamos explicar isto?

No andar de cima, a fuligem tinha-se agarrado a um espelho na casa de banho, ao lavatório e a toalhas e frascos em prateleiras acima da sanita. Perto dali jazia uma cópia de *The Shining* de Stephen King, sobre um hotel assombrado consumido pelo fogo. No chão jaziam dois cães de estimação, asfixiados pela falta de oxigénio ou mortos pelos gases tóxicos da combustão (muito provavelmente monóxido de carbono). Este incêndio da vida real tinha começado a assombrar os seus investigadores. Ninguém conseguia dizer exatamente como tinha sido a morte da Sra. Oczki... exceto que não se parecia com nada que nenhum deles tivesse visto antes!

SONDANDO MAIS FUNDO

A polícia de Bolingbrook limpou rapidamente a cena do crime, devolveu a casa à família e atribuiu a morte a "materiais de fumar". Quando Calcagno regressou a Bolingbrook após um fim de semana fora, expressou uma forte discordância em relação a esta determinação. "Isso não está correto!", retorquiu ele à polícia. "Não posso aceitar isso! Há demasiados danos." O Chefe dos Bombeiros, Terrence Droogan, também não estava satisfeito. "Deixa-me completamente perplexo", disse ele, notando que uma temperatura extrema não era indicada — exceto na própria Sra. Oczki.

Temendo que pistas úteis pudessem ter sido negligenciadas na pressa com que a polícia varreu as evidências, Calcagno insistiu para que se realizasse um exame toxicológico. Não foram encontrados hidrocarbonetos, contudo, provando que nenhuns acelerantes alimentaram o fogo. Um crematório completou depois o que Beatrice Oczki tinha ela própria começado.

Nove meses mais tarde, enquanto eu estava sentado com ele no seu gabinete na ultramoderna sede de segurança pública de Bolingbrook,

Calcagno confessou: "Ainda temos as nossas dúvidas sobre o que aconteceu." Bill Ferguson, um funcionário legista adjunto do condado de Will atribuído ao caso, também tinha dúvidas. Inicialmente.

"Meu Deus, isto parece combustão humana espontânea", pensou ele para consigo quando viu as fotografias do incêndio pela primeira vez. Verificou com especialistas. Funcionários na sede da National Fire Protection Association disseram-lhe que nunca tinham ouvido falar de CHU (embora a NFPA soubesse da nossa investigação desde 1975). Portanto, Ferguson anunciou que a Sra. Oczki tinha deixado cair um cigarro sobre si própria, iniciando um fogo brando que queimou lentamente o enchimento de algodão da cadeira e o corpo que nela se sentava.

Ora, quantas vezes já ouviu isso antes? O que pensava Calcagno sobre esta determinação? "Chame-me realista!", disse ele sardonicamente, com a voz a vibrar perante qualquer insinuação de que seria incompetente para identificar um incêndio normal numa cadeira. "Já vi fotografias de pessoas que morreram em cadeiras estofadas devido a materiais de fumar, e os danos não chegam nem de perto ao que isto é!", disse ele com rancor, apontando para as fotos da Sra. Oczki. Calcagno e Droogan não tinham paciência para a teoria do cigarro caído e da cadeira em combustão lenta, isso era certo.

"Não foi um homicídio. É impossível! Quero dizer, se alguém pegasse num maçarico, não conseguiria fazer aquilo", insistiu Droogan com veemência. "Bem, exato!", interveio Calcagno, explicando como os seus homens tinham procurado por materiais que pudessem propagar as chamas. "Picámos o betão e o azulejo do chão, fomos até ao betão, e nada foi encontrado. Como é que aconteceu?" Não gostaria de saber também?

Na presença de Calcagno, Droogan e outros bombeiros de Bolingbrook que estavam fascinados pelo caso, sondei, examinei e questionei cada ângulo que me ocorreu seguir. A conversa saltava rapidamente de um lado para o outro. E quanto ao cheiro? "Entrei lá e não cheirei nada, absolutamente nada!!", respondeu Droogan imediatamente. "Já cheirei muitos sítios com fumo, e eles fedem! Este não cheirava da mesma maneira!"

Havia carga de combustível suficiente para sustentar um fogo durante tanto tempo e com calor suficiente para causar tantos danos a um ser

humano? Calcagno: " Não havia forma de aquela cadeira poder ter desenvolvido tais temperaturas para causar aquela quantidade de danos. Não havia carga de combustível suficiente sequer para iniciar uma tal sequência de acontecimentos."

O chefe dos bombeiros recordou um automobilista preso pelo incêndio de um camião-cisterna de gasolina: "milhares de galões de gasolina a arder intensamente... quando o parámos para tirar, ele desfez-se em pedaços. Foi a única coisa que vi que se poderia comparar. Isso é convencional." Calcagno claramente considerava o fogo na Sra. Oczki não convencional. Assim como Droogan, que apontou para a foto do incêndio de uma enorme fábrica industrial que tinha ajudado a extinguir. Ali, disse ele, apesar de uma mistura de produtos químicos inflamáveis, a temperatura "não estava muito acima dos 1700 graus!"

Qual teria sido a temperatura na casa dos Oczki? "Estavam 98 graus [cerca de 37 °C] quando entrei no edifício", respondeu Droogan. As minhas perguntas sobre os gradientes térmicos na sala levaram a um consenso de que a temperatura teria de ter sido de pelo menos 120 °F [~49 °C], mas não muito acima dos 400 °F [~204 °C]. Quando isto foi totalmente compreendido, um silêncio prolongado invadiu o gabinete do chefe dos bombeiros.

Mais surpresas aguardavam. Uma linha de demarcação circundava a sala inteira aos cinco pés [~1,5 metro]. "Abaixo disso, estava limpo! Nada!", comentou o Chefe Droogan. O fumo sobe num incêndio, depois espalha-se e desce, disse eu para efeitos de argumento. "Mas tem de haver algum tipo de depósito na mobília", contrapôs Droogan. "E não havia nada desse género!... Simplesmente não se pode ter esse tipo de calor durante aquela duração e, e não queimar a casa toda." Obviamente que se pode. Os bombeiros ficaram aliviados ao saber que a mesma demarcação de fumo distinta tinha sido relatada noutros casos semelhantes. Neste caso, cada prego do pladur e cada viga de madeira foram identificados por pontos e linhas escuras onde a fuligem da combustão foi atraída (talvez por ionização) para o ferro e para a madeira por trás das paredes e do teto. A mesma situação foi encontrada no andar de cima.

Os bombeiros pensavam todos que o interior da casa tinha arrefecido gradualmente durante a noite à medida que o fogo diminuía. Estavam guardados para mais uma surpresa, quando perguntei pelo relógio de pulso

dela. "Aqui está o braço esquerdo dela, está completamente destruído", disse Calcagno, olhando para uma fotografia. "No entanto, aquele relógio está em perfeitas condições de funcionamento. Perfeitas! Nem sequer parece ter sido chamuscado... dava para ler claramente os números." Alguns bombeiros que se tinham reunido em redor, ouvindo o caso ser discutido com esta profundidade pela primeira vez, pareciam profundamente intrigados. Calcagno expressou novamente o seu próprio espanto. Por vários momentos, todos ficaram no silêncio dos seus próprios pensamentos. (Ao fundo, um rádio passava "Alone Again, Naturally" de Gilbert O'Sullivan — simbolizando exatamente como cada um se sentia enquanto o caso era revisto para meu benefício).

Isto levou a uma consideração crucial em qualquer tentativa de verificar a CHU: o fator tempo. O relógio tinha parado de funcionar porque, presumivelmente, o calor tinha derretido alguns dos seus componentes delicados. Que horas mostrava o relógio? "Cerca das 12:15", recordou Calcagno. Até este ponto, todos tinham assumido que o incêndio que matou a Sra. Oczki tinha começado logo após a meia-noite, ardera lentamente (ou fizera furor) durante as doze horas seguintes, arrefecera até aos 98 °F e extinguira-se devido à falta de oxigénio antes de a sua nora abrir a porta da frente, cerca de meia hora após o meio-dia. Na minha mente pairava uma possibilidade mais surpreendente.

"O relógio do andar de cima também parou", acrescentou Droogan. Leu o relatório dos bombeiros: "'o relógio no segundo andar caiu da parede e parou às 12:20 da manhã'. Isso faz sentido", raciocinou Droogan.

"Mas não necessariamente!", interrompeu Calcagno, alerta como um piloto da Marinha prestes a fazer a sua primeira aterragem noturna num porta-aviões. Eu já sabia o que ele ia dizer, quando exclamou: "Não 12 horas! Poderá ter acontecido 20 minutos antes!" Na verdade, poderia. Notei que a polícia recebeu a chamada da nora às 12:30 da tarde. Olhei cada bombeiro nos olhos enquanto dizia calmamente: "Na verdade, poderão ser apenas 10 a 15 minutos desde o momento em que os relógios pararam até __"

Um silêncio instalou-se no gabinete do chefe dos bombeiros que deve ter rivalizado com o da casa dos Oczki quando as autoridades ali chegaram pela primeira vez, a 24 de novembro. Eu estava preparado para esperar um corpo a incinerar-se a si próprio num espaço de tempo tão curto; os

bombeiros, por outro lado, não estavam! Significava que o impossível poderia ter visitado Bolingbrook. Significava que a Sra. Oczki poderia ter-se queimado por completo em não mais do que dez a quinze minutos; que a sua nora falhou por minutos ser testemunha do fogo interior. Finalmente, o Chefe dos Bombeiros Calcagno quebrou o silêncio ao falar em nome dos seus homens, enunciando lentamente cada palavra para dar ênfase: "É tão simples quanto isto, não consigo decifrar."

IMPORTANTES NOVAS REVELAÇÕES NO CASO OCZKI

Estava na hora de sair. "Até amanhã", disse Calcagno. Só conseguia imaginar as discussões que ele e os seus homens teriam nessa noite ao jantar. Obviamente que esta não era uma morte por incêndio normal. A CHU servia perfeitamente, embora não na forma clássica, porque aqui foram as extremidades e as laterais do corpo que sofreram os danos mais graves. Havia algumas coisas que estes profissionais dedicados não me conseguiam contar. Eu queria saber mais sobre a própria Sra. Oczki. Que tipo de mulher era ela? Haveria pistas na sua personalidade, ou ações momentos antes da sua morte prematura, que pudessem trazer uma compreensão que tanto escapava aos investigadores do incêndio? Eu não estava pronto para dar o dia por terminado.

O filho dela, tinham-me dito, ainda vivia na cidade. Esperava falar com ele. Encontrei a casa dos Oczki, estacionei a moto, engoli em seco e toquei à campainha. Um homem atravessou a rua vindo do outro lado. Era Frank Oczki. "Não, acho que não quero falar sobre isso", disse educadamente quando lhe expliquei o motivo da minha presença. "Veio mesmo de mota desde a Pensilvânia?", perguntou ele depois com incredulidade na voz, tendo reparado na matrícula. "Sim. Especificamente para saber mais sobre o falecimento da sua mãe." Ele hesitou um momento. "Entre. Vou ajudá-lo se puder."

Frank mostrou-me um retrato de casamento da sua mãe. Tinha sido uma senhora de uma beleza impressionante, elegante, com cinco pés e sete polegadas [~1,70 metro], olhos castanhos e cabelo castanho-escuro. "Quando faleceu", disse ele, "calculo que pesasse cerca de 160 libras [~72 kg]." A Sra. Oczki não preenchia os critérios de idosa e obesa tão frequentemente defendidos como pré-requisitos para a CHU.

Haveria alguma condição física que pudesse ter contribuído para a sua dramática transformação final? "Ela não conseguia deslocar-se muito bem porque tinha magoado o tornozelo", explicou Frank, apontando para o aparelho ortopédico da perna. "O seu ombro direito tinha sido lesionado numa ocasião", acrescentou, "e ela não conseguia estender o braço totalmente para fora." Havia uma correlação. Talvez a atrofia nos seus membros, ou bloqueios da bioenergia nestas partes do seu corpo, tenham contribuído para o facto de terem sido o seu ombro direito e a perna esquerda os elementos mais gravemente queimados.

E quanto ao seu hábito de fumar cigarros? "Muito pesado! Muito, mesmo muito pesado. Fumava há anos." No entanto, acrescentou Frank, a sua mãe diabética tinha reduzido o consumo de tabaco desde que se mudara para a casa dele. Talvez os cigarros sejam prejudiciais para a saúde de uma forma nova: as suas toxinas e o bloqueio do transporte de oxigénio desempenhando um papel insuspeito no despoletar de um acidente biológico de fumo.

Os primeiros estudiosos associaram sempre a CHU ao alcoolismo. Que tal isto? "Ela também teve um problema com a bebida numa altura", afirmou Frank. "E começou a beber outra vez — tenho a certeza de que sim. Ela foi alcoólica numa fase da vida." (Para o cético radical que, escusado será dizer, não verá necessidade de procurar mais além disto para descartar este incidente: volte atrás e leia novamente os comentários do Chefe dos Bombeiros Calcagno). A medicina poderá querer considerar os efeitos do álcool e da combustão; como alterações bioquímicas ou bioelétricas subtis resultantes de um consumo prolongado poderiam irromper de uma forma muito inesperada anos mais tarde.

Frank falou sobre as tragédias recentes na família: as mortes do marido da sua mãe, do pai e de um filho. Isto despertou realmente o meu interesse. Sentia fortemente que o extremismo na consciência de uma pessoa — fosse euforia, raiva ou, especialmente, depressão — era um elemento crucial para desencadear muitos surtos de combustão espontânea. Mostrava Beatrice sinais de depressão? "Oh, com certeza", respondeu Frank sem hesitação. A doença prolongada e a morte do marido tinham-na deixado "realmente angustiada". Tinha Beatrice falado em suicídio? "Não", respondeu ele. "Mas dizia 'quem me dera estar morta' às vezes. 'Não quero ser um fardo para ninguém'."

Portanto, a Sra. Oczki, uma viúva, tinha de facto um desejo de morte, embora não fizesse nada conscientemente para o cumprir. Ah, mas que desfecho pode ser iniciado pela mente inconsciente, subconsciente ou superconsciente? A interação entre a mente e o corpo é extraordinariamente complexa e insuficientemente compreendida pela psiquiatria e pelos psicólogos. Tristonha, deprimida, taciturna, percecionando-se a si mesma e à sua vida como um fardo, fervilhava dentro da Sra. Oczki um desejo ardente de acabar com tudo. Como dizem os romancistas de histórias de amor sobre as suas heroínas, "ela ardia para ser livre".

Era ela propensa a acessos de temperamento impulsivo, em brasa? "Sim, tinha génio!", respondeu Frank, como se recordasse algumas das exibições que tinha testemunhado. "Era bastante religiosa", acrescentou. Talvez o seu passado católico (com o seu dogma de fogo e enxofre) se tenha unido naquela manhã com outro aspeto da sua consciência — raiva? depressão? libertação? — para desencadear psicobiofisiologicamente uma chama interna de transformação que levou a Sra. Oczki para um lugar onde acreditava que o contentamento a aguardava.

(Muito mais tarde, soube de outro fator, talvez significativo. "A minha mãe tinha definitivamente pavor do fogo!", recordou o seu filho após rever este capítulo. "Ela tinha sempre isso na mente." O complexo nexo de depressão, cabeça-quente, crença e medo: poderá a Sra. Oczki ter demonstrado inconscientemente quão impetuosa pode ser a sua manifestação?)

O meu foco voltou-se por um momento da própria Sra. Oczki para o estado da casa. O que encontrou Frank quando regressou a casa das suas férias de esqui? Na sala onde a sua mãe morreu — a sala na qual falávamos agora um com o outro —, cassetes de vídeo sensíveis ao calor e fitas de áudio de oito pistas continuavam utilizáveis após o incêndio, descobriu ele. Mas teve de substituir um televisor de catorze polegadas devido a distorção térmica da sua estrutura e um relógio de parede na cozinha do andar de cima. "Não sei como é que o fogo pôde ser tão seletivo", desabafou Frank em voz baixa.

Eu sabia o sentimento. Os investigadores forenses partilham a mesma perplexidade perante a seletividade térmica da CHU.

O mistério de Beatrice Oczki aprofundou-se ainda mais com a libertação dos dados da autópsia. O Dr. Robert C. Fisher, o mesmo médico legista assistente envolvido no caso de Louis Vance trinta e seis anos antes, assinou o certificado de óbito de Beatrice. O relatório de Fisher indicava que a caixa craniana de Beatrice estava intacta; não estava fraturada. O cérebro tinha encolhido devido à dessecação, mas a estrutura óssea da cabeça manteve-se.

"Se houvesse uma acumulação rápida de calor", raciocinou o chefe dos bombeiros, "pensar-se-ia que o crânio teria sofrido uma rutura. Mas isso não aconteceu."

Mais uma vez, encontramos um ser humano cujo corpo evaporou em grande parte num fogo desidratador de humidade, com um calor tão mínimo que as suturas do crânio não se separam.

Não é o que a maioria das pessoas consideraria uma conversa de pequeno-almoço apetitosa, mas ouvirei a qualquer hora um bombeiro que não tem medo de questionar a sua formação quando as evidências exigem que as suas crenças sejam viradas do avesso. Calcagno era uma dessas pessoas. Tinha subido na hierarquia como paramédico, bombeiro, inspetor e agora chefe dos bombeiros de uma comunidade próspera que podia pagar o melhor. "Tem sido uma longa caminhada, muitos incêndios", disse o experiente chefe dos bombeiros sobre a sua carreira. "Mas nada como isto!"

O caso ainda o incomodava nove meses depois. Orgulhava-se de resolver os incêndios que extinguia. Aqui, tinha um braseiro que não necessitava de extinção e que não podia ser explicado de forma convencional.

"Simplesmente não sei", lamentou o chefe dos bombeiros. "Nunca estivemos envolvidos numa situação como esta antes. O enigma era tão bizarro... tão confuso. Gostaria de chegar a algo concreto, para poder arrumar isto de vez."

Considerados todos os fatores, a CHU parece ser a única forma de encerrar adequadamente o caso de Beatrice Oczki. Calcagno concordou.

Num aperto de mãos, o Chefe dos Bombeiros Calcagno falou do desafio apresentado pela Sra. Oczki e pela CHU, expressando-se com uma sinceridade que aqueceria um corpo despido numa tempestade de neve

ártica. "Isto pode estar a acontecer hoje em algum lugar", temia ele, "e alguém vai simplesmente enterrar o assunto. Ficará perdido num arquivo e nunca se saberá. Nem mais ninguém se lembrará disso — a menos que se chegue a uma dessas pessoas progressistas que, pelo menos, darão a cortesia de um telefonema."

Rumo ao Norte, para o Minnesota

As palavras de Calcagno ecoavam na minha mente enquanto voltava a arrumar a moto e olhava para os mapas rodoviários.* Ele tinha-me mostrado uma carta enviada por Jan Bowen, que por acaso era uma tia-avó de Mary Reeser. Vivia em Palatine, Illinois. Era outra pista e ficava a caminho.

A estrada para a descoberta levou-me a Jan Bowen mais tarde naquele dia, e ela completou a história sobre como a sua família tinha lidado com a famosa morte de Mary. Depois, rumei ao Minnesota, para seguir a pista ambígua de LaVerne Olsen sobre outra possível CHU.

* Anos mais tarde, notei que Bolingbrook fica numa linha reta que vai da quinta dos Rooney, nos arredores de Seneca, Illinois, até ao centro de Chicago, onde a vaca da Sra. O'Leary terá supostamente iniciado o Grande Incêndio de Chicago em 1871. Esta coincidência de alinhamento de incêndios invulgares será explorada mais à frente.

Um rasto de pistas acabou por se revelar frutífero, e identifiquei o caso como sendo o de uma Sra. Johnson, que tinha morrido no início de 1980 devido a um incêndio em Plymouth, Minnesota. Para condensar quatro dias de esforço de acompanhamento numa única frase: assim que finalmente obtive permissão para ver as vinte fotografias do local do incêndio, generosamente facultadas pelo Departamento de Polícia de Plymouth, soube imediatamente que esta mulher não tinha morrido por CHU. Vários isqueiros de butano rebentados pelo calor, caídos no chão em redor da sua cadeira de rodas, tinham fornecido os acelerantes necessários para alimentar o fogo no seu apartamento gravemente queimado... além disso, ela própria apresentava apenas queimaduras superficiais.

Ao contrário da Sra. Oczki, a Sra. Johnson do Minnesota era o protótipo de uma vítima mortal de incêndio por materiais de fumar. Podia, pelo menos, fechar o livro sobre esta pista.

Durante a minha investigação desta fatalidade, tinha marcado uma reunião com o Departamento do Xerife do Condado de Hennepin para examinar o arquivo deles sobre a Sra. Johnson. Sabendo já o resultado, decidi, por uma questão de cortesia profissional, visitar o DXCH de qualquer forma. O oficial de serviço na divisão de registos tinha retirado um diapositivo de uma morte por incêndio que pensou que me poderia interessar. Esperava ver a Sra. Johnson. Surpresa! Não era. O local deste incêndio assemelhava-se, de facto, à CHU.

A vítima, a Sra. Eunice Holstrom, tinha morrido num incêndio a 20 de outubro de 1971. O seu corpo tinha empurrado para trás a cadeira em que estava sentada — uma característica que eu tinha acabado de ver com a Sra. Oczki (e com outros indivíduos autoincinerados sentados em cadeiras). A parte inferior do seu corpo apoiava-se, assim, contra uma parede atrás da cadeira consumida pelo fogo. O aspeto mais surpreendente, contudo, era a posição da sua cabeça. Tinha de se concluir que, à medida que o seu tronco tombava para trás, o seu pescoço se desintegrou por completo e a cabeça caiu para a frente — porque agora repousava, de forma surrealista, equilibrada na vertical sobre o peito da mulher.

O relatório dizia que Eunice era viúva. Hmm. Dizia que o seu falecido marido se tinha suicidado. Hmm! Consegui alguns nomes a partir do relatório, entre eles o de Dolores Higgey. Telefonei à Sra. Higgey. Ela tinha ouvido por acaso um bombeiro a falar sobre o incidente: "Lembro-me de eles dizerem que foi realmente estranho."

O que sabia ela, como amiga da falecida, sobre a personalidade da Sra. Holstrom? Eunice era má para a irmã, respondeu a Sra. Higgey, "e era assim também para o marido — e ele era um tipo realmente calmo. Ela sentia uma grande culpa pelo suicídio do marido. Era alcoólica." Emocionalmente esquizofrénica, foi como a Sra. Higgey descreveu a vítima.

Um perfil psicológico para as vítimas de CHU começava a ganhar forma, no qual a pessoa é tipicamente taciturna, melancólica, isolada ou sozinha (frequentemente viúva), dependente, debilitada, sujeita a depressões graves ou a acessos de temperamento inflamado, e consumida pela culpa. O álcool fizera parte da vida das vítimas em alguma altura, tal como uma lesão física ou emocional incapacitante.

Eunice ajustava-se ao perfil na perfeição. Afinal, parecia que eu ia deixar o Minnesota com um novo caso (até então insuspeito) de CHU.

De Regresso a Casa

A caminho de casa, fiz uma última paragem. Em Pleasantville, Ohio, de acordo com a obra *Investigating the Unexplained* (1972) de Sanderson e fontes posteriores, a Sra. Cecil Rogers tinha "ardido até se reduzir a cinzas" sem que os danos se estendessem além da sua cama ligeiramente chamuscada, em março de 1956. Esperava que algumas pessoas locais ainda se lembrassem do incidente.

Pleasantville estava agradável na tarde em que cheguei lá. Mas ninguém no corpo de bombeiros voluntários se lembrava de uma Sra. Cecil Rogers, ou de qualquer morte por incêndio que se assemelhasse remotamente ao relato de Sanderson; nem o chefe dos bombeiros reformado, que tinha servido a cidade em meados da década de 1950. A menos que todas as pessoas com quem falei estivessem envolvidas num encobrimento massivo de uma morte particularmente estranha ocorrida mais de vinte e quatro anos antes, a alegada CHU da Sra. Rogers parece nunca ter acontecido ali ou em qualquer lugar próximo. Na busca da verdade, isso é descobrir algo.

Tendo feito o que um bom investigador deve fazer — sair da poltrona e ir para o terreno onde a ação real e os factos espreitam —, rumei a casa. Durante a jornada de catorze dias e duas mil e seiscentas milhas [~4184 km], tinha localizado duas fontes de nova informação sobre a Sra. Reeser, descartado um incidente suspeito de CHU, desmascarado dois casos erroneamente publicados como CHU e documentado dois novos casos com a assinatura da CHU. Contas feitas, tinha sido de facto uma quinzena muito boa por aquelas estradas secundárias e caminhos que podem levar à CHU.

...área de setenta pés quadrados [~6,5 m²] do teto. Quanto ao azulejo do chão diretamente por baixo da sua cadeira, ele disse que "estava um pouco arqueado, mas não totalmente queimado".

Mais indicações de que este inferno localizado direcionou pouco calor tanto para cima como para baixo, mas mais para baixo do que para cima.

Frank tinha novas informações sobre a fuligem e o odor deixados para trás: "Foi muito caricato. Era uma espécie de óleo, gorduroso. Lembro-me

de ser enegrecido. Já cheirei cadáveres antes, e é um cheiro realmente pútrido; um cheiro forte. A casa não tinha esse cheiro! A casa tinha um cheiro quase doce —"

"Um pouco como madeira de nogueira, mas mais doce!", interveio o seu amigo que tinha estado a ouvir a conversa. "Como incenso, quase."

Uma marca registada da CHU e atípica dos incêndios convencionais.

Outro fator atípico envolveu o detetor de fumo montado no átrio. Tinha falhado em disparar! Frank entregou-mo. Com a sua pilha original ainda instalada, testei-o mais tarde. Funcionou sem falhas.

Ninguém nos serviços de combate a incêndios foi capaz de explicar por que razão um detetor de fumo funcional falharia num incêndio que incinerou uma pessoa, e por que razão o fogo que a queimou gerou um cheiro aromático assemelhado a incenso de nogueira.

Desejei boa noite a Frank e ao seu amigo, agradecendo-lhes (então e agora) pela sua cooperação numa situação difícil. As perguntas que lhes coloquei deveriam ser feitas por todos os investigadores de incêndios que se encontrem confrontados com o que os seus colegas em Bolingbrook tiveram de enfrentar no final de 1979.

Discussões ao Pequeno-Almoço

No dia seguinte, reuni-me com Calcagno e a sua equipa da manhã durante o pequeno-almoço. Desta vez eram eles que faziam as perguntas enquanto eu passava uma variedade de fotografias de CHU em redor da mesa.

Calcagno notou um tema recorrente e perguntou: "A maior parte destas pessoas está incapacitada de alguma forma?" O chefe dos bombeiros era perspicaz; procurava padrões, via possíveis ligações e tentava resolver o quebra-cabeças.

"A invalidez ou a incapacidade ambulatória surgem frequentemente. Acho que é um fator importante", disse eu aos bombeiros.

Calcagno voltou à teoria do cigarro. Tinha procurado, mas não encontrara evidências de hábitos de fumar descuidados por parte da Sra. Oczki. Os defensores do argumento de que Beatrice sofreu um acidente vascular cerebral e deixou cair um cigarro ou fósforo aceso sobre si própria

terão de discutir com Calcagno, que reafirmou que a carga de combustível era inadequada para explicar os danos do fogo no seu corpo.

Calcagno tinha uma última e surpreendente prova para partilhar sobre a Sra. Oczki. "Tenho a indicação de que as suturas no crânio estavam intactas. Se tivesse havido uma acumulação rápida de calor", raciocinou o chefe dos bombeiros, "pensar-se-ia que o crânio teria sofrido uma rutura. Bud isso não aconteceu."

Mais uma vez, encontramos um ser humano cujo corpo evaporou em grande parte num fogo desidratador de humidade com calor tão mínimo que as suturas da caixa craniana não se quebram.

21. Revelações de um Passado Sombrio

Assim como na ciência não existe hoje em dia uma "verdade encontrada", fixa e final, mas apenas hipóteses de trabalho que no momento seguinte podem exigir revisão à luz de um facto recém-descoberto, também na esfera moral [do mito] hoje todas as paredes rebentaram....a aventura está sobre nós, como uma onda de maré.

— Joseph Campbell, "Mythological Themes in Creative Literature and Art", em *Myths, Dreams, and Religion* (1970)

Há fortes evidências académicas para encarar o mito de forma diferente daquela que o bombeiro Kennedy definiu no início do capítulo 14.

Tendo examinado a mitologia da CHU à maneira dele — como uma fábula estética destinada a entreter como ficção, mas oferecendo pouca promessa de descoberta significativa —, exploremos agora a CHU através da outra categoria de mito. Este é o mito explicativo: a literatura e a ciência dos povos pré-modernos que tentavam explicar os fenómenos naturais conforme os observavam e os podiam compreender.

A classicista Edith Hamilton diz no seu livro *Mythology* (1950) que "o verdadeiro mito nada tem a ver com religião. É uma explicação de algo na natureza; como, por exemplo, toda e qualquer coisa no universo passou a existir."

James Barr concorda. "A mitologia não é uma manifestação periférica, não é um luxo, mas uma tentativa séria de integração da realidade e da experiência", diz ele ao discutir o significado da mitologia para o *Vetus*

Testamentum (1959). "Tem, então, os seus aspetos que correspondem à ciência, à lógica e à fé, e seria errado ver o mito como um substituto distorcido de qualquer uma destas coisas."

E Joseph Campbell, o mestre da mitologia comparada, explicou na sua série da PBS-TV como uma classe importante de mito se relaciona com a natureza e o mundo natural e tenta explicá-los.

Evidências históricas e arqueológicas igualmente fortes provam que é incorreto ver os nossos antepassados pré-modernos como intelectualmente inferiores, incapazes de observar e descrever o seu mundo sem recorrer à superstição e a outras imagens fantasiosas. Os antigos egípcios não só sabiam que a Terra é redonda — a teoria da Terra plana é, na verdade, uma ilusão recente —, como mediram com precisão o seu tamanho e construíram os alicerces de muitos dos seus magníficos templos com base numa astronomia celestial precisa; os gregos possuíam instrumentos que mediam os movimentos do sistema solar; os britânicos neolíticos incorporaram conhecimentos astronómicos notáveis na sua engenharia megalítica; os metalurgistas hindus do século doze ultrapassaram a ciência ocidental em meio milénio ao reconhecerem a importância da cor de uma chama para a análise de metais; as técnicas chinesas de acupuntura, ainda ridicularizadas por médicos descrentes, estão, no entanto, a ser aplicadas agora com sucesso em hospitais europeus e americanos.

Quem pode provar categoricamente que os nossos antepassados não eram igualmente capazes de descrever um evento que, tal como hoje, acontecia raramente no seu meio e os deixava não menos perplexos? Serão os mitos automaticamente invalidados se, para usar o termo de Campbell, ousarmos "concretizar" alguns deles como eventos literais em vez de símbolos filosóficos? Não creio. O facto de alguns mitos não serem reconhecidos como potencialmente literais deve-se a que aqueles que os interpretam carecem, por vezes, do conhecimento para reconhecer a variedade de eventos paranormais que podem ocorrer no mundo natural.

Poderia, então, este segundo tipo de mito — baseado em eventos misteriosos mas reais — revelar informações úteis e fornecer respostas reais a perguntas persistentes sobre a CHU? Tais como: Será a CHU apenas um fenómeno moderno?

Recuando, Recuando, Recuando no Tempo

Como se recordará, o primeiro caso descrito na literatura médica como CHU foi provavelmente o de Polonus Vorstius, nos anos 1400. Será possível que esta curiosa aflição já existisse antes, talvez muito antes do século quinze? E, a ser assim, poderá a sua longevidade, insuspeita, ser uma razão pela qual a crença na CHU tem perdurado apesar da vigorosa negação "científica"?

As respostas dependem do tipo de testemunho que está disposto a aceitar e da sua interpretação. Para recuar profundamente nos acontecimentos do passado sombrio do homem, as fontes para as quais se deve olhar são as que sobreviveram desses tempos: os mitos dos nossos antepassados.

Tal como Schliemann, que desenterrou a gloriosa Troia após seguir as pistas na *Ilíada* milenar de um bardo cego, que outros tinham descartado como fábula, escavemos no saber transmitido pelos antigos antepassados para descobrir se os seus mitos falam de uma realidade para a CHU há muito tempo. Com um olhar que vê a história antiga como os estudiosos da mitologia a veem, e não como o bombeiro Kennedy a vê, poderemos encontrar revelações importantes e respostas insuspeitas para as perguntas levantadas acima.

De acordo com a obra *Historia Ecclesiastica de Saxonia* (1482) do Professor Albert Krantz, o exército de Godofredo de Bulhão em 1099 d.C. enfrentou em Niverna (atualmente Nivernais, no centro de França) um inimigo inexpugnável: "uma estranha doença fez a sua aparição, onde os homens ardiam, sendo tocados por um fogo invisível que perfurava até às próprias entranhas e órgãos vitais, por ocasião da qual as mãos de uns e os pés de outros caíam".

Marcellus Donatus afirmou que uma "doença semelhante" se abateu sobre o leste de França dez anos antes. Na sua obra *De medica historia mirabili libri sex.* (1586), registou que em 1089 d.C. "as pessoas de uma certa localidade" na Lorena se viram "a arder de um fogo invisível nas suas entranhas, e... alguns cortavam uma mão ou um pé quando a queima começava, para que esta não fosse mais longe".

O que estaria a acontecer nesses dois locais na França medieval? Alucinação em massa? Indigestão gastrointestinal? Lepra? CHU coletiva,

do tipo singularmente experienciado por Susanna Sewell e Jack Angel? Algo mais?

Teodorico, o Grande (c. 454-526 d.C.) foi um poderoso rei ostrogodo que se tornou governante da Itália. A paz e a prosperidade marcaram o seu reinado, mas uma peculiaridade enervante marcava o seu corpo régio: quando friccionado, emitia chamas. Terá Teodorico vivido no limiar de uma autoincineração mais grave há mais de mil e quatrocentos anos?

No início do século quinto(?) d.C., uma experiência bizarra que se assemelha à sobrevivência a uma CHU abateu-se sobre o Dr. Alexandrinus Megetius. Conforme Brewster relatou na sua *Natural Magic*: "Ezekiel de Castro menciona o caso singular de Alexandrinus Megetius, um médico de cujas vértebras emanava um fogo que queimava os olhos dos observadores." Resta apenas adivinhar como é que o médico diagnosticou a sua própria maleita —

O historiador cristão do século quarto, Eusébio, na sua *Hist. Ecclesiastica* (Lib. IX), afirmou que Maximino morreu de uma forma invulgar: "a carne foi tomada por um fogo secreto do Céu, de modo que foi queimada e, pouco a pouco, reduzida a cinzas. Não havia mais nenhuma forma de homem para se ver nele, nada restando senão uma carcaça de ossos, toda seca." Isto assemelha-se à CHU, embora me questione a que velocidade se terá desenrolado.

Plínio, o Velho (23-79 d.C.) relatou, no Livro II, capítulo CXI da sua *Natural History* de trinta e sete volumes, vários fogos estranhos e surpreendentes no mundo antigo. Dois casos de "fogo súbito" envolveram seres humanos. Plínio escreveu que, quando Sérvio Túlio era rapaz, "um fogo leve brilhou fora da sua cabeça". Além disso, de acordo com o aclamado historiador, "um fogo ardente do mesmo género" brotou da cabeça de Lúcio Márcio quando este exortava os seus soldados a vingarem-se após a morte de dois Cipiões. Os soldados teriam testemunhado a CHU de Márcio em 212 a.C. O jovem Túlio sobreviveu ao seu rosto em chamas apenas para ser assassinado pela sua filha e pelo seu genro após tornar-se o lendário sexto rei da Roma antiga, no século sétimo a.C.

Indicações de CHU a partir da Mitologia?

Os episódios precedentes são história objetiva. A história pode ser encontrada através do estudo da mitologia também, embora a interpretação seja mais subjetiva.

"A Viagem de Bran e a Sua Aventura" é uma crónica galesa de Bran, um rei da Bretanha na viragem do primeiro milénio. Uma aventura envolveu o seu guerreiro Nechtan, filho de Collbran, que, tomado pelas saudades de casa, suplicou a Bran que o levasse de volta à Irlanda. Bran concordou relutantemente.

Navegaram até Srub Brain, no oeste de Kerry, Irlanda, apesar dos avisos de que a decisão levaria ao desgosto se alguém desembarcasse. Ali, Nechtan salta do seu coracle de vime entrançado para a rebentação, e a profecia cumpre-se. "Assim que tocou a terra da Irlanda", diz a tradução de Kuno Meyer de *The Voyage of Bran* (1895-1897), "imediatamente se tornou num monte de cinzas, como se estivesse na terra há muitas centenas de anos."

Nenhuma explicação é apresentada para este relato extraordinariamente estranho e direto. Contudo, que descrição mais precisa da CHU poderia a história fornecer do que estas linhas de um antigo conto galês? Especialmente digna de nota é a menção de que o irlandês incinerado sofria de melancolia e depressão, um traço de várias vítimas modernas de CHU.

A "Viagem de Bran" pode ser um exemplo de mito que encerra um evento tão obscuro e atípico que não tem sido reconhecido pelo que poderia ser: não uma metáfora ou alegoria, mas uma representação fiel de um evento histórico. A CHU.

Se Nechtan não tivesse sido filho da nobreza irlandesa e um guerreiro heroico, teria a história registado a morte que o aguardava para que pudéssemos ponderar o seu significado hoje? Certamente que não... o que, por sua vez, sugere que o destino bizarro de Nechtan poderia ter estado a acontecer ao longo dos séculos ao campesinato sem relevo, cujas desventuras de desintegração estão para sempre perdidas na história não registada.

Os Céus Chovem Fogo... e os Humanos Ardem

A par desta descrição precisa de CHU, a mitologia celta menciona um item relacionado: chuvas de fogo. Três deuses dos Tuatha Dé Danann, os protoancestrais dos irlandeses, convocaram "rãs, chuva de fogo e correntes de sangue contra os Firbolgs", enquanto um aliado celestial dos Firbolgs igualmente "prometeu chover chuvas de fogo sobre o inimigo e retirar-lhes dois terços do seu poder", diz o estudioso celta John Macculloch em *The Mythology of All Races* (1918).

Para um estudioso convencionalista, estas tempestades de fogo geradas por divindades são mitológicas. "Pouco disto é história real", diz Macculloch. Para um forteano, no entanto, estas chuvas abrasadoras podem ser tomadas literalmente porque as três precipitações míticas — enviadas por três! deuses — têm contrapartidas no mundo real moderno (independentemente de como se defina o real).

Considere-se Robert Burch, um mecânico de eletrónica no Puget Sound Navy Yard. A 6 de novembro de 1951, deparou-se com a lendária ira dos Tuatha enquanto estava diante de um espelho no seu quarto na YMCA em Bremerton, Washington. No espelho, viu o reflexo de uma bola de fogo vermelho-laranja a precipitar-se na sua direção através da janela aberta. Um clarão ofuscante e uma forte concussão projetaram Burch para o chão. Uma dor lancinante subiu pelo seu braço direito.

O seu companheiro de quarto correu para dentro para descobrir o rescaldo deste fogo do céu: um parapeito de janela queimado de preto e demasiado quente para se tocar, bagagem debaixo da janela carbonizada e a fumegar, dois rádios queimados, um cesto de papéis no canto com o conteúdo em chamas, e o seu companheiro de quarto espontaneamente queimado caído no chão. Enquanto extinguia freneticamente o fogo, um polícia de Bremerton que tinha testemunhado este fogo-do-céu mergulhar pela janela de Burch entrou a correr e confirmou todo o incidente.

"Não sei o que aconteceu", disse Burch no dia seguinte enquanto era tratado no Hospital Naval de Bremerton devido a choque e queimaduras de segundo grau, "mas que foi esquisito, isso foi."

Queimado pelo fogo do céu? Burch não está sozinho. Há precedentes históricos para o fogo atmosférico que inflama pessoas e não só.

Fevereiro de 1972: duzentos estudantes em Whitchurch preparavam-se para uma corrida de carros a pedais quando tiveram de ser assistidos

devido a súbitas "queimaduras misteriosas no rosto e nos olhos". Os cientistas nada tiveram a dizer, exceto: "A causa nunca foi descoberta." O enigma foi a repetição de um incidente que ocorrera quatro anos antes nesta cidade inglesa da fronteira ocidental, quando mais de trezentos residentes de Whitchurch sofreram queimaduras num evento comparável de origem inexplicada, relatou o *Sun* (2 de fevereiro de 1972).

Durante o outono de 1966, uma bola de fogo caiu do céu para chamuscar o cabelo da Sra. Louis Matthews em Filadélfia, Pensilvânia. A 23 de janeiro de 1955, uma bola de fogo atingiu William C. Cunningham e queimou-lhe as mãos na mesma cidade. Em agosto ou setembro de 1878, um "meteorito" deixou duas pessoas inconscientes e deixou uma terceira pessoa em Haraiya "carbonizada e morta" na Índia. A 1 de julho de 1826, uma "bola de fogo" explosiva disparou dos céus e matou duas mulheres em Malvern Hills, a sul de Birmingham, Inglaterra; outras ficaram feridas.

Um correspondente da *Philosophical Magazine* (1811) disse que por volta de 15 de julho de 1810, "a muito grande bola de fogo" caiu das nuvens e queimou cinco aldeias, incluindo culturas e alguns homens e mulheres perto de Shahabad, na Índia. Em 1678, uma "chuva de matéria ígnea" com a duração de meia hora queimou a cidade alemã de Sachen-Hausen, disse a *Philosophical Magazine* de Londres (1814). A 3 de março de 1557, uma "chama" entrou no quarto de François e Diane de Montmorency, queimando o cabelo e as roupas da francesa, mas mais nada.

Assim como as bolas de fogo provocaram uma combustão humana limitada nestas pessoas em tempos modernos, não poderiam aquelas lendárias "chuvas de fogo" celtas ter queimado alguns celtas da vida real cujos nomes nunca foram registados nos anais da CHU?

Adicione-se aos anais esta cena da peça *Medeia* de Eurípides, conforme traduzida por E. P. Coleridge em *Seven Famous Greek Plays* (1950): Medeia, uma princesa de Cólquida, usou os seus poderes de feiticeira para ajudar Jasão na recuperação do Velo de Ouro e para vincular o amor dele ao seu. Jasão abandonou-a, no entanto, e casou-se com a filha do Rei Creonte. Medeia, rejeitada no amor, planeou vingança. Presenteou o Rei Creonte e a sua filha com um manto e uma grinalda amaldiçoados e, pouco tempo depois, um mensageiro chegou para contar a Medeia que a noiva de Jasão tinha morrido. Medeia perguntou como, implorando que lhe dissessem se a sua rival "pereceu miseravelmente".

O mensageiro respondeu que bastou a esposa de Jasão envergar o manto bordado a ouro e a coroa de ouro:

Quando, eis que se seguiu uma cena de pavoroso horror.... A grinalda de ouro em redor da sua cabeça enviava uma maravilhosa corrente de chama devoradora... e ela sobressalta-se do seu assento, em chamas, e... a chama, conforme ela sacudia as suas tranças, flamejava ainda mais com uma fúria redobrada. Depois, ela tomba por terra...

Contas feitas, disse o mensageiro a Medeia, foi "uma visão temível de se ver. E todos tinham medo de tocar no cadáver". Coleridge vê *Medeia* como outra peça de moralidade grega: "Em última análise, a aliança abortada entre Jasão e Medeia destruiu-os a ambos." Assim pode ser. Para esta cena em particular, contudo, ofereço outra interpretação: a morte, observada há muito tempo, de uma filha real por CHU, erradamente atribuída pelos gregos a vestes mágicas (mágicas, talvez, porque ateavam fogo mas as próprias não ardiam).

A peça de Eurípides data de 431 a.C. Se através de novos olhos virmos o dramaturgo grego a relatar uma CHU real, amortalhada na "magia" de uma indumentária ígnea e de uma coroa de ouro, mas recordada por envolver a realeza, então a história poderá estar a dar provas de que a CHU remonta a quase vinte e cinco séculos atrás!

Em Tempos Idos: CHU Macrocósmica?

Poderá a CHU ser identificada ainda mais cedo na história? Possivelmente.

Cerca de 701 a.C., o rei guerreiro assírio Senaqueribe invadiu Judá. O seu enorme exército acampou em redor de Jerusalém, preparando-se para o ataque. Isaías profetizou que Jerusalém não cairia, garantindo ao Rei Ezequias que o Senhor enviaria um poderoso "sopro" contra o inimigo. Ezequias, contemplando as milhares de fogueiras do acampamento dos soldados de Senaqueribe, deve ter pensado que Isaías estava louco.

Mas a profecia cumpriu-se: "Então saiu o anjo do Senhor e feriu no arraial dos assírios a cento e oitenta e cinco mil; e, levantando-se os soldados pela manhã cedo, eis que os seus camaradas eram todos cadáveres. Assim Senaqueribe retirou-se, e foi-se, e voltou, e habitou em

Nínive" (II Reis 19:35 e Isaías 37:36-37). Senaqueribe fugiu de Judá derrotado.

A peste bubónica é a explicação habitualmente apresentada pelos historiadores para a derrota de Senaqueribe. Disenteria, ratos, um furacão e até chuvas de meteoros também foram sugeridos para este sopro fantástico — "cuja natureza precisa não é especificada", diz Sean Mewhinney (que defende a teoria dos meteoros) em *Kronos* (1981). Poderia alguma destas teorias ser realmente o "anjo do Senhor" que, da noite para a dia, derrotou a maior força militar de então na Terra? Cada teoria falha em resolver um elemento-chave no relato do Talmude.

Ora, por que razão menciono este acontecimento antigo num livro sobre a CHU? A Bíblia não nos dá pistas. Outras fontes antigas oferecem, no entanto, pistas tentadoras.

Textos egípcios, de acordo com G. A. Wainwright no *Journal of Egyptian Archaeology* (1932), referem-se ao triunfo hebraico como "a noite de fogo para os adversários". As fontes do Talmude e do Midrash, livros de leis e sabedoria judaicas, registam que, da noite para o dia, este "sopro" previsto por Isaías queimou 185 000 guerreiros no exército de Senaqueribe: "as suas almas foram queimadas, embora as suas vestes tenham permanecido intactas". Estas são afirmações muito estranhas! Ginzburg, na sua obra *The Legends of the Jews* (1968), considera inclusive o evento "milagroso".

Como interpretar isto? Dwardu Cardona, após defender em *Aeon: A Symposium on Myth and Science* (1990) que um furacão eliminou o exército de Senaqueribe, expressa incerteza: "A dar crédito às fontes, a subitaneidade do massacre enquanto o exército repousava durante a noite, somada à natureza 'queimada' das vítimas, com as suas vestes a permanecerem intactas, não implicam os efeitos de um furacão." Na verdade!

Existe uma teoria que penso poder explicar o exército reduzido a cinzas de Senaqueribe, uma teoria em linha com a descrição hebraica de uma milagrosa "tempestade" sagrada e com a afirmação de B. Childs na sua obra *Myth and Reality in the Old Testament* (1960) de que "os acontecimentos inexplicáveis eram atribuídos à intervenção direta dos Deuses".

A semelhança deste bizarro episódio de tempos idos nas escrituras sagradas com algumas mortes individuais modernas por CHU é indiscutível. O que proponho é isto: que Senaqueribe conheceu a derrota através do milagre sem precedentes de uma CHU em massa (coletiva). Não conheço melhor explicação para resolver este curioso conto da queima súbita de um exército adormecido dentro de vestes não queimadas do que a CHU a uma escala macrocósmica.

A CHU pode resolver outro enigma que tem deixado perplexos os estudiosos, transformando o que alguns pensaram ser a fábula da derrota de Senaqueribe num retrato historicamente preciso da sua rendição a uma força além do poder de qualquer rei para vencer.

Quanto à fonte da espantosa fúria que Isaías previu derrotar o seu inimigo? Poderá ter envolvido uma versão macroscópica de tudo o que queimou Robert Burch em Bremerton... ou que queimou o General rebelde Pablo Castilliano e dois ajudantes na véspera de um ataque planeado contra o exército nicaraguense em 1907. Ali, uma "massa inflamada" vinda do céu noturno atingiu a tenda deles, matando o general instantaneamente e ferindo mortalmente os ajudantes. Disse Frank Edwards em *Strange World* (1964) ser este "o único caso conhecido em que uma guerra foi levada ao fim pela intervenção direta de um objeto celestial". Talvez não. Estes episódios envolveram uma fonte de fogo externa às vítimas, com certeza, mas que queimou as suas vítimas espontaneamente após o impacto.

Ou poderá haver outro fator, que sugerirei mais à frente.

Se a ideia de milhares de humanos serem reduzidos a cinzas da noite para a dia por um fogo de origem incerta excede a crença, o Antigo Testamento oferece um relato menos macrocósmico, mas ainda mais antigo, que deve ser considerado.

Um dia, Moisés e Aarão fizeram três holocaustos a Deus (Levítico 9:24). Depois, os filhos de Aarão, Nadabe e Abiú, posicionaram-se diante do altar e ofereceram um "fogo estranho" de alguma forma inadequada. A consequência foi imediata: "E saiu fogo de diante do Senhor e os devorou; e morreram diante do Senhor." Os familiares dos rapazes que brincaram com o fogo estranho "aproximaram-se e carregaram-nos nas suas túnicas para fora do arraial, como Moisés tinha dito". Moisés ordenou à casa de

Israel que "chorasse pelas vítimas que o Senhor queimou" (Levítico 10:2-6).

Apareceu um fogo estranho (paranormal?) de origem divina (paranormal?) que flamejou de forma súbita, rápida e completa, sem deixar tempo para reagir, até que os homens arderam tão completamente que puderam ser recolhidos juntos em mantos (ou os mantos dos familiares ou as próprias vestes não queimadas de Nadabe e Abiú). Os paralelos com as mortes dos dias de hoje pelo fogo interior sugerem, graças à escrita de Moisés em Levítico, a observação de uma CHU — uma CHU dupla — há mais de trinta e cinco séculos!

A CHU, quer individualmente, a dobrar ou aos milhares, teria certamente sido um problema premente para Moisés. (Como seria hoje). Se a minha interpretação estiver correta, os hebreus preservaram não uma fábula, mas sim documentaram um mistério histórico que confundiu os seus observadores na altura, e continua a confundir... um mistério que permanece atual e convincente milhares de anos depois.

Conflagrações Catastróficas em Tempos Modernos

Se a ideia de dezenas de milhares de tropas assírias reduzidas a cinzas da noite para a dia no antigo Médio Oriente é inquietante, duas conflagrações recentes são apenas ligeiramente menos perturbadoras.

Durante novembro e dezembro de 1902, uma "fantástica panóplia de fogo vinda dos céus" assolou muitas comunidades australianas e neozelandesas com brases e explosões associadas, relataram os jornais contemporâneos *Sydney Herald* e *Otago Witness*. Um meteorologista disse: "Não houve nada de semelhante na história das colónias!"

Mas não é caso único no mundo. Uma tempestade de fogo semelhante tinha chovido sobre o coração da América algumas décadas antes, com resultados temíveis.

Domingo, 8 de outubro de 1871. Às 21:00 — "por uma singular coincidência, precisamente a hora em que o incêndio de Chicago começou", determinou o historiador Rev. E. J. Goodspeed — os céus "irromperam em nuvens de chama" que varreram ferozmente as regiões superiores do Midwest, deixando para trás mistérios que deixaram os

sobreviventes perplexos, mas que, desde então, têm sido maioritariamente ignorados pelos historiadores.

Um turbilhão de fogo começou quase instantaneamente através de grandes extensões do Wisconsin, Minnesota e Michigan, atingindo também o Illinois e o Indiana. Foi a noite em que Chicago ardeu, inflamada ostensivamente pela vaca da Sra. O'Leary (embora o repórter Michael Ahern viesse mais tarde a admitir que tinha inventado a história da vaca que chutou a lanterna, criando assim um mito moderno em que a maioria das pessoas acredita até aos dias de hoje). Foi a noite que assistiu ao desaparecimento de muitas pessoas da face da terra de uma forma que emulava a descrição do exército assírio acampado no antigo Talmude.

Como o norte do Midwest tinha muitos acampamentos de exploração madeireira, os residentes conheciam bem os perigos e os efeitos dos incêndios florestais. Mas esta noite foi diferente de qualquer incêndio florestal comum. Este fogo pregou muitas rasteiras estranhas. Amoras petrificaram nos arbustos com o calor abrasador; sessenta dúzias de machados fundiram-se numa só massa dentro de uma loja de ferragens; o ferro num carro de bombeiros derreteu, contudo a lança de madeira fixada ao ferro nem sequer chamuscou. Goodspeed disse em *History of the Great Fires in Chicago and the West* (1871) que este fogo:

... foi capaz de destruir corpos humanos de tal modo que nem um vestígio deles ficasse. Este facto serve para explicar a perda total de muitas pessoas que se sabia estarem nas proximidades onde o fogo apareceu...

A maior parte destes desaparecimentos humanos aconteceu em redor de Peshtigo, Wisconsin. A pavorosa tempestade de fogo varreu a cidade rapidamente e deixou no seu rasto uma série de vítimas que puderam ser igualmente rápidas a recolher.

Um sobrinho de um homem de Peshtigo foi identificado apenas pelo seu canivete e por algumas relíquias, com o seu corpo tão completamente incinerado que os seus restos cabiam na "palma da mão". Da família Doyle de Peshtigo, composta por dez membros, não havia "nem um vestígio — desaparecidos da Terra". Noutro local, mais pessoas de Peshtigo (estimadas em cerca de dez) tinham-se tornado num "monte de ossos calcinados indistinguíveis e carne carbonizada... não dando qualquer pista sobre o sexo ou o número". Um robusto lenhador de Peshtigo tornou-se num "mero traço

de cinzas, para encher um dedal" e nada mais. De três adultos de Peshtigo, havia "apenas cinzas suficientes para encher uma medida de dois quartos [cerca de dois litros]". Residentes que corriam para escapar às chamas que desciam do céu em Peshtigo repararam em Helga Rockstad a tentar escapar ao seu próprio cabelo em chamas; ela foi mais tarde encontrada reduzida a um "monte de cinza branca-cinzenta".

Um panfleto publicado pelo Museu Histórico de Peshtigo diz que um grupo de suecos foi tão completamente consumido que "os trabalhadores de resgate não conseguiram encontrar nada que marcasse o lugar onde tinham estado, exceto cinzas e o metal dos seus machados e pás". Outras vítimas de número desconhecido foram encontradas reduzidas a "dois terços do tamanho" — encolhidas em vez de incineradas pelo fogo de progressão rápida que ceifou as suas vidas encurtadas. Na cozinha do hotel de Peshtigo, "várias pessoas" tornaram-se meras cinzas; cem hóspedes pereceram noutras partes do hotel, disse o *St. Paul Daily Pioneer* (12 de outubro de 1871).

Alguns que não entraram em combustão deixaram para trás outras provas da estranheza dessa noite. Por exemplo, moedas de cobre fundiram-se nos bolsos de um homem de Peshtigo, "contudo as roupas e o corpo do homem não ficaram sequer chamuscados". Um exemplo desta peculiar fusão monetária, repetida várias vezes naquela noite, está em exibição no Museu Histórico de Peshtigo.*

Como é bizarro que a atmosfera pudesse estar quente o suficiente para derreter metal, mas não para criar bolhas na pele ou incendiar tecidos. Ou estaria algo mais esotérico do que ar quente à solta naquela noite?

Do outro lado do Lago Michigan, no município de Sigel, Michigan, um tal Sr. Sarniac foi descoberto "queimado até ficar tostado" apenas com "os punhos da camisa e um machado para o identificar". Um caso de queimaduras graves de terceiro grau ou algo mais completo? Mais a sul, em Chicago, onde edifícios de pedra "derreteram" por entre chamas azuis, vermelhas e verdes, o Chefe dos Bombeiros Williams sentia-se frustrado com incêndios que deflagravam de forma espontânea (por vezes abaixo do nível do solo). Os sobreviventes daquela noite terrível falavam sobre o completo "desaparecimento de pessoas que se sabia estarem nas proximidades do braseiro".

* A moeda de prata derrete a 1600 °F [~871 °C], a de cobre a cerca de 2000 °F [~1093 °C].

Inúmeros comentadores observaram a natureza de aspeto elétrico do fogo naquela noite, um fogo que descia dos céus e, ao mesmo tempo, parecia arder a partir do chão. Muitas árvores foram mais tarde encontradas com as suas raízes queimadas. O comportamento normal de um incêndio florestal, por si só, não pode explicar os fenómenos que aconteceram naquela noite de Sabat. Estará a história, mais uma vez, a fornecer provas, por muito difíceis de considerar que sejam, de que a CHU pode acontecer macrocosmicamente; de que a natureza chove uma precipitação eletrizante que pode fundir metal nos bolsos de uns enquanto transforma outros em traços de pó?

Uma Nova Mitologia da CHU

O fogo sempre foi um poder mágico-religioso para o homem, e a sociedade vê com admiração aqueles xamãs e ascetas que demonstram "domínio do fogo" através da imunidade tanto às chamas como ao tempo gélido. Comenta Mircea Eliade em *The Forge and the Crucible* (1971): "O domínio sobre o fogo e a insensibilidade tanto ao frio extremo como à temperatura das brasas ardentes, traduzidos em termos comuns, significam que o xamã ou o iogue ultrapassaram a condição humana e atingiram o nível dos espíritos."

Como já se viu, a capacidade de aquecer desregradamente o corpo não é meramente mitológica; nem se limita a xamãs, iogues e visionários religiosos. É, ocasionalmente, uma capacidade real de qualquer pessoa que aceda ao *tumo* ou à *Kundalini* ou a algum outro meio de gerar uma super-hipertermia internamente... uma super-hipertermia que pode culminar na CHU.

Aplicando a premissa mitológica de Barr a estes mitos antigos (e a alguns modernos), podemos encará-los não como "um substituto distorcido" da ciência e da lógica, mas como relatos precisos de enigmas observados. A realidade é o que os próprios mitos descrevem a acontecer. Neste caso, ao contrário do lamento do bombeiro Kennedy, é bom que os mitos autossustentáveis tardem a morrer.

Como o mito da morte de Sémele, a mãe de Baco, que pediu ao seu paramundo Júpiter que a visitasse com toda a sua glória de grande deus.

Quando Júpiter (representação mitológica do ar) o fez, Sémele foi reduzida a cinzas no local. O médico do século dezanove Edmund Sharkey — ele próprio um defensor da "doença" da CHU, como lhe chamou no *Dublin Journal of Medical and Chemical Science* (1833) — viu na história de Sémele "mais um dos muitos casos em que os antigos mitologistas transmitiram um relato das operações da natureza sob a roupagem de belas alegorias".

A linha entre o mito e a realidade parece, por vezes, invisível.

"Cada homem tem direito à sua opinião", observou Bernard Baruch, "mas nenhum homem tem o direito de estar errado nos seus factos." Um facto é que as pessoas morrem em incêndios, alguns muito estranhos. A minha opinião baseada nesse facto, baseada numa revisão da própria história, é que a CHU acompanha a humanidade há muito, muito tempo.

22. Fogo da Terra! A Cartografia da Combustão

... a investigação futura poderá mostrar que o bem-estar dos seres vivos na superfície da nossa terra está mais dependente das suas radiações do que até agora se imaginava.

— John Milne, *Nature* (6 de julho de 1911)

Charles Fort conjeturou no seu livro *Lo!* que os casos semelhantes aos que estavam a ser relatados poderiam relacionar-se "não com a 'combustão espontânea de corpos humanos', mas com coisas, ou seres, que, com um processo flamejante, consomem homens e mulheres". Coisas? Talvez este avatar do Indesejado estivesse novamente no caminho certo.

As coisas estavam a ficar consideravelmente quentes no início da década de 1970 na movimentada cidade das Midlands, Birmingham, em Inglaterra. Aqui, uma série de fogos confundiu os bombeiros, que são treinados para determinar a origem dos incêndios; os médico-legistas, que são empregados para apurar a causa precisa da morte; e os residentes de Birmingham, alguns dos quais não sobreviveram aos seus surtos de queima.

Fevereiro 17, 1972: a Sra. Edith Thompson, de setenta e cinco anos, inflamada na sua casa de Cheslyn Hay, Staffordshire, a norte de Birmingham. Anunciou o *Birmingham Evening News* (no mesmo dia), os danos ficaram restritos a ela e à cadeira onde estava sentada. Diz-se que ela

estava a tentar acender o fogo da lareira "mas não tinha tido sucesso em fazê-lo", relatou Harrison (1976; 1978); a polícia esforçou-se por localizar a causa. O veredito de "morte por infortúnio" encerrou o caso.

Abril 8, 1973: John Joseph McRory, de sessenta e quatro anos, foi a vítima na sua casa de Handsworth de um incêndio para o qual "nenhuma causa definitiva" pôde ser encontrada, relatou o *Birmingham Evening Mail* (20 de abril de 1973). O coroner de Birmingham, George Billington, não desapontou: determinou "morte acidental".

Agosto 5, 1973: Alan Bricknell, de vinte e quatro anos, estava a assaltar um edifício em Birmingham quando cinco fogos súbitos o impediram de escapar da cena do seu crime. Confessou o furto, mas negou categoricamente o fogo posto. Foi considerado culpado de fogo posto de qualquer forma, relatou o *Birmingham Evening Mail* (26 de outubro de 1973). A forma como conseguiu atear os fogos permaneceu por provar. Talvez tenha sido um incendiário trapalhão apanhado na sua própria inépcia, ou talvez tenha ficado encurralado por uma combustão espontânea cortesia da justiça cósmica.

Agosto 18, 1973: na Coventry Road, em Birmingham, um automóvel irrompeu subitamente em chamas. Uma mulher foi arrastada para fora com vida, mas um homem não identificado morreu no interior do veículo, dentro de uma tempestade de fogo localizada, de acordo com o *Sunday Mercury* (19 de agosto de 1973).

Outubro 20, 1973: William McLeod, octogenário, foi encontrado numa sala danificada pelo fogo em Nechells, Birmingham. Nenhuma menção a quão muitos ou quão poucos danos foram causados à sala. A revista *The News* (janeiro de 1974) sugeria uma possível CHU.

Outubro 26, 1973: uma estudante de dezoito anos transformou-se numa "tocha humana" no All Saints Hospital de Birmingham e foi admitida na Unidade de Queimados do Birmingham Accident Hospital (BAH) para tratamento de queimaduras graves nas costas e no peito. Suspeita-se de fósforos, relatou o *Birmingham Evening Mail* (26 de outubro de 1973), mas ninguém ficou registado para explicar como o seu corpo envolto em chamas pôde apenas chamuscar os lençóis da cama onde ela estava deitada.

Outubro 26, 1973: Diane Mold, de vinte e três anos, correu em chamas seiscentos pés [~182 metros] através do seu quintal em Coseley,

Dudley. Foi levada também para a Unidade de Queimados do BAH. Acreditava-se que ela tinha caído sobre carvão em brasa, recompondo-se a tempo de rasgar as suas roupas a arder e vestir um casaco antes de correr a pedir ajuda. O *Sunday Mercury* (28 de outubro de 1973) não declarou se a menina Mold concordava com este cenário.

Abril 14, 1974: Smethwick, Staffordshire (área metropolitana de Birmingham). Num canto da sala de estar dos Kaur, Parvinder Kaur, de sete meses, jaz no seu berço. Ambos parecem estar em chamas. Os vizinhos atiraram água à criança em chamas; o fogo extinguiu-se. Foi levada à pressa para a Unidade de Queimados do BAH, onde as preocupações se focaram em não a deixar morrer. As autoridades de incêndios preocuparam-se com a origem do fogo. Não chegaram a nada, exceto que "as crianças poderiam estar a brincar com fósforos". Os fósforos, a terem existido, eram mágicos ou o alvo de teletransporte: os investigadores não os conseguiram encontrar. A causa do incêndio é indeterminada, disse o *Birmingham Evening Mail* (16 de abril de 1974).

Cerca de 22 de abril de 1974: uma semana mais tarde, a Unidade de Queimados do BAH — um lugar movimentado! — estava a tratar as pernas e os pés gravemente queimados de Mark Bradbury, de sete anos, que dormiu durante uma destruição ígnea do seu próprio corpo. Quando acordou, gritou. Se foi de dor ou de surpresa, o repórter do *Birmingham Evening Mail* (22 de abril de 1974) não perguntou. Ninguém percebeu como o rapaz se queimou.

Incêndios curiosos ocorrem em abril, depois em agosto, depois em outubro, depois em abril novamente em redor de Birmingham. Se a Unidade de Queimados tivesse um clínico interessado em ciclos, este poderia ter tomado nota mental para ficar atento a mais fogos inexplicáveis durante o próximo mês de agosto —

Cerca de 26 de agosto de 1974: Lisa Tipton, de seis meses, morreu num incêndio localizado limitado a um quarto da casa dos seus pais em Highfields, Staffordshire. Todos os aparelhos elétricos na casa funcionavam corretamente. As autoridades inventaram uma teoria complexa que ficou aquém dos factos observados e permaneceram perplexas, disse o *Birmingham Evening Mail* (26 de agosto de 1974). Nenhuma causa foi dada para o incêndio, que escolheu mais uma criança inocente.

O ciclo sazonal seguinte dos fogos inexplicáveis de Birmingham surge um mês antes do previsto, mesmo a tempo de anunciar o início da primavera.

Março 22, 1975: William Cashmore, de oitenta e dois anos, morreu na sua casa em Autumn Close, High Heath, Walsall, a norte de Birmingham. Os investigadores voltaram a dizer que todos os aparelhos estavam em condições de funcionamento. O que não conseguiram dizer foi como o incêndio começou e por que razão se restringiu a queimar apenas o corpo de Cashmore, as roupas e a cadeira onde estava sentado. Para aqueles que afirmam que materiais de fumar manuseados negligentemente são inevitavelmente culpados em casos deste tipo, guardem o cachimbo e contemplem isto: de acordo com o *Sunday Mercury* (23 de março de 1975), "ele era não fumador".

Junho 1, 1978: a menina Andrea Deeley, de vinte anos, de Hunters Road, no distrito de Handsworth em Birmingham, asfixiada por envenenamento por monóxido de carbono resultante de um incêndio no pequeno sofá onde foi encontrada estoicamente sentada. O seu pai, acamado num quarto adjacente, não foi afetado. Os bombeiros e a polícia estão misterificados, disse o *Birmingham Evening Post* (2 de junho de 1978). Comentou o bombeiro Andrew Hodgkins: "Pensar-se-ia que ela teria feito alguma tentativa para sair." Também se perguntaram como o fogo começou, em primeiro lugar.

Eu procuro o não convencional. Poderão estes surtos de fogos invulgares em redor de Birmingham na década de 1970 estar relacionados de forma causal, conectados por alguma força comum e insuspeita que uniu nove pessoas num holocausto pessoal, contudo estranhamente partilhado?

Embora as minhas duas décadas a investigar anomalias não tenham encontrado uma teoria única para explicar os muitos paradoxos inerentes aos relatos de CHU e PC, um fator surpreendente liga bastantes destas queimas inexplicáveis. Esse fator é a geografia.

Energias da Terra: Pontos de Poder e Vestígios de Chama

A Terra impele magma ardente a partir de vulcões nos limites das placas tectónicas e em pontos de fragilidade da crosta. Noutros pontos, expele um tipo diferente de fogo, potencialmente destrutivo de formas muito estranhas.

Na Grã-Bretanha, a morte por pirofenómenos tem sido um motivo recorrente desde, pelo menos, o início dos anos 1700. Na verdade, a minha investigação indica que a Grã-Bretanha tem mais casos de CHU *per capita* do que qualquer outra nação. Assim, as Ilhas Britânicas tornaram-se o local ideal para testar uma nova e radical ideia sobre a CHU, não apenas devido à grande base de dados de CHU exigida pela hipótese, mas também por ser um centro de investigação pioneira noutra anomalia, talvez relacionada.

Essa investigação centra-se no facto de que muitos sítios megalíticos antigos e sagrados (por exemplo, mamoas, dólmenes e círculos de pedras) podem ser interligados por linhas retas, por vezes com dezenas de milhas de comprimento, que frequentemente passam também por locais modernos com significado espiritual ou esotérico. Embora o astrónomo do século dezanove, Sir James Lockyer, tenha notado que alguns sítios megalíticos formavam um grande triângulo equilátero (com o lendário Stonehenge num dos vértices), foi Alfred Watkins quem perseguiu estes alinhamentos com um zelo visionário.

Montado no seu cavalo a 30 de junho de 1921, Watkins observou a paisagem inglesa a partir das colinas de Bredwardine e vislumbrou uma gigantesca rede de alinhamentos retos como raios laser a cobrir o território. A cada alinhamento chamou *ley*.

A complexidade, e até o próprio conceito, do sistema de linhas *ley* levanta questões inquietantes para a arqueologia sobre como e por que razão o homem do Neolítico, alegadamente bárbaro, conseguia organizar, levantar topograficamente e projetar um trabalho de engenharia de escala tão massiva. Seguiram-se sete décadas de investigação e as respostas continuam difíceis de alcançar — embora as *leys* em si estejam bem estabelecidas por toda a Europa Ocidental (e, em menor grau, também no Hemisfério Ocidental). Constantemente se obtêm novas perspetivas sobre o seu propósito e os seus fenómenos, incluindo a documentação tanto subjetiva como quantitativa de anomalias luminosas e elétricas em locais tradicionalmente poderosos.

Geologicamente, a Terra tem uma longa história (embora geralmente ignorada) de emissão de energias inexplicadas. As evidências de correntes telúricas — que os geólogos de hoje definem como correntes elétricas muito fracas que fluem através da crosta do planeta, e que os chineses durante milhares de anos chamaram de *lung mei* ou Linhas do Dragão —

estão bem estabelecidas. O que é menos aceitável para a geofísica moderna é uma gama de fenómenos planetários que parecem ser melhor explicados por campos elétricos aberrantes na Terra que produzem enigmas luminosos, e até ígneos, sob os pés e sobre as cabeças.

Os relatos de manifestações fosforescentes vindas da terra datam de 373 a.C. na antiga Acaia, na Grécia. Por vezes, isto está associado à atividade sísmica. Em 1257 d.C., os japoneses viram chamas azuladas irromper de fissuras abertas pelo sismo de Kamakura. No grande sismo de 2 de novembro de 1931, não menos de 355 japoneses viram no céu "raios semelhantes a holofotes apontando para cima a partir de baixo do horizonte" (*Literary Digest*, 4 de fevereiro de 1933).

Imediatamente após o forte sismo de 1872 em Cerro Gordo, na Califórnia, homens "cujo discernimento e veracidade estão acima de qualquer suspeita... viram lençóis de chama nas encostas rochosas das montanhas Inyo", relatou o *Inyo Independent*. Estas chamas, que duraram apenas alguns minutos, "ondulavam de um lado para o outro, aparentemente separadas do chão, como vastas tochas".

Harry Clawson estava sentado a três polegadas de um fogão de ferro fundido numa fábrica próxima, a esfregar as mãos uma na outra quando a terra tremeu: "Assim que a sua mão tocou no joelho, sentiu um choque e, imediatamente a seguir e durante um par de segundos, uma corrente de fogo correu entre ambos os joelhos e o fogão." Clawson provavelmente pensou que seria frito vivo naquela torrente ígnea de estática elétrica, ou "algo elétrico".

O fogo da terra do tipo não magmático não necessita de estar associado a sismos e vulcões. Plínio, o Velho, relatou na sua *Natural History* (Livro II, capítulo CXI) vários exemplos surpreendentes de fontes ígneas e "pira funerárias" na terra; de chamas que saíam "de uma rocha que é acesa pela chuva"; de um campo perto de Arezzo onde "a terra é posta a arder"; de "uma rocha sagrada" da qual "bota imediatamente uma chama" quando se colocava lenha sobre ela.

Entre as nove e as dez horas da noite de 25 de junho de 1875, Charles Gape observou "faixas muito estreitas de uma cor azul pálida" dardejar "da terra em direção aos céus" perto da sua casa em Inglaterra. Antes da meia-noite de 28 de agosto de 1883, William Noble testemunhou "uma espécie

de iluminação radial ascendente" a partir da paisagem além do seu observatório em Sussex, Inglaterra. Sabendo que a lua não deveria nascer antes de passadas duas horas, suspeitou que este cone de luz em direção ao céu resultava de um incêndio próximo — "mas não havia nenhum".

A 29 de março de 1905 — um ano cujos meses iniciais foram repletos de eventos forteanos, incluindo pirofenómenos —, várias pessoas em redor de Cardiff, no País de Gales, viram erguer-se da terra "uma aparência como um feixe vertical de luz, que não se devia (segundo diziam) a um holofote ou a qualquer causa do género!".

Na noite de 6 de fevereiro de 1955, os residentes de Tucson observaram a crista mais a sul das montanhas Santa Catalina brilhar com chamas estimadas entre trinta e cinquenta pés de altura ao longo de uma linha de fogo de mil e quinhentos pés de comprimento. No dia seguinte, o repórter Earl Zarbin caminhou sete milhas na acidentada paisagem montanhosa para encontrar "algo saído da ficção científica", relatou ele ao *The Arizona Daily Star* (8 de fevereiro de 1955). "Não havia gravetos suficientes lá em cima para manter um fogo aceso por uma hora e, no entanto, os habitantes de Tucson observaram o braseiro por três horas e... não havia nada senão uma área irregularmente queimada de 1000 jardas quadradas."

As folhas dos catos estavam cristalizadas; outros catos tinham as suas raízes queimadas ou tinham sido arrancados do solo por explosão e projetados para desfiladeiros próximos. A terra estava calcinada duas e três polegadas abaixo da superfície em alguns pontos; grandes rochas estavam queimadas de preto, indicando um calor intenso; plantas de iuca gigantes tinham sido arrancadas e parcialmente queimadas. Parecia que alguém tinha bombardeado a área com um maçarico gigante (embora a análise tenha provado a ausência de acelerantes), e ele concluiu: "Houve um incêndio, mas o que o causou continua a ser um mistério."

Era como se a própria terra tivesse detonado e vomitado chamas.

Ainda mais invulgar foi uma planície inteira em chamas com muitos milhares de labaredas que brotavam da paisagem a norte e a leste de Nandidroog, na Índia, na noite de 15 de junho de 1872. Cada chama, com pelo menos cinco pés de comprimento, era visível a uma distância de dez a quinze milhas, relatou o *Madras Mail*. O jornal dizia que este campo se

tinha inflamado de forma semelhante em anos anteriores e conjeturava que estas luzes eram "causadas pela ignição de algum gás inflamável que escapava em jatos da superfície da terra".

Ou, talvez, por uma descarga de eletricidade telúrica ou plasma. Como as luzes e clarões inexplicáveis que chocaram pessoas que se encontravam perto de sítios megalíticos como Abergavenny, no País de Gales... como os "vários pequenos fogos sem fonte aparente" que irrompiam ao pôr do sol durante um mês em 1965 em redor de uma concessão de diversões no Gateway Shopping Center em Edwardsville, na Pensilvânia; fogos que milagrosamente não feriram ninguém (embora bombardeamentos acompanhantes de "pedras semelhantes a seixos" tenham de facto estilhaçado uma estufa próxima)... como os círculos gémeos com uma milha de largura de fogos inexplicáveis que descobri no verão de 1983 com o auxílio do Chefe dos Bombeiros Jerry Grimmett e do Corpo de Bombeiros Voluntários de Gilbert, que ficaram sem resposta perante uma panóplia de caos combustível (por exemplo, autoignição de colchão, toalhas, brinquedos, vestuário, decorações de Natal dentro de um edifício selado de blocos de cimento) que atormentou a família do Rev. Gene Clemons em Wharncliffe, na Virgínia Ocidental... como o bombardeamento fogoso de dia e de noite entre Keklujek e Ziaret, dois picos nas montanhas Taurus da Mesopotâmia, descrito pelo respeitado climatologista Ellsworth Huntington no *Monthly Weather Review* (julho de 1900) como "bolas de luz" que são "por vezes vistas a começar numa montanha e a ir como um clarão para a outra".

Poderia alguma combustão espontânea acontecer porque um "ponto quente" telúrico dispara uma energia ardente? Poderiam as pessoas, por exemplo, arder como resultado de, sem saberem, estarem de pé, sentadas, a dormir, a caminhar ou a dançar sobre o epicentro de um sismo de fogo terrestre?

A ideia parece extravagante, mas cativante. Sugere um fogo literal do Hades sob os pés, um poder geofísico que ocasionalmente irrompe para queimar o que quer que esteja por cima.

De forma intrigante, a etimologia já apoia este conceito radical. Watkins notou a abundância de topónimos com "Brent" ao longo dos alinhamentos que discerniu e observou na sua obra-prima, *The Old Straight Track* (1925), que esta era uma forma antiga da palavra *burnt* (queimado).

Watkins notou ainda associações inesperadas com luzes no seu trabalho filológico: entre os exemplos que apresentou, o *New English Dictionary* diz que um significado arcaico de *leye* é "flama ou fogo", e o sânscrito *lelay* significa "faíscar, brilhar, flamejar".

Ley, portanto, pode conotar luz; brilho; fogo; chama. Enquanto Watkins via esta etimologia como relevante apenas para as fogueiras do Neolítico "refletidas na água" — ou seja, uma série de luzes a tremeluzir em lagoas alinhadas —, eu sinto que há um conceito mais fundamental, até mesmo geofísico, em funcionamento aqui. Submeto que algumas *leys* geram em certos pontos um fogo etérico que, sob certas condições, se torna por vezes visível ao olho humano e, por vezes, uma fonte para inflamar qualquer substância simpaticamente combustível que esteja no local.

Paul Screeton relata em *Quicksilver Heritage* (1982) a curiosa série de desastres que se abateu sobre um agricultor irlandês depois de ele ter tido a audácia de degradar (interromper o poder telúrico de?) um antigo sítio religioso na sua propriedade. Depois de a sua casa ter ardido por completo, ele mudou-se, apenas para ver a sua nova residência arder por completo pouco tempo depois. Ambos os incêndios ficaram por resolver. Coincidência? Ou sincronicidade?

Poderia ser que os celtas, por exemplo, ao realizarem ritos em locais com topónimos "Brent", estivessem mais sintonizados com o ambiente natural do que a sociedade materialista de hoje e soubessem sobre as poderosas energias sob os seus pés e casas, esforçando-se por acalmá-las — salvaguardando assim as suas vidas e propriedades dos estragos do fogo subterrâneo indomado?

Poderia ser que Birmingham na década de 1970 fosse o foco de descargas anómalas e periódicas de energia telúrica sobre as quais os seus cidadãos nada sabiam, e que conduziram a uma série de perplexidades em termos de combustão humana? Por qualquer razão, os mistérios que assombraram Birmingham na década de 1970 não são únicos; nem esta cidade está sozinha em acolher uma concentração de fogos atormentadores.

Peckham, Londres: Mais Combustões Estranhas

Deixando Birmingham a lidar sozinha por momentos com os seus mistérios ardentes, viajamos para sudeste até à capital de Inglaterra onde, escreve Frank Edwards em *Strange World*, um fogo estranho manteve

encontros na altura da Páscoa com a família de Graham Stringer na sua modesta casa no distrito de Peckham, em Londres.

O iniciador de fogo não convidado chegou cerca de três semanas antes da Páscoa de 1958, quando a cadeira de balanço do bebé e o cesto de brinquedos começaram a emitir fumo, deixando a brigada de bombeiros diante de um mistério. A Sexta-Feira Santa de 1958 deixou os Stringer com uma memória menos do que santa, pois o fogo misterioso ressuscitou novamente, de forma espontânea. Desta vez, as chamas abriram um buraco numa pilha de roupas do seu bebé. Em 1959, as chamas fantasmas saíram do esconderijo para atacar os sapatos do Sr. Stringer, mesmo no momento em que ele os calçava! Ele teve, literalmente, um pé (pés) quente naquela manhã.

Enquanto a última semana da Quaresma era observada em 1960, os Stringer observaram o renascimento do seu iniciador de fogo fantasma: uma pilha de roupa acabada de separar inflamou-se e, em menos de dois minutos, as peças de vestuário eram cinzas. Um "fumo luminoso" rodopiou pela câmara escura do Sr. Stringer. Os bombeiros vieram e foram-se embora perplexos, enquanto um padre veio realizar um exorcismo e simplesmente se foi embora.

O fogo desapareceu em 1961. In 1962, revisitou com vingança, pois a mobília entrou agora em autoignição na sala de estar dos Stringer. A Scotland Yard suspeitou do óbvio — fogo posto! — até saber que os Stringer não tinham seguro contra incêndios e nem sequer o conseguiam obter!

A família de Carl Berkenpas suportou uma perseguição fogosa semelhante desde a primavera de 1979 até 6 de fevereiro de 1981. Após dezoito meses sem incidentes na sua casa em Ashton, no Iowa, luzes incandescentes começaram subitamente a acender-se sozinhas; botões fundiram-se na caixa de plástico que os continha; o seu filho "agiu como se tivesse sido projetado contra o chão"; o próprio Berkenpas sentiu um "choque elétrico" e uma sensação de "queimadura" enquanto estava deitado na cama; os próprios lençóis da cama arderam por completo.

Como explicar estes ultrajes ao senso comum, ao conhecimento convencional? Haverá verdade na antiga crença de que o Hades se enfurece nos recessos do submundo, onde forças desconhecidas (bastante

independentes do magma) por vezes libertam fogo para assombrar e queimar as vidas de homens e mulheres no andar de cima? Haverá mais razões para acreditar que tal fogo sob os pés ainda inflama de formas que escapam ao controlo do homem?

Fogos sob os Pés

"Um canalizador espetou uma pá na terra para chegar a um cano de água partido, em Newman, Califórnia. A terra flamejou. Ele tentou de novo. Mais fogo. Esfregar um torrão com os dedos trazia mais fogo. Sem fugas de gás. Amostra enviada para o Chefe dos Bombeiros do Estado. Sem relatório à data de fecho da edição", relatou Tiffany Thayer numa edição de 1952 da *Doubt*.

Noutros locais, outros fogos deflagram a partir da terra abaixo.

"Há algum tempo que me pergunto sobre quem faz tantos pequenos fogos por todo o lado em campos e prados em todas as estações", musicou Horst Friedrich da Baviera, na Alemanha, numa carta enviada à Society for the Investigation of the Unexplained, "pois, na minha opinião, o número de locais aparentemente bastante recentes (no máximo vários dias) onde pequenos fogos devem ter ardido e agora restam apenas cinzas, etc., é surpreendentemente grande."

Ivan Sanderson, fundador da SITU, também tinha notado inúmeras manchas isoladas de vegetação queimada durante o seu trabalho de campo como naturalista. "Francamente", escreveu ele sobre estes pontos quentes para a *Pursuit* (julho de 1969):

... há simplesmente demasiados destes pequenos fogos, mês após mês, ano após ano, e aparentemente por todo o mundo, e... a vasta maioria deles não está nem de perto de uma estrada a partir da qual um idiota pudesse atirar um cigarro aceso, nenhum parece alguma vez causar alvoroço suficiente para motivar uma chamada para o corpo de bombeiros local, nenhum é visto a arder, e raramente há qualquer registo de relâmpagos na altura. Mas ali estão eles, apenas pequenas manchas de cinzas queimadas.

Por obra do destino, no mesmo mês em que Sanderson publicou as suas reflexões, a própria terra inflamou-se em Clifton, no Tennessee. Desta vez, no final de julho de 1969, as pessoas viram chamas a brotar do chão, chamas que se provaram quase fatais. "Nunca vi nada assim", confessou

Perry Davis ao *Sacto Union* (28 de julho de 1969). "Há folhas queimadas por todo o lado", disse ele sobre a sua quinta. "As labaredas saltam do chão quatro ou cinco polegadas. Parece que a terra foi calcinada de baixo para cima."

O fenómeno atraiu multidões de milhas em redor para contemplar esta zona de penumbra de combustão com dois acres. Davis colocou avisos para alertar do perigo. Os temerários ignoram avisos: W. J. Baker e outro homem caminharam sobre a terra ardente, que desabou sob os seus passos e os projetou para um forno subterrâneo do qual escaparam vivos por pouco.

Várias teorias culparam os relâmpagos; a combustão espontânea de carvão vegetal subterrâneo de um alto-forno de ferro gusa da Guerra Civil; e gases retidos, que os guardas florestais do estado disseram que "poderiam ser muito perigosos". Perry descartou cada teoria.

Menos de uma década decorreu antes que o braseiro subterrâneo seguinte atacasse... desta vez as raízes das árvores na propriedade de Fred Bradford, em Central Butte, Saskatchewan. O enigma, acompanhado por um odor horrível e ondas de choque, forçou a família canadiana a mudar-se e, de acordo com o *INFO Journal* (n.º 31), deixou as autoridades "completamente perplexas". As autoridades, falhando em explicar por que razão dois pontos de terra queimavam intensamente, recomendaram deixar os campos arder até ao fim. Os condenados morrerão de negligência —

Como provou ser o caso de Fred Bader, de San Antonio, no Texas. "Atacado por uma Chama Elétrica" foi a manchete do *Shreveport Times* (18 de novembro de 1880), sobre este rapaz de onze anos. A 11 de novembro de 1880, enquanto estava sentado dentro de casa, foi subitamente envolvido por uma "bola de fogo" que lhe queimou as sobrancelhas, chamuscou o cabelo e o boné, queimou-lhe a camisa e depois "passou em redor da casa para uma vala de irrigação e perdeu-se". Bader sofreu dores devido aos ferimentos e uma cegueira "produzida por fogo elétrico", disseram os seus médicos.

Terá Bader ardido "espontaneamente" por se sentar sobre um fogo da terra libertado por baixo da sua cadeira? Estaria a casa dos Berkenpas situada sobre um ponto quente telúrico? Viveriam os Stringer no topo de outro ponto de uma rede de fogo telúrica, cuja fúria foi cronometrada não por uma festividade cristã, mas por uma combinação peculiar de linhas de

força terrestres e/ou cósmicas combinando-se da forma exata (como o salitre, o enxofre e o carvão) para explodir em combustão? Se o Sr. Stringer soubesse tanto sobre energias quanto acredito que os antigos britânicos sabiam, teria optado por segurar pesadamente a sua casa contra incêndios; na verdade, provavelmente nem sequer teria vivido naquela casa.

Lembra-se de Peter Seaton, de onze meses, que ardeu no seu berço no início de janeiro de 1939 em Peckham Rye, Londres? Seria interessante saber a proximidade com que os Seaton e os Stringer viviam, com duas décadas de diferença.

A Teoria das Linhas de Fogo (*Fire-Leynes*): Mapeando os Sítios de CHU

"Linha de fogo" é uma frase habitualmente associada a conflitos no campo de batalha. Linha de fogo denota uma defesa contra o avanço de um holocausto crepitante de terras em chamas. Faixa de fogo designa uma parte de uma autoestrada que deve ser mantida aberta — ou seja, desimpedida — para permitir o acesso de equipamento de combate a incêndios. Propus em 1976 um outro significado para estas palavras, um que capta tanto os aspetos combustivos como os destrutivos de uma forma linear.

Este novo conceito é a *fire-leyne*: um tipo específico de linha *ley* com energia que pode gerar fogo em objetos situados no seu percurso. As *fire-leynes* podem ser baseadas no solo (chamar-lhes-ei *telleynes*, de telúrico = terra) ou acima do solo (*aerleynes*, de aéreo = ar/acima). A distinção entre uma *ley* e uma *leyne* é que a primeira representa um alinhamento geométrico, possivelmente com um fator energético; a segunda é primariamente um fluxo de energia indígena da terra que se pode manifestar linearmente na superfície ou perto dela.

Mais tarde soube de uma antiga tradição chamada Seta Secreta, uma condição de energia telúrica hiperacelerada que os chineses temiam. Se o seu fluxo fosse demasiado rápido e demasiado reto como uma seta, então as coisas queimavam devido à hiperatividade. Submeto que isto não é mero

saber alegórico, mas pode ser, quando as condições estão reunidas, uma inflamação literal de objetos físicos.

Serão as *fire-leynes* algo mais do que uma teoria imaginativa, contudo? Não há nada como a experiência prática para cravar um ponto teórico. Decidi colocar a ideia à prova.

Com vários mapas britânicos, um bom dicionário geográfico e um índice de casos de CHU, criei em 1976 uma paisagem cartográfica preenchida por um labirinto de pontos que designavam os cinquenta e um locais na minha base de dados onde fogos estranhos tinham, em várias épocas, confundido as populações. Agora, a régua, rapidamente. Quaisquer dois pontos estabelecem uma linha. Procurei por linhas que ligassem três pontos, logo, três casos. Encontro vários alinhamentos de três pontos. Dos cinquenta e um casos de pirofenómenos conhecidos na altura, um total de quarenta e três — 84,3 por cento — recai sobre *fire-leynes* de pelo menos três pontos! (Ver fig. 22-1.)

Mas Watkins (como a maioria dos caçadores de linhas *ley*) queria evidências de quatro pontos, abaixo de cujo número a coincidência se poderia infiltrar. Seriam as horas passadas na mesa de desenho reduzidas agora a um exercício de futilidade? Não! Encontra-se uma *fire-leyne* de quatro pontos; depois outra. De seguida, encontram-se alinhamentos de cinco e seis pontos. Finalmente, a régua revelou ao longo da costa do Mar do Norte um alinhamento surpreendente que se estendia por mais de quatrocentas milhas através de cidades que albergavam dez (talvez mais) prováveis fogos misteriosos. Designei-o por *Fire-Leyne I.*

Abrindo o Caminho: Evidências para a *Fire-Leyne I*

Desafia a coincidência que incêndios incrivelmente bizarros que se estendem por mais de duzentos anos possam ser unidos por trajetórias retas como setas. No mínimo, a cartografia da combustão é um conceito que certamente incendiará a imaginação. Exploremos a *Fire-Leyne I* brevemente... e os fogos misteriosos que a definem. Começamos no seu término norte (conforme atualmente se sabe estar) e movemo-nos para sudeste ao longo da linha costeira oriental da Grã-Bretanha.

PONTO 1: Um veterano transportador de lenha, John Anderson, de cinquenta anos, notório consumidor de bebidas alcoólicas, de estatura baixa e esguia, cavalgou para uma morte fogosa mesmo além da barreira de

portagem em Harmuir, na estrada Nairn-Darnaway, sete milhas nos arredores de Nairn, no norte da Escócia, a 29 de julho de 1852. Ele tombou, já em chamas, da sua carroça cheia de lenha e palha. No chão, ardeu rapidamente de forma tão completa "que era duvidoso que pudesse ser levantado sem se desfazer em pedaços", relataria mais tarde o *The Abstainer's Journal* (março de 1853).

As autoridades médico-legais do condado de Nairn solicitaram que o Dr. John Grigor inspecionasse o corpo e elaborasse um relatório sobre este curioso incidente. O Dr. Grigor cumpriu a sua missão e testemunhou que a carbonização da combustão era tão completa que "a pessoa só foi reconhecida porque os seus cavalos e carroças eram conhecidos". Posteriormente, submeteu as suas conclusões detalhadas ao *The Monthly Journal of Medical Science* (1852), no qual descreveu a anatomia restante de Anderson como "um corpo preto, incinerado e enrijecido". A cabeça e a parte superior do corpo estavam horrivelmente queimadas; as costas "não tão destruídas". Não há indicação de membros ou secção intermédia incinerados.

As entrevistas do Dr. Grigor revelaram o facto de que Anderson queria o seu cachimbo aceso e tinha pedido a um amigo sóbrio que o fizesse por ele. O amigo, não achando isso prudente, "apenas colocou um pouco de fogo sobre a velha cinza de tabaco" e, após uma passa, Anderson queixou-se de que o cachimbo se tinha apagado. Os dois homens conversaram durante dez minutos, depois o amigo virou-se para caminhar em direção a casa. Anderson, de cachimbo frio na mão, partiu na sua carroça. O amigo sublinhou mais tarde que Anderson raramente acendia o seu próprio cachimbo e quase nunca trazia fósforos consigo.

Momentos depois, um pastor viu fumo a subir da carroça de Anderson; viu Anderson descer da carroça, colocar-se de pé, depois cambalear e cair. Em poucos minutos, o fumo brotou de Anderson, e o pastor e uma mulher uniram esforços para regar Anderson com baldes de água. Tudo isto, determinou Grigor, demorou "não mais de 15 minutes". O cachimbo foi encontrado com a tampa colocada, abaixo do corpo, indicando a Grigor que não tinha sido reacendido. As roupas de Anderson "foram todas consumidas, exceto a parte inferior das pernas das calças", um chapéu e pedaços de tecido nas suas costas. "Não houve nenhuma parte da palha queimada."

Não foi inesperada a matéria que o falecimento de Anderson ofereceu a algumas agendas políticas. Por exemplo, o *The Abstainer's Journal* apressou-se a sugerir que a CHU de Anderson foi uma retribuição divina por ele ter sucumbido ao "demónio da Intemperança, inflamando-se tal como faz o vil licor que permeava o seu corpo".

Nickell e Fischer sustentaram em 1984 que John Anderson não sucumbiu à CHU por motivo nenhum porque, obviamente, se incendiou após cair sobre o seu cachimbo aceso — uma alegação que não é de todo tornada óbvia em documentos contemporâneos como *A Treatise on Medical Jurisprudence* (1855) de Wharton e Stillé; e que ele apenas sofrera queimaduras superficiais — mais uma vez, sem respaldo nas evidências originais. Apresento essas evidências originais, que são bastante instrutivas, nas observações pessoais do Dr. Grigor:

O caso, à primeira vista, pareceu-me ter surgido pelo facto de as roupas terem, por algum meio, pegado fogo, e o fumo daí resultante produzido a morte por asfixia — estando o indivíduo muito embriagado; mas segundas reflexões demonstraram alguns pontos não conciliáveis na minha mente com esta visão, tais como a posição de costas, etc. — ocorrendo o evento ao ar livre — a rigidez dos membros — nenhum vestígio de fogo — e a rapidez e extensão da combustão, enquanto esta última (comparada com os relatos dos mártires, das *suttees* e de outros que foram consumidos, e a grande quantidade de combustível e o tempo que foram necessários) e nenhum aparente esforço ou tentativa ter sido feita para rejeitar as vestes a arder, ou para apagar as chamas no ribeiro que corria ao lado, enquanto o homem não estava de todo num estado de insensibilidade devido às suas libações [bebida alcoólica], levou-me à crença de que não se tratou de uma combustão comum decorrente da aplicação de fogo. Fui então induzido a considerá-lo como um caso de decomposição ígnea progressiva, com início durante a vida, sem a aplicação ou aproximação de qualquer corpo quente ou em chamas...

O Dr. Grigor tinha cunhado uma nova frase — decomposição ígnea progressiva — para aquilo a que ele dizia que outros médicos respeitados chamavam combustão espontânea, ou *Catacausis Ebriosa*, do corpo humano. Embora se referisse às experiências malsucedidas de Bischoff para queimar tecidos embebidos em álcool, Grigor pensava que o álcool poderia dar conta do recado, se houvesse tempo suficiente. O Dr. Grigor

concluiu que houve muito pouco tempo para John Anderson morrer desta forma. Causa da morte de John Anderson? Disse o Dr. Grigor: "Deve tratar-se de um corpo animal convertido num corpo combustível."

O fumegante John Anderson forma o término norte da *Fire-Leyne I* — ou, para usar o jargão de Watkins, "o ponto de facho" numa trajetória carregada de fogo na direção sul-sudeste. Um ponto de facho a brilhar com a luz de um corpo em combustão espontânea, decretado medicamente. Há mais pontos, mais vítimas insuspeitas.

PONTO 2: A trajetória entra em Inglaterra e na cidade costeira de Blyth. Esta comunidade à beira-mar abriga mais do que barcos: vários fogos inexplicáveis aportaram aqui, ancorados na *fire-leyne* que se estende desde Nairn, 195 milhas para norte-noroeste.

Primeiro, Barbara Bell. A 23 de fevereiro de 1905, fumo saía por baixo da porta da viúva de setenta e sete anos. A sua filha tateou de mãos e joelhos pela casa cheia de fumo até esbarrar na mãe, que estava "já completamente morta". Um funcionário legista adjunto declarou o corpo "horrivelmente carbonizado". Após um exame superficial dos factos desconcertantes, o júri do inquérito decretou "morte acidental" porque, relatou o *The Blyth News & Wansbeck Telegraph* (28 de fevereiro de 1905), "estava perfeitamente claro que a pobre mulher tinha entrado acidentalmente em contacto com o fogo [da lareira]". Esta conclusão "perfeitamente clara" contradizia cada um dos factos apresentados pelas testemunhas no local; no entanto, foi aceite sem questionamentos. A CHU ter-se-ia ajustado a todos os factos; mas a CHU é inaceitável, inquestionavelmente.

Um mês e três anos mais tarde, uma segunda ofensa à normalidade horrorizou os cidadãos de Blyth. (O evento permaneceu desconhecido, perdido para a história, até eu deparar com ele enquanto lia jornais no *The British Museum*). Desta vez é Charles Scholl, um marinheiro alemão em meados dos seus cinquenta anos, para quem Blyth seria o seu último porto de escala. Scholl tinha pedido à sua senhoria que o acordasse no dia seguinte. Isto ela tentou fazer na manhã de terça-feira, 31 de março de 1908. Mas, para seu choque, disse o *The Blyth News & Wansbeck Telegraph* (3 de abril de 1908), descobriu que a "cama estava em chamas... enquanto sobre a cama a arder ainda jazia Scholl". De acordo com um médico chamado ao local, o marinheiro estava "gravemente chamuscado

nas mãos, pés e corpo". Como o fogo estava tão localizado, limitado apenas ao quarto de dormir, o corpo de bombeiros não teve preocupações exceto explicar a origem do braseiro fatal. "A ideia de o falecido ter estado a fumar está descartada", determinou o corpo de bombeiros. "Como o fogo deflagrou é desconhecido", disse o jornal num esforço jornalístico de promoção da verdade. Sendo raros os incidentes de combustão humana perplexos, mais perplexo é que dois tenham ocorrido na mesma pequena cidade no espaço de trinta e oito meses! Mas há mais.

PONTO 3: Sete milhas mais adiante, a linha de combustão passa zunindo sobre Whitley Bay. Alguns dias antes de a tragédia atingir Scholl na vizinha Blyth, um incêndio semelhante surgiu e separou para sempre as solteironas Dewar. Na noite de domingo, 22 de março de 1908, Margaret Dewar entrou em casa e chamou pela irmã. Sem resposta. Subiu as escadas, apenas para fugir horrorizada. Os vizinhos responderam aos seus gritos e descobriram no andar de cima o corpo carbonizado de Wilhelmina Dewar — numa cama que não mostrava qualquer vestígio de fogo. Nenhum sinal de fogo noutro local, também.

Fogo da Terra! A Cartografia da Combustão

Margaret testemunhou no inquérito que encontrou a irmã nas circunstâncias corroboradas por alguns dos seus vizinhos: em chamas na cama do andar de cima. Isto não satisfez o legista. Convocou um guarda, que testemunhou que Margaret estivera terrivelmente embriagada — nenhuma acusação desse género fora feita quando ela subira ao banco das testemunhas — e, portanto, não podia saber o que vira nem o que dissera naquela fatídica noite de domingo. O legista instou Margaret a reconsiderar as suas palavras; ela recusou. Margaret era uma professora primária reformada; orgulhava-se da sua reputação. Não iria perjurar-se. O legista adiou o inquérito até 1 de abril, altura em que Margaret mudou subitamente a sua história, para apaziguar o legista, segundo se diz; para apaziguar as gentes da cidade, que escarneciam da sua história; para apaziguar a comunicação social, que a ridicularizava; e para apaziguar qualquer outra pessoa que se opusesse à sua história extravagante. Pediu desculpa. Tinha estado enganada e fora insensata, disse ela neste Dia das Mentiras. Tinha, dizia agora, em vez disso descoberto a irmã queimada mas viva no rés-do-chão da sua casa, e tinha-a ajudado a subir as escadas e colocado na cama, onde ela depois morreu.

O legista ficou satisfeito, muito embora esta versão falhasse em explicar a ausência de danos causados pelo fogo no rés-do-chão; a ausência de um rasto de cinzas a cair das roupas e do corpo de Wilhelmina a caminho do quarto; e a ausência de fuligem, sujidade e manchas nas roupas de Margaret enquanto amparava a sua irmã chocantemente queimada escadas acima (a menos que Margaret tivesse assassinado a irmã e depois arrumado tanto a si própria como a casa antes de correr para a rua a fingir alarme perante os vizinhos).

O legista não viu razões para avançar com acusações criminais. Isso significava que não houve justiça final no incêndio que matou Wilhelmina, também. Para citar o *The Blyth News & Wansbeck Telegraph* (3 de abril de 1908): "O Legista, no resumo, disse que se encontravam na mesma posição em que estavam na abertura do inquérito. Não conseguiam dizer como o acidente aconteceu" — pelo que o júri se contentou com morte por choque e queimaduras acidentais. Isto não resolve nada. Qual foi o acidente? Como foram geradas as queimaduras? Por que razão ninguém pôde testemunhar ter encontrado destroços queimados no rés-do-chão, poupando assim a pobre e desgostosa Margaret às pressões do legista? Estou cansado de ler "morte acidental" quando há muito mais em jogo. "Morte acidental" é uma confissão de ignorância, pura e simples. Penso que a natureza do "acidente" de Wilhelmina envolveu um encontro entre si e uma linha de fogo a abrir caminho através de Whitley Bay.

E tal como a sua cidade irmã a norte, o envolvimento de Whitley Bay com fogos enigmáticos não terminou com apenas um incidente. Encontro outro. É um pouco diferente; dá uma mudança de ritmo. Naquele ano de mistérios de 1938, quando coisas e humanos entravam em combustão por toda a Grã-Bretanha, um homem que usava um chapéu de feltro tipo *trilby* caminhava ao longo do Promenade de Whitley Bay às sete horas, a 23 de outubro. Uma senhora gritou: "O senhor está a arder." E eis que, para seu espanto, ele ergueu o chapéu para descobrir que este fumegava. Um petardo lançado por rapazes travessos é o culpado, presumiu o *The Newcastle Journal* (24 de outubro de 1938).

Nenhuns petardos a explodir foram vistos ou ouvidos, nem rapazes irresponsáveis foram detidos — os polícias britânicos não conseguem capturar o que não é visto nem ouvido. "Acidentalmente" o chapéu incendeia-se. De quê? Terá um meteoro ígneo atingido o chapéu, o qual

salvou o seu dono de uma terrível dor de cabeça e de uma calcinação por fogo do céu? Talvez o vestuário se incendeie primeiro dentro de zonas telúricas de combustão. Combustão Roupeira Humana Espontânea, talvez? O chapéu *trilby* não está sozinho nos anais do vestuário espontaneamente em chamas:

- Certo dia, em janeiro de 1959, um chefe de bombeiros iraniano combateu dezoito incêndios distintos na sua própria casa em Teerão, todos devido a causas que não puderam ser determinadas. Num surto particularmente irritante, a roupa interior do Chefe dos Bombeiros Hussein Meshauyekh "pegou fogo — enquanto ele a tinha vestida".

- A 16 de julho de 1960, a roupa de Rose Howes inflamou-se e depois transformou-a numa bola de fogo humana em Barre, Massachusetts, de acordo com *Weird Unsolved Mysteries* (1969).

- No ano seguinte — 19 de outubro de 1961 — oito fraldas penduradas a secar na corda da roupa da Sra. Jack Roll em Evansville, Indiana, em vez disso carbonizaram misteriosamente. Disse a obra de Edwards, *Strange World*: "sem fogo... sem relâmpagos".

- A 11 de agosto de 1970, a equipa do Fordham Hospital na cidade de Nova Iorque respondeu a um tipo diferente de emergência: roupas a explodir. Especificamente as pertencentes a Asit K. Ray, de trinta e nove anos. Aconteceu uma vez antes de ele ser admitido, depois as suas vestes "explodiram" mais duas vezes dentro de Fordham. A causa provável é química, relatou o *Daily News* (12 de agosto = de 1970), acrescentando de forma críptica que as "explosões ocorreram entre a pele e a roupa".

- A 5 de fevereiro de 1971, Erling Bakke sofreu queimaduras de primeiro e segundo graus após o seu casaco se inflamar por razões "indeterminadas" às 10:30 daquela manhã no Minnesota. O homem de cinquenta e dois anos nem sequer se apercebeu da sua situação até que alguém lho disse, relatou o *The Minneapolis Star* (fevereiro)...

Adolph Heuer Jr. comentou a altura em que um casaco de trabalho molhado irrompeu em chamas diante dos seus olhos. "Sempre me intrigou como é que um pano molhado pode 'arder'. Afinal", escreveu ele à SITU em 1976, "podemos usar pano molhado para apagar alguns fogos!".

Em Whitley Bay um chapéu arde, sem ferir quem o usa. Os fios de evidência a que chamo pistas para a CHU encontram-se agora também nos tecidos. Casacos e roupas que flamejam espontaneamente; em Whitley Bay, um chapéu incendeia-se espontaneamente. Por Whitley Bay passa uma *fire-leyne*, não vislumbrada exceto pelos fenómenos da sua passagem. O alinhamento de fogo, agora com duzentas milhas de comprimento, estende-se ainda mais longe.

Fogo da Terra! A Cartografia da Combustão

PONTO 4: A *Fire-leyne I* cruza-se em cheio com Kingston-upon-Hull, onde quatro *fire-leynes* se intercetam. Um ponto quente de *fire-leynes*, poder-se-ia dizer. Elizabeth Clark não conseguiu dizer o que foi que calcinou gravemente a sua carne septuagenária por volta das 6:00 da manhã de 6 de janeiro de 1905, no Trinity House Almshouse na Carr Street, em Hull. "Ela foi incapaz de dar um relato articulado sobre a maneira como sofreu os seus terríveis ferimentos", declarou o *Hull Daily Mail* (6 de janeiro de 1905).

Talvez a viúva empobrecida não conseguisse explicar a sua situação porque esta a confundia tanto a ela como aos investigadores. Tinha, afinal, não sentido qualquer dor, e o seu quarto e até a sua cama estavam não queimados. Suspeito que ninguém em Hull sabia que os humanos podiam entrar em combustão espontânea, e que esta vítima aparece ligada a uma morte fogosa semelhante cinquenta e dos anos antes na Escócia, a trezentas milhas de distância. (Lembre-se: foi em Hull que G. A. Shepherdson ardeu misteriosamente no seu camião a 7 de abril de 1938).

PONTO 5: Hull não estava sozinha a lutar com o problemático no início de 1905. O hospital de Louth, trinta milhas a sul-sudeste no meio dos Lincolnshire Wolds, lidava nesta altura com dois pacientes estranhamente queimados. Uma era uma rapariga de uma quinta da vizinha Binbrook; discutiremos o seu caso mais tarde. O outro paciente era Ashton Clodd, de setenta e cinco anos, atingido mortalmente no final de janeiro de 1905 por aquilo a que o *Lloyd's Weekly News* (5 de fevereiro de 1905) chamou "queimaduras misteriosas". Alegadamente, caiu sobre uma grelha de lareira, embora ninguém tenha testemunhado ver brasas quentes na mesma. Ashton — um nome de significado combustível? — não é a única pessoa a ter ardido numa lareira desprovida de brasas incandescentes.

A *Fire-Leyne I* passa mesmo ao lado de Louth; precisamente, no meu mapa, ela traça o seu percurso cerca de uma milha a oeste da cidade. Talvez a casa do Sr. Clodd ficasse cerca de uma milha a oeste de Louth propriamente dita e diretamente no topo da trajetória ígnea em questão. Não posso afirmar com certeza.* Sei, sim, que tinha traçado a *Fire-Leyne I* antes de descobrir que Louth ficava em Lincolnshire; antes de atribuir Ashton Clodd ao seu quinto ponto. Uma bela confirmação da teoria —

Revejamos. Encontramos oito casos de fogos invulgares e enigmáticos em cidades ao longo de uma linha reta de 339 milhas de Nairn a Louth. Watkins veria certamente a descoberta com entusiasmo. Além disso, três casos agrupam-se nos dois primeiros meses de 1905, e pelo menos mais dois estão comprimidos num único mês (março de 1908). O alinhamento Nairn-Blyth-Whitley Bay-Hull-Louth poderá incluir ainda mais.

POSSÍVEL PONTO 6: Folheando o *The Blyth News & Wansbeck Telegraph* de 6 de março de 1908, descobri que três dias antes a Sra. Elizabeth Nicholson, de quarenta anos, de Whitfield, Northumberland, foi encontrada "em chamas" num celeiro. Fósforos não riscados jaziam perto do seu corpo sem vida. Outros detalhes estão ausentes. Poderá ser descuido; poderá ser suicídio; poderá ser combustão humana espontânea.

POSSÍVEL PONTO 7: Outro incêndio em Northumberland — localização exata não fornecida, talvez perto da costa — ocorreu num "clube de trabalhadores... numa cidade industrial" e confunde dois especialistas em incêndios. Pensa-se que o braseiro teve dois focos (isto é, dois pontos de origem separados), e os investigadores J. Anderson e H. J. Walls consideram isto "suficientemente raro" para escreverem sobre o assunto na *Medicine, Science & The Law* (1961-1962). Fogos deflagraram em simultâneo em duas áreas do clube, uma situação desconcertante, especialmente depois de os investigadores já terem descartado o fogo posto.

Uma hipótese elaborada é então construída: em suma, cigarros em combustão lenta numa sala inflamaram-se, após o que uma coluna de ar quente subiu por uma divisória e fez com que a tinta do outro lado sofresse uma combustão súbita generalizada (*flash-over*), após o que gases inflamados e partículas a arder foram transportados por convecção ao longo do teto da outra sala, descendo pela parede oposta até às cortinas da janela, as quais subsequentemente se incendiaram e, por sua vez, queimaram a

tampa de uma conduta permitindo que o fogo se espalhasse para o andar superior e telhado. Ufa!

Há um problema, contudo, que os investigadores notam com aparente embaraço: uma circunstância "bastante surpreendente" é que o teto e o isolamento exposto não mostram "sinais de aquecimento intenso" — por outras palavras, o facto surpreendente é que o que foi proposto não se ajusta ao que foi observado. Dois fogos, e nada os liga fisicamente. Grande calor, focos de incêndio isolados, danos iniciais localizados, a combustão de materiais retardadores de fogo e autoridades perplexas: as mesmíssimas circunstâncias associadas ao tipo de pirofenómenos que aqui se discutem. Proponho uma suposição diferente: a de que o clube está implantado sobre a *Fire-Leyne I*, cuja ativação nessa noite escolheu dois objetos no piso térreo do estabelecimento pelos quais a *telleyne* passava e hiperenergetizou os seus átomos, causando um aquecimento térmico atómico que culminou em combustão espontânea.

POSSÍVEL PONTO 8: Christine Arnold (sem relação de parentesco), de quarenta e sete anos; a filha Sarah, de dezassete; e o marido de Sarah, Paul Jupp, de vinte e um, mudaram-se para Spinney Cottages, Rougham, em junho de 1989. Diz-se que a casa dos Arnold fica "perto de Bury Saint Edmunds", na paisagem rural de West Suffolk. "Acontecimentos fantasmagóricos" não especificados começaram quase de imediato, habitualmente por volta das 21:20. Um vigário, convidado pela assustada família, pressentiu "um mau pressentimento" em redor de um roupeiro de roupa.

A 5 de novembro, por volta das 21:20 e mesmo antes de a família regressar de um passeio, o fogo deflagrou nesse mesmo roupeiro, destruindo o seu conteúdo e produzindo pesados danos causados pelo fumo. Fenómenos de clariaudiência e psicocinéticos seguiram-se, relatou o *Bury Free Press* (10 de novembro de 1989), mas aparentemente não houve mais surtos ígneos. Bury Saint Edmunds fica quatro milhas a oeste da *Fire-Leyne I*. Tendo descoberto este incidente na noite anterior àquela em que este livro deve ser entregue à editora,

Triângulos de Fogo: Colocando as *Fire-Leynes* à Prova

... não terei tempo para encontrar as minúsculas Spinney Cottages num mapa de Inglaterra. Poderá querer fazer isso por si mesmo.

POSSÍVEL PONTO 9: Lembra-se de Grace Pett, a esposa do pescador encontrada "consumida por um fogo sem chama aparente" em Ipswich, em 1744? Ipswich fica seis milhas a leste da *Fire-Leyne I*. Os relatos contemporâneos indicam que Grace Pett vivia no campo, não em Ipswich propriamente dita. Se ela vivia cerca de seis milhas a oeste do centro de Ipswich, talvez ao longo da estrada para Hadleigh (*ley*?), então o seu corpo reduzido a cinzas brancas poderia ser atribuído como o décimo primeiro braseiro invulgar na *Fire-Leyne I*, que mediria agora pelo menos 430 milhas de comprimento!

A investigação científica torna-se possível quando um fenómeno exibe padrões e constância que podem ser classificados e estudados. Braseiros invulgares que confundem os investigadores e são ignorados por todas as especializações dentro da ciência moderna apontam para padrões de alinhamento na terra sobre os quais as pessoas e os bens se inflamam espontaneamente. Certamente, nem tudo o que se encontra sobre estes alinhamentos irrompe em chamas. Se as estatísticas que sustentam a hipótese das *fire-leynes* revelam, de facto, uma força externa invisível, até agora insuspeita, capaz de inflamar pessoas e locais, deve haver um conjunto muito preciso e complexo de circunstâncias para espoletar a ignição. Circunstâncias que, felizmente, ocorrem com infrequência, ao que parece. Há mais a considerar, cartográfica e conceptualmente, à medida que o mapeamento dos caminhos de combustão revela enigmas adicionais e novas revelações.

23. Triângulos de Fogo: Colocando as *Fire-Leynes* à Prova

Estabeleça o triângulo e o problema está dois terços resolvido.

— Platão

Início de 1905: a isolada quinta de Yarn Walk pertencente ao Sr. White nos Lincolnshire Wolds, perto de Binbrook. Ocorrências misteriosas. Objetos voam de um lado para o outro. Outros objetos, incluindo pratos, desaparecem — por algum tempo. Uma panela de leite transborda espontaneamente quando ninguém está perto dela; na panela é encontrado

um dos pratos que tinha desaparecido. O Rev. A. C. Custance, da Reitoria de Binbrook, escreve à Society for Psychical Research, dizendo que as coisas estão a irromper em chamas! Há uma jovem rapariga. Aha, a culpada! Desta vez deve-se reconsiderar uma "óbvia" perpetradora do misterioso, porque esta criada em Yarn Walk, "enquanto varria a cozinha, ficou gravemente queimada nas costas". O Sr. White deu este relato ao *Louth & North Lincolnshire News* (28 de janeiro de 1905):

A nossa criada... estava a varrer a cozinha. Havia um fogo muito pequeno na lareira: havia ali uma proteção, de modo que ninguém se pode aproximar a menos de dois pés ou mais do fogo, e ela estava na outra extremidade da sala, e não tinha estado perto [dele]. Entrei subitamente na cozinha e lá estava ela, a varrer, enquanto a parte de trás do seu vestido estava a arder. Ela olhou em redor, conforme eu gritei e, vendo as chamas, correu pela porta fora. Tropeçou e eu abafei o fogo com sacos molhados.

Levada para o hospital de Louth, a rapariga ferida foi visitada por um repórter a 27 de janeiro. Este verificou a sua condição crítica, agora dolorosa, e comentou que "Ela mantém a crença de que estava no meio da sala quando as suas roupas se inflamaram". Se a jovem era a culpada nos mistérios de Yarn Walk, também parecia culpada de CHU.

Os jornais fizeram uma festa com a Binbrook rural. O conceituado *Liverpool Echo* (26 de janeiro de 1905) castigou o campesinato pela sua "firme crença na ressuscitação da feitiçaria" e aceitação de "extraordinárias exibições coreográficas" por objetos que supostamente deveriam ficar quietos onde são colocados em vez de dançarem de um lado para o outro. Para desgosto editorial do *Echo*, um repórter enviado para desmascarar estes contos tolos descobriu que eram perturbadoramente verdadeiros.

Fogos bizarros eclodiam mesmo. O mesmo acontecia com outras coisas, como a quebra espontânea de pescoços de galinhas na quinta. Uma força macabra andava à solta no galinheiro do agricultor White. De 250 aves, 226 tinham a pele arrancada, os pescoços torcidos e as traqueias arrancadas e partidas, apesar de o Sr. White testemunhar que o seu galinheiro tinha sido vigiado dia e noite.

Yarn Walk, perto de Binbrook, fica a apenas quatro milhas da *Fire-Leyne I* à medida que esta corre o seu percurso em linha reta de Nairn a Louth — mais um exemplo do princípio de Watkins de que a plotagem de

leys conduz a revelações imprevistas (que é o que uma teoria científica bem-sucedida deve fazer). Como irei mostrar, essa distância é tão significativa como se Yarn Walk estivesse situada no topo da *fire-leyne*. Mais curiosidades.

Sete milhas a oeste de Binbrook fica Market Rasen, uma cidade situada na interseção de duas propostas *fire-leynes*. A 16 de janeiro de 1905, um galinheiro e cinquenta e sete aves arderam por lá. Não é digno de nota, pensa?Noto que ninguém descobriu como o galinheiro se incendiou, e que a apenas escassas milhas de distância o Sr. White perdeu 90 por cento das suas galinhas de outra forma bizarra no espaço de uma quinzena. O *Echo* admitiu "alguma curiosidade quanto à força que fazia as panelas e frigideiras bailarem pela cozinha, e gostaríamos certamente de saber a verdade sobre as costas queimadas da criada". O mesmo gostariam os médicos do hospital de Louth, que em pouco mais de uma semana estariam a tratar Ashton Clodd de queimaduras de uma natureza semelhante e igualmente misteriosa!

Fogos misteriosos a nível local; depois inundações de água localizadas. A natureza equilibra um fenómeno sobrecompensando com os excessos de outro? Muitos escritores agruparam os episódios de Binbrook-Market Rasen na categoria muito ampla de surtos de *poltergeist* centrados em jovens adolescentes. Considere-se uma via de pensamento diferente: linhas de força, energias telúricas e *fire-leynes* que canalizam energias que fabricam surtos do tipo *poltergeist*.

A natureza pareceu de facto enlouquecer em 1905, à medida que vagas de CHU e outras para-anomalias banhavam as margens desta realidade. Terá sido isto porque a rede de *leys* da Terra, sobrecarregada nesse ano, descarregou o seu potencial em excesso em pontos de poder ou através de zonas de fragilidade ao longo das linhas de transmissão de *telleynes*? E terá Lincolnshire dado por si no meio de uma dessas áreas de anomalia?

"As evidências estão lentamente a acumular-se de que existe de facto uma correspondência entre tipos de fenómenos forteanos e a proximidade de *Leys*", observou Robert Rickard, provavelmente o mais destacado estudioso forteano do mundo.

Binbrook localiza-se perto do centro de um triângulo formado por três *fire-leynes*: a leste pela *Fire-Leyne I* (discutida no capítulo anterior); a oeste pela *Fire-Leyne V* de quatro pontos que passa por Lincoln e liga pirofenómenos em Market Rasen, Coventry, Cheltenham e Stroud; a sul pela *Fire-Leyne IV,* que se estende pelo coração de Inglaterra e talvez ligue seis locais de combustão paranormal em Louth, Market Rasen, Sheffield, Warrington, Liverpool e Birkenhead, e possivelmente um sétimo episódio envolvendo a CHU de Mary Hogan em Dublim, na Irlanda — uma distância total de 260 milhas. Este triângulo de fogo em Binbrook é equilátero, tendo cada lado 12,5 milhas de comprimento; a sua área é de cerca de 68 milhas quadradas. E a quinta de Yarn Walk fica quase precisamente oposta a cada ângulo do triângulo de *fire-leynes* que a rodeia.

Assim como a luz e o som podem ser recolhidos por um cone recetor e concentrados num feixe poderoso ao longo do seu eixo, poderiam as energias que produzem os fenómenos em dois dos vértices do triângulo (Market Rasen e Louth) ter-se concentrado em frente a esses vértices? Portanto, as calamidades na quinta de White não estariam associadas diretamente à *fire-leyne* de Nairn para Louth — ou seja, não estando no topo do alinhamento em si —, mas resultaram do foco de duas *fire-leynes* a descarregar o seu poder em simultâneo no centro do triângulo de fogo, onde "X marca o lugar" do seu cruzamento. Hipotetizemos.

Final de dezembro de 1904: as *fire-leynes* em redor de Lincolnshire tornam-se ativas, à medida que a energia começa a flamejar. Uma panela salta da prateleira na cozinha da Sra. White; os tachos giram sobre si mesmos. Meados de janeiro de 1905: as *leynes* estão a crepitar com poder à medida que enormes potenciais de energia começam a romper a fronteira entre o invisível e o físico. Um galinheiro e dezoito galinhas em Market Rasen entram em combustão espontânea. Final de janeiro de 1905: as *fire-leynes* já não conseguem reter as tremendas forças que fluem através delas na área de Lincolnshire. Nos seus ângulos de interseção formam-se vastas sobrecargas que libertam surtos titânicos de energia telúrica em direção ao ponto oposto a cada vértice. O tecido da realidade é dilacerado em redor de Binbrook, enquanto a quinta de White suporta o embate de uma tempestade telúrica invisível, tão violenta como um tornado. Os tachos executam coreografias; os pratos teletransportam-se; chamas etéricas calcinam espontaneamente objetos de madeira e de carne; inundações de água condensam-se a partir dos éteres; vórtices de uma força assustadora atacam

galinhas e viram-nas do avesso. Depois a fúria abranda; o equilíbrio começa a ser reposto.

O canto sudeste do triângulo de Binbrook tremeluz à medida que o seu fluxo de energia subsiste: o corpo velho e frágil de Ashton Clodd calha estar no local desfavorável nessa altura, e a bioenergia hiperenergizada calcina-o a partir de dentro enquanto o processo de reordenação continua. Ele morre no Hospital de Louth, sem nunca saber o que o atingiu ou que outra paciente ali fora derrubada pelo mesmo tipo de tempestade de fogo quando esta passou pela cozinha do agricultor White.

As *fire-leynes* dissipam agora o seu poder concentrado para longe do centro do Triângulo de Binbrook, ao longo de uma rede que se estende por cem milhas ou mais. Poderá haver outras almas vacilantes e frágeis a viver ao longo destes percursos cujos destinos fogosos permanecem por descobrir. Final de fevereiro de 1905: a energia em dispersão flameja em Blyth, e a idosa Barbara Bell incendeia-se no chão da sua cozinha. Depois a normalidade é restaurada. O holocausto inflamatório que grassou, maioritariamente de forma linear, pelo nordeste de Inglaterra termina — por momentos.

O Enredo Torna-se Mais Complexo

Raciocinando segundo o princípio macro-para-microcósmico de "Assim como em cima, assim cá em baixo", uma extensão do conceito do triângulo de Binbrook poderá fornecer pistas para a vaga global de fenómenos anómalos em 1904 e 1905. A de que assim como podem existir *leynes* do mundo invisíveis para os geofísicos, também poderiam existir *leynes* do cosmos não detetadas pelos astrónomos, mas no entanto vitais para a manutenção e funcionamento do universo. Os seus ângulos de interseção formam zonas de perturbação interplanetária (ou interestelar, ou interdimensional), através das quais se pode passar e ser afetado pelas energias de um planeta, de uma estrela ou de uma galáxia, dependendo da localização e do poder das *cosmic-leynes* encontradas.

Enquanto Binbrook se tornou o foco para energias que requereram um mês para atingir o pico e outro mês para se dissiparem (aproximadamente de 31 de dezembro de 1904 a 28 de fevereiro de 1905), a Terra como um todo necessitou de perto de dois anos para passar por uma área de espaço e tempo torturados no cosmos.

O conceito de fogos invulgares ao longo das bissetrizes de triângulos de fogo é revelado noutros pontos do mapa de *fire-leynes* da Grã-Bretanha. Por exemplo, a *Fire-Leyne II*, com três pontos de pirofenómenos em Ipswich, Brandon e Carlisle, cruza-se com a *Fire-Leyne I*. Dividir em duas partes iguais o ângulo formado por estas duas linhas resulta num meridiano que corta mesmo através de Market Rasen. A *Fire-Leyne I* passa também muito perto de outro local de fogos bizarros — Scunthorpe — onde Terry Nelson, de trinta e três anos, seria assistido devido a queimaduras nas pernas após o seu colchão se incendiar por baixo dele na sua casa na Digby Street, a 18 de outubro de 1974. A causa não foi identificada, relata o *Scunthorpe Evening Telegraph* (19 de outubro de 1974). Um sobrevivente de CE, chama-lhe Harrison.

A *Fire-Leyne I* passa ainda mais perto de Hexham. Hexham? O *The Newcastle Journal* relata que um marido encontrou a esposa, Isabelle Purvie, em chamas (presumivelmente) a 25 de outubro de 1938. O seu corpo carbonizado foi "um mistério que assombrou os seus sobreviventes" e para o qual o júri do inquérito não conseguiu encontrar solução. Indicações de CHU. O legista proferiu o veredito oficial — que sem dúvida já antecipou — "Morte por choque em resultado de queimaduras recebidas acidentalmente". Tão iluminador como uma vela num balde de água —

Se o legista tivesse considerado o local da morte da Sra. Purvie, a qual aconteceu ao longo da bissetriz meridiana das *Fire-Leynes I* e *II*, o seu veredito poderia ter sido decididamente progressista no que toca a uma causa plausível para o seu "acidente" chocante — mais um caso de estar no lugar certo à hora certa para a CHU.

As interseções de *fire-leynes* podem ser um ponto focal, um ponto quente, para pirofenómenos. Por exemplo, as *Fire-Leynes XV* e *XVI* convergem em Newchurch, uma pequena comunidade ao longo da fronteira leste do País de Gales onde, recordar-se-á, na década de 1880, o corpo de um galês irrompeu em chamas azuis. Eu não sabia deste caso quando o mapa de *fire-leynes* foi traçado em 1975 — mais uma confirmação da teoria — e descobri a ligação ao consultar um dicionário geográfico para verificar o paradeiro de Newchurch, escassos dias antes de entregar o manuscrito atualizado à editora.

Caso alguém duvide da geometria por trás da cartografia da combustão, mapas e artigos de jornal estão disponíveis nas bibliotecas para

quem desejar valer-se dos segredos que encerram. Vá, faça o trabalho por si mesmo. A ciência está inundada de exemplos em que algumas horas de investigação negaram décadas de difamação distribuída por aqueles que rejeitam descobertas sem primeiro procurarem os factos. O verdadeiro entusiasmo da ciência reside em descobrir coisas novas, não em defender o *status quo*.

Um Crescendo de Combustão em Cincinnati

"Não há nada tão afastado de nós que esteja fora do nosso alcance, nem tão oculto que não possamos descobrir", afirmou o filósofo e cientista Descartes. Nesse espírito, estendamos o alcance ao longo de cinco mil e trezentas milhas desde o leste de Inglaterra até à América, onde outra descoberta poderá estar oculta.

Novembro 16, 1976, 8:00 da manhã; 1711 Harrison Avenue, Fairmount, Ohio. A Companhia de Sapadores n.º 21 chega à residência na cave da Sra. May Caplinger. Encontram a mulher de cinquenta e vinte anos caída no chão, com as suas roupas e o tapete por baixo dela ainda em chamas. "Mais nada no apartamento estava a arder", disse um bombeiro ao *The Cincinnati Post* (17 de novembro de 1976). Ela estava coberta com queimaduras de segundo e terceiro graus em 70 a 80 por cento do corpo. "Ela estaria aparentemente a preparar o pequeno-almoço... quando a sua roupa pegou fogo", anunciou um médico que tentou, mas falhou, salvar a vida da vítima. Os bombeiros passaram horas no local e não encontraram nada de racional, nada de identificável quanto à causa; no entanto, um médico, que não esteve no local, identifica a causa com precisão — "aparentemente".

Que vergonha para o corpo de bombeiros por ignorar um fogão de cozinha quente com um pequeno-almoço demasiado cozinhado em cima! 17 de novembro de 1976, 12:12 da manhã; 2534 Liddell Street, Fairmount, Ohio. Um inferno subterrâneo ergue-se da cave da família de Preston Sandlin, forçando todos os oito membros a saírem para o ar gélido da noite. O Chefe dos Bombeiros James Eversole está misterificado: "Vou verificar hoje para ver se conseguimos chegar a uma explicação razoável..." A sua investigação começa com as crianças Sandlin. As crianças são quase sempre suspeitas quando encontradas perto de incêndios — diz-se que não são apenas descuidadas, mas notoriamente astutas com fósforos. Desta vez, as crianças são absolvidas de culpa. Doze horas após o deflagrar do

incêndio, o chefe dos bombeiros ainda não tinha encontrado uma explicação.

Dois fogos bizarros, com origem abaixo do nível do solo, num período de dezasseis horas no distrito de Fairmount, em Cincinnati. O calor é gerado quando a energia de um padrão predefinido reage com outros padrões de energia. Terá a Sra. Caplinger reagido a uma energia telúrica peculiar sob os pés que criou dentro do seu corpo um vulcão de fogo chamado combustão humana espontânea?

Terá o mesmo padrão de energia incendiária peculiar e ferozmente aquecida focado na casa dos Sandlin — numa casa com as suas próprias energias peculiares? — e irrompido como combustão espontânea não humana? Um ponto quente de *fire-leyne* sobrecarregado por baixo de Fairmount culmina num crescendo de combustão e num clarão de chamas e, uma vez descarregado, torna-se novamente quiescente. Não há mais incêndios problemáticos. O que pensa?

Os investigadores de incêndios de Cincinnati pareciam misterificados. Mas, por outro lado, os bombeiros não foram treinados para considerar a geologia, a energia telúrica e as *fire-leynes* ao investigar incêndios. Na verdade, geralmente nem sequer têm conhecimento dos fogos bizarros sobre os quais tem estado a ler.

COLOCANDO À PROVA A TEORIA DAS LINHAS DE FOGO (*FIRE-LEYNES*)

Ensinaram-me desde a escola primária que a metodologia científica envolve formular uma teoria e depois testá-la. O mérito de uma teoria pode ser julgado pela (1) repetibilidade e (2) capacidade de prever eventos futuros de acordo com o modelo teórico. Se o conceito de *fire-leyne* tiver mérito, deverá revelar a existência de dados desconhecidos que se ajustem ao seu modelo.

Na sequência de uma palestra sobre CHU que apresentei no simpósio internacional do Rev. Donald Galloway no Arthur Findley College, em Inglaterra, em 1979, uma senhora de Hull (onde quatro *fire-leynes* convergem) sentiu-se motivada a confidenciar uma história muito curiosa da sua infância. Sempre em dois dias de cada ano, contou-me ela, a sua mãe insistia em que as portas da frente e das traseiras do corredor do rés-do-chão (que corria ao longo de toda a casa) permanecessem abertas, senão

a casa pegaria fogo! Mera superstição? Ou uma memória residual cujo propósito, agora esquecido, era alertar para as consequências combustíveis caso o fluxo cíclico da energia da terra fosse impedido por portas fechadas onde ficava o corredor?

Ela apontou a casa da sua infância num mapa da cidade de Hull. Ambos descobrimos que ela tinha vivido muito perto (se não mesmo no topo) de uma das quatro *fire-leynes* que passam por Hull — a cidade onde Elizabeth Clark se inflamou inexplicavelmente em 1905 — e não tinha sofrido qualquer dano com a experiência. Porque, talvez, a mãe sabia o que era melhor?

Assim, uma tradição oral fascinante (e imprevista) sustentava a evidência cartográfica da geografia da combustão, e vice-versa.

Mas o grande teste para os méritos da cartografia da combustão seria seguir as próprias *fire-leynes* e encontrar um caso desconhecido de CHU. Como Watkins observou em *The Old Straight Track*, na caça às *leys* "Tanto o mapa de interior como a exploração de campo no exterior são necessários." Era tempo de ir trabalhar no terreno —

Lincolnshire, Inglaterra, 1979. Um colega de investigação e eu viajamos pela paisagem rural bem cuidada em busca de mistérios forteanos; em particular, informações adicionais sobre casos de CHU já existentes na minha base de dados. Estávamos atentos a novas pistas, também. Afinal, a multidão de pirofenómenos ao longo da *Fire-Leyne I* tinha focado historicamente esta região. Parámos primeiro em Binbrook e conhecemos Arthur Maultby, um residente de longa data de Binbrook, que recordou para nós a agitação de 1905 na quinta de Yarn Walk. Hoje, contudo, Binbrook parecia tão calma e serena como um convívio de chá inglês.

Triângulos de Fogo: Colocando as *Fire-Leynes* à Prova

Falar com outros residentes produziu uma nova pista sobre um incêndio recente, possivelmente estranho, na vizinha Horncastle.

Fomos em seguida para Horncastle (cerca de doze milhas a sul do triângulo de fogo de Binbrook), onde conhecemos o Chefe dos Bombeiros Russell Danby. Explicámos a natureza da nossa investigação e, através da

sua cooperação, a pista rapidamente provou tratar-se de um incêndio normal.

O Chefe Danby ficou intrigado com a nossa busca por pirofenómenos. Retirei uma fotografia da morte do Dr. Bentley, entregando-lha. "Certamente que isto foi crime!", exclamou ele, entusiasmado e misterificado. Não foi! "Não há nada como isto que eu tenha visto! É como se estas fotos fossem inventadas!" Outros dois bombeiros de Horncastle, a olhar por cima dos ombros do seu chefe, concordaram. Ali estavam bombeiros que conseguiam diferenciar rapidamente entre uma cena de incêndio normal e outra decididamente anormal. Agradecemos a Danby pela sua ajuda; por sua vez, ele agradeceu-nos por lhe mostrarmos algo "cujo género nunca tinha visto antes".

Na nossa última manhã em Lincolnshire, visitámos a sede da Divisão de Bombeiros. O Comandante do Corpo de Bombeiros, John J. Shenton, acolheu-nos no seu gabinete movimentado e repleto de recordações de muitos anos de serviço de incêndios. Perguntámos se ele tinha conhecimento de quaisquer fogos que pudessem ser CHU.

"Oh! não", riu o Comandante Shenton. Era óbvio que não dava qualquer crédito à ideia. Shenton escutou educadamente enquanto eu explicava a teoria das *fire-leynes* que nos tinha levado a Lincolnshire. Depois, mostrei-lhe fotografias de casos clássicos de CHU, vários do seu próprio país. O que pensava ele que tinha acontecido a estes indivíduos, quase totalmente consumidos?

O chefe dos bombeiros de Lincolnshire afastou-se das fotos, afastou-se da sua secretária e recostou-se na sua cadeira executiva. Estaria ele prestes a repreender-nos por estarmos a perder o seu tempo? Houve um silêncio prolongado e doloroso. Esperámos. O seu olhar distante regressou ao seu gabinete, depois a nós.

"Sabe", disse pensativo, "há uns anos tivemos uma morte —"

Hesitou novamente. As suas palavras perderam-se num pensamento silencioso. Eu conseguia sentir as maquinações mentais a desenrolarem-se dentro da cabeça dele. Isto deveria ser sobre algo que claramente o perturbara; que ele tinha quase esquecido ou descartado com racionalizações. O que era?

Falou de novo, recordando uma chamada de incêndio há uns anos que o levou à casa de um eremita excêntrico. Pela primeira vez na imprensa escrita, apresento ao mundo o eremita de Kirkby-on-Bain, que vivia numa cabana que Shenton chamou de verdadeira armadilha de fogo. O chão de terra batida estava repleto, por todo o lado, de pilhas altas de jornais, trapos e roupas velhas e sujas; as paredes estavam revestidas com jornal seco; papel embebido em óleo servia como vidros de janela. Parecia saído diretamente de *Bleak House* de Dickens.

O velho não era visto há dois dias. Quando os guardas o foram verificar, encontraram vestígios de uma refeição na sua mesa e, no corredor estreito entre as pilhas de jornais, encontraram...

"Encontrámos uma linha de cinzas", disse Shenton. "Foi a coisa mais tremenda! Havia dois pés, com meias, e o seu tronco superior — acima das omoplatas — e a cabeça. Foi só. O seu tronco inferior e até aos tornozelos, era tudo cinza. Dava para ver onde as pernas tinham estado — agora havia apenas duas linhas de cinza onde as suas pernas deveriam estar. Metade do corpo estava em boas condições, da outra metade não havia nada. Estava deitado na lareira, com a cabeça na caixa de fogo, mas não estava muito queimada. Abaixo dos ombros, nada, até aos dois pés. Os seus braços, abaixo dos ombros, eram cinza também."

Quanto mais este Comandante do Corpo de Bombeiros recordava sobre esta espantosa morte por fogo, mais perto ficava de aceitar a combustão humana espontânea.

"Uma coisa que sempre me incomodou, e quanto mais reflito sobre isto mais incómodo se torna", continuou ele, "é por que razão mais nada naquele local ardeu no incêndio! Quero dizer, com todo aquele jornal — até papel de óleo nas janelas. Era uma caixa de fósforos!"

O incidente aconteceu no outono de 1972, e o eremita tinha cerca de setenta e nove anos. Shenton pensava que o alarme foi dado por volta das 9:00 da manhã, com a hora estimada da morte situada pelas dez horas da noite anterior. Embora incerto sobre alguns detalhes, Shenton recordava os problemas colocados pela própria cena do incêndio com uma clareza de cristal. "Bastantes danos causados pelo fumo na sala", lembrou-se ele, "mas não me consigo recordar de quaisquer danos [de fogo] noutros objetos."

Uma camada espessa de fuligem gordurosa ou carbono cobria a área superior da cabana, "mas fomos incapazes de avaliar o nível inferior devido à quantidade de lixo na sala". O cheiro característico de carne queimada estava ausente — reforçando ainda mais o caso de CHU. E os ossos pulverizados do fémur? "É preciso um calor terrível para fazer isso", reconheceu o comandante dos bombeiros de Lincolnshire. Um calor terrível que falhou em incendiar jornais secos ou embebidos em óleo a polegadas de distância das pernas da vítima.

Qual tinha sido a disposição oficial do caso? "O tribunal do legista disse que a morte foi acidental devido à debilidade da pessoa e à sua condição mortal que o fez cair para cima do fogo", respondeu Shenton. "Tenho a certeza de que o veredito foi morte acidental, que é o que costuma ser." Naturalmente.

Isto assume que havia fogo na grelha da lareira. No entanto, Shenton já tinha dito: "nada estava a arder quando chegámos — a não ser um pequeno tapete debaixo do corpo que estava queimado, logicamente". Logicamente. E se tivesse havido um fogo na grelha e se o velho recluso tivesse caído de cabeça nele, então o que estaria mais gravemente queimado? A cabeça e os ombros do eremita, logicamente, uma vez que esses estariam em contacto com a suposta fonte externa de fogo. No entanto, essa é a parte da sua anatomia que não estava queimada! À exceção dos dois pés calçados com meias, o que ardeu do seu corpo foi o que estava mais afastado da alegada fonte de fogo.

Não, esta explicação do fogo na grelha era problemática e necessitava de ser repensada. O comandante dos bombeiros já estava empenhado na sua própria reavaliação. "Consigo ver qual é o seu problema", reconheceu Shenton.

E quanto à intensidade do braseiro que pôde reduzir a cinzas os ossos das pernas do eremita, mas não inflamar a sua casa que era uma caixa de fósforos? "Não seria capaz de dar uma resposta para isso", concedeu Shenton. "Limitamo-nos a aceitar as circunstâncias conforme surgem. Apenas podemos imaginar o que foi a décima primeira hora... isso é tudo o que o legista faz."

Após mais reflexão, Shenton falou novamente. "Não faz sentido", disse ele. Sob circunstâncias normais o corpo do eremita, concluiu ele

agora, "não era propício a arder na extensão em que ardeu". No entanto, ardeu. Shenton repensou o caso na nossa presença, decidindo que as circunstâncias não eram de todo normais. Longe disso! A combustão humana espontânea fazia todo o sentido, concordou o comandante dos bombeiros.

Deixámos Lincolnshire mais tarde do que o planeado, mas radiantes. Um caso novo, até então não publicitado, que tinha todos os atributos da CHU clássica fora desvendado, encontrado pela persistência e por seguir os caminhos das *fire-leynes* que nos tinham guiado até ele. Foi uma manhã muito boa.

UMA LINHA DE FOGO (*FIRE-LEYNE*) GALESA ENCONTRA HENRY THOMAS — OU VICE-VERSA

Menos de três meses após o nosso trabalho de campo no seio do complexo de *fire-leynes* de Lincolnshire e da descoberta de um eremita incinerado no mesmo, outro evento espantoso com fenómenos não menos surpreendentes ocorreu a cerca de 160 milhas para sudoeste. No País de Gales. Ali, em Ebbw Vale, Henry Thomas sucumbiu a uma "morte por fogo bastante invulgar" no início de 1980.

Thomas era um viúvo que deixou para trás uma pilha de roupas queimadas e ossos desintegrados numa sala cheia de fumo onde um sofá de plástico — a apenas uma jarda de distância dos seus restos mortais — ficou "completamente intocado" pelo calor. Soava estranho. O legista Kenneth Treasure culpou as cinzas na grelha da lareira como a causa do incêndio fatal; o Dr. J. S. Andrews, patologista do Ministério do Interior, culpou a morte pela queima quase total do falecido. Soava mais estranho. Quando o editor da *Fortean Times*, Robert Rickard, me contou que foi firmemente rejeitado pelas autoridades ao pedir-lhes informações, o caso de Henry Thomas tornou-se simplesmente irresistível. Tinha de saber mais sobre ele, a começar pelo paradeiro da própria Ebbw Vale.

Retirando o mapa de *fire-leynes* britânicas, corri o olhar ao longo dos quatro alinhamentos que cruzam o País de Gales. E ali estava Ebbw Vale — a menos de uma milha de uma

... *fire-leyne* de três pontos (talvez quatro pontos) que corria 125 milhas entre locais de pirofenómenos em Cardiff, a norte de Hay-on-Wye, a oeste de Wrexham, e seguia para Birkenhead, em Inglaterra! Poderia o Sr. Thomas ser o quarto (ou quinto) ponto na *Fire-Leyne XVI*?

A cooperação por parte da polícia de Gwent não se verificou; o seu funcionário de informação insistiu em que quaisquer entrevistas fossem pagas adiantadamente. Depois, a revista britânica *New Scientist* (15 de maio de 1986) publicou um artigo titulado "Um caso de combustão humana espontânea?". A vítima não era nomeada, mas isso não importava — fazer corresponder a data fornecida com as circunstâncias conhecidas convenceu-me de que se tratava do caso de Henry Thomas. (Afinal, os casos de CHU não acontecem todos os dias).

O autor que colocava a questão do título era o Agente de Investigação de Cenas de Crime, John Heymer. Pouco tempo depois, contactei o Sr. Heymer, que por sua vez enviou o seu relatório valiosamente detalhado descrevendo aquilo de que foi testemunha. Aqui, então, cortesia de John Heymer e dos seus vinte e cinco anos de experiência na recolha de provas forenses em cenas de crimes graves e mortes súbitas, fica o legado deixado por Henry Thomas à ciência do fogo e ao mundo.

"A 6 de janeiro de 1980", começava a declaração de Heymer, "fui chamado a uma casa de habitação social em Gwent, à cena daquilo que me disseram ser uma morte por fogo bastante invulgar." O tempo estava rigidamente frio, contudo, ao entrar na casa, ele ficou impressionado com o calor agradável. Heymer notou a ausência de aquecimento central, avançando depois para a sala de estar onde os agentes fardados que solicitaram a sua presença lhe disseram que o incêndio tinha ocorrido.

"Abri la porta e entrei num forno em arrefecimento. Havia um calor húmido, tipo sauna, e a sala estava banhada por uma radiação alaranjada e berrante", notou ele, o resultado de uma "substância alaranjada e pegajosa" que revestia os vidros das janelas e uma lâmpada nua — o quebra-luz de plástico tinha derretido sobre a lâmpada e escorrido para o chão. "As paredes irradiavam calor. A condensação escorria pela janela. O calor tinha rachado um dos vidros da janela." Todas as superfícies, incluindo paredes e teto, estavam lacradas com "uma fuligem preta e gordurosa".

Do outro lado da sala estava um televisor, ainda ligado, com os seus botões distorcidos pelo calor. (Os vizinhos disseram que tinham visto Thomas sentado em frente à lareira na noite anterior, presumivelmente a ver televisão). Heymer examinou a lareira. "A lareira estava arrumada; não havia sinais de quaisquer carvões terem caído do fogo." Examinou a grelha aberta de perto; continha cinzas mortas. Mesmo a tocar no canto exterior da lareira jazia a razão do alarme de incêndio.

"No chão, a cerca de um metro da lareira", escreveu Heymer, "estava uma pilha de cinzas. No perímetro das cinzas, mais afastada da lareira, estava uma poltrona parcialmente queimada. A emergir das cinzas estava um par de pés humanos calçados com meias. Os pés estavam ligados a comprimentos curtos da parte inferior da perna, envolvidos por bainhas de calças. Os pés e as meias estavam intactos. Salientes do que restava das calças estavam ossos calcinados das pernas que se fundiam com as cinzas. As cinzas eram os restos incinerados de um homem." O homem era o desafortunado Henry Thomas. Heymer olhou mais de perto.

"Do tronco e dos braços nada restava senão cinza. Em frente aos pés estava um crânio enegrecido. Embora o tapete e a carpete por baixo das cinzas estivessem carbonizados, os danos não se estendiam mais do que alguns centímetros além do perímetro das cinzas... Os azulejos de plástico que cobriam o chão por baixo da carpete estavam intactos." Uma extremidade de um tapete de sala por baixo das pernas da vítima estava não queimada, tal como as próprias pernas. O seu par de chinelos de quarto estava nitidamente colocado no chão a polegadas de distância, incólume. Uma pequena cadeira de madeira foi a única contribuição não humana para o fogo. O calor que aqueceu esta cena arrepiante deve ter vindo de iões superaquecidos irradiados a partir do próprio carbono em combustão do velho homem.

Heymer concedeu que ficou estupefacto por este paradoxo totalmente inesperado: "A razão dizia-me que a cena que eu observava era impossível. Todos no local sentiram a mesma sensação de incredulidade: um forte impulso para negar a evidência dos seus sentidos." Heymer sabia que um quarto de século de investigações de cenas de crime o tinha mal preparado para esta afronta às suas competências profissionais. Tirou fotografias e depois observou os cientistas forenses que se reuniam a começar a

examinar as provas *in situ*. "Descobri rapidamente que os cientistas, tal como os polícias", disse ele, "são humanos e, consequentemente, falíveis."

Heymer sugeriu à polícia forense que a causa da morte era a combustão humana espontânea e, para parafrasear novamente Dickens um século antes, nenhuma outra de todas as mortes que se podem morrer. Com essa proposta ousada, Heymer tornou-se a vítima seguinte na sala — o alvo não do fogo, mas do massacre psicológico por parte dos seus colegas profissionais. Os seus colegas, recordou ele, "descartaram a minha proposta com sorrisos sabedores e afirmaram que o incêndio era inteiramente explicável". Ficou a aguardar a sabedoria deles. É elementar, Sr. Heymer.

Veja bem, disseram-lhe, o falecido ardeu numa sala com uma grelha de carvão, e os corpos humanos não podem arder sem contactar com uma fonte externa de fogo, ergo a grelha de carvão (ou os carvões na mesma) foi a causa. Além disso, olhe aqui: tecido fibroso queimado está aderido à barra superior da grelha. Era a velha explicação sensata da vela humana novamente. Thomas tinha simplesmente caído de cabeça no fogo de carvão.

Demasiado elementar, contrapôs Heymer. "Surpreendentemente, os cientistas não viram nada de errado num homem cair de cabeça numa grelha de lareira, inflamar-se como uma vela de cera e depois, de alguma forma, erguer-se da grelha e sentar-se na sua poltrona para se queimar a si próprio e à maior parte da poltrona até à cinza. Como disse, a grelha estava arrumada. Certamente não indicava que alguém tivesse caído no fogo."

Lembre-se, ninguém encontrou quaisquer brasas quentes na grelha. Alguns cientistas prefeririam acreditar — para exclusão da combustão humana espontânea — que uma grelha de lareira fria pode infligir queimaduras. No espaço de uma quinzena, o tecido fibroso retirado da grelha foi analisado forensicamente e era, disse-lhe o seu superintendente de forma relutante, "de origem bovina". Bovino: como em vacas, como em bife. Decididamente não humano.

Apesar desta dificuldade, não houve mais investigações sobre a causa do incêndio. Caso encerrado. Mas não tão limpo e arrumado como a lareira da vítima. Estará a transmutação de pele humana em carne bovina a ser invocada a fim de sancionar os especialistas e evitar a conclusão de que o próprio Heymer não conseguiu escapar sobre a natureza do falecimento de

Thomas? Penso que não. Mais provavelmente, Thomas tinha cozinhado o seu jantar no fogo de carvão numa ocasião e derramado um pouco dele sobre a barra da grelha... o que nos traz de volta ao próprio corpo demasiado cozinhado do Sr. Thomas.

"Nunca vi um corpo, mesmo no mais feroz dos incêndios, onde o tronco ardesse por completo. Mesmo nos fogos mais quentes", reiterou Heymer, "as extremidades podem arder, mas o tronco permanece. Neste caso, como noutros casos relatados de combustão humana espontânea, tinha acontecido o oposto."

A frustração de Heymer com os especialistas não terminaria com o encerramento indevido do processo policial sobre Henry Thomas. Ele antecipou tanto no parágrafo final do seu artigo na *New Scientist*: "Compreendo que irei trazer sobre a minha cabeça... a ira dos 'especialistas'", disse ele sobre a sua defesa da CHU. A ira começou a descer duas semanas mais tarde.

D. J. X. Halliday, empregado na unidade de investigação de incêndios do Laboratório de Ciência Forense da Polícia Metropolitana de Londres, escreveu à *New Scientist* (29 de maio de 1986) e apontou que Heymer falhou em perceber que, enquanto a cremação "se destina a destruir um corpo no menor tempo possível... um fogo relativamente pequeno pode consumir carne e calcinar osso se for permitido arder durante muito tempo".

Chamou a isto "combustão humana prolongada" — CHP? "Na verdade", disse Halliday após afirmar que as vítimas de CHP são sempre obesas, "todos os casos investigados por esta unidade foram resolvidos a contento dos tribunais sem recurso à desculpa da combustão humana 'espontânea'". O que não diz nada mais senão que a sua unidade nunca lidou com um caso como Henry Thomas ou o Dr. Bentley — porque nenhum destes homens tinha excesso de peso.

D. D. Drysdale, ao serviço da Unidade de Engenharia de Segurança contra Incêndios na

Triângulos de Fogo: Colocando as *Fire-Leynes* à Prova

... Universidade de Edimburgo, seguiu o exemplo na edição de 12 de junho da *New Scientist* para repreender Heymer por propor "explicações

pseudo-científicas e até sobrenaturais para justificar o alegado fenómeno da 'combustão humana espontânea'..." O que Drysdale queria saber (pelas suas próprias palavras) é "como um corpo pode arder completamente até às cinzas sem grandes danos ao redor". Não gostaríamos todos de saber?! (Bem, alguns de nós sim). Implorou então que "experiências controladas precisam de ser realizadas" para confirmar a teoria da vela humana, concluindo que "ficaria de facto muito surpreendido se tais experiências não enterrassem o fantasma da 'combustão humana espontânea' de uma vez por todas".

Em vez de Drysdale clamar por experimentação, pergunto-me por que razão não usou a sua excelente posição académica e recursos para fazer ele próprio a experiência e provar a sua racionalização sensata? Ou poderia ter investigado o trabalho do Dr. Gee realizado duas décadas antes. Por que não o fez?

Heymer antecipou tal desdém e tinha lançado este desafio a todos os opositores: "Se a incineração de um grande corpo humano numa sala sem ar pode ser explicada por referência à queima de uma 'vela de gordura humana' numa corrente de ar forçada, então pode esperar incinerar um touro ao atear um fósforo à sua cauda." Aguardo com expectativa que a comunidade científica pegue o touro pelo rabo, por assim dizer, e prove que Heymer está errado.

A BBC-TV procurou refutar a combustão humana espontânea na morte de Henry Thomas, e nas mortes em geral, no *Newsnight* (13 de janeiro de 1986). O produtor e o repórter do seu programa, Steve Bradshaw, consultaram um dos principais diretores de crematórios da Grã-Bretanha que, de acordo com a *Fortean Times* (n.º 46), não lhes deu a resposta que tinham antecipado. "Parece que o fogo vem de dentro", disse ele à equipa do *Newsnight* sobre mortes como a de Henry Thomas. "Não me perguntem como — nunca ouvi falar de combustão humana espontânea. Mas requer muita explicação..." Isso requer.

Entretanto, a ideia das *fire-leynes* como mais uma alternativa realista à teoria da vela de gordura humana parece cada vez melhor.

Ah sim, um último ponto: onde Henry Thomas morreu, cerca de uma milha e meia a norte de Ebbw Vale, fica muito perto de onde a *Fire-Leyne XVI* passa a lavrar. E cerca de dezasseis milhas para sudeste, a solteironas

Annie Webb inflamar-se-ia de forma semelhante menos de um mês mais tarde.

UM PONTO DE FOGO EM POCKLINGTON

Nas planícies escassamente povoadas do condado de Yorkshire e milhas a noroeste do centro de *fire-leynes* de Hull, situa-se a pequena cidade de Pocklington. Poderá não ter associação com a *Fire-Leyne I*, que passa doze milhas a leste, ou com a *Fire-Leyne II*, que fica a cerca de dezoito milhas a oeste. Por outro lado, estando a apenas três milhas da bissetriz destes dois grandes alinhamentos de fogo, Pocklington poderá de facto ser um ponto de fogo de nota cartográfica.

O que é certo é que, em janeiro de 1991, Pocklington ficou inegavelmente associada a um novo e invulgar caso de combustão anómala.

Numa manhã, pouco depois das férias de Natal, o solteirão de setenta anos Wilfred Gowthorpe estava a ajudar uma amiga a colocar papel de parede na sua casa. Às 9:00 horas, Sandra deixou-o sozinho na sua habitação, afirmando que regressaria em trinta minutos. Ao caminhar para a porta, viu Gowthorpe a dirigir-se ao lavatório com um balde de cola e uma escova para o limpar.

Quando regressou meia hora mais tarde, o balde de cola jazia no lavatório e a torneira estava aberta com toda a força. Gowthorpe estava simplesmente ali parado, como se estivesse em transe, absolutamente ensopado em suor. Um fedor terrível impregnava o local. Sandy pensou que ele tinha sofrido um acidente vascular cerebral. Ligou para um médico e para o seu marido. O médico chegou primeiro, depois o marido. Não conseguiam obter nenhum sentido da parte dele, apenas alguns grunhidos. Pensando que ele deveria ser sentado, puxaram-no para longe do móvel onde estava encostado, momento em que o médico exclamou ofegante: "Meu Deus! o que é que fez à sua mão?"

O dedo mindinho e o dedo seguinte da mão esquerda do velho solteirão estavam queimados de preto. Reduzidos a carvão. Os seus outros dois dedos estavam gravemente queimados. A maior parte da sua mão, também. Braço acima até ao cotovelo e por dentro da camisa e do casaco — que não estavam queimados.

"Isso é uma réplica do caso de Jack Angel, não é?", riu-se John Heymer, conforme relatava este caso especialmente para mim. Sim, os paralelos estavam presentes. Até ao momento.

Gowthorpe foi levado para um hospital, onde finalmente recuperou os sentidos algumas horas mais tarde. "E quando recuperou os sentidos", maravilhou-se Heymer, "desatou a rir às gargalhadas. Não sentia qualquer dor. Dor absolutamente nenhuma!" Outro paralelo com Jack Angel.

Os cirurgiões amputaram imediatamente os dois dedos queimados além de qualquer reparação reconstrutiva. Fizeram enxertos de pele no resto da sua mão, e no braço. Esteve no hospital quinze meses ao todo.

"O Jack Angel evitou toda essa confusão ao amputar a mão imediatamente, não foi?", brincou Heymer, recordando os meus artigos sobre o homem da Geórgia que, uma vez amputado, recuperou rapidamente das suas lesões de fogo do inferno. "O Wilf não fez isso. Os enxertos de pele pegaram ao braço, mas nunca aos outros dedos. E nunca chegaram a curar."

Triângulos de Fogo: Pondo à Prova as Linhas de Fogo

Wilfred Gowthorpe morreu cerca de dezoito meses depois.

«Aquele sujeito estava em transe, sem dúvida!», exclamou Heymer, referindo-se à imobilidade e insensibilidade de Gowthorpe perante ferimentos horríveis. Mais uma vez, apresentam-se provas de uma condição catatónica e de um desacoplamento/desativação da neurotransmissão durante uma combustão humana anómala.

Há ainda outro ponto que posso salientar. Os danos nervosos parecem ter sido menos graves no braço de Gowthorpe, onde a pele enxertada voltou a unir-se ao tecido subcutâneo; muito mais pronunciados na mão, onde a reconexão de tecido e nervos nunca foi bem-sucedida. Isto não só aponta para os dedos mindinho e anelar da mão esquerda como sendo o ponto de origem do que quer que os tenha carbonizado, como sugere que a origem estava dentro desses dedos.

E isso afasta a hipótese de água escaldante como causa teórica, não afasta?

(Como se alguém fizesse tal sugestão, conhecendo as circunstâncias que rodearam estas queimaduras de terceiro e quarto graus junto ao lava-loiça da casa de Sandy.)

Um terceiro ponto que apresentarei. Perguntou-se o que levou Gowthorpe a rir estrondosamente perante tamanho ferimento? Eu perguntei-me. Uma reação tão insólita levou-me imediatamente a pensar que, em algum momento, este processo inquietante desencadeou uma avalanche de endorfinas libertadoras de prazer no cérebro de Gowthorpe. À medida que recuperava plena consciência no hospital, viu-se inundado incontrolavelmente por uma cascata de euforia.

Tudo isto são pistas que apontam para possibilidades de causa e para aquilo que se esconde por detrás do horror exterior deste fenómeno. Pode não ser bonito, mas raramente é doloroso.

Lembre-se disto ao entrar no capítulo seguinte da busca pela compreensão das muitas variações da carbonização super-hipertérmica.

24

É Apenas Uma Questão de Tempo

«Aquele que duvida do que vê, Nunca acreditará, façam o que fizerem.»

— William Blake, poeta e místico (1757-1827)

Fogo! A menina voltou a gritar o terrível alarme: FOGO!!!

Ninguém respondeu. A família acabara de sair para os serviços religiosos de domingo, deixando-a sozinha em casa com a avó. E o fogo estava no quarto da avó. Na sua avó...

Bem, façamos uma pausa. A descoberta deste caso até agora inédito é uma história por si só. Durante uma entrevista em 1975 com o cabo William Sweet, então presidente da Associação de Investigadores de Incêndios Criminosos da Pensilvânia e oficial do Gabinete do Marechal de Incêndios da Polícia Estadual da Pensilvânia, perguntou-me se gostaria de assistir, daí a alguns dias, a um curso especial sobre deteção de incêndios criminosos na Escola Estatal de Bombeiros.

Eu sabia que este curso era restrito apenas a profissionais avançados de combate a incêndios e que os incêndios misteriosos (incluindo

combustão espontânea) eram por vezes classificados como fogo posto. Que excelente oportunidade para estar entre dezenas de bombeiros a frequentar tal seminário e talvez até recolher algumas pistas. Sim! Claro que queria assistir.

O cabo Sweet tratou dos arranjos especiais. Pouco depois, Howard "Buzz" Triebold, supervisor de segurança da Universidade Estadual da Pensilvânia e respeitado instrutor de incêndios criminosos, ensinava-me a determinar a origem de um incêndio.

«Persistência é o nome do jogo», enfatizou Triebold ao investigar um incêndio. «Tenha a certeza de que investigou até ao limite das suas capacidades.»

Depois veio esta pérola de sabedoria para lidar com casos problemáticos.

«Não tenham medo de admitir que não conseguem explicar a causa de um incêndio», advertiu ele todos os presentes. «Procurem sempre o invulgar. E sejam persistentes!»

Triebold terminou a palestra com um toque do invulgar. Tirou quatro fotografias do que algumas pessoas chamavam, disse ele, um caso de combustão humana espontânea. Os bombeiros reuniram-se em volta, fascinados. Enquanto esperava ver aquilo que pensei serem fotografias da senhora Reeser, comecei a conversar com alguns dos bombeiros.

«Quer dizer que há mais casos como este?», exclamou um deles, de olhos arregalados.

Sim, respondi eu, quando as fotografias chegaram às minhas mãos.

Agora era eu quem estava de olhos arregalados. Esta vítima não era a senhora Reeser. Na verdade, não correspondia a nenhum caso que eu conhecesse!

Apontando para as fotografias, disparei as perguntas óbvias a Triebold:

«Quem? Quando? Onde?»

Ele não sabia. Sabia apenas que a vítima tinha morrido algures no sudeste da Pensilvânia. Excelente, precisamente a região mais populosa do estado! Seria como tentar encontrar uma pessoa num proverbial palheiro de

cinco milhões de habitantes, sem sequer saber em que década começar a procurar. O desafio dos desafios.

Menos de uma semana depois, estava sentado no gabinete de Wilton Krogman. Enquanto discutia o seu envolvimento na impossivelmente completa combustão de Mary Reeser, comentou que acabara de receber uma carta descrevendo um caso recente muito semelhante ao da senhora Reeser.

«Gostaria de a ver?»

Claro que sim! Gentilmente entregou-me a correspondência, na qual o chefe de bombeiros H. Newton Walls, do condado de Delaware, descrevia uma cena exactamente igual àquela vista apenas dias antes nas fotografias de Triebold.

Era a primeira pista. Seguiram-se oito meses de trabalho detectivesco diligente, culminando na revelação desta espectacular e evasiva combustão humana aparentemente anómala — uma verdadeira agulha num palheiro. Agora, resistiria ao escrutínio?

HELEN CONWAY: COMBUSTÃO HUMANA EXTRAORDINÁRIA

Robert C. Meslin, antigo marechal de incêndios do município de Upper Darby, condado de Delaware, Pensilvânia, foi essencial para compreender porque gritou a menina.

E que Caixa de Pandora ele abriu!

Meslin era bombeiro voluntário quando respondeu ao alarme de incêndio numa manhã de domingo. O incêndio ocorrera em Drexel Hill, ironicamente não muito longe do local onde o romancista Charles Brockden Brown situou a fictícia combustão humana espontânea de Herr Wieland quase dois séculos antes. Meslin lembrava-se vividamente do incidente, escreveu-me ele, porque «nos meus 33 anos de serviço nos bombeiros, nunca vi nada antes nem depois que se comparasse ao que vi naquela altura».

8 de Novembro de 1964; ensolarado, frio moderado, típico do início do outono na Pensilvânia. Às 8h45, o Departamento de Bombeiros de Upper Darby recebeu uma chamada para um incêndio numa casa.

«À chegada», relatou Meslin, «encontrámos uma quantidade considerável de fumo no segundo andar, o que obrigou a avançar de rastos. Os bombeiros depararam-se com a porta fechada de um quarto e, ao abri-la, encontraram muito fumo e calor, mas poucas chamas, exceto algum fogo num canto do quarto à direita da porta (que foi tratado com uma mangueira de alta pressão).»

Um chefe-adjunto entrou de gatas, tateando com os braços estendidos para encontrar a avó, que se dizia estar algures naquele quarto escurecido pelo fumo. A sua mão afundou-se em algo gorduroso que se desfez como carvão queimado ao toque. Dentro de um minuto perceberia aquilo em que a sua mão tinha penetrado.

Um extrator de fumo limpou rapidamente o segundo andar daquela atmosfera opressiva e opaca. Meslin prosseguiu:

«O exame do local revelou que as duas janelas do quarto tinham janelas duplas exteriores fechadas naquele momento. Os danos do incêndio limitaram-se a uma cadeira estofada ocasional na qual a vítima estava sentada, estendendo-se apenas ligeiramente a duas mesas laterais situadas de cada lado da cadeira.»

E quanto à senhora Helen Ann Conway, a avó de cinquenta e um anos?

Os bombeiros atónitos ficaram num estado de entorpecida perplexidade. Durante muitos segundos ninguém pronunciou palavra, enquanto todos observavam horrorizados a cena espantosa diante deles. Apenas um pequeno fio de fumo subindo do braço da cadeira perturbava a sombria serenidade.

«Meu Deus!», perguntavam-se. «O que aconteceu aqui?!»

Nenhum dos bombeiros alguma vez vira algo semelhante! O chefe marechal de incêndios Paul Hagarty, recuperando do choque, gritou a Meslin para ir buscar uma máquina fotográfica.

«Rápido!»

Meslin correu para casa, pegou no equipamento, regressou e começou a documentar o macabro para a posteridade.

«Foi realmente espantoso», admitiu com reverência mais de uma década depois. «Uma coisa verdadeiramente impressionante de ver!»

E o que havia para ver?

A cadeira que sustentava a senhora Conway estava gravemente queimada. As pernas inferiores estavam razoavelmente intactas, embora a epiderme tivesse descolado e formado bolhas em alguns locais; o tecido subcutâneo da parte superior das pernas rasgara-se. O resto da sua anatomia era uma massa negra, quase amorfa, de tecido fundido de forma homogénea, praticamente irreconhecível como humana.

Como gracejou Meslin:

«Consegue distinguir-se a caixa torácica. Havia o suficiente para o médico legista recolher num saco de borracha, mas era só isso.»

Quão semelhante ao doutor Bentley. Contudo, ao contrário de Bentley (e de Mary Reeser, aliás), restava o suficiente da senhora Conway para tentar reconstruir a tragédia.

Fraturas térmicas profundas laceravam-lhe a parte superior das pernas. A perna direita abrira-se até ao joelho; a parte superior da coxa parecia ter-se desintegrado. Dois grandes fragmentos do peito e tórax (esterno) jaziam carbonizados e recurvados, afastados dos órgãos por baixo, fundidos entre si. O braço superior direito era mal discernível; o antebraço, se existia, estava oculto pelos destroços. O braço esquerdo, ou o que restava dele, encontrava-se dobrado sobre si mesmo; uma pulseira metálica pendia do cúbito — completamente exposto — e repousava sobre algum tecido muscular carbonizado do braço superior.

Esta flexão do braço não deve ser confundida com a síndrome pugilística (contração muscular causada por incêndios de altas temperaturas).

«Não houve aqui qualquer efeito pugilístico — o que me pareceu estranho», disse Meslin.

Apenas mais um enigma a competir por atenção dentro de um mistério maior.

À direita deste braço e projetando-se acima do esterno, o maxilar inferior era claramente visível, embora parcialmente obscurecido por fumo

esbranquiçado ainda a elevar-se do ombro ou pescoço esquerdo da mulher. Continuava a sair fumo do braço direito da cadeira, que colapsara sobre (ou para dentro de) a sua ocupante.

Debaixo da cadeira, mas sem ultrapassar o seu perímetro, a carpete tinha sido chamuscada pelas cinzas que sobre ela haviam caído. O rodapé de madeira atrás e à esquerda da cadeira apresentava bolhas ou ligeiros sinais de carbonização, tal como o verniz da mesa situada a poucos centímetros da cadeira da morte. Curiosamente, o caixote do lixo branco entre a mesa e a cadeira permanecera intacto, a sua superfície brilhante e sem queimaduras visível através do braço destruído da cadeira.

As costas da cadeira tinham-se desintegrado, deixando o corpo da Sra. Conway cair para trás no vazio que o aguardava. Ali jazia o seu "corpo" na escuridão, à espera da tentativa inútil de salvamento do chefe adjunto. Foi na secção média da Sra. Conway — aquilo que fora a sua secção média — que o bombeiro mergulhou a mão estendida. (Passaria muito tempo até ele voltar a entrar voluntariamente num cenário de incêndio.)

Meslin resumiu a impressão de todos os presentes no local quando me confidenciou:

— «Este caso é muito pior do que qualquer outro que tenhamos vivido!»

CIGARROS, ALGUÉM?

Alguém vai levantar-se de um salto e gritar «Cigarro!» como causa desta catástrofe?

Não se precipitem. (Bem, força!) Meslin tem algo a dizer-vos.

«A vítima era conhecida por ser uma fumadora inveterada e descuidada. Havia marcas de queimaduras de cigarro visíveis no quarto. Contudo», salientou rapidamente o inspetor dos bombeiros, «a extensão das queimaduras sofridas pela vítima e a combustão completa da cadeira estofada em que estava sentada, num intervalo de vinte e um minutos (incluindo o tempo para fotografias), dá muito que pensar.»

Ah, que sinceridade tão refrescante. Cigarrinho, alguém?

E quanto à aniquilação desta viúva em vinte e um minutos?

Recorde-se: um pequeno incêndio de chama aberta numa cadeira estofada pode evoluir para "flashover" do compartimento (o ponto em que os materiais combustíveis entram espontaneamente em ignição devido ao calor) em cerca de dois minutos. Contudo, quando um cigarro aceso é a potencial fonte de ignição, embora a combustão lenta comece em dois a quatro minutos, levará entre duas e três horas até essa combustão lenta se transformar em chama aberta. «Isso é típico», afirma Andrew McGuire, diretor executivo do The Burn Center. Contudo, neste caso, o incêndio que devastou a cadeira (e a sua ocupante) nunca chegou sequer perto do flashover.

Como? Porquê? Apenas mais um problema…

O que sabemos acerca dos seus últimos minutos de vida? Era viúva há treze anos. Estava debilitada em certa medida e utilizava uma campainha de mão para chamar ajuda. Tocou-a para pedir à neta que lhe trouxesse um cigarro do andar de baixo. A jovem cumpriu prontamente o pedido. O que não se sabe é se o incêndio começou imediatamente após a entrega do cigarro ou se a rapariga encontrou o quarto em chamas ao regressar com o cigarro solicitado.

De qualquer forma: esta incineração devastadora de um ser humano precisou apenas de uns inacreditavelmente breves vinte e um minutos, como sugeriu Meslin? Não. Aconteceu em menos tempo!

Como o sei? A resposta reside numa dedução de senso comum; no testemunho do próprio Meslin e de Harry Lott, inspector adjunto dos bombeiros de Upper Darby na época deste incidente.

«O intervalo temporal que conseguimos estabelecer situava-se algures entre seis e vinte minutos, tanto quanto nos foi possível determinar», informou-me Lott numa longa entrevista em sua casa no final de 1994. «Falou-se em dizer meia hora. Mas simplesmente não era meia hora!»

Seis minutos, disse ele?

A estimativa de Lott para o limite inferior do tempo disponível para este incêndio se desenvolver — um incêndio de que se lembrava com precisão — coincidia com uma conclusão a que eu chegara com Meslin quase vinte anos antes.

É APENAS UMA QUESTÃO DE TEMPO

«A parte mais espantosa do incidente, na minha opinião, é o elemento temporal», declarou Meslin em 1975.

E espantoso é, de facto. A neta deu o alarme assim que descobriu o incêndio, afirmou Meslin, dentro de «três minutos» após ter falado pela última vez com a avó. Isso significava que a Sra. Conway estava viva às 8h42 da manhã. Os bombeiros chegaram no espaço de três minutos após receberem o alerta e encontraram apenas o mais ténue indício de chamas. Conclusão: o incêndio que consumiu a Sra. Conway já tinha feito o seu trabalho destrutivo às 8h48.

Imaginem: um máximo de 360 segundos foi todo o tempo de que este inferno localizado precisou para consumir um ser humano e uma cadeira — e depois extinguir-se!

(Aproximadamente o mesmo período de tempo em que a Sra. Oczki poderia igualmente ter sido consumida em 1979.)

Parece que podemos descartar a teoria de D. J. X. Halliday acerca da CH[1] (combustão humana prolongada) para este caso. E descartar também a explicação do cigarro caído na cadeira… porque uma combustão lenta causada por um cigarro demora entre uma hora e uma hora e meia até fazer o estofamento entrar em chama aberta.

Perante estas circunstâncias e aquilo que agora sabemos sobre o comportamento do fogo, poderia um cigarro caído ter destruído o seu corpo daquela forma? Não.

«Não acredito que exista qualquer maneira neste mundo de aquela cadeira poder ter gerado — a partir de um cigarro — calor suficiente para decompor o corpo dela ao ponto de ser destruído naquele intervalo de tempo!», insistiu Lott.

Poderiam ter sido derramadas grandes quantidades de acelerante altamente inflamável sobre a cadeira? Não.

«Verificámos a cadeira em busca de líquidos inflamáveis, ou qualquer coisa semelhante que ardesse a temperatura mais elevada e pudesse causar aquele grau de destruição ao cadáver, aos restos mortais da vítima. E, ainda assim, não encontrámos qualquer indício de utilização de acelerante», revelou Lott.

Poderia haver intervenção criminosa? Não.

Meslin afirmou enfaticamente que a hipótese de crime foi totalmente excluída. Anos mais tarde, Lott repetiu essa conclusão:

«Fizemos todas as investigações necessárias para determinar a existência de crime, e não havia qualquer indício disso! Ela aparentemente pertencia a uma família muito afetuosa…»

E quanto à infame teoria da «vela humana»? Seria necessário um salto de fé hiperquântico para aplicar a experiência de gordura em combustão lenta do Dr. Gee a esta situação. Mesmo que a Sra. Conway fosse corpulenta — e tudo indica que não era — o intervalo temporal é demasiado espantosamente curto para sequer insinuar a absurda teoria da vela humana.

E a cadeira?

No caso Reeser, as autoridades haviam concluído que a cadeira e as almofadas do assento ofereciam carga combustível insuficiente. O mesmo se aplica ao caso Conway.

«Levam uma a duas horas até arderem assim tão mal», afirmou Meslin, com base na sua experiência em numerosos incêndios de cadeiras.

«Eis o cerne do dilema. Esse é realmente o coração da discussão», resumiu Lott. «Como se pode alcançar o grau de destruição que foi causado em tão curto espaço de tempo e, ao mesmo tempo, não ver nas áreas circundantes os efeitos secundários dessas temperaturas? Eu não sei explicar isso, nem compreendê-lo. Tenho muita experiência e muitos conhecimentos no serviço de incêndios, e simplesmente não sei como isso é possível.»

Poderia a ciência da cremação oferecer alguma explicação?

Só em 1990 a empresa Industrial Equipment and Engineering Company, um dos principais fabricantes de crematórios, lançou um forno crematório (preço: 100 000 dólares!) capaz de cremar um corpo em apenas uma hora — o que é dez vezes mais tempo do que a Sra. Conway teria tido disponível.

Não surpreende, portanto, a resposta dada na década de 1970 quando perguntei ao especialista em cremação John C. Grenoble, que consultei sobre o Dr. Bentley, se tinha alguma ideia acerca do caso Conway.

«Pela minha experiência, não», respondeu. «Havia mais qualquer coisa.»

Mas o que seria esse "mais qualquer coisa"?

Para citar Lott:

«Esta senhora morreu devido a calor extremo. O seu corpo foi decomposto por calor extremo num período relativamente curto de tempo… Foram temperaturas extremamente elevadas para causar aquele grau de destruição. De onde vieram, não sei. Tenho muita experiência e conhecimentos no serviço de incêndios, e simplesmente não sei como isso pode acontecer.»

Nas circunstâncias presentes, nenhuma fonte conhecida de combustão consegue explicar os factos que rodearam a Sra. Conway, tal como as chamas que a envolveram. Seja o que for esse "mais qualquer coisa", deve situar-se para além da ciência actual.

Como exclamou Meslin:

— «As coisas simplesmente não ardem desta maneira!»

E, no entanto, as suas fotografias — uma dúzia delas — provam o contrário, documentando provas inegáveis para quem quiser observá-las.

OPINIÕES CONTRÁRIAS

Há ainda mais um factor a considerar: o odor de carne queimada.

Rastejar através daquele fumo negro e denso deveria ter sido uma experiência horrivelmente nauseabunda para o chefe adjunto dos bombeiros. Mas, como eu começava então a perceber, se aquilo fosse um caso clássico de CH^2, não existiria o odor acre característico.

Numa entrevista posterior com Meslin, perguntei-lhe sobre isso.

«Não senti quaisquer hidrocarbonetos», recordou. «Na verdade, nem sequer me lembro do cheiro de carne queimada. E nunca ouvi o chefe adjunto, que foi o primeiro a entrar no quarto, mencionar qualquer cheiro.»

Algo a arder… fumo pesado e opaco… nenhum odor… rastejar pela escuridão e embater num corpo cremado: quão incrivelmente semelhante ao caso inglês de Barbara Bell.

Semelhante a dezenas de outros casos também.

Que resta para classificar a morte da Sra. Conway senão combustão humana preternatural[3] (se o cigarro lhe tinha sido entregue) ou espontânea (se ainda não lhe tinha sido entregue)?

Em não mais de 360 segundos, o seu corpo queimou até aos ossos sem causar danos significativos no quarto; sem gerar o odor característico de carne queimada; sem auxílio de acelerantes ou combustível (exceto o escasso tecido do seu próprio corpo).

Certamente este é o caso que quebra definitivamente as objeções dos opositores da CH/CEH[4], por assim dizer.

E, contudo, anos após a sua morte, a CH/CEH continuava desacreditada; continuava oficialmente não reconhecida; continuava rejeitada pela maioria das autoridades.

Porquê?

Bem, para ser justo, eu próprio optei por não divulgar este caso até agora.

Mas outra razão encontra-se no comentário que Triebold me fez após o seminário sobre incêndios criminosos:

«A maioria dos investigadores de casos de CH admite o contacto com tais acontecimentos», confidenciou-me, «mas tem medo de os atribuir à CH — seriam ridicularizados e expulsos da profissão!»

Infelizmente, é verdade.

Meslin encontrou esta atitude quando participou numa reunião da International Association of Arson Investigators algum tempo após a morte da Sra. Conway.

«Apresentei uma pergunta num seminário — pessoas do mais alto nível — sobre este caso», recordou Meslin, «e eles não acreditaram. Desvalorizaram-no, sugerindo uma "outra" explicação — o que eu não consigo aceitar! O placebo deles é "Indeterminado" ou "Elétrico", e escapam-se dessa forma. Se eu não sei, digo que não sei. E eu não sei o que aconteceu à Sra. Conway.»

Ah, um defensor de uma abordagem frontal à ciência do fogo (e à ciência em geral). Um profissionalismo tão refrescante.

As palavras de Meslin ecoavam vivamente na minha mente enquanto terminava a entrevista em sua casa e conduzia a curta distância até à nova e ultramoderna sede do Corpo de Bombeiros da Filadélfia. Tinha comigo uma lista de mortes misteriosas por fogo na Cidade do Amor Fraterno — nomes, moradas, datas — e esperava descobrir informações adicionais nos registos do serviço de incêndios.

Por exemplo, havia a reclusa Sra. Anna Martin.

Às 16h45 do dia 18 de Maio de 1957, o seu filho Samuel — bombeiro — encontrou-a caída de bruços na cave da sua casa em 5061 Reno Street, West Philadelphia, após sentir cheiro a fumo a sair pela porta da cave entreaberta.

O torso da mulher de sessenta e oito anos tinha ardido de forma assustadora, embora não até se transformar em cinzas; as pernas tinham-se transformado em cinzas, mas não os sapatos. O forno a carvão diante do qual jazia estava frio; pilhas de jornais e caixas de cartão a sessenta centímetros de distância não tinham sido chamuscadas; as vigas do teto apresentavam manchas de fuligem oleosa, mas não estavam queimadas.

Por razões fáceis de compreender, o médico-legista chefe Dr. Joseph W. Spelman ficou perplexo; não conseguia conceber uma fonte para os 1700 a 2000 graus Fahrenheit que considerava necessários para a consumir daquela maneira.

Embora os bombeiros da cidade tivessem respondido nesse dia a três alarmes adicionais e combatido três grandes incêndios, o chamado relativo à Sra. Martin foi único. Notável.

Como declarou simplesmente o inspetor-chefe John J. Kelly:

— «É um dos nossos casos mais misteriosos.»

E onze anos antes, às três da tarde de quarta-feira, 16 de Janeiro de 1946, Howard M. Donovan, de sessenta e dois anos, foi encontrado sentado numa cadeira em chamas.

Notas

1. **CH** — abreviatura de *Prolonged Human Combustion* (“Combustão Humana Prolongada”).

2. **CH** — abreviatura de *Spontaneous Human Combustion* (“Combustão Humana Espontânea”).

3. **Preternatural** — termo usado em inglês para descrever algo considerado para além do normal ou do natural, mas não necessariamente sobrenatural.

4. **CH/CEH** — referência às teorias de Combustão Humana / Combustão Espontânea Humana.

As queimaduras de terceiro grau já tinham carbonizado o lado direito do homem da Filadélfia. Teria adormecido ou sofrido um AVC, tornando-se vítima de um acidente causado por fumar descuidadamente? O fogo teria começado dentro dele, apenas para se extinguir rapidamente antes que a sua autocombustão tivesse tempo de se espalhar pelo corpo inteiro?

A sua morte antes da meia-noite, no Hospital St. Luke’s and Children’s, deixou para trás tais perguntas. Perguntas não respondidas pelas reportagens publicadas no dia seguinte no *The Philadelphia Inquirer* e no *The Evening Bulletin*.

Eu queria mais informações.

Na sede do Corpo de Bombeiros da Filadélfia, um inspetor municipal dos bombeiros (a quem a anonimidade é misericordiosamente concedida) olhou para mim como se eu fosse louco. Troçou da alegação exagerada de que as pessoas podem entrar em autocombustão.

Não, não podia fazer nada para ajudar a minha investigação.

Perguntei-lhe: os registos tinham sido arquivados noutro local? Eliminados? Perdidos?

— «Aquilo que está a perguntar não existe! Portanto, não podemos ter registos sobre os seus “casos”. A combustão humana espontânea é tão provável como uma folha de papel entrar espontaneamente em chamas!»

disse ele sarcasticamente, apontando para um memorando na sua secretária.

(Percebera involuntariamente a própria CH¹, sorri para mim mesmo, porque isso também já aconteceu — precisamente aqui na Filadélfia, a uma pilha de papel de carta numa casa da Arch Street, à uma da manhã de 25 de Junho de 1837!)

— «Gostaria de ver algumas fotografias?» ofereci.

— «Oh, claro, se tiver algumas!» respondeu ele com um sorriso trocista, convencido de que tinha desmascarado o meu blefe.

Coloquei sobre a sua secretária documentação visual dos casos Bentley, Reeser e Helen Conway.

— «Oh, já vi muitos destes», disse rapidamente, de forma despreocupada, enquanto pegava numa fotografia da Sra. Conway.

— «Já viu?»

— «Claro! Causados por cigarros!»

respondeu ele com total autoconfiança.

Pacientemente, apontei os problemas que já conhecem tão bem: ausência de destruição significativa à volta apesar do aparente calor intenso; ausência de odor pungente; intervalos de tempo incrivelmente curtos; corpos transformados em cinzas.

A atitude do inspetor passou de arrogante a sombria.

Chamou dois colegas. Eles olharam, abanaram a cabeça e afastaram-se.

Após um longo e penoso silêncio, voltei a perguntar:

— «Como reagiria se fosse chamado a um incêndio e encontrasse uma cena como uma destas? Por favor, ajude-me a compreender isto. Como explicaria? O que faria?»

O inspetor dos bombeiros da Filadélfia levantou os olhos das fotografias à sua frente e murmurou uma resposta xenófoba clássica:

— «Saía, embebedava-me e esquecia tudo.»

Não tenho dúvidas de que o faria.

UMA REVIROVOLTA EXPLOSIVA NA CH

Os bombeiros presentes no incêndio de Conway ficaram tão perplexos, reconheceu Meslin, que ninguém conseguia sequer sugerir uma causa para aquilo que tinham diante dos olhos.

A combustão fora tão completa que a identificação legal da Sra. Conway se tornou difícil. Meslin recordou que os investigadores da seguradora chegaram a vasculhar os restos mortais à procura de um anel de 3000 dólares que ela usava.

Esse anel, que permitiu identificar a pessoa que ardera, deixou o seu próprio mistério.

Recordava Lott, impressionado:

— «Estava em bom estado! E estamos a falar de uma peça de joalharia — certamente ouro de 14 quilates — que esteve exposta àquele calor intenso, e nem sequer tinha uma marca! Para mim isso é quase inacreditável. O ouro funde a temperaturas relativamente baixas.»

E depois há o intervalo temporal: aqueles incríveis 360 segundos, no máximo!

Depois de tudo o que antecede este capítulo, o que poderia eu dizer senão que, por mais trágico que tenha sido para os seus familiares, a morte de Helen A. Conway prova que a combustão humana preternatural/espontânea é, de facto, um facto.

Agora que pareço terrivelmente não-forteano[2] ao fazer uma afirmação tão dogmática, permitam-me sugerir que a Sra. Conway não foi vítima desse raro destino.

Como assim?

Existe uma maneira de escapar ao desconforto de finalmente admitir a realidade da combustibilidade humana preternatural/espontânea.

Suspeito que a profissão médica gostará ainda menos desta hipótese.

Tal como vejo as coisas, é provável que Helen Conway tenha ardido em muito menos de 360 segundos através de uma forma ainda mais rara de transição humana:

EHE — Explosão Humana Espontânea

Ora vamos lá, certamente não vai sugerir — nem sequer insinuar — que um ser humano pode explodir?, ri-se o cético omnisciente.

Não. Deixarei que o testemunho do Monsieur Morand o faça, porque foi ele quem originalmente apresentou essa sugestão à Royal Academy of Sciences há cerca de dois séculos.

Morand levantou-se para informar os seus colegas sobre um incidente absolutamente espantoso de que tomara conhecimento recentemente, ocorrido no noroeste de Itália em 1751.

Uma mulher de Bonne Vallie, com cerca de trinta e sete anos, encontrava-se a apanhar lenha com quatro companheiras na floresta de Montenere, cerca de oitenta quilómetros a norte de Génova. Depois, as cinco iniciaram o regresso a casa, ela no meio do grupo.

«Assim que chegaram a um local chamado Gargan», disse Morand, «esta mulher gritou subitamente com grande veemência e caiu imediatamente ao chão, de bruços.»

As amigas correram imediatamente em seu auxílio, apenas para ficarem horrorizadas com o que viram.

A mulher estava morta. As suas roupas, «e até os sapatos, estavam cortados — ou melhor, rasgados em tiras — e espalhados a uma distância de cinco ou seis pés em redor do corpo, de tal modo que tiveram de envolvê-la num pano para a transportarem até à aldeia».

Ali, os aldeões examinarem o corpo — ou o que restava dele.

Os olhos «pareciam fixos e lívidos»; feridas abertas na cabeça expunham o crânio; «havia também muitos arranhões superficiais no rosto em linhas retas».

O sacro tinha-se fragmentado; os órgãos internos tinham-se tornado «lívidos» ou rebentado; os ligamentos e músculos «do lado direito do abdómen estavam destruídos e tinham cedido às vísceras»; o lado esquerdo do abdómen estava rasgado por incisões profundas paralelas e mais arranhões superficiais paralelos; o púbis «ficara exposto e fraturado, e a carne arrancada até à anca»; o fémur fora partido e «forçado para fora da articulação»; e as nádegas e coxas tinham sido «arrancadas» — ao ponto de cerca de seis libras de carne terem desaparecido.

Apesar desta cena aterradora, Morand afirmou que os aldeões enfrentaram um choque ainda maior:

«não havia a mais pequena gota de sangue no local onde o acidente ocorreu, nem o mais pequeno fragmento da carne que tinha sido arrancada.»

Só podemos imaginar como terão reagido os académicos da Royal Academy of Sciences, em Paris, ao ouvirem este relato de um dos seus membros eleitos.

Morand relatou então a explicação proposta pelos aldeões para esta tragédia, conjetura com a qual concordava: que «vapores subterrâneos… emergiram do solo diretamente sob ela», produzindo «a morte desta infeliz pessoa, com todos os seus extraordinários aspetos».

Teria Morand intuído de forma primitiva a ideia das *fire-leynes*[3], uma das quais atravessou o corpo da mulher enquanto caminhava?

Porque, como observou Robert Rickard, editor da revista *Fortean Times*, ao chamar-me a atenção para este episódio terrível:

— «Era como se ela tivesse sido o ponto focal de uma explosão instantânea, silenciosa e mortal.»

(A mesma sugestão pode aplicar-se ao destino explosivo do padre italiano Gio Bertholi em 1776 e ao caso da Sra. Eliza Collier em 1872.)

Sob esta nova perspetiva, observemos mais atentamente o quarto onde a Sra. Conway morreu.

Os danos provocados pelo fogo para além do seu corpo eram extraordinariamente reduzidos: um telefone derretido a poucos centímetros; do outro lado do quarto, um televisor deformado pelo calor (poderia ter sido gémeo do televisor encontrado no quarto da Sra. Hogan seis anos depois); o verniz das molduras perto dela estava liquefeito; e uma omnipresente descoloração negra de fuligem estendia-se pelas paredes até cerca de noventa centímetros do chão.

Contudo, os destroços estavam espalhados.

Fragmentos do tecido do estofo e farrapos de material (aparentemente da sua roupa) encontravam-se espalhados pelo chão e pelas mesas; várias tiras compridas pendiam de um armário e de uma planta a mais de um metro da cadeira.

Cinzas negras aderiam à parede atrás do caixote do lixo e cobriam a bancada situada a cerca de quatro metros e meio, onde estava o televisor.

Numa mesa baixa à direita da vítima, os objetos tinham sido projetados para longe da Sra. Conway; um copo jazia partido, empurrado contra a parede.

O abat-jour da mesa imediatamente à sua esquerda tinha-se desintegrado, deixando apenas os dois anéis metálicos em torno da base do candeeiro — e, contudo, a lâmpada não estava deformada na direção da vítima (como seria normal num incêndio convencional).

Teria uma grande força de combustão rápida causado esta desordem, espalhando destruição como estilhaços de uma bomba?

As evidências tornam fácil imaginar uma explosão ocorrida entre o plexo solar e o sacro da vítima enquanto estava sentada na cadeira.

A partir desse ponto de origem, a força da combustão extraordinariamente rápida — porque é isso que uma explosão é — parece ter projetado partes do corpo para a frente, para trás e para baixo simultaneamente.

Os vetores laterais empurraram o torso para trás, para o vazio onde as costas da cadeira desintegrada já não ofereciam apoio; os braços dobraram-se pelos cotovelos até os dedos carbonizados quase tocarem os ombros.

O vetor descendente da combustão explosiva empurrou o centro da almofada do assento em direção ao chão, levantando as extremidades exteriores e empurrando as molas para os lados ou para fora da parte inferior da cadeira.

A perna direita deslizou para um ângulo antinatural enquanto ambos os membros inferiores, agora separados acima dos joelhos, caíam contra a parte frontal da almofada côncava.

Uma campainha de mão em latão, com cabo de madeira preta, encontrava-se sobre a coxa direita desaparecida da senhora.

A campainha não derreteu, indicando que a explosão fatal (ou combustão) no seu corpo não produziu uma temperatura prolongada superior a 1570–1900 °F, intervalo de fusão do latão.

A estrutura plástica do telefone Trimline deformou-se ligeiramente e o aro de lucite do disco derreteu, indicando uma temperatura inferior a 700 °F (a temperatura máxima de ignição desses plásticos).

A estrutura de madeira da cadeira estofada carbonizou apenas ligeiramente e o rodapé de madeira e o cabo da campainha sobre a sua coxa nem sequer arderam, pelo que a temperatura teria de ser ainda mais baixa (o carvalho branco inflama-se a 410 graus e o pinheiro branco a 507 graus).

Quinhentos graus são suficientes para liquefazer o verniz da moldura acima da vítima, fazendo-o escorrer pela parede; mal bastam para aquecer a metade superior do chassis do televisor do outro lado do quarto, a cerca de doze pés de distância. (Soa familiar?)

Ali, junto ao televisor, encontrava-se outro factor absurdo: uma boneca de plástico vestida com tecido de tule. A cabeça da boneca inclinara-se para a frente; contudo, exatamente à altura em que terminava a deformação do armário do televisor, o tule altamente inflamável permanecia intacto!

Esta nítida e brusca demarcação térmica, paralela ao caso Reeser, é verdadeiramente espantosa.

Portanto: algum processo incapaz de gerar calor sustentado acima dos 507 graus destruiu o corpo desta mulher em seis minutos.

Ou menos!

Por comparação, recorde-se de que um crematório necessita de várias horas com temperaturas entre 2200 e 2600 graus num ambiente otimamente controlado.

E quanto à velocidade da combustão?

Certamente rápida!

Se explosiva, a energia teria irradiado instantaneamente para o exterior. Se implosiva, poderia ter sido igualmente rápida, minimizando ao mesmo tempo os danos em redor.

O cenário da Explosão Humana Espontânea (implosão), conjugado com as provas fotográficas e as difíceis limitações térmicas, encaixa no caso Conway como o “fogo e enxofre” bíblico.

Morreu Helen Ann Conway devido a uma Explosão Humana Espontânea, uma variante acelerada da CH?

Quer se escolha caracterizar a sua morte como preternatural ou espontânea, relativamente lenta (máximo de seis minutos) ou explosivamente instantânea… não se pode negar que aconteceu algo extremamente estranho.

Notas

1. **CH** — abreviatura de *Spontaneous Human Combustion* ("Combustão Humana Espontânea").
2. **Não-forteano** — referência ao pensamento "forteano", associado a Charles Fort, investigador de fenómenos insólitos e inexplicáveis.
3. **Fire-leynes** — conceito esotérico/paranormal referente a supostas linhas invisíveis de energia que atravessariam a Terra.

EPÍLOGO À EHE

Além de Helen Conway e da mulher de Bonne Vallie, existem outros dois incidentes (descontando a imprensa sensacionalista) sugestivos de EHE[1].

Segundo o *Daily Telegraph* de Londres (28 de Dezembro de 1938), Horace Trew Nicholas caminhava pela Windmill Lane, perto da sua casa em Hampton Hill, Londres, quando uma explosão súbita projetou o cavalheiro pelo ar como um foguete.

Embateu numa chaminé e caiu sobre um telhado, com as roupas em chamas, o cabelo queimado e as botas de borracha derretidas.

A companhia Gas Light & Coke Company verificou possíveis fugas nas condutas de gás e não encontrou nenhuma. Em seguida suspeitou-se de gás proveniente dos esgotos. Também não surgiu qualquer prova desse desagradável culpado.

O médico-legista classificou o caso como «morte acidental» — que outra coisa senão essa categoria vaga e universal? — e assim o estranho destino do homem ficou encerrado.

Teria sido uma explosão no interior do próprio corpo a causar a súbita ascensão de Nicholas?

E por volta de 1949–1950, em Denver, Colorado:

«Uma mulher explodiu na rua, no centro de Denver» — foi assim que Cliff Johnson me disse recordar-se de ter ouvido a história cerca de quarenta e cinco anos antes, quando vivia nos arredores da Mile High City[2].

«Havia outras pessoas na rua e viram aquilo acontecer. Na altura, as autoridades verificaram se ela transportava explosivos!»

Mas, segundo ele, nada encontraram — nem explosivos nem explicação.

Para confirmar esta pista, telefonei imediatamente ao Departamento de História Ocidental/Genealogia da Biblioteca Pública de Denver e pedi à diretora Eleanor M. Gehres que pesquisasse nos jornais *Denver Post* e *Rocky Mountain News*.

Ela e a funcionária Lyn Spenst fizeram-no amavelmente e de forma minuciosa, mas não encontraram qualquer referência.

Pista falsa? Notícia censurada por editores receosos?

De qualquer forma, a EHE é muito mais rara do que a CH^3. A menos, claro, que a ausência de detalhes históricos tenha levado os investigadores a subestimar a sua dimensão, porque estas mortes decididamente bizarras foram catalogadas sob designações convencionais — como «morte acidental» — em vez de um diagnóstico mais apropriado de explosão espontânea.

O que poderia desencadear transformações tão estranhas?

De um ponto de vista metafísico, quando as pessoas falam de «emoções explosivas», poderão estar inadvertidamente a permitir que o corpo exprima esse surto emocional de forma literal, muito física.

O laboratório químico do corpo poderia então produzir um catalisador desencadeador de uma reação exotérmica rápida, ou transmutar um elemento num agente reativo à água que detonasse toda a fábrica biológica, tal como pós metálicos reativos à água (alumínio ou fósforo, por exemplo) oxidam violentamente ao entrarem em contacto com humidade.

A kundalini[4] já forneceu um cenário possível para tal ocorrência, e poderão existir muitas outras possibilidades.[5]

Perguntei a Lott qual seria a sua última palavra acerca do incêndio Conway — oficialmente atribuído a um cigarro caído e dado como encerrado — após trinta anos a pensar no assunto.

— «Teria de lhe dar a resposta que qualquer pessoa com reputação nos serviços de incêndio lhe daria sobre esse caso. E essa resposta seria: não sei. Não faço ideia… Tem de existir alguma explicação razoável. Se algo como a CH existe realmente, mais cedo ou mais tarde terá de vir ao de cima. E, se puder ser provado, ótimo. É assim que as coisas são!»

Isso fez-me recordar o conselho final do inspetor Meslin, anos antes:

— «Um dos principais pré-requisitos de um investigador é ter uma mente aberta.»

27

O Caso Mott:

Todos os Sintomas… e Novos Enigmas

«As nossas mentes são finitas e, contudo, mesmo nessas circunstâncias de finitude, estamos rodeados de possibilidades infinitas; e o propósito da vida humana é apreender o máximo possível dessa infinitude.» — Alfred North Whitehead

Nunca esquecerei aquela chamada telefónica.

— «Daqui fala Tony Morette. Ouvi falar de si. A questão é…»

Morette fez uma pausa, procurando palavras.

— «Não consigo perceber isto», retomou. «O corpo foi totalmente consumido na cama. É realmente algo que precisa de ver. Quer dizer… é difícil explicar ao telefone!»

Tony Morette identificou-se como investigador de incêndios do condado de Essex, no norte do estado de Nova Iorque.

À medida que fui convivendo com ele nas semanas seguintes, fiquei cada vez mais impressionado com o seu profissionalismo. Era o

investigador consumado, rigoroso como um sargento veterano. Quando Morette examinava uma cena de incêndio, não deixava nenhuma pista por explorar na procura da causa. Estava habituado a encontrar respostas.

Mas agora tinha um caso que o deixava perplexo.

Queria desesperadamente saber o que acontecera.

Quando se trata de CH, devemos esperar o inesperado. Precisamente quando anos de investigação me levam a pensar que talvez esteja perto de compreender este mistério do fogo interior humano, surge… bem, surge um George Irving Mott para baralhar tudo.

George Mott era um bombeiro reformado de cinquenta e oito anos que vivia sozinho na paisagem ondulante nos arredores de Crown Point.

A sua casa, situada a cerca de oitocentos metros do vizinho mais próximo, era uma estrutura de madeira construída em torno de uma casa móvel.

Veterano das forças armadas, vivia segundo uma rotina militar. Os seus hábitos eram previsíveis e meticulosos; a casa estava impecável, com cada utensílio, toalha e peça de roupa cuidadosamente arrumados no devido lugar.

Embora divorciado, mantinha uma relação próxima e afetuosa com os filhos e netos.

Encontrava-se regularmente com amigos para tomar o pequeno-almoço no restaurante Wagon Wheel, em Ticonderoga.

Quarta-feira, 26 de Março de 1986, cerca das 11h30.

O correio do dia anterior permanecia na caixa do correio da propriedade rural de Mott, na Bush Road. O carteiro, contudo, não notou nada de estranho e seguiu caminho.

Durante toda a manhã e tarde, a filha de Mott telefonou ao pai. Ninguém respondeu.

Por fim, pediu ao irmão Kendall que fosse ver o pai.

Kendall tranquilizou-a, dizendo que o pai «parecia estar muito bem» quando o visitara na segunda-feira às 20h00, tão bem que nem o visitara na terça-feira.

Sim, passaria por lá depois do trabalho.

Por volta das 18h00, Kendall Mott conduziu até Bush Road.

A carrinha do pai estava estacionada ao lado da casa.

O pai deve estar em casa, pensou Kendall; porque não atende o telefone?

As cortinas das janelas pareciam mais escuras do que da última vez que ali estivera.

O pai deve ter colocado cortinas novas, pensou consigo mesmo.

Foi abrir a porta da frente e percebeu imediatamente que não eram apenas as cortinas que tinham mudado no interior.

Alguma coisa estava errada.

Terrivelmente errada.

«A maçaneta da porta estava quente ao toque», recordou Kendall Mott. «Quando abri a porta, estava quente lá dentro. Estava tudo escuro. Muito escuro. Percebi no instante em que entrei que ele estava morto.»

Tateando no escuro, avançou até ao quarto do pai, na parte traseira da casa, e conseguiu apenas distinguir, através da atmosfera pegajosa e opaca, que o televisor sobre a cómoda, do outro lado da cama, tinha derretido.

«Percebi que algo estava realmente errado! Não conseguia ver mais nada.»

Kendall saiu a correr.

Foi buscar um vizinho, Lester Joiner, para lhe pedir ajuda.

Os dois homens regressaram à residência de Mott.

Kendall, visivelmente perturbado, recusou-se a voltar a entrar.

Joiner entrou com uma lanterna na mão.

Momentos depois chamava a polícia.

George Mott estava efetivamente morto.

O primeiro a chegar foi o agente Richard Lavalley, da Polícia do Estado de Nova Iorque.

Outros agentes chegaram e rapidamente isolaram o local, chamando depois especialistas do Bureau of Criminal Investigations (BCI).

O médico-legista Jack Harland foi notificado e, por sua vez, chamou a patologista do condado de Essex, Dra. C. Frances Varga.

Por volta das 20h30, o inspetor de incêndios do condado, Morette, chegou à casa de Mott, seguido pelo director de proteção civil do condado de Essex, Robert Purdy.

Morette percebeu imediatamente que aquela não era uma ocorrência normal de incêndio — tal como o chefe dos bombeiros de Crown Point, Frances Cook, e os seus homens.

Não havia incêndio para combater, mas algo muito mais difícil de enfrentar:

o impossível.

Morette solicitou a assistência da ParaScience International na investigação e prometeu cooperação total caso decidíssemos fazer a viagem de ida e volta de 750 milhas até ao norte do estado de Nova Iorque.

Era outra proposta impossível de recusar.

COMEÇA A INVESTIGAÇÃO DO INESPERADO

Pouco depois, um colega da PSI[6] e eu seguíamos estrada fora rumo a Crown Point, uma aldeia a norte do Forte Ticonderoga, onde se fizera história durante a Guerra da Independência Americana.

Agora, na Primavera de 1986, uma nova história revolucionária tinha sido ali escrita, embora ninguém o percebesse de imediato.

Encontrámo-nos com o chefe dos bombeiros Frances Cook e com o investigador Tony Morette no quartel dos bombeiros de Crown Point e ouvimos fascinados enquanto descreviam aquela cena de incêndio única.

Mas todas as suas palavras não diminuíram — antes aumentaram — o meu desejo de visitar o local onde aquilo acontecera.

Tony acompanharia a visita?

Não.

Sentia-se desconfortável com a ideia de voltar a entrar numa cena de incêndio que o perturbara profundamente. Disse que nunca encontrara nada semelhante em duas décadas de trabalho na ciência dos incêndios e não tinha vontade de voltar a confrontar-se com aquilo, embora tivesse autorização para entrar no local (e concedê-la a quem entendesse).

Além disso, como a família Mott falara em demolir a casa, nem sequer tinha a certeza de que ela ainda existisse.

Se quiséssemos ir sozinhos, dar-nos-ia as indicações para chegar à Bush Road.

E assim fez.

Ao entrarmos na Bush Road, reconhecemos rapidamente a propriedade Mott pelo revestimento tingido de vermelho.

O aspeto da habitação era tão enganador como pintura nova num carro em segunda mão.

Tudo parecia tão normal que quase esperávamos ver o Sr. Mott a receber-nos quando parámos o carro — embora soubéssemos que isso era impossível.

Examinámos o exterior da casa e tivemos de observar atentamente para encontrar vestígios do incêndio que sabíamos ter ocorrido no interior.

Fios de fuligem escura tinham-se infiltrado em torno das janelas e das portas; um painel de vidro térmico estava rachado.

Quase nada podia ser visto lá dentro, porque todas as janelas apresentavam uma película escurecida e cozida pelo calor.

As linhas de gás e eletricidade tinham sido cortadas e seladas.

A porta da frente estava fechada.

Algumas semanas mais tarde, numa segunda viagem para reencontrar Morette, voltámos à casa de Mott.

A relva estava mais alta, mas nada mais no exterior mudara desde a nossa primeira visita… exceto o facto de a porta da frente estar escancarada.

Se o grito de Don Gosnell — «O Dr. Bentley ardeu todo!» — merece o prémio de maior eufemismo de 1966, então a indiscutível ironia do ano de 1986 pertence ao aviso colocado na porta da frente da casa de George Mott:

«PROIBIDO FUMAR»

Lá dentro, essa mensagem fora ignorada de forma inimaginável.

Ultrapassar aquele limiar era entrar num submundo absurdo que revelava as limitações do conhecimento humano acerca de si próprio e deste mundo mágico.

Era uma sensação imponente e sobrenatural contemplar a entrada numa cena tão difícil de imaginar; tão facilmente negável fora do domínio da ficção científica.

Saber o que nos aguardava no quarto ao fundo da casa tornava tudo ainda mais inquietante.

Para um investigador de CH, aquele era o passo de uma vida; para a ciência, seria uma porta aberta para o desconhecido.

Imaginem-se diante da porta da casa de George Mott, prestes a entrar numa cena que poucos alguma vez viram… talvez consigam compreendê-la.

UMA VISITA GUIADA PELO INSÓLITO

Para lá da porta com o aviso «Proibido Fumar» fica a sala de estar de Mott.

Ocupa quase metade dos cerca de setenta e cinco metros quadrados da habitação.

Uma alcova imediatamente à direita alberga a sua biblioteca, revelando-o como um homem culto e de interesses ecléticos, que iam dos westerns de Zane Gray aos clássicos internacionais.

Um dos livros na estante é *Strange Stories, Amazing Facts*, da Reader's Digest, cuja sobrecapa escureceu devido a uma película translúcida de fuligem cozida; de resto, o livro — incluindo o capítulo sobre combustão humana espontânea — permanece intacto.

Noutra prateleira encontra-se uma caixa de plástico deformada pelo calor até se tornar uma massa irreconhecível, outrora um dispensador de lenços de papel.

Ao lado, encostado às *Obras de Shakespeare*, está um termómetro de interior que não rebentou — indicando que o mercúrio nunca ultrapassou os 120 °F.

Um modelo de navio clipper repousa sobre uma mesa de centro de madeira; nenhum dos dois sofreu danos, exceto uma camada uniforme de fuligem.

À esquerda da entrada, um televisor e um aparelho estéreo ao longo da parede oeste encontram-se ambos cobertos por fuligem semelhante a pó cinzento — exceto que está cozida e aderente.

A tampa plástica do gira-discos deformou-se com o calor e a placa de vidro da escala de sintonia ficou vidrada; de resto, parece pronto a funcionar.

Os discos e cartuchos de 8 pistas guardados no armário aberto sob o estéreo permanecem intactos.

Atrás do televisor, entre este e o estéreo, pendem dois conjuntos de cortinas de fibra de vidro suspensas por argolas de plástico — todas intactas.

Notas

1. **EHE** — abreviatura de *Spontaneous Human Explosion* ("Explosão Humana Espontânea").
2. **Mile High City** — alcunha da cidade de Denver, situada aproximadamente a uma milha acima do nível do mar.
3. **CH** — abreviatura de *Spontaneous Human Combustion* ("Combustão Humana Espontânea").
4. **Kundalini** — conceito espiritual do hinduísmo referente a uma energia latente situada na base da coluna vertebral.
5. O autor especula livremente sobre mecanismos metafísicos e não científicos; estas ideias não têm validação científica reconhecida.
6. **PSI** — abreviatura de *ParaScience International*, organização mencionada pelo autor.

Uma cadeira estofada no centro da sala apresenta a sua própria camada ligeira de fuligem sobre o veludo grená. Atrás dessa cadeira, ao

longo da parede oeste e para além do sistema estéreo, encontra-se uma pequena mesa.

Sobre a superfície de contraplacado, Mott organizara papéis onde anotara a dosagem de cada medicamento que tomava para aliviar problemas de tensão arterial e dificuldades respiratórias.

Os bombeiros removeram alguns frascos de comprimidos, deixando para trás círculos brancos brilhantes a marcar as posições originais dos recipientes sobre a superfície escurecida pela fuligem.

As tampas de dois frascos de plástico fundiram-se sobre si mesmas, embora os lados e os rótulos de papel permaneçam intactos.

Ao lado deles encontra-se um frasco de vidro com tampa conta-gotas de borracha, sem qualquer dano.

A poucos centímetros dos plásticos derretidos, copos de papel Dixie e cerca de três dúzias de cotonetes estão espalhados sobre uma revista; nenhum apresenta a película vidrada de fuligem cozida que parece omnipresente em todas as superfícies horizontais da sala.

Acima desta mesa, um terceiro conjunto de cortinas de fibra de vidro cobria outrora a janela de vidro rachado.

Ao contrário das outras cortinas apenas alguns pés mais adiante, estas jazem no chão numa massa coagulada de fibras fundidas.

As argolas plásticas das cortinas escorreram surrealisticamente dos varões como rebuçado quente numa fábrica de caramelos.

A tinta da moldura da janela apresenta bolhas; parte dos acabamentos está carbonizada.

As telhas de madeira da parede interior sob a janela estão chamuscadas, assim como uma secção de cerca de noventa centímetros do rodapé branco.

Sem dúvida, existira ali um incêndio.

Um incêndio muito pequeno; tão pequeno que quase passa despercebido ao entrar na casa.

O facto de ter queimado fibra de vidro, derretido determinados objetos de plástico e ligeiramente carbonizado apenas as telhas sob o peitoril da janela e a extremidade da mesa — sem danificar recipientes de plástico e papel sobre ela, além de outros materiais facilmente combustíveis situados apenas alguns centímetros ao lado — parece extraordinário.

E ainda mais extraordinário porque, diretamente acima das cortinas consumidas, o teto branco apresenta apenas danos mínimos, limitados a depósitos de carbono.

Não menos problemática é uma aparelhagem portátil de rádio-cassete situada a apenas dez centímetros da moldura carbonizada da janela (e ao lado do estéreo).

A estrutura plástica permanece intacta, embora ao lado — mais afastada do incêndio nas cortinas — a tampa do gira-discos do estéreo tenha sido deformada pelo calor!

Os lápis em frente ao leitor de cassetes e um candeeiro de pé em madeira com abat-jour de papel entre a mesa e os lápis não mostram qualquer dano — nem sequer bolhas na tinta amarela dos lápis!

E há coisas ainda mais notáveis.

Um pequeno aquecedor a gás encontra-se na parte traseira da sala.

Seria essa a origem do incêndio?

«Desmontei completamente o aquecedor a gás», disse Morette. «Não havia fugas, nem no depósito nem em qualquer outro ponto.»

Acima do aquecedor, uma abertura de cerca de quarenta e cinco por sessenta centímetros atravessa a parede que separa a sala do quarto.

As portadas da abertura estão enegrecidas pela fuligem, mas não apresentam danos sérios provocados pelo fogo.

A pega metálica de um candeeiro tipo Coleman, colocado numa prateleira imediatamente abaixo da abertura, fundiu-se parcialmente na sua lente plástica.

Do outro lado da sala, um mata-moscas pendia outrora na parede.

Agora apenas o cabo metálico permanece; a pá plástica derreteu-se completamente — mas não antes de o padrão da sua malha ficar impresso no painel intacto da parede.

Na cozinha, situada à direita da sala (ao entrar na casa) e atrás da alcova da biblioteca, as superfícies horizontais estão escurecidas por mais película vidrada de tonalidade caramelo.

O fogão a gás parece pronto para cozinhar uma refeição assim que a fuligem seja removida.

Morette inspecionara o fogão em busca de qualquer avaria.

Funcionava perfeitamente.

O lava-loiça de aço inoxidável e as torneiras perderam o brilho sob a película baça de fuligem.

Atrás do lava-loiça, o rótulo de uma embalagem de detergente Comet está parcialmente obscurecido pela camada vidrada omnipresente.

Contudo, uma garrafa branca de detergente da loiça ao lado apenas está parcialmente escurecida.

Utensílios plásticos, fita-cola e panelas permanecem intactos no armário acima, prontos a usar.

Um objeto cuja silhueta marcada pela fuligem lembra uma tábua de pão pendia outrora na porta do armário; agora resta apenas um fio de plástico derretido com cerca de doze centímetros.

Em contraste, um dispensador de plástico preso à parede ao lado do armário alongou-se sob o peso dos copos de papel que continha; a sua forma tortuosa mereceria lugar num museu de arte moderna.

Do outro lado da cozinha (a parede interior voltada para a sala), a bancada e o armário apresentam os seus próprios enigmas.

Ali, um organizador de talheres Rubbermaid de cor creme apresenta as superfícies horizontais escurecidas pela fuligem vitrificada; mas os lados moldados conservam uma cor viva.

Facas, garfos e colheres — todos impecavelmente organizados por Mott, como tudo o resto na sua casa — poderiam ser usados após uma simples limpeza.

Um recipiente plástico amarelo vivo ao lado está intacto, exceto pela película vitrificada sobre a tampa estriada.

No interior, bolachas parecem frescas e comestíveis (embora não tenhamos provado nenhuma).

Ao lado, uma taça de açúcar possui uma tampa plástica enegrecida; o açúcar no interior não endureceu, indicando novamente muito pouco calor na cozinha.

Por cima, na porta do armário, uma placa plástica enrolou-se sobre si mesma.

Ao lado dela, um suporte para rolo de papel absorvente deformou-se e afastou-se dos parafusos que o fixavam; um fio de plástico com cerca de trinta centímetros escorre pela porta do armário.

Ainda assim, consegue manter, por pouco, um rolo de papel absorvente preso.

Dentro desse armário encontram-se caixas de cereais e açúcar, filtros de café, taças de sopa e outros utensílios de cozinha que parecem acabados de sair de um supermercado, tão intactos permanecem.

Sobre a bancada, imediatamente sob o suporte derretido, encontra-se um rolo fechado de toalhas Bounty, colocado na vertical.

Ironicamente, tanto o rolo como a embalagem plástica estão intactos, exceto por uma película vidrada no topo!

Alguém o movera alguns centímetros, contudo, revelando um semicírculo sem fuligem onde o rolo se encontrava no momento do incêndio.

No compartimento fechado sob esta bancada, Mott guardava uma forma Rubbermaid, latas de Raid e Endust, e numerosos produtos de limpeza da cozinha: a fuligem aderiu aos topos desses objetos, mas não causou quaisquer outros danos.

E depois há o frigorífico!

Esse levanta problemas especiais.

Mott revestira o exterior do frigorífico com papel adesivo axadrezado amarelo, que camuflava eficazmente a película vidrada cor de caramelo agora depositada sobre ele.

Mas nada podia disfarçar o que os investigadores descobriram lá dentro.

«Tudo dentro do frigorífico tinha derretido», afirmou Morette. «A manteiga, e até a própria manteigueira. E, no entanto, o frigorífico de alguma forma voltou a funcionar.»

Uma descoberta ainda mais surpreendente aguardava a Dra. Varga, que notou um pacote fechado de salsichas envolto em plástico.

«As salsichas pareciam parcialmente cozidas», declarou a Dra. Varga, «quase como se tivessem sido aquecidas num micro-ondas.»

Talvez o compressor controlado por termopar tenha desligado devido a um sobreaquecimento momentâneo e depois reiniciado automaticamente, pensam vocês.

(Isso poderia explicar a manteiga derretida.)

Mas é outra questão completamente diferente explicar por que razão todos os recipientes plásticos dentro do frigorífico derreteram e como um pacote de salsichas se cozinhou sozinho dentro de um frigorífico fechado (e isolado), quando o calor ambiente exterior era insuficiente até para

deformar a embalagem plástica de um rolo de papel absorvente situado a apenas sessenta centímetros de distância!

Existe um prato de papel em cima do frigorífico.

Sobre a sua superfície vitrificada repousam os restos desidratados de duas bananas.

Não conseguimos determinar se a humidade evaporou lentamente com o tempo ou se as bananas foram rapidamente "fritas" pelo calor que envolvera o interior do frigorífico.

(O que sabemos, com base na extrema organização doméstica de Mott, é que as bananas não secaram devido a abandono antes da sua morte.)

Ao lado delas encontra-se outro recipiente Rubbermaid, ainda selado.

Várias bolachas de aveia no interior parecem perfeitamente normais, apesar do que acontecera às bananas e às salsichas no frigorífico logo abaixo.

Morette tinha certamente razão ao descrever toda a cena do incêndio como «bizarra».

A casa de banho fica na parte traseira da pequena habitação de Mott.

Mais uma vez, abundam contrastes.

E confundem.

Atrás da porta da casa de banho encontra-se um toalheiro; várias toalhas cor de pêssego e brancas estão cuidadosamente dobradas sobre ele, exatamente como permaneceram desde o dia em que Mott morreu.

No momento do incêndio, esta porta estava aberta, colocando algumas das toalhas a apenas dez ou doze centímetros de um dispensador plástico de copos Dixie na parede.

O dispensador foi cortado ao meio pelo calor; agora permanece parcialmente pendurado numa massa torcida na parede e parcialmente

caído sobre a bancada, no meio dos copos de papel espalhados que antes continha.

Demonstrando a mesma curiosa imunidade ao fogo que os copos, nem uma única fibra das toalhas de turco apresenta sinais de queimadura, apesar de estarem apenas a centímetros do dispensador destruído!

Uma garrafa plástica de Cepacol sobre a bancada deformou-se parcialmente também.

Ao lado, uma escova de dentes escapou aos danos térmicos (ao contrário das encontradas na casa de banho de Mary Reeser).

Contudo, a omnipresente fuligem aderiu às cerdas da escova e ao pincel de barba adjacente, tal como aconteceu na superfície azulejada da bancada — mas não nos azulejos verticais da borda.

Um relógio sobre a bancada parou às 3h58, quer por o mecanismo ter parado naturalmente, quer por marcar a hora em que o fogo congelou o mecanismo.

Uma camada de fuligem negra cobre o lavatório de porcelana.

Acima dele, uma película opaca e inquietante cobre uniformemente o espelho.

Do lado oposto à bancada encontram-se a sanita e a banheira.

Um anel à volta da banheira faz o interior branco parecer como se tivesse sido cheio com sete ou oito centímetros de água negra, entretanto evaporada.

O assento acolchoado de plástico macio da sanita está enegrecido pela fuligem, mas não derreteu.

O depósito e a tampa da sanita possuem uma pesada camada de fuligem, mais escura onde a humidade condensou.

Lenços de papel Kleenex sobre a tampa do depósito apresentam apenas um ligeiro vestígio de fuligem.

Acima da sanita está uma prateleira de verga, sem qualquer sinal de danos por fogo ou calor.

A fuligem escurece o topo de duas pilhas de toalhetes ali colocadas, bem como o rótulo de uma lata aerossol de Lysol entre elas.

A lata pressurizada não explodiu, nem a tampa plástica derreteu — outro indício de que o incêndio no quarto, a poucos metros dali, gerou muito pouco calor naquele local.

E, contudo, literalmente a poucos centímetros acima da lata intacta, a estrutura de poliestireno de um rádio transistor derreteu-se e escorreu sobre a tampa levantada da sanita!

Há algo mais curioso.

Aqui, pela primeira vez, surgem depósitos significativos de fuligem em algumas superfícies verticais: no depósito da sanita, no lavatório e no espelho, na banheira, e num conjunto de toalhas penduradas junto ao lavatório.

O que poderiam ter em comum estes objetos?

Superfícies húmidas.

Parece que a humidade atraía a fuligem vitrificada omnipresente como um íman atrai limalha de ferro.

Para além da casa de banho e dos seus enigmas encontra-se uma pequena divisão utilitária.

A tinta do teto, a cerca de dois metros e vinte de altura, apresenta ligeiras bolhas.

De resto, a divisão oferece pouco interesse — exceto por uma descoberta absurdamente desconcertante.

A caixa plástica rígida de uma máquina de somar de secretária encontra-se grotescamente derretida ao lado de um cesto de roupa castanho em plástico que parece novo, exceto por uma leve película de fuligem no

rebordo — o que é ainda mais problemático porque vários plásticos macios noutras partes da casa haviam derretido.

À esquerda da divisão utilitária e atrás da sala encontra-se o último compartimento.

O quarto de George Mott.

O quarto é bastante pequeno, aproximadamente três metros por três metros.

Mott enchera-o com uma cama colocada longitudinalmente no centro, a cabeceira encostada à parede da sala; uma cadeira de madeira de encosto em travessas; uma cómoda de pinho ao longo de uma parede; uma mesa-de-cabeceira de pinho contra a parede oposta, para além da cama; e um televisor sobre uma cómoda numa pequena alcova ao fundo da cama.

Debaixo da cama colocara um tapete entrançado colonial de cor ocre.

As paredes estavam revestidas com papel de parede branco e turquesa.

Existira uma máquina portátil de enriquecimento de oxigénio, entretanto removida, imediatamente ao entrar no quarto.

«Uma espécie de humidificador sofisticado», descreveu Morette; concebido para aumentar em dois a três por cento a concentração de oxigénio no quarto, facilitando a respiração de Mott.

«O que me intriga é que a máquina de oxigénio continuava ligada», maravilhou-se Morette. «Estava a funcionar quando cheguei.»

Isso significava que qualquer incêndio naquela parte da casa deveria ter ardido com mais intensidade devido ao aumento da concentração de oxigénio.

Mas isso não aconteceu… exceto numa área extremamente localizada.

Além disso, Morette notara que o tubo plástico macio e a máscara respiratória sobre a máquina não derreteram.

Também sobre ela havia uma caixa de fósforos compridos de madeira.

«Os fósforos nunca chegaram a acender-se!», afirmou Morette, apesar de estarem apenas a centímetros da extremidade da cama consumida. «Ainda hoje não compreendo os fósforos.»

Mas fósforos "à prova de ignição" não eram a única coisa difícil de compreender.

A cadeira de madeira não está queimada.

O espelho acima da cómoda de pinho escureceu devido à película caramelizada vitrificada, mas não apresenta fissuras térmicas.

O vidro branco leitoso de um candeeiro tipo furacão está coberto de fuligem; a campânula fora removida por alguém que precisava da lâmpada nua — vitrificada mas não deformada — para iluminar melhor a cena que também eles tentavam compreender.

As roupas encontram-se cuidadosamente dobradas nas gavetas, como se tivessem acabado de ser lavadas.

No chão, junto à cómoda, está um cesto de lixo em verga com revestimento plástico branco; nenhum dos dois sofreu qualquer dano provocado pelo calor ou pelas chamas.

Nota

As temperaturas em graus Fahrenheit (°F) foram mantidas conforme o original para preservar a precisão técnica das referências do texto.

Ao fundo da cama encontra-se um armário embutido, onde a fuligem cozida sobre as tábuas do chão, com cerca de vinte centímetros de largura, delineia retângulos claros nos locais onde outrora estiveram caixas de arrumação.

Sobre a cómoda existem três objetos: uma estátua de gesso, intacta; um telefone, parcialmente derretido; e um televisor portátil de treze polegadas que colapsou sobre si mesmo, o chassis transformado numa massa de plástico fundido afastada do tubo de imagem.

(Este é o televisor que Kendall Mott vislumbrou, e o seu aspeto faz lembrar os televisores derretidos nos casos Bofin e Conway.)

O ecrã de vidro do tubo de imagem estava revestido com — sim! — mais película vitrificada de tonalidade caramelo.

Atrás do telefone parcialmente derretido e do televisor completamente fundido pendia uma cortina laranja de fibra de vidro, intacta.

Na parede oposta encontra-se a única janela do quarto, situada a quarenta e cinco centímetros da cómoda e a sessenta centímetros do pé da cama.

A tinta branca da moldura da janela apresenta bolhas, sobretudo em torno da parte superior da janela, opacificada por uma película âmbar; bolhas provocadas pela combustão de uma cortina de fibra de vidro agora fundida numa massa ao lado do rodapé branco.

O rodapé, contudo, permanece branco, e o papel de parede à volta da janela não revela qualquer dano provocado pelo fogo.

O facto de esta cortina ter ardido enquanto a sua equivalente, situada a poucos pés de distância, não ardeu, refletia a combustão seletiva das cortinas da sala e era igualmente desconcertante.

Mais adiante nesta parede, uma tomada elétrica ainda segura um cabo ligado a um relógio digital e a um segundo candeeiro tipo furacão sobre a mesa-de-cabeceira ao lado da cama.

Uma observação mais cuidadosa da tomada — situada a menos de sessenta centímetros da cama — revela que está intacta; o cabo está intacto; o papel de parede atrás do cabo está intacto.

A mesa-de-cabeceira próxima também está intacta e conserva o brilho do verniz.

Sobre ela, situada apenas a poucos centímetros da cabeceira carbonizada no incêndio que matou Mott, o relógio digital derreteu-se — sim! — numa poça quase irreconhecível de plástico fundido.

Por baixo encontra-se uma caixa de Kleenex, coberta de fuligem mas com os lenços perfeitamente utilizáveis.

No centro do quarto está a cama onde Mott morreu, queimada de tal maneira que ainda se consegue distinguir o contorno do seu corpo.

(Lembra a Sra. Pococke, cujo corpo queimado deixou igualmente o seu contorno num asilo irlandês do século XVIII.)

Num quarto notável pela imunidade ao fogo da maioria do mobiliário, esta cama é a única peça que não escapou.

A estrutura está carbonizada.

O verniz ao longo da parte superior da cabeceira encontra-se queimado; um buraco do tamanho de uma moeda de prata atravessou uma das três tábuas decorativas.

Atrás da cabeceira, um novo padrão adorna o papel de parede: um contorno escuro e ténue da cabeceira inteira — evocando as imagens-sombra queimadas nas paredes de Hiroshima pela explosão da bomba atómica.

Atrás da cabeceira encontra-se a terceira tomada elétrica do quarto que, após cuidadosa inspeção, não revela qualquer vestígio de danos provocados por chamas.

O pé da cama está mais queimado do que a cabeceira, embora a carbonização tenha penetrado menos de meio centímetro na madeira.

O verniz em grandes áreas do pé da cama nem sequer criou bolhas.

O colchão praticamente desapareceu, tendo a maior parte (mas não a totalidade) do material ardido.

Ao longo do comprimento da cama, da cabeceira ao fundo, existia um profundo "V" — como se o corpo de Mott tivesse sido fortemente empurrado para baixo.

«As molas estão intactas de uma ponta à outra», disse Morette, mas debaixo do corpo tinham perdido a resistência à compressão.

«O estranho é que seriam necessários 1500 graus para fazer estas molas colapsarem», afirmou.

«Os chinelos dele estavam intactos», continuou Morette.

Estavam no chão?

«Não, sobre a cama, onde ele os tirou!»

Tudo era tão estranho.

Juntamente com os chinelos, parte de um cobertor de algodão ainda repousa sobre as molas queimadas da cama.

Demasiado estranho!

Foi esta a cena ao lado da qual Kendall Mott esteve sem saber quando viu o televisor derretido para além da cama do pai.

Uma camada de fuligem escura cobre os quatro pés superiores de todas as paredes do quarto.

Concentrações de fuligem negra delineavam a localização das vigas e pregos ao longo das paredes do quarto inteiro.

Sombras — por assim dizer — das casas Reeser e Oczki, mais uma vez…

A cerca de um metro e meio acima da cama e diretamente sobre o ponto de combustão mais intensa, o papel de parede branco do teto não apresenta qualquer dano provocado pelo fogo.

Sem queimaduras, sem chamuscado, sem abrasamento; sem papel descolado.

Repitamos: o teto baixo diretamente acima da cama queimada está imaculado, sem qualquer dano além de uma película microscópica de fuligem!

Contrariamente a tudo o que o senso comum afirma acerca do ar sobreaquecido subir em coluna a partir de um incêndio, este fogo queimou como uma coluna unidirecional para baixo, atravessando a cama, o soalho e penetrando no espaço rasteiro sob a casa.

Como afirmou Morette:

— «Ardeu diretamente para baixo!»

Para baixo.

O tapete entrançado no chão do quarto confirma a afirmação de Morette.

A parte diretamente sob Mott desintegrou-se, mas para além do buraco oblongo definido pelo corpo queimado o tapete apresenta apenas

leves sinais superficiais de chamuscado durante alguns centímetros; o restante trançado e a cor ocre permanecem intactos.

Não admira que os responsáveis que responderam inicialmente a este incêndio continuassem a pedir mais assistência.

O BOMBEIRO RESIDENTE

Há ainda mais uma coisa a descrever no quarto: o próprio George Mott.

Não há muito a dizer, porque o fogo deixou tão pouco dele para descrever.

Morette resumiu-o eficientemente numa frase:

— «Restavam dele apenas três quilos e meio, e ele era um homem de oitenta quilos!»

Pedi-lhe que explicasse melhor.

Apenas dois elementos permaneceram reconhecíveis como humanos, explicou Morette.

Um deles era a perna direita.

«Abaixo do joelho, era tudo o que restava!», exclamou Morette.

A pele bronzeada contrastava dramaticamente com as molas enegrecidas que agora a sustentavam.

E a perna esquerda?

«Inexistente! Não existia nada, nem sequer por baixo! Rastejámos para debaixo da cama e tentámos encontrar ossos, e encontrámos apenas pequenos fragmentos. A maior parte era pó!… Até a caixa torácica — só restavam fragmentos minúsculos.»

O que acontecia quando esses pequenos fragmentos ósseos eram tocados?

«Cristalizavam-se na mão — exatamente como apanhar areia», respondeu Morette. «Estava pulverizado. Desfazia-se completamente. Nada!»

O chefe Cook concordou.

Disse que os ossos — nem ele nem Morette alguma vez se referiram a um esqueleto — estavam «numa forma pulverulenta. Não havia nada!»

Seja o que for que queimou Mott, fê-lo de forma mais completa do que um crematório.

«Foi simplesmente estranho!», exclamou Ann Cartwright, que auxiliou os investigadores naquela noite inesquecível. «Fiquei totalmente pasmada.»

O outro elemento recuperado foi a cabeça de George Mott.

Forneceu duas pistas inestimáveis.

Primeiro, garantiu a identificação da vítima.

Embora alguns investigadores tenham inicialmente duvidado de que alguém tivesse morrido naquele incêndio, uma observação cuidadosa revelou uma prótese dentária em forma de ferradura que permitiu uma identificação positiva.

«George Mott era a única pessoa cujo reflexo nauseoso era tão sensível que não conseguia usar uma dentadura superior completa», explicou o Dr. J. William Brennan, dentista de Mott, quando o entrevistei.

«Fiz-lhe uma prótese parcial superior.»

Foi essa prótese feita de plástico metacrilato — que permaneceu sem derreter — que permitiu a Morette e ao BCI afirmar que as cinzas pertenciam efetivamente a George Mott.

«Além disso», acrescentou Morette, «não havia mais ninguém desaparecido nesta comunidade.»

Não existiam outras características identificativas.

Em segundo lugar, a cabeça forneceu talvez o maior enigma deste caso intrincadamente enigmático.

A cabeça, revelou Morette, «era como uma bola de ténis; tinha encolhido completamente».

Era uma descrição impossível de ignorar.

Momentaneamente surpreendido, lembrei-me imediatamente do caso Reeser.

A cabeça do Sr. Mott tinha encolhido?

«Encolheu», repetiu Morette.

Do tamanho de uma bola de ténis?

«Bem, talvez um pouco maior — do tamanho de uma toranja, talvez. Não era um crânio normal!», insistiu. «Colocámos o que restava numa pequena caixa, porque tudo estava pulverizado.»

As suturas do crânio permaneciam intactas? E não havia tecido no interior?

«Nada. Devia ter explodido, sabe? Mas, de alguma forma, não aconteceu. Parecia simplesmente ter encolhido. Absolutamente bizarro!… Parecia uma cabeça encolhida.»

Uma morte normal provocada por incêndio?

De modo nenhum.

Esta revelação de Morette pode oferecer importante sustentação ao aspeto mais controverso do caso de CH de Reeser.

(Lembremo-nos de que a cabeça de Mary também fora descrita como do tamanho de uma toranja.)

Levanta questões fundamentais e profundas acerca do que ocorre em algumas mortes anómalas relacionadas com fogo humano.

Morette tinha a certeza dessa observação?

Sim, confirmou-o categoricamente.

Encolhida em quanto?

«Cerca de 15 por cento», respondeu.

Um ser humano reduzido em peso em mais de 98 por cento; por um incêndio que consumiu o corpo e os arredores imediatos, excluindo objetos adjacentes mais facilmente combustíveis; em circunstâncias que desafiam o modo como o fogo deveria comportar-se.

Seria George Mott mais um acréscimo à longa — e muito contestada — história da CH[1]?

Encontrei Joseph Regan na agência funerária Wilcox–Regan, responsável pelo funeral de Mott.

— «O que aconteceu a George Mott?», perguntei.

— «Levámo-lo para um crematório», respondeu Regan com naturalidade.

— «Ele já estava praticamente cremado, não estava?»

— «Sim, estava», concordou Regan.

— «Alguma vez viu um corpo queimado desta forma fora de um crematório?»

— «Não, que eu me lembre», respondeu Regan.

Que ironia incrível!

Os bombeiros sabem que se pode queimar num crematório o que resta de um corpo após um incêndio, mas não se pode voltar a queimar aquilo que já ardeu.

Com base nisso, o forno do crematório Adirondack-Burlington precisou de muito pouco tempo para concluir a tarefa que o próprio Mott tão eficazmente começara!

As cinzas de George Mott, cremadas duas vezes, foram espalhadas no mar de acordo com os desejos da família.

ANALISANDO O DESTINO DE GEORGE MOTT

A Polícia do Estado de Nova Iorque classificou a morte de Mott como acidental e encerrou o caso.

Isso não foi suficiente para Morette.

Sentia-se incomodado com a rapidez com que o caso estava a ser encerrado, precisamente quando a sua própria investigação pelo condado apenas começava.

«A forma como ele morreu era a questão que me perturbava», disse Morette quando o encontrei no quartel de bombeiros de Crown Point.

George Mott era um homem inteligente; metódico, ordeiro e «muito organizado», segundo Morette.

Tudo na casa de Mott confirmava isso.

Tinha sido bombeiro na Defiance Fire Department de Ticonderoga durante cerca de quinze anos, e Morette servira ao seu lado.

«Era um bombeiro extraordinário», testemunhou Morette, acrescentando que Mott era obsessivo na eliminação de qualquer potencial risco de incêndio.

«Mott preocupava-se com incêndios. Tinha um medo terrível deles. Conhecia o seu trabalho!»

Newton Brown, capitão da Defiance e amigo que também combaterá incêndios ao lado de Mott, concordou com a avaliação de Morette.

Recordava-se também de que Mott fumara e bebera bastante em tempos.

Mas na década de 1970 Mott mudara, disse Brown; começara a cuidar de si próprio, seguindo cuidadosamente tudo o que o médico lhe prescrevia e apreciando a companhia dos netos que adorava.

Estas características desenhavam o retrato da pessoa menos provável de morrer vítima de um incêndio iniciado por descuido.

«Portanto, quanto à hipótese de ele não ter conhecimentos de ciência do fogo ou ser descuidado, diria que não», afirmou Morette.

Infelizmente, acidentes podem acontecer até às pessoas mais conscienciosas.

Teria acontecido um acidente a George Mott?

Morette investiu trezentas horas tentando responder a essa pergunta.

Verificou as condutas de gás; verificou os aparelhos a gás; verificou a instalação elétrica dentro da casa e no poste exterior.

Procurou dispositivos incendiários e acelerantes que pudessem ter sido usados acidentalmente…

CAUSA IMEDIATA DA MORTE:

«Asfixia» em «minutos»

DEVIDO A:

«Inalação de fumo» em «minutos»

DEVIDO A:

«Incêndio com carbonização avançada» em «horas»

Certamente faz lembrar a certidão de óbito emitida para a notavelmente semelhante incineração do Dr. Bentley.

Ao contrário do que sucedeu com Bentley, contudo, George Mott não foi autopsiado.

Como comentou ironicamente a Dra. Varga quando falei com ela:

— «Não havia nada para autopsiar! Não se pode fazer uma autópsia a cinzas.»

Sugerir que este foi um incêndio normal com a correspondente "carbonização avançada" é minimizar descaradamente a situação — a menos que o resultado natural da "carbonização avançada" seja sempre a desintegração de um esqueleto humano.

Como já aprenderam, isso não acontece, exceto se…

Na verdade, a ideia de CH ocorreu à Dra. Varga quando ouviu falar desta morte provocada pelo fogo.

Mas, como demonstra a certidão de óbito, acabou por afastar-se dessa hipótese.

«É extremamente implausível», declarou posteriormente ao *Press Republican* de Ticonderoga (1 de Julho de 1986) acerca da CH.

— «Não parece racional.»

Nota

1. **CH** — abreviatura de *Spontaneous Human Combustion* ("Combustão Humana Espontânea").

Mas a própria morte de Mott era extremamente implausível; nada racional.

— «Não há nada ali!»

exclamou um assistente do médico-legista enquanto ajudava Morette a procurar os restos de Mott entre as cinzas.

O médico-legista Harland reflectiu longamente sobre quão pouco restava realmente de George Mott.

«Tudo cabia numa caixa de sapatos», disse-me Harland enquanto conversávamos na varanda da sua casa — tudo excepto a perna.

Confirmou também a afirmação de Morette de que o crânio estava oco, com todos os tecidos consumidos pelo fogo.

Harland confirmou ainda que a cabeça de Mott diminuíra de tamanho — porque uma cabeça adulta normal não caberia dentro de uma caixa de sapatos comum.

Revejamos os elementos que caracterizaram a cena do incêndio Mott, uma cena atípica de incêndio normal mas típica de CH[1]:

- **Aquecimento localizado.**
  A temperatura nas molas da cama teve de atingir 1500 °F — temperatura que normalmente ocorre quando casas inteiras ardem até ao chão. Contudo, a casa de madeira de Mott permaneceu obviamente de pé.

- **Seletividade do incêndio.**
  O senso comum preveria danos extensos em objetos de baixa temperatura de ignição, certamente no quarto, se não no resto da casa. Contudo, cabos elétricos, lenços de papel e até fósforos do tipo "incendiário" situados a poucos centímetros das molas danificadas a 1500 °F não chegaram a inflamar-se; tal como os seus chinelos e parte do cobertor de algodão sobre o colchão… todos escaparam ao calor aparentemente abrasador!

Plásticos moles e rígidos derreteram seletivamente e de forma absurda por toda a casa, não havendo exemplo mais incongruente do que o plástico de metacrilato[2] que escapou à fusão dentro da boca de Mott!

A combustão de dois conjuntos de cortinas de fibra de vidro, deixando intactas cortinas idênticas nas proximidades, também não fazia qualquer sentido.

Mas aconteceu.

- **Anomalias médicas.**
  O conhecimento médico convencional afirma que, a 1500 °F, o

esqueleto humano permanecerá em grande medida resistente à destruição; contudo, aqui foi completamente destruído.

Já para um crânio, 1500 °F constitui uma temperatura suficientemente elevada para o fragmentar; contudo, neste caso, o fogo esvaziou-o e contraiu-o uniformemente.

Como Morette repetiu várias vezes, a cabeça era menor do que poderia ser explicado pela simples contração da pele em torno do crânio.

- **O odor da combustão.**

Entrar naquela pequena casa deveria ter sido uma experiência olfativa insuportável.

Em vez disso, o chefe dos bombeiros Cook, o investigador Morette, o médico-legista Harland e o patologista Dr. Varga disseram-me todos que o cheiro nauseabundo de carne humana queimada estava ausente.

«Parecia estranho», comentou Morette. «Era um cheiro algo adocicado, basicamente. Atribuí-o à resina de pinho da cabeceira da cama.»

Parecia, de alguma forma, o odor típico de um corpo queimado?

— «Meu Deus, não!», respondeu imediatamente o investigador.

(Não fora também o cheiro na casa do Dr. Bentley descrito como «adocicado»… e comparado a «incenso de nogueira» na casa da Sra. Oczki?)

Três meses após o incêndio, apenas um leve cheiro húmido semelhante a madeira chamuscada era percetível na casa de Mott.

Ninguém imaginaria, pelo odor, que ali morrera alguém num incêndio.

- **Padrão térmico.**

Como se tudo isto não fosse suficientemente condenatório, todos aceitam o simples facto de que calor e chamas sobem durante um incêndio.

Aqui, o teto do quarto — apenas a metro e meio acima do corpo cremado de George Mott — não apresentava qualquer dano provocado pelo calor!

Este incêndio era tudo menos simples.

Se isto não era combustão humana espontânea, então o que era?

— «Pensei: isto é loucura!»

foi a primeira reação de Morette quando ouviu falar de CH num seminário sobre incêndios, anos antes.

Agora, confrontado com a natureza insana do incêndio que investigara minuciosamente, disse-me que teve de mudar de opinião.

«Depois de ler e falar consigo», declarou em 21 de Junho de 1986, «inclino-me bastante para a combustão humana espontânea.»

Quatro dias mais tarde, a ParaScience International divulgou o seu relatório preliminar sobre a causa da infeliz morte de George Irving Mott:

Morte acidental por combustão humana espontânea.

Nem todos os envolvidos no caso Mott estavam dispostos a aceitar esta conclusão.

Um funcionário do BCI[3], John Beck, disse-me que identificara a verdadeira causa do incêndio — uma causa convencional.

Segundo Beck, um arco elétrico teria saído da tomada no quarto de Mott e incendiado a roupa do homem.

Fim do mistério!

Francamente, não conseguia acreditar no que ouvia vindo de um criminologista profissional.

Sabia que Morette já investigara essa possibilidade e a considerara insustentável.

Eu próprio examinara cuidadosamente as três tomadas do quarto de Mott: nenhuma — repito, nenhuma — apresentava qualquer sinal de arco elétrico no recetáculo ou na placa de cobertura.[4]

O que o investigador do BCI estaria a observar, não sei — a menos que procurasse uma forma de evitar encarar a CH.

Harry Dish, membro do Media Resource Service, organismo que divulgava informação supostamente científica ao público, resolveu o enigma com displicência por telefone ao declarar ao *Press Republican* de Ticonderoga (1 de Julho de 1986) que «alguns casos aparentes de

combustão espontânea» — incluindo o de George Mott — «foram explicados como resultado de pequenas fugas de gás não detetadas».

Dish exemplifica a negligência frequentemente apresentada como ciência, porque, como já sabemos, nenhuma fuga foi encontrada na casa de Mott.

Indignado com o facto de alguém afirmar ter resolvido a morte de Mott por telefone sem sequer realizar uma investigação, Morette telefonou-me furioso:

— «Da minha parte, o caso está encerrado. Ele morreu de combustão espontânea.»

O diretor da Proteção Civil do condado de Essex, Robert Purdy, percebeu imediatamente que entrara numa situação muito especial quando entrou na casa de Mott naquela fatídica quarta-feira à noite.

Como aviador de primeira classe da Força Aérea dos Estados Unidos durante a Guerra da Coreia, vira muitas mortes horríveis causadas por explosões de combustível de aviões; e presenciara muitos outros incêndios fatais ao longo da sua carreira como responsável de operações de emergência.

Sobre o incêndio naquela casa de madeira na Bush Road, em Março de 1986, admitiu francamente:

— «Nunca vi nada assim!»

Purdy tinha absoluta confiança na capacidade de Morette para conduzir uma investigação adequada, mesmo numa morte tão invulgar como esta.

Apoiou totalmente o seu investigador e também a ParaScience International na conclusão conjunta de que George Mott morrera devido a CH.

«Faz-me sentir um pouco mais tranquilo saber que esta é uma possibilidade», disse ao *Press Republican* (1 de Julho de 1986). «Fico satisfeito por terem levado isto tão longe e chegado ao que consideram uma conclusão lógica.»

Em 1986, o agente Lavalley disse-me que também aceitava a CH como veredicto correto para a morte de Mott, acrescentando:

— «Dá-me uma sensação inquietante.»

Mais de um ano depois, o investigador de incêndios do condado de Essex continuava sem encontrar razões para alterar a sua convicção acerca da CH.

«Ninguém conseguiu encontrar falhas nessa explicação», afirmou Morette.

Depois acrescentou:

— «Mesmo assim, ainda me custa aceitar! Pensamos: Santo Deus, como é que isto pode acontecer?»

O tempo não diminuiu a impressão de Bob Purdy acerca da cena extraordinária que testemunhou em primeira mão e jamais esqueceria.

— «Havia dois pedaços de osso! O resto era pó!», disse-me enfaticamente no início de 1995.

«Eu vi! Vi com os meus próprios olhos!», continuou Purdy. «Ele queimou de dentro para fora, não de fora para dentro. Isso é combustão humana espontânea, na minha opinião. Ou então alguém tem de me dizer o que mais foi. Porque eu não sei o que mais poderia ter sido!»

TODOS OS SINTOMAS… TALVEZ UMA RESPOSTA… NOVOS ENIGMAS

Tony Morette conduzira uma das mais minuciosas e agressivas investigações de uma cena de incêndio que encontrei em doze anos de pesquisa sobre fenómenos anómalos relacionados com fogo.

Não fosse a sua determinação obstinada em compreender tudo aquilo, o significado da morte do Sr. Mott provavelmente teria sido perdido para sempre.

As trezentas horas de investigação de Morette eliminaram todas as causas suspeitas neste incêndio fatal, até restar apenas uma — precisamente a menos esperada.

E essa última hipótese oferecia a melhor explicação.

As características clássicas da CH estavam certamente presentes.

Como reconheceu Kendall Mott:

— «Fiquei completamente atónito. Ele morreu definitivamente de uma causa estranha! Não restou praticamente nada dele.»

Os factos conhecidos parecem não permitir outra explicação:

George Mott morreu devido a uma termogénese interna anormal.

Contudo, surgem novos enigmas.

Como explicar a fusão seletiva dos plásticos?

Como explicar três focos distintos de combustão: Mott e a sua cama, uma cortina do quarto e outro conjunto de cortinas na sala?

Como explicar a combustão absurdamente seletiva de dois conjuntos de cortinas, enquanto cortinas idênticas a poucos pés de distância permaneciam apenas cobertas de fuligem?

Ainda não tenho respostas satisfatórias.

E vocês?

Há também novas revelações.

Tenho a sensação de que Mott tomou banho na segunda-feira à noite, depois de o filho sair, e caminhou até à sala para tomar os medicamentos.

O que aconteceu depois disso só pode ser objeto de conjetura.

Posso, contudo, falar com segurança acerca da hora da morte do Sr. Mott, que a certidão de óbito situou pelo menos dois dias demasiado tarde.

E o tempo é sempre um factor importante na investigação de qualquer episódio de incêndio — especialmente no tipo de fenómeno abordado neste livro.

Sem dúvida, o incêndio que matou George Mott ocorreu num intervalo máximo de quarenta e seis horas — entre as oito da noite de segunda-feira, 24 de Março, e as seis da tarde de quarta-feira.

Alguns investigadores defenderam a hipótese de um incêndio lento e fumegante durante todo esse período, mas vários factores contradizem essa teoria.

Primeiro, um incêndio em combustão lenta é incapaz de sustentar os 1500 °F necessários para provocar a falha estrutural das molas do colchão.

Segundo, até onde sei, um colchão em combustão lenta não consegue transformar um esqueleto humano em pó.

Terceiro, um colchão a arder lentamente produz grande quantidade de humidade quente que solta e descola o papel de parede — sobretudo dos tetos; vi isso acontecer noutros incêndios, mas não aconteceu em parte alguma da casa de Mott.

Quarto, a casa não estava quente quando os investigadores chegaram, indicando que o fogo provavelmente já se extinguira há bastante tempo.

Um quinto factor também contraria a hipótese de um incêndio prolongado.

Todos os que conheciam Mott concordavam que ele vivia segundo rotinas previsíveis e uma atenção extrema ao detalhe; seria muito pouco característico dele não recolher diariamente o correio, por exemplo.

Notas

1. **CH** — abreviatura de *Spontaneous Human Combustion* ("Combustão Humana Espontânea").

2. **Metacrilato** — o texto original escreve "merthacolate", provavelmente referindo-se a um tipo de plástico acrílico/metacrilato usado em próteses dentárias.

3. **BCI** — *Bureau of Criminal Investigations* ("Departamento de Investigações Criminais").

4. O texto acrescenta que fios de cobre começam a fundir a 1981 °F, temperatura inferior à de um arco elétrico. A cablagem atrás das tomadas intactas do quarto de Mott não estava fundida, reforçando a exclusão de arco elétrico como fonte externa de ignição.

Mott não recolheu o correio de terça-feira, entregue por volta das 11h30, o que me indica que ele quase certamente já tinha falecido nessa altura. Portanto, a hora da morte não é posterior às 11h30 de terça-feira, 25 de março; a duração do incêndio terá sido, num máximo absoluto, de quinze horas e meia. Naturalmente, poderá ter ocorrido em muito menos tempo.

Outro ponto que posso afirmar com certeza: as semelhanças do caso Mott com os de Bradshaw, Thomas, Conway, Oczki, Reeser, Bentley —

especialmente os dois últimos — são demasiado marcantes para serem ignoradas. A repetição no norte do estado de Nova Iorque, em 1986, das mesmas características encontradas em dezenas de outras mortes por fogos anómalos em todo o mundo, reforça a conclusão de que George Irving Mott sucumbiu à morte acidental por combustão humana espontânea ou (se preferirem) carbonização super-hipertermica.

Na morte, George Irving Mott, de Crown Point, reescreveu a história... o seu legado duradouro será um testemunho da combustão humana verdadeiramente anómala.

26. Mais Pistas para os Enigmas da Combustão Humana

O progresso depende da formulação de perguntas. As respostas revelar-se-ão quase sempre inquietantes para a velha ordem da ciência, e totalmente destrutivas para os seus dogmas centrais.

— Trevor James Constable, *The Cosmic Pulse of Life* (1976)

Para muitas pessoas, as três palavras mais difíceis de proferir são *eu não sei*. Desde os dias de von Liebig, os cientistas têm achado mais fácil troçar da perspetiva de pessoas pirofóricas do que levar a sério o tema da CHE (Combustão Humana Espontânea). Remetendo-o instintivamente para a categoria do folclore, escusam-se de saber o que quer que seja sobre o assunto. Nem precisam de se apoiar nele.

Como a história tem demonstrado, os céticos afastam o mistério da CHE/CP (Combustão Humana Espontânea / Combustão Preternatural) de uma de duas formas. Ou negam as provas, por vezes recusando-se propositadamente sequer a olhar para elas — o que não é muito científico —, ou invocam a farsante teoria da "vela humana" e argumentam que, quanto mais combustível (gordura) estiver disponível para uma chama externa, mais fácil e completa será a combustão. Infelizmente para este raciocínio, os especialistas em cremação afirmam que o excesso de gordura torna o corpo humano mais difícil de queimar do que o normal.

Além disso, quando foi a última vez que esteve num restaurante ou num churrasco no quintal e um chefe de cozinha, apologético, teve de anunciar: "Desculpe! O seu bife bem passado acabou de se reduzir a cinzas na minha grelha"?

No *Journal of Criminal Law, Criminology and Police Science* (março–abril de 1952), o Dr. Lester Adelson, formado pela Harvard Medical School, repudiou a CP e a CHE como "monumentos a dias passados". Uma geração mais tarde, a 14 de janeiro de 1986, este patologista forense e examinador médico adjunto do condado de Cuyahoga, no Ohio, sentou-se no seu gabinete e olhou para fotografias de cenários de incêndio do Dr. Bentley e de Helen Conway que eu tinha emprestado a Hana Gartner, anfitriã do programa de grande audiência da CBC-TV *the fifth estate*, que estava a realizar um segmento intitulado *Great Balls of Fire*.

"Isto não são fenómenos naturais!", declarou ele. Insistiu que aquelas duas pessoas tinham sido assassinadas e que as fotografias eram "embustes". Com base em que provas? Porque, afirmou o especialista forense formado em Harvard, "não aceito por um único segundo o conceito sobreaquecido de combustão humana espontânea".

Não importava que estas imagens tivessem sido captadas por fotógrafos que eu conheci e com os quais não encontrei motivos para duvidar da sua autenticidade (do fotógrafo ou da imagem). Não importava que estas fotografias tivessem sido tiradas décadas antes de as imagens poderem ser facilmente sujeitas a todo o tipo de indignidades e manipulações por eletrões controlados por software no interior de um computador de secretária. Não importava que dezenas de seres humanos tivessem ardido de forma paranormal no intervalo entre as suas duas declarações. Não importava que ele não tivesse investigado nenhum desses casos na sua carreira de trinta e cinco anos (um facto que o Dr. Adelson reconheceu cordialmente quando falei com ele em dezembro de 1994).

Não, o bom doutor manteria a conclusão do seu "artigo velho e cansado", como ele próprio denominou o seu texto no *Journal*. A sua opinião continuava a ser a de que todos os corpos incinerados e desintegrados de forma semelhante, descritos ao longo dos séculos como CHE, deviam ser falsificações ou embustes!

Preferiria o Dr. Adelson acreditar numa cabala assassina? Cuja furtividade é tão perfeita que conseguem visar vítimas envolvidas aleatoriamente em quase todas as atividades humanas e cometer friamente crimes perfeitos sem deixar uma única pista da sua presença? Cujo legado tem desafiado consistentemente aquilo que a ciência médica diz ser

impossível? Certamente o próprio Occam escolheria a CHE em detrimento de um culto de incendiários clandestinos que, durante séculos, possuíram uma tecnologia de cremação portátil que supera as grandes retortas atuais projetadas pela ciência moderna.

Nem posso acreditar, ao contrário do Dr. Adelson, que estas mortes sejam embustes perpetuados por mentirosos. Recordando as palavras de Charles Fort em *Wild Talents*: "quando me deparo com o não convencional a repetir-se, em tempos e locais distantes, sinto — mesmo que não tenha padrões absolutos para julgar — que estou fora do campo dos mentirosos comuns".

A CHE é o antídoto para o manto mental tóxico que cega a perceção da realidade e da possibilidade. O facto de os académicos de medicina terem (embora raramente) reconhecido a ocorrência de tais casos atesta uma estranheza extrema, não um embuste. Estas mortes foram, e são, diferentes; especiais; marcantes; dignas de nota. E memoráveis. A menos que as dezenas de chefes de bombeiros entrevistados para este livro sejam simplesmente estúpidos, estas mortes são também inexplicáveis.

Nem uma centelha de prova fundamenta a calúnia do Dr. Adelson. Se ele, ou o leitor, conseguir demonstrar que cada caso deste livro é um embuste — ou que errei em todos os pontos ao interpretar o testemunho da história sobre a CHE —, então cederei e ficarei com a cara cheia de vergonha.

Estou bastante confiante de que a minha cara está, e continuará a estar, limpa.

A CHE tem sido um problema aparentemente há milhares de anos, mas ainda não se impôs na corrente científica principal. E continuará a ser um problema nos tempos vindouros.

Negá-la não livrará o mundo dela. Invocar psicopaticamente a insensatez da "vela humana", chegando ao ponto de ignorar as provas de corpos incinerados de forma inexplicável, nada fará para salvaguardar vidas no futuro. O que se necessita é de mais atitude como a que me foi prometida por Marshall Considine, diretor do Laboratório de Crimes da Polícia de Chicago: "Conte com a nossa cooperação caso recebamos um caso em que a morte seja atribuída à CHE".

Nem todos os casos alegados como CHE o são, obviamente. A morte da Condessa von Görlitz em 1847 foi inicialmente considerada CHE, como se recordarão, mas as provas vigorosamente perseguidas impeliram um criado chamado Stauff a confessar que a tinha assassinado e depois ateado fogo ao corpo. Uma investigação diligente explicou igualmente, por vias convencionais, outros casos inicialmente considerados CHE.

Contudo, restam casos que não se resolvem facilmente.*

Dado que os incêndios anómalos não podem ser repetidos sob condições controladas sempre que se deseja, não podem ser classificados verdadeiramente como científicos. Mas, reunidos como foram neste livro, podem ser estudados. Se apenas um dos casos acima for genuinamente paranormal, então o axioma de que a CHE não acontece é rejeitado de forma categórica para sempre e revela-se um novo mundo, tão fantástico quanto o nosso mundo atual pareceria àqueles observadores relutantes que espreitaram as maravilhas desveladas pelo telescópio de Galileu.

Um Manual para Definir o Cenário de CHE

Superar o fosso entre o conhecido e o desconhecido pode colocar dilemas muito reais. E os dilemas abundam com a CHE, como este estudo demonstrou.

O estudo sem reflexão é, no entanto, uma perda de tempo, e a reflexão sem estudo é perigosa. Combinar os dois é, por outro lado, proveitoso e acalenta a esperança de estreitar o fosso entre o que se conhece e o que falta conhecer sobre estes fogos misteriosos. Para citar John Barracato, antigo Chefe Adjunto dos Comissários de Incêndio da Cidade de Nova Iorque e autoridade internacionalmente respeitada na investigação de incêndios: "Poucas pessoas se apercebem, incluindo alguns bombeiros e investigadores, que o fogo não destrói as provas; cria-as".

Volúvel na sua eclosão e nas suas consequências, imprevisível mas inesquecível uma vez encontrado, a CHE deve ser imediatamente considerada por qualquer corpo de bombeiros e agente da autoridade sempre que o cenário de um incêndio apresente como prova as seguintes condições:

- **Um fogo intensamente localizado** que destrói significativamente um ser humano, chegando a desintegrar o esqueleto — especialmente quando estão ausentes produtos acelerantes. Esta localização pode incluir uma imunidade das roupas e dos tecidos do mobiliário (como os lençóis da cama) ao fogo que queima a pessoa que está em contacto com esses materiais inflamáveis.

- **Desidratação dos tecidos e vaporização do sangue.** "Em qualquer incêndio de tipo normal, haverá sempre sangue no corpo", instrui o Comissário de Incêndios Klages. Por esse critério, portanto, muitas das mortes listadas anteriormente são automaticamente anormais: por exemplo, o Dr. Bentley, a Sra. Kazmirczak, Beatrice Oczki, George Mott.

- **Incineração quase total do tronco** com as extremidades em grande parte (ou totalmente) intactas — especialmente se os membros parecerem ter sido cortados como que por um bisturi. Esta assinatura da CHE clássica é ocasionalmente invertida, pois o fogo deixa as extremidades queimadas internamente com exclusão do tronco.

- **Ausência do odor nocivo** habitualmente associado à carne queimada. Um aroma doce, rescendente, semelhante a perfume, que impregne o cenário do incêndio, eleva a probabilidade de CHE.

- **Uma película cozida de cor caramelo ou cinzenta** por todas as instalações, onde não exista outra indicação de aquecimento prolongado e intenso.

- **Danos seletivamente paradoxais** nos materiais combustíveis circundantes. O derretimento de plásticos macios e de aparelhos de televisão, com a notável exclusão de outros danos — em jornais, madeira, tecidos e pontas de borracha num andarilho, por exemplo — definiria o cenário padrão de CHE.

Quando uma queimadura surge subitamente na epiderme na ausência de calor ou fogo externo, a consideração de CHE é obrigatória.

Para parafrasear Forrest Gump: "A CHE é o que a CHE faz". Caso estes critérios sejam descobertos no cenário de um incêndio, torna-se necessário implementar procedimentos especiais.

Primeiro, recomendo que se traga um cintilador o mais rapidamente possível para medir a radiação de baixo nível. Se estas Hiroshimas humanas forem causadas por um pirotrão (ou outros fatores que desencadeiem disrupções subatómicas e libertações de radiação), um contador de radiação alertaria o pessoal de emergência para a necessidade imediata de se proteger contra lesões radioativas e, ao mesmo tempo, forneceria provas importantes para a compreensão da física do fenómeno.

Segundo, apelo a que o pessoal de emergência vá além das exigências dos seus deveres básicos (e imediatos) num incêndio e documente agressivamente o cenário, recolhendo provas para análise posterior. Há muito que venho ponderando por que razão tantos cenários de incêndio ao estilo da CHE, claramente intrigantes, parecem ser encerrados de forma tão casual. E rápida. Harry Lott sugeriu a razão pela qual isto acontece frequentemente:

"As pessoas que fazem a investigação adorariam saber as razões e as causas e todas as coisas por trás de uma morte por incêndio, mas a primeira coisa em que estão interessadas é em saber se foi ou não cometido um crime. E se não houve crime, o interesse do funcionário público costuma diminuir a partir desse momento. Portanto, isso pode explicar, até certo ponto, por que razão não há mais notificações deste tipo de coisas. Pode ser muito mais prevalecente..."

Acredito que Lott tem razão em ambos os pontos. Até que mais dados possam ser adquiridos por, e através de, funcionários no cenário do incêndio, as razões e causas procuradas permanecerão esquivas. A amostragem de ar é um procedimento simples que preservaria as partículas transportadas pelo ar após a combustão, como prova para análise, o que poderia lançar luz sobre a química da combustão destes fogos invulgares.

A identificação dessas causas continuará a ser frustrada até que as autoridades se permitam ser menos intimidadas pelo inesperado do que aquilo que verifiquei em muitas delas. Posso compreender a ansiedade que pode resultar de uma profunda afronta a anos de treino e especialização.

Mas sair para se embebedar nada resolverá, cientificamente; nem a recusa em confrontar o problemático protegerá uma potencial vítima no futuro.

No caso da Sra. Conway, por exemplo, o comissário de incêndio adjunto Lott encontrava-se atrás do seu chefe de bombeiros enquanto as perturbadoras fotografias do destino dela passavam de mão em mão entre os bombeiros reunidos no gabinete do chefe. Maravilhado com o grau de destruição, o chefe de bombeiros Haggarty disse: "Ela era fumadora. Portanto, isso é tudo o que vamos registar como causa da morte. Acidental, cigarro caído".

Lott objetou. "Paul, eu concordaria com isso", interveio Lott, "exceto por uma coisa. O fator tempo! O fator tempo não permite que isso tenha acontecido".

O chefe voltou-se para ele e admitiu: "Sim, mas se não dissermos cigarro caído, vamos parecer estranhos".

Ninguém saberá jamais quantas mortes por incêndio já foram deturpadas, registadas como uso acidental de materiais de fumar, cigarro caído, caso encerrado. Espero que haja menos caracterizações erradas após *ABLAZE!*

Finalmente, é necessário estabelecer uma nova categoria para definir estas situações. À Associação Internacional de Médico-legistas e Examinadores Médicos, e à Associação Nacional de Proteção contra Incêndios, proponho que as lesões por carbonização super-hipertermica — exemplificadas pelo Dr. Bentley, Henry Thomas, George Mott et al. — sejam classificadas como lesões por queimadura de 5.º grau. Isto porque estes casos vão muito além dos critérios para as atuais quatro categorias de descrição de queimaduras.

Atualizando as Características da CHE

Os critérios que Lair estabeleceu no início do século dezanove para a CHE, critérios que permaneceram praticamente inalterados desde então, estão, na melhor das hipóteses, apenas parcialmente corretos. Parece que vários estão decididamente errados. Com base nos muitos casos que ocorreram desde o seu tempo, além daqueles que descobri e que escaparam a Lair, construo este novo conjunto de critérios:

- A CHE parece, na maioria das vezes, ser muito provavelmente um fogo de tipo elétrico; não a combustão por oxidação que acende a cabeça de um fósforo.

- A CHE tem um coeficiente térmico baixo; ou, se a temperatura atingir a faixa de 3000°F de pulverização óssea de um crematório, trata-se de uma combustão por calor radiante que não dá oportunidade de autoignição a objetos próximos com baixas temperaturas de ignição.

- A CHE parece ser indolor no momento em que está a acontecer.

- A CHE já foi testemunhada. A cor da combustão varia do vermelho-alaranjado ao verde-azulado, passando pela prata e pelo branco, embora o azul-elétrico seja, sem dúvida, a tonalidade bioluminescente mais frequentemente vista. Isto depõe contra a combustão por oxidação popularmente implicada até agora, sugerindo, em vez disso, uma quimioluminescência fria de moléculas excitadas ou uma energia elétrica ou de plasma. Se estiver envolvida uma combustão do tipo oxidação, o azul indicaria um fogo extremamente quente (2550°F).

- Observou-se que a CHE consome um corpo lentamente ao longo de várias horas (como o próximo capítulo confirmará) ou transpira num instante.

- A CHE não é uma maleita de uma nacionalidade, nem está limitada à França (como outrora os alemães tinham declarado) e à Alemanha (como os franceses tinham afirmado). Pelo contrário, a CHE ocorreu em todos os continentes, exceto na Antártida. A CHE é um potencial universal.

- A CHE ocorre tanto ao ar livre como em espaços fechados, apesar de o Dr. Thurston, em 1961, ter relegado o seu palco para estes últimos.

- A CHE não se restringe aos meses de inverno. Pode ocorrer em qualquer estação. Como o Rev. Ferguson observou a propósito da morte da Sra. A.B. em 1808, na Irlanda, este é um fenómeno que

todos devem estar preparados para enfrentar... e enfrentar a qualquer momento.

- A CHE pode aparentemente acontecer a pessoas envolvidas em quase todas as atividades humanas comuns, exceto uma. Também reparou nisso? Dormir, estar sentado (especialmente perto de uma televisão?), caminhar, jantar, conduzir, até andar de barco constituem situações que se revelaram fatalmente ardentes. O único tipo de atividade humana visivelmente ausente nos anais da CHE é, direi delicadamente, a amorosa. Caso deseje incendiar a sua vida amorosa, a CHE parece não ser um problema. Pelo menos há algo a agradecer relativamente a esta estranha doença.

- A CHE não tem de ser fatal. (Mais outra coisa a agradecer.) O Comandante Edward Sullivan é — tal como cada sobrevivente de CHE que entrevistei — um testemunho vivo do espírito humano para triunfar sobre uma desgraça escandalosamente estranha; para escapar a uma energia que pode inflamar a partir de dentro, permitindo assim (por vezes) que a vida continue, apesar de tudo.

- Finalmente, a CHE é um fenómeno extraordinariamente raro. (Algo a agradecer profundamente.) Se fosse de outra forma, os investigadores há muito que estariam a implorar por subsídios federais para a estudar, em vez de a rejeitarem livremente. Ao contrário das doenças cardíacas, que afetam um em cada quatro americanos e ceifaram quase um milhão de vidas em 1990 (mais do que todas as outras causas de morte combinadas), a CHE é um assassino fácil de ignorar porque é extremamente raro. Cerca de trezentos casos recolhidos nos últimos quatro séculos significam que as probabilidades se aproximam de centenas de milhões para uma contra qualquer pessoa morrer de CHE.

Como a probabilidade de experienciar a CHE é infinitesimal, com igual certeza as probabilidades são inversamente grandiosas de que tenham ocorrido mais casos de CHE do que qualquer pessoa saiba atualmente. Acredito que centenas, se não milhares, de casos se perderam (alguns permanentemente) para a história porque a sua verdadeira natureza não foi percebida... ou o seu mistério foi reconhecido mas, por medo do ridículo, os factos foram deturpados ou silenciosamente enterrados juntamente com as cinzas das vítimas.

Traçando o Perfil das Vítimas de Combustão Espontânea

Será que as probabilidades de CHE o favorecem? A resposta depende da causa subjacente a qualquer episódio particular de CHE. Sabendo que a autora inglesa Lady Mary Montagu disse que "as noções gerais estão geralmente erradas", podem, pelo menos, aventar-se algumas observações gerais.

- Primeiro e menos reconfortante, parece que todos são suscetíveis. Dito isto, o que revela a nossa investigação sobre o perfil de uma pessoa predisposta ao que geralmente é uma queima rápida e indolor?

- Lair afirmou que a CHE "ocorria apenas em mulheres". Em 1967, Gaddis escreveu: "Estimaria rudimentarmente que deve haver quarenta ou cinquenta vítimas femininas para cada homem". Com base em muito mais casos do que aqueles a que estes senhores tiveram acesso, nenhuma das afirmações é sustentada. Nem a conclusão de Randles e Hough, que deduziram a partir dos seus cem casos que "as taxas de mortalidade para os homens eram ligeiramente superiores às das mulheres". A base de dados da PARASCIENCE INTERNATIONAL indica que o género é irrelevante para a CHE clássica, com as mulheres estatisticamente apenas um pouco mais predispostas à CHE.

- A idade não confere qualquer imunidade particular, quando o intervalo abrange aparentemente desde as seis semanas até aos cento e catorze anos de idade. No entanto, os idosos, como não seria de estranhar, representam a maioria das vítimas mortais.

- As viúvas e os viúvos aparecem regularmente ao longo da história da CHE. Talvez a solidão ou o anseio preparem o caminho para um destino por vezes dramático.

- O álcool não pode ser descurado. Embora jovens e abstémios tenham experienciado queimaduras paranormais, o número esmagador de vítimas que eram consumidoras regulares (bebessem ou não imoderadamente) avisa — tal como o Movimento de

Temperança — que o álcool e a CHE estão associados. Pelo menos estatisticamente.

Perfil de Género na Base de Dados	Percentagem
Feminino	Desconhecido (14, 3%)
Masculino	Masculino (196, 47%)

- O perfil psicológico de uma pessoa predisposta à CHE tem sido procurado diligentemente, com dificuldade. Os dados sugerem que as pessoas que explodem com temperamentos de fúria rápida ou que são cronicamente deprimidas, morosas, e que até contemplam o suicídio, correm um maior risco de autoimolação autonómica súbita. Estar física e psicologicamente moribundo é um sinal de alerta para o fogo interno.

- Os inválidos e as pessoas com problemas ambulatórios parecem, de facto, propensos à CHE. Talvez albergar uma raiva interior por ser deficiente se transforme numa combustão violenta; talvez o facto de se sentirem indefesos os enfureça até à chama; talvez os membros debilitados restrinjam o fluxo de bioeletricidade até que esta irrompa, como um condensador, numa descarga ígnea.

- As vítimas são sedentárias, diziam os primeiros defensores da CHE. Muitas arderam na cama. Embora existam exceções, um estado de relaxamento físico e mental parece ser importante, assim como uma atitude indolente e desalentada. Por conseguinte, o langor e o relaxamento são características encontradas nas vítimas com demasiada frequência para serem ignoradas.

- Os primeiros investigadores atribuíam a pertença à classe baixa da sociedade como uma qualificação obrigatória para a CHE. Eu revogo este critério. Tanto profissionais como indigentes podem tornar-se vítimas do fogo interior, bem como testemunhas do mesmo. Médicos e homens de negócios que sobreviveram à CHE ficaram tão perplexos com o comportamento dos seus corpos como os menos instruídos que, da mesma forma, não tinham explicação para o seu destino inflamado.

- Se a nutrição é um fator importante, não posso afirmar. À exceção do regime de café e trigo triturado do Dr. Bentley e da menina que comeu demasiadas castanhas, pouco se sabe sobre a dieta das vítimas e que papel, a existir, esta poderá desempenhar na CHE. Duas propostas associaram a dieta e a digestão à CHE. "As erupções bizarras conhecidas como combustão humana espontânea podem ser causadas pela ingestão de ovos, seguida de medicamentos à base de álcool, como um laxante, diz a investigadora britânica Jenny Randles" — assim diz o tabloide *Star* (15 de setembro de 1992). A segunda proposta é, bem, mais estranha. Provém de um certo Sidney Alford, identificado como "consultor de engenharia de explosivos" de Wiltshire, na sua contestação ao artigo pró-CHE de Heymer sobre Henry Thomas na *New Scientist*. Alford ofereceu-se para explicar por que razão os idosos são tão frequentemente vítimas da alegada CHE. É porque, diz ele, consomem "parafina líquida" como laxante, e este produto químico inflamável reage com os gases digestivos, como o metano, no seu trato digestivo para criar — o termo é dele — o "temido peido fosfínico". Oh, horror! Que a solução para a CHE seja tudo menos isto.

Os Papéis da Ciência na Resolução da Autocremação Humana

Einstein observou que "a coisa mais bela que podemos experimentar é o misterioso. É a fonte de toda a verdadeira arte e ciência". Quer a CHE seja bela ou não, é certamente misteriosa. Como fonte para descobertas científicas, o que se pode aprender ao estudá-la mais a fundo?

A questão premente, o cerne do enigma destas conflagrações tão pessoais, é: Como?

Se existe um local na América onde se poderia esperar encontrar resposta a esta pergunta, seria a Academia de Incêndios dos Estados Unidos (*United States Fire Academy* - USFA) em Emmitsburg, Maryland. A USFA, parte da Agência Federal de Gestão de Emergências (*Federal Emergency Management Agency*), é a principal escola de formação de bombeiros do país. Aqui, os melhores bombeiros do país recebem instrução de vanguarda em ciência avançada de incêndios. Um bom local para indagar sobre como a CHE poderá acontecer.

Descobri que as impressionantes coleções da biblioteca da USFA continham — até 27 de maio de 1994 — apenas nove citações que faziam referência à CHE. Dessas nove, uma estava em falta no dia da minha visita; uma era pró-CHE; as restantes sete descartavam o fenómeno como impossível. (A coleção não continha nenhum dos muitos artigos sobre CHE publicados sob o meu nome. Interessante.)

Em seguida, mostrei, ou tentei mostrar, fotografias de dois casos clássicos de combustibilidade humana espontânea/preternatural a membros do pessoal curricular da USFA. Um instrutor de bombeiros sénior disse que nunca tinha visto, nem ouvido falar de outros que tivessem visto, cenários de incêndio como aqueles. Manifestou um desinteresse de encolher de ombros e afastou-se. Outro instrutor recusou liminarmente sequer olhar, recuando como se lhe estivessem a entregar a Peste Bubónica em vez de um par de fotografias inocentes.

Depois: Ken Kuntz, especialista em estudos de incêndio da USFA, que por acaso olhou de relance para as fotografias enquanto passava, estacou de imediato. Expressando um desejo entusiástico de saber mais, convidou-me a entrar no seu gabinete e formulou perguntas com avidez. Examinou detalhadamente a fotografia dos restos cinzentos do Dr. Bentley, acabando por dizer: "Isto certamente se enquadra na definição de combustão humana espontânea. Este é o tipo de coisas que nos deixa a coçar a cabeça. Nem uma pista...".

O que era precisamente o que eu ali ia buscar. Pistas. Pistas para explicar (e não para descartar) a CHE.

A busca de pistas para qualquer fenómeno exige, como os cientistas devem admitir, não ambivalência, mas um certo desrespeito pelas explicações aceites e convencionais. A menos que a descoberta ocorra unicamente por acaso, uma consciência mais ampla é um pré-requisito para compreender um universo não convencional e mais complexo. Cada avanço científico significa, inevitavelmente, avançar em território desconhecido, onde os hábitos de pensamento devem ser substituídos por uma iniciativa audaz e pela imaginação. Já não se sabe o que se irá encontrar. Nem onde. Nem precisamente de que forma.

* Fontes confidenciais falam-me de ainda mais casos: (1) um repórter de jornal diz que as testemunhas "não falam" sobre uma mulher que

caminhava junto a uma roulote de refeições na década de 1970 e que "de repente se incendiou" ao longo da U.S. Route 30, entre Chambersburg e Gettysburg, na Pensilvânia; (2) um engenheiro forense pede-me, em 1991, para testemunhar sobre a CHE como defesa num julgamento de homicídio por fogo posto no Minnesota, mas não volto a receber notícias da sua empresa; (3) um recluso amarrado à cadeira elétrica na América antecipa-se ao carrasco através da incineração espontânea. Cada um é intrigante; cada um permanece por verificar até ao momento.

Atualmente, conheço apenas duas formas de replicar a CHE artificialmente fora de um laboratório, excluindo um teste de bomba atómica. Um dos métodos é através de incêndios por Aceleradores de Alta Temperatura (AAT). Quando foram identificados pela primeira vez em 1984, após uma armação de telhado de aço se ter vaporizado e o betão ter virado vidro num extraordinário incêndio num armazém em Seattle, os bombeiros souberam que tinham um problema. E um mistério. “Era como ficção científica”, disse o investigador do Corpo de Bombeiros de Seattle, Richard Gehlhausen, ao *The Wall Street Journal* (7 de outubro de 1993).

Os fogos postos por AAT têm uma assinatura única. Geram temperaturas superiores a 5000°F; podem transformar um edifício numa “perda total” em 2,25 minutos; e podem tornar-se ainda piores se se aplicar água (o calor extremo decompõe-na em hidrogénio explosivo e oxigénio que alimenta as chamas). Pensa-se que o acelerador seja uma variante de combustível de foguetão. A sua composição exata, bem como a identidade do(s) incendiário(s), permanecem desconhecidas.

O segundo método foi demonstrado em 1995 por George Goble, um participante na competição anual de culinária rápida de hambúrgueres do departamento de engenharia da Universidade de Purdue. Goble deparou-se com o que será talvez o processo definitivo para o fã de churrasco tecnófobo: utilizar o que chamarei de um Acelerador de Baixa Temperatura (ABT) — oxigénio líquido superfrio. Sintonize o endereço da World Wide Web de Goble para ver como três galões de oxigénio líquido vertidos sobre sessenta libras de carvão, acesos com um fósforo, produziram uma bola de fogo de 10 000°F e carvão pronto a cozinhar num recorde mundial de três segundos! “Basicamente, a grelha vaporizou-se”, disse Goble. Presumivelmente, o mesmo se pode dizer dos seus hambúrgueres excessivamente bem passados.

Será o AAT o culpado pela CHE? Apenas pelo mais remoto e ultrajante esforço de imaginação, e apenas para uns escassos casos recentes. A CHE que ocorreu há décadas exige, decididamente, outras hipóteses. E o ABT? Nem pelo mais remoto esforço de imaginação —

Centenas de pessoas que exibiram fenómenos térmicos paranormais demonstraram que existem forças titânicas na natureza — dentro dos seres humanos — que não são compreendidas. Estas forças ocultas, raramente reconhecidas e infrequentemente experienciadas, espreitam discretamente até ao momento em que a potencialidade deflagra numa tempestade de fogo de realidade ardente. Como? O educador de sapadores bombeiros, Fred Klages, instrui os bombeiros de que "Se não encontrarem a origem, nunca encontrarão a causa". Em muitos, se não em todos os incêndios humanos que croniquei, a origem da combustão foi encontrada: é no interior do corpo.

Quando temos uma situação em que o facto entra em conflito com a teoria, a única resolução honesta é mudar a teoria; redesenhar o modelo. Por isso, se eu ouvir mais um, perdoem-me a gíria, idiota inflamado (sabem bem o que eu gostaria de dizer) disparar rudemente esta maldita justificação branqueadora da "vela humana" para explicar o que momentos antes era um ser humano vivo e agora tem plumas de fumo a emanar da carne a caminho de se tornar um monte de pó desidratado, vou riscar um fósforo, acender um charuto e enfiar ambos pela camisa dele abaixo! Depois, darei um passo atrás e esperarei. Provavelmente serei processado por agressão física, mas terei a satisfação de ter provado — pela própria capacidade do protagonista de se afastar e de se ofender — que a sua desculpa explicativa é tão desprovida de valor como um eunuco num lupanar.

Muito bem. Agora, procuremos uma causa realista para a CHE. Ou causas.

Na verdade, não tenho uma teoria única a oferecer para a CHE. Não acredito que exista apenas uma explicação para o fenómeno. As condições e as circunstâncias parecem ser demasiado variadas; demasiado caprichosas; demasiado individualizadas entre as centenas destas vítimas mortais de incêndio para sequer se esperar uma solução singular do género "nunca-poderá-ser-outra-coisa-senão-isto". É por isso que já propus várias teorias diversas; caminhos que aguardam exploração adicional. Se um

único fator consegue explicar o destino de todas as vítimas de CHE, confesso a incapacidade de ver a sua omnipresença. (Nem, se pensasse que a via, conseguiria provar a sua presença singular na CHE). Talvez seja algo tão óbvio que estou cego para isso. E, uma vez revelado, em retrospetiva parecerá surpreendente que nem eu nem mais ninguém tivéssemos reparado nisso mais cedo. Talvez o leitor consiga ver o que eu não vejo.

Ao mesmo tempo, não se deve errar ao pensar — como pensou von Liebig — que uma causa única deve estar no cerne de resultados singularmente idênticos. O "Porquê?" é habitualmente questionado de forma linear; no entanto, por vezes é necessário ir além do linear, para uma multiplicidade de considerações, de porquês. Pode haver muitos caminhos para o mesmo destino. Por exemplo, a 13 de novembro de 1987, Joe Nickell e eu sentámo-nos juntos nos estúdios de Toronto do programa *Lifetime* da CFTO-TV para debater a CHE; um espetador veria dois homens juntos, mas não a diversidade de bastidores de diferentes filosofias, diferentes saberes e diferentes rotas de viagem que convergiram naquele momento num único palco de gravação. O mesmo parece acontecer com a CHE.

Na verdade, as variedades do fenómeno apontam para uma multidão de fatores subjacentes, nenhum comum a todos os casos, exceto o facto de estar envolvido um ser humano. Por trás das variadas condições relatadas para a CHE e CP estão fatores que, agora como no século dezanove, clamam por uma ampla consideração interdisciplinar. A investigação do paranormal não é ainda uma ciência madura; seria imprudente restringir as considerações de alguém onde os limites são desconhecidos. Após duas décadas de investigação, estou menos seguro do que nunca quanto a uma teoria "definitiva" para a CHE. Apresentarei, portanto, uma série de ideias. O leitor poderá decidir quais (se é que alguma) fazem sentido para si.

À medida que nos aprofundamos nalguns cubículos da ciência em busca da(s) causa(s) possível(is) da CHE, peço duas coisas: (1) que se recorde das centenas de casos sobre os quais acabou de ler, e (2) que se lembre destas palavras sobre a medicina moderna escritas pelo Dr. Albert Paul Krueger em *Immunology and Allergy Practice* (julho-agosto de 1982): é "a tendência moderna que reconhece que as formas vivas reagem a estímulos ambientais aparentemente menores, químicos e físicos...".

Medicina

Nenhum campo de especialização é mais impactado pela CHE do que as ciências médicas. E nenhum outro oferece uma maior diversidade de respostas possíveis. Na busca por essas respostas, irei categorizar esta disciplina complexa, embora na medicina nada possa ser verdadeiramente separado do todo.

Bioquímica e Neurociência

Os investigadores médicos e os farmacologistas deverão considerar a especulação sobre a CHE mais do que um passatempo divertido, porque as possibilidades são muitas.

Anatomicamente, o hipotálamo é um forte candidato na caça para explicar a CHE. O hipotálamo é o termóstato do corpo. O hipotálamo é a sede das emoções, tais como a raiva e o medo. Atua em conjunto com o sistema reticular no bolbo raquidiano para manter o cérebro acordado e alerta. Também regula a sede. Recorde-se que Jack Angel e o Dr. Sullivan disseram que sentiram uma sede extrema após a CHE; que muitas vítimas ficam relaxadas ou a dormir por períodos prolongados (até quatro dias no caso de Angel!); que se sabe que algumas vítimas eram hiperemocionais e de temperamento explosivo. O hipotálamo, e os fatores que causam disfunção no mesmo, justificam uma consideração séria.

De acordo com uma contagem recente, cerca de trinta substâncias bioquímicas controlam a transmissão de sinais de neurónios através das cem biliões de sinapses entre as células no corpo humano. Os neurotransmissores cerebrais flutuam à medida que os seus nutrientes variam devido à alimentação, ao pensamento e às emoções. Há ainda as variáveis das características humanas, determinadas por cem mil genes que contêm três biliões de pares de bases na estrutura dos cromossomas. Obviamente, o corpo humano não é um sistema simples de quantificar. Portanto, qualquer hormona ou fármaco farmacológico que atue como um agente termogénico ou catalisador ao nível molecular para aumentar dramaticamente o consumo de oxigénio durante o metabolismo pode ser suspeito. Como o cirurgião cardíaco Dr. Lawrence Shaffer me instruiu: “Há tantos processos metabólicos no corpo que algo poderia descontrolar-se e, de repente — puf!”.

Eis algumas possibilidades para aberrações térmicas descontroladas e ligações às características da CHE:

- **O inositol (vitamina B)** é um fosfagénio essencial para manter o metabolismo normal, substituindo-se à deficiência temporária de glucose devido à oxigenação. A publicação *Applied Trophology* (dezembro de 1957) referia o seguinte sobre o inositol: "um composto como a nitroglicerina, de formação endotérmica. Está, sem dúvida, tão altamente desenvolvido em certas pessoas sedentárias que torna o seu corpo realmente combustível, sujeito a ignição, ardendo como pólvora molhada nalgumas circunstâncias". Como sabe, dizia-se que muitas vítimas de CHE eram sedentárias.

- **A pirogena endógena (PE)** é uma hormona particularmente suspeita porque, uma vez libertada pelo sistema imunitário, atua em conjunto com o hipotálamo para elevar o termóstato do corpo e travar uma guerra térmica contra vírus ou outras doenças. A ação benéfica da PE pode, contudo, falhar tragicamente naquilo a que o Dr. Donohue chamou de "a conflagração corporal". Em 1991, o Dr. Redford Williams, um investigador em medicina comportamental no Duke University Medical Center de Durham, demonstrou uma ligação entre explosões de hostilidade e a subida do nível de colesterol. A histeria — como numa fúria ao rubro? — também dá origem a uma sobreprodução de pirogena endógena. A PE excessiva estimula então o hipotálamo em demasia, provocando febres muito altas, delírio, convulsões, desgaste de tecidos. E a morte. Quando a interação PE-hipotálamo se torna hiperativa, quem poderá dizer até que ponto a temperatura de alguém poderá subir num esforço fatal do corpo para se curar a si próprio? O temperamento de um cabeça-quente inunda o hipotálamo com demasiada PE... o termóstato do corpo dispara ordens frenéticas para aumentar a temperatura... o calor acumula-se nos tecidos gordos saturados de colesterol... a pessoa sente-se a arder por dentro, e depois... puf?

- **A paratiroide** oferece outra via hormonal para a super-hipertermia. Esta glândula endócrina regula o magnésio no corpo e afeta o trifosfato de adenosina (ATP), um éster isomérico que é um intermediário na libertação de energia para o trabalho muscular (e talvez para todos os tipos de trabalho celular). Pensa-se que uma hormona da paratiroide afetada pelo álcool possa interromper rapidamente a conversão de células T4 em T3, enfraquecendo assim o sistema imunitário do corpo e perturbando o metabolismo normal.

O hipertiroidismo incorpora uma constelação de sintomas denominada tirotoxicose, cujos doentes dizem que estão "a arder por dentro". Curiosamente, uma paratiroide hiperativa pode dissolver ossos. E uma grande parte do sistema endócrino do corpo é governada, pois claro, pelo hipotálamo. Poderá, por exemplo, um sistema imunitário enfraquecido e uma metástase acelerada levar a um desequilíbrio de magnésio, o qual desencadeia uma reação exotérmica destrutiva auxiliada por uma hormona da paratiroide agitada pelo álcool, que depois desintegra o esqueleto à medida que o ATP se inflama numa radiância azul-elétrica?

- **Uma estranha maleita tóxica chamada fascite necrotizante por Strep-A** pode ter efeitos secundários inesperados para além dos seus sintomas semelhantes aos da gripe e febres de 102°F. O seu sintoma característico e sinistro é fazer com que a carne se assemelhe a "carne de vaca assada queimada", diz um especialista, que acrescenta que a fascite por Strep-A parece correr em ciclos "de cerca de trinta e cinco em trinta e cinco anos". Isso é bastante próximo do aparente ciclo de trinta e três anos da CHE. É algo em que vale a pena pensar.

- **A CHE poderá ser uma nova forma de febre etioquolanona** — uma febre recorrente associada à degeneração química do plasma que contorna as salvaguardas habituais contra a termogénese descontrolada. A toma do fármaco sulfazina aumentará a temperatura corporal. A produção pelo organismo de níveis elevados de fósforo e enxofre, combinando-se para tornar o pH do sangue alcalino e unindo-se depois ao potássio para quebrar o sistema imunitário, poderá oferecer outra via termocinética para a CHE.

- **O funcionamento anormal dos gânglios linfáticos** pode ser um fator. Estas glândulas ajudam a limpar os resíduos das células do corpo; além disso, a educadora metafísica Connie Newton diz-me que o sistema linfático "lida com a energia do fogo no corpo". Talvez este complexo sistema de reciclagem entre ocasionalmente em sobrecarga e queime mais do que as toxinas acumuladas no corpo. O facto de os idosos parecerem mais propensos à incineração anómala pode dever-se ao facto de terem tido mais anos para armazenar substâncias venenosas; a um mecanismo de

envelhecimento menos eficaz na eliminação de toxinas; a uma dieta pobre que prejudica ainda mais o sistema linfático... até que a sua energia de fogo sobrecompense e queime todo o corpo a partir de dentro. O facto de os gânglios linfáticos, que são mais abundantes no pescoço, nas axilas, na virilha, nas raízes dos pulmões e ao longo das grandes veias do tórax e do abdómen, coincidirem com a área do corpo onde a maioria das CHE tem origem — o tronco e o abdómen — poderá ser apenas uma coincidência. Depois, há também aquele incidente em Nova Jérsia envolvendo Mary, cujo pescoço ardeu de forma explosiva —

- **Os neuropeptídeos** são mensageiros químicos que ligam dois centros que considero significativos para a CHE: o cérebro e o plexo solar. Como os neuropeptídeos estão também envolvidos na regulação dos estados de espírito e das emoções, estes aminoácidos complexos podem ser o catalisador para uma rutura neurobioquímica aberrante que termina em CHE.

- **Qualquer substância química que estimule o relaxamento, o sono ou a depressão** é um potencial culpado. A serotonina torna o corpo sonolento; afeta também a forma como as células nervosas comunicam eletricamente, transportando mensagens químicas que excitam ou inibem as células vizinhas. A falta de B3 (niacina) e B6 leva à depressão e à instabilidade emocional. Os neurotransmissores dopamina e norepinefrina produzem letargia e apatia. Em 1989, Anna Inez Matus desenvolveu um calor interno tremendo coincidente com a toma de 250 mg de Niacina. “Nunca experimentei nada assim antes”, disse-me a profissional de saúde. “A intensidade era da cintura para cima. Parecia que estas faíscas queriam sair. Senti pânico. Tive mesmo de me manter calma. Acho que fiquei tão perto da combustão espontânea quanto alguma vez desejaria ficar —”. Em 1990, provou-se que uma variação invulgar do gene do recetor D2 da dopamina era uma ligação química importante ao alcoolismo. Os álcoois orgânicos que contêm oxigénio ardem com uma chama azul clara; o álcool etílico (de cereais), com um ponto de inflamação de apenas 54°F e uma temperatura de autoignição de 793°F, arde com uma chama azul pálida e sem fuligem. Dado que a dopamina produz letargia e apatia, vários fatores-chave de muitos incidentes de CHE parecem ligados através deste único gene recetor.

- **O estômago é uma fábrica química** de enzimas e ácidos que decompõem os alimentos em energia que o corpo pode assimilar. Poderá uma irregularidade extraordinária na dieta e na digestão produzir não uma mera azia, mas, raramente, uma queimadura corporal? Bioquimicamente, as pessoas idosas são especialmente suscetíveis à depressão se sobreviverem com uma dieta de chá e torradas, diz o Dr. Todd Estroff, um avaliador neuropsiquiátrico no Fair Oaks Hospital de Nova Jérsia. Será que a dieta de café e trigo triturado do Dr. Bentley também se qualificaria, desencadeando uma cadeia complexa de eventos que pode culminar em inflamabilidade? Fatalmente?

- **A rutura de moléculas gera tipicamente calor e luz** — o que seria de esperar, e o que a história mostra que acontece, nos episódios de CHE. Cerca de 70 a 75 por cento do corpo humano médio é água, uma molécula composta por um átomo de oxigénio e dois de hidrogénio. A água arrefece o calor da combustão (razão pela qual os bombeiros usam tanta). A água decompõe-se gradualmente em hidrogénio e oxigénio sob grande calor, para se recombinar novamente como água quando a temperatura se reduz. Este processo de físico-química, chamado dissociação, acontece sempre que se ferve água. A ausência total de líquido em vários corpos examinados — o Sr. A. M. e a Sra. Oczki, para citar dois — aponta para um processo, químico ou não, que pode ferver a humidade do corpo a partir de dentro. A água torna-se então o combustível que alimenta a reação semelhante ao fogo, em vez de ser o meio para a extinguir.

Se, por exemplo, as ligações covalentes da molécula de água entre H_2 (um átomo altamente inflamável) e O_2 (que alimenta o fogo) fossem quebradas, seriam libertados radicais livres de H^+ e OH^-. O corpo seria então um depósito de combustível natural de potencial explosivo, porque os radicais livres de hidroxilo (OH^-) são quimicamente muito reativos e facilmente inflamáveis. Portanto, proponho uma variação do tradicional retângulo do fogo: um Pentágono do Fogo composto por oxigénio, calor, combustível, reação química em cadeia... e agora a eletroquímica de radicais livres como uma quinta via para a combustão sustentável em organismos que contêm água.

De facto, a biofotólise — dissociação biológica da água em hidrogénio e oxigénio — já foi alcançada na divisão de tecnologia química do Laboratório Nacional de Oak Ridge. A *Industrial Research & Development* (setembro de 1980) relatou que o cientista da ORNL, Elias Greenbaum, demonstrou que uma mistura biológica contendo espinafres, luz e a enzima especial hidrogenase produz uma "verdadeira divisão da água" autossustentada. Se um processo semelhante se poderia desenrolar no homem permanece, até agora, aberto à especulação.

Levando esta possibilidade um passo mais além, Powell e Finklestein relataram na *American Scientist* (1970) que as interações químicas não necessitam de produzir calor durante as reações de colisão. A energia libertada pela rutura ou decaimento pode ser absorvida e armazenada em estados metaestáveis, sendo depois transferida para outra molécula, produzindo luz e radiação como subprodutos. A relevância para a CHE clássica, com o seu surto de luz e calor mínimo (ou autoconido), é incontornável.

- **A cornucópia de doenças** já reconhecidas pela profissão médica pode disparar inflamações do tipo carbonizante sob circunstâncias especiais ainda não reconhecidas. Um candidato poderá ser a síndrome de fibromialgia (SFM), um distúrbio de dor musculoesquelética e fadiga para o qual a causa é ainda desconhecida. A maioria dos que sofrem de SFM diz que tem dores por todo o corpo, e por vezes os seus músculos pulsantes tremem e "noutras alturas ardem". Lapsos de memória, dormência, tonturas, boca seca e coordenação prejudicada são outras características, de acordo com estudos da *Fibromyalgia Network*. Os fatores de agravamento conhecidos para a SFM são as flutuações hormonais, a ansiedade e a depressão. Estas características parecem emblemáticas para muitos que sofrem de CHE/CP.

Wanda Cotton, que sofre de SFM há vinte anos, telefonou recentemente para sugerir que a sua maleita poderá relacionar-se com a CHE devido ao ardor intensificado que tem sentido dentro de si: uma teoria que está a ser explorada para curar a sua doença, disse ela, é que a SFM é um problema genético no qual o corpo não elimina o fosfato. Os fosfatos são compostos químicos que contêm fósforo e oxigénio no radical fosfato, PO_4. O fósforo pode arder espontaneamente no ar. Quando arde numa boa

quantidade de ar, formam-se vapores brancos densos de pentóxido de fósforo (que é utilizado como agente de cortina de fumo) e absorvem imediatamente água. Vários sobreviventes de CHE relataram fumo esbranquiçado a emanar de si próprios, como se recordarão. Talvez alguns deles sofressem de SFM (uma maleita recentemente definida) e um dia tivessem experienciado uma variação aberrante muito rara da mesma. Seria útil para os bombeiros recolherem raspagens frescas da fuligem de cor caramelo frequentemente encontrada depositada por toda a divisão que acolheu uma CHE clássica e mandá-la testar para verificar a presença de pentóxido de fósforo aquoso. Nunca se sabe onde se pode encontrar uma pista para resolver o desconhecido —

Indubitavelmente, existem outras vias ainda não suspeitadas. Como David Stone, do Genetics Institute, disse ao *The Wall Street Journal* (13 de novembro de 1989): os biólogos moleculares e os neurologistas confrontam na célula "uma vasta gama de produtos, a maioria dos quais provavelmente ainda não foi descoberta...".

Bioeletricidade

O conceito de CHE é eletrizante. Tal como poderá ser a causa do fenómeno.

Cada célula viva em cada ser humano possui energia elétrica. Este potencial bioelétrico pode ser descarregado através da membrana celular ou internalizado para destruir a célula. (Nos três segundos que poderá demorar a ler esta frase, produzirá cerca de doze biliões de impulsos elétricos apenas no seu cérebro). Poderá o circuito elétrico do corpo funcionar mal da mesma forma que a cablagem em curto-circuito pode iniciar incêndios que queimam casas até aos alicerces?

Um elemento crucial poderia ser o hipocampo, a parte mais eletricamente instável do cérebro.

Uma polegada cúbica de células musculares humanas pode, teoricamente, gerar 400 000 volts de amperagem muito baixa, estimou o Dr. Mayne R. Coe na *Fate* (julho de 1959). Se a amperagem aumentasse significativamente, a eletrocussão espontânea seria inevitável. Poderão, então, as dezenas de milhares de milhões de células no corpo humano (só o cérebro tem cerca de quinze mil milhões de células) descarregar súbita e simultaneamente o seu potencial elétrico para libertar uma descarga natural

massiva que derreta o corpo como uma sobrecarga de corrente derrete um fio fino? Poderá uma tal descarga dissociar, por eletrólise relâmpago, as moléculas de água do corpo em gás H_2 altamente combustível e radicais OH, para serem inflamados por uma faísca bioelétrica?

Por mais moderno que este raciocínio pareça, foi abordado logo em 1817 por um precoce cientista alemão chamado von Nasse, que explorou no *Archiv für medizinische Erfahrung* (agosto de 1817) o papel dos "fenómenos elétricos" na autocombustão (embora tenha considerado apenas a energia elétrica na superfície e não no interior do corpo humano).

Na década de 1940, o investigador de bioenergia francês George Lakhovsky determinou que cada célula é um ressonador elétrico rodeado por um campo eletromagnético modificável, com os cromossomas a funcionarem como reguladores da energia da célula. Por outras palavras, o corpo é um circuito elétrico complexo sujeito às falhas que assolam qualquer dispositivo elétrico. A investigação oncológica de Lakhovsky focou-se numa parte da célula, o organelo lisossoma. Descobriu que uma redução de oxigénio na célula, juntamente com a introdução de várias toxinas — como as do fumo do cigarro? —, poderia aumentar o número de lisossomas, os quais, por sua vez, rompem as células individuais para desencadear uma reação em cadeia letal de curtos-circuitos elétricos a correr pelo organismo.

Poderão os desequilíbrios bioquímicos ou bioelétricos ultrapassar um limiar crucial, após o qual lisossomas produzidos rapidamente ou proteínas linfotoxinas desencadeiam o suicídio celular em todo o corpo, com subprodutos de calor, toxinas, arco elétrico e gases? Gases que ardem com cor azul, como os que estavam no interior de Lucie Bettelsen — cujo abdómen emitiu subitamente uma chama azul, que queimou o cirurgião que a operava no Walter Mandich Hospital de Nova Iorque, em 1975.

O que poderia desencadear uma reação em cadeia descontrolada de lisossomas não é claro, embora os investigadores médicos suspeitem do monóxido de carbono — um subproduto do tabagismo e um perigo enfrentado por Billy Peterson no seu automóvel. Curiosamente, os lisossomas — aos quais, já agora, os microbiologistas chamam "sacos de suicídio" — destroem o osso.

- Outra condição descontrolada a considerar é a Encefalite de Rasmussen, uma maleita extraordinariamente rara que causa uma ativação anormal da eletricidade cerebral. De acordo com o Dr. Benjamin Carson, chefe de neurocirurgia pediátrica da Johns Hopkins School of Medicine, esta pode produzir de oitenta a cem convulsões diárias. Uma tal sobrecarga massiva nas catorze mil milhões de células e ligações do cérebro (estimativa do Dr. Carson) poderia ter consequências terríveis no mecanismo regulador da temperatura dentro da cabeça do paciente. Os acidentes vasculares cerebrais (AVC) poderiam ser outro resultado. E um AVC descontrola o termóstato do corpo. Teriam algumas vítimas de CHE sofrido um AVC previamente, com uma Encefalite de Rasmussen não diagnosticada a agravar o ataque ao hipotálamo de cada um? Talvez ainda mais agravado pela tirotoxicose, tudo coisas que nenhum investigador de incêndios ou legista pensou em procurar?

- Se uma teoria radical do Dr. Björn Nordenström, do Instituto Karolinska de Estocolmo, estiver correta, então todos nós somos um circuito elétrico biologicamente fechado, vivo e em funcionamento (um conceito semelhante ao de Lakhovsky). O Dr. Nordenström disse-me que identificou todos os elementos de um circuito elétrico no corpo humano, onde os vasos sanguíneos servem como cabos; os glóbulos brancos como condutores de carga negativa; as enzimas nas paredes capilares como os elétrodos; a necrose nos tumores como uma fonte de alimentação CA; e as células mortas e moribundas como uma bateria que aciona todo o sistema. Ele aplicou a sua teoria não convencional para efetuar uma cura elétrica dramática do cancro, atacando tumores com elétrodos.

* Nota: Todas as temperaturas em Fahrenheit (°F) e unidades de medida foram mantidas de acordo com o texto original em língua inglesa.

O Dr. Nordenström não me conseguiu oferecer qualquer sugestão sobre a forma como um fenómeno antitético como a CHE se poderia desenrolar. Contudo, ao explicar que os circuitos bioelétricos se tornam menos estáveis com o aumento da idade e da debilidade, ele postula, de facto, uma associação com a CHE e as suas vítimas idosas e incapacitadas. A falha do sistema no modelo bioelétrico do homem de Nordenström é um

forte candidato na corrida para explicar o arco elétrico em todo o corpo, o qual, por si só, modela a CHE.

Talvez a perceção intuitiva de tal falha tenha sido o que levou John Reno, um arquiteto registado na Virgínia, a telefonar poucos minutos após me ter visto no programa *The Other Side* da NBC-TV (27 de fevereiro de 1995). Conforme explicou:

"O meu interesse pela CHE começou seriamente no ano passado, após a sensação de que eu era um candidato potencial para a CHE. A descoberta de que o sistema elétrico humano entra num estado de "caos", e que este caos resultante da eletricidade no interior do corpo ativa o hidrogénio como um combustível que consome o corpo, é uma observação que tenho a certeza ser um facto. Tenho também a certeza de que uma substância química (que desconheço) no interior do corpo espoleta o caos elétrico."

Reno não tinha sugestões quanto ao elemento ativador, no entanto, pensa que o estado emocional e a consciência de uma pessoa são relevantes para libertar um caos quântico no corpo. "Há períodos em que ficava muito excitado", relatou. "Tinha esta sensação incrível de um salto quântico no meu corpo, como passar de 100 mph para 10 000 mph!". Este sentimento de ser acelerado em cada átomo do seu corpo pô-lo a pensar na investigação de um amigo em engenharia elétrica de ultra-alta temperatura, onde se podem gerar entre 15 000°F e 18 000°F num fogo alimentado por hidrogénio. "Se o caos libertasse o hidrogénio no meu corpo e, de alguma forma, o inflamasse, seria como usar uma gota de água para apagar o incêndio de uma casa!", postulou ele.

Nem todas as pessoas respondem à eletricidade, ao stresse ou aos estímulos da mesma forma fisiológica. Algumas pessoas são hipersensíveis aos campos elétricos; outras, tão insensíveis que parecem quase imunes à eletricidade.

"Cerca de 15 por cento da população sofre de alergias e, desses, cerca de dois em cada três desenvolvem sensibilidade à eletricidade", diz a Dra. Jean Monro, uma reputada especialista em alergias em Londres. O Dr. William Rea, diretor do Centro de Saúde Ambiental em Dallas, no Texas, descobriu que os sintomas da hipersensibilidade elétrica incluem depressão, erupções cutâneas e transpiração profusa. A incapacidade destas pessoas para tolerar campos elétricos subtis — campos gerados quer no interior,

quer no exterior do corpo — poderá ter um efeito secundário altamente inflamável, até agora insuspeitado. A CHE.

Inversamente, aqueles que têm maior tolerância à eletricidade podem ter outro problema. “Vi 240 volts passarem por mim duas vezes no espaço de 30 minutos”, revelou a tecnóloga médica Anna Inez Matus. “Desde então, tenho estado com sede. Constantemente. As pessoas que sobreviveram a ser atingidas por um raio também têm um desejo constante de sede”. Recordo que Jack Angel se queixou de sede extrema ao acordar. Embora a queda de um raio tenha sido descartada no seu caso, a desidratação decorrente de um sono de quatro dias certamente não pode ser descurada. Nem se pode descurar uma eletrocussão humana interna e parcial — dado que os médicos compararam os seus ferimentos aos produzidos por eletricidade de alta energia. Uma bioeletricidade de alta amperagem? Os seus médicos assistentes disseram, de facto, que a queimadura era “de origem interna” —

Forças Eletrostáticas

Dínamos humanos existem. Um rapaz zulu chamado Kinkon acumulava uma carga tal aos seis anos e meio de idade que, quando lhe tocavam, “experienciava-se o que se entende por um choque elétrico”, cuja intensidade variava com o estado do tempo, referia o *The Medical Press & Circular*.

Lembra-se de Susanna Sewell? A *Fodor’s Encyclopaedia of Psychic Science* menciona um bebé nascido em 1869 em Saint-Urban, França, que dava choques a todos os que lhe tocavam; que emitia raios luminosos pelos dedos; e que resplandeceu durante vários minutos após morrer aos nove meses.

Em 1895, Jennie Morgan, de Sedalia, Missouri, começou subitamente a emitir faíscas do seu corpo de adolescente, dando choques em si própria e nos outros. Em 1952, os ingleses Charles Bockett e Brian Williams, dois geradores humanos, acendiam lâmpadas com um toque dos seus dedos.

Recordar-se-á de que, durante os anos de 1982-1983, Benedetto Supino, de dez anos, exibia efeitos eletromagnéticos que arruinavam equipamentos, incendiavam objetos e o queimavam a ele próprio; contudo, um cientista chamou-lhe “normal”. Tão normal quanto a Sra. Jacqueline Priestman, de vinte e dois anos, que, em janeiro de 1985, queimou trinta

aspiradores, cinco ferros de engomar, duas torradeiras e fazia voar faíscas das tomadas da sua casa perto de Manchester, Inglaterra. O Dr. Michael Shallis, da Universidade de Oxford, disse ao *Sunday Express* (20 de janeiro de 1985) que esta dona de casa de Stockport, Cheshire, era a pior de seis pessoas de alta voltagem que ele conhecia — no sentido em que gerava "mais de 10 vezes a quantidade habitual de eletricidade estática no seu corpo". O Dr. Shallis estudou também a dona de casa de Manchester Pauline "Old Sparky" Shaw, que fez explodir trezentas lâmpadas, doze televisores e outros aparelhos porque 100 000 volts de eletricidade surgiam no seu corpo. Dezenas de outros exemplos poderiam ser citados.

A Sra. Priestman descobriu que o aumento da sua ingestão de vegetais verdes atenuava os graves efeitos eletromagnéticos que vinha a transmitir há quatro anos. A nova dieta permitiu-lhe viver uma vida estável e sem choques.

Alguns condensadores humanos vivem com a sua afeção durante anos, como aconteceu com a inglesa Mandy Boardman de 1983 a 1986. Outros manifestam-na de forma autónoma, imprevisível, instantânea e talvez com maior intensidade do que os seus homólogos de sofrimento a longo prazo.

O arrefecimento eletrostático é uma técnica industrial utilizada para baixar as temperaturas do aço quente. Poderá o inverso ocorrer nas pessoas? Poderiam as vibrações dos eletrões aumentar no corpo até que, como um transformador rebentado por uma sobrecarga estática, a pessoa incauta explodisse subitamente de forma eletrostática a partir de dentro?

E o que dizer sobre a "mulher elétrica" de Monnaie, França? Em 1756, a sua propensão eletrostática acentuava-se sempre que se colocava sobre montes de terra, disse o investigador de CHE, o Dr. Pierquin. Ou sobre Frank McKinstry, de Joplin, Missouri? Na década de 1880, a sua extraordinária carga estática(?) era tão intensa que, nas manhãs frias, os seus pés colavam-se à terra "como se estivesse a pisar fita apanha-moscas" e, se ficasse parado, tinha de pedir aos transeuntes que libertassem os seus pés colados ao chão daquela estranha servidão! Ou a canadiana Caroline Clare? Conforme documentado pela Associação Médica de Ontário, em 1877, aos dezassete anos, ela tornou-se um "íman humano" para objetos metálicos. Ou Louis Hamburger? A capacidade deste íman adolescente para levantar e suspender um frasco de cinco libras de limalha de ferro com as pontas de três dedos foi estudada no Maryland College of Pharmacy em

1890. Ou os trinta e quatro reclusos que exibiram um "magnetismo" indevido em relação ao papel como consequência de envenenamento botulínico na Prisão de Clinton, em Nova Iorque? A sua condição altamente carregada variava com a gravidade do envenenamento e desapareceu assim que a recuperação foi completa, disse o médico-chefe da prisão, o Dr. J. B. Ransom, ao *Electrical Experimenter* (junho de 1920).

Talvez fosse este tipo de perplexidade que o astronauta da Apollo 14 e investigador da consciência, Edgar D. Mitchell, tinha em mente quando disse: "Não existem fenómenos não naturais ou sobrenaturais, apenas grandes lacunas no nosso conhecimento sobre o que é natural"... grandes lacunas que dão margem para os mistérios do bioeletromagnetismo e da CHE.

Geomagnetismo, Astrofísica e Ciclos

Falando de magnetismo, os campos magnéticos influenciam os processos fisiológicos humanos. Ossos partidos consolidam mais rapidamente num campo magnético modulado, por exemplo. O Dr. Jerry Phillips descreveu no programa *Good Morning America* da ABC-TV (11 de novembro de 1989) a sua investigação que mostrava que os campos eletromagnéticos podem aumentar as taxas de crescimento das células cancerígenas e diminuir a contagem de glóbulos brancos.

V. M. Mikhailovsky, na Academia de Ciências da Ucrânia, demonstrou que mesmo um campo magnético fraco de 1000 gamas (cerca de um por cento do campo normal da superfície da Terra) aplicado a frequências entre 0,1 Hz e 12 Hz produziria "reações mensuráveis" em três de cada dez pessoas, incluindo o aumento do ritmo cardíaco e surtos de transpiração.

O investigador pioneiro da América em biomagnetismo, o Dr. Robert O. Becker, escreveu no *New York State Journal of Medicine* que "não é difícil conceber um efeito galvanomagnético entre as flutuações do ambiente magnético e este sistema eletrónico de estado sólido no tronco cerebral, produzindo as subtis alterações comportamentais dos ciclos biológicos".

O Professor Livingston Gearhart, da Universidade do Estado de Nova Iorque (Buffalo), salientou na *Pursuit* (1975) que "o início das tempestades magnéticas coincide com muitos eventos *forteanos* relacionados com

humanos". A CHE é um evento forteano que Gearhart associou às tempestades magnetosféricas da Terra. E o entomologista da Universidade da Florida (Jacksonville), Philip S. Callahan, Ph.D., tem vindo a encontrar apoio empírico para a sua ideia de "formas biológicas como radiadores e antenas para bioinformação eletromagnética", conforme disse ao *The Center for Frontier Sciences* a 16 de novembro de 1990.

Investi alguns dias na biblioteca da Administração Nacional Oceânica e Atmosférica (*National Oceanic and Atmospheric Administration* - NOAA) em Bethesda, debruçando-me sobre livros de registo que continham recordes da atividade geomagnética global. Cada dia é quantificado numa escala de "0" (um dia calmo e estável magneticamente) a "2" (o equivalente geomagnético de um furacão devastador). Existiria uma correlação com os episódios de CHE que sugerisse que o magnetismo possa ter um aspeto maléfico?

O leitor já sabe que 60 por cento dos dez casos que classifiquei como auto-CHE coincidem com uma atividade geomagnética elevada, incluindo Olga Worth Stephens, que ardeu no seu carro intacto num pico geomagnético de um dia classificado com 2,0. Entre as autocremações não automóveis, Elizabeth Clark ardeu na sua cama intacta num dia classificado com 1,8 (um dia de tempestade magnética global muito forte); Lois Chapman, num ciclo de tempestades que atingiu o pico de 2,0; Madge Knight, num dia de 1,9; e Billy Peterson, perto do pico de 1,7 de uma bolha de seis dias num período geomagnético, de resto, muito calmo. Aproximadamente um sexto da base de dados de CHE, até à década de 1980, quando a NOAA alterou o seu formato de relatório de tempestades magnéticas, coincide com ciclos de perturbações máximas na magnetosfera da Terra ou com subidas em curva de Gauss no meio de períodos, de outro modo, muito calmos.

Outro ciclo que toda a gente experiencia, a um nível mais familiar, é a própria temperatura corporal. E a maioria das pessoas vive bastante confortavelmente com as suas flutuações térmicas e dentro das flutuações magnéticas da Terra, que envolvem toda a gente.

Mas, tal como alguns indivíduos podem ser alérgicos à ambrósia, ou alguns rádios recebem ondas curtas e outros não, poderá um número selecionado de pessoas responder de forma única a uma frequência eletromagnética de banda estreita? Uma receção que, uma vez

“sintonizada” pelos circuitos celulares, aumenta o calor no seu ciclo de temperatura para um ritmo com o qual não conseguem viver? Um ritmo que faz vibrar o corpo de forma tão vigorosa que a sua água ferve (ou se dissocia por hidrólise molecular espontânea) até que restem pouco mais do que cinzas de carbono desidratadas e pó de osso de cálcio —

Vários fogos espontâneos forteanos relacionados com humanos coincidem com datas de severas tempestades na magnetosfera — as quais, por sua vez, estão associadas à atividade de erupções solares, ela própria cíclica. Assim, a astrofísica torna-se outra via potencial para descobertas interdisciplinares sobre como, e quando, um corpo humano poderá libertar o seu potencial elétrico neurocelular de milhões de volts durante uma tempestade magnética nascida de erupções solares (causada por erupções solares ou por outra coisa). A bioastrogeomagnética provará, sem dúvida, ser instrumental na investigação da CHE e de outros fenómenos corporais.

Outros ciclos e associações podem também estar em funcionamento.

A teoria dos biorritmos é uma possibilidade a considerar. Este conceito — no qual se diz que os aspetos físicos, emocionais e intelectuais de uma pessoa ciclam através de períodos de vinte e três, vinte e oito e trinta e três dias, respetivamente — postula que eventos físicos traumáticos (possivelmente súbitos) podem ocorrer a uma pessoa quando elevadas energias emocionais e intelectuais coincidem com um dia físico crítico (quando a curva de vinte e três dias cruza a linha de base que corta a sua amplitude). Tal foi o caso do biorritmo da Sra. Reeser no início de julho de 1951.

Não afirmo que o biorritmo, por si só, cause a CHE — o facto de milhares de pessoas não se incendiarem diariamente oferece uma prova convincente —, mas pergunto se o biorritmo de alguém, em conjugação com outros fatores inflamatórios que estão a ser propostos, poderá ser o “ponto de inflamação” que desencadeia no corpo humano uma cremação de derreter ossos e dissolver tecidos da qual não há fuga. Exceto para a sepultura.

A CHE, apesar da sua infrequência, parece agrupar-se ela própria em ciclos. Casos significativos de pirofenómenos ocorreram em, ou agruparam-se em torno de, estes anos: 1749, 1771, 1780-1782, 1804-1808,

1836-1837, 1871-1872, 1904-1905 e 1938. Estas datas revelam uma periodicidade até agora oculta para os fenómenos de combustão:

- 1749 a 1771 = vinte e dois anos
- 1749 a 1780-1782 = trinta e dois anos
- 1771 to 1780-1782 = onze anos
- 1780-1782 a 1804-1808 = vinte e quatro anos
- 1771 a 1804-1808 = trinta e três anos
- 1804-1808 a 1836-1837 = trinta e dois anos
- 1836-1837 a 1871-1872 = trinta e cinco anos
- 1871-1872 a 1904-1905 = trinta e três anos
- 1904-1905 a 1938 = trinta e três anos

De onde vem esta periodicidade de aproximadamente trinta e três (ou múltiplos de onze) anos? Primeiro pensamento: extraterrestre. O Sol exibe picos de atividade de manchas solares num ciclo de vinte e dois anos, com um pico intercalar menor a cada onze anos. Os seres humanos e os seus bens reagem de forma inflamável a um fenómeno solar (cósmico?) não identificado que ocorre a cada meio ciclo solar, atingindo depois o pico aproximadamente a cada um ciclo solar e meio (isto é, cerca de uma vez a cada geração, ou um terço de século).

Como as estrelas ocasionalmente se transformam em novas no macrocosmo, não poderá o corpo humano, no seu microcosmo, tornar-se raramente na sua própria supernova devido a uma força misteriosa no espaço profundo?

No final, esta periodicidade pode ser um artefacto falso decorrente de dados escassos. O pico seguinte previsto de trinta e três anos para a CHE era 1971. Os nossos dados revelam nove exemplos de fenómenos de fogo anómalos para esse ano. Significativo? Por outro lado, o dobro desse número de pessoas poderá ter-se inflamado misteriosamente nesse ano e ninguém teve a coragem de publicitar "o impossível". Aguardo para ver se dados ocultos de 1970-1972 virão agora a lume. (Noto um agrupamento de fogos anómalos para 1980-1982, um intervalo de quarenta e dois a quarenta e quatro anos a partir de 1938; isto é, cerca de um duplo ciclo solar). O

próximo ciclo de trinta e três anos ocorrerá no próximo milénio, por volta de A.D. 2004. Resta apenas esperar para ver se 2004 acolherá o próximo ímpeto de fogos paranormais, incluindo a CHE.

Mais uma área que possui os seus próprios ciclos poderá fornecer uma perspetiva sobre o momento para a CHE.

Introduzo-a com uma sensação de sobressalto não descabida, porque certamente não é um fator que os bombeiros e os legistas considerem quando investigam uma vítima mortal de incêndio. Mas, para começar, estamos além do âmbito das considerações correntes. Trata-se dos ciclos da cosmobiologia.

Os padrões cósmicos sob os quais se nasce são únicos para cada indivíduo, baseados no momento e no local de nascimento. Os astrofísicos reconhecem isto. A linguagem simbólica desses padrões é encontrada, e interpretada, através da astrologia. O mapa natal ou horóscopo de nascimento de uma pessoa contém, assim, uma mensagem individual que, quando estudada com conhecimento, pode revelar características significativas da personalidade, servindo ao mesmo tempo como um roteiro celestial para precisar quando acontecimentos potenciais importantes na vida de alguém têm probabilidade de atingir um ponto de explosão. Literalmente?

Tracei mapas natais para treze vítimas de CHE,* cinco delas fatais. A hora exata de nascimento estava disponível apenas para Marilyn O—; as outras foram retrocalculadas a partir de mapas progredidos. Daí que a análise que se segue não seja tão precisa quanto eu gostaria, mas, dada a dificuldade em obter tais informações, trata-se de uma iniciativa histórica. Vários astrólogos ajudaram a interpretar estes dados, nomeadamente Ruth Brown, Roxan O'Brien e a investigadora canadiana Shelagh Kendal (que vive atualmente nos Estados Unidos).

A Sra. Brown determinou que, cosmobiologicamente, a maioria das vítimas tinha estado "sob stresse mental ou confusão"; que "eram todas indivíduos poderosos cuja consciência básica e autoexpressão eram 'uma' com a força vital"; que "todas tinham aflições nas Casas 6.ª [saúde e recursos físicos] e 12.ª [interferências], mostrando que a energia da constituição solar estava em desarmonia consigo própria e, portanto, poderia ser utilizada em seu próprio detrimento".

Descobriu que trânsitos/aspetos cruciais de Saturno (momento evolutivo da verdade), Urano (ponto de viragem explosivo), Neptuno (rutura de velhos padrões na busca da perfeição) e Plutão (impulso para a autotransformação e renascimento) "são importantes" relativamente às energias de nascimento em cada um destes indivíduos quando o seu fogo interno eclodiu.

A Srta. Kendal concordou. "A minha conclusão", afirmou sobre as posições planetárias que encontrou nestes treze mapas, "é de que, em cada caso, havia uma fogueira de energia mal utilizada à espera de ser ateada em todas estas pessoas, e as posições dos planetas acenderam o fósforo".

Especificamente: o planeta Mercúrio transmite simbolicamente a energia solar para a Terra, e os seus movimentos estão ligados a alterações nos campos eletromagnéticos. Marte, universalmente identificado com o fogo, representa a energia física e a sobrevivência; se a energia de Marte não for domesticada, poderá eventualmente implodir num ímpeto de calor, cólera e raiva.

"Todas as pessoas neste estudo tinham bloqueios graves quer em Mercúrio, quer em Marte, ou em ambos", descobriu a Srta. Kendal. "Da mesma forma, no momento da combustão, os mapas progredidos e de trânsito das vítimas mostravam que as forças internalizadas se estavam a acumular para uma explosão".

Mais especificamente: o elemento ativador para estas explosões. Um fenómeno astronómico chamado movimento retrógrado faz parecer que os planetas se movem periodicamente para trás. Isto acontece três vezes por ano para Mercúrio, e simboliza um tempo em que a confusão eletromagnética é maior. "No momento de cada incidente de CHE, em todos os casos", descobriu Kendal, "o período anterior de Mercúrio retrógrado tinha-se focado num planeta natal". Além disso, descobriu em todos os casos que "o eclipse solar anterior e Mercúrio retrógrado tinham, de alguma forma, coincidido com os mapas natais". O que diferenciava as vítimas mortais dos sobreviventes, disse ela, era que os mapas destes últimos ilustravam um meio de atenuar ou, de outro modo, libertar esta energia reprimida.

Mais especificamente: para Marte, o movimento retrógrado acontece aproximadamente de dois em dois anos, e simboliza um tempo em que a

energia de Marte se volta para dentro — causando uma tensão e frustração acrescidas para as pessoas que não direcionam a sua energia física para fora (isto é, pessoas já deprimidas ou morosas).

Quatro destas cinco pessoas que morreram de CHE, diz Kendal, "tinham correlações diretas da posição de Marte quando este entrou em movimento retrógrado antes das suas mortes". Ela suspeita que a quinta vítima mortal tinha uma correlação semelhante, embora os dados não fossem suficientemente precisos para expressar confiança.

Urano e Neptuno, representando a mudança transformadora súbita e estimulando a busca da perfeição, encontram-se ambos proeminentemente aspetados nestes mapas.

A astrologia não consegue prever os fundamentos fisiológicos da CHE... mas pode ser útil para determinar quem é suscetível, quando, e como evitá-la.

Qualquer pessoa que experiencie cicatrizes localizadas inexplicáveis nos tecidos ou emissão de fumo — como precursores da CHE clássica — seria aconselhada, sugeriu a Srta. Kendal, a reconsiderar os seus padrões de comportamento; especialmente em termos de comunicação (Mercúrio) e uso da energia física (Marte).

Geofísica e Geobiologia

Este planeta ainda controla os seus melhores segredos, e a cartografia da combustão apenas começa a dar indícios do poder e da maravilha que residem sob os nossos pés. O facto de mais de 80 por cento das combustões anómalas identificadas na Grã-Bretanha até 1976 poderem ser associadas geograficamente merece certamente o interesse de geofísicos e biólogos, à medida que sondam as fronteiras da relação entre o ser humano e o planeta.

Anne C. Arnold Silk, membro da *Royal Society of Medicine*, investiga os efeitos da piezoeletricidade produzida por certas rochas sob stresse e sabe que os movimentos sísmicos em zonas de falha também podem gerar energia telúrica de rádio e micro-ondas. Perguntou-se se estas emissões decorrentes da atividade geológica poderiam ter efeitos biológicos nos seres humanos. Examinando quarenta e sete casos britânicos identificados como CHE por Randles e Hough, Silk descobriu que uns impressionantes

trinta e um casos se correlacionavam com áreas conhecidas pela sua atividade sísmica.

Randles e Hough consideram isto intrigante, mas mantêm uma prudência adequada: "A fasquia, quase 75%, deve contudo ser ponderada face à baixa amostragem e ao facto de muitas partes da Grã-Bretanha serem, de qualquer forma, fortemente recortadas por falhas". Concordo com a sua prudência.

Ainda assim, o interesse da Sra. Silk na medicina e na geologia levou-a a uma teoria imaginativa. Sabendo que certos tipos de radiação podem inflamar o oxigénio, ofereceu esta especulação interdisciplinar a Randles e Hough para o seu livro *Spontaneous Human Combustion* (1992): "Supondo que uma descarga de raio ou uma emissão de energia sísmica penetra no corpo, isso poderia ionizar o gás [oxigénio] nos pulmões e qualquer flatulência no estômago. Esta última seria muito comum nos idosos sedentários, a condição de muitas vítimas de CHE. O resultado seria uma conflagração".

A não esquecer na geologia, e um dia a ser explicado, encontram-se numerosos exemplos de manifestações semelhantes a elétrodos da terra em brasa. Há apenas uma década, o cientista do Departamento de Minas dos EUA, Brian Brady, demonstrou que rocha contendo quartzo suficientemente comprimida (150 000 psi) produzirá um "arco ou jato luminoso" sob a forma de "pequenas bolas redondas brilhantes".

* Nota: Melvin e Naomi Anderson; Jack Angel; John Bentley; Helen Conway; Barbara Green; Harry Halfpenny; Elizabeth Holstrom; Elizabeth Norris; Marilyn O—; Beatrice Oczki; Mary Reeser; e Edward Sullivan.

* Nota Geral: Todas as temperaturas em Fahrenheit (°F) e unidades de medida originais foram estritamente preservadas, conforme o texto em língua inglesa.

Poderia a eletricidade piezotelúrica — numa escala muito mais grandiosa — ser o que aterrorizou o Abade Girolamo Leoni de Ceneda em 1731 quando, perto de Veneza, uma "chama mais alta do que ele" irrompeu subitamente com um rugido do chão onde ele tinha acabado de se posicionar? Talvez o abade tenha sobrevivido a uma incineração/explosão instantânea graças a um passo lateral fortuito dado naquele dia, ao contrário da desafortunada mulher italiana de Bonne Vallie, vinte anos mais tarde.

E como explicará a geologia o que um mergulhador filipino de pesca submarina recuperou do mar ao largo de Bataan, em 1992? Trouxe à superfície várias rochas vermelhas do tamanho de punhos que aqueceram e deitaram fumo assim que ficaram expostas ao ar. Uma criança sofreu queimaduras graves após manuseá-las, relatou o *Bangkok Nation* (15 de agosto de 1992). Cientistas do governo das Filipinas esfregaram as rochas umas nas outras, após o que estas últimas explodiram em chamas e arderam até ficarem reduzidas a pó. Tanto para a preservação científica de provas —

Muito antes na história, em A.D. 363, operários que reconstruíam o Templo em Jerusalém saíram-se pior do que essa criança filipina. Conforme registou Amiano Marcelino, "bolas de fogo temíveis irromperam com interrupções contínuas perto dos alicerces, queimando vários dos trabalhadores e tornando o local totalmente inacessível". O fogo da terra não é um fenómeno a ser ignorado.

Estar no sítio certo à hora errada pode simplesmente provar ser combustivelmente perigoso para a saúde de alguém.

Meteorologia

Fenómenos atmosféricos ainda não compreendidos pelos analistas do tempo podem desempenhar um papel na CHE. Muitos tipos de remoinhos de fogo aéreos não são menos perplexivos do que os autênticos agrogramas anómalos dos "círculos nas colheitas" que, na última década, decoraram espontaneamente campos por todo o mundo com padrões geométricos intrincados impressos sobre caules de culturas não esmagados. Alguns destes enigmáticos agrogramas foram palco de avistamentos de globos anómalos de luz que foram vistos (e registados em vídeo) a mover-se ao longo dos trilhos de cereais abatidos.

Eis alguns candidatos, recolhidos de registos meteorológicos, a considerar no contexto deste estudo:

- **Relâmpago Globular.** Este fenómeno é definido por James Barry em *Ball Lightning and Bead Lightning* (1980) como "uma entidade única e autoconida que é altamente luminosa, móvel, de forma globular, e parece comportar-se independentemente de qualquer força externa". A história deu ao relâmpago globular uma dúzia de nomes, contudo, até ao trabalho definitivo de Barry, muitos cientistas rejeitavam o relâmpago globular apesar de avistamentos

fiáveis que remontavam pelo menos ao século seis A.D. Barry notou que, embora a emissão de calor seja raramente associada ao relâmpago globular, existem exceções quando seres humanos são atingidos. O leitor já sabe acerca de Robert Burch e William Cunningham. Barry acrescenta à lista estas baixas adicionais de quase-CHE por fogo vindo do céu: um homem queimado e deixado inconsciente por volta de 1890; uma mulher cujo pé ficou queimado por volta de 1886; um homem de Wiltshire queimado nos ombros a 20 de junho de 1772; o Benjamin Franklin russo — o Dr. Georg William Richmann — atingido na cabeça e morto por um relâmpago globular azul e branco do tamanho de um punho (o algo semelhante a isso) que entrou no seu laboratório de São Petersburgo a 6 de agosto de 1753. Barry salientou que o relâmpago globular muitas vezes detona de uma forma implosiva e não explosiva, deixando por vezes atrás de si um resíduo de alcatrão ou fuligem. Teria sido isto o que surgiu subitamente acima do fogão da cozinha de uma jovem dona de casa em Smethwick (Warley), Inglaterra, em agosto de 1975? A luz "azul brilhante a púrpura", com cerca de quatro polegadas de diâmetro, moveu-se pela cozinha em direção a ela. Atingiu-a abaixo da cintura, queimando um buraco na sua saia de poliéster, aquecendo a sua aliança, queimando o seu dedo e fazendo com que a sua mão ficasse vermelha e inchada. Ela afastou-o com a mão, apenas para o ouvir detonar com um estrondo ruidoso! M. Sternhoff estimou para a *Nature* (1976) que esta bola de fogo em particular carregava uma temperatura de pelo menos 480°F no seu núcleo de uma polegada, enquanto Barry calculou que um relâmpago globular apenas 50 por cento maior poderia conter uma força de um megaJoule — o que equivale a dois terços da densidade energética do TNT ou aproximadamente um milhão de watts se libertados num segundo! Orbes de plasma com até quarenta megaJoules foram criados artificialmente no ar pela Marinha dos Estados Unidos em 1947. Bolas de fogo de curta duração foram fabricadas na Universidade Yeshiva mediante o uso de campos eletromagnéticos de radiofrequência. Talvez a natureza consiga igualar ou superar esse poder, e fazê-lo, naturalmente, na vizinhança de humanos... e animais.

Randles e Hough revelam dois incidentes possivelmente relevantes aqui. Na noite de 24 de fevereiro de 1975, um funcionário postal testemunhou uma névoa zumbidora de cor amarelo-esverdeada do tamanho de uma abóbora que "atacou" um homem e o seu cão na praia de Sizewell, Suffolk, a nordeste de Londres. A forma etérea logo se assemelhou ao tubo de imagem de um aparelho de televisão, disse o carteiro, e emitiu um campo eletrostático. O cão encolheu-se; depois, mostrando que a prudência é a melhor parte do valor, fugiu. O seu dono, que manteve a sua posição abaixo deste objeto, sofreu pouco depois de problemas de saúde prolongados e talvez de ferimentos debilitantes (cuja natureza não é facultada).

E a 9 de fevereiro de 1988, um militar de longa data caminhava ao longo de uma estrada perto de Oswestry, Shropshire, no centro-oeste de Inglaterra. Mais à frente, viu uma mulher e o seu cão spaniel junto à berma da estrada de Shropshire... e, no campo ao lado deles, uma nuvem enevoada de vapor amarelo "a brilhar com uma ferocidade colérica". Notou, disse ele a Randles e Hough, que este esferoide vaporoso parecia fazer vibrar a erva debaixo dele e criou um odor sulfuroso (que poderá ter sido ozono criado por um campo elétrico a ionizar o oxigénio no ar). O spaniel correu em direção a este vapor e desapareceu no seu interior! Momentos depois, a própria nuvem radiante desapareceu. Deixado para trás ficou o spaniel, comatoso, a arquejar pesadamente e misteriosamente afetado: "Os seus olhos estavam vermelhos e cor de fogo e a sua pele estava completamente molhada e quase a escaldar ao toque".

Deixado para trás ficou outro mistério, claro: a origem e a natureza da coisa que sugou e cozeu um canídeo infeliz. A dona do cão, entrevistada por Randles e Hough, corroborou esta história mas recusou-se a cooperar mais; o seu cão, que pareceu recuperar totalmente após três dias, faleceu algumas semanas mais tarde.

Eis uma hipótese horrível: a de que a biosfera cria plasmóides poderosos em coordenadas de energias convergentes por vezes no exato momento em que um humano (ou animal de estimação) desafortunado passeia pela zona de fogo emergente, para nunca mais sair pelo próprio pé. Terá a dona de casa de Smethwick escapado por pouco de se encontrar num tal ponto de manifestação, saindo apenas com uma CHE parcial e não de corpo inteiro?

- **Relâmpagos Convencionais.** Estas espetaculares exibições atmosféricas podem descarregar num único raio cerca de cem milhões de volts de eletricidade, aquecendo o ar no seu percurso a mais de 60 000°F. O relâmpago pode fazer algumas coisas estranhas. A 26 de julho de 1969, por exemplo, Harold Deal foi atingido com eletricidade suficiente para iluminar uma pequena cidade. O raio rebentou com os rebites dos seus sapatos e derreteu 1,50 dólares em moedas no seu bolso; juntando o ferimento ao insulto, a força do impacto esmagou discos e vértebras na sua coluna. "Sou duas polegadas e um quarto mais baixo do que era antes de ser atingido", disse ele à *Lightning Strike and Electric Shock Victims International* (LSESVI) na sua quinta convenção anual perto do Campo de Batalha de Gettysburg em 1995. Em junho de 1984, um relâmpago derreteu um boné de basebol na cabeça do canadiano Harold Blankert e cortou-lhe as cuecas. "Como se alguém tivesse pegado numa tesoura e as tivesse cortado", disse o agricultor de Alberta que se qualifica para membro da LSESVI. No final de julho de 1994, Veronica Ronn tornou-se outra vencedora azarada no jogo cruel de azar do relâmpago: um raio projetou a adolescente sueca para fora das suas caneleiras e botas num jogo de futebol em Gävle; o calçado da rapariga ficou rasgado em pedaços e incendiou-se, o seu coração parou durante quatro minutos e, ao recuperar a consciência, as suas primeiras palavras foram, de acordo com o *Oxford Mail* (10 de agosto de 1994): "Como correu o jogo?". E a 14 de setembro de 1994, um relâmpago incapacitou momentaneamente a jogadora de golfe Nancy Wilde numa propriedade rural inglesa, deixando-a inconsciente e queimando-lhe gravemente o cabelo; quando um estudante de medicina que se encontrava nas proximidades correu em seu auxílio e se inclinou para administrar reanimação boca-a-boca, saiu fumo da boca aberta da Sra. Wilde. O *The Daily Telegraph* (16 de setembro de 1994) relatou que se esperava que ela recuperasse totalmente da experiência chocante que a tinha efetivamente deixado morta durante cerca de dez minutos. E depois há os para-raios humanos. Entre eles está Brad Willard, um agente de seguros de Orlando atingido por três raios distintos no espaço de segundos enquanto jogava golfe no sul da Florida. E o Major R. Summerford, que também foi atingido três vezes, primeiro em 1918,

novamente em 1924, novamente em 1930, para ficar paralisado e confinado a uma cadeira de rodas; contudo, nem na morte esteve seguro, pois dois anos após o seu sepultamento um raio caiu sobre o cemitério para atingir apenas uma coisa — a lápide do Major Summerford! E não nos podemos esquecer de Roy Sullivan, um guarda florestal de um Parque Nacional na Virgínia e detentor do recorde de para-raios humano, que sobreviveu a sete quedas de raios, incluindo um raio que lhe pegou fogo ao cabelo. Porém, por mais vezes que uma pessoa possa ser atingida por um raio vindo do nada, nunca encontrei uma referência médica a um relâmpago que tivesse cremado uma pessoa.

- **Descargas Anómalas.** A literatura meteorológica sugere, no entanto, que existem tipos menos conhecidos de descargas atmosféricas que o poderiam fazer. Um desses mistérios ocorreu no vale de Hessdalen, no centro da Noruega. Aqui, entre 1981 e 1985, surgiram centenas de luzes estranhas no ar. Por vezes pairavam; outras vezes, aceleravam através deste pequeno vale a uns impressionantes 18 600 mph! Uma estação de investigação instalada para as sondar recolheu dados perplexivos. As orbes brilhantes não produziram linhas espetrais em película; um analisador de espetro registou sinais eletromagnéticos ocasionais com harmónicas de 80 MHz; um magnetógrafo detetou alterações no campo magnético local quando as luzes surgiam; feixes de laser direcionados para as esferas brilhantes provocaram alterações de comportamento nelas; e, de forma provocatória, por vezes o radar revelava a presença de alguma coisa invisível adicional a mover-se de formas comparáveis às luzes quando vistas, segundo o *Journal of Scientific Exploration* (1994). Embora não tenha qualquer relatório de alguém neste vale que tenha sucumbido à CHE, não posso deixar de me perguntar o que poderia resultar caso um norueguês se encontrasse na trajetória de uma destas magnetoeletroluminosidades invisíveis a correr em direção a ele a milhares de milhas por hora. Também há que considerar se O Fenómeno de Hessdalen, como foi batizado, está isolado neste único vale ou se pode estar a projetar-se invisivelmente em direção a outros locais noutras partes do mundo.

Outra consideração remonta a 1971, quando satélites em órbita detetaram explosões de luz aleatórias e breves, em forma de cone, descritas

como “semelhantes a polvos brilhantes amorfos” a disparar para a estratosfera a 80 000 mph. Não coincidiam com relâmpagos normais. Anunciou a *Nature* (20 de agosto de 1971): “Nenhum mecanismo aceitável foi ainda encontrado para explicar estes picos de dados anómalos”. Cerca de vinte anos mais tarde, cientistas da Universidade do Alasca conseguiram filmar estas enormes anomalias, agora chamadas “espectros vermelhos” (*red sprites*) e “jatos azuis” (*blue jets*). Em 1995, continuam sem explicação.

Poderia um destes clarões aberrantes explodir em direção ao solo e transformar alguém em pó desidratado? Dado que o mecanismo que os origina continua a ser um mistério, ninguém o pode afirmar.

Eis uma possibilidade assustadora. Tomlinson descreveu na *Philosophical Magazine* (1888) um fenómeno que chamarei de relâmpago branco (sem clarão), que matou várias pessoas e animais, mas que não foi visto por observadores próximos, embora tenha deixado provas inequívocas de uma descarga de alta corrente. Relâmpagos invisíveis atingem espetadores incautos e incineram-nos até à cinza, instantaneamente — incluindo a Sra. Wilber Finer, de cinquenta e cinco anos, de Dubuque, Iowa? Faleceu dois dias após ter sido encontrada na rua, no seu quintal, a 10 de setembro de 1969, com todo o cabelo e roupas queimados, sem qualquer vestígio de chamuscado em lado nenhum além de algumas lâminas de relva onde colapsou.

- **Micro-ondas.** As micro-ondas são ondas de rádio de comprimento de onda muito curto — entre 100 micrómetros e dezenas de centímetros. Além de figurarem com destaque num moderno eletrodoméstico de cozinha e na poluição eletromagnética em geral, são mais uma possibilidade para a CHE — particularmente desde que o pessoal médico caracterizou queimaduras humanas invulgares como sendo de natureza semelhante à das micro-ondas. As micro-ondas geram campos elétricos e magnéticos nos objetos em que tocam. As micro-ondas conseguem aquecer substâncias que contêm água, como a maioria dos cozinheiros americanos sabe. As micro-ondas também podem queimar. Um operador de radar da Califórnia sofreu um buraco do tamanho de uma moeda de 25 cêntimos que se formou por ação de micro-ondas no seu peito enquanto estava sentado na sua consola. Em Massachusetts,

praticantes de asa delta de Cape Cod sofreram queimaduras quando voaram inadvertidamente em frente a potentes unidades de radar Pave-Paw do governo dos EUA ali instaladas. O repórter da *Science News*, Dietrick Thomsen, chegou a discutir, em 1983, a capacidade de micro-ondas de alta potência para despedaçar átomos e moléculas sob o título "Zás! Ficou Desintegrado". Estava preocupado com a integridade dos circuitos informáticos expostos a uma potência de micro-ondas de um megawatt por centímetro quadrado, alcançável (ostensivamente) apenas por tecnologia complexa e dispendiosa. A minha preocupação reside, igualmente, nos átomos despedaçados no interior de operadores de radar e praticantes de asa delta. Pergunta: Poderiam breves surtos de micro-ondas ser gerados naturalmente com resultados semelhantes de queima corporal? G. I. Babat relatou para o *IEEE Journal* (1947) as suas experiências que mostravam que chamas elétricas podiam formar-se pela rutura de ar por micro-ondas. Cade e Davis reviram em *The Taming of the Thunderbolts* (1969) várias teorias que postulavam que o relâmpago globular poderia produzir ondas curtas de rádio, propondo depois uma consequência inquietante semelhante à minha para a dona de casa de Smethwick: "é possível que as vítimas sejam queimadas até à morte... dentro da sua pele... apenas pela ação do intenso campo de radiofrequência que, na ausência do seu corpo, teria formado uma bola de relâmpago naquele local".

Daí que uma variedade de descargas atmosféricas não associadas a trovões e relâmpagos possa marcar a sua existência efémera e inexplicada com a CHE.

- **Fogo do Céu.** Os céus libertam uma miríade de dilúvios estranhos com ramificações ígneas. Durante a tarde de 5 de janeiro de 1909, relatou o *The Los Angeles Times* (7 de janeiro de 1909), o ar eletrizou-se sobre Santa Cruz e depois precipitou uma "chuva derretida" de "pequenos glóbulos de metal em brasa" em redor de vários rapazes, um dos quais "exibia uma queimadura no seu dedo" após ter sido atingido. A 4 de julho de 1945, o que o governo espanhol chamou de uma "chuva de fogo" precipitou-se de céus limpos e incendiou espontaneamente roupas e paredes de gesso — especialmente as brancas — na cidade de Almería; uma série de anomalias térmicas tão estranha que o governo a documentou com

> um relatório do tamanho de um livro. E como explicarão os meteorologistas, perguntava Frank Edwards em *Strange World*, a tempestade de bolas de fogo sobre a Lapónia que "cremou" um homem em Parajaevarra no final de julho de 1938?

É tanto um charme como uma maldição do forteano que um mistério possa quase sempre ser invocado para explicar outro. O facto de, talvez, fogos e gotas de chuva derretidas vindos de céus sem nuvens poderem ensopar homens e materiais com consequências inflamáveis —

Chi, Kundalini, Tumo e Bioplasma

A tradição diz há muito que estas energias (1) estão em cada pessoa; (2) podem gerar um calor intenso muitas vezes comparado a uma conflagração interior; (3) podem afetar o sistema neuroelétrico; (4) comicham trancar o sistema muscular para impedir o movimento e a fuga; (5) podem produzir, por meios desconhecidos, um aroma rescendente anómalo; (6) podem criar *ignis lambens* (fenómenos luminosos) para dar a aparência de um corpo envolto em chamas; e (7) podem manifestar-se quer por vontade direcionada, quer espontaneamente, sem aviso prévio.

A ciência moderna (dura) começou a fundamentar as tradições suaves (subjetivas) relativamente à presença destas energias no interior do corpo humano. Energias que possuem um coeficiente térmico. Sendo internas e biológicas, o *chi* e a *Kundalini* podem resolver o problema "ardente" do isolamento do fogo: a razão pela qual os humanos ardem enquanto outros materiais mais facilmente combustíveis escapam tantas vezes incólumes. A propensão da *Kundalini* para se desenrolar e ativar como uma componente da consciência, particularmente durante o relaxamento ou o sono, enquadra-se na observação de que muitas pessoas pareciam estar neste estado de espírito mesmo antes da imolação. O número de experiências de *Kundalini* totalmente desenvolvidas é bastante reduzido, estima Gene Kieffer; daí a raridade do fenómeno.

Itzhak Bentov propôs-me, pouco antes da sua morte prematura, que a *Kundalini* poderia ser ativada externamente devido a uma vibração ambiental intensa a atuar sobre as células do corpo. Favorecia a energia eletromagnética como o estímulo que poderia excitar a *Kundalini*, e outras funções biológicas, ao ponto de criar uma hiper-hipertermia numa pessoa. Naturalmente, um tal processo seria invisível para qualquer observador,

bem como para o próprio sujeito. Apenas este último se aperceberia de que algo estava errado, a menos que a interação seja tão rápida que não haja tempo para o cérebro reagir com dor ou susto.

Além disso, tenho o testemunho em primeira mão do famoso praticante de *Kundalini* Gopi Krishna, que afirmou que esta energia transformadora é perfeitamente capaz de reduzir um ser humano a cinzas num processo evolutivo que ocasionalmente falha. Leio literalmente a declaração de Gopi Krishna na *DILIP* (setembro–outubro de 1975) de que "a Kundalini fornece a única solução para os problemas mais ardentes da atualidade". Não que a *Kundalini* seja a única resposta para a CHE; mas, como probabilidade, é uma resposta muito promissora!

O ser humano estende-se além dos limites imediatamente visíveis da sua carne. As tradições relativas a energias áuricas dentro e em redor dos humanos foram agora parcialmente quantificadas por cientistas de vanguarda. A técnica fotográfica pioneira do soviético Semyon Kirlian mostrou alterações dramáticas na intensidade e no padrão de energias de outro modo invisíveis em redor das pessoas, energias modificáveis por alterações na consciência; energias cuja alteração de cor pode alertar para uma doença latente. A tradição diz que a cor do *chi* é azul. O Dr. Joseph Pizzo, da Universidade de Lamar, tirou uma fotografia Kirlian de 25 000 volts e 7,7 kHz do seu rosto, revelando que os pontos de acupuntura emitem uma luz azul brilhante. Comparável ao brilhante "fogo" azul-elétrico relatado para a maioria das CHE testemunhadas.

Em 1979, participei numa experiência notável concebida pelo engenheiro de eletrónica britânico Trevor Stockhill. Utilizando equipamento de vídeo modificado concebido para registar energias ultravioletas e infravermelhas, mas não frequências de luz visível, focou a sua câmara numa sala completamente às escuras numa mulher que estava a ser tratada pelo famoso curandeiro brasileiro Alberto Aguas. A reprodução da fita de vídeo revelou impressionantes coruscações de luz com as cores do arco-íris a fluir em redor e através dela, luz invisível ao olho humano mesmo numa sala bem iluminada.

E numa investigação que abrangeu décadas, o Dr. Harold Saxon Burr, da Faculdade de Medicina da Universidade de Yale, documentou em *The Fields of Life* (1972) como os "campos de força eletrodinâmicos nos organismos mudam de intensidade e polaridade em resposta a eventos

internos (biológicos) e externos (cosmológicos)" — eventos que denominou Perfis de Campo. Quando estes complexos jogos de energias humanas normalmente invisíveis e perfis de campo ficam catastroficamente perturbados, poderá resultar a CHE?

Medicina Veterinária

Os opositores da CHE argumentam que, se a combustão espontânea ocorresse em humanos, teria também de ocorrer em animais; como não existem relatórios destes últimos, logo a primeira não acontece. A lógica é especiosa. Além disso, a combustão paranormal não se restringe aos seres humanos, como alguns casos de CEA (Combustão Espontânea Animal) já provaram. Eis outros.

- Em novembro de 1986, no Anmer Lodge em Londres, um "estrondo terrível" e um clarão de "chamas azuis" no interior do felino Peppi, que dormitava, projetaram-no a "vários pés" de altura — uma "acumulação de estática no pelo do gato", foi dito. (Ah, a sério?) Durante os assustadores fogos *poltergeist* que afligiram a quinta de Robert Dawson na minúscula Ilha Thorah, no Lago Simcoe, a norte de Toronto, Canadá, durante novembro e dezembro de 1891, o gatinho dos Dawson acendeu-se espontaneamente; tal como um vestido que estava a ser usado por Jennie Bramwell, a filha adotiva de Dawson. (Uma CHE que falhou por pouco?)

- O naturalista Ivan Sanderson descobriu uma vez, nos bosques remotos da Virgínia Ocidental, um grande gambá — com a sua metade traseira "literalmente queimada até ficar crocante, de modo que tudo o que restava da carne era uma cinza negra através da qual os ossos se mostravam", escreveu em *Investigating the Unexplained* (1972). Carrington falou de um gatinho morto há uma hora que deixou "um contorno distinto" de si próprio queimado num tapete... e deixando para trás um caso, talvez, de fogo pós-morte em felinos —

- Nos meus ficheiros de casos europeus, encontra-se uma ocorrência de tartarugas que explodem — o resultado de uma dieta inadequada que produziu uma superabundância de gases digestivos. E da Hungria chega esta nova ameaça ao homem: aves que explodem. Cerca de cinquenta corvos "pantufaram-se com arroz atirado a um par de recém-casados em Cegléd. Alguns dos corvos

explodiram em seguida", referia o *The Lawyers Weekly*, "aparentemente sujando as roupas dos convidados do casamento com as suas entranhas aviárias". Demasiado tarde para este grupo de casamento, o zoólogo László Urganslai alertou contra o ato de atirar arroz porque este se expande rapidamente dentro das aves e "não só... é uma ameaça para a vida selvagem, como as aves explodem tão violentamente que as partes dos seus corpos que voam podem ser perigosas para os humanos". Ugh —

- E que os comensais não se esqueçam da *escargot* explosiva que rebentou na cara de Karen J. Prouty enquanto esta celebrava o seu trigésimo sexto aniversário a 26 de fevereiro de 1988: os caracóis sibilantes escaldararam-lhe o rosto, cegando-a durante noventa minutos. O proprietário do Pascale's Wine Bar & Restaurant, de três estrelas, em Syracuse, Nova Iorque, temeu a ruína; em vez disso, relatou o *Times Union* de Albany (28 de fevereiro de 1988), descobriu que "isto definitivamente aumentou a nossa reputação nacional". Quanto à Sra. Prouty, admitiu gostar do sabor de *escargot*, mas ficaria "hesitante em pedi-la novamente".

Pode a CEA atingir animais de maior porte? Sim, se se recordarem do golden retriever com a barriga a jorrar chamas de Jarrow, Inglaterra. Sim, se aceitarem uma história contada a Randles e Hough por Raymond Reed, membro dos Royal Welsh Fusiliers durante a Segunda Guerra Mundial. Reed falou da noite em que estava em patrulha ao longo da linha costeira de Weymouth, quando um fogo brilhante irrompeu subitamente a cerca de trezentos pés de distância num campo aberto. A sua patrulha de três homens aproximou-se cautelosamente, para descobrir uma ovelha em chamas, com chamas azuis a brotar da zona do seu estômago. "Ficámos absolutamente estupefactos. A ovelha era um animal grande", disse Reed, "de forma alguma decomposto, de facto com um aspeto bastante fresco. Penso que estava morta, mas não posso ter a certeza. Extinguimos o fogo atirando terra e torrões para cima dela".

* Nota: Todas as temperaturas em Fahrenheit (°F) e unidades de medida foram estritamente mantidas de acordo com o texto original em língua inglesa.

As formas de a vida se voltar contra si própria parecem, de facto, infinitas. Tal como são as potenciais pistas para estas combustões inexplicáveis, e os próprios casos.

Nova Química, Física de Partículas, Cosmologia, Física Etérica

As maravilhas da CHE — e da CEA também — exigem considerações que vão além do convencional. Talvez muito além! Num universo que a física moderna considera cada vez mais incerto, as possibilidades são ilimitadas.

(Neste preciso momento, a ciência anuncia um universo que diz ser demasiado jovem, que se move na direção errada e que é cruzado por correntes intergalácticas até agora insuspeitadas, que arrastam mundos para quem sabe onde).

Descobertas inesperadas aguardam-nos.

Um acidente de laboratório no Instituto de Problemas Físico-Químicos da Universidade Estatal da Bielorrússia (Minsk) levou recentemente à descoberta imprevista de um estado de combustão até então considerado impossível: o fogo líquido. O cientista do projeto, A. I. Lesnikovich, descreveu-o como um esferoide vermelho-escuro que pulsava enquanto ardia. "Este é, sem dúvida, um novo tipo de combustão", disse Jan Puszynski, da Universidade do Estado de Nova Iorque (Buffalo), à *Industrial Chemist* (janeiro de 1987) sobre este fogo que é (quase) todo ele húmido.

Poderá a natureza criar o seu próprio fogo líquido, talvez ao longo de linhas aéreas invisíveis (*aerleynes*) no céu acima de nós, que depois chova sobre a terra e, ocasionalmente, sobre um ser humano incauto?

O estado de energia que o cientista de investigação Wilhelm Reich chamou de "orgone" pode (se aceitarmos o seu trabalho experimental) acumular-se dentro e em redor de um corpo, descarregando-se com uma luminescência azul brilhante. Mais uma pista, talvez, para interações inovadoras que terminam em CHE?

Investigações recentes que recorrem a simulações em supercomputadores deram origem àquilo que a revista tecnológica *Research & Development* (outubro de 1992) chamou de "Nova Química". Estudos de Uzi Landman e dos seus associados na Escola de Física do Instituto de Tecnologia da Geórgia demonstram que, durante colisões à escala nanométrica (realmente minúsculas!) de aglomerados atómicos com superfícies sólidas, se podem produzir pressões vastas e temperaturas tão elevadas como 7000°F.

"Temos muito pouco conhecimento sobre a química sob estas condições extremas", afirmou Landman. "Compostos que podem não se formar sob condições normais podem ser produzidos nestas circunstâncias".

Penso de volta nas teorias da física quântica e da química quente que eu tinha explorado pela primeira vez meados da década de 1970. Landman explicou o que acontece nas suas experiências de colisão microscópica com esta metáfora: "É como uma colisão de vários carros na autoestrada, onde um carro para abruptamente e os carros atrás dele batem contra ele e uns contra os outros. Num tal engarrafamento por onda de choque, os átomos da frente não só param, como também recuam para comprimir o aglomerado num volume muito pequeno, numa questão de picossegundos [biliões de segundo]". A tremenda energia libertada por esta compressão ultrarrápida é suficiente para despedaçar ligações químicas e alterar outras propriedades atómicas do material atingido. "A maior parte das nossas teorias analíticas e do conhecimento da termodinâmica de equilíbrio são inválidos sob essas condições", admite Landman.

A sua admissão sugere-me uma porta teórica subatómica/química escancarada através da qual, por exemplo, um neutrino pode acelerar para desencadear no interior de uma pessoa ou, digamos, de uma ovelha ao longo da costa de Weymouth, uma reação em cadeia de iões superaquecidos instantâneos que se desintegram num clarão de luz azul e fogo vaporizantes. Existirá alguma prova de que este mecanismo não exista desde o nascimento deste universo, aguardando que Landman e os seus colegas o descobrissem na década de 1990?

O horizonte mais distante no estudo da CHE seria descobrir uma nova força na natureza que penetre em tudo, incomensurável pela tecnologia atual. A CHE clássica e a teoria quântica combinam-se para revelar uma

força deste género: um subátomo rebelde de poder tremendo, capaz de desmontar instantaneamente um corpo para deixar no seu rasto cinzas desidratadas.

Este pirotrão incompreensivelmente pequeno encaixa-se perfeitamente nos quarto e quinto lados — reação molecular em cadeia e eletrólise por radicais livres — do Pentágono do Fogo. E se os físicos aceitarem as provas da presença do pirotrão, enfrentarão uma convulsão mais fundamental do que a revolução inspirada pelo neutrino. Admitir a existência do pirotrão exigirá que as ideias atuais sobre a evolução do universo sejam radicalmente repensadas, se não mesmo totalmente descartadas. E o energético e etéreo pequeno pirotrão pode ajudar a resolver um dos maiores enigmas da cosmogonia: a constituição, e o paradeiro, da matéria (escura) em falta no universo. (Isso sim é um impacto profundo!)

Relatos recorrentes de crânios intactos mas encolhidos na sequência de CHE de baixo calor indiciam forças ainda não integradas na Teoria da Grande Unificação da ciência... forças que poderiam hiperacelerar o movimento atómico e efetivamente condensar a matéria. Alguns teóricos têm vindo a conceber uma nova visão do mundo da Realidade além da entropia (além da disentropia também) baseada em eletrões suaves, ondas escalares e energia de hipecampo ortorrodado, éteres químicos, eletrónica cósmica, energia orgone — que irradia como luz azul para aqueles que a conseguem ver, dizem-me o investigador Ron Mangravite e outros — e outras formulações de vanguarda que ameaçam os paradigmas atuais.

Por exemplo, o Dr. Michael Baran Anteski teorizou em *Aura Paradigm* (1988) a existência de um éter/aura cósmico que permeia toda a matéria; a sua "ressonância direcionada pela massa de partículas subatómicas emitidas pode explicar... a CHE como um processo subatómico que envolve uma aceleração de uma forma natural de energia". Ele extrapola — creio que corretamente para alguns casos de combustão espontânea anómala — que "a própria massa atómica está a ser consumida na CHE".

Buracos negros como distorções temporais; o hiperespaço e as supercordas cósmicas; taquiões mais rápidos que a luz que "interagem com partículas comuns", reflete o físico Gerald Feinberg; teorias de variáveis ocultas; teorias de mente única e de mentes múltiplas; superveniência;

teorias de universos paralelos, múltiplos e holográficos; a perceção de que o "microcosmo" e o "macrocosmo" são, cada vez mais, o mesmo assunto. Já não estamos no Kansas, Toto. Ou estaremos? (Uma coisa é certa: estamos agora bastante além da formação profissional dos bombeiros, dos agentes da polícia e dos profissionais médicos — as três profissões com maior probabilidade de se depararem cara a cara com um caso de CHE).

Neste reino de possibilidades extremas, partículas virtuais surgem continuamente do vazio quântico de um universo subatómico; os eletrões saltam níveis de energia dentro dos seus átomos sem realmente cruzarem as distâncias entre as órbitas. Pares de fotões estão ligados de forma acausal, como provado em experiências por John Bell e Alain Aspect; isto é, alterar a polarização de um fotão pode mudar o seu companheiro do outro lado do universo. A teoria do caos permite que uma minúscula perturbação se torne enormemente amplificada e aleatória, tal como um pequeno ruído pode lançar bandos de aves guinchantes a partir de poleiros calmos. Nenhuma coisa está isolada; já nada está separado.

Onde poderá a combustão espontânea surgir nesta teia cósmica da superfísica? Em bens materiais? Em animais? Em humanos? Em estrelas? A mudança de polaridade de um fotão nas Plêiades poderia, teoricamente, desencadear uma vibração caótica nas entranhas de um folião nas ruas do Mardi Gras ou no antebraço de um caixeiro-viajante que dorme. O karma da vida paralela de alguém pode sobrepor-se à expressão de uma outra vida, de modo que a perseguição pelo fogo numa estrutura de vida se contraponha a uma perseguição pelo fogo noutra estrutura de vida. E nenhum bombeiro e nenhum físico, a menos que possuísse a omnisciência, poderia alguma vez saber que esta seria a resposta para o "Como?" em qualquer episódio específico de combustão anómala.

Talvez o Professor William A. Tiller, Ph.D., presidente do Departamento de Ciência e Engenharia de Materiais da Universidade de Stanford, estivesse no bom caminho quando comparou o corpo humano a "uma matriz de antenas multidimensionais" com "o par endócrino-chakra como transdutores de energia entre a dimensão física e outras dimensões do universo". Mais inter-relações.

Lynn Volpe conta uma experiência de infância de uma amiga, Lydia Stalmaker: "Em criança, ela relatou ter visto uma coluna de fogo azul no meio da sala de estar. Não estava quente. E não houve danos". Terá Lydia

visto uma descarga telúrica na sua casa; um tubo de luz como aquele que imobilizou Betty Connell e o seu amigo em 1971; ou outra coisa qualquer, talvez um portal para outra dimensão que a teria levado num surto de energia de buraco de verme, para nunca mais ser vista, caso estivesse mais perto dele? Não se pode afirmar, resta apenas imaginar. E ponderar.

Se a Nova Física estiver (por enquanto) certa, a imprevisibilidade de um universo quântico oferece pouca segurança. E uma grande incerteza.

Por último, não se deve ignorar a outra dimensionalidade que parece fundamentar os pirofenómenos. Isto inclui os chamados elementais do fogo, duendes do fogo e a hoste de outros nomes para o Espírito do Fogo que as tradições esotéricas dizem, há milénios, sustentar as chamas brilhantes que acendem as nossas fogueiras de acampamento, aquecem as nossas habitações e aquecem — por vezes incineram — o corpo humano. Concordo com o paragnosta e sobrevivente de CHE Peter Calhoun quando afirma: "Sinto que o que acontece aqui é que o fogo físico é, no seu nível mais baixo, a manifestação de uma força elemental encontrada em todos os níveis. Os antigos tinham mais conhecimento sobre isto do que nós hoje. Sinto que estamos prestes a redescobrir este conhecimento — e é bom que estejamos preparados para ele". Com o tempo, as respostas para a CHE bem podem ser encontradas aqui também, embora a ciência, tal como a conheço hoje, aguarde avanços astronómicos na tecnologia — e no sistema de crenças — antes que esta presença do "fogo por trás do fogo", como Calhoun lhe chama, possa ser quantificada.

Estabelecer a relação entre este pensamento de vanguarda e a(s) força(s) subjacente(s) à CHE está além do âmbito deste livro. Mas, como observa um cientista de fronteira, Trevor James Constable, no seu livro *The Cosmic Pulse of Life* (1976): "Cada ser humano é portador, ao nível subconsciente, de uma variedade de poderes que transcendem o conhecimento científico atual". Um dia, alguém encontrará nesses poderes a chave que poderá desvendar os mistérios da CHE.

Seguros e Serviços Humanos

O Serviço de Engenharia e Segurança da Associação Americana de Seguros (*American Insurance Association Engineering and Safety Service* - AIAESS) escreve que o fenómeno da ignição espontânea "é complexo,

sendo afetado por uma variedade de mecanismos e fatores". A AIAESS não tinha a CHE em mente, mas a sua declaração é, ainda assim, aplicável.

Como trataria, se fosse um prestador de cuidados de saúde, o trauma físico e psicológico de um paciente afetado uma ou repetidas vezes por chamas para as quais ainda não existe um mecanismo provado? Saberia sequer o que procurar? Ou ficaria, tal como os primeiros prestadores de cuidados de Jack Angel, boquiaberto, a ponderar sobre o que tinha acontecido em vez de iniciar um regime de cura adequado?

"Acho extremamente interessante!", disse o Dr. Donald (Michael) Slate, quando lhe perguntei sobre a combustão humana espontânea em janeiro de 1995. "Que eu saiba, ninguém alguma vez mencionou isso na escola. Nunca nas faculdades de medicina". Achava ele, um patologista residente no Buffalo General Hospital e licenciado pela Faculdade de Medicina da Universidade de Buffalo, que seria uma boa ideia as faculdades de medicina começarem a ensinar os médicos sobre a CHE? "Como eles tentam espremer tanta coisa em quatro anos, provavelmente não", respondeu. "Provavelmente numa formação especializada, como a medicina forense, seria melhor. Mas também não ouvi dizer que seja ensinado aí". O Dr. Slate queria saber mais sobre a CHE. Espero que a Associação Médica Americana responda de forma semelhante agora, porque há duas décadas a AMA ignorou o meu pedido de informações sobre lesões por queimaduras anómalas.

Emitiria o leitor, se fosse segurador, uma apólice de saúde para Peter Jones, que se incendiou espontaneamente duas vezes? Emitiria um seguro de propriedade para Blyth, em Inglaterra, ou San Gottardo, em Itália? — esta última sob o cerco de incêndios misteriosos que começaram a 14 de fevereiro de 1990 e continuaram durante meses até que jornais que estavam a ser lidos, automóveis, uma cadeira de rodas aos pés do seu proprietário, botas de esqui, uma máquina de barbear elétrica nas mãos do presidente da câmara da cidade, móveis e eletrodomésticos se incendiaram enigmaticamente para mais de um terço dos quinhentos residentes da localidade (alguns dos quais sofreram também inflamações súbitas na pele). Como tomador de seguros, conseguiria suportar os prémios se estes incêndios invulgares fossem calculados com base em probabilidades nas avaliações de risco dos seguradores?*

Interessante é a resposta (ou a falta dela) a um questionário sobre fogos anómalos que enviei a todos os gabinetes de comissários de incêndio estatais na América e às principais companhias de seguros de acidentes. Apenas três comissários de incêndio responderam. Dois descartaram qualquer combustão espontânea que não fosse do tipo feno húmido ou pano oleoso. James McMullen, Comissário de Incêndios do Estado da Califórnia e (na altura) presidente da Associação Nacional de Comissários de Incêndio Estatais, enviou amavelmente uma reimpressão do artigo de Allen Eckert na *True*, acrescentando: "Pessoalmente, não conheço quaisquer casos documentados do tipo de queimadura que está a abordar". Justo.

Nenhuma companhia de seguros respondeu... embora uma delas — a *The Travelers* — tivesse liquidado uma indemnização por vinte e oito incêndios misteriosos que, ao longo de quinze horas, queimaram espontaneamente o interior de um livro, um calendário de parede, etc., na casa dos Hackler em Odin, Indiana, em 1941; e depois publicitou o incidente (e a pronta liquidação dos danos por parte da empresa) na revista *Collier's*!†

Promotores imobiliários e responsáveis pelo planeamento urbano poderiam igualmente desejar saber mais sobre a CHE. Finalmente, os bombeiros — esses bravos profissionais que salvaguardam a sociedade do perigo dos incêndios convencionais — gostariam certamente de saber mais sobre o lado não convencional da sua vocação. O ferimento, a morte e a destruição por fogo não diferenciam o normal do paranormal.

Consciência e Evolução

Emoções, atitudes e a consciência têm desempenhado repetidamente um papel na geração de bioenergia inflamável. Permitam-me simplesmente concordar com o professor de psiquiatria da Universidade de Yale, o Dr. Morton F. Reiser, cujo livro *Mind, Brain, Body* (1984) documentou que as distinções entre mente e corpo são simplesmente "desprovidas de significado e desatualizadas...".

Provocadores de fogo humanos demonstraram uma forma pela qual a consciência influencia o ambiente de alguém, ao atearem fogos fora de si próprios. Poderá haver instâncias em que os humanos que invocam o fogo vejam as suas invocações virarem-se contra si, queimando-se a si próprios?

“Eu conheço este calor!”, exclamou Lynn Volpe, meditadora e investigadora de fenómenos biofísicos, comentando sobre o potencial térmico do *tumo*. “Pode ser causado por telepatia emocional transmitida através do chakra do coração”. Transmitido internamente ou, talvez, exteriorizado em direção a outrem. Provocadores de fogo humanos que invocam o fogo...

A Professora Beverly Rubik, Ph.D., diretora do Centro de Ciências de Fronteira da Universidade de Temple, partilhou comigo em 1991 um exemplo gráfico de como as crenças-pensamentos podem afetar a realidade física. Um grupo de pessoas, de olhos bem fechados, recebeu instruções para caminhar sobre um leito de brasas quentes. Na verdade, avançaram, sem o saberem, sobre uma cama de cereal de granola frio. “Alguns ficaram com bolhas nos pés — em cima de granola!”, disse a Prof.ª Rubik, perplexa mas impressionada com as consequências de uma construção de realidade totalmente imaginada. Ilusória para ela, real na imagem mental daqueles que caminhavam. Um dos resultados do exercício? Combustão humana espontânea. Testemunhada. E sobrevivido.

Provocadores de fogo humanos que invocam o fogo... O *Kretzer’s Lightning Record* (1895) registou que, no ano anterior, um pregador de fogo e enxofre do Arkansas em Walnut Ridge tinha suplicado aos céus que enviassem um sinal que a sua congregação recordasse: a meio da frase, um raio fez explodir uma árvore próxima e deixou muitos dos presentes sem sentidos. A natureza tem os seus quase-impactos.

Os cidadãos de Wiltshire, em Inglaterra, ergueram um monumento para comemorar o dia em que uma mulher de Devizes, julgada por pequenos crimes, invocou os céus para que a derrubassem na praça da cidade se estivesse culpada. Momentos depois, os céus fizeram aparente justiça quando um raio a executou no local.

A 12 de julho de 1912, Elijah Howard troçou do medo da sua família face a uma trovoada que se aproximava de McKean County, na Pensilvânia: “A única coisa que me assusta nos relâmpagos é ter medo de que não me atinjam”. Pouco tempo depois, o fogo do céu atingiu a sua carroça e matou-o instantaneamente, embora nenhum outro membro da família que viajava na carroça tenha sofrido ferimentos.

E de acordo com o livro de Hoose e Naifeh, *True & Tacky: More Weird Stories from the World's Newswires* (1992), o advogado do Louisiana N. Graves Thomas levantou-se num barco e gritou desafiadoramente "Aqui estou eu!" para uma trovoada que estalava ao seu redor. Momentos depois, um raio fritou-o instantaneamente até à morte em frente a quatro companheiros chocados. A natureza tem os seus impactos diretos.

Depois, claro, há Joe Nuzum e Peter Calhoun — Coincidências incríveis? Ou poderão os pensamentos de alguém invocar um choque insuspeitado, mas solicitado, com resultados horríveis? Como a incineração de todo o corpo. Para aquela que é talvez a teoria definitiva sobre a CHE e a consciência, ver o próximo capítulo.

Salvaguardando-se Contra o Fogo Interior

o potencial térmico não aproveitado do corpo é tremendo — comparável talvez ao cérebro humano, cujo poder Einstein estimou estar entre 85 a 90 por cento por explorar. Deve, por isso, viver num medo constante de CHE? Seguramente que não. Para repetir: as probabilidades favorecem esmagadoramente que o leitor — que qualquer pessoa — nunca venha a ser selecionado para este destino flamejante. Ainda assim, algumas pessoas vencerão sempre as probabilidades. Nas palavras do lema da Semana de Prevenção de Incêndios de 1975-1976, poderá alguém "Aprender a Não Se Queimar" a si próprio? Poderá uma ecologia clínica minimizar a hipótese já de si reduzida de CHE? Sim, penso que sim.

Embora pareça impossível salvaguardar contra o impacto hipersónico de um pirotrão, o seu tamanho ultraminúsculo já lhe confere uma proteção incrível contra uma reação em cadeia subatómica interna. Para minimizar o risco minúsculo inerente a outras teorias, ofereço estas diretrizes.

Para se salvaguardar do fogo da terra, e de possíveis linhas de fogo (*fire-leynes*), consulte historiadores locais, folcloristas e corporações de bombeiros para saber se a área onde vive (ou planeia mudar-se) poderá ter uma propensão lendária para fenómenos incendiários anómalos, particularmente a combustibilidade humana.* Esteja preparado para uma resposta de troça ou mesmo irritada. Mas as conclusões poderiam recompensar a sua paciência e paz de espírito.

Para a *Kundalini* que se desenrola e ameaça fritar de dentro para fora, Gopi Krishna deu esta técnica ao *All India Institute of Medical Sciences* em 1975: "o remédio prescrito é aplicar uma camada de argila húmida sobre o corpo ou imergi-lo numa piscina de água até ao pescoço. Para o calor sentido no topo da cabeça ou no espaço entre as sobrancelhas, recomenda-se a fricção de pasta de sândalo". Este procedimento pressupõe que a *Kundalini* se move lentamente, dando tempo para aplicar estas contramedidas. O que nem sempre é o caso.

Uma outra abordagem é mais fiável. Conforme Gene Kieffer me escreveu: "A melhor salvaguarda contra os perigos associados à Kundalini é, obviamente, uma consciência limpa. Os iogues referem-se por vezes à 'purificação dos nadis', mas esta é simplesmente uma frase para descrever a necessidade de uma vida e pensamento corretos, etc.".

Eis, então, uma chave para se proteger contra a experiência improvável de CHE. Soa supremamente preferível a um tratamento mencionado no século dezanove pelo Dr. Edmund Sharkey, que transmitiu — sem endosso — esta cura para a CHE adotada por um Dr. Swediaur: "nada mais do que a administração de urina humana recentemente vertida". (Acho que não).

A "vida correta" incluiria refeições nutricionalmente equilibradas e a manutenção de um corpo forte e saudável, fatores que Gopi Krishna atribuiu à sua própria vitória sobre o fogo interior. Enquanto que três anos a subsistir com o menu diário do Dr. Bentley seriam suficientes para transtornar o corpo de qualquer um! Ou poderá querer tentar o que um contemporâneo de Pierre-Aimé Lair prescreveu como um preventivo alternativo para a autocombustão: consumir quantidades copiosas de leite. (Supera a urina, em qualquer dia!)

O "pensamento correto" abrangeria uma postura emocional saudável, desprovida de bloqueios emocionais profundos, raiva fervilhante de cabeça-quente, depressão melancólica ou desejos de morte suicidas que parecem comuns ao perfil psicológico de muitas vítimas de CHE. Quando se fala em ter uma "fúria fogosa", de espumar com um "temperamento ao rubro", de estar "tão zangado que quase me queimo!" — poderiam estes fatores, estas fúrias internas, psicobiologicamente desencadear a autocremação? Pressinto que sim.

Por exemplo, o Dr. Edward Sullivan disse-me que era um caldeirão de ira, desespero e desejo suicida na noite em que se deitou para dormir, um sono que incluiu um complexo "sonho" (demasiado complexo para detalhar aqui) que espelhava uma clássica experiência de quase-morte. Terá uma confluência destas complexas circunstâncias psicológicas combinado com o metafísico naquela noite fatídica para desencadear no seu corpo o fogo interior que tantas vezes mata, mas que em vez disso o poupou para tarefas ainda por realizar?

"Quando os fogos consomem mulheres velhas, será porque existem pensamentos de morte e de fogo do inferno?", ponderou Damon Knight na sua biografia de Charles Fort. "Se assim for, quando formos velhos, tenhamos o cuidado de ter apenas pensamentos agradáveis, limpos e benevolentes".

O pensamento correto parece, de facto, assegurar uma forma de imunidade ao fogo. Durante anos, o pensamento de Vernon "Komar" Craig permitiu-lhe deter o recorde mundial de caminhar sem ferimentos sobre brasas vivas a 1431°F (esse recorde pertence atualmente à caminhada sobre o fogo de Steve Bisyak a 1547°F). Mais de 150 000 pessoas, incluindo o autor, desafiaram igualmente o "impossível" ao caminhar sobre ou manusear o fogo com impunidade. Fazer isso é emocionante! Da mesma forma que tem sido emocionante para mim documentar a sua antítese — a queima interior catastrófica.

Sim, podemos aprender a não nos queimarmos! A história, de facto, oferece tantos casos de milagrosa imunidade humana ao fogo quantos oferece para a espetacular suscetibilidade humana à combustão. Existe uma circunstância, contudo, na qual a prevenção desta catástrofe poderá não ser desejada...

* Entre 1984 e 1986: mais de trinta incêndios espontâneos nos escritórios de Roma do INAIL confundem a polícia italiana; as chamas eclodem dentro de secretárias, armários, fotocopiadoras e cofres trancados. Quando os funcionários regressam aos seus gabinetes após as reparações efetuadas, os fogos bizarros recomeçam. "Não fazemos ideia do que está a acontecer", admite um porta-voz ao *Sunday Express* (20 de abril de 1986). "Somos um departamento de sinistros por acidentes de trabalho e estamos a receber mais do que a nossa conta". Junho de 1988: durante um mês, fogos repentinos e chuvas de pedras mistificam todos em Didiga, Chinna

Hyderabad e outras aldeias afetadas de Andhra Pradesh, no sudeste da Índia. O superintendente da polícia Venkatiah atesta os fenómenos, que incluem roupas molhadas a pegar fogo, mas "não consegue saber como estes incidentes ocorreram". Abril de 1994: um fogo misterioso aterroriza aldeões no sopé dos Himalaias, no oeste do Nepal. Dez casas são reduzidas a cinzas; por vezes, um incêndio extingue-se à vista de todos apenas para se deslocar para um telhado vizinho. "Ninguém sabe quem ou o que os causa", relata a agência noticiosa nepalesa RSS a 30 de abril, "mas os fogos continuam a eclodir no topo das casas em Manaparipur, no distrito de Bardiya".

† Em 1988, a *The Travelers* envolveu-se noutro mistério ardente. Entre março e agosto, autoridades de incêndio em Orland Hills, um subúrbio a sul de Chicago, documentaram vinte e seis eventos misteriosos distintos numa casa: névoas fumarentas... odores a enxofre... uma chama de uma polegada "sob pressão" a rugir de uma tomada elétrica para atingir um colchão a quase dois pés de distância. A família foi aconselhada a mudar-se e a empresa de engenharia contratada pela *The Travelers* nunca encontrou uma solução.

* Nota Geral: Todas as temperaturas em Fahrenheit (°F) e unidades de medida originais foram mantidas em conformidade com o texto em língua inglesa.

27
Fogo da Fénix:
Envolto nas Chamas da Ascensão

Os aborígenes afirmam que chegará o dia em que a Terra regressará ao tempo do sonho.... Se isto for verdade, os fogos evolutivos que começam a cintilar e a dançar através da nossa psique coletiva poderão ser o nosso sinal de despertar, a nota de trombeta informando-nos de que o nosso verdadeiro lar está algures noutro lugar e de que podemos regressar a ele, se assim o desejarmos.
—Michael Talbot, *The Holographic Universe* (1991)

O homem presume que pode — e que um dia conseguirá — compreender as leis da natureza e o funcionamento do universo. Até agora, contudo, cada sonda espacial, cada ampliação microscópica, cada caso de combustão humana espontânea (SHC)[1] revela mais mistérios do que respostas. O mundo parece destinado a permanecer sempre oculto de nós próprios, por nós próprios. Oculto até que uma centelha divina incendeie a mente rumo a uma consciência mais ampla e transcendente.

Embora o significado último da vida escape ainda à compreensão intelectual, o homem continua...

O Dr. Richard Maurice Bucke teve uma experiência dessa consciência inflamada. Descreveu-a na sua obra clássica *Cosmic Consciousness: A Study in the Evolution of the Human Mind* (1900):

De repente, sem qualquer aviso prévio, encontrei-me envolvido numa nuvem cor de chama. Durante um instante pensei em fogo, numa imensa conflagração... no instante seguinte percebi que o fogo estava dentro de mim.[2]

Logo depois, foi tomado por uma sensação de exultação e de imensa alegria, acompanhada — ou imediatamente seguida — por uma iluminação intelectual impossível de descrever.

Neste momento seminal da evolução humana e planetária, é provável que cada vez mais pessoas estejam (se é que já não estão) a experienciar um fogo interior e o seu potencial para um movimento acelerado rumo a uma consciência mais holística. Tal como aconteceu com Bucke, a promessa desse fogo deve ser acolhida em vez de temida; o seu dom, encarado como bênção e não como horror. Na verdade, o medo poderá ser a diferença entre a elevação espiritual e a fatalidade.

No entanto, o processo do fogo divino interior poderá nem sequer terminar aqui. Tradições ancestrais falam da superação da roda da vida na Terra; do aperfeiçoamento do espírito e da recompensa de um corpo mais leve, mais brilhante e não corpóreo.

Consideremos Radha, santa hindu do século XV, cujos momentos finais foram relatados pelo investigador John White em "Divine Fire: A Little-Known Psychic Power", publicado na *Venture Inward* (1990). Para espanto daqueles que a rodeavam, Radha anunciou humildemente a sua

morte. Depois caminhou uma curta distância e, para a eterna perplexidade dos presentes, explodiu numa bola de fogo luminoso, deixando apenas um pequeno monte de cinzas no lugar onde estivera.

Consideremos também o santo do século XX, Sadhu Singh. O *San Francisco Chronicle* (17 de Dezembro de 1970) noticiou que este venerado hindu, com 114 anos, se encontrava sentado na posição de lótus sobre uma esteira de palha em Ganjudwara, Índia. Um jovem discípulo aproximou-se do mestre e descobriu-o envolto numa chama azul-esverdeada "semelhante à de uma vela", que se tornava cada vez maior à medida que irradiava da zona do plexo solar. (Uma chama semelhante na cor às observadas no corpo da Sra. Ginette Kazmirczak em 1977?)

Outros discípulos, maravilhados, reuniram-se para testemunhar o fenómeno. Em breve, até polícias se juntaram aos curiosos, contemplando a estranha ocorrência. Ninguém tentou extinguir o fogo — provavelmente porque Singh permanecia sentado numa serenidade absoluta, o rosto irradiando luz e paz, enquanto o corpo brilhante libertava um "agradável aroma" que se espalhava pelo pátio.

Durante seis horas Sadhu Singh ardeu. Ardeu a si próprio: de dentro para fora.

Quando tudo terminou, segundo o *Chronicle*, até os seus órgãos haviam sido reduzidos "a cinzas".

Pode interpretar isto como quiser.

Desde o momento em que ouvi falar deste incidente, senti que Sadhu Singh, considerado espiritualmente muito evoluído, escolhera este modo puro e simples (sem trocadilho) de abandonar um corpo no qual a sua consciência já não desejava — ou já não podia — permanecer. Não querendo impor aos seguidores o fardo de sepultar o seu corpo, utilizou deliberadamente e em plena consciência a energia interior para alcançar a cremação espontânea.

Desde então, encontrei apoio para esta interpretação da transição física através da combustão humana espontânea em diversas fontes.

Primeiro: no livro *Living with the Himalayan Master*, o iogue Swami Rama fala de antigas técnicas de *mahasamadhi*, termo que significa literalmente "abandonar o corpo". Ou seja, a morte pode ser induzida

voluntariamente e de forma consciente. Swami Rama aprendeu nos Himalaias que estas técnicas ainda hoje são praticadas e podem conduzir a uma morte metódica, indolor e consciente. São aqueles que carecem de *mahasamadhi* que aceitam os métodos normais de morrer.

Swami Rama descreveu então um "modo muito raro" de abandonar o corpo:

Meditando sobre o plexo solar, a verdadeira chama interna do fogo queima o corpo numa fracção de segundo e tudo é reduzido a cinzas.

Soa familiar?

Segundo ele, esta técnica teria sido ensinada há muito tempo por Yama, o rei da morte, ao seu discípulo Nachiketa, no *Kathopanishad*.[3]

(Interrogo-me se Nachiketa estará entre as mortes por SHC perdidas nas sombras do passado remoto.)

"Em todo o mundo", continuou Swami Rama, "ouvem-se relatos de combustão espontânea e as pessoas interrogam-se sobre tais ocorrências. Mas escrituras antigas como o *Mahakala Nidhi* explicam este método sistematicamente."

O poder por detrás da SHC seria, portanto, simultaneamente consciência e energia. Saber mover essa energia para afetar a termogénese pode aquecer o corpo (*tumo*) ou, se desejado, incinerá-lo (*SHC*).

Segundo: em *The Forge and the Crucible*, o académico Mircea Eliade explorou a alquimia do fogo e os indivíduos que, segundo os mitos, seriam capazes de controlar o fogo e gerar conscientemente combustão interna.

"Em termos teóricos", observou ele, "produzir fogo no próprio corpo... significa alcançar um estado superior à condição humana."

Sustento que tal "mestria" não é apenas teórica, mas real; prática. Os seres humanos já demonstraram repetidamente a capacidade não apenas de gerar calor corporal aumentado (*tumo*), mas também de acender fogo verdadeiro fora e dentro de si mesmos.

Terceiro: numa conversa com Ram Dass, conhecido defensor do potencial humano e da espiritualidade nas décadas de 1970 e 1980, ouvi falar de um antigo conceito tântrico chamado *bardo*.

No momento da morte, explicou Ram Dass, as energias masculina e feminina separam-se no corpo; a masculina desloca-se para a cabeça e a feminina para os órgãos genitais. Depois precipitam-se para se recombinarem, chocando-se "num clarão cataclísmico semelhante à energia nuclear — e então obtém-se a Luz Branca".

Poderá este momento de *bardo* corresponder aos brilhantes clarões associados a alguns relatos de SHC?

Quarto: em *The Urantia Book* — um vasto e controverso tomo alegadamente canalizado psiquicamente, que constrói uma história revisionista detalhada da vida na Terra e além dela — fala-se do "clarão de translação" que ocorre quando seres humanos evolutivamente avançados transcendem o mundo natural.

Essa "fusão" com uma divindade superior obliteraria o corpo físico numa "glória flamejante de fogo consumidor", a qual, explica *Urantia*, seria isolada por "personalidades celestiais intervenientes", de modo a que nada mais fosse destruído por esse "clarão vital", que poderia ser "quase instantâneo".

A SHC não é mencionada explicitamente, mas *Urantia* descreve com perfeição a clássica combustão humana espontânea. Pode também estar a explicar com igual precisão por que motivo os materiais circundantes — incluindo roupas e lençóis — escapam à destruição causada pela cremação corporal interna.

Quinto: na Bíblia cristã, Hebreus 11:5 relata o momento final da vida de Enoque, servo do Senhor:

Pela fé Enoque foi trasladado para não ver a morte; e não foi encontrado, porque Deus o trasladara; pois antes da sua trasladação recebera testemunho de que agradara a Deus.

O texto diferencia morte de trasladação; os processos não são idênticos, embora Enoque claramente já não permaneça no corpo. Enoque agradou a Deus; isto é, atingiu um estado espiritual superior. Por essa mestria, é especialmente recompensado.

Como?

Será "trasladação" um eufemismo para o processo descrito por Swami Rama, por Eliade ou por *Urantia*?

Segundo estes relatos, então, a SHC não seria um fenómeno a temer, repudiar ou evitar patologicamente, mas antes um testemunho de que a pessoa alcançou espiritualidade ascensa. A SHC seria um meio — uma das portas — através do qual o homem é libertado do físico para entrar noutra das "muitas moradas" do universo.

A pessoa santa, através do fogo santo interior, torna-se ainda mais santa.

Teria sido isto que Sadhu Singh alcançara aos 114 anos? Teria aperfeiçoado o espírito ao ponto de já não poder permanecer limitado pela matéria física, decidindo conscientemente autocremar o corpo para não se tornar um peso para os discípulos após a sua partida?

(Para se qualificar para esta forma de ascensão, não é necessário ser um asceta num distante pico dos Himalaias. No domínio do espírito não se pode julgar a condição de uma pessoa pelas aparências exteriores; o vagabundo humilde, a jovem criada pobre, o bombeiro reformado que trabalhou honestamente e amou a família podem ser tão dignos do fogo da fénix quanto o celebrado guru espiritual — talvez até mais.)

Se esta teoria do fogo da fénix tiver mérito, então a SHC fala tanto de espiritualidade quanto de ciência, através dos desafios que coloca. Poderá indicar que a pessoa consumida se tornou tão evoluída em consciência que autonomamente deve transformar-se na fénix... para renascer das cinzas de um fogo evolutivo natural gerado por uma consciência transmutada e concretizar o antigo sonho alquímico do *homo faber*, aquilo a que Eliade chama "colaboração no aperfeiçoamento da matéria enquanto simultaneamente assegura a perfeição para si próprio".

É um objetivo que muitos se alegrariam por alcançar.

UMA RELÍQUIA DE SHC PERFEITA PRESERVADA?

Esta última consideração sobre a SHC levanta uma fascinante hipótese paralela: o Sudário de Turim.

Este sudário de linho, historicamente rastreável até meados do século XIV e preservado desde 1578 na Catedral de São João Baptista, em Turim, Itália, é um pano de aproximadamente 1,10 m por 4,34 m que apresenta a imagem em negativo de um homem crucificado.

A sua própria existência provoca consternação e controvérsia entre teólogos e cientistas.

Alguns afirmam tratar-se de uma falsificação medieval pintada (apesar da representação invertida, anatomicamente correta, em branco sobre negro). Joe Nickell defende uma "técnica de fricção" utilizando óxido de ferro como explicação aceitável e não sobrenatural para o Sudário.

Outros defendem a hipótese de vapores de fluidos aromáticos de embalsamamento.

Nicholas Allen, fotógrafo sul-africano, afirmou em 1994 ter resolvido o enigma do Sudário recorrendo a uma técnica árabe do século X que poderia imprimir uma imagem em linho sensibilizado com nitrato de prata, utilizando luz solar focalizada através de uma lente de quartzo.

Ainda outros defendem vigorosamente evidências científicas que indicam que o Sudário remonta ao século I d.C.

Muitos sindonologistas — especialistas que estudam o Sudário — chegaram, porém, a um consenso surpreendente e bastante diferente. As suas análises sugerem que a imagem se explica melhor por termoluminescência — aquilo que o estudioso Frank C. Tribbe chama uma "explosão de luz", comparável a um clarão nuclear sem calor, que transpôs os contornos tridimensionais do corpo "através do espaço, e não por contacto", para o tecido.

"O que vemos no Sudário é uma imagem de forma radiante", testemunhou o especialista em ótica Kevin Moran. "É impossível reproduzi-la hoje, quanto mais há quinhentos anos!"

Quando questionado sobre a forma como a imagem teria sido produzida, Moran falou de um processo para além da nossa dimensão habitual de espaço e tempo: "uma partícula de radiação causou o desaparecimento deste corpo para o espaço-N".

Por outro lado, Samuel F. Pellicori, membro do *The Shroud of Turin Research Project*, admite:

Não podemos excluir processos naturais como causa da imagem no Sudário.

Ainda assim, permanece o desafio deste mistério. Como reconheceu o cientista do Sudário Dr. John Heller:

Ficamos com a pergunta: "Como foi produzida a imagem?" E, para isso, a resposta continua a ser um mistério.

Propus uma resposta — uma solução radical para este problema que desconcerta os sindonologistas — simultaneamente natural e paranormal: a pessoa envolvida no Sudário experimentou, de forma absoluta e completa, aquilo que centenas de pessoas experienciaram de modos diversos ao longo dos últimos séculos. SHC.

Mas com uma diferença.

Neste caso específico, a SHC transformou instantaneamente 100% do corpo num estado energético superior. Cada átomo foi transmutado numa radiância empírea de $E=Mc^2$ — o fogo puro (luz) do mais elevado céu na cosmologia antiga — não deixando para trás qualquer extremidade, osso ou grama de cinzas; apenas uma imagem negativa impressa por fotólise relâmpago sobre o linho intacto e um resíduo de radiação de baixo nível que teria desviado em mais de um milénio a datação por Carbono-14 aplicada a fragmentos do Sudário no final da década de 1980.

Com esta explicação surge a questão de saber por que motivo algo semelhante — mas mais completo — do que o cadáver espontaneamente inflamado da Sra. Satlow poderá ter ocorrido no interior do Sudário de Turim.

Terá sido um acidente extraordinário da natureza?

Ou o cumprimento da esperança humana na ascensão suprema do homem, sendo a SHC absoluta uma consequência natural da transmutação de todos os átomos do corpo de um ser humano aperfeiçoado?

Será isto aquilo de que a SHC realmente trata?

"Quero passar por isto eu próprio", disse Moran acerca do processo que produziu a imagem do Sudário, "para ver como é a ressurreição."

Estará ele, um dia, a desejar para si mesmo a SHC?

COMPLETANDO O CÍRCULO

Sou o primeiro a admitir que a SHC desafia o senso comum e roça o incognoscível. Não tenho todas as respostas; talvez não tenha nenhuma. E certamente não possuo todas as peças deste puzzle de enigmas.

O que posso afirmar com confiança é o seguinte: a combustibilidade humana espontânea (assim como a preternatural) acontece, embora tenha permanecido cuidadosamente oculta.

Quando o adjunto do xerife Pat Berry investigou a morte da Sra. Oczki, descobriu que muitos responsáveis pelos bombeiros na área de Chicago acreditavam na SHC, mas recusavam admiti-lo publicamente.

Explicou Berry:

Não querem parecer ridículos.

E assim foi durante demasiado tempo. Mas mais do que o receio de parecer ridículo tem impedido a investigação da SHC.

Notas

[1] SHC — *Spontaneous Human Combustion* ("Combustão Humana Espontânea").

[2] No original: "the fire was within myself".

[3] *Kathopanishad* — texto filosófico hindu pertencente aos Upanishads.

A combustão humana espontânea desperta uma profunda xenofobia psicológica.[1] De que outra forma explicar o desinteresse e a rejeição absoluta de um fenómeno cuja própria natureza intriga e inspira possibilidades fascinantes?

Enquanto a inocência ingénua das crianças do ensino básico as leva a formular perguntas ponderadas acerca da SHC,[2] homens com doutoramentos têm frequentemente sentido necessidade de pontificar (geralmente fora da sua área de especialização académica) contra a combustão humana espontânea, recorrendo a outras formas de histeria associadas à SHC — alegações teatrais absurdas e contra-acusações histéricas e difamatórias.

Infelizmente, até profissionais da ciência do fogo e da medicina expressam atitudes perante a SHC que variam normalmente entre a negligência benigna e a negação descarada.

Um cirurgião recusou imediatamente a oportunidade de observar as minhas fotografias de SHC, exclamando:

"É demasiado assustador sequer pensar nisso!"

Dois destacados médicos soviéticos, quando lhes perguntei em 1989 sobre SHC e se conheciam casos ocorridos na U.R.S.S., tiveram reações diametralmente opostas.

O Dr. Mikhail Paltsev, diretor de oito mil estudantes da Primeira Escola Médica de Moscovo, demonstrou completo desinteresse e respondeu secamente:

"Não sei nada sobre isso."

Em contraste, o seu colega, o cirurgião-general Eugene Maloman, do Ministério da Saúde Pública da Moldávia, reagiu de forma bastante diferente.

"Não sei nada sobre isso", admitiu o Dr. Maloman.

Mas, em vez de se afastar, pediu para ver as fotografias. Observou fotografia após fotografia que lhe fui entregando, fazendo perguntas em russo, de forma animada e entusiasmada, sobre aquilo que estava a ver.

Finalmente disse, através do tradutor:

"Sabe, existem fenómenos sobre os quais a ciência nada sabe. Coisas que a ciência não consegue explicar. Talvez um dia isto venha a ser conhecido. Desejo-lhe sorte!"

Poderá ser necessária sorte para resolver o enigma envolto no mistério dentro do enigma da SHC. Uma atitude inquisitiva, como a demonstrada pelo Dr. Maloman, será indispensável.

Felizmente, as opiniões e atitudes relativamente à combustão humana espontânea estão a mudar.

"Acredito que existe — há qualquer coisa, mesmo que eu não saiba o que é", reconheceu o chefe dos bombeiros Robert Meslin acerca da SHC. "Estranho, no mínimo."

“Temos de acreditar que acontece”, declarou o subchefe dos bombeiros Edmund G. Knight II, responsável pela informação pública do Corpo de Bombeiros de Lancaster, Pensilvânia.

Knight acabara de partilhar comigo o palco do programa *Live!* da WGAL-TV (13 de Novembro de 1990), no qual foi apresentada naquele dia a declaração televisiva — e única — do Dr. Edward Sullivan acerca da sua experiência pessoal de SHC.

“Antigamente, um departamento de bombeiros atribuía o caso à electricidade”, explicou Knight, “e ficava resolvido. Mas amadurecemos nos últimos dez anos. Se não soubermos o que causou um incêndio após a investigação, diremos isso mesmo.”

A SHC, discutida numa edição do século XVIII da *Encyclopaedia Britannica* mas posteriormente banida das suas páginas, merece ressurgir e ser reconhecida pela ciência e pela medicina como a mais recente (ou mais antiga ainda não reconhecida) enfermidade a afetar o corpo humano.

A SHC merece figurar no *Cumulated Index Medicus*; em *Glaister’s Medical Jurisprudence and Toxicology*; e no *Fire Almanac* da Associação Nacional de Proteção contra Incêndios como causa de morte.

Justifica também a sua inclusão nos currículos das faculdades de medicina, especialmente em medicina legal e patologia, bem como nos programas da Academia de Bombeiros dos Estados Unidos.

É verdade que a SHC desafia severamente a credibilidade. Sempre o reconheci.

No entanto, isso não significa que a SHC não possa acontecer.

Quem pode provar os limites do potencial humano?

Anos de investigação sobre fenómenos pirofénicos prepararam-me para esperar o maravilhoso; para respeitar as diversas manifestações de energia dentro do *Homo sapiens* e no cosmos.

Apesar dos extraordinários avanços da ciência médica, os nossos corpos continuam perfeitamente capazes de magia e mistério, aguardando ainda explicações.

Ofereci numerosas teorias — teorias baseadas na maior base de dados de incêndios do tipo SHC até hoje publicada — numa tentativa de resolver estas ocorrências fantásticas.

Se não gostar de uma das teorias, rejeite-a; se não gostar de nenhuma, rejeite-as todas.

Aquilo que não pode fazer — a menos que saiba mais sobre ciência do fogo do que dezenas de bombeiros profissionais que se recusam a explicar os seus encontros diretos com violentas combustões humanas localizadas (algumas delas testemunhadas) — é rejeitar os próprios casos.

Os casos sustentam-se por si mesmos.

Alguns podem não ser SHC; outros talvez nunca possam ser determinados com certeza num sentido ou noutro. Rejeite um caso, uma dúzia ou cem.

Aceite apenas um, e a SHC torna-se um fenómeno real à procura de solução.

A menos que esteja preparado para chamar mentirosos a Peter Jones e à sua esposa, e para considerar Robert Meslin e Harry Lott observadores incompetentes e ignorantes acerca do comportamento do fogo, não poderá descartar todos os casos.

E terá então a obrigação de desenvolver as suas próprias explicações alternativas, caso considere insatisfatórias as que lhe foram apresentadas.

No século passado, a SHC foi alvo de intenso debate.

Neste século, à medida que os transportes evoluíram da carroça puxada por cavalos para o voo supersónico, o debate foi, na melhor das hipóteses, morno; na maior parte do tempo permaneceu congelado sob a repressão gélida da negação oficial.

Enquanto a SHC continuar relegada ao sensacionalismo tablóide, provocando sorrisos trocistas entre cientistas e responsáveis cuja função é proteger o público dos perigos do fogo, a SHC continuará a ser negada — embora continue a acontecer e a confundir aqueles que a enfrentam honestamente.

“Não compreendo esta maldita coisa”, disse Jack Angel, abanando diante do meu rosto o coto do braço direito. “Não sei nada sobre teorias de combustão humana. Mas alguma coisa tem de a causar, não é verdade?”

Quanto mais investigamos, menos parecemos saber.

Quanto mais respostas pensamos possuir, mais perguntas surgem.

Permanecerá a SHC um tema de intermináveis afrontas enigmáticas ao senso comum?

Suspeito que existam perguntas que talvez nunca saibamos formular, respostas às quais nunca conseguiremos chegar. Mas nunca se poderá ter a certeza disso, se primeiro não forem feitas as perguntas.

Algures nesse ato de questionar, sinto que algo — talvez muitas coisas — poderá ser revelado, permitindo intervir para evitar algumas SHCs, desde que se faça primeiro um esforço para compreender quais as precauções mais eficazes.

Por isso, a procura pelo fogo interior continuará.

Um dia, essa busca, com a cooperação de autoridades atentas e do público, poderá encontrar respostas que Jack Angel e outros procuraram acerca das suas misteriosas inflamações.

Muitos mistérios aguardam por nós — nós, pequenas acumulações de partículas subatómicas que verdadeiramente somos — em todo o vasto universo.

É algo tão fascinante.

Não consigo imaginar seguir outro caminho que não seja o da procura.

Que desperdício seria não nos deixarmos maravilhar pelo desconhecido.

Tantas questões permanecem por abordar. Tanto continua por descobrir — acerca do corpo humano e, na verdade, da energia em geral — através do estudo da combustão humana espontânea... uma investigação que um dia, esperemos, chegará ao conhecimento de como as pessoas conseguem literalmente reduzir-se a cinzas.

E de como se proteger desse destino, por mais raro que seja.

O desvendamento dos mistérios e do significado da SHC apenas começou.

"Todo o fenómeno é inesperado e extremamente improvável até ser descoberto. E alguns deles permanecem irracionais durante muito tempo mesmo depois de descobertos."

— Eugene Wigner,
físico laureado com o Prémio Nobel no século XX

Epílogo

Alguns que afirmam investigar combustões do tipo SHC, após anos a fazê-lo, não conseguem encontrar um único novo caso digno de integrar os anais dos incêndios misteriosos.

Nos últimos meses de preparação deste livro para a sua viagem final até ao editor — e depois até si — deparei-me com três episódios dignos de nomeação. Dois deles descobri-os numa única manhã, apenas fazendo judiciosamente alguns telefonemas.

Naturalmente, a decisão final sobre a inclusão destes candidatos nos arquivos da SHC exige tempo suficiente para investigá-los adequadamente.

Ainda assim, pensei que gostaria de ter um vislumbre do que continua por explorar:

• No quinto andar de um hotel prestigiado de uma grande cidade americana, encontraram o pé de um hóspede em posição vertical junto de um monte de cinzas que anteriormente constituía o resto do seu corpo.

O fogo — se assim lhe quisermos chamar — limitava-se a um pequeno círculo de curto raio. Tornou-se um "ficheiro X"; isto é, riscado, inexistente.

Um chefe dos bombeiros, já reformado da jurisdição onde isto ocorreu, continua, no entanto, a garantir a veracidade deste caso ocorrido no final da década de 1940.

• Perto da zona portuária de uma moderna cidade norte-americana, uma mulher idosa ardeu através do centro da cama, atravessou o chão do quarto no segundo andar e desapareceu; vinte a trinta bombeiros percorreram a casa à procura da ocupante que os vizinhos insistiam estar em casa quando o alerta de incêndio foi dado.

Acabaram por encontrá-la — consumida em "cinza branca pura" e resíduos "do tamanho de um presunto de cinco quilos" — entre pilhas de jornais, para onde caíra ao atravessar o teto.

Disse o meu informador acerca da busca pela vítima:

"Pisei-a pessoalmente várias vezes."

Este episódio data de meados da década de 1980.

• Outra mulher idosa — inválida e utilizadora de andarilho! — ardeu através do chão; a parte inferior da perna foi consumida, havendo apenas ligeiros danos de fumo e calor.

"Este caso foi imediatamente mencionado quando perguntei", disse a minha fonte, um investigador sénior de incêndios a quem pedira informações sobre SHC. "Talvez por ser tão recente."

Quão recente?

"Novembro de 1994."

Como exortava o poeta e. e. cummings:

"Escuta, há um universo infernal mesmo ao lado: vamos!"

CAPÍTULO 2

1. Harrison (1976; 17). Cf. Harrison (1978; 6).

2. Ver Arnold (1976).

3. Este relatório surge como "Observation CXVIII—Sur l'embrassement spontané d'une vieille femme, par Mat. Jocobaeus [sic]."

4. Pequenos pedaços de madeira carbonizada ou queimada.

5. *The Transactions* de 1744-1749, juntamente com Lair (1812; 165), Pierquin (1829) e Sanderson (1972), escrevem erradamente o apelido dela como *Bits*.

6. Harrison (1976; 40; 1978; 25) declara que, fora de uma notícia de jornal, "a primeira menção deste caso se encontra em *Letters on Natural Magic* (1823), de Sir David Brewster." Pelo contrário, para além das *Transactions* (1744-1745), existem referências a Pett em *Hamburg Magazin Bd.* (1748), *Annual Register*

(1763), *Thornton's Medical Extracts* (1796), Lair (1812) e LeCat (1813).

7. O mérito cabe a Peter Christie, de Sussex, cuja investigação diligente descobriu recentemente esta informação até então ignorada acerca de Pett, no seu inglês arcaico original.

8. Hergt (1837) data o episódio de 22 de Fevereiro de 1749, mas esta data é demasiado tardia.

9. Harrison (1978; 142) escreve o nome do sacerdote como "Boineau".

CAPÍTULO 3

1. Harrison (1978; 17) chama-lhe "Clewes"; Godfrey (1870) chama-lhe "Clies". A idade dela varia conforme os relatos, com Lair (1812; 163 e 173) a atribuir ambos os números em diferentes partes do seu ensaio.

CAPÍTULO 4

1. Beck (1851; 98) data incorretamente o acontecimento em 15 de Janeiro.

2. Joly (1837), Hergt (1837) e outras fontes não indicam o apelido de Bernard. Hergt menciona um Bernard Lariviére, de 75 anos, que morreu queimado em Surville, em 6 de Outubro de 1836. Creio que os dois episódios são, na verdade, um só episódio, que as primeiras fontes — A. S. Taylor (1865; 507-508) e *Medico-Chirurgical Review* (XXX: 500) — datam de Setembro.

3. Sanderson (1972; 274) data este caso de 25 de Fevereiro de 1851.

CAPÍTULO 5

1. Russell (1955) atribui erradamente as mortes de Pegler, Wright, Ridge e Hardrill a 28 de Dezembro de 1938. Harrison (1976; 1978) perpetua o erro.

CAPÍTULO 6

1. A espuma de borracha pode entrar em combustão espontânea, como discuto noutro local, mas apenas quando é repetidamente lavada e guardada húmida — algo pouco provável de acontecer com uma cadeira estofada.

2. Dois comprimidos de seconal constituem uma "quantidade considerável"?

3. Uma versão ligeiramente ampliada do artigo original de Krogman sobre "A Mulher Cinzenta" apareceu em *The General Magazine and History Chronicle of the University of Pennsylvania*; todas as citações referem-se a esta versão do artigo de Krogman.

4. O fumo e o cheiro (por pouco intensos que fossem) produzidos pelo incêndio necessitaram de tempo — algumas horas — para se dissiparem, porque às oito horas o mensageiro do telégrafo "não notou nada de anormal" quando subiu até ao prédio de apartamentos e à porta de Mrs. Reeser.

"Pensou-se que o cheiro a fumo sentido às 5 da manhã vinha de uma bomba de água sobreaquecida", relatou Jerry Blizin no *St. Petersburg Times* (9 de Agosto de 1951). "Mrs. Carpenter desligou a bomba e voltou para a cama." A senhoria nunca confirmou as suas suspeitas. Mais provavelmente, no seu estado de sonolência, sentiu um odor que se infiltrava do apartamento de Mrs. Reeser e atribuiu-o à bomba — não tendo razões para suspeitar de outra origem.

O relógio elétrico parou às 4h20, provavelmente devido ao calor excessivo ou a fenómenos eletromagnéticos associados ao pico energético do incêndio, que congelaram temporariamente o seu motor. Estes indícios apontam para as 4h20 da manhã de 2 de Julho de 1951 como a hora mais provável da morte de Mrs. Reeser.

5. Não consegui identificar quem primeiro caracterizou a cabeça como encolhida, nem em que se baseou essa determinação.

Dr. Richard Reeser Jr. discordava da descrição popular deste alegado artefacto: “Não havia quaisquer traços faciais identificáveis presentes, tendo sido encontrada apenas uma porção do osso craniano.”

Infelizmente, o relatório do FBI, que presumivelmente detalhava o estado do crânio, não está disponível; nem a única fotografia que possuo dos restos mortais permite uma conclusão firme. Assim, este mistério tão divulgado e perturbador poderá finalmente ser explicado. Ou talvez não.

6. Nos termos da FOIA original (1966), certas categorias estavam isentas de divulgação, entre elas os “ficheiros de investigação compilados para fins de aplicação da lei”. Contudo, a revisão da FOIA (Fevereiro de 1975) “estipulou que ficheiros como os mantidos pelo FBI teriam de ser fornecidos mediante pedido, exceto se a divulgação interferisse com um processo pendente, violasse a privacidade de um indivíduo ou comprometesse uma fonte confidencial ou técnica de investigação”. Como o caso Reeser é de domínio público e nenhuma das restantes restrições se aplica, o ficheiro do FBI relativo a Reeser qualifica-se para divulgação sem condições prévias.

7. Ainda assim: “No que diz respeito a relatórios de autópsia e/ou serviços laboratoriais realizados para o nosso Departamento por outra agência”, afirma o sargento R. G. Kerlikowske, da Unidade de Assuntos Internos do Departamento de Polícia de St. Petersburg, “estes não são divulgados sem autorização do Médico-Legista e/ou do laboratório que realizou esses serviços.”

Essa informação, em 1975, consistia numa reimpressão de jornal e num artigo lamentavelmente impreciso de uma página, de Morrison Colladay, intitulado “They Called It Spontaneous Combustion”, publicado na *Blue Book* (Março de 1951). Colladay afirma que a vítima de combustão humana espontânea num romance de Charles Dickens é “Crook” — é Krook; afirma que um Dr. Frank publicou em Berlim informações sobre combustão espontânea em “1943” — foi em 1843; afirma que “as vítimas eram bebedores de brandy em estado de embriaguez” — a História refuta claramente tal ideia. “Não houve casos de morte por combustão espontânea durante quase cem anos”, conclui ele.

8. Jerry Blizin, repórter do *St. Petersburg Times*, acompanhou de perto a investigação da Mulher Cinzenta:

"Embora as pessoas possam discutir o caso Reeser durante ainda mais tempo do que já aconteceu, não devemos ignorar a enorme quantidade de trabalho investida neste caso desconcertante pelos agentes investigadores. O chefe da polícia Jake Reichert, o tenente-detetive Cass Burgess, os detetives R. H. Lee e Ross Boyd, entre outros, realizaram um trabalho extenuante. Quer o veredicto convença ou não os detetives de poltrona, a polícia municipal não foi negligente na sua busca de respostas."

Negligente, não. Mas também não resolveu o caso, já que Reichert se recusou a encerrá-lo.

CAPÍTULO 7

1. *Super* = "acima; para além; em grau especialmente elevado."

2. *Hyperthermic* = "febre anormalmente elevada; aplicação de calor."

3. *Carbonization* = "carbonizar; formação de carbono a partir de matéria orgânica."

4. Raymond Davis Jr., do Brookhaven National Laboratory, tentou captar provas da existência de neutrinos com um engenhoso detetor instalado numa mina profunda em Lead, Dakota do Sul. Dos biliões de neutrões que atravessavam o seu aparelho a cada segundo durante períodos de dois meses, encontrava provas de apenas 30 colisões causadas por impactos de neutrinos (*Discover*, Março de 1981).

5. Um ano-luz é a distância que a luz percorre à sua própria velocidade num ano: seis milhões de milhões de milhas.

6. Se isto for verdade, significa que o neutrino — até então considerado sem massa — deve possuir uma pequeníssima quantidade de massa, ou peso. Esta possibilidade, que perturba alguns físicos, tem implicações profundas tanto para a cosmogonia como para a física de partículas. Citando Reines, falando perante a

APS: “Se isto for verdade, o universo não é aquilo que pensávamos que fosse.”

7. Esta quantidade de moeda nunca poderia ser impressa, aliás, e é praticamente a única comparação que faz o défice federal parecer insignificante.

8. Georgi afirma que uma distância de apenas 10^{-9} centímetros pode bastar para desencadear uma reação. Assim, uma alteração das órbitas energéticas no interior do átomo de hidrogénio (e dos seus leptões e hadrões) não precisa de ser muito grande.

9. Ohi OHsorain@, = ©) OH:

10. A partícula fundamental pyrotron-X pode resolver um desafio significativo da física actual: o problema da massa em falta do universo. Também oferece uma explicação para a aparente predominância da matéria sobre a antimatéria.

11. O *Superconducting SuperCollider* (SSC), aprovado em 1989 para construção no deserto do Texas ao custo de 5 mil milhões de dólares, foi concebido para produzir apenas 4×10^{13} GeV (ou 40×10^{12} electrões-volt).

CAPÍTULO 9

1. Sanderson (1972; 274) e Moffitt (1956) escrevem o nome como “Peacock”.

2. O caso também aparece no *Hugh Gaine’s New York Gazette and the Weekly Mercury* (7 de Janeiro de 1771).

3. Harrison (1978; 80) identifica incorretamente o médico-legista como Dr. Floyd Clemens, coloca erradamente Mr. Rooney “sentado morto numa cadeira” e atribui incorretamente a Mrs. Rooney um peso de “mais de 190 libras”.

CAPÍTULO 10

1. Já no século XIII, escolas Zen desenvolveram técnicas que enfatizavam o papel da meditação (*dhyana*) na produção

esotérica de fenómenos biológicos. Ko Ch'ang Keng, principal defensor da alquimia taoista-zen, ensinava que a meditação fornecia o fluido necessário e que as centelhas da inteligência forneciam o fogo necessário para transformar o corpo através desta alquimia contemplativa. Keng, também conhecido como Po Yu Chuan, disse a Waley que "por este método, uma gestação que normalmente requer dez meses pode ser realizada num abrir e fechar de olhos".

2. Se o corpo pode aquecer-se gradualmente durante cem anos, não poderá, pela indução mental de uma termogénese demasiado rápida, abrasar-se num abrir e fechar de olhos?

3. A freira carmelita Santa Maria Madalena de' Pazzi (1566-1607) viveu uma vida austera descrita como "um longo êxtase". Juntamente com o êxtase vinha a agonia. Tal como São Filipe, frequentemente afrouxava ou rasgava as suas vestes devido "ao excesso e abundância desta chama celestial que a consumia", registou a *Oratorian Translation* (pp. 235-237). Mesmo durante os rigorosos Invernos italianos, corria ao poço de Pazzi e despejava água sobre si própria, "tão grande era a chama que ardia no seu peito que até exteriormente parecia consumir-se". Muitas vezes gritava: "Já não consigo suportar tanto amor", segundo o seu biógrafo, o Padre Cepari.

Tal como São Filipe, o seu rosto por vezes brilhava e os seus olhos "cintilavam como estrelas" durante o *incendium amoris* extático que suportava, relata Thurston (1952; 210).

4. São Pedro de Alcântara (m. 1644) repetia o curioso hábito invernal destes santos italianos, pela mesma razão. Espanhol, também ele era frequentemente visto a descobrir o peito quando se encontrava ao ar livre no Inverno, "tão tórridos eram os fogos que ardiam e fervilhavam no seu peito".

5. O líder religioso inglês George Fox (1624-1691) caminhava frequentemente descalço, em pleno Inverno, pelas ruas cobertas de neve de Litchfield. "O amor de Deus" trazia-lhe paz e aquecia-lhe o corpo, dizia ele, acrescentando que isso o inspirara a fundar a Sociedade dos Amigos, afirma White (1990; 12).

6. Super-hipertermia, *tumo, incendium amoris*, quase-combustão humana espontânea: qualquer que seja o nome e a causa, pode ter um impacto construtivo nos indivíduos e na sociedade.

7. São Bento José Labre (1748-1783) demonstrou tanto imunidade ao fogo (quando em êxtase) como fogo interno durante a sua breve vida. Enquanto permanecia em Santa Maria, Itália, o jovem sacerdote foi observado por colegas a rasgar "o seu casaco esfarrapado ao peito para aliviar a chama ardente interior".

8. Santa Gemma Galgani de Lucca (1878-1903) viveu uma curta vida de êxtases e arrebatamentos divinos que incluíam uma insensibilidade quase mecânica a alfinetes e ao fogo directo sobre a pele, todas as quintas-feiras à noite e sextas-feiras à tarde. "Geralmente havia um aviso prévio", afirmou Summers (p. 110); "uma chama ardente de amor por Deus e Nossa Senhora [que] parecia arder ainda mais ferozmente no seu coração e consumi-la".

E consumiu-a de facto, embora não até às cinzas. Com apenas vinte e cinco anos, morreu de esgotamento prematuro, possivelmente consequência directa do seu *incendium amoris*.

9. A venerável Orsola Benincasa (1547-1618) experimentou estados de transe-extático quase constantes desde a infância. Os observadores beliscavam-na, picavam-na, chegando até a cortá-la com lancetas; segundo *Physical Phenomena of Mysticism* de Summers (p. 106), chegaram "mesmo ao ponto de a queimar com uma chama nua, mas todas estas agressões não a afetavam minimamente, embora, quando regressava a si própria, sentisse intensamente o resultado de tão mal ponderado e verdadeiramente cruel tratamento".

Este masoquismo (e a disposição de Orsola para o aceitar) revela um estado de consciência transcendente imune à dor aplicada e também ao fogo externo.

CAPÍTULO 11

1. O consenso enumera sete chakras, embora o número varie (consoante a fonte) entre seis e até treze. Seis chakras situam-se

ao longo da coluna cérebroespinal: acima do ânus, junto aos genitais, atrás do umbigo na base da caixa torácica, em redor do coração e da garganta, e no "terceiro olho" pineal atrás da testa. O sétimo chakra "coroa", ou *sahasrara*, perto do topo da cabeça, é variadamente atribuído à hipófise, à fontanela anterior ou, segundo Gopi Krishna, ao cérebro inteiro. É o centro mais associado à iluminação autorrealizada — a culminação da ascensão da Kundalini. Consulte *The Chakras* (1927), de Leadbeater, para a tradição esotérica clássica, e *Wheels of Light* (1989), de Bruyere, para a corroboração científica moderna destes centros energéticos.

Através dos séculos, curandeiros e mestres espirituais produziram um corpo de testemunhos extraordinariamente coerente acerca da existência de uma galáxia invisível e extrafísica de energias no corpo humano. Agora que a ciência de vanguarda começou a verificar instrumentalmente esta "filosofia da bioenergia", já não pode ser ridicularizada nem levianamente descartada como crença primitiva e superstição. Pelo contrário, o seu enquadramento transcultural exige que estas tradições sejam seriamente exploradas pela ciência e, de facto, examinadas como credíveis até prova demonstrável em contrário.

Consulte *Kundalini* (1971), *The Biological Basis of Religion and Genius* (1972) e *The Awakening of Kundalini* (1975a), de Gopi Krishna; *And the Sun Is Up* (1978; 149-173), de W. Thomas Woilfe; e as publicações da Kundalini Research Foundation, 10 East 39th Street, New York, NY 10016.

CAPÍTULO 12

1. Harrison (1976) afirma incorretamente que a vítima "quase morreu".

2. Gearhart (1975) menciona uma Olga Stephens que morreu num incêndio misterioso em 24 de Outubro de 1963. A impossibilidade de corroborar este incidente leva-me a concluir que se trata de uma deturpação do destino de Olga Worth Stephens quase um ano mais tarde.

3. Citando o *Sheffield Independent*, Harrison (1976) identifica a vítima como "G. A. Sanderson"... em Harrison (1978) o nome muda para Shepherdson sem qualquer explicação.

CAPÍTULO 13

1. *Norman's Weird Unsolved Mysteries* (p. 105) data o episódio muito mais cedo: 30 de Julho de 1937. Sanderson (1972; 275), contudo, data-o mais tarde: 30 de Julho de 1938.

2. Harrison (1978; 266) data-o de 27 de Dezembro de 1938, referenciando Russell (1955).

CAPÍTULO 14

1. Por exemplo, Beck (1851; 100); Gaddis (1967; 224-225); Harrison (1978; 69-71); Sanderson (1972; 242-243); *Reader's Digest* (1982; 83-84).

CAPÍTULO 15

1. Com base em documentos médicos na minha posse, a data tem de ser sexta-feira, 15 de Novembro. A datação do caso Angel sempre constituiu um desafio; as fontes apresentam datas contraditórias, e um documento chega mesmo a contradizer-se várias vezes. Atualmente acredito que o intervalo "11-15 de Novembro" representa a datação correta.

CAPÍTULO 16

1. Durante este período, uma amiga da falecida esposa do Dr. Sullivan teve um sonho, que mais tarde lhe contou. Sullivan relata-o:

"Durante as 24 horas em que aconteceu aquilo que quer que tenha sido, ela teve um sonho no qual ela, eu e um terceiro indivíduo não

identificado estávamos num pequeno barco à beira de um rio coberto de nevoeiro. Eu insistia em ser levado para o outro lado. O outro recusava. Ela tentou convencer-me a sair do barco e acabou por consegui-lo."

Sullivan (1982) pensa que a mulher deste sonho era a própria sonhadora e que a figura anónima era Caronte, o barqueiro da mitologia grega que guiava as almas através do rio Estige até à terra dos mortos.

Proponho outro ponto de vista que de modo algum invalida a sua interpretação. De uma perspetiva metafísica, este sonho descreve com precisão uma experiência de quase-morte (EQM) do Dr. Sullivan, que argumentava, a algum nível de consciência, para ser libertado de um mundo que considerava desagradável, mas foi informado, no sentido clássico das EQM, de que o seu "momento de transição" do plano físico ainda não tinha chegado. Sendo-lhe "negada" a morte, regressou ao seu corpo estranhamente ferido deitado na cama do hotel.

Se os seus ferimentos ocorreram antes de este "sonho" acontecer ou coincidiram com ele e com a sua reencarnação; se o terceiro indivíduo do sonho era o mítico Caronte ou, em vez disso, a sua esposa falecida dizendo ao marido que a sua "hora" ainda não chegara; e por que razão a amiga da sua esposa, a quatrocentas milhas de distância, se envolveu no drama pessoal dos Sullivan, permanecerão questões insolúveis que rodeiam este caso.

2. Investigadores dos fenómenos de poltergeist-incêndio também notaram um aspeto emocional nestas combustões espontâneas (geralmente) não humanas, como assinalo noutros pontos de *ABLAZE!* e em obras ainda inéditas.

CAPÍTULO 17

1. Data baseada em *Keyhole* (1973); Stringfield (1978) situa o incidente em 19 de Março de 1968.

2. O ano de 1966 pareceu concentrar uma variedade de fenómenos forteanos, tal como 1938 e o final de 1904 — início de 1905; os fenómenos incluíam vários episódios de combustão humana espontânea.

3. O Exército dos Estados Unidos, por exemplo, admitiu ter administrado LSD a cidadãos americanos sem o seu conhecimento, em locais públicos, durante a década de 1950 e ainda em 1964.

4. *Aerial Phenomena Research Organization*, de Tucson, Arizona.

5. Os episódios envolvendo feixes dirigidos de OVNIs contra pessoas são demasiado numerosos para serem catalogados aqui. *Official UFO* (Julho de 1976) descreve uma variedade destes incidentes, tal como Jacques Vallée (1990) no seu importante livro *Confrontations*.

Descrevo aqui apenas um incidente:

Um avistamento recente de OVNI — na verdade, dezenas deles, coletivamente conhecidos como o Incidente de Gulf Breeze — ocorreu a Ed e Frances Walters a partir da noite de 11 de Novembro de 1987. Não só Ed, um respeitado empreiteiro do extremo oeste da Florida, e a sua esposa viram repetidamente um, dois ou três OVNIs perto da sua casa, não longe da Base Aérea de Eglin, como se verificou que muitos habitantes da localidade viam as mesmas coisas. Ed tirou dezenas de fotografias polaroid a cores do(s) OVNI(s) em circunstâncias variadas. O caso foi amplamente divulgado — *Current Affair* da Fox-TV (16 de Março de 1990), *PM Magazine* (27 de Março de 1990), *Hard Copy* (27 de Abril de 1990) — e descrito no livro dos Walters de 1990, *The Gulf Breeze Sightings*.

De especial interesse para esta discussão é o facto de, por duas vezes, em 2 de Dezembro de 1987 e 8 de Fevereiro de 1988, Ed Walters ter fotografado aquilo que tantas testemunhas de OVNIs relatavam há anos: um feixe azul brilhante emanando de um OVNI. Numa das ocasiões, o feixe parecia apontado diretamente a ele. Apenas um beiral sobre uma porta e a sua reação instantânea de saltar para o lado provavelmente impediram que fosse atingido e talvez queimado, como tantos outros haviam sido antes dessa noite.

CAPÍTULO 18

1. No que parece ser um erro tipográfico, Ogston (1870; 187) data Vatim em 22 de Fevereiro de 1821.

2. Ring (1984) analisou apenas uma percentagem mínima dos 25 000 a 50 000 suicídios comunicados anualmente nos Estados Unidos naquela época — o que constitui uma base de amostragem muito limitada.

CAPÍTULO 21

1. A ênfase que Eurípides coloca nas vestes e coroa de ouro em associação com a morte não é inconsequente, sustento eu.

Alquímica e mitologicamente, o ouro é nobre; é portador de um simbolismo espiritual superior; como Mircea Eliade (1971) assinala em *The Forge and the Crucible*, o ouro é imortalidade. O ouro detém o poder da transformação e, em última análise, representa a natureza na perfeição. Para a filha do rei Creonte, simbolicamente coroada e vestida de ouro, aquilo que deveria ser o castigo infligido pela rejeitada Medeia torna-se transformação nobre através da purificação do fogo. A inocência da filha do rei Creonte é recompensada com a imortalidade, ao passo que, como observa E. P. Coleridge, "a aliança abortada entre Jasão e Medeia destruiu ambos".

2. A palavra hebraica é *ruach*, significando "vento", "tempestade" e/ou "redemoinho", segundo o *Hebrew and Chaldee Dictionary* de J. Strong (1980; 107). No contexto deste incidente no Talmude, sugiro que "tempestade" é a tradução apropriada.

3. Ver, por exemplo, os comentários de A. D. Godley, *Herodotus* (Loeb Classical Library, 1921), nota de rodapé a ii:141.

CAPÍTULO 22

1. É admirável (ou divertido) a ironia do destino: o início da Primavera, simbolizando renascimento, traz a morte (através da combustão) a Autumn Close.

2. A tabulação das relações entre terramotos e luminosidade até Março de 1910, feita pelo Dr. Ignazio Galli em *Bollettina della Societa Sismologica Italiana* (XIV—6), ocupa 184 páginas! No entanto, só em 1964, quando luzes sísmicas foram fotografadas de forma incontestável no Oriente, a maioria dos geofísicos começou a dar crédito a estes relatos.

3. *New Scientist* (1978, 78:896) relata que o Professor Gold, director do Center for Radio Physics and Space Research da Cornell University, sustentou numa palestra de 1978 no Imperial College de Londres que a ignição por faísca do metano libertado por "desgaseificação" explica todos os episódios de luminosidade atmosférica em que "chamas saíam do solo". Sugiro que esta explicação não é universalmente aplicável.

4. Este conceito foi formulado em 1976; publicado em 1977 como um artigo em três partes para a *Fortean Times* (n.os 22, 23, 24); e subsequentemente condensado para *Frontiers of Science* (Janeiro-Fevereiro de 1982).

5. Mircea Eliade, o estimado historiador moderno das religiões, considera que *lelay* transmite a noção de fogo, luz ou espírito, derivando da raiz *lila*, significando criação cósmica. Eu vejo *leyne* como a derivação mais recente desta antiga raiz, abrangendo todos os aspetos do significado original nas linhas rectas que define.

6. A associação da luz, fogo e combustão às linhas retas dos Dragões (*lung met*), e as lendas de dragões cuspidores de fogo mortos por São Jorge, bem como a predominância de topónimos *ley* associados a São Jorge, sugere um nível mais profundo e oculto nas nossas mitologias — um nível que abrange física e fenómenos físicos, bem como filosofia e o subconsciente.

7. Descobri este caso em 1977 enquanto examinava jornais locais na secção de Colindale do British Museum em busca de informação em primeira mão sobre a controvérsia da combustão humana espontânea das irmãs Dewar. Surge na mesma página que a

história Dewar, mas foi ignorado por outros investigadores de combustão humana espontânea, incluindo Charles Fort. Num certo sentido, a fire-leyne conduziu-me até ele.

8. Visitei a câmara municipal de Louth em 1979, procurando escrituras de propriedade ou outros registos que indicassem exatamente onde Clodd vivera. Apesar da amável ajuda do pessoal de Louth, essa informação parece já não existir.

CAPÍTULO 23

1. Noutra parte do planeta, pessoas observaram uma descarga inflamatória anterior da Terra que ecoa a proposta para Binbrook.

Esta troca (em 1900?) ocorreu entre Keklujek e Ziaret, dois picos das montanhas Taurus, a sul de Harpoot, Mesopotâmia. "As armas eram bolas de luz", disseram ao respeitado climatologista Ellsworth Huntington os habitantes locais. "Por vezes vê-se uma bola de fogo partir de uma montanha e atravessar como um relâmpago até à outra." Este bombardeamento ígneo ocorria de dia ou de noite, mas apenas quando o céu estava limpo. Huntington escreveu na *Monthly Weather Review* (Julho de 1900): "Fiquei completamente convencido da sua veracidade."

2. Por exemplo, os incêndios na casa de Adam Colwell em Brooklyn, Nova Iorque, em 1895. Diante de dezenas de testemunhas, incêndios irrompiam espontaneamente em móveis e papel de parede; a casa acabaria por arder até aos alicerces.

"Não quero ser citado como crente no sobrenatural, mas não tenho explicação para oferecer quanto à causa dos incêndios", declarou o chefe dos bombeiros ao *New York Herald* (6 de Janeiro de 1895). Rhoda Colwell, a jovem filha da família, está acima de qualquer suspeita — mas apenas durante dois dias. Depois disso, diz-se que bombeiros e polícia foram "habilmente enganados" pelas alegadas artimanhas de Rhoda, que lhe permitiam lançar fósforos sobre e através de paredes para incendiar objetos aparentemente incombustíveis. Não haverá casos por resolver!

CAPÍTULO 24

1. A partir de 6 de Janeiro de 1922, a quinta de Alexander Macdonald em Caledonia Mills, Nova Escócia, Canadá, recebeu igualmente um hóspede indesejado: trinta e um incêndios iniciaram-se espontaneamente em seis horas e meia, totalizando trinta e oito incêndios quando a visita terminou quinze horas depois. Chamas "azul-pálido… não quentes" surgiram na madeira, no teto, numa cadeira que fumegava sozinha — e em papel molhado que ardia por sua própria vontade!

2. Pequenas microexplosões de fusão são possíveis através de técnicas de ablação (compressão) semelhantes às utilizadas em experiências de fusão por laser. Rendimentos de 0,002 quilotoneladas foram alcançados em 1976, resultando na emissão de raios X supertérmicos, iões rápidos e temperaturas características de "combustão termonuclear". Talvez Mrs. Conway tenha sido vítima de uma colisão rápida de iões (pyrotron?) menos eficiente do que Mrs. Reeser; isto é, a energia resultante mais baixa foi insuficiente para a consumir e desintegrar tão completamente quanto a mulher de St. Petersburg. Mas esteve perto.

CAPÍTULO 26

1. Investiguei uma série de combustões espontâneas centradas na família do reverendo Gene Clemons em Wharncliffe, Virgínia Ocidental, entre 27 de Maio e o início de Julho de 1983. Nenhum ser humano entrou em combustão espontânea, mas praticamente tudo o resto aconteceu: colchões, roupa de cama, almofadas de sofá, tomadas de parede, caixotes do lixo, um suporte de toalhas, bonecas, patins, alcatifa, até uma árvore de Natal artificial dentro de uma caixa de cartão dentro de um edifício de blocos de cimento trancado!

A maioria das pessoas com familiaridade rudimentar com tais combustões estranhas teria imediatamente classificado estes casos como "incêndios poltergeist". Contudo, graças à excelente cooperação do chefe dos bombeiros e do subchefe Kendell Simpson — ambos perplexos (e legitimamente) perante dezenas de incêndios espontâneos — tomei

conhecimento de outros incêndios enigmáticos ocorridos no mesmo condado ao mesmo tempo e igualmente sem explicação imediata.

Ao marcar no mapa os locais destes incêndios desconcertantes, descobri que a maioria deles se situava nos perímetros de dois círculos. Esta descoberta é aqui publicada pela primeira vez.

2. Em 5 de Outubro de 1989, Antony Fraser-Smith, monitorizando ondas de rádio de muito baixa frequência em Corralitos, Califórnia, detetou um aumento súbito de vinte a trinta vezes nas ondas atmosféricas de fundo abaixo de um hertz; os seus instrumentos mostraram um declínio gradual a partir desse pico anómalo até à tarde de 17 de Outubro, quando um "airquake" de baixa frequência (termo meu), duzentas vezes acima do fundo normal, abalou o equipamento.

"Nunca vemos sinais assim", afirmou Fraser-Smith, ele próprio abalado pela enormidade do salto do sinal.

Três horas depois, São Francisco foi atingida por um grande sismo, cujo epicentro se situava a quatro milhas de Corralitos. Fraser-Smith vê uma associação. "Vejo estas baixas frequências como uma janela para a Terra que não foi considerada", disse à *Discover*.

Sei que ele tem razão. E acredito que descobertas como a dele trarão novos conhecimentos tanto sobre sismos como sobre "sismos de fogo".

3. Dizia-se que Roy Sullivan era o alvo favorito da natureza para alta voltagem:

- Impacto 1 — em 1942, um relâmpago atravessou-lhe o corpo da cabeça aos pés;
- Impacto 2 — Julho de 1969, um relâmpago queimou-lhe as sobrancelhas;
- Impacto 3 — 1970, um relâmpago deixou-lhe os ombros em carne viva e queimados;
- Impacto 4 — 16 de Abril de 1972, uma descarga incendiou-lhe o cabelo;

- Impacto 5 — 7 de Agosto de 1973, um relâmpago abriu um buraco do tamanho de uma moeda de 50 cêntimos no seu chapéu e depois, confirmaram os médicos, “queimou-o por dentro e por fora”;

- Impacto 6 — 5 de Junho de 1976, foi atingido enquanto fechava a janela do carro, ficando com a cabeça em chamas;

- Impacto 7 — 25 de Junho de 1977, um relâmpago interferiu na sua pescaria queimando-lhe o peito e o estômago.

4. O corolário dos incêndios associados a determinados locais é que certas formas também poderão criar padrões energéticos capazes de provocar incêndios dentro de um corpo ou de uma casa. Eu consideraria a combustão espontânea um factor tanto da arquitetura como da geografia. Talvez um dia a ciência do fogo escolha explorar mais profundamente esta possibilidade.